


DUNA

FRANK HERBERT



 DEBOLSILLO

Frank Herbert

DUNA

Tradução de Jorge Luíz Calife

Série Duna — Livro 1



**NOVA
FRONTEIRA**

Livro I

DUNA

O começar é o momento mais delicado na correção do equilíbrio. Esta irmã Bene Gesserit bem o sabe. Por isso, ao começar a estudar a vida de Muad'Dib, teve o cuidado de situá-la em sua época: nascido no 57º ano do Imperador Padishah Shaddam IV. E com mais cuidado ainda localizou Muad'Dib em sua terra: o planeta Arrakis. Mas que ninguém se iluda com o fato de ter ele nascido em Caladan e lá ter vivido seus primeiros quinze anos: Arrakis, o planeta conhecido como Duna, será para sempre a sua terra.

— *do Manual do Muad'Dib, escrito
pela Princesa Irulan*

Na semana anterior à sua partida para Arrakis, quando toda aquela agitação final chegara a um frenesi quase insuportável, uma velha encarquilhada veio visitar a mãe de Paul, o rapaz.

Era uma noite quente no Castelo Caladan e a antiga pilha de rochas, que servira como lar para a família Atreides por vinte e seis gerações, exibia aquela atmosfera suarenta que costumava adquirir antes de uma mudança no tempo.

A velha foi introduzida por uma porta lateral do longo corredor abobadado que levava ao quarto de Paul,

e foi-lhe concedido um momento para observá-lo enquanto ele dormia.

Na penumbra de uma lâmpada suspensa enfraquecida e pendurada junto do solo, o rapaz acordado podia ver diante da porta uma forma feminina volumosa erguendo-se um passo adiante de sua mãe. A velha parecia uma bruxa com o cabelo como teias de aranha embaraçadas, feições obscurecidas pelo capuz e dois olhos como jóias brilhantes.

— Ele não é muito pequeno para sua idade, Jessica? — indagou a velha, sua voz chiando e ressonando como um baliset desafinado.

A resposta da mãe de Paul veio em suave contralto: — Sabe-se que os Atreides começam a crescer tardiamente, Sua Reverência.

— Assim ouvi, assim ouvi —
chiou a voz asmática da velha. — No
entanto ele já tem quinze anos.

— Sim, Sua Reverência.

— Está acordado e nos escutando,
esse maroto — riu a velha.

— Mas a realeza precisa ser
matreira e se ele é realmente o Kwisatz
Haderach... bem...

Nas sombras de seu leito Paul
conservava os olhos semicerrados. Os
dois ovais brilhantes formados pelos
olhos da bruxa pareciam reluzir,
expandindo-se ao fitá-la.

— Durma bem, seu molequinho
esperto — disse ela. — Amanhã precisará
de toda a sua esperteza para enfrentar
meu gom jabbar.

Então ela se foi, empurrando sua

mãe para fora e fechando a porta com uma pancada seca.

Paul ficou acordado pensando: o que será um gom jabbar?

Em todas as perturbações desse tempo de mudanças, a velha fora a coisa mais estranha que presenciara.

“Sua Reverência.”

E o modo como ela tratara sua mãe Jessica, como se ela fosse uma criada em vez do que ela realmente era: uma dama Bene Gesserit, uma concubina do duque e mãe de seus herdeiros ducais.

Seria um gom jabbar alguma coisa pertencente a Arrakis e que ele precisaria conhecer antes de chegar lá?

Repetiu as estranhas palavras da velha: gom jabbar.. Kwisatz Haderach. Havia tanto que aprender... Arrakis devia

ser um lugar tão diferente de Caladan, que a mente de Paul rodopiava com seus novos conhecimentos. Arrakis-Duna-Planeta Deserto.

Thufir Hawat, o Mestre de Assassinos de seu pai, lhe explicara: os Harkonnen, seus inimigos mortais, haviam ocupado Arrakis durante oitenta anos, mantendo o planeta como um semifeudo, sob um contrato com a Companhia CHOAM para minerar a especiaria geriátrica Melange. Agora os Harkonnen partiriam e seriam substituídos pela Casa dos Atreides, na forma de um feudo completo — uma vitória aparente do Duque de Leto. No entanto, dissera Hawat, esta aparência guardava um perigo mortal, sendo o Duque tão popular entre as Grande Casas

de Landsraad.

— E um homem popular atrai o ciúme dos poderosos concluía Hawat.

“Arrakis-Duna-Planeta Deserto.”

Paul adormeceu para sonhar com uma caverna de Arrakis, com pessoas silenciosas movendo-se à sua volta na luz mortíca dos brilhoglobos. Era um lugar solene como uma catedral e ele ouvia um ruído fraco, como água gotejando. Enquanto sonhava, Paul tinha a certeza de que se lembraria quando acordasse. Ele sempre se lembrava dos sonhos que eram previsões.

O sonho se apagou.

Paul acordou sentindo o calor de seu leito... pensando... pensando. Esse mundo do Castelo Caladan, sem brinquedos nem companheiros de sua

idade, talvez não merecesse tristezas na despedida. Seu professor, o Dr. Yueh, havia insinuado que o sistema de classes faufreluches não era tão rígido em Arrakis. O planeta abrigava gente que vivia nas margens do deserto, sem caides ou bashares para comandá-los. Eram os povos esquivos da areia chamados Fremen, e nem os recenseamentos da Armada Imperial os registravam.

“Arrakis-Duna-Planeta Deserto.”

Sentindo suas próprias tensões, Paul decidiu praticar uma das lições do corpo-mente ensinadas por sua mãe. Três inspirações rápidas acionaram a resposta: caiu numa consciência flutuante... focalizando sua percepção... dilatação arterial... evitando o mecanismo divagador da mente... ter consciência por

escolha... sangue enriquecido regando as áreas sobrecarregadas... “não se obtém comida-abrigo-liberdade somente com o instinto”... a consciência animal é incapaz de se estender além do momento presente e não conhece a idéia de que suas vítimas possam se extinguir... o animal destrói e não produz... os prazeres animais permanecem próximos dos níveis de sensação e evitam o perceptivo... os humanos necessitam de uma tela de fundo através da qual possam perceber seu universo... consciência focalizada por escolha, isso produz a sua tela... a integridade corporal segue o fluxo sangüíneoneural de acordo com a mais profunda consciência das necessidades celulares... todas as coisas/células/seres são inconstantes... lute pela permanência

de fluxo interno...

Dentro da consciência de Paul a lição se repetia, seguidamente. E quando a aurora tocou a janela do quarto com sua luz amarelada ele a sentiu através das pálpebras fechadas; abrindo-as, ouviu a agitação renovada do castelo, vendo o padrão familiar das vigas do teto.

A porta do corredor se abriu e sua mãe apareceu com cabelos de um bronze pálido presos em coque por uma fita negra. O rosto oval desprovido de emoção com os olhos verdes a fitá-la com solenidade.

— Já está acordado... Dormiu bem?

— Sim.

Ele observou seu porte esbelto e percebeu o indício de tensão em seus

ombros enquanto ela escolhia as roupas nas prateleiras.

Outro não teria notado essa tensão, mas ela o treinara bem nos ensinamentos Bene Gesserit, nas observações das minúcias. Voltou-se trazendo-lhe um casaco semiformal. Estava lá a crista vermelha do falcão, o símbolo dos Atreides, sobre o peito.

— Vista-se depressa — disse ela.

— A Reverenda Madre está esperando.

— Sonhei com ela uma vez — respondeu Paul. — Quem é ela?

— Ela foi minha professora na escola de Bene Gesserit. Agora é a Reveladora da Verdade para o Imperador. E... Paul... — Jessica hesitou. — Você deve contar a ela sobre seus sonhos.

— Contarei. Foi com sua ajuda

que ganhamos Arrakis?

— Nós não ganhamos Arrakis. —
Jessica sacudiu a poeira das calças que escolhera para ele e colocou-as junto com o casaco, no suporte ao lado da cama. — Não deixe a Reverenda Madre esperando.

Paul se sentou segurando os joelhos. — O que é um gom jabbar?

Novamente o treino que ela lhe dera mostrava a ele sua hesitação quase imperceptível, fazendo-o sentir medo.

Jessica caminhou até a janela, abriu as cortinas e olhou através dos pomares junto ao rio, na direção do Monte Syubi. Você aprenderá a respeito do... gom jabbar muito breve.

Percebendo o temor em sua voz, ele ouviu-a surpreso, enquanto Jessica falava sem se voltar.

— A Reverenda Madre está esperando em minha sala matinal. Por favor, apresse-se.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam observou, sentada numa cadeira, enquanto mãe e filho se aproximavam. As janelas ao seu lado abriam-se para a curva sul do rio e as terras cultivadas dos Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a visão. Sentia o peso da idade nessa manhã, e isso a punha de mau humor... Culpava por isso as viagens espaciais, com aquela abominável Corporação Espacial e seus costumes secretos. Todavia essa era uma missão que exigia atenção especial de uma Bene Gesserit com a visão. Nem mesmo a Reveladora da Verdade do Imperador Padishah poderia eximir-se de suas

responsabilidades.

“Maldita Jessica!”, pensou a Reverenda Madre. Se ao menos ela houvesse dado à luz uma menina, como lhe foi ordenado.

Jessica parou a três passos da cadeira e fez uma pequena reverência com um suave movimento de sua mão esquerda ao longo da borda da saia. Paulo inclinou-se ligeiramente como seu mestre de dança lhe ensinara, numa reverência usada quando em dúvida quanto à importância da outra pessoa.

Essas nuances na saudação de Paul não escaparam à Reverenda Madre, que comentou: — Ele é bem cauteloso, Jessica. — A mão de Jessica tocou o ombro do rapaz de um modo firme. No tempo de uma batida do coração seu

toque transmitiu medo através da palma, depois ela conseguiu se controlar.

— Assim lhe foi ensinado, Sua Reverência.

“De que é que ela tem medo?”, cismava Paul.

A velha estudou Paul num instante apenas: rosto oval como o de Jessica, mas ossos fortes... os cabelos negros do Duque, as sobrancelhas do avô paterno, e aquele nariz fino, desdenhoso, os olhos verdes a fitarem diretamente, como os do velho Duque, avô paterno, agora morto.

“Bem, aquele era um homem que apreciava o poder da coragem, mesmo na morte”, pensou a Reverenda Madre.

— O ensinamento é uma coisa — disse ela —, o ingrediente básico é outra. Veremos. — Os velhos olhos fitaram

Jessica duramente. Deixe-nos a sós. Apreciaria se praticasse a meditação da paz.

Jessica tirou a mão do ombro de Paul. — Sua Reverência, eu...

— Jessica, você sabe o que deve ser feito.

Paul olhou para sua mãe, intrigado. Jessica se empertigou. — Sim... é claro.

Paul observou novamente a Reverenda Madre. A polidez e o próprio temor de Jessica aconselhavam cautela, mas ele sentia-se furioso com o medo que percebera se irradiando de sua mãe.

— Paul... — Jessica respirou fundo —, esse teste que está prestes a realizar é importante para mim.

— Teste? — Olhou para ela

intrigado.

— Lembre-se de que você é um filho do Duque — disse Jessica.

Depois girou e saiu da sala acompanhada pelo ruído sibilante de sua saia. A porta fechou-se sólida por trás dela.

Paul encarou a velha e conteve sua raiva. Pode alguém tratar Lady Jessica como se ela fosse uma criada?

Um sorriso tremulou nos cantos da boca enrugada.

— Lady Jessica foi minha criada, garoto, durante quatorze anos na escola. E foi uma boa criada. Agora venha cá!

A ordem o atingiu como uma chicotada e ele obedeceu antes que pudesse pensar. “Usando a Voz em mim”, pensou. Parou diante de um gesto

da velha, ficando ao lado de seus joelhos.

— Está vendo isto? — perguntou ela. De uma das obras do vestido retirara um cubo de metal verde, com aproximadamente quinze centímetros de aresta.

Ela o girou deixando Paul perceber que um dos lados estava aberto — negro e assustador. Nenhuma luz penetrava aquela escuridão.

— Ponha sua mão dentro desta caixa.

O medo percorreu o corpo de Paul. Ele começou a recuar mas a velha disse:

— É assim que você obedece a sua mãe?

Fitou aqueles olhos de pássaro. Então, lentamente, sentindo compulsões e

incapaz de inibi-las, Paul colocou a mão dentro da caixa. Sentiu a princípio uma sensação de frio, enquanto a escuridão se fechava em torno de sua mão, depois sentiu um metal escorregadio contra seus dedos e um formigamento, como se a mão estivesse adormecida.

Uma aparência destruidora tomou as feições da mulher. Ela ergueu a mão direita e colocou-a junto a um dos lados do pescoço de Paul. Ele viu um brilho metálico e começou a se voltar.

— Pare! — gritou ela.

“Usando a Voz novamente!”, pensou ele enquanto tornava a fixar o rosto dela.

— Eu estou segurando meu gom jabbar junto de seu pescoço.

— O gom jabbar, o inimigo destro

— disse ela. — É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah, ah! Não tente recuar ou você sentirá o veneno.

Paul tentou engolir e sentiu a garganta seca. Não conseguia afastar seus olhos da face enrugada, dos olhos brilhantes, das gengivas pálidas em torno dos dentes de metal prateados que apareciam enquanto ela falava.

— Um filho do Duque deve entender de venenos. É a moda da época, não é, Musky, ser envenenado na bebida? Algumas vezes, ser envenenado na comida. Os venenos rápidos, os lentos e os mais ou menos. Aqui há um novo para você: o gom jabbar. Ele mata apenas os animais.

O orgulho de Paul controlou seu medo: — Atreve-se a sugerir que o filho

do Duque é um animal?

— Digamos que eu sugiro que você seja humano — respondeu a velha.

— Firme! Aviso-lhe que não tente escapar. Sou velha mas minha mão pode espetar esta agulha em seu pescoço antes que possa fugir.

— Quem é você? — sussurrou. — Como enganou minha mãe para me deixar sozinho consigo? Trabalha para os Harkonnen?

— Os Harkonnen? Deus nos livre, não. Agora fique quieto.

Dedos ressequidos tocaram seu pescoço e ele controlou um impulso involuntário de pular longe.

— Bom — disse ela. — Você passou no primeiro teste. Agora eis o resto dele. Se retirar sua mão desta caixa

você morre. Esta é a única regra. Mantenha a mão na caixa e você vive; tire-a e morre.

Paul respirou fundo para controlar seus tremores.

— Se eu gritar, os servos estarão aqui em segundos e você morrerá.

— Servos não passarão por sua mãe, que monta guarda diante daquela porta. Confie nisso. Sua mãe sobreviveu a este teste. Agora é a sua vez. Sinta-se honrado. Raramente submetemos a este teste as crianças do sexo masculino.

A curiosidade reduziu o medo de Paul até um nível controlável.

Ele sentia sinceridade na voz dela, não havia como negá-la. Se sua mãe estava guardando aquela porta... se era realmente um teste... O que quer que

fosse ele estava preso, apanhado como numa armadilha por aquela mão em seu pescoço: o gom jabbar.

Lembrou-se da resposta na Litania contra o medo, que sua mãe lhe ensinara a partir do rito Bene Gesserit.

“Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. Medo é a morte pequena que traz a obliteração. Enfrentarei meu medo. Não permitirei que ele passe sobre mim ou através de mim. E, quando ele se for, voltarei minha visão interna para olhar sua trilha.

Por onde o medo passou nada restou. Apenas eu permaneço.”

Sentiu a calma retornar e disse:

— Vamos com isso, velha.

— Velha! — retrucou ela. — Você tem coragem, isso é inegável. Bem,

veremos. — Ela se inclinou, sussurrando :
— Você vai sentir dor na mão que está dentro da caixa. Dor. Mas... Retire a mão e eu espetarei seu pescoço com meu gom jabbar — a morte é tão rápida como um golpe de machado. Tire sua mão e o gom jabbar acaba com você. Entendeu?

— O que há na caixa?

— Dor.

Sentia um torpor crescente na mão e comprimiu os lábios.

“Como é que isso pode ser um teste?”, pensou. O formigamento tornou-se uma coceira.

A velha disse: — Já ouviu falar de animais que mastigam uma perna até arrancá-la para escaparem de uma armadilha? Este é um truque animal. Um humano permaneceria na armadilha,

suportaria a dor, fingiria estar morto para matar o caçador e eliminar a ameaça aos seus semelhantes.

A coceira tornou-se uma fraca sensação de queimadura.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ele.

— Para determinar se você é humano. Fique calado.

Paul fechou a mão esquerda enquanto a sensação de queimadura aumentava na outra mão. Ela crescia lentamente: calor sobrepondo-se a calor... sobre calor. Sentia as unhas da mão que estava livre penetrando na palma. Tentou flexionar os dedos em fogo mas não conseguiu movê-los.

— Isso queima — sussurrou.

— Silêncio!

A dor pulsava em seu braço enquanto o suor aparecia na testa.

Cada fibra de seu ser implorava pela retirada da mão daquela abertura flamejante... mas... o gom jabbar. Sem mover a cabeça ele tentou mexer com os olhos, para ver aquela agulha terrível junto ao seu pescoço. Sentiu que estava respirando de um modo ofegante, tentou se controlar mas não pôde.

Dor!

Seu mundo esvaziou-se de tudo, exceto a mão imersa em agonia e aquela cara ancestral a observá-lo, a alguns centímetros dele.

E seus lábios pareciam tão secos que tinha dificuldade para separá-los. A queimadura! A queimadura!

Pensou que podia sentir a pele

negra se contraindo e soltando de sua mão agonizante, a carne frigindo e caindo até que somente restassem ossos carbonizados.

E então a dor parou. Parou como se um interruptor houvesse sido desligado.

Paul sentia o braço direito tremendo, o suor cobrindo seu corpo.

— É o bastante — resmungou a velha. — Kull wahad! Nenhuma menina jamais agüentou tanto tempo. Eu devia estar querendo que você falhasse. — Ela se inclinou para trás, retirando o gom jabbar do lado do pescoço.

— Tire sua mão da caixa, jovem humano, e olhe para ela.

Ele lutou contra o tremor e o vazio escuro, onde sua mão parecia

continuar por vontade própria. A memória da dor inibia qualquer movimento e a razão lhe dizia que apenas um toco enegrecido sairia daquela caixa.

— Faça o que mandei! — exigiu ela.

Ele tirou a mão da caixa num movimento súbito e olhou perplexo. Nem uma marca. Nenhum sinal da agonia na carne. Levanta a mão e mexe com os dedos.

— Dor induzida nos nervos — explicou a velha. — Não se pode andar por aí mutilando humanos em potencial. Existem aqueles que dariam muito para conhecer o segredo desta caixa. — Escondeu-a de novo nas dobras do vestido.

— Mas a dor... — insistiu ele.

— Dor! Um humano pode controlar cada nervo de seu corpo.

Paul sentiu uma físgada na mão esquerda, abriu os dedos e viu quatro marcas sangrentas onde as unhas haviam penetrado na palma. Abaixou a mão olhando para a bruxa. — Você fez isso com minha mãe uma vez?

— Já peneirou areia através de uma tela?

O tom da pergunta abalou sua mente fazendo-a atingir um nível mais elevado de consciência : “Areia através de uma tela.” Ele acenou afirmativamente.

— Nós, Bene Gesserit, peneiramos pessoas para encontrar humanos.

Ele levantou a mão direita, desejando a recordação da dor. — E isso é tudo que é preciso? Dor?

— Eu o observei sofrer, rapaz. A dor é apenas o eixo do teste. Sua mãe já lhe contou sobre nossos métodos de observação. Vejo os sinais de seu ensinamento em você. Nosso teste é crise e observação.

Ele confirmou com a cabeça. — É verdade!

Ela o observava. “Ele sente a verdade! Pode ser ele? Pode realmente ser ele?” Controlou a excitação lembrando a si mesma: “A esperança embaça a observação.”

— Você sabe quando as pessoas acreditam no que dizem.

— Sei.

As harmonias da habilidade, confirmadas por testes repetitivos, estavam na voz dele. Ela as ouviu e disse :

— Talvez seja você o Kwisatz Haderach.

— Sente-se aqui aos meus pés, irmãozinho.

— Prefiro ficar de pé.

— Sua mãe sentou-se aos meus pés uma vez.

— Eu não sou minha mãe.

— Você nos odeia um pouco, não?

— Ela olhou para a porta e chamou: — Jessica! — A porta abriu-se violentamente e Jessica surgiu olhando de modo severo para dentro da sala. A severidade desapareceu de suas feições quando ela viu Paul. Sorriu ligeiramente.

— Jessica, alguma vez já parou de me odiar? — indagou a velha.

— Eu a amo e odeio — respondeu Jessica. — O ódio vem da dor que eu nunca esquecerei. O amor, este...

— Somente os fatos básicos — exigiu a velha, no entanto sua voz era gentil agora. — Você pode entrar agora, mas fique calada. Feche aquela porta e cuide para que ninguém nos interrompa.

Jessica obedeceu, ficando de costas contra a porta fechada.

“Meu filho vive”, pensou. “Meu filho vive e é humano. Eu sabia que ele era... mas... ele vive. Agora posso continuar minha vida.” A porta parecia dura contra suas costas, tudo na sala pressionava sua percepção.

“Meu filho vive.”

Paul observava sua mãe. “Ela contou a verdade.” Ele queria ficar só e pensar na experiência por que passara, mas sabia que não poderia sair até receber permissão. A velha adquirira poder sobre

ele. “Elas falam a verdade”, pensou. Sua mãe suportara o teste. Deve haver um propósito terrível nele... o medo e a dor haviam sido terríveis. E ele entendia propósitos terríveis. Eles impulsionavam contra todas as probabilidades. Eram sua necessidade. E Paul se sentia contaminado por uma resolução terrível. Embora ainda não soubesse qual era ela.

— Algum dia, rapaz — dizia a velha —, você talvez tenha que ficar do lado de fora de uma porta como aquela. Isto exige controle.

Paul fitou a mão que conhecera a dor e a Reverenda Madre.

O som de sua voz era diferente de qualquer outra voz que conhecera. As palavras tinham um brilho que as delineava. Havia uma nitidez nelas. Sentia

que qualquer pergunta que lhe fizesse traria uma resposta que o elevaria deste mundo carnal para alguma coisa maior.

— Por que vocês testam em busca de humanos? — indagou ele.

— Para libertá-los.

— Libertar?

— Houve um tempo em que os homens abdicaram do pensamento em favor das máquinas, na esperança de que as máquinas os fariam livres. Mas isso permitiu apenas que outros homens, com máquinas, os escravizassem.

— Tu não farás a máquina à semelhança do homem — observou Paul.

— Exatamente como no Jihad Butleriano e na Bíblia Católica Laranja — disse ela. — Mas o que a Bíblia C. L. deveria dizer é “Tu não farás uma

máquina para imitar a mente humana.”

— Já estudou os Mentat a seu serviço?

— Eu estudei com Thufir Hawat.

— A Grande Revolta tirou a muleta. Ela forçou a mente humana a se desenvolver. Escolas foram criadas para treinar talentos humanos.

— Escolas Bene Gesserit?

Ela acenou afirmativamente. —

Temos duas principais remanescentes daquelas antigas escolas: a Bene Gesserit e a Corporação Espacial. A Corporação, achamos nós, enfatiza quase que apenas a matemática. A Bene Gesserit realiza outra função.

— Política — disse o rapaz.

— Kull wahad! — exclamou a velha enquanto enviava um olhar duro para Jessica.

— Eu não contei a ele, Sua Reverência — explicou Jessica.

A Reverenda Madre voltou a atenção para Paul. — Você conseguiu deduzir com um número extraordinariamente pequeno de indícios. Política de fato. A escola Bene Gesserit original foi dirigida por aqueles que viam a necessidade de um fio de continuação nos assuntos humanos. Achavam que não haveria tal continuidade sem a separação da estirpe humana da estirpe animal, para propósitos de procriação.

As palavras da velha subitamente perderam sua veemência especial para Paul. Ele sentia uma ofensa contra o que sua mãe chamava de seu instinto de retidão. Não era que a Reverenda Madre estivesse mentindo para ele. Ela

obviamente acreditava no que dizia. Era algo mais profundo, algo preso à sua terrível resolução.

Ele disse: — Mas minha mãe me diz que muitas Bene Gesserit das escolas não conhecem seus ancestrais.

— As linhas genéticas se encontram sempre em nossos registros — respondeu ela. — Sua mãe sabe que, ou ela é de ascendência Bene Gesserit, ou sua estirpe foi considerada aceitável em si mesma.

— Então por que ela não pode saber quem são seus pais?

— Algumas podem... muitas não. Podemos, por exemplo, querer uni-la a um parente próximo para produzir um fator dominante em alguma tendência genética. Nós temos muitas razões.

Novamente Paul sentiu uma ofensa contra sua retidão. Comentou: — Vocês exigem muito de si mesmas.

A Reverenda Madre olhou para ele imaginando: “Terei percebido uma crítica em sua voz?” — Nós carregamos um fardo pesado — disse ela.

Paul se sentia emergindo cada vez mais do choque produzido pelo teste. Ele lançou um olhar de avaliação sobre ela e disse: — Você diz que eu talvez seja o... Kwisatz Haderach. O que é isto? Um gom jabbar humano?

— Paul — pediu Jessica — você não deve usar esse tom...

— Eu cuidarei disso, Jessica — interrompeu a velha. — Agora, rapaz, você tem conhecimento da droga Reveladora da Verdade?

— Vocês a tomam para aumentar sua habilidade em detectar falsidade. Minha mãe me contou.

— Já teve oportunidade de vê-la em transe verdadeiro?

Ele sacudiu a cabeça: — Não.

— A droga é perigosa mas produz percepção. Quando uma Reveladora da Verdade recebe o dom pela droga, ela pode observar muitos lugares em suas memórias — nas memórias de seu corpo. Nós olhamos ao longo de muitas avenidas para o passado... mas somente através de caminhos femininos. — A voz dela adquiriu um tom de tristeza. — Pois existe um lugar que nenhuma Reveladora da Verdade pode ver. Nós somos repelidas por ele, aterrorizadas. Diz-se que um homem virá um dia e encontrará

no dom da droga a sua visão interior. Ele verá onde nós não podemos ver, em ambos, o passado feminino e o passado masculino.

— Este é o Kwisatz Haderach?

— Sim, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo: O Kwisatz Haderach. Muitos homens já tentaram a droga... tantos... mas nenhum teve sucesso.

— Eles tentaram e falharam? Todos eles?

— Oh, não! — ela sacudiu a cabeça. — Eles tentaram e morreram.

Tentar compreender o Muad'Dib sem entender seus inimigos mortais, os Harkonnen, é como tentar ver a Verdade sem conhecer a Falsidade. É uma tentativa de ver a Luz sem conhecer a Escuridão. Não pode ser bem-sucedida.

*— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Era um globo, em relevo, de um mundo parcialmente nas sombras, girando sob o ímpeto de uma mão gorda

que brilhava cheia de anéis. O globo estava colocado num suporte, na parede de uma sala sem janelas, cujas demais paredes apresentavam uma miscelânea de rolos multicoloridos de pergaminhos, livros filmados, carretéis e teipes. Na sala brilhava uma luz que partia de bolas douradas suspensas por planos elevados móveis.

Uma mesa elipsóide, com um tampo de laca petrificada de cor rosa-jade, ocupava o centro da sala. Cadeiras suspensoras Veriformes colocavam-se à volta, duas delas estando ocupadas no momento. Em uma delas estava um jovem de cabelos negros, com aproximadamente dezesseis anos, de rosto redondo e olhos sombrios. Na outra um homem baixinho e magro, com um rosto

efeminado.

Ambos, o homem e o jovem, olhavam para o globo e para o homem que, meio oculto pelas sombras, o fazia girar.

Um riso soou ao lado do globo. Uma voz grave trovejou no meio do riso.

— Lá está ele, Piter. A maior armadilha para homens em toda a história. E o Duque dirige-se para suas mandíbulas. Não é uma coisa magnífica que eu, o Barão Vladimir Harkonnen, a tenha feito?

— Seguramente, Barão — respondeu o homem. Sua voz saía como a de um tenor, com uma suave musicalidade.

A mão gorda desceu sobre o globo interrompendo sua rotação.

Agora todos os olhos podiam focalizar-se na superfície imóvel, percebendo que este era o tipo de globo feito para colecionadores ricos ou governadores planetários do Império. Tinha um selo de manufatura imperial sobre ele. As linhas de latitude e longitude eram traçadas com fios de platina da grossura de um cabelo. As calotas polares constituíam-se de incrustações dos melhores diamantes nuvem-leitosos.

A mão movia-se traçando detalhes na superfície.

— Eu o convido a observar — trovejou a voz. — Observe de perto, Piter. E você também, Feyd-Rautha, meu querido. De sessenta graus norte a setenta graus sul, estas delicadas ondulações. Suas

cores não lhes lembram caramelos? E em parte alguma você vê o azul dos lagos, rios ou mares. E aquelas adoráveis calotas polares, tão pequenas! Pode alguém confundir este lugar? Arrakis! Verdadeiramente único. Um palco soberbo para uma vitória singular.

O sorriso tocou os lábios de Piter.

— E pensar, Barão, que o Imperador Padishah acredita estar entregando ao Duque seu planeta de especiaria. Que comovente!

— Esta é uma declaração insensata — rugiu o Barão. — Você diz isso para confundir o jovem Feyd-Rautha, mas não é necessário confundir meu sobrinho.

O jovem de cara amarrada remexeu-se na cadeira e alisou uma dobra na roupa negra que usava. Sentou ereto

ao ouvir uma batida discreta na porta logo atrás.

Piter levantou-se, cruzou a sala e abriu a porta apenas o suficiente para receber um cilindro com mensagem. Fechou a porta e desenrolou o cilindro, lendo-o. Deu um risinho e depois outro.

— Então? — perguntou o Barão.

— O tolo nos responde, Barão.

— Quando é que um Atreides recusa a oportunidade para se expressar?

— observou o Barão. — O que é que ele diz?

— Ele é muito rude, Barão. Trata-o por “Harkonnen”, não por “Sir e Querido Primo”, não há título nem nada.

— É um bom nome — resmungou o Barão, a voz denunciando sua impaciência. — Que diz o querido

Leto?

— Ele diz: “Sua oferta para uma reunião é recusada. Eu já encontrei muitas vezes a sua traição e isto é algo que todos os homens conhecem.”

— E...? — indagou o Barão.

— Ele diz: “A arte do kanly ainda tem seus admiradores no Império.” E assina: “Duque Leto de Arrakis.” — Piter começou a rir. — De Arrakis! Oh, meu! É demais!

— Cale-se, Piter! — exigiu o Barão e a risada foi interrompida como se um botão fosse acionado. — Kanly, é? Uma vendetta, hein? E ele usa esta ótima palavra antiga, tão rica em tradições, para estar certo de que eu saberei seu significado.

— Fizeste o gesto de paz — disse

Piter. — As convenções foram obedecidas.

— Para um Mentat você fala demais, Piter — respondeu o Barão, enquanto pensava: “Devo me livrar dele logo. Ele quase já viveu além da sua utilidade.” Olhou o assassino Mentat do outro lado da sala, observando o detalhe em suas feições que a maioria das pessoas reparava primeiro: os olhos, as fendas obscurecidas de azul dentro de azul, olhos sem nenhum branco.

O sorriso abria-se na face de Piter. Como uma careta sob aqueles olhos que pareciam fendas. — Mas, Barão! Nunca uma vingança foi mais bela. É observar um plano da mais requintada traição: fazer Leto trocar Caladan por Duna, e sem ter alternativa devido às ordens do

Imperador... Como o senhor é divertido!

Numa voz fria o Barão disse: —
Você tem a língua solta, Piter.

— Mas sou feliz, meu Barão.
Enquanto o senhor... o senhor é tocado
pelo ciúme.

— Piter!

— Ah, ah, Barão! Não é
lamentável que o senhor fosse incapaz de
conceber este delicioso plano por si
mesmo?

— Algum dia eu o farei
estrangular, Piter.

— Certamente, Barão. Enfim! Mas
um ato de bondade nunca se perde, não é
mesmo?

— Andou mastigando verita ou
semuta, Piter?

— A verdade sem medo

surpreende o Barão? — indagou Piter, seu rosto numa caricatura da expressão grave. — Ah, ah! Mas como vê, Barão, eu sei, como Mentat, quando irá mandar o executor. Vai esperar pelo tempo que eu for útil. Fazê-lo cedo demais seria desperdício e eu ainda sou muito útil. Eu conheço o que aprendeu daquele adorável planeta Duna. “Não desperdiçar.” Não é verdade, Barão?

O Barão continuava fitando Piter.

Feyd-Rautha se remexeu na cadeira. “Estes tolos polêmicos!”, pensava. “Meu tio não consegue falar com seus Mentat sem discutir. Será que eles pensam que não temos mais o que fazer além de ouvir os seus argumentos?”

— Feyd — disse o Barão. — Eu lhe recomendei que ouvisse e aprendesse,

quando foi convidado a vir aqui. Está ouvindo?

— Sim, tio. — A voz era cuidadosamente subserviente.

— Algumas vezes eu me pergunto quanto a Piter — continuou o Barão. — Eu provoco o sofrimento quando é necessário, mas ele... Eu juraria que ele tira um prazer do sofrimento. Por mim eu posso sentir pena do pobre Duque Leto. O Dr. Yueh agirá contra ele logo e isto será o fim dos Atreides. Mas certamente Leto saberá qual a mão que dirigiu o dócil doutor... e saber será uma coisa terrível.

— Então, por que não dirigiu o doutor no sentido de mergulhar uma kindjal entre as costelas dele de um modo silencioso e eficiente? — indagou Piter.

— Fala em piedade, mas...

— O Duque deve saber quando eu encerrar o seu destino interrompeu o Barão. — E todas as outras Grandes Casas devem saber também. O conhecimento lhes dará uma pausa. E eu ganharei mais espaço para manobras. A necessidade é óbvia, mas eu não tenho que gostar dela.

— Espaço para manobras — zombou Piter. — Já tem os olhos do Imperador a observá-la, Barão. Está se movendo de um modo muito ousado. Um dia o Imperador mandará uma legião ou duas do seu Sardaukar descer aqui, em Giedi Prime, e isto será o fim do Barão Vladimir Harkonnen.

— Você gostaria de ver isto, não gostaria, Piter? — indagou o Barão. —

Você apreciaria a visão do Corpo de Sardaukar pilhando minhas cidades e saqueando este castelo. Verdadeiramente adoraria isto.

— O Barão precisa perguntar? — sussurrou Piter.

— Você deveria ser um Bashar. É muito interessado em sangue e dor. Talvez eu tenha me precipitado prometendo o espólio de Arrakis.

Piter deu cinco passos miúdos na sala e parou exatamente atrás de Feyd-Rautha. Havia uma tensão no ar dentro da sala e o jovem olhou para Piter com uma expressão preocupada.

— Não brinque com Piter, Barão. Você me prometeu Lady Jessica. Você prometeu-a para mim.

— Para quê, Piter? — indagou o

Barão. — Para causar dor?

Piter olhou-o, prolongando o silêncio.

Feyd-Rautha moveu sua cadeira suspensora para o lado e perguntou:

— Tio, eu tenho que ficar? Você disse...

— Meu querido Feyd-Rautha está impaciente — disse o Barão, movendo-se nas sombras ao lado do globo. — Paciência, Feyd — e então voltou a atenção para o Mentat. — E quanto ao filho do Duque, o garoto Paul, meu caro Piter?

— A armadilha vai trazê-lo para o senhor, Barão — murmurou Piter.

— Não foi essa a minha pergunta. Você se lembra de que previu que a feiticeira Bene Gesserit daria uma filha ao

Duque. E estava errado, Mentat.

— Eu não erro freqüentemente, Barão — disse Piter, demonstrando pela primeira vez medo na voz. — Reconheça isso: eu não erro freqüentemente. E deve saber que estas Bene Gesserit geram principalmente filhas. Mesmo a consorte do Imperador produziu apenas meninas.

— Tio — disse Feyd-Rautha —, você afirmou que haveria alguma coisa de importante para mim aqui...

— Escute só o meu sobrinho. Ele aspira a governar o meu baronato, e no entanto não consegue governar a si próprio. O Barão se mexeu ao lado do globo, uma sombra entre sombras. — Está bem, Feyd-Rautha Harkonnen. Convoquei-o aqui esperando lhe ensinar um pouco de sabedoria. Você já observou

o nosso bom Mentat? Devia ter aprendido alguma coisa desta discussão.

— Mas, tio...

— Piter é um Mentat bastante eficiente, não diria, Feyd?

— Sim, mas...

— Ah! De fato, mas! Ele consome muita especiaria, come como se fosse doce. Olhe nos seus olhos. Ele poderia ter vindo diretamente de um grupo de trabalho Arrakeen. O eficiente Piter, mas ainda emocional e dado a explosões acaloradas. O eficiente Piter, mas ainda capaz de errar.

Piter falou em voz baixa, num tom mal-humorado. — Chamou-me aqui para prejudicar minha eficiência com críticas, Barão?

— Prejudicar sua eficiência? Você

me conhece bem, Piter. Eu queria apenas que meu sobrinho entendesse as limitações de um Mentat.

— Já começou a treinar o meu substituto?

— Substituir você? Por que, Piter? Onde eu encontraria outro Mentat com a sua astúcia e peçonha?

— No mesmo lugar onde me encontrou, Barão.

— Talvez devesse fazer isso — disse o Barão. — Você me parece um pouco instável ultimamente. E toda a especiaria que come!

— Os meus prazeres são muito dispendiosos, Barão? Faz objeção a eles?

— Meu querido Piter, são seus prazeres que o prendem a mim. Como poderia fazer objeção a eles? Eu apenas

desejava que meu sobrinho o observasse.

— Então estou em exposição. Devo dançar? Devo realizar minhas várias funções para que o eminente Feyd-Rau...

— Precisamente — disse o Barão. — Você está em exposição. Agora fique calado. — Olhou para Feyd-Rautha notando os lábios grossos e salientes do sobrinho, marca genética dos Harkonnen, agora se torcendo ligeiramente com o divertimento. — Este é um Mentat, Feyd. Ele foi treinado e condicionado para realizar certas funções. O fato de vir embalado num corpo humano, contudo, não deve ser esquecido. É uma séria desvantagem. As vezes acho que os antigos com suas máquinas pensantes é que estavam certos.

— Elas eram brinquedos

comparados comigo resmungou Piter. — Até você, Barão, poderia superar aquelas máquinas.

— Talvez — disse o Barão. — Ah, bem... — Respirou fundo e arrotou. — Agora, Piter, delineie para o meu sobrinho os pontos principais de nossa campanha contra a Casa de Atreides. Funcione como um Mentat para nós, por favor.

— Barão, já lhe adverti para não confiar informações a alguém tão jovem. Minhas observações do...

— Eu serei o juiz quanto a isso. E lhe dei uma ordem, Mentat. Realize uma de suas várias funções.

— Assim seja — disse Piter. Ele se empertigou, assumindo uma estranha atitude de dignidade, como se fosse outra

máscara, só que desta vez cobrindo todo o seu corpo. — Em alguns dias, tempo Standard, todos os membros da casa do Duque Leto embarcarão numa nave de carreira da Corporação Espacial para Arrakis. A Corporação deverá desembarcá-los na cidade de Arrakeen, em vez de na nossa cidade de Carthag. O Mentat do Duque, Thufir Hawat, terá concluído, com razão, que Arrakeen é mais fácil de ser defendida.

— Ouça cuidadosamente, Feyd — recomendou o Barão, Observe os planos dentro dos planos, dentro dos planos.

Feyd-Rautha acenou com a cabeça, pensando: “Isto se parece mais com ele. O velho monstro está me deixando penetrar em seus segredos finalmente. Ele deve realmente tencionar fazer de mim o

seu herdeiro.”.

— Existem muitas possibilidades tangenciais — continuou Piter.

— Eu indiquei que a casa de Atreides viajará para Arrakis. Não devemos contudo ignorar a possibilidade de que o Duque tenha contratado a Corporação para removê-la a um lugar seguro fora do Sistema. Em circunstâncias semelhantes outros se tornaram Casas renegadas, levando a família, os escudos e o equipamento atômico para longe do Império.

— O Duque é um homem muito orgulhoso para fazer isso observou o Barão.

— É uma possibilidade — disse Piter. — O efeito final para nós seria o mesmo.

— Não, não seria! — rosnou o Barão. — Eu o quero morto e sua linhagem acabada.

— Esta é uma alta probabilidade — continuou Piter. — Existem certos preparativos que indicam quando uma Casa está prestes a se tornar renegada. O Duque não parece estar fazendo nenhuma destas coisas.

— Certo — suspirou o Barão. — Prossiga, Piter.

— Em Arrakeen o Duque e sua família ocuparão a Residência, ultimamente o lar do Conde e de Lady Fenring.

— O Embaixador dos Contrabandistas — riu o Barão.

— Embaixador do quê? — indagou Feyd-Rautha.

— Seu tio estava fazendo troça — observou Piter. — Ele chama o Conde Fenring de Embaixador dos Contrabandistas, indicando o interesse do Imperador nas operações de contrabando em Arrakis.

Feyd-Rautha olhou intrigado para seu tio. — Por quê?

— Não seja obtuso, Feyd — retrucou o Barão. — Enquanto a Corporação permanecer efetivamente fora do controle imperial, não poderá ser de outro modo. Senão, como poderiam os espiões e os assassinos se deslocar de um ponto a outro?

A boca de Feyd-Rautha fez um “oh” mudo.

— Nós arranjamos algumas “distrações” na Residência continuou

Piter.

— Haverá um atentado contra a vida do herdeiro dos Atreides. Um atentado que pode ser bem-sucedido.

— Piter — resmungou o Barão. — Você sugere...

— Eu indiquei que acidentes podem acontecer. E o atentado deve parecer real.

— Ah, mas o rapaz é um jovem tão encantador — lamentou o Barão. — É claro que ele é potencialmente mais perigoso que o pai... e com aquela mãe-bruxa a treiná-lo. Maldita mulher! Mas por favor, continue, Piter.

— Hawat terá previsto que temos um agente plantado entre eles. O suspeito óbvio é o Dr. Yueh, que é de fato o nosso agente. Todavia Hawat investigou e

descobriu que o nosso doutor é um graduado da Escola Suk, com Condicionamento Imperial supostamente seguro para servir até mesmo ao Imperador. Tem-se grande confiança no Condicionamento Imperial. Presume-se que o condicionamento final não possa ser quebrado sem matar o indivíduo a ele submetido. Entretanto, como alguém observou certa vez, dada a alavanca adequada, pode-se mover até um planeta. Nós encontramos a alavanca que moveria o doutor.

— Como? — indagou Feyd-Rautha. Achava o assunto fascinante. Todos sabiam ser impossível subverter um Condicionamento Imperial.

— Em outra ocasião — respondeu o Barão. — Continue, Piter.

— No lugar de Yueh, nós colocaremos um suspeito muito interessante no caminho de Hawat. A própria audácia da suspeita fará com que Hawat volte sobre ela as suas dúvidas.

— Ela? — indagou Feyd-Rautha.

— Lady Jessica em pessoa — disse o Barão.

— Não é sublime? — indagou Piter. — A mente de Hawat ficará tão atraída por esta perspectiva que perturbará suas funções como Mentat. Ele pode mesmo tentar matá-la — matutou Piter. Mas não creio que ele consiga.

— Ou não deseja, não é mesmo? — perguntou o Barão.

— Não me distraia. Enquanto Hawat está ocupado com Lady Jessica,

nós o distrairemos ainda mais com levantes em algumas das cidades ocupadas por guarnições. Estes deverão ser dominados, afinal o Duque deve acreditar que tem o controle da situação. E então, quando tudo estiver suficientemente amadurecido, nós enviaremos o sinal para o Dr. Yueh e atacaremos com nosso maior trunfo... ah...

— Prossiga, conte a ele — recomendou o Barão.

— Entraremos em ação reforçados por duas legiões de Sardaukar disfarçadas com uniformes dos Harkonnen.

— Sardaukar! — sussurrou Feyd-Rautha, sua mente focalizada nas terríveis tropas imperiais, os matadores sem piedade, os fanáticos soldados do Imperador Padishah.

— Está vendo como eu confio em você, Feyd — disse o Barão.

— Nenhum indício disto deverá jamais chegar ao conhecimento das outras Grandes Casas, ou o Landsraad se unirá contra a Casa Imperial e será o caos.

— O ponto principal — continuo Piter — é este: uma vez que a casa dos Harkonnen está sendo usada para fazer o trabalho sujo imperial, nós obteremos uma verdadeira vantagem. É uma vantagem perigosa, certo, mas se usada com cautela levará a casa Harkonnen a uma riqueza maior do que a de qualquer outra Casa do Império.

— Você não faz idéia de quanta riqueza está envolvida, Feyd. — disse o Barão. — Nem em seus sonhos mais extravagantes. Só para começar, nós

possuiremos o controle ditatorial irrevogável da Companhia CHOAM.

Feyd-Rautha assentiu. Riqueza era o objetivo. E CHOAM era a chave para a riqueza, com cada uma das nobres Casas nutrindo-se dos cofres da Companhia, sempre que o poder das ditaduras o permitia. Essas ditaduras CHOAM eram a verdadeira evidência do poder político do Império, sucedendo-se com as mudanças no peso dos votos dentro da Landsraad, enquanto esta se equilibrava contra o Imperador e aqueles que o apoiavam.

— O Duque de Leto — disse Piter — pode tentar se refugiar entre a escória dos Fremen, junto à orla do deserto. Ou pode tentar enviar sua família para essa segurança imaginária. Mas esse caminho

encontra-se bloqueado por um dos agentes de sua majestade: Kynes — o ecologista planetário. Deve se recordar dele.

— Feyd se lembra; continue — disse o Barão.

— Bancar o tolo não é bonito, Barão — disse Piter.

— Continue a explicação, eu o ordeno! — rugiu o Barão.

Piter deu de ombros. — Se as coisas correrem como planejado continuou —, a casa de Harkonnen terá um subfeudo em Arrakis dentro de um ano Standard. Seu tio será dispensado daquele feudo mas seu próprio agente pessoal governará Arrakis.

— Mais lucros — comentou Feyd-Rautha.

— De fato — disse o Barão, e pensou: “Será justo; fomos nós que conquistamos Arrakis... com exceção de alguns mestiços Fremen que se esconderam nas orlas do deserto... e alguns contrabandistas subjugados, presos ao planeta quase tão profundamente quanto os trabalhadores nativos.”

— E as Grandes Casas saberão que o Barão destruiu os Atreides — terminou Piter. — Elas saberão.

— Elas saberão — sussurrou o Barão.

— O mais adorável de tudo — observou Piter — é que o Duque saberá também. Ele já sabe mesmo agora. Pode sentir a armadilha.

— É verdade que o Duque sabe — recordou o Barão; e sua voz tinha um

toque de tristeza. — Ele não pode evitar o conhecimento... maior é a pena.

O Barão moveu-se para longe do globo de Arrakis e à medida que emergia das sombras, sua figura ganhava dimensão. Imensamente gordo, com protuberâncias por baixo das dobras de seu manto negro que indicavam ser toda essa gordura sustentada em parte por sensores portáteis presos à sua pele. Ele devia pesar duzentos quilos Standard; em realidade, porém, seus pés não poderiam suportar mais do que cinquenta.

— Estou faminto — resmungou o Barão enquanto roçava seus lábios proeminentes com a mão inchada, fitando Feyd-Rautha através dos olhos quase ocultos por dobras de gordura. — Peça

comida, meu querido. Nós faremos uma refeição antes de nos retirarmos.

Assim falou Santa Alia-da-Faca: A Reverenda Madre deve combinar a malícia sedutora de uma cortesã à intocável majestade de uma deusa virgem, mantendo esses atributos sob tensão pelo tempo que durarem os poderes de sua juventude. Pois quando a beleza e a juventude se forem, ela descobrirá que o ponto médio, antes local de equilíbrio entre tensões, transformou-se numa fonte de astúcia e desenvoltura. “

— *de Comentários Familiares do
Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

— Bem, Jessica, que tem a dizer em sua defesa? — perguntou a Reverenda Madre.

Era quase a hora do poente no Castelo Caladan, no dia do teste de Paul. As duas mulheres estavam sozinhas na sala matinal de Jessica, enquanto Paul aguardava na Câmara de Meditação, adjacente e à prova de som.

Jessica se encontrava de pé, voltada para as janelas do lado sul.

Ela fitava, e contudo não via, as cores do entardecer através dos prados e do rio. Escutara e todavia não gravara a pergunta da Reverenda Madre.

Houvera outra prova uma vez, há muitos anos. Uma menina magricela com

o cabelo da cor do bronze e o corpo torturado pelos ventos da puberdade entrara no estúdio da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, Inspetora Superior da escola Bene Gesserit em Wallach IX. Jessica olhou para sua mão direita, flexionou os dedos lembrando-se da dor, do terror, do ódio.

— Pobre Paul! — sussurrou ela.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Jessica! — A voz da velha era autoritária, exigente.

— O quê? Oh... — Jessica afastou sua atenção do passado, encarando a Reverenda Madre, que se sentava com as costas para a parede de pedra entre as duas janelas do oeste. — O que espera que eu diga?

— O que espero que você diga? O

que espero que você diga? — A voz da velha tinha um tom cruel de imitação.

— Ah, sim, eu tive um filho! — desabafou Jessica, sabendo que sua raiva estava sendo deliberadamente estimulada.

— Você fora instruída para conceber apenas filhas para os Atreides.

— Significava muito para ele — justificou ela.

— E você em seu orgulho não pensou que poderia dar à luz o Kwisatz Haderach!

Jessica ergueu o queixo. — Eu senti a possibilidade.

— E pensou apenas no desejo do seu Duque por um filho retrucou a velha. — E seus desejos não entraram nisso. Uma filha dos Atreides poderia se casar com o herdeiro dos Harkonnen e selar

este ramo. Você complicou tudo inapelavelmente. Podemos perder ambas as linhas de sangue agora.

— Você não é infalível — disse Jessica enfrentando o olhar firme da outra.

A velha apenas murmurou: — O que está feito está feito.

— Eu jurei que nunca me arrependeria de minha decisão.

— Quão nobre! Sem arrependimentos! Vamos ver isso quando você for uma fugitiva, com um preço sobre sua cabeça e a mão de cada homem voltada para buscar sua vida e a vida de seu filho.

Jessica empalideceu: — Não existe alternativa?

— Alternativa? Uma Bene Gesserit

deve perguntar isso?

— Pergunto apenas o que vê no futuro, com suas habilidades.

— Vejo no futuro o que já vi no passado. Nós bem sabemos o padrão de nossas vidas, Jessica. A raça conhece a sua própria mortalidade e teme a estagnação de sua hereditariedade. Está no sangue o impulso para misturar linhas genéticas sem qualquer plano. O Império, a Companhia CHOAM, todas as Grandes Casas, não passam de fragmentos na trilha da inundação.

— CHOAM — murmurou Jessica. — Suponho que já está decidido como eles dividirão os espólios de Arrakis.

— O que é a CHOAM senão o indicador dos ventos que sopram em

nossos tempos? — continuou a velha. — O Imperador e seus amigos agora controlam cinqüenta e nove vírgula sessenta e cinco por cento dos votos na ditadura CHOAM. Certamente eles farejam lucros e é provável que outros, farejando esses mesmos lucros, aumentem seu poder de voto. Este é o padrão da história, garota.

— Isso é certamente o que preciso agora — comentou Jessica. — Uma revisão histórica.

— Não seja espirituosa, menina! Você conhece, assim como eu conheço, as forças que nos cercam. Nós temos uma civilização equilibrada em três pontos: a Casa Imperial mantida em equilíbrio com a Federação das Grandes Casas de Landsraad, e entre as duas a Corporação,

com seu maldito monopólio no transporte interestelar. Na política, o tripé é a mais instável das estruturas.

Já seria bastante ruim sem as complicações de uma cultura de comércio feudal que volta suas costas para a maior parte do conhecimento científico.

Jessica comentou amargamente: — Fragmentos na trilha da enchente, e este fragmento aqui é o Duque de Leto, e aquele outro é o seu filho, e este aqui...

— Cale a boca, garota! Você entrou nisso sabendo que caminhava numa corda bamba.

— Eu sou uma Bene Gesserit, existo apenas para servir — citou Jessica.

— Verdade. E tudo que nos resta esperar é tentar evitar que isso resulte numa conflagração generalizada, salvando

o que pudermos das linhas-chave de sangue.

Jessica fechou seus olhos sentindo as lágrimas pressionarem por baixo das pálpebras. Lutou para acalmar os tremores interiores e exteriores, a respiração descompassada, o pulso rápido, o suor nas palmas. Em seguida ela disse: — Eu pagarei pelo meu próprio erro.

— E seu filho pagará também.

— Eu o protegerei no que for capaz.

— Proteger! — vociferou a velha. — Você sabe a fraqueza que existe nisso! Proteja seu filho em demasia, Jessica, e ele não crescerá forte para cumprir qualquer destino.

Jessica deu as costas olhando pela

janela para a escuridão crescente.

— É realmente tão terrível esse planeta Arrakis?

— Suficientemente ruim, mas não inteiramente. A Missionária Protetora tem estado lá e suavizado um pouco o lugar. — A Reverenda Madre levantou-se, endireitando uma dobra em sua veste. Chame o rapaz aqui. Eu devo partir logo.

— Deve, realmente?

A velha abrandou sua voz: — Jessica, minha menina, eu desejaria poder ficar em seu lugar e suportar seus sofrimentos. Mas cada uma de nós deve seguir seu próprio caminho.

— Eu sei.

— Você me é tão cara quanto qualquer uma de minhas próprias filhas, mas não posso permitir que isso interfira

com o dever.

— Entendo... a necessidade.

— O que você fez, Jessica, e por que o fez, ambas sabemos. Mas a bondade me força a dizer-lhe que há pouca chance de que o seu garoto seja a Totalidade Bene Gesserit. Não deve se permitir esperar demais.

Jessica sacudiu as lágrimas dos cantos dos olhos num gesto de raiva.

— Você faz com que eu me sinta uma menina novamente, a recitar minha primeira lição. — Ela forçou as palavras para fora da boca: — “Humanos jamais se submetem aos animais”. — Um soluço sacudiu seu corpo e em voz baixa Jessica acrescentou: — Tenho sido tão solitária.

— Este é um dos testes — observou a velha. — Humanos são quase

sempre solitários. Agora chame o rapaz. Ele teve um dia longo e assustador. Mas teve tempo para pensar e se lembrar, e eu devo fazer as outras perguntas sobre esses seus sonhos.

Jessica acenou afirmativamente, foi até a porta da Câmara de Meditação e abriu-a.

— Paul, venha aqui agora, por favor.

Paul caminhou com uma lentidão obstinada e olhou para sua mãe como se ela fosse uma estranha. Havia cautela em seus olhos quando ele observou a Reverenda Madre, mas desta vez ele deu-lhe a reverência destinada a um igual. Ouviu sua mãe fechar a porta nas suas costas.

— Jovem — disse a velha —,

voltemos a essa questão dos sonhos.

— O que deseja?

— Você sonha toda noite?

— Nem sempre sonhos que valham a pena recordar. Posso lembrar cada sonho, mas alguns valem a pena ser lembrados e outros não.

— Como sabe a diferença?

— Apenas sei.

A velha olhou para Jessica, e tornou a olhar para Paul. — E o que sonhou na noite passada? Valia a pena lembrar?

— Sim. — Paul fechou os olhos.

— Sonhei com uma caverna... e água... e uma garota muito magra com olhos grandes. Os olhos dela eram totalmente azuis, não tinham branco. Falo com ela e conto a seu respeito, sobre ver a

Reverenda Madre em Caladan. — Abriu os olhos.

— E o que contou a essa garota estranha a meu respeito? Foi o que aconteceu hoje?

Paul pensou antes de falar. — Sim, eu digo a essa garota que você veio e colocou uma marca de estranheza em mim.

— “Marca de estranheza”. — A velha respirou e olhou rápido para Jessica novamente. — Diga-me sinceramente agora, Paul, você sempre sonha com coisas que depois acontecem exatamente como você sonhou?

— Sim, e eu já sonhei com essa garota antes.

— Oh! Você a conhece?

— Não, mas vou conhecê-la.

— Fale-me a respeito dela.

Mais uma vez Paul fechou os olhos.

— Encontramos num pequeno lugar um abrigo entre as rochas. É quase noite, mas está quente e posso ver trechos arenosos, por uma abertura nas rochas. Estamos... esperando por alguma coisa... para que eu vá encontrar algumas pessoas... e ela está assustada mas tenta ocultar isso de mim e eu estou excitado. E ela diz: “Conte-me sobre as águas de seu mundo, Usul.” — Paul abre os olhos.

— Não é estranho? Meu mundo é Caladan. Nunca ouvi falar num planeta chamado Usul.

— Há mais alguma coisa nesse sonho? — indagou Jessica.

— Sim, mas talvez ela esteja me

chamando de Usul. Já pensei nisso.

Novamente ele fechou os olhos. — Ela me pede para falar sobre as águas. Seguro suas mãos e lhe recito um poema, mas tenho que explicar a ela o significado de palavras como praia, arrebentação, algas e gaivotas.

— Qual é o poema? — perguntou a Reverenda Madre.

Paul abriu os olhos. — É apenas um dos poemas de Gurney Halleck para as ocasiões tristes.

Atrás de Paul, Jessica começa a recitar:

*“Relembro a fumaça salgada de uma
fogueira na praia*

E as sombras sobre os pinheiros —

Sólidas, firmes... fixas —

*Gaiivotas empoleiradas na borda da
terra,*

Branco sobre o verde...

E um vento chega através dos pinheiros,

Fazendo ondular as sombras;

As gaiivotas abrem suas asas

Sobem

Enchendo o céu com estridências.

E eu ouço o vento

Soprando sobre nossa praia,

E a arrebentação,

E vejo que nosso fogo

Queimou as algas.”

— É esse — disse Paul.

A velha observou-o e disse:

— Jovem, como uma Inspetora das Bene Gesserit, busco o Kwisatz Haderach, o homem que pode realmente

se tornar um de nós. Sua mãe vê essa possibilidade em você, mas ela olha com olhos de mãe. Possibilidade eu também vejo, mas nada além disso.

Ela então ficou em silêncio, e Paul percebeu que esperava que ele dissesse algo. Ficou calado.

Daí a pouco ela disse: — Como quiser, então. Há profundezas em seu espírito que eu reconheço.

— Posso ir embora agora? — perguntou.

— Não quer ouvir o que a Reverenda Madre pode lhe explicar sobre o Kwisatz Haderach? — indagou Jessica.

— Ela disse que aqueles que tentaram obter o título morreram.

— Mas eu posso lhe dar alguns indícios sobre o motivo por que eles

falharam — explicou a Reverenda Madre.

“Ela fala de indícios”, pensou Paul.

“Ela não sabe de nada realmente.”

— Indique então.

— E me dane? — A velha sorriu amargamente, formou-se uma teia de vincos em sua face. — Muito bem: “Aquele que se submete governa.”

Ficou perplexo. Ela estava falando a respeito de coisas tão elementares quanto tensão dentro de significado. Será que pensava que sua mãe não lhe ensinara nada?

— Isso é uma indicação? — indagou.

— Não estamos aqui para trocar palavras ou discutir seus significados — respondeu ela. — O salgueiro submete-se ao vento e prospera, até um dia em que se

tornam muitos salgueiros: uma muralha contra o vento. Este é o propósito do salgueiro.

Paul olhava para ela. Ela dizia propósito e ele sentia a palavra atingi-la, recontaminando-o com o terrível propósito. Experimentava uma raiva súbita contra a mulher. Essa velha bruxa estúpida com sua boca cheia de chavões.

— Você pensa que eu posso ser o Kwisatz Haderach e fala comigo — disse ele. — Mas não disse nada quanto ao modo de ajudarmos o meu pai. Eu a ouvi falando para minha mãe. Falando de meu pai como se ele já estivesse morto. Bem, ele não está!

— Se houvesse alguma coisa a ser feita por ele, nós a teríamos feito — resmungou a velha. — Podemos

conseguir salvar você. Há dúvida quanto a isso, mas é possível. Quanto a seu pai, não há nada. Quando tiver aprendido a aceitar esse fato, terá aprendido a verdadeira lição Bene Gesserit.

Paul observou como as palavras abalavam sua mãe e olhou com raiva para a velha. Como é que ela podia dizer uma coisa dessas em relação a seu pai? O que a fazia tão certa? Sua mente fervia de ressentimento. A Reverenda Madre voltou-se para Jessica.

— Você esteve treinando-o no Caminho. Eu vi os indícios. Teria feito o mesmo em seu lugar, e o diabo carregue as Regras.

Jessica assentiu.

— Agora tenha cuidado de ignorar as ordens regulares de treinamento. A

própria segurança dele exige a Voz. Ele já teve um bom começo mas nós sabemos o quanto mais precisa aprender... e isso desesperadamente. Ela caminhou para junto de Paul e abaixou a cabeça para fitá-la.

— Adeus, meu jovem. Espero que você consiga. Mas se não conseguir... bem, nós ainda assim poderemos ter êxito.

Uma vez mais ela olhou para Jessica. Um sinal de compreensão passou entre elas e então a velha deixou a sala, seus mantos sibilando, sem olhar para trás. A sala e seus ocupantes já estavam cancelados em seus pensamentos. Mas Jessica conseguira vislumbrar o rosto da Reverenda Madre enquanto ela se voltava para sair. Havia lágrimas nas faces enrugadas. Essas lágrimas eram mais

assustadoras que qualquer outra palavra ou sinal que houvessem trocado naquele dia.

Deve ter lido que Muad'Dib não tinha colegas de .rua idade em Caladan. Os perigos eram muito grandes. Mas Muad'Dib tinha maravilhosos mestres companheiros. Havia Gurney Halleck, o guerreiro-trovador. Você cantará algumas das canções de Gurney enquanto ler este livro. Havia Thufir Hawat, o velho Mentat, Mestre dos Assassinos, que lançava o medo até mesmo no coração do imperador Padishah. Lá estava Duncan Nabo, o mestre espadachim de Ginz, o Dr. Wellington Yueb, um nome negro de traição

mas brilhante de conhecimento; Lady Jessica, que guiou seu filho no Caminho das Bene Gesserit e — é claro — o Duque Leto, cujas qualidades como pai por muito tempo foram subestimadas.

*— de História da infância do
Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Thufir Hawat deslizou para dentro da sala de treinamento do Castelo Caladan fechando a porta suavemente. Ficou parado um momento, sentindo-se velho, cansado. Sua perna esquerda doía onde fora ferida uma vez, a serviço do Velho Duque.

“Três gerações deles agora”, pensou ele.

Olhou através da grande sala, brilhante com a luz derramando-se das clarabóias. Viu o garoto sentado com as costas para a porta, atento aos papéis e mapas espalhados sobre a mesa.

“Quantas vezes devo dizer a ele que nunca se sente com as costas para a porta?” Hawat limpou a garganta.

Paul continuou curvado sobre seus estudos.

A sombra de uma nuvem passou sobre as clarabóias. Novamente Hawat pigarreou.

Paul endireitou o corpo falando sem se voltar:

— Eu sei. estou sentado com as costas para a porta.

Hawat suprimindo um sorriso caminhou através da sala.

Paul olhou para o homem velho, de cabelos grisalhos, que parou junto à extremidade da mesa. Os olhos de Hawat eram duas poças de vigilância num rosto escuro e profundamente vincado.

— Eu o ouvi aproximar-se pelo corredor — disse Paul. E também quando abriu a porta.

— Os sons que faço podem ser imitados.

— Eu saberia a diferença.

“Ele poderia”, pensou Hawat. “Aquela sua mãe-bruxa está fazendo-o passar por um profundo treinamento, com certeza. Gostaria de saber o que a sua preciosa escola pensa disso. Deve ter sido por isso que elas mandaram a Inspetora aqui: para colocar nossa querida Lady Jessica na linha.”

Hawat puxou uma cadeira diante de Paul e sentou-se de frente para a porta. Fez isso de propósito, inclinou-se para trás e estudou a sala. Parecia-lhe um lugar subitamente curioso, estranho, com a maior parte de seu mobiliário já despachada para Arrakis. Permanecia uma mesa de treino e um espelho de esgrima, com seus prismas de cristal imóveis, o boneco-alvo por trás deles, remendado e estofado como um antigo soldado de infantaria, mutilado e combalido pelas guerras.

“Lá estou eu”, pensou Hawat.

— Thufir, em que está pensando?
— indagou Paul.

Hawat olhou para o rapaz.

— Eu estava pensando que logo estaremos longe daqui e talvez nunca

mais vejamos este lugar de novo.

— Isso o deixa triste?

— Triste? Tolicice! Abandonar amigos, sim, é tristeza. Um lugar é só um lugar. — Olhou para os mapas sobre a mesa. — E Arrakis é apenas outro lugar.

— Meu pai o mandou para me testar?

Hawat olhou-o, carrancudo. O rapaz tinha grandes poderes de observação sobre ele. Acenou afirmativamente.

— Você deve achar que seria melhor se ele viesse em pessoa, mas sabe como é ocupado. Ele virá depois.

— Estive estudando as tempestades em Arrakis.

— As tempestades. Eu vejo.

— Parecem muito ruins.

— Este é um termo muito brando: ruim. Aquelas tempestades se formam através de seis ou sete mil quilômetros de planície, alimentando-se de tudo que possa contribuir para impulsioná-las. A força de coriolis, outras tempestades, qualquer coisa que tenha um grama sequer de energia. Elas podem soprar com ventos de até setecentos quilômetros horários, carregados com tudo que estiver solto em seu caminho: areia, pó, tudo. Elas podem comer a carne dos ossos e lixar os ossos até transformá-los em pequenas lascas.

— Por que eles não possuem controle climático?

— Arrakis sofre problemas muito especiais, os custos são altos e haveria manutenção e tudo o mais. A Corporação

cobra um preço espantoso por satélites de controle e a casa de seu pai não é uma das mais ricas, garoto. Você sabe disso.

— Já chegou a ver os Fremen?

“A mente do garoto está se movendo em todas as direções hoje”, pensou Hawat.

— É como se não os tivesse visto. Há muito pouca coisa que os distingua do resto do povo mais pobre. Todos usam aqueles mantos longos e fedem horrivelmente em qualquer espaço fechado.

É por causa daqueles trajes que vestem. Chamam-nos trajes destiladores, que recuperam a água eliminada pelo corpo.

Paul engoliu em seco, percebendo subitamente a umidade em sua boca,

lembrando-se de ter sonhado com sede. Que pessoas pudessem ter tanta necessidade de água a ponto de reciclarem a própria umidade de seus corpos produzia nele um sentimento de tristeza.

— A água é preciosa lá — disse.

Hawat concordou com um aceno, pensando: “Talvez eu esteja conseguindo, passando para ele a importância desse planeta como um inimigo. É loucura ir lá sem essa medida de cautela em nossas mentes.”

Paul olhou para a clarabóia, percebendo que começara a chover. Viu a água se espalhando sobre o metavidro cinzento.

— Água! exclamou.

— Você aprenderá a dar grande importância à água — continuou Hawat.

— Como filho do Duque, você nunca terá falta dela, mas verá as pressões da sede à sua volta.

Paul umedeceu os lábios com a ponta da língua, pensando naquele dia, fazia uma semana, e em sua provação com a Reverenda Madre, ela também dissera alguma coisa a respeito da sede.

— Você aprenderá sobre as planícies funerárias — dissera ela. — Sobre o deserto vazio, a vastidão onde nada vive exceto a especiaria e os vermes da areia. Você protegerá seus olhos contra o clarão do sol. Abrigo significará um buraco longe do vento e oculto à vista. Você caminhará sobre os dois pés, sem montaria, carro de solo ou “tóptero”.

E Paul percebera mais no tom da voz dela, uma cantilena irregular, do que

nas palavras.

— Quando se vive em Arrakis — dissera ela —, khala, a terra, é vazia. As luas serão suas amigas e o sol seu adversário.

Paul sentiu sua mãe ficar ao seu lado, deixando a posição de vigília junto à porta. Ela havia olhado para a Reverenda Madre, perguntando:

— Não vê nenhuma esperança, Reverência?

— Não para o pai. — E a velha acenara para Jessica, pedindo silêncio e olhando de novo para Paul. — Grave isto em sua memória rapaz: um mundo é sustentado por quatro coisas... Ela ergueu quatro dedos grandes e nodosos. — ... a cultura dos sábios, a justiça dos grandes, as preces dos virtuosos e o valor dos

bravos. Mas tudo isso é nada... — e ela fechou os dedos num punho sem um governante que conheça a arte de governar. Faça dela a ciência de sua tradição!

Uma semana se passara desde aquele dia em que estivera com a Reverenda Madre. Suas palavras só agora começavam a ser totalmente compreendidas. Ali, sentado na sala de treinamento com Thufir Hawat, Paul sentiu o golpe incisivo do medo. Olhou para a expressão intrigada do Mentat.

— Para onde foi essa sua desatenção? — indagou Hawat.

— Encontrou a Reverenda Madre?

— Aquela bruxa, Reveladora da Verdade para o Império? — Os olhos de Hawat moveram-se rápidos com interesse.

— Eu a encontrei.

— Ela... — Paul hesitou, descobrindo-se incapaz de contar a Hawat a respeito de sua prova. As inibições eram muito profundas.

— Sim? O que é que ela fez?

Paul inspirou fundo duas vezes.

— Ela disse uma coisa. Fechou os olhos relembrando as palavras e, quando falou, sua voz assumiu inconscientemente o mesmo tom usado pela velha: — “Você, Paul Atreides, descendente de reis, filho do Duque, você deve aprender a governar. É algo que nenhum de seus ancestrais soube.” — Paul abriu os olhos dizendo: — Isto me deixou furioso e eu disse que meu pai governa um planeta inteiro. E ela disse: “Ele o está perdendo”, e eu respondi que meu pai

estava obtendo um planeta mais rico. Ela disse: “Ele vai perder aquele também.” Eu queria correr e avisar meu pai, mas ela disse que ele já tinha sido avisado por você, por mamãe, por muitas pessoas.

— É verdade — murmurou Hawat.

— Então por que nós vamos? — perguntou Paul.

— Porque o Imperador o ordenou. E porque existe esperança, a despeito do que aquela bruxa-espiã disse. Que mais brotou dessa antiga fonte de sabedoria?

Paul olhou para sua mão direita e fechou-a num punho sobre a mesa. Lentamente desejou que seus músculos relaxassem. “Ela colocou algum tipo de controle sobre mim”, pensou. “Mas

como?”

— Ela pediu-me que lhe dissesse o que é governar, e respondi que é comandar. E ela disse então que eu precisava desaprender algumas coisas.

“Ela atingiu o alvo no ponto exato”, pensou Hawat. Acenou para Paul continuar.

— Ela disse que um governante deve aprender a persuadir, não a compelir. Disse que ele deve ter sensibilidade para atrair os melhores homens.

— Como acha ela que seu pai atraiu homens como Duncan e Gurney?
— indagou Hawat.

Paul deu de ombros. — Então ela disse que um bom governante deve aprender a linguagem de seu mundo, que

é diferente para cada mundo. E eu pensei que ela se referia ao fato de eles não falarem Galach em Arrakis, mas ela explicou que não era isso. Ela queria dizer a linguagem das rochas e das coisas que crescem, a linguagem que você não escuta com seus ouvidos. E eu disse que isso é o que o Dr. Yueh chama de Mistério da Vida.

Hawat riu. — Como é que ela recebeu isso?

— Acho que ficou meio louca. Ela disse então que o mistério da vida não é um problema para ser resolvido, mas uma realidade para ser experimentada. Assim eu citei a Primeira Lei do Mentat para ela: “Um processo não pode ser interrompido para ser entendida. O entendimento deve vir com o fluxo do processo, deve se unir

a ele e fluir junto.” Isso pareceu satisfazê-la.

“Ele parece estar conseguindo se dominar”, pensou Hawat, “mas aquela velha bruxa o assustou. Por que ela fez isso?”

— Thufir — indagou Paul —, Arrakis vai ser tão ruim quanto ela disse?

— Nada pode ser tão ruim — respondeu Hawat forçando um sorriso. — Tome aqueles Fremen como exemplo, o povo renegado do deserto. Através da análise de primeira aproximação eu posso lhe dizer que eles são muitos, muitos mais do que o Império suspeita. Pessoas vivem lá, garoto, muitas pessoas e... — Hawat colocou um dedo musculoso diante do olho — eles odeiam os Harkonnen com uma paixão sangrenta. Você não deve

sussurrar uma palavra disto, garoto. Eu lhe digo apenas como ajudante de seu pai.

— Meu pai me contou a respeito de Salusa Secundus. Você sabe, Thufir, parece-se muito com Arrakis... talvez não tão ruim, mas semelhante.

— Não sabemos muito sobre Salusa Secundus hoje em dia disse Hawat. — Somente como era há muito tempo. Mas o que se sabe lhe dá razão.

— Será que os Fremen vão nos ajudar?

— É uma possibilidade. — Hawat levantou-se. — E estou partindo hoje para Arrakis. Enquanto isso, pense num velho que se orgulha de você e tenha cuidado, está bem? Venha cá como um bom rapaz, e sente-se de frente para aquela porta. Não é que eu acredite que

exista algum perigo no castelo, é apenas para formar um hábito.

Paul levantou-se e deu a volta na mesa. — Vai embora hoje?

— Hoje, sim, e você seguirá amanhã. A próxima vez que nos encontrarmos será sobre o solo de um novo mundo. — Ele segurou o braço direito de Paul na altura do bíceps. — Mantenha o braço da faca desimpedido e seu escudo a plena carga. — Soltou o braço e bateu levemente no ombro do rapaz. Depois virou-se, caminhando rapidamente para a porta.

— Thufir! — chamou Paul. Hawat voltou-se, diante da porta aberta. — Não fique de costas para a porta — disse Paul. Um sorriso abriu-se no velho rosto enrugado. — Isso eu não farei, garoto.

Confie nisso. — E ele se foi, fechando a porta suavemente. Paul sentou-se onde Hawat estivera, arrumando os papéis. “Mais um dia aqui”, pensou. Olhou em torno da sala. “Estamos partindo.” E a idéia da partida tornou-se subitamente mais real para ele do que jamais fora. Lembrou-se de outra coisa que a velha dissera a respeito de um mundo ser a soma de muitas coisas: as pessoas, a poeira, as coisas que crescem, as luas, as marés, os sóis — a soma desconhecida chamada natureza, um total vago sem qualquer noção do agora. E ele se perguntara: “O que é o agora?” A porta abriu-se bruscamente e um homem feio e corpulento lançou-se através dela, carregando um punhado de armas.

— Bem, Gurney Halleck —

perguntou Paul —, é você o novo mestre de armas? Halleck chutou a porta com o calcanhar para fechá-la. — Você prefere que eu venha para jogar jogos, eu sei — disse, enquanto olhava para a sala, percebendo que os homens de Hawat já estavam lá, verificando, tornando-a segura para um herdeiro do Duque. Os sinais sutis do código estavam em toda parte. Paul observou o homem feio e bamboleante se colocar em movimento, virar na direção da mesa de treino com sua carga de armas, viu o baliset de nove cordas a tiracolo como o multiestilete enfiado entre as cordas próximo do teclado. Halleck despejou as armas sobre a mesa, alinhando-as: floretes, punhais, kindjals, atordoadores de projéteis lentos, e cinturões-escudos. A cicatriz nítida em

seu queixo retorcia-se quando ele se voltou, lançando um sorriso através da sala.

— Será que você não dá ao menos um bom dia para mim, seu moleque? E que agulha você espetou no velho Hawat? Ele passou por mim no corredor como um homem que se apressa para o funeral de seu inimigo.

Paul sorriu. De todos os homens de seu pai, era de Gurney Halleck que ele gostava mais; conhecia seus humores e diabruras, e considerava-o mais como um amigo do que como uma espada alugada.

Halleck tirou o baliset do ombro e começou a afiná-lo:

— Se não falas eu não falo — disse.

Paul levantou-se e avançou pela

sala dizendo:

— Bem, Gurney, você vem preparado para a música quando é tempo de luta?

— Então hoje é o dia de ser insolente para com os velhos — comentou Halleck. Ele tentou uma corda do instrumento e acenou com a cabeça.

— Onde está Duncan Idaho? — indagou Paul. — Não é ele que deve ensinar-me o manejo das armas?

— Duncan se foi para liderar a segunda onda sobre Arrakis respondeu Halleck. — Tudo que sobrou foi o pobre Gurney, que está saindo da briga e doido por música. — Tocou outra corda e escutou sorrindo.

— E foi decidido no conselho que, sendo você tão mau lutador, é melhor

ensinar-lhe música, assim você não desperdiçará a vida por inteiro.

— Então é melhor me cantar uma balada — disse Paul.,— Eu quero ter certeza de como não fazê-lo.

— Ah, ah, ah! — riu Gurney e começou com “Garotas Galacianas”, seu multiestilete movendo-se como um borrão sobre as cordas enquanto ele cantava:

*“Oh-h-h, as garotas Galacianas
Farão tudo por pérolas,
E as de Arrakis por água!
Mas se desejas damas
Que incendeiem como chamas
Tente uma irmã de Caladan!”*

— Não está mau para uma péssima

mão com o estilete comentou Paul. — Mas se minha mãe o ouvir cantando esse tipo de canção neste castelo, ela pendurará suas orelhas na parede externa, como decoração.

Gurney puxou a orelha direita. — Pobre decoração elas dariam, estão muito arranhadas de escutar em fechaduras enquanto um rapaz que conheço pratica algumas estranhas modinhas em seu baliset.

— Ah, sim, esqueceste o que é encontrar areia em sua cama — disse Paul enquanto apanhava um escudo-cinturão da mesa e o afivelava rapidamente na cintura. — Então vamos lutar!

Os olhos de Halleck se arregalaram num espanto fingido.

— Ah! foi a sua mão travessa que

executou aquela façanha! Em guarda, jovem mestre! Tenha cuidado por hoje! — Ele pegou um florete, cortando o ar em golpes sucessivos. — Sou um demônio em busca de vingança!

Paul ergueu o florete, curvou-o em suas mãos e assumiu a posição aguile com um pé adiante. Adotou uma atitude solene, numa imitação cômica do Dr. Yueh.

— Que pateta meu pai me enviou para treino de armas — entoou Paul. — Esse parvo Gurney Halleck esqueceu-se da primeira lição para um combatente com armas e escudo. — Apertou o botão da força em sua cintura, sentindo o arrepio na pele que indicava o campo defensivo em sua testa e ao longo das costas, ouviu todos os sons exteriores

tomarem a característica tonalidade desafinada, provocada pela filtragem do escudo.

— Numa luta com escudo é preciso ser rápido na defesa e lento no ataque — recitou Paul. — O propósito é levar o oponente a cometer um erro, tornando-o suscetível a um ataque pela esquerda. O escudo repele o golpe rápido, e torna-se vulnerável à lenta kindjal! — Paul golpeou com o florete, simulando um ataque, para rapidamente recuar, agora pronto a um impulso lento, medido para penetrar as defesas do escudo.

Halleck observou os movimentos, voltando-se no último instante para deixar a lâmina cega passar junto de seu peito.

— Velocidade excelente —

comentou. — Mas abriu a guarda, ficando exposto a um contragolpe por baixo.

Paul recuou, desapontado.

— Eu devia dar-lhe umas palmadas na retaguarda por tal descuido — disse Halleck, e levantou uma kindjal da mesa, exibindo-a com a ponta para cima. — Isto, na mão de um inimigo, pode sangrá-lo até a morte! Você é um bom aluno, nada mais que isso, e eu lhe avisei que nem mesmo em treino deve deixar um homem penetrar sua guarda com a morte nas mãos.

— Acho que não estou disposto hoje — disse Paul.

— Disposto? — A voz de Halleck denunciava seu ultraje até mesmo sob a filtragem do escudo. — Que tem disposição a ver com isso? Você luta

quando é necessário, não importa a disposição! Disposição é coisa para gado, para fazer amor ou tocar baliset. Não é para lutar.

— Sinto muito, Gurney.

— Não sente o bastante.

Halleck ativou seu próprio escudo e agachou-se com a kindjal pronta para o golpe na mão esquerda, o florete erguido na direita.

— Agora eu digo em guarda para valer! — E saltou alto para um lado, e logo para a frente, num furioso ataque.

Paul recuou aparando os golpes. Sentia o campo estalando enquanto as extremidades dos escudos se tocavam e se repeliam, sentia a comichão elétrica do contato ao longo da pele. “Que há com o Gurney?”, perguntou a si mesmo. “Ele

não está simulando esse ataque.” Moveu a mão esquerda, deixando o punhal escorregar em sua palma, desde a bainha no pulso.

— Está necessitando de uma lâmina extra, hein? — grunhiu Halleck.

“Será isso uma traição?”, pensou Paul. “Certamente não o Gurney!” Eles lutaram ao longo da sala: estocada e parada, arдил contra arдил. O ar dentro de sua bolha-escudo tornando-se viciado devido às demandas que a lenta permuta, ao longo das bordas da barreira, não podia suprir. A cada novo contato dos escudos o cheiro de ozônio tornava-se mais forte.

Paul continuou a recuar, mas agora dirigia sua retirada em direção à mesa de exercícios. “Se puder colocá-lo ao lado da

mesa eu lhe mostrarei um truque”, pensou. “Só mais um passo, Gurney.”

Gurney deu o passo. Paul aparou um golpe para baixo e voltou-se quando viu o florete de Halleck prender-se na borda da mesa. Lançou-se para o lado, golpeando alto com seu próprio florete e levando o punhal ao pescoço de Halleck. Parou a lâmina a uma polegada da jugular.

— É isto que procuras? — sussurrou Paul.

— Olhe para baixo, garoto — disse Halleck ofegante.

Ele obedeceu e viu a kindjal de seu oponente enfiada sob a mesa, a ponta quase tocando-lhe a virilha.

— Nós nos teríamos reunido na morte — disse Halleck. — Mas admito

que você luta melhor quando pressionado. E quando parece ficar disposto. — Sorriu de modo cruel, a cicatriz nítida tremendo ao longo do queixo.

— O modo como me atacou... — observou Paul. — Você teria realmente me feito sangrar?

Halleck recolheu a faca e ficou ereto. — Se tivesse lutado um pouquinho abaixo de suas habilidades, eu o teria deixado com uma cicatriz para se lembrar. Não quero que meu pupilo favorito caia diante do primeiro vagabundo Harkonnen que lhe aparecer.

Paul desativou o escudo e apoiou-se sobre a mesa para tomar fôlego.

— Eu mereci isso, Gurney. Mas você teria deixado meu pai furioso se me

ferisse. Não quero que seja punido por minhas faltas.

— Quanto a isso — respondeu Halleck —, foi minha falta também. Mas não se incomode com uma ou duas cicatrizes de treinamento. Tem sorte de ter tão poucas; e quanto a seu pai, o Duque me puniria somente se eu falhasse em fazer de você um lutador de primeira classe. E eu estaria falhando se não lhe explicasse a falácia que é esta idéia de disposição que desenvolveu ultimamente.

Paul se levantou, colocando o punhal de volta na bainha do punho.

— Não é brincadeira o que fazemos aqui — acrescentou Halleck.

Paul concordou com um aceno. Sentia um certo espanto com a seriedade anormal de Halleck, sua veemência sóbria.

Olhou para a cicatriz cor de beterraba no queixo do homem, lembrando-se da história que contava como ela fora produzida por Rabban, a Besta, num fosso de escravos dos Harkonnen, em Giedi Prime. E Paul sentiu-se envergonhado por ter duvidado de Halleck ainda que por um instante. Ocorria-lhe agora que aquela cicatriz, ao ser produzida, fora acompanhada por uma dor tão intensa, talvez, quanto aquela infligida pela Reverenda Madre.

Procurou afastar o pensamento que gelava seu mundo.

— Suponho que esperasse me divertir um pouco hoje: as coisas andam tão sérias por aqui ultimamente.

Halleck voltou-se para esconder suas emoções. Alguma coisa ardia-lhe os

olhos. Sentia-se dolorido, como se houvesse sofrido uma queimadura; e isso era tudo que restara de um dia perdido, que lhe fora arrancado pelo tempo.

“Quão cedo esta criança deve assumir sua maturidade”, pensou. “Quão cedo ela deve aprender a ler aquele padrão em sua mente, aquele contrato de cautela brutal para ordenar os fatos necessários, no encadeamento necessário.”

— Por favor, enumere seus parentes mais próximos pediu Paul.

Halleck respondeu sem se voltar: — Eu percebi que você queria se divertir, jovem, e nada me agradaria mais do que me unir a você na brincadeira. Mas não podemos brincar mais. Amanhã vamos para Arrakis, e Arrakis é real. Os

Harkonnen são reais.

Paul tocou a testa com a lâmina do florete voltada para cima.

Halleck viu a saudação e respondeu com um aceno, depois indicou o boneco-alvo.

— Agora vamos exercitar sua velocidade. Deixe-me ver como você responde àquela coisa. Eu a controlarei daqui, de onde posso ter uma visão completa da ação. E devo adverti-lo de que estarei tentando novos contragolpes hoje. Este é um aviso que não terá de um inimigo real.

Paul esticou os dedos dos pés, para aliviar os músculos. Sentia-se solene ante a súbita percepção de que sua vida tornara-se repleta de rápidas mudanças. Caminhou até o boneco, acionou o botão

no peito da coisa com a ponta de seu florete, e sentiu o campo defensivo repelir a lâmina.

— Engarde!— gritou Halleck, e o boneco atacou.

Paul ativou seu escudo, aparou o golpe e contra-atacou.

Halleck observava, enquanto manipulava os controles. Sua mente parecia-lhe dividida em duas partes: uma delas alerta às necessidades do treinamento e a outra vagueando como uma mosca irrequieta.

“Sou uma árvore frutífera bem treinada”, pensou. “Cheia de sentimentos e habilidades bem treinadas, todos enxertados em mim para outros colherem.”

Por algum motivo ele se lembrava

de sua irmã mais jovem, com seu rosto de duende, tão claro em sua mente. Mas ela estava morta agora, morta numa casa de prazeres para as tropas dos Harkonnen. Ela adorava flores como amores-perfeitos, ou seriam margaridas? Não conseguia lembrar as flores favoritas de sua irmã e isso o incomodava muito.

Paul repeliu um lento giro do boneco, golpeou para cima com sua mão esquerda entretisser.

“Aquele diabinho esperto!”, pensou Halleck, agora atento aos movimentos das mãos entrelaçadas de Paul. “Ele tem estudado e praticado por conta própria. Aquele não é o estilo Duncan, e certamente não é nada que eu lhe tenha ensinado.”

Esse pensamento apenas

aumentava a tristeza de Halleck: “Estou contaminado pela melancolia.” Começou a pensar a respeito de Paul, se o rapaz algum dia ouvira temeroso as batidas do próprio coração, no travesseiro durante a noite.

— Se desejos fossem peixes, todos nós lançaríamos as redes murmurou.

Era uma expressão usada por sua mãe, e que ele sempre repetia quando a escuridão do amanhã estava quase a envolvê-lo. Então pensou como seria estranho levar esse ditado para um planeta que nunca conhecera mares ou peixes.

YUEH (yü'e), Wellington (aveling-tun), Stdrd 10, 082 - 10, 191; doutor em medicina pela Escola Suk em Stdrd 10,112); ma.— Wanna Marcus, B. G. (Stdrd 10,092-

10,186?); conhecido principalmente como traidor do Duque Leto Atreides. (Cf *Bibliografia Apêndice (Condicionamento Imperial e Traição, A)*).

— *do Dicionário do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan*

Embora ouvisse o Dr. Yueh entrar na sala de treinos, notando a rígida cautela nos passos do homem, Paul permaneceu esticado na mesa de exercícios, com o rosto para baixo, exatamente como o massagista o deixara. Sentia-se deliciosamente descontraído depois do treino com Gurney Halleck.

— Você parece confortável — comentou Yueh com voz aguda, caracteristicamente calma.

Paul ergueu a cabeça, vendo a figura magra do homem parado a vários passos de distância; observou a roupa negra vincada, o bloco quadrangular da cabeça com os lábios purpúreos e o bigode caído, a tatuagem do Condicionamento Imperial em forma de diamante na testa; o cabelo negro comprido, preso no anel prateado da Escola Suk, no ombro esquerdo.

— Ficaré feliz em saber que não teremos tempo para uma lição normal hoje — disse Yueh. — Seu pai estará aqui dentro em pouco.

Paul se sentou.

— Entretanto, eu consegui para você um leitor de livros filmada e várias lições, durante a travessia para Arrakis.

— Oh!

Paul começou a se vestir. Sentia-se excitado com a vinda de seu pai. Eles haviam passado muito pouco tempo juntos, desde a ordem do Imperador para assumir o feudo de Arrakis.

Yueh caminhou até a mesa pensando: “Como o rapaz se desenvolveu nesses últimos meses. Que desperdício! Oh! que triste desperdício”. Depois se lembrou: “Eu não devo falhar. O que faço é para garantir que minha Wanna não possa mais ser ferida pelas bestas Harkonnen”.

Paul reuniu-se a ele na mesa, abotoando a jaqueta.

— O que eu estarei estudando na viagem?

— Ah-h-h-h, as formas de vida terrânicas de Arrakis. O planeta parece

ter aberto seus braços para certas formas de vida terrânicas. E não está claro como isso aconteceu. Quando chegarmos, devo procurar o ecologista planetário — um certo Dr. Kynes — e oferecer minha ajuda nas investigações.

E Yueh pensou: “O que estou dizendo? Sou hipócrita até comigo mesmo.”

— Haverá algo sobre os Fremen?
— indagou Paul.

— Os Fremen? — Yueh tamborilou com os dedos sobre a mesa, percebeu que Paul notava o movimento nervoso e recolheu a mão.

— Será que você tem alguma coisa a respeito da população de Arrakis em geral?

— Sim, certamente — disse Yueh.

— Há duas divisões do povo, de um modo geral. Os Fremen formam um grupo, e os outros são o povo dos pegas, pias e panelas. Existem casamentos mistos, já me disseram. As mulheres das vilas pias e panelas preferem maridos Fremen; seus homens preferem esposas Fremen; eles têm um ditado: “Polidez vem das cidades, sabedoria do deserto.”

— Tem gravuras deles?

— Vou ver o que posso conseguir para você. O detalhe mais interessante são os olhos, totalmente azuis, sem nenhum branco.

— Mutação?

— Não, é relacionado à saturação do sangue com melange.

— Os Fremen devem ser corajosos para viverem nas orlas do deserto.

— Completamente. Eles compõem poemas sobre suas facas. As mulheres são tão violentas quanto os homens. Até mesmo as crianças Fremen são perigosas e violentas. A você não será permitido misturar-se com eles, atrevo-me a dizer.

Paul olhou para Yueh, encontrando nesses poucos vislumbres dos Fremen um poder verbal que captava toda a sua atenção.

“Que gente para ganhar como aliados!”

— E os vermes?

— O quê?

— Eu gostaria de estudar um pouco mais a respeito dos vermes da areia.

— Ah, certamente. Tenho um livro-filme de um pequeno espécime, com

apenas cento e dez metros de comprimento e vinte e dois metros de diâmetro. Foi filmado nas latitudes do norte.

Vermes com mais de quatrocentos metros de comprimento já foram registrados por testemunhas confiáveis, e há motivos para se acreditar que existam outros maiores ainda.

Paul observou a carta da projeção cônica das latitudes austrais de Arrakis aberta sobre a mesa.

— O cinturão do deserto e as regiões polares sul estão marcados como inabitáveis. É por causa dos vermes?

— E das tempestades.

— Mas qualquer lugar pode ser tornado habitável.

— Se for economicamente viável

— observou Yueh. — Arrakis tem muitos perigos que tornam isso dispendioso. — Alisou o bigode pendente. — Seu pai estará aqui logo. Antes de partir, tenho um presente para você, algo que encontrei enquanto embrulhava minhas coisas. Ele colocou um objeto sobre a mesa, era preto, oblongo e menor do que o polegar de Paul.

O rapaz simplesmente olhou. Yueh percebeu como Paul não estendia a mão para pegar e pensou: “Como é cauteloso!”

— Isso é uma Bíblia Católica Laranja muito antiga, feita para uso de viajantes espaciais. Não é um livro-filme e sim algo verdadeiramente impresso em papel de filamento. Tem seu próprio

amplificador e sistema de carga eletrostática. — Pegou o objeto e demonstrou. — O livro é mantido fechado por uma carga, que força contra as capas fechadas por molas. Você pressiona as bordas, assim, e as páginas que selecionou se repelem uma contra a outra, fazendo o livro se abrir.

— É tão pequeno.

— Mas tem mil e oitocentas páginas. Você pressiona a borda, deste modo, e a carga se move adiante, uma página de cada vez, enquanto lê. Nunca toque as páginas com seus dedos. O filamento do tecido é muito delicado.

Fechou o livro e passou-o para Paul. — Experimente.

Yueh observou Paul operar o ajuste de páginas, enquanto pensava:

“Salvo minha própria consciência, dando-lhe o conforto da religião antes de atraí-lo. Assim posso dizer a mim mesmo que ele se foi para onde eu jamais irei.”

— Isso deve ter sido feito antes dos livros-filmes — disse Paul.

— É muito antigo. Vamos fazer disso um segredo nosso, certo? Seus pais podem julgar que é muito valioso para ser dado a alguém tão jovem.

E Yueh pensou: “Sua mãe certamente desconfiaria de meus motivos.”

— Bem... — Paul fechou o livro, segurando-o em sua mão. — Se é tão valioso...

— Satisfaça o desejo de um velho — disse Yueh. — Isso me foi oferecido

quando eu era muito jovem. — E pensou: “Devo captar sua imaginação, assim como sua cupidez.” — Abra-o no Kalima quatorrosenta e sete, onde diz: “Na água toda vida começa”. Há um leve chanfro na borda da capa para marcar o lugar.

Paul sentiu duas ranhuras na capa, uma mais rasa que a outra.

Apertou a mais rasa e o livro se abriu em sua palma, o ampliador deslizando em posição.

— Leia em voz alta — pediu Yueh.

Paul umedeceu os lábios com a língua e leu: — “Pense no fato de que uma pessoa surda não pode ouvir. E então que outros tipos de surdez não podemos possuir? Que sentidos não faltarão que não possamos ver e ouvir

outros mundos à nossa volta? O que existe em torno de nós que não...”

— Pare! — gritou Yueh.

Paul olhou-o surpreso.

Yueh fechou os olhos, lutando para recobrar a compostura.

“Que perversidade fez com que o livro se abrisse na passagem favorita de minha Wanna?” Abriu os olhos e viu Paul a fitá-lo.

— Algo errado? — indagou o rapaz.

— Eu sinto muito — disse Yueh. — Este era o trecho favorito de minha falecida esposa. Não é aquele que eu tencionava que lesse. Ele traz de volta lembranças que são dolorosas.

— Há dois chanfros — observou Paul.

“É claro”, pensou Yueh. “Wanna marcou sua passagem. Os dedos dele são mais sensíveis que os meus e encontraram a marca que ela deixou. Foi um acidente, não mais que isso.”

— Talvez ache o livro interessante. Tem muita verdade histórica, assim como boa filosofia ética.

Paul olhava para o minúsculo livro em sua mão, uma coisa tão pequena e no entanto continha um mistério — alguma coisa acontecera enquanto lia. Sentira algo sacudir o seu terrível propósito.

— Seu pai estará aqui a qualquer momento. Deixe o livro de lado e leia quando quiser.

Paul tocou na borda, como Yueh demonstrara, e o livro selou-se. Guardou-o em sua túnica. Por um momento,

quando Yueh gritara, Paul temera que o homem exigisse o livro de volta.

— Eu lhe agradeço o presente, Dr. Yueh — falou com formalidade. — Será nosso segredo. Se existe um favor que deseje de mim, não hesite em pedir.

— Eu... não preciso de nada — respondeu Yueh.

E pensou: “Por que fico aqui me torturando? E atormentando este pobre rapaz... embora ele de nada saiba. Malditas bestas Harkonnen! Por que me escolheram para sua abominação?”

Como devemos abordar o estudo do pai do Muad'Dib? Um homem de insuperável cordialidade e surpreendente frieza foi o Duque Leto Atreides. Todavia, muitos fatos abrem passagem para o entendimento do Duque: seu permanente amor pela dama Bene Gesserit; os sonhos que ele tinha em relação a seu filho; a

devoção dos homens que o serviam. Você o vê lá — um homem enredado pelo destino, uma figura solitária, seu brilho ofuscado pela glória de seu filho. E todavia alguém se pergunta: que é o filho senão uma extensão de seu pai?

— de Comentários sobre a família do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan

Paul observou seu pai entrar na sala de treinamentos e viu os guardas tomarem posição no lado de fora. Um deles fechou a porta. Como de costume, Paul experimentava um sentimento de presença em seu pai, alguém inteiramente unido à realidade do momento.

O Duque era alto, de pele escura. Seu rosto era magro e anguloso, suavizado apenas pelos olhos cinzentos e

profundos. Ele usava um uniforme de trabalho negro, com a crista do falcão heráldico no peito. Um cinturão-escudo platinado, com a pátina do excesso de uso, envolvia-lhe a cintura estreita.

O Duque indagou: —
Trabalhando duro, filho?

Caminhou até a mesa, observando os papéis sobre ela, percorrendo a sala com o olhar até parar em Paul. Sentia-se cansado, impregnado da dor causada pelo esforço em ocultar a fadiga. “Devo usar de toda a oportunidade disponível para repousar durante a travessia para Arrakis”, ele pensou. “Não haverá repouso em Arrakis.”

— Não muito duro — respondeu Paul. — Tudo é tão... — deu de ombros.

— Sim, bem, amanhã nós

partimos. Será bom estar instalado na nova casa, com toda esta confusão esquecida.

Paul acenou, subitamente dominado pela lembrança das palavras da Reverenda Madre: “... para o pai, nada.”

— Pai, Arrakis será tão perigoso quanto todos dizem?

O Duque forçou um gesto casual, sentou-se num canto da mesa e sorriu. Todo um padrão de conversação formou-se em sua mente, o tipo de coisa que ele usaria para combater a melancolia em seus homens antes da batalha. O padrão gelou-se antes de ser vocalizado, confrontado por um único pensamento: “Este é o meu filho.”

— Será perigoso — admitiu.

— Hawat contou-me que nós

temos um plano para os Fremmen — disse Paul enquanto se perguntava: “Por que não conto a ele o que a velha disse? Como é que ela prendeu minha língua?”

O Duque percebeu a angústia de seu filho e explicou:

— Como sempre, Hawat vê a oportunidade principal. Mas há muito mais em jogo. Eu vejo também o Combine Honnete Ober Advancer Mercantiles — a Companhia CHOAM. Ao dar-me Arrakis, Sua Majestade é forçado a ceder-nos uma ditadura CHOAM... um ganho sutil.

— CHOAM controla a especiaria — observou Paul.

— E Arrakis com sua especiaria é nossa estrada para a CHOAM, mas existe mais na CHOAM do que apenas melange.

— A Reverenda Madre advertiu o senhor? — indagou Paul subitamente, suas mãos fechadas em punhos, com as palmas escorregadias de suor. Que esforço fora necessário para fazer esta simples pergunta!

— Hawat me contou que ela o assustou com avisos a respeito de Arrakis. Não deixe que os temores de uma mulher obscureçam sua mente. Nenhuma mulher deseja aqueles que ela ama em perigo. A mão por trás daquelas advertências era a de sua mãe. Considere-as como um sinal do amor que ela tem por nós.

— Ela sabe a respeito dos Fremen?

— Sim, e sobre muito mais.

— O quê?

“A verdade”, pensou o Duque, “pode ser pior do que ele imagina, mas

mesmo os fatos perigosos são valiosos, se você foi treinado para lidar com eles. E este é um detalhe em que nada foi poupado para meu filho: o aprendizado no manuseio de verdades perigosas. Esta deve, no entanto, ser peneirada, ele é jovem ainda.”

— Poucos produtos escapam ao controle da CHOAM explicou o Duque.
— Madeira, jumentos, cavalos, vacas, árvores, estrume, tubarões, pele de baleia — os mais prosaicos e os mais exóticos... até mesmo nosso pobre arroz pundi de Caladan. Qualquer coisa a Corporação transportará; as obras de arte de Ecaz, máquinas de Richeesse e Ix. Mas tudo isso perde a importância diante da melange. Um punhado de especiarias lhe compraria uma casa em Tupile. Ela não pode ser

sintetizada, deve ser minerada em Arrakis. Ela é única e tem propriedades geriátricas verdadeiras.

— E agora nós a controlamos?

— Até certo ponto. O importante é considerar todas as Casas que dependem dos lucros da CHOAM. E pensar que uma enorme proporção desses lucros é dependente de um único produto a especiaria. Imagine o que aconteceria se alguém reduzisse a produção da especiaria.

— Quem quer que houvesse estacado melange faria fortuna. — respondeu Paul. — Enquanto os outros estariam em dificuldades.

O Duque se permitiu um momento de amarga satisfação, olhando para seu filho e pensando quão perspicaz,

quão verdadeiramente culta aquela observação havia sido. Ele assentiu:

— Os Harkonnen têm estado armazenando por mais de vinte anos.

— Eles querem que a produção de especiaria seja interrompida e que você seja culpado.

— Eles desejam que o nome Atreides se torne impopular. Pense nas Casas de Landsraad que vêm em mim uma certa capacidade de liderança, seu orador não-oficial. Pense em como eles reagiriam se eu fosse o responsável por uma séria redução de seus tos. Afinal, os lucros de uma pessoa estão em primeiro lugar. A Grande Convenção que se dane, você não deixa alguém empobrecê-lo! — Um sorriso duro torceu a boca do Duque. Eles olharão para outro lado, não

importando o que seja feito comigo.

— Mesmo se formos atacados com atômicos?

— Nada de tão flagrante. Nenhum desafio aberto à Convenção. Mas quase tudo que não chegue a isso. Talvez até mesmo pulverização, e envenenamento do solo.

— Então, por que estamos caminhando ao encontro disso?

— Paul! — o Duque franziu a testa fitando o filho. — Conhecer onde está a armadilha, este é o primeiro passo para evitá-la. É como o combate individual, filho, somente que numa escala maior. Um estratagema dentro de um estratagema, dentro de outro. Parece não ter fim e nossa tarefa é descobri-la. Sabendo que os Harkonnen armazenaram

melange, fazemos a seguinte pergunta: “Quem mais armazenou?” Esta será a lista dos nossos inimigos.

— Quem?

— Certas Casas que sabíamos serem bastis, e algumas que pensamos serem amigas. Não precisamos levá-las em consideração por ora, porque existe alguém muito mais importante: nosso amado Imperador Padishah.

Paul tentou engolir, com a garganta subitamente seca. Não pode convocar a Landsraad? Denunciar...

— Fazendo com que nosso inimigo saiba que nós conhecemos qual a mão que empunha a faca? Ah, agora Paul... agora nós vemos a faca. Quem sabe para a mão de quem ela passaria a seguir? Se apresentarmos estes fatos perante a

Landsraad isso só criaria uma grande nuvem de confusão. O Imperador negaria tudo, e quem poderia contradizê-lo? Tudo que obteríamos seria um pouco de tempo, e estaríamos nos arriscando ao caos. E de onde viria o próximo ataque?

— Todas as Casas poderiam começar a armazenar a especiaria.

— Nossos inimigos têm uma boa dianteira, grande demais para ser alcançada.

— O Imperador, ou seja, o Sardaukar.

— Disfarçados com fardas dos Harkonnen, sem dúvida — disse o Duque. — Mas soldados fanáticos não obstante.

— Como poderiam os Fremen nos ajudar contra os Sardaukar?

— Hawat já lhe falou sobre Salusa Secundus?

— O planeta-prisão do Imperador? Não.

— E se ele fosse mais que um planeta-prisão, Paul? Existe uma pergunta que você nunca ouviu sendo feita em relação ao Corpo Imperial de Sardaukar: “de onde é que eles se originam?”

— Do planeta-prisão?

— Eles vêm de algum lugar.

— Mas os recrutas que o Imperador exige...

— Isso é o que nós somos levados a crer, que eles são apenas os recrutas treinados desde jovens, e muito bem preparados. Você ouve murmúrios ocasionais a respeito dos quadros de treinamento do Imperador, mas o

equilíbrio de nossa civilização permanece o mesmo: as forças militares das Grandes Casas de Landsraad de um lado, o Sardaukar e os recrutados de apoio do outro. E seus recrutados de apoio, Paul. O Sardaukar permanece Sardaukar.

— Mas todos os relatórios sobre Salusa Secundus dizem que lá é um mundo infernal!

— Sem dúvida. Mas se você fosse formar homens duros, fortes e ferozes, que condições ambientais você imporia sobre eles?

— Como poderia ganhar a lealdade de homens assim?

— Existem modos comprovados: jogue com o conhecimento certo da superioridade deles, a mística do pacto de segredo, o espírito do sofrimento

compartilhado. Pode ser feito. Tem sido feito em muitos mundos, em várias épocas.

Paul assentiu, mantendo sua atenção no rosto de seu pai. Percebia alguma revelação iminente.

— Considere Arrakis — disse o Duque. — Quando você deixa o interior das cidades e vilas é tão terrível quanto Salusa Secundus.

Paul arregalou os olhos. — Os Fremen!

— Nós temos lá o potencial para um grupo tão forte e mortífero quanto o Sardaukar. Exigirá paciência para treiná-los secretamente, e riqueza para equipá-los devidamente. Mas os Fremen estão lá... e a riqueza da especiaria também. Percebe agora por que vamos para

Arrakis sabendo que lá existe uma armadilha?

— Os Harkonnen sabem a respeito dos Fremen?

— Os Harkonnen desprezam os Fremen, caçam-nos por esporte. Nunca se incomodaram sequer em contá-los. Conhecemos a política Harkonnen em relação às populações planetárias: gastar o mínimo possível para mantê-las, e só.

Os fios metálicos no símbolo do falcão cintilaram sobre o peito de seu pai, enquanto o Duque mudava de posição. — Percebe agora?

— Estamos negociando com os Fremen agora mesmo — disse Paul.

— Enviei uma missão liderada por Duncan Idaho. Duncan é um homem orgulhoso e impiedoso, mas fiel à

verdade. Creio que os Fremen vão admirá-lo. Se tivermos sorte, eles podem julgar-nos por ele: Duncan, o moralista.

— Duncan, o moralista — observou Paul. — E Gurney, o valoroso.

— Você os nomeia bem — disse o Duque.

E Paul pensou: “Gurney é um daqueles que a Reverenda Madre diz que suportam mundos... o valor dos bravos.”

— Gurney me contou que você se saiu muito bem com as armas hoje.

— Não foi o que ele me disse.

O Duque riu alto. — Calculei que Gurney seria cauteloso com suas palavras. Ele diz que você tem uma ótima consciência — em suas próprias palavras — da diferença entre o gume de uma lâmina e sua ponta.

— Gurney diz que não há arte em matar com a ponta, que isso deve ser feito com o gume.

— Gurney é um romântico — resmungou o Duque. Essa conversa sobre matar o perturbava, partindo de seu filho. — Eu preferia que você nunca precisasse matar, mas se a necessidade vier, faça do modo que puder, ponta ou gume. — Ele olhou para a clarabóia, na qual a chuva ainda tamborilava.

Vendo a direção do olhar de seu pai, Paul pensou nos céus úmidos lá fora, uma coisa jamais vista em Arrakis, e este pensamento nos céus colocou sua mente no espaço além deles.

— As naves da Corporação são realmente grandes? — indagou.

O Duque olhou para ele. — Esta

será sua primeira ocasião fora do planeta. Sim, elas são grandes. Estaremos viajando num Heighliner, porque a viagem é longa. Um Heighliner é realmente grande. Seus porões irão alojar todos os nossos transportes e fragatas num pequeno canto, nós seremos apenas uma pequena parte na carga do navio.

— E não seremos capazes de deixar nossas fragatas?

— Isso é parte do preço que se paga pela segurança da Corporação. Poderão existir naves dos Harkonnen bem ao nosso lado, e não teremos nada que temer delas. Os Harkonnen não poriam em perigo seus privilégios de transporte.

— Ficarei observando em nossas telas para ver se vejo um homem da

Corporação.

— Não vai. Nem mesmo seus agentes podem ver um Homem da Corporação. A Corporação é zelosa de sua privacidade e de seu monopólio. Não faça nada para ameaçar nossos privilégios de transporte, Paul.

— Acha que eles se escondem porque sofreram mutações e já não parecem humanos?

— Quem sabe? — O Duque deu de ombros. — Esse é um mistério que provavelmente não resolveremos. Temos problemas mais imediatas e você é um deles.

— Eu?

— Sua mãe queria que eu lhe dissesse isso, filho. Você é capaz de ter habilidades Mentat.

Paul fitou o pai, incapaz de falar por um momento, então:

— Mentat? Eu? Mas...

— Hawat concorda, filho. É verdade.

— Mas eu pensei que o treinamento Mentat tivesse de ser iniciado na infância, e que a pessoa não pudesse saber por que isso inibiria sua...

Ele interrompeu-se, todas as circunstâncias passadas focalizando-se numa rápida computação. — Eu percebo.

— Chega o dia — disse o Duque — em que o Mentat potencial deve aprender o que está sendo feito. Não pode mais ser feito por ele. O Mentat deve compartilhar a escolha quanto a continuar ou abandonar o treinamento. Alguns podem prosseguir, outros são

incapazes. Somente o Mentat potencial pode dizer com certeza sobre si mesmo.

Paul esfregou o queixo. Todo o treinamento especial de Hawat e de sua mãe, os mnemônicos, a focalização da consciência, o controle muscular e o aguçamento da sensibilidade, os estudos de linguagem e nuances de voz — tudo isso encaixava-se num novo tipo de compreensão em sua mente.

— Você será o Duque algum dia, filho — disse o pai. — E um duque Mentat pode ser formidável. Pode se decidir agora, ou precisa de mais tempo?

Não houve hesitação na resposta.

— Prosseguirei com o treinamento.

— Formidável — murmurou o Duque, e Paul viu um sorriso de orgulho

no rosto de seu pai. O sorriso deixou-o chocado. Dava uma aparência de caveira às feições magras do Duque. Paul fechou os olhos sentindo o “terrível propósito” despertando em seu interior. “Talvez ser um Mentat seja um propósito terrível”, pensou ele.

Mas mesmo enquanto focalizava esse pensamento, sua nova consciência o negava.

Com Lady Jessica e Arrakis, o sistema Bene Gesserit de recriar lendas proféticas através da Missionária Protetora obteve plenos resultados. A sabedoria de recriar o universo conhecido com um padrão de profecias para a proteção do pessoal B. G. há muito tem sido

apreciada, mas nunca observada numa condição in extremis, com um casamento mais do que ideal entre pessoa e preparação. As lendas proféticas tinham tomado conta de Arrakis até mesmo em rótulos adotados (incluindo o canto da Reverenda Madre e a maior parte da Shan-a panoplia propbeticus). Considera-se, de um modo geral, atualmente, que as habilidades latentes de Lady Jessica foram grosseiramente subestimadas.

— *de Análise da Crise de Arrakeen, escrito pela Princesa Irulan [circulação restrita: B.G. número de arquivo AR-81088587]*

Em volta de Lady Jessica —

empilhados em cantos do grande salão Arrakeen, amontoados em espaços abertos — erguia-se a carga empacotada de suas vidas: caixas, valises, baús, engradados, alguns parcialmente esvaziados. Ela podia ouvir os montacargas da lançadeira da Corporação depositando outra remessa na entrada.

Jessica ficou de pé no centro do salão. Virou-se lentamente olhando para cima e em volta, para as esculturas sombreadas, gretas e janelas em profundos nichos. Esse gigantesco anacronismo da sala fazia com que ela se lembrasse do Hall das Irmãs em sua Escola Bene Gesserit. Mas na escola o efeito era acolhedor, enquanto aqui tudo era pedra nua.

Algum arquiteto fora buscar muito

tempo atrás, na história, os motivos para essas paredes em arcobotante e escuros ornatos suspensos, pensou Jessica. O teto em abóbada elevava-se dois pavimentos acima dela, com grandes vigas mestras que, tinha certeza, haviam sido transportadas para Arrakis através do espaço, mediante um custo monstruoso. Nenhum planeta nesse sistema cultivava árvores de que se pudesse fazer semelhantes vigas, a não ser que as vigas fossem imitação de madeira.

Ela achava que eram verdadeiras.

Essa fora a mansão do governo nos dias do Velho Império. Custos haviam sido de menor importância, então. Isso fora antes dos Harkonnen e sua nova megalópolis Carthag: um lugar barato e reluzente como latão, uns duzentos

quilômetros a nordeste, através da Terra Partida. Leto fora sábio em escolher esse lugar para assento de seu governo. O nome Arrakeen tinha um som agradável, cheio de tradição. E esta era uma cidade pequena, fácil de defender e esterilizar.

O som de caixas sendo descarregadas soou novamente na entrada. Jessica suspirou.

Contra uma caixa de papelão à sua direita erguia-se uma pintura do pai do Duque. Fios de embalagem pendiam como decoração estragada, e um pedaço de fio ainda estava preso na mão esquerda de Jessica. Ao lado da pintura havia uma cabeça de touro negro, montada num quadro polido. A cabeça era uma ilha negra num mar de papel estofado. A placa estava colocada sobre o solo, enquanto o

focinho brilhante do touro apontava para o teto, como se o animal estivesse a ponto de emitir um berro nessa sala ecoante.

Jessica imaginava que tipo de compulsão a levava a desempacotar aquelas duas coisas em primeiro lugar — a pintura e a cabeça de touro. Sabia haver algo de simbólico na ação. Desde o dia em que os compradores do Duque a tinham retirado da escola, nunca se sentira tão assustada e insegura.

A cabeça e a pintura.

Elas aumentavam seu senso de confusão. Ela estremeceu olhando para as janelas em fenda, lá em cima. Ainda era o início da tarde aqui, e nessas latitudes o céu parecia negro e frio — muito mais escuro que o cálido azul de Caladan. Uma pontada de saudade pulsou em seu

interior.

“Tão distante, Caladan.”

— Aqui estamos!

A voz era do Duque Leto.

Ela rodopiou vendo-o caminhar da passagem em arco para o salão de jantar. Seu uniforme negro de trabalho, com a crista vermelha do falcão no peito parecia poeirento e amassado.

— Julguei que se perdera neste lugar horrível — disse ele.

— É uma casa fria — respondeu ela. Olhava para seu porte alto, a pele escura que a fazia pensar em oliveiras, sol dourado e águas azuis. Havia fuligem de madeira no cinza de seus olhos, mas o rosto era de rapina: magro, cheio de ângulos e planos afiados.

Sentiu um súbito medo dele, e isso

apertou seu peito. Ele se tornara uma pessoa selvagem e impulsiva, desde a decisão de se curvar ante o comando do Imperador.

— A cidade inteira parece fria — acrescentou ela.

— É uma pequena cidade de guarnição, suja e poeirenta. Mas nós mudaremos isso. — Olhou ao redor da sala. — Estes são salões públicos para solenidades oficiais. Dei uma olhada em alguns dos apartamentos familiares da ala sul. São muito melhores. — Chegou mais perto tocando-a no braço, admirando-lhe a imponência.

E novamente ele se punha a pensar sobre a desconhecida linhagem de sua esposa: “Uma Casa renegada talvez? Alguma realeza ilegítima? Ela parece mais

nobre que o próprio sangue do Imperador.”

Sob a pressão de seu olhar ela se voltou, exibindo-lhe o perfil.

E ele percebeu não haver um único e preciso detalhe que realçasse sua beleza. O rosto era oval, sob uma touca de cabelos cor de bronze polido. Seus olhos eram bem separados, tão verdes e claros quanto os céus matutinos de Caladan. O nariz era pequeno, a boca ampla e generosa. Seu talhe era sóbrio: alto e com todas as curvas tendendo para o esbelto.

Lembrava-se que as irmãs leigas da escola chamavam-na de magricela, assim os compradores lhe haviam dito. Mas essa descrição simplificava em demasia. Ela trouxera de volta à linhagem dos Atreides uma beleza régia. Ele estava feliz de que

Paul se parecesse com a mãe.

— Onde está Paul? — indagou.

— Em algum lugar da casa, tomando suas lições com Yueh.

— Provavelmente na ala sul. Pensei ter ouvido a voz de Yueh, mas não tive tempo para olhar — ele disse. Olhou para ela hesitando. — Vim aqui somente para pendurar a chave do Castelo Caladan no salão de jantar.

Jessica prendeu a respiração, controlando o impulso para se lançar ao marido. Pendurar a chave. Havia uma finalidade no gesto.

Mas esse não era o lugar nem a ocasião para conforto.

— Vi nossa bandeira sobre a casa quando chegamos.

Ele olhou para a pintura do pai. —

Onde você vai pendurar esta?

— Em algum lugar daqui.

— Não. — A palavra soou monótona e final, dizendo-lhe que ela poderia tentar persuadi-la, mas seria inútil. Ainda assim ela teria de tentar, mesmo que o gesto só lhe servisse para provar que não poderia persuadi-lo.

— Meu senhor — disse ela —, se apenas me...

— A resposta continua sendo não. Eu vergonhosamente permito-lhe fazer quase tudo que deseja, mas não isso. Acabo de vir da sala de jantar onde existem...

— Meu senhor. Por favor!

— A escolha é entre sua digestão e minha dignidade ancestral, minha querida. Eles ficarão suspensos na sala de

jantar.

Ela suspirou: — Sim, meu senhor.

— Você pode retomar seu costume de jantar em seu quarto, sempre que for possível. Eu a esperarei em sua posição adequada apenas nas ocasiões formais.

— Obrigado, meu senhor.

— E não fique toda fria e formal comigo! Dê graças por nunca ter me casado com você, minha cara. Do contrário, seria seu dever reunir-se a mim na mesa durante cada refeição.

Ela manteve o rosto imóvel, e assentiu.

— Hawat já pôs nosso farejador de veneno sobre a mesa de refeições. Há um modelo portátil em seu quarto.

— Já antecipava este... desacordo.

— Minha querida, eu também penso em seu conforto. Já contratei os servos. Eles são nativos mas Hawat já verificou todos eles. São todos Fremeni e deverão servir até que nossa própria gente possa ser liberada de suas outras tarefas.

— Podemos realmente confiar em alguém deste lugar?

— Em qualquer um que odeie os Harkonnen. Você pode mesmo querer manter a governanta Shadout Mapes.

— Shadout — repetiu Jessica. — Um título Fremeni?

— Disseram-me que significa “caçamba”, uma palavra com nuances bem importantes aqui. Ela pode não lhe parecer a serva típica, embora Hawat a tenha em alta conta, baseado no relatório de Duncan. Eles estão convencidos de

que ela quer servir. Especificamente servir a você.

— Eu?

— Os Fremen souberam que você é Bene Gesserit. Existem lendas aqui sobre a Bege Gesserit.

“A Missionária Protetora”, pensou Jessica. “Nenhum lugar escapa à ação delas.”

— Isto quer dizer que Duncan foi bem-sucedido? Os Fremen serão nossos aliados?

— Não há nada definido — respondeu ele. — Eles querem nos observar um pouco, acredita Duncan. No entanto prometeram parar com os ataques contra nossas vilas exteriores, durante um período de trégua. Este é um ganho muito mais importante do que

pode parecer. Hawat me disse que os Fremen eram um espinho no pé dos Harkonnen, e que a extensão de seus estragos era um segredo bem guardado. Não teria sido bom o Imperador conhecer a ineficácia dos militares Harkonnen.

“Uma governanta Fremen”, meditou Jessica, retornando ao assunto Shadout Mapes. “Ela terá os olhos totalmente azuis.”

— Não deixe que a aparência dessa gente a engane. Existe uma força profunda e uma vitalidade sadia neles. Acho que serão tudo que nós necessitamos.

— É uma aposta perigosa — disse ela.

— Não vamos começar de novo.

Jessica forçou um sorriso. — Estamos comprometidos, sem dúvida nenhuma. — Ela recorreu ao rápido regime para obtenção de calma: duas inspirações profundas, o pensamento ritual, e então continuou: — Quando, eu seleccionar os aposentos, devo reservar algo especial para você?

— Algum dia deve me ensinar como faz isso. O modo como põe de lado suas preocupações e volta-se para os assuntos práticos. Deve ser um dom Bene Gesserit.

— É um dom feminino — respondeu ela.

Ele sorriu. — Bem, reserve salas. Certifique-se de que eu terei um escritório espaçoso próximo de meu quarto. Haverá mais trabalho burocrático

aqui do que em Caladan. E uma sala de guardas, é claro. Isto deve ser o suficiente. Não se preocupe quanto à segurança da casa. Os homens de Hawat verificaram isso profundamente.

— Tenho certeza de que sim.

Ele olhou para o relógio de pulso. — Deve verificar para que todos os marcadores de tempo estejam ajustados à hora local de Arrakis. Consegui um técnico para fazer isso. Ele virá dentro em breve. — Afastou uma mecha de cabelo da testa. — Devo retornar ao campo de pouso agora. A segunda lançadeira deve chegar a qualquer momento com meu pessoal de apoio.

— Não pode mandar Hawat recebê-los, meu senhor? Parece tão cansado.

— O bom Thufir está mais ocupado do que eu. Você sabe que este planeta está infestado com intrigas Harkonnen. Além disso, devo persuadir alguns dos mais treinados caçadores de especiaria a não partirem. Eles têm a opção, você sabe, com a mudança do feudo. E esse planetologista que o Imperador e a Landsraad instalaram como juiz da Mudança não pode ser comprado. Ele está concedendo a opção. Aproximadamente oitocentos homens treinados esperam partir com a lançadeira de especiaria e há uma nave de carga da Corporação esperando.

— Meu senhor... — ela interrompeu, hesitando.

— Sim?

“Ele não pode ser persuadido a

tentar fazer este planeta seguro para nós”, pensou ela “E não posso usar meus truques nele.”

— A que horas espera jantar? — perguntou ela.

“Não era isso que ela tencionava dizer”, pensou ele. “Ah, minha Jessica, se estivéssemos em algum outro lugar, qualquer lugar longe deste terrível planeta, sozinhos, nós dois, sem preocupações...”

— Comerei no refeitório dos oficiais, no campo. Não espere por mim até que seja bem tarde. E... ah, mandarei um guardacarro buscar Paul. Quero que ele venha à nossa conferência estratégica.

Limpou a garganta, como se fosse dizer mais alguma coisa, e então, sem aviso, virou-se, caminhando em direção à

entrada, onde Jessica podia ouvir mais caixas sendo depositadas. Sua voz soou uma vez por lá, uma voz de comando, desdenhosa, do modo como ele sempre se dirigia aos servos quando estava com pressa. Lady Jessica está no grande salão, junte-se a ela imediatamente.

A porta externa bateu.

Jessica voltou-se olhando para a pintura do pai do Duque Leto.

Fora feita por um artista famoso, Albe, durante a meia-idade do velho Duque. Ele fora representado em traje de toureiro, com uma capa magenta caída sobre o braço esquerdo. O rosto parecia jovem, dificilmente mais velho do que o próprio Leto agora, e com os mesmos traços aquilinos, o mesmo olhar cinzento. Ela cerrou as mãos em punhos, os braços

esticados, caídos nos lados do corpo, olhando com ódio para a pintura.

— Maldito sejas, maldito, maldito!
— sussurrou ela.

— Quais são suas ordens, nobre senhora?

Era uma voz de mulher, fina e estridente.

Jessica girou o corpo e olhou para baixo, vendo uma mulher de cabelos grisalhos, magra e ossuda, dentro de um vestido que parecia um saco marrom. A mulher parecia tão enrugada e ressequida quanto qualquer um dos membros da multidão que os saudara ao longo do caminho, desde o campo de pouso, naquela manhã. Cada nativo que vira neste planeta, pensou Jessica, parecia magro e subnutrido. E no entanto Leto

dissera que eles eram fortes e saudáveis. E lá estavam os olhos — aquele azul profundo, escuro, sem qualquer branco — olhos misteriosos, reservados. Jessica teve de se esforçar para não fitá-los.

A mulher acenou com a cabeça de um modo rígido, dizendo:

— Meu nome é Shadout Mapes, nobre senhora. Quais são suas ordens?

— Você pode me tratar por “minha senhora” — disse Jessica. — Eu não sou nobre. Sou apenas a concubina do Duque Leto.

Novamente, aquele modo estranho de assentir, a mulher fitou Jessica com uma indagação maliciosa. — Há uma esposa, então?

— Não, e nunca houve. Sou a única... companheira do Duque, a mãe de

seu herdeiro.

Enquanto falava, Jessica ria internamente do orgulho por trás de suas palavras. “Que foi mesmo que Santa Augustine disse? “A mente comanda o corpo, e ele obedece. A mente comanda a si mesma, e encontra resistência”. Sim, tenho encontrado mais resistências ultimamente. Se tivesse um refúgio sossegado que eu pudesse usar...”

Um estranho grito soou da estrada, fora da casa. Repetiu-se :

— Soo-soo-Sook! Soo-soo-Sook!
— e então — lkhut-eigh! lkhuteigh!
Depois novamente: — Soo-soo-Sook!

— Que é isso? — perguntou Jessica. — Ouvi várias vezes enquanto atravessávamos as ruas no carro, esta manhã.

— Apenas um vendedor de água, minha senhora. Mas não precisará se incomodar com eles. A cisterna daqui contém cinqüenta mil litros e é mantida sempre cheia. — Ela olhou para seu próprio vestido. — Por isso não preciso usar meu traje-destilador — comentou. — E nem estou morta!

Jessica hesitou, querendo interrogar essa mulher Fremen, precisando de informações para guiá-la. Todavia, buscar ordem na confusão do palácio era mais importante. Achava perturbador que a água fosse uma medida de riqueza nesse lugar.

— Meu esposo falou-me de seu nome, Shadout. Reconheço a palavra, é muito antiga.

— Conhece as línguas ancestrais

então? — indagou Mapes, aguardando a resposta com uma estranha curiosidade.

— Idiomas são o primeiro aprendizado de uma Bene Gesserit. Eu conheço a Bhotani Jib e a Chakobsa, todas as linguagens dos caçadores.

Mapes acenou: — Exatamente como diz a lenda.

Jessica se perguntou: “Por que eu fico jogando com esta fraude?” Mas os caminhos de uma Bene Gesserit eram tortuosos.

— Conheço as Coisas Negras e os caminhos da Grande Mãe — continuou Jessica, lendo sinais mais óbvios nas reações de Mapes e em sua aparência. — Misesces preja — disse ela na língua Chakobsa. — Andral t're gera! Trada cik buscakri misesces perakri...

Mapes recuou um passo, como se estivesse pronta a fugir.

— Eu sei muitas coisas — disse Jessica. — Sei que você deu à luz várias crianças, que perdeu entes queridos, ocultou seu medo e usou de violência. Usou e ainda vai usar. Eu sei muitas coisas.

Mapes disse em voz baixa: — Não queria ofendê-la, minha senhora.

— Você fala na lenda e busca respostas. Mas cuidado com as respostas que encontrar. Sei que veio preparada para a violência com uma arma oculta em seu corpete.

— Minha senhora, eu...

— Existe uma remota possibilidade de que você pudesse derramar meu sangue. Mas ao fazê-la

traria mais desgraças que seus piores temores fazem supor. Há coisas piores do que a morte, você sabe. Até mesmo para todo um povo.

— Minha senhora! — suplicou Mapes. Ela parecia a ponto de cair de joelhos. — A arma foi mandada como um presente para a senhora, caso provasse ser a Escolhida.

— E para me matar se eu não o provasse — acrescentou Jessica.

Aguardou, no relaxamento aparente que faz uma Bene Gesserit tão aterradora em combate.

“Agora veremos para que lado se inclina a decisão”, pensou.

Lentamente Mapes estendeu a mão para a gola do vestido, retirando uma bainha negra de onde se projetava um

punho igualmente preto, com saliências que se ajustavam à forma dos dedos. Segurou a bainha com uma das mãos e o punho com a outra, retirando uma lâmina cor de leite. Uma lâmina que parecia reluzir e cintilar com luz própria. Tinha gume duplo, como uma kindjal, e talvez vinte centímetros de comprimento.

— Conhece isto, minha senhora?

“Só podia ser uma coisa”, pensou Jessica, “a lendária faca cristalina de Arrakis, cuja lâmina nunca fora levada para fora do planeta, e da qual se sabia apenas através de rumores e mexericos.”

— É uma faca cristalina — respondeu.

— Não diga isso levemente. Conhece seu significado?

Jessica pensou: “Há um propósito

nesta pergunta. Aqui está a razão pela qual esta Fremem buscou emprego nesta casa; para fazer-me esta pergunta. Minha resposta poderá precipitar violência ou então... o quê? Ela quer que eu responda qual o significado de uma faca. Ela é chamada Shadout na língua Chakobsa. Faca, isto é, 'Produtor da Morte', em Chakobsa. Está se tornando inquieta, eu devo responder agora. Retardar é tão perigoso quanto responder erroneamente."

— Isto é 'Produtor'...

— Eighe-e-e-e-e! — uivou Mapes.

Era um som ao mesmo tempo de pesar e exaltação. Ela tremia tanto que a lâmina enviava agulhas cintilantes de luz, refletidas por toda a sala.

Jessica esperou, preparada.

Pretendera dizer que a faca era produtor da morte e então acrescentar a palavra ancestral, mas todos os sentidos a advertiam agora, todo o treinamento de vigília que expunha significados na mais involuntária contração muscular.

A palavra-chave é Produtor.

“Produtor? Produtor.”

Mapes ainda segurava a faca erguida, como se tencionasse usá-la.

Jessica acrescentou: — Você acha que eu, conhecendo os mistérios da Grande Mãe, não conheceria o Produtor?

Mapes abaixou a faca. — Minha senhora, quando se vive com a profecia por tanto tempo, o momento da revelação é um choque.

Jessica lembrava-se da profecia — a Shari-a e toda a panoplia propheticus,

uma Bene Gesserit das Missionárias Protetoras desembarcada aqui há muitos séculos atrás — a essa altura já morta, há muito tempo, mas com sua missão cumprida: as lendas protetoras, implantadas nesse povo para o dia em que uma Bene Gesserit necessitasse.

Bem, o dia chegara.

Mapes recolocou a faca na bainha, dizendo: — Esta é uma lâmina ainda não assentada, minha senhora. Mantenha-a sempre junto de si. Mais de uma semana longe de carne e ela começa a se desintegrar. É sua, um dente do shai-hulud, para guardar enquanto viver.

Jessica estendeu a mão direita e arriscou: — Mapes, você desembainhou aquela lâmina sem banhá-la com sangue.

Com um susto, Mapes deixou cair

a lâmina na mão de Jessica e abriu o corpete do vestido, num gesto violento, gemendo : — Tire a água de minha vida!

Jessica retirou a lâmina da bainha, admirada. Como ela cintilava!

Dirigiu a ponta para Mapes, vendo o pânico que a morte produzia na mulher. “Veneno na ponta?”, perguntou a si mesma. Inclinou a ponta fazendo um delicado arranhão com o gume, acima do seio esquerdo de Mapes. O sangue saiu grosso e em quantidade, depois parou. “Coagulação ultra-rápida”, pensou. “Seria uma mutação para conservar umidade?”

Embainhou a lâmina, ordenando: — Abotoe seu vestido, Mapes.

Mapes obedeceu trêmula, os olhos sem brancos fitando Jessica.

— Você é nossa, é a Escolhida.

Houve um som de material sendo descarregado na entrada. Rapidamente Mapes agarrou a faca embainhada e a escondeu no corpete de Jessica. — Quem vir a faca deve ser purificado ou morto! rosnou ela. — Você sabe disso, minha senhora!

“Eu sei agora”, pensou Jessica.

Os carregadores partiram sem entrar no grande salão.

Mapes recuperou a calma e se recompôs, dizendo: — Aos impuros que virem a faca cristalina não deve ser permitido deixar com vida Arrakis. Nunca esqueça isso, minha senhora. Foi-lhe confiada a faca cristalina. — Respirou fundo e acrescentou: — Agora tudo deve tomar seu devido curso, que não pode ser apressado.

Olhou para as caixas empilhadas e os pertences amontoados à volta.

— E há trabalho de sobra para nós aqui.

Jessica hesitou. — “As coisas devem tomar seu curso.” Esta era uma frase específica do estoque de encantamentos da Missionária Protetora. — A vinda da Reverenda Madre para libertá-los.

“Mas eu não sou a Reverenda Madre”, pensou Jessica, e depois “Grande Mãe! Eles plantaram isso aqui! Deve ser um lugar hediondo!”

Em tom casual, Mapes indagou: — O que deseja que eu faça primeiro, senhora?

O instinto levou Jessica a responder no mesmo tom. — A pintura

do velho Duque deve ser pendurada neste lado da sala de jantar. A cabeça do touro deve ser colocada na parede oposta à da pintura.

Mapes caminhou para a cabeça do touro. — Que grande animal deve ter sido para ter uma cabeça dessas. — Parou observando.

— Vou limpá-la primeiro, não, minha senhora?

— Não.

— Mas há sujeira acumulada nos chifres.

— Isso não é sujeira, Mapes. É o sangue do pai do nosso Duque. Os chifres foram pulverizados com um fixador transparente, horas depois que esse animal matou o velho Duque.

Mapes levantou-se. — Ah, nossa!

— É apenas sangue. Sangue muito velho. Peça alguma ajuda para pendurar estas coisas, são muito pesadas.

— Acha que o sangue me incomodou? — indagou Mapes. — Eu sou do deserto e já vi sangue em quantidade.

— Vejo que viu.

— Incluindo o meu — continuou Mapes. — Mais do que a senhora tirou com aquele arranhãozinho tolo.

— Preferiria que eu tivesse cortado mais fundo?

— Ah não! A água do corpo já é muito escassa para ser esguichada dispendiosamente no ar. Fez a coisa certa.

Jessica, notando as palavras e a maneira como eram ditas, percebia as profundas implicações da expressão “a

água do corpo”.

Novamente sentia a opressão que a importância da água exercia sobre Arrakis.

— Em que lado da sala de jantar eu devo pendurar estas lindas coisas, senhora?

“Sempre prática essa Mapes”, pensou Jessica, e respondeu: Use seu próprio julgamento, Mapes. Não faz realmente qualquer diferença.

— Se diz assim, senhora.

Mapes curvou-se começando a retirar os restos de fio de embalagem da cabeça.

— Então você matou o velho Duque? cantarolou ela.

— Devo pedir um carregador para ajudá-la?

— Não, eu conseguirei, senhora.

“Sim, ela conseguirá”, pensou Jessica, “esta criatura Fremem gira ao redor disso: o impulso para conseguir.”

Sentia a lâmina fria da faca cristalina sob seu corpete, e pensava na longa cadeia de intrigas e maquinações Bene Gesserit, que forjara outro elo aqui nesse lugar. Graças a essas maquinações ela sobrevivera a uma crise mortal. — Não pode ser apressado — dissera Mapes. Todavia sentia um ritmo impetuoso nesse lugar que a enchia de pressentimentos. E, nem todos os arranjos da Missionária Protetora, ou a inspeção desconfiada de Hawat sobre essa pilha de rochas, iriam apagar este agouro.

— Quando terminar de pendurar, comece a esvaziar as caixas.

Um dos encarregados na entrada tem as chaves, e sabe onde as coisas devem ser colocadas. Apanhe as chaves e a lista com ele. Se houver alguma pergunta, eu estarei na ala sul.

— Como quiser, minha senhora.

Jessica afastou-se, pensando: “Hawat pode ter considerado esta residência segura, mas há alguma coisa errada com este lugar. Posso senti-lo.”

Uma urgente necessidade de ver seu filho apoderou-se de Jessica.

Ela começou a caminhar em direção à porta abobadada, que conduzia a uma passagem ligando o salão de jantar com as alas familiares. Cada vez mais rápido, ela caminhou até estar quase correndo.

Por trás dela Mapes parou de

retirar os fios da cabeça de touro, olhou para a figura que se afastava e murmurou: — Ela é a Escolhida, sim. Pobre coitada.

“Yueh! Yueh! Yueh!” diz o refrão. “Um milhão de mortes não eram suficientes para Yueh!”

*— de História infantil de Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

A porta encontrava-se escancarada e Jessica passou por ela, entrando na sala de paredes amarelas. A sua esquerda estendia-se um longo sofá de couro

negro, duas prateleiras para livros, vazias, e um frasco de água suspenso, com pó acumulado em seus lados bojudos. A direita, ao redor de outra porta, havia mais estantes vazias, uma mesa de Caladan e três cadeiras. Nas janelas, diretamente à frente, via-se o Dr. Yueh, de costas para ela, a atenção fixa no mundo exterior.

Jessica deu um passo silencioso para dentro da sala.

Percebeu que o casaco de Yueh estava amarrotado, com uma mancha branca próxima do cotovelo esquerdo, como se ele tivesse se apoiado em giz. Visto de trás, ele parecia um boneco, marionete de palitos, todo sem carne dentro de uma roupa muito larga, pronto para saltar na direção de seu dono.

Apenas o bloco quadrangular da cabeça, com o longo cabelo cor de ébano preso ao anel prateado da Escola Suk, sobre o ombro, parecia ter vida — virando-se lentamente para seguir algum movimento do lado de fora.

Novamente ela observou a sala, sem ver sinal de seu filho. Mas a porta fechada à esquerda conduzia ao pequeno quarto, pelo qual Paul expressara seu agrado.

— Boa tarde, Dr. Yueh. Onde está Paul?

Ele acenou, como se para alguma coisa lá fora, e falou de um modo distraído, sem se voltar. — Seu filho ficou cansado, Jessica. Eu o mandei repousar na sala ao lado.

Abruptamente ele se enrijeceu,

voltou-se para ela com o bigode balançando sobre seus lábios rosados.

— Perdoe-me, minha senhora! Meus pensamentos estavam muito distantes... Eu... não tencionava parecer petulante.

Ela sorriu, estendendo a mão direita. Temeu, por um momento, que ele fosse ajoelhar-se.

— Wellington, por favor...

— Usar seu primeiro nome daquele modo... eu...

— Nós nos conhecemos há seis anos — disse ela. — É um longo passado. Creio que as formalidades deviam ser dispensadas entre nós, quando em particular.

Yueh arriscou um leve sorriso, pensando: “Acho que funcionou. Agora

ela vai pensar que qualquer mudança em minhas atitudes será devida ao embaraço. Ela não buscará razões mais profundas enquanto acreditar que já possui a resposta.”

— Receio ter estado divagando. Sempre que me sinto... especialmente pesaroso a seu respeito... sinto pensar na senhora como... Jessica.

— Pesaroso quanto a mim? Por quê?

Yueh deu de ombros. Há muito tempo percebera que Jessica não era dotada com o dom completo da clarividência, como a sua Wanna fora. Todavia sempre usava da verdade com ela, sempre que fosse possível. Era mais seguro.

— Viste este lugar, minha... Jessica.

— Ele tropeçou no nome, mergulhou adiante: — Tão desolado... depois de Caladan. E o povo! As mulheres da cidade por que passamos quando vínhamos para cá, uivando debaixo daqueles véus. O modo como olhavam para nós.

Jessica cruzou os braços sobre o peito, abraçando a si mesma, sentindo a faca cristalina, a lâmina feita do dente de um verme da areia, se os relatórios eram corretos.

— Somos apenas estranhos para eles. Gente diferente, com costumes diferentes. Eles só conhecem os Harkonnen. Olhou além dele, para as janelas. — Que estava olhando lá fora?

Ele virou-se para a janela. — O povo.

Jessica caminhou até ficar ao seu lado, olhando para a esquerda em direção à fachada da casa, onde a atenção de Yueh se focalizava. Uma linha de vinte palmeiras crescia lá, o solo abaixo delas limpo e desolado. Uma cerca-tela as separava da estrada na qual as pessoas, cobertas com mantos, iam passando. Jessica percebeu um leve tremular no ar entre ela e as pessoas — o escudo caseiro — e prosseguiu observando a multidão que passava, tentando imaginar por que Yueh os julgava tão interessantes.

O padrão surgiu e ela levou a mão ao rosto. O modo como as pessoas olhavam para as palmeiras. Percebeu inveja, ódio e mesmo um certo senso de esperança. Cada pessoa varria aquelas árvores com uma expressão fixa.

— Sabe o que eles estão pensando?

— indagou Yueh.

— É capaz de ler mentes?

— Aquelas mentes — disse ele. —

Elas olham para aquelas árvores e pensam: “Lá estão cem de nós”. Isto é o que elas pensam.

Olhou para ele intrigada: — Por quê?

— Aquelas são tamareiras. Uma tamareira consome quarenta litros de água por dia. Um homem necessita de apenas oito litros.

Uma tamareira, então, equivale a cinco homens. Há vinte tamareiras lá, portanto, cem homens.

— Mas algumas daquelas pessoas olham para as árvores com esperança.

— Elas esperam que algumas

tâmaras caíam, todavia esta é a estação errada.

— Nós observamos este lugar com uma visão muito crítica — disse ela. — Existe esperança ao lado do perigo, por aqui. Aquela especiaria poderia nos tornar ricos. Com um tesouro gordo poderíamos transformar este mundo no que desejássemos.

Interiormente ela riu de si mesma: “A quem eu estou tentando convencer?” O riso escapou-lhe ao controle, emergindo áspero e sem humor. — Mas não se pode comprar segurança acrescentou.

Yueh virou o rosto, para escondê-lo de Jessica. “Se ao menos fosse possível odiar essa gente, em vez de amá-la!” A sua maneira, de muitos modos, Jessica era

como a sua Wanna. Mas o pensamento carregava suas próprias exigências, endurecendo-o quanto ao seu propósito. Os caminhos da crueldade Harkonnen eram tortuosos.

Wanna poderia não estar morta. Ele tinha que ter certeza.

— Não se preocupe por nós, Wellington. O problema é nosso, não seu.

“Ela pensa que me preocupo com ela!” Ele piscou para conter as lágrimas. “E eu o faço, é claro. Mas preciso me colocar diante daquele Barão negro, com sua façanha realizada, e me arriscar a golpeá-lo em seu momento mais fraco: na hora da exaltação!”

Suspirou.

— Eu incomodaria Paul se fosse observá-lo? — perguntou Jessica.

— Nem um pouco. Dei-lhe um sedativo.

— Ele está recebendo bem a mudança?

— Exceto por ficar um pouco exausto. Ele está excitado, mas qual o rapaz de quinze anos que não estaria nestas circunstâncias? Caminhou para a porta e abriu-a, mostrando a Jessica.

— Ele está aqui.

Jessica se aproximou, observando a penumbra do quarto.

Paul estava deitado num leito estreito, um braço debaixo do fino cobertor e o outro sob a cabeça. Ao lado da cama, as venezianas sobre a janela teciam uma rede de sombras projetadas ao rosto e no cobertor.

Jessica fitou o filho, vendo a forma

oval do rosto, igual ao seu. Mas o cabelo era como o do Duque — cor de carvão e emaranhado. Longas pestanas ocultavam os olhos cor de limas. Jessica sorriu, sentindo seus temores recuarem. Subitamente, a idéia dos traços genéticos nas feições do filho dominou seus pensamentos.

Seus traços no contorno da face, com os toques agudos do pai surgindo através desse contorno, como maturidade emergindo da infância.

Ela pensava nas feições do rapaz como uma singular destilação de padrões casuais. Filas intermináveis de tendências, encontrando-se nesse nexos. O pensamento fez com que desejasse ajoelhar-se ao lado da cama, tomando o filho em seus braços, mas foi inibida pela

presença de Yueh. Recuou fechando a porta suavemente.

Yueh retornara para a janela, incapaz de suportar o modo como Jessica olhava seu filho. “Por que Wanna nunca me deu filhos? Sei, como médico, que não havia nenhuma razão física contra isso. Haveria alguma razão Bene Gesserit? Teria ela, talvez, sido instruída quanto a servir um propósito diferente? O que teria sido? Ela me amava, certamente.”

Pela primeira vez, ele teve consciência de que poderia ser parte de um padrão mais complicado, e emaranhado, do que sua mente poderia compreender.

Jessica parou novamente ao lado dele:

— Que maravilhoso abandono é o

sono de uma criança.

Yueh respondeu mecanicamente:

— Se ao menos os adultos pudessem relaxar assim.

— Exato.

— Onde será que nós perdemos essa capacidade? — murmurou ele.

Ela olhou para ele, captando o tom estranho, sua mente, todavia, ainda com Paul, pensando nos novos rigores do treinamento aqui, pensando nas diferenças sobre sua vida, agora tão distinta da vida que haviam planejado para ele.

— Nós perdemos de fato alguma coisa — disse ela.

Olhando para a direita podia ver uma colina, com a corcova de um grupo de arbustos verde-cinza amassados pelo

vento — folhas empoeiradas e ramos secos como garras. Um céu muito escuro erguia-se sobre a colina como um borrão, enquanto a luz leitosa do sol de Arrakis emprestava à cena uma tonalidade prateada, uma luz como a da faca cristalina oculta em seu corpete.

— O céu é tão escuro — comentou.

— Isso é devido, parcialmente, à ausência de umidade.

— Água! — retrucou ela. — Para qualquer lado que você se volte aqui, você se envolve com a ausência de água.

— É esse o precioso mistério de Arrakis — comentou ele.

— Por que é tão escassa? Existe rocha vulcânica aqui. Existe uma dúzia de fontes de energia que eu poderia citar.

Existe gelo polar. Eles dizem que não se pode perfurar no deserto. As tempestades e marés de areia destruiriam o equipamento mais rápido do que pode ser instalado; isso se os vermes não o pegarem primeiro. E nunca encontraram traços de água por lá, de qualquer modo. Mas o mistério, Wellington, o verdadeiro mistério é que poços têm sido perfurados aqui, nas “pias” e “panelas”. Já leu a respeito deles?

— Primeiro um filete, depois nada — disse ele.

— Mas, Wellington, esse é o mistério. A água está lá. Ela seca e nunca mais aparece. Todavia, outro poço perfurado ao lado produz o mesmo resultado: um filete que pára. Ninguém jamais ficou curioso quanto a isso?

— É curioso — ele respondeu. — Você suspeita de algum agente vivo? Não teria ele aparecido nas amostras colhidas?

— O que teria aparecido? Matéria vegetal alienígena?... ou animal? Quem a reconheceria? — Ela voltou as costas para a colina. — A água é interrompida. Alguma coisa a interrompe, tapa o buraco. Esta é minha suspeita.

— Talvez a razão seja conhecida — observou Yueh. Os Harkonnen eliminaram muitas fontes de informação a respeito de Arrakis. Talvez tivessem uma razão para suprimi-las.

— Que razão? E então existe a umidade atmosférica. Pouca, é verdade, mas existe alguma. É a principal fonte de água por aqui, captada em precipitadores e “armadilhas de vento”. Mas de onde ela

vem?

— Das camadas polares?

— Ar frio transporta muito pouca umidade, Wellington. Existem coisas aqui, por trás do véu erguido pelos Harkonnen, que merecem investigação cuidadosa. Nem todas essas coisas estão diretamente envolvidas com a especiaria.

— Nós estamos, de fato, embaixo do véu dos Harkonnen. Talvez, bem... — Ele interrompeu-se, percebendo a maneira intensa com que ela o observava. — Há algo errado?

— O modo como você disse Harkonnen. Nem mesmo o meu Duque carrega em sua voz tamanho rancor ao pronunciar esse nome. Não sabia que tinha razões pessoais para odiá-los, Wellington.

“Grande Mãe!”, pensou ele. “Levantei suas suspeitas! Agora devo usar todos os truques que minha Wanna me ensinou. E só existe uma solução: dizer a verdade, até onde seja possível.”

— Você não sabia que minha esposa, minha Wanna... Ele estremeceu, incapaz de falar com o súbito aperto em sua garganta.

Tentou: — Eles... — mas as palavras não saíam. Sentia-se em pânico, fechou os olhos experimentando a agonia em seu peito, até que uma mão tocou seu braço gentilmente.

— Perdoe-me — disse Jessica. — Eu não desejava abrir uma velha ferida.

E pensou: “Aqueles animais. Sua esposa era Bene Gesserit — os indícios são óbvios nele. E é igualmente óbvio que

os Harkonnen a mataram. Eis outra pobre vítima, unida aos Atreides pelos laços do ódio.”

— Sinto muito — disse Wellington. — Sou incapaz de falar a respeito. — Abriu os olhos abandonando-se à consciência de sua mágoa. Isso pelo menos era verdadeiro.

Jessica observou-o, vendo a face angulosa, os olhos amendoados, negros e brilhantes como lantejoulas, o bigode fino, suspenso como um arco ao redor dos lábios purpurinos e do queixo estreito.

Os vincos na testa e nas maçãs do rosto, ela percebia, eram linhas de sofrimento, assim como de idade. Uma profunda afeição pelo homem tomou conta dela.

— Wellington. Sinto tê-lo trazido para este lugar tão perigoso.

— Vim por minha espontânea vontade — respondeu ele. E isso também era verdade.

— Mas o planeta inteiro é uma armadilha Harkonnen. Você sabia disso.

— Será preciso mais do que uma armadilha para pegar o Duque Leto — comentou. E isso também era verdade.

— Talvez eu devesse ter mais confiança nele. É um estrategista brilhante.

— Nós perdemos nossas raízes. É por isso que nos sentimos tão perturbados.

— E é tão fácil matar uma planta arrancada — comentou Jessica. — Principalmente se você a coloca num solo

hostil.

— Podemos ter certeza de que este solo é hostil?

— Ocorreram tumultos quando foi revelado quantas pessoas o Duque estava acrescentando à população. Só foram contidos quando as pessoas perceberam que íamos instalar novas “armadilhas de vento” e condensadores para dar conta da sobrecarga.

— Isso é porque existe o mínimo de água para manter a vida humana por aqui. As pessoas percebem que, se chega mais gente para beber a quantidade limitada de água que existe, o preço dispara, e os muito pobres morrem. Mas o Duque resolveu isso. Não significa que os distúrbios da água representem uma hostilidade permanente contra ele.

— E os guardas — disse Jessica.
— Guardas em toda parte. E escudos. Pode-se ver o tremular deles para onde quer que se olhe. Não vivíamos desse modo em Caladan.

— Dê uma chance a este planeta.

Jessica continuou a olhar de modo severo para fora da janela.

— Posso sentir o cheiro da morte neste lugar. Hawat enviou agentes avançados para cá, aos batalhões. Aqueles guardas lá fora são homens dele. Os carregadores também. Houve retiradas inexplicadas de largas somas do tesouro. Essas quantias só podem significar uma coisa: suborno sem postos elevados. — Ela sacudiu a cabeça. — Aonde quer que vá Thufir Hawat, morte e fraude seguirão com ele.

— Está difamando Thufir.

— Difamando! Eu o estou elogiando. A morte e o logro são nossas únicas esperanças agora. Eu apenas não me iludo quanto aos métodos de Thufir.

— Devia... se manter ocupada — aconselhou ele. — Não dar tempo a pensamentos tão mórbidos...

— Ocupada! O que é que toma mais o meu tempo, Wellington? Eu sou a secretária do Duque. Tão ocupada que cada dia aprendo coisas novas para temer... coisas que nem mesmo suspeitava existirem. — Comprimiu os lábios, falando baixinho: — As vezes me pergunto o quanto do meu treinamento Bene Gesserit, em negócios, influenciou minha escolha.

— O que quer dizer? — Sentia-se

surpreendido pelo tom cínico, a amargura que nunca a vira expor.

— Não acha, Wellington, que uma secretária presa a alguém pelos laços do amor não seria muito mais segura?

— Não é um pensamento que valha a pena, Jessica.

A resposta viera naturalmente aos seus lábios. Não havia dúvida quanto aos sentimentos do Duque em relação à sua concubina.

Bastava observar o modo como ele a seguia com os olhos.

Ela suspirou.

— Você tem razão, não vale a pena.

Novamente ela comprimiu o corpo com seus braços, sentindo a faca cristalina contra sua carne e pensando em todos os

negócios ainda não terminados que ela representava.

— Logo haverá muito derramamento de sangue. Os Harkonnen não descansarão até que estejam mortos, ou meu Duque destruído.

O Barão não esquecerá que Leto possui sangue real — não importando quão remoto ele seja — enquanto os títulos dos Harkonnen derivam todos dos lucros da CHOAM. Mas o veneno em sua mente é o conhecimento de que um Atreides baniu um Harkonnen, por covardia, após a Batalha de Corrin.

— A velha rixa — murmurou Yueh, sentindo por um instante o toque ácido do ódio. A velha rixa que o aprisionara em sua teia, matara sua Wanna ou, pior ainda, a deixara para ser

torturada pelos Harkonnen até que seu marido cumprisse as exigências. A velha rixa que o envolvera, e a todas essas pessoas, como parte de uma coisa envenenada. A ironia era que algo tão mortal viesse a florescer aqui em Arrakis, a única fonte de melange em todo o universo, o prolongador da vida, a fonte de saúde.

— Em que está pensando?

— Estou pensando que a especiaria rende seiscentos e vinte mil solaris por decagrama no mercado aberto, neste momento. Isso é riqueza para comprar muitas coisas.

— Sentiu o toque da cobiça, Wellington?

— Não é cobiça.

— O que é então?

Ele deu de ombros.

— Futilidade. — Olhou para ela.

— Consegue se lembrar da primeira vez que provou da especiaria?

— Tinha gosto de canela.

— Mas nunca tem o mesmo gosto duas vezes. É como a vida, que apresenta uma face diferente cada vez que você a encara. Alguns afirmam que a especiaria produz uma reação de aprendizado de sabor. O corpo, sentindo que uma coisa é boa para ele, interpreta seu sabor como agradável, levemente euforizante. E, como a vida, não pode ser verdadeiramente sintetizado.

— Acho que teria sido mais sábio para nós nos tornarmos renegados, colocando-nos além do alcance do Império — disse ela.

Percebeu que Jessica não estivera realmente ouvindo suas palavras, muito ocupada que estava com as próprias, cheias de assombro: “Por que, por que não o levei a fazer isso? Eu poderia convencê-lo a fazer qualquer coisa.”

Yueh falou rapidamente. Agora havia uma verdade acompanhada de uma mudança no assunto:

— Consideraria atrevimento de minha parte... Jessica, se eu fizesse uma pergunta pessoal?

Ela pressionou o corpo contra a saliência da janela, numa inexplicável reação de ansiedade.

— É claro que não. Você é... meu amigo.

— Por que nunca forçou o Duque a desposá-la?

Ela girou, a cabeça erguida, olhos brilhantes.

— Fazê-lo me desposar? Mas...

— Desculpe, eu não devia ter perguntado.

— Não. Há uma boa razão política. Enquanto meu Duque permanecer solteiro, uma das Grandes Casas ainda pode ambicionar uma aliança. E... — suspirou — influenciar pessoas, forçando-as a realizar suas vontades, produz uma atitude cética com relação à humanidade. Degrada tudo que toca. Se eu o forçasse a realizar meu desejo ele perderia a espontaneidade.

— É algo que minha Wanna teria dito — murmurou Yueh, e aqui havia outra verdade. Colocou a mão sobre a boca, engolindo convulsivamente. Nunca

estivera tão próximo de desabafar tudo, confessar seu papel secreto.

Mas foi Jessica quem falou, destruindo a ocasião.

— Além disso, Wellington, o Duque é na verdade dois homens. Um deles eu amo muito. Ele é encantador, atencioso, espirituoso... terno — tudo o que uma mulher poderia desejar. Mas o outro homem é... frio, empedernido, exigente, egoísta — tão duro e cruel quanto um vento de inverno. É o homem que foi moldado por seu pai. — A face de Jessica se contorceu: — Se ao menos aquele velho tivesse morrido quando meu Duque nasceu!

No silêncio que se seguiu entre os dois, a brisa de um ventilador podia ser ouvida soprando nas venezianas.

Daí a pouco ela respirou fundo e disse:

— Leto tem razão. Estas salas são melhores que nas outras seções da casa. — Virou-se, varrendo o aposento com seu olhar. — Vai me desculpar, Wellington, mas preciso dar outra olhada nesta ala antes de selecionar os alojamentos.

Ele assentiu com a cabeça:

— É claro. — No íntimo pensava: “Se ao menos houvesse algum meio de não fazer essa coisa que preciso fazer.”

Jessica deixou cair os braços num gesto de resignação, atravessou o salão e parou na porta, hesitando por um instante, depois saiu. “Todo o tempo em que estivemos falando ele estava escondendo alguma coisa”, pensou ela.

“Para não ofender meus sentimentos, sem dúvida. Ele é um bom homem”. Novamente hesitou, quase voltando para confrontar Yueh e forçá-lo a revelar aquela coisa oculta. “Mas isso só iria envergonhá-lo, assustando-o ao perceber que seus sentimentos são tão facilmente revelados. Eu devo ter mais confiança em meus amigos”.

Muitos têm notado a rapidez com que o Muad'Dib aprendeu as exigências de Arrakis. Bene Gesserit, é claro, conhece os fundamentos dessa rapidez. Aos outros, nós podemos dizer que o Muad'Dib aprendeu rapidamente porque seu treinamento básico era em como aprender. Sua primeira lição foi a confiança básica em sua capacidade de compreender. É chocante descobrir

quantas pessoas não acreditam em sua capacidade de aprender, e quantas mais acreditam que o aprendizado seria algo difícil. Muad'Dib sabia que cada experiência carrega sua lição.

*— de Humanidade do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan.*

Paul continuava deitado, fingindo dormir. Fora fácil ocultar na palma da mão o tablete soporífero que lhe dera o Dr. Yueh, e fingir que o engolira. Paul conteve a vontade de rir. Mesmo sua mãe acreditara em seu sono. Quisera saltar da cama e pedir a permissão dela para explorar a casa, mas percebera que não teria sua aprovação. As coisas ainda estavam muito inseguras. Assim era melhor.

“Se eu escapular sem perguntar, não estarei desobedecendo a ordens. E ficarei na casa onde é seguro.”

Ouviu sua mãe e Yueh conversando na outra sala. As palavras eram indistintas — alguma coisa quanto a especiaria e... os Harkonnen. A conversação se erguia e caía.

As atenções de Paul voltaram-se para a cabeceira esculpida de sua cama. Uma falsa cabeceira presa à parede, e ocultando os controles para as diversas funções desse quarto. Um peixe saltando fora talhada na madeira, com espessas ondas marrons por baixo. Sabia que, se apertasse o olho visível do peixe, acenderia as lâmpadas suspensoras do quarto. Uma das ondas, quando torcida, controlava a ventilação. Outra,

modificava a temperatura.

Sem fazer ruído, Paul se sentou na cama. Uma estante alta erguia-se contra a parede à sua esquerda. Podia girar para o lado revelando um armário com gavetas ao longo da face aposta. A maçaneta da porta para o salão fora moldada na forma da barra de empuxo de um ornitóptero.

Era como se todo o quarto houvesse sido decorado para seduzi-lo. Esse quarto e o resto do planeta.

Pensou no livro-filme que Yueh lhe mostrara — “Arrakis: Estação Botânica de Testes em Desertos para sua Majestade Imperial.” Era um velho filme-livro anterior à descoberta da especiaria. Nomes esvoaçavam através da mente de Paul, cada um deles com sua imagem impressa pelo pulso mnemônico do livro:

“saguaro, arbusto de burro, tamareira, verbena de areia, prímula noturna, cacto barril, arbusto incenso, árvore fumacenta, arbusto creio-Boto... raposa, falcão do deserto, rato canguru...”

Nomes e imagens, nomes e figuras do passado terreno do homem. Imagens que não se encontravam mais em parte alguma do universo, exceto aqui, em Arrakis.

Tantas coisas para aprender sobre a especiaria.

E os vermes da areia.

Uma porta se fechou na outra sala. Paul ouviu os passos de sua mãe recuarem através do salão. O Dr. Yueh, ele sabia, iria encontrar alguma coisa para ler e permaneceria na outra sala.

Agora era o momento para

explorar.

Saiu da cama dirigindo-se para a porta-estante que abria-se no armário. Parou ao ouvir um som às suas costas, e voltou-se. A cabeceira esculpida da cama estava se dobrando sobre o ponto onde ele estivera dormindo. Paul gelou, e a imobilidade salvou sua vida.

Detrás da cabeceira deslizou um minúsculo caçador-rastreador, com não mais do que cinco centímetros de comprimento. Paul logo reconheceu; era um tipo comum de arma para assassinatos, que toda criança de sangue real aprendia a reconhecer muito cedo. Constituía-se de uma voraz farpa de metal, guiada pelo olho e a mão de um agente nas proximidades. Ela poderia mergulhar em carne móvel e abrir seu

caminho através dos canais nervosos, até atingir o órgão vital mais próximo.

O rastreador se elevou, virando de lado para atravessar o quarto e voltar.

O conhecimento das limitações desse tipo de arma relampejou pela mente de Paul: seu campo suspensor comprimido distorcia a visão do olho transmissor. Apenas com a luz fraca do quarto para refletir seu alvo, o operador teria que depender de um movimento, apontando para qualquer coisa que se movesse. Um escudo poderia retardar um rastreador, fornecendo o tempo necessário para destruí-lo, mas Paul deixara seu escudo na cama. Pistolas laser poderiam derrubá-los, mas pistolas laser eram dispendiosas e de manutenção notoriamente difícil. Além disso, havia

sempre o perigo de uma pirotécnica explosiva, se um laser cruzasse um escudo aquecido. Por isso os Atreides confiavam em seus escudos corpóreos, e em sua destreza.

Paul se mantinha agora num estado de imobilidade quase catatônica, sabendo que teria somente sua astúcia para enfrentar essa ameaça.

O caçador-rastreador ergueu-se mais meio metro. Ondulou através da luz oblíqua das venezianas, para a frente e para trás, dividindo o quarto.

“Devo agarrá-lo”, pensou. “O campo suspensor o tornará escorregadio na parte de baixo. Devo segurar com força.”

A coisa caiu meio metro, correu para a esquerda, circulando ao redor da

cama. Emitia um fraco zumbido.

“Quem estará operando esta coisa?”, pensou Paul. “Tem de ser alguém próximo. Eu poderia gritar por Yueh, mas aquilo o atingiria no momento que ele abrisse a porta.”

A porta do salão estalou atrás de Paul. Ouviu-se uma batida e depois ela se abriu.

O rastreador disparou como uma flecha, passando por sua cabeça em direção ao movimento.

A mão direita de Paul saltou agarrando a coisa mortífera num movimento para baixo. Aquilo zumbiu e se contorceu em sua mão, mas seus músculos estavam fechados sobre ela, em desespero. Com uma volta violenta e um impulso ele golpeou a ponta da coisa

contra a chapa de metal da porta. Sentiu o ruído quando o olho do rastreador foi esmagado e a coisa ficou morta em sua mão.

Ainda assim continuou segurando, para ter certeza.

Ergueu a cabeça encontrando o azul total dos olhos de Shadout Mapes.

— Seu pai me mandou buscá-lo — disse ela. — Há homens no salão para escoltá-lo.

Paul assentiu, seus olhos e sua consciência focalizados nessa mulher curiosa, com seu vestido-saco na cor marrom dos servos. Ela olhava agora para a coisa em sua mão.

— Já ouvi falar desses — disse. — Ele teria me matado, não?

Paul teve de engolir em seco antes

de poder falar.

— Eu... era o alvo.

— Mas estava vindo em minha direção.

— Porque você estava em movimento. — E pensou: “Quem será esta criatura?”

— Então você salvou minha vida?

— Eu salvei nossas vidas.

— Parece-me que você poderia ter deixado que ele me atingisse, para então escapar.

— Quem é você?

— Shadout Mapes, a governanta.

— Como sabia onde me encontrar?

— Sua mãe me disse. Encontrei-a nas escadarias que levam à sala sobrenatural. — Apontou para a direita.

— Os homens de seu pai ainda estão aguardando.

“Aqueles serão homens de Hawat”, pensou Paul. “Devemos encontrar o operador desta coisa.”

— Vá encontrar os homens de meu pai. Diga-lhes que apanhei um caçador-rastreador na casa, e que se espalhem para encontrar o operador. Diga-lhes que selem a casa e o terreno imediatamente.

Eles saberão como fazê-la. O operador, certamente, será um estranho entre nós.

“Poderia ser esta criatura?” Mas sabia que não era. O rastreador estava sendo controlado quando ela entrou.

— Antes que eu cumpra as suas ordens — disse Mapes —, devo aparar as

arestas entre nós dois. Você colocou uma carga sobre meus ombros que não sei se posso suportar. Mas nós, Fremen, pagamos nossas dívidas, sejam elas dívidas negras ou dívidas brancas. É sabido que existe um traidor no meio de vocês. Quem é eu não sei, mas temos certeza de que ele existe. Talvez seja a mão que guiou este cortador de carne.

Paul absorveu tudo isso em silêncio: um traidor. Antes que ele pudesse responder, a mulher estranha virou-se e correu em direção à entrada.

Pensou em chamá-la de volta, mas ela tinha um ar de quem ficaria ressentida se ele o fizesse. Ela dissera o que sabia e agora estava seguindo para cumprir as suas ordens. A casa estaria fervilhando de homens de Hawat dentro de um minuto.

Sua mente ocupou-se com outras partes da estranha conversação: “sala sobrenatural”. Olhou para a esquerda, na direção que ela apontara. “Nós, Fremen.” Então aquilo era uma Fremen. Ele fez uma pausa para o piscar mnemônico que armazenaria o padrão daquele rosto em sua memória: feições enrugadas, como uma ameixa, cor bronzeada escura, olhos azuis sem qualquer branco. Adicionou o rótulo: a Shadout Maper.

Ainda segurando o rastreador espatifado, Paul voltou-se para o quarto, apanhou seu cinturão-escudo de cima da cama com a mão esquerda. Colocou-o em torno da cintura afivelando enquanto corria para o salão, dirigindo-se para a esquerda.

Ela disse que mamãe estaria

nalgum lugar por aqui — escadas... “uma sala sobrenatural”.

Que tinha Lady Jessica para sustentá-la na ocasião de seu julgamento?

Pense cuidadosamente no provérbio Bene Gesserit e talvez perceba: “Uma estrada, seguida precisamente até o seu final leva a lugar nenhum. Suba a montanha só um pouco, para se certificar de que é uma montanha. Do topo da montanha você não poderá ver a montanha.”

— de Comentários sobre a Família do Muad’Dib, escrito pela Princesa Irulan

No final da ala sul Jessica encontrou uma escada de metal, subindo

em espiral até uma porta oval. Tornou a olhar na direção do salão, e depois novamente para cima, na direção da porta.

“Oval? Que forma estranha para a porta de uma casa.”

Através das janelas, embaixo da escada espiral, podia ver o grande sol branco de Arrakis movendo-se em direção ao poente.

Longas sombras golpeavam na direção do salão. Voltou sua atenção para as escadas. A iluminação oblíqua, muito forte, colocava em relevo os fragmentos de terra seca sobre o metal dos degraus.

Jessica colocou a palma sobre o corrimão e começou a subir.

O metal escorregava frio sob sua mão. Ela parou na porta, vendo que

faltava a maçaneta. Havia porém uma leve depressão na superfície onde deveria existir a maçaneta.

“Certamente não é um fecho de leitura de palma”, pensou ela.

“Um fecho de leitura de palma é regulado para a forma da mão do indivíduo e as linhas em sua palma.” Contudo, era o que parecia. Havia modos para se abrir qualquer fecho de palma, ela os aprendera na escola.

Jessica olhou para trás, para se certificar de que não era observada, e colocou sua palma contra a depressão na porta. Uma pressão bem suave para distorcer as linhas... um giro do pulso, depois outro, fazendo a palma escorregar sobre a superfície num movimento de torção.

Sentiu o clique.

Passos apressados ecoaram no corredor abaixo. Jessica retirou a mão da porta e voltou-se, vendo Mapes chegar ao pé da escada.

— Há homens no grande salão dizendo que foram enviados pelo Duque para buscar o jovem mestre Paul. Eles têm o sino ducal e o guarda os identificou. — Percebeu que Mapes olhava para a porta e depois para ela.

“Bem cautelosa essa Mapes”, pensou Jessica. “Isso é um bom sinal.”

— Ele está na quinta sala do final deste corredor, o quarto pequeno. Se tiver dificuldade para despertá-lo, chame o Dr. Yueh no salão ao lado. Paul pode precisar de uma injeção para acordar.

Novamente Mapes lançou um

olhar penetrante para a porta oval e Jessica julgou detectar uma expressão de ódio. Antes que pudesse indagar sobre a porta ou o que ela ocultava, Mapes se fora, apressada.

“Hawat liberou este lugar. Não pode haver nada muito terrível aqui.”

Empurrou a porta que girou para dentro de uma pequena saleta, com outra porta oval na extremidade oposta. A outra porta tinha um fecho em forma de volante.

“Uma comporta de ar!”, admirou-se Jessica. Olhou para baixo e viu uma escora de porta caída no chão do pequeno cubículo.

A escora levava a marca pessoal de Hawat. “Esta porta foi deixada aberta e escorada”, pensou. “Alguém

provavelmente derrubou a escora por acaso, sem perceber que a porta externa se fecharia com a fechadura de palma.

Pulou por sobre o portal e entrou na pequena sala.

“Para que uma eclusa de ar dentro de uma casa?”, perguntou a si mesma. E pensou repentinamente em criaturas exóticas seladas em climas especiais.

“Climas especiais!”

Isso faria sentido em Arrakis, onde até as mais secas das formas cultivadas trazidas para o planeta tinham que ser irrigadas.

A porta atrás dela começou a se fechar. Segurou-a, prendendo-a aberta com a escora que Hawat deixara. Novamente observou o fecho volante da porta interna, notando agora uma fraca

inscrição no metal acima. Reconheceu as palavras em Galache que diziam:

— Oh, Homem! Aqui está uma adorável porção da criação divina. Coloque-se diante dela, e aprenda a amar a perfeição de Teu Amigo Supremo.

Jessica fez pressão na roda, girou para a esquerda e a porta interna se abriu. Uma brisa suave acariciou sua face, soprou seus cabelos. Sentiu uma mudança no ar, um odor mais rico. Abriu completamente a porta, olhando através da vegetação compacta, com a luz de um sol amarelo derramando-se por cima.

“Um sol amarelo?”, admirou-se ela. Então percebeu: “Filtros de vidro!”

Passou por sobre a soleira e a porta se fechou atrás.

— Uma estufa de planeta úmido

— sussurrou Jessica.

Plantas em vasos e arbustos podados erguiam-se por toda a parte. Ela reconheceu uma mimosa, um marmeleiro florido, sondagi, uma pleniscenta de flores verdes, acarso listrado de verde-branco... rosas...

“Até mesmo rosas!”

Curvou-se para respirar a fragrância de uma gigantesca flor rosada, depois ergueu-se para observar ao redor.

Um som rítmico invadiu seus sentidos.

Abriu caminho através da mata de folhas sobrepostas, olhando para o centro da sala. Uma fonte baixa erguia-se ali, pequena, com lábios acanelados. O som rítmico vinha de um arco de água caindo sobre uma tigela metálica.

Jessica colocou-se numa atitude de rápida clarificação dos sentidos, para iniciar uma inspeção metódica do perímetro da sala. Esta parecia possuir dez metros quadrados. De sua colocação acima do final do corredor, e das sutis diferenças arquitetônicas, presumiu que fora adicionada ao teta dessa ala muito depois da construção do prédio.

Parou na extremidade sul da sala, defronte de uma ampla extensão de vidro-filtrador de luz, olhando ao redor. Cada metro quadrado disponível encontrava-se apinhado de plantas exóticas, típicas de climas úmidos. Alguma coisa se mexeu em meio às folhas, fazendo Jessica ficar tensa, para então perceber um simples servok, acionado por mecanismo de tempo, com braços constituídos por

mangueiras e encanamentos. Um desses braços elevou-se, lançando um fino spray de umidade que cobriu de vapor sua face. O braço retraiu-se e Jessica olhou para o que ele estivera regando: uma samambaia.

Água por toda parte nessa sala, num planeta onde água era o mais precioso suco da vida. Água sendo desperdiçada tão escandalosamente, que Jessica sentiu-se profundamente chocada.

Olhou para o sol amarelo através do vidro-filtro. Parecia suspenso sobre o horizonte recortado, acima dos penhascos que formavam parte da imensa elevação rochosa conhecida como Muralha Escudo.

“Vidro tingido” pensou ela. “Para transformar um sol branco em alguma coisa mais suave e familiar. Quem teria

construído este lugar? Leto? Seria típico dele surpreender-me com semelhante presente, mas não houve tempo. E ele está muito ocupado com problemas mais sérios.”

Lembrou-se de um relatório revelando que muitas das casas de Arrakeen eram seladas por comportas herméticas e janelas de pressão, para conservar a umidade interna. Leto explicara ser uma deliberada declaração de poder e riqueza sua casa ignorar tais precauções, com suas portas e janelas fechadas apenas contra a poeira onipresente.

Mas essa sala incorporava uma declaração muito mais importante que a ausência de selos de umidade em portas e janelas. Jessica estimou que nessa sala de

recreação era consumida água suficiente para sustentar mil pessoas em Arrakis, talvez mais.

Moveu-se ao longo da janela, continuando a observar o interior da sala. Percebeu então uma superfície metálica da altura de uma mesa, colocada ao lado da fonte, com um bloco de papel branco e uma caneta, parcialmente encobertos por uma folha em forma de leque. Aproximou-se da mesa notando os sinais da inspeção de Hawat sobre ela, estudando a mensagem escrita no bloco:

A LADY Jessica

Que este lugar possa lhe proporcionar tanto prazer quanto forneceu a Mim. Por favor, permita que esta sala lhe transmita uma lição que aprendemos das mesmas mestras: a

proximidade de algo muito desejado nos tenta ao excesso de indulgência. Neste caminho jaz o perigo.

Meus melhores votos,

MAKGOT LADY FENRING

Jessica lembrava-se de que Leto se referira ao antigo representante do Imperador nesse lugar como Conde Fenring. Mas a mensagem oculta na nota exigia atenção imediata, e fora elaborada de modo a informá-la de que sua autora fora outra Bene Gesserit. Um pensamento amargo atingiu Jessica momentaneamente: o Comandante se casara com sua senhora.

Mesmo enquanto esse pensamento estalava em sua mente, ela já se curvara para descobrir a mensagem oculta. Que,

necessariamente, existiria, uma vez que a nota visível continha uma frase que cada Bene Gesserit, se não restringida por uma proibição da Escola, deveria mencionar a outra Bene Gesserit, quando as condições o exigissem: “Neste caminho jaz o perigo.”

Jessica tateou o verso da folha, esfregando sua superfície em busca dos pontos de código. Nada. A borda do bloco foi apalpada do mesmo modo, e igualmente nada. Recolocou o bloco onde o encontrara, sentindo o peso da urgência.

“Seria algo na posição do bloco?”

Todavia, Hawat estivera nessa sala e, sem dúvida, movera o bloco. Olhou para a folha que estivera sobre o bloco. A folha!

Percorreu com o dedo a sua superfície inferior, ao longo da borda, chegou ao caule. Estava aqui! Seus dedos sentiram os sutis pontos codificados, lendo-os com uma única passagem: “Seu filho e o Duque estão em perigo imediato. Um quarto foi projetado para atrair seu filho. Os H. o carregaram com armadilhas mortais para serem descobertas, deixando uma que possa escapar à detecção.” Jessica conteve o ímpeto de correr de volta para Paul; a mensagem inteira devia ser compreendida. Seus dedos deslizaram apressadamente sobre os pontos. “Não conheço a natureza exata da ameaça, mas tem alguma coisa a ver com uma cama. A ameaça ao seu Duque envolve a deserção de um companheiro de confiança, ou um

tenente. H. planeja entregá-la, como presente, para um subordinado. Até onde alcança meu conhecimento, esta estufa é segura. Perdoe-me se não posso lhe dizer mais. Minhas fontes são muito poucas, uma vez que meu Conde não está na folha de pagamento de H. Com toda a pressa, MF.”

Jessica lançou a folha para o lado e girou para correr ao encontro de Paul. Naquele instante a comporta de ar abriu-se violentamente e Paul entrou correndo, segurando alguma coisa em sua mão direita. Bateu a porta atrás de si e viu sua mãe; correu, abrindo caminho através da folhagem, para alcançá-la. Ao ver a fonte, colocou sua mão com a coisa sobre a água que caía.

— Paul! — Jessica agarrou seu

ombro, olhando para a mão. — O que é isso?

Ele falou displicentemente, mas ela percebeu o esforço que fazia para manter esse tom:

— Um caçador-rastreador. Peguei-o em meu quarto e esmaguei-lhe o nariz, mas quero ter certeza. Água deve provocar-lhe um curto-circuito.

— Mergulhe-o — ordenou ela.

Paul obedeceu.

Daí a pouco ela disse:

— Retire sua mão e deixe a coisa na água.

Paul retirou a mão, sacudindo a água, enquanto fitava o metal imóvel dentro da fonte. Jessica quebrou um talo de planta e com ele cutucou a farpa mortífera. Estava morta.

Deixou o talo cair na água e olhou para Paul. Seus olhos estudavam a sala com uma intensidade que ela reconheceu imediatamente: O modo B.G.

— Este lugar poderia ocultar qualquer coisa — disse ele.

— Tenho razões para acreditar que é seguro.

— Meu quarto era supostamente seguro. Hawat disse...

— Era um caçador-rastreador — lembrou ela. — Isso significa alguém dentro da casa para operá-la. Raios controladores de rastreadores possuem alcance limitado. A coisa poderia ter sido introduzida após a investigação de Hawat.

E, entretanto, ela pensava na mensagem da folha “... deserção de um companheiro de confiança ou tenente”.

“Não Hawat, com certeza. Oh, não Hawat!”

— Os homens de Hawat estão dando uma busca por toda a casa agora mesmo. Este rastreador quase pegou aquela velha que veio me acordar.

— A Shadout Mapes — disse Jessica, lembrando-se do encontro nas escadarias. — Uma ordem de seu pai para...

— Isso pode esperar — interrompeu Paul. — Por que acha que esta sala é segura?

Ela apontou para a nota, e explicou-a.

Ele relaxou ligeiramente.

Jessica permanecia tensa, pensando:

“Um caçador-rastreador, Mãe

Misericordiosa!” Exigia todo o seu treinamento para conter um tremor histórico.

Paul falou com convicção:

— Foram os Harkonnen, evidentemente. Nós teremos de destruí-los.

Pancadas rápidas soaram na comporta. O código de chamada de um dos regimentos de Hawat.

— Entre! — gritou Paul.

A porta se abriu dando passagem a um homem alto, com o uniforme dos Atreides, a insígnia de Hawat no quepe.

— Aqui está o senhor! A governanta disse que estaria aqui. — Ele olhou ao redor da sala. — Encontramos um jazigo na adega e capturamos um homem que estava oculto dentro dele. Ele

tinha um consolo de rastreador.

— Quero tomar parte no interrogatório — pediu Jessica.

— Eu sinto, minha senhora. Nós o estropiamos ao capturá-lo. Ele morreu.

— Nada que o identificasse?

— Ainda não encontramos nada, minha senhora.

— Ele era um nativo Arrakeen? — perguntou Paul.

Jessica assentiu, percebendo a astúcia da pergunta.

— Ele tinha uma aparência nativa — respondeu o homem. — Foi colocado dentro daquela pilha há mais de um mês, por sua aparência. Deixado lá, aguardando sua vinda. As pedras e a argamassa por onde ele entrou na adega estavam intocadas quando nós

inspecionamos o local ontem. Eu arriscaria minha reputação nisto.

— Ninguém questiona sua eficácia.

— Eu questiono, minha senhora.

Nós devíamos ter usado sondas sônicas lá embaixo.

— Presumo que é isso que estão fazendo agora — disse Paul.

— Sim, senhor.

— Mande avisar a meu pai que chegaremos atrasados.

— Imediatamente, senhor. —

Olhou para Jessica. — É ordem de Hawat que, sob circunstâncias como estas, o jovem mestre seja mantido num lugar seguro. — Mais uma vez seu olhar percorreu a sala. — Que tal este lugar?

— Tenho razões para acreditar que é seguro — respondeu ela.

— Hawat e eu o inspecionamos.

— Então montarei guarda lá fora, minha senhora, até que tenhamos liberado a casa uma vez mais. — Ele se curvou, tocando o quepe em saudação a Paul, recuou e saiu fechando a porta.

Paul interrompeu o súbito silêncio.

— Não seria melhor examinarmos a casa depois, pessoalmente? Seus olhos podem ver coisas que outros não perceberiam.

— Esta ala era o único lugar que eu ainda não tinha examinado. Eu a deixei para o fim porque...

— Porque Hawat dera a ela sua atenção pessoal.

Jessica olhou rápido para o rosto do filho, questionando.

— Você desconfia de Hawat?

— Não, mas ele está ficando velho... vive sobrecarregado. Nós devíamos tirar um pouco do peso sobre os ombros dele.

— Isso apenas o envergonharia, prejudicando sua eficiência. Um inseto desgarrado não seria capaz de vaguear por esta ala depois que Hawat soubesse disso. Ele ficará envergonhado de que...

— Devemos tomar nossas próprias medidas.

— Hawat serviu a três gerações de Atreides com honra — insistiu ela. — Ele merece todo o respeito e confiança que pudermos lhe dar... muitas vezes.

— Quando meu pai fica aborrecido com alguma coisa que você fez, ele diz “Bene Gesserit”, como se fosse uma praga.

— E o que eu faço que aborrece seu pai?

— Quando você discute com ele.

— Você não é seu pai, Paul.

Ele pensou: “Eu a deixarei preocupada, mas devo dizer-lhe o que aquela mulher Mapes falou a respeito de um traidor entre nós.”

— O que você está escondendo? Paul, você não é assim.

Ele deu de ombros, e contou a conversa com Mapes.

Jessica pensou na mensagem na folha, e chegou a uma súbita decisão. Mostrou a folha para Paul e contou-lhe a respeito da mensagem.

— Meu pai deve saber disso imediatamente. Vou radiografar em código.

— Não. Deve esperar até que possa vê-lo em particular. O mínimo de pessoas deve saber disso.

— Quer dizer que não devemos confiar em ninguém?

— Há outra possibilidade. Esta mensagem pode ter sido destinada a confundir-nos. As pessoas que a enviaram podem acreditar que ela seja sincera, enquanto seu único propósito tenha sido o de enviá-la a nós.

O rosto de Paul permanecia resolutamente melancólico: Para semear a desconfiança e a suspeita entre nossas fileiras. Para enfraquecer-nos desse modo.

— Você deve contar a seu pai em particular, e acautelá-lo quanto a esse aspecto.

— Entendo.

Ela voltou-se para a alta extensão de vidro-filtrador, olhando para sudoeste, onde o sol de Arrakis mergulhava — uma bola amarelada sobre os penhascos.

Paul acompanhou-lhe o olhar, dizendo:

— Também não acredito que seja Hawat. Seria possível que fosse Yueh?

— Ele não é um tenente, ou companheiro. E eu lhe asseguro que ele odeia os Harkonnen tão amargamente quanto nós.

Paul olhava para os penhascos, pensando: “E poderia ser Gurney... ou Duncan. Poderia ser um dos subtenentes? Impossível. Eles são todos de famílias leais a nós durante gerações — por uma boa razão.”

Jessica passou a mão pela testa

sentindo sua própria fadiga.

“Tanto perigo aqui!” Ela olhou para a paisagem tingida de amarelo pelo filtro, estudando-a. Além das terras do Duque estendiam-se os silos de especiaria, cercados por altas cercas com torres de observação erguendo-se sobre pernas finas como palitos, postadas ao redor, como um monte de aranhas espantadas. Ela podia contar pelo menos vinte silos de armazenagem estendendo-se até os penhascos da Muralha Escudo. Silos repetindo-se, através da bacia.

Lentamente, o sol amarelo enterrou-se abaixo do horizonte.

Estrelas surgiram e ela percebeu uma muito brilhante, tão baixa no horizonte que piscava com um ritmo claro e preciso. Um tremular de luz: pisca,

pisca, pisca, pisca.

Paul se mexeu ao lado dela na penumbra da sala. Mas Jessica o ignorou. Concentrava-se naquela única estrela brilhante, percebendo que ela se encontrava demasiadamente baixa, que devia vir de um dos penhascos da Muralha Escudo.

“Alguém está sinalizando.”

Tentou ler a mensagem, mas era num código que nunca aprendera.

Outras luzes surgiram na planície abaixo dos penhascos; luzes amarelas pequeninas, espaçadas contra a escuridão azulada. E uma luz à esquerda tornou-se mais brilhante, e começou a piscar para o penhasco. Muito rápida: pisca, brilha, pisca, tremula!

Depois desapareceu.

A falsa estrela no penhasco apagou-se imediatamente.

Sinais... isso a enchia de uma premonição.

“Por que usavam luzes através da bacia?”, ela se perguntava. “Por que não podiam usar a rede de comunicações?”

A resposta era óbvia: a comunirrede estaria, certamente, grampeada agora pelos agentes do Duque Leto. Sinais luminosos só poderiam significar que mensagens estavam sendo enviadas entre seus inimigos: os agentes Harkonnen.

Houve uma batida na porta, por trás deles, e em seguida a voz de um dos homens de Hawat:

— Tudo limpo, senhora. É hora de levar o jovem mestre para seu pai.

É costume dizer que o Duque Leto ficou cego aos perigos de Arrakis e caminhou negligentemente para a armadilha. Não seria mais justo sugerir que ele viveu tanto tempo na presença de extremo perigo que julgou mal uma mudança em sua intensidade? Ou seria possível que ele tenha se sacrificado deliberadamente para que seu filho pudesse encontrar uma vida melhor? Tudo indicava que o Duque era um homem que não se deixava enganar com facilidade.

— *de Comentários sobre a Família do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan.*

O Duque Leto inclinou-se contra o parapeito da torre de controle de pousos, do lado de fora de Arrakeen. A primeira lua da noite, uma moeda de metal prateado, surgia acima do horizonte sul. Abaixo dela, os penhascos escarpados da Muralha Escudo brilhavam como glacê ressequido, através de uma névoa de pó. As luzes de Arrakeen reluziam na névoa, à sua esquerda — amarelas, brancas, azuis.

Pensou nos avisos colocados com sua assinatura em todos os lugares populosos do planeta: “Nosso sublime Imperador Padishah me encarregou de

tomar posse deste planeta, e terminar com todas as disputas.”

A formalidade ritualística atingia-o com um sentimento de solidão. “Quem seria enganado por aquela legalidade tola? Não os Fremen, certamente. Nem as Casas Menores, que controlavam o comércio no interior da Arrakis... Seriam as criaturas Harkonnen verdadeiramente humanas?”

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Sua raiva era difícil de suprimir.

Viu as luzes de um veículo movendo-se em direção ao campo de pouso, vindo de Arrakeen. Esperou que fosse o transporte de tropas trazendo Paul. A demora era irritante, muito embora soubesse que fora motivada pela

cautela da parte do tenente de Hawat.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Sacudiu a cabeça, tentando expulsar os pensamentos de ódio, olhando de volta para o campo onde cinco de suas próprias fragatas postavam-se ao redor do perímetro, como sentinelas monolíticas.

“Melhor um atraso cauteloso que...”

O tenente era um bom homem, ele procurou se lembrar. Um homem marcado para promoção, completamente leal.

“Nosso sublime Imperador Padisbab...”

Se as pessoas nesta decadente cidade de guarnição pudessem ver a nota

particular do Imperador ao seu “Nobre Duque”. As alusões desdenhosas aos homens e mulheres com véus: “(...) mas o que mais alguém poderia esperar de bárbaros cujo sonho mais acalentado é o de poderem viver fora da segurança ordeira dos faufreluches?”

O Duque sentiu, nesse momento, que seu sonho mais acalentado era acabar com todas as distinções de classe e nunca mais pensar em ordem inflexível. Olhou para cima, para além do pó, em direção às estrelas fixas, pensando: “Em torno de uma daquelas luzes circula Caladan... mas eu nunca mais verei meu lar.” A saudade de Caladan trazia uma dor súbita em seu peito. Sentia que ela não vinha de seu próprio interior e sim de Caladan, estendendo-se para ele através do espaço.

Não conseguia chamar essa terra desolada de lar, e duvidava de que algum dia pudesse.

“Preciso ocultar meus sentimentos, pelo bem do rapaz. Se ele tiver que ter um lar, é este lugar. Posso achar que Arrakis é o inferno, aonde cheguei antes da morte, mas ele precisa encontrar algo aqui que o inspire. Tem que haver alguma coisa.”

Uma onda de autopiedade, imediatamente menosprezada e rejeitada, passou através dele e, por alguma razão, lembrou-se de um poema de Gurney Halleck, que freqüentemente repetia:

“Meus pulmões provam do ar do Tempo Soprando através de areias que caem...”

“Gurney encontraria muitas areias

caindo por aqui”, pensou o Duque. As vastidões centrais para além daqueles penhascos gelados pela lua eram desertas: rocha nua, dunas, e poeira soprando. Um deserto seco e não cartografado, com tribos de Fremen espalhadas ao longo de sua orla e talvez por dentro dele. E se alguém poderia comprar um futuro para a linhagem dos Atreides aqui, seriam os Fremen.

Desde que os Harkonnen não os tivessem contaminado com seus esquemas venenosos.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Um clamor de metal rangente vibrou através da torre, sacudindo o parapeito abaixo de seus braços. Obturadores contra explosão baixaram na

sua frente, bloqueando a visão.

“Um ônibus espacial vem chegando. Hora de ir lá embaixo e começar a trabalhar”, pensou ele. Voltou-se para as escadarias, dirigindo-se para a grande sala de reuniões, tentando manter-se calmo enquanto descia, preparando seu rosto para o encontro próximo.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Os homens já estavam chegando do campo quando ele atingiu a sala sob a cúpula amarela. Eles carregavam suas mochilas espaciais sobre os ombros, gritando e fazendo barulho como estudantes de volta das férias.

— Hei! Sentiram aquilo sobre vocês, cães? Aquilo é gravidade, homem!
— Quantos G este lugar puxa? Parece

pesado... Nove décimos de G, de acordo com o livro.

O fogo cruzado de palavras tomou conta da grande sala.

— Deu uma boa olhada nesse buraco enquanto descíamos?

— Onde está todo o saque que este lugar devia ter? — Os Harkonnen levaram consigo. — Para mim, um chuveiro morno e uma cama macia! — Ainda não ouviu, estúpido? Nada de chuveiros neste lugar, você esfrega sua bunda com areia! — Hei! Parem com isso. É o Duque!

O Duque saiu da entrada para a escadaria, entrando num salão repentinamente silencioso.

Gurney Halleck avançou no meio da multidão, sacola sobre um dos

ombros, o pescoço de um baliset de nove cordas agarrado na outra mão. Mãos com dedos longos, polegares enormes, cheios de minúsculos movimentos que podiam extrair uma música tão delicada do instrumento.

O Duque observou Halleck, admirando a feia massa de homem, notando os olhos penetrantes como lascas de vidro, cheios de uma compreensão feroz. Aqui estava um homem que vivia fora das faufreluches, embora obedecendo a seus preceitos. Como era mesmo que Paul o chamara?

“Gurney, o Valoroso.”

O cabelo louro, cor de feno, estendia-se sobre os pontos calvos da cabeça. A boca larga contorcida num esgar de prazer, enquanto a cicatriz do

chicote inkvine que golpeará seu maxilar parecia mover-se, como se dotada de vida própria. Seu ar era de confiança casual, tranqüilidade assumida. Ele chegou junto do Duque, se curvou.

— Gurney — disse Leto.

— Meu senhor. — Ele gesticulou com o baliset na direção dos homens na sala. — Estes são os últimos. Eu teria preferido chegar com a primeira onda, mas...

— Ainda há alguns Harkonnen para você — respondeu o Duque. — Venha comigo, Gurney, aonde possamos falar.

— As suas ordens, meu senhor.

Dirigiram-se para um quarto ao lado de uma máquina de água, enquanto os homens se remexiam inquietos no

grande salão. Halleck deixou cair sua sacola num canto, mas continuou segurando o baliset.

— Quantos homens você pode enviar ao Hawat? — indagou o Duque.

— Thufir está com problemas, senhor?

— Ele só perdeu dois agentes, e seus homens de vanguarda nos deram uma excelente cobertura sobre toda a estrutura Harkonnen montada aqui. Se nos movermos rapidamente podemos conquistar uma certa segurança, o espaço de que precisamos para respirar. Ele deseja tantos homens quantos você possa conseguir; homens que não hesitarão na hora de um pequeno trabalho com a faca.

— Ele pode ficar com trezentos dos meus melhores. Para onde devo

enviá-los?

— Ao portão principal. Hawat tem um agente lá, esperando para conduzi-los.

— Devo fazer isso imediatamente, senhor?

— Num momento. Temos um outro problema. O comandante do campo vai segurar o ônibus espacial até o nascer do sol mediante um pretexto. O Heighliner da Corporação que nos trouxe até aqui está indo embora em sua rota e o ônibus espacial deverá fazer contato com um cargueiro que está levando uma carga de especiaria.

— Nossa especiaria, meu senhor?

— Nossa especiaria. Mas o ônibus deverá transportar também alguns dos caçadores de especiaria do velho regime. Eles optaram por partir com a mudança

de feudo, e o juiz da Mudança permitiu. Eles são trabalhadores valiosos, Gurney, aproximadamente oitocentos homens. Antes que o ônibus decole, você deve persuadir alguns desses homens a se alistarem conosco.

— Quão forte deve ser essa persuasão, senhor?

— Desejo que eles cooperem voluntariamente, Gurney. Esses homens possuem a habilidade e a experiência de que necessitamos. O fato de estarem partindo sugere que não são parte da máquina Harkonnen. Hawat acredita que pode haver alguns maus elementos infiltrados no grupo, mas ele vê assassinos em cada sombra.

— Thufir encontrou algumas sombras muito férteis, em seu tempo,

meu senhor.

— E houve algumas que ele não encontrou. Mas acho que plantar agentes nesta multidão de partida revelaria muita imaginação da parte dos Harkonnen.

— Possivelmente, senhor. Onde estão os homens?

— Lá embaixo, na sala de espera do nível inferior. Sugiro que você vá até lá, e toque uma ou duas canções para amaciar suas mentes, e então inicie a pressão. Você pode oferecer posições de autoridade àqueles que se qualificarem para elas. Ofereça salários vinte por cento mais altos do que eles recebiam sob o governo dos Harkonnen.

— Não mais do que isso, senhor? Conheço as escalas de pagamento dos Harkonnen. E para homens com o desejo

de viajar e bolsos cheios com o pagamento final... bem, senhor, vinte por cento dificilmente pareceriam uma razão adequada para ficarem.

Leto disse impaciente: — Então use de seu próprio arbítrio, em casos particulares. Mas lembre-se de que o tesouro não é ilimitado. Mantenha em vinte por cento, sempre que for possível. Nós necessitamos, principalmente, de condutores de especiaria, observadores meteorológicos, homens das dunas — todos os que tiverem experiência na areia.

— Compreendo, senhor. Eles virão todos pela violência: seus rostos erguidos para o vento do leste, reunindo-se no cativoiro da areia.

— Uma citação muito tocante. Entregue sua tripulação a um dos

tenentes. Peça a ele para dar uma rápida instrução aos homens quanto à disciplina da água, depois coloque-os para dormir no quartel, junto ao campo. O pessoal do campo irá dirigi-los, então.

E não se esqueça dos homens para Hawat.

— Trezentos dos melhores, senhor. — Ele pegou sua mochila espacial e perguntou: — Onde devo me apresentar ao senhor, quando minhas tarefas estiverem terminadas?

— Vou realizar um conselho aqui, na sala superior. Manteremos o comando lá. Quero arranjar uma nova ordem de dispersão planetária, com os esquadrões blindados seguindo na frente.

Halleck parou no ato de se voltar, percebendo o olhar de Leto.

— Está prevendo esse tipo de confusão, senhor? Pensei que havia um juiz de Mudança por aqui.

— Haverá guerra aberta e secreta — respondeu o Duque. Sangue aos borbotões será derramado por aqui, antes que tenhamos terminado.

— “E a água que tiraste do rio se converterá em sangue sobre a terra árida” — citou Halleck.

O Duque suspirou. — Vá depressa, Gurney.

— Muito bem, meu senhor. — A cicatriz da chicotada tremulou com o seu sorriso.

— “Olhem! Como um burro selvagem no deserto, eu avanço em meu trabalho.” — Ele se voltou, caminhando para o centro da sala onde parou para

transmitir suas ordens, depois seguiu a toda pressa por entre seus homens.

Leto sacudiu a cabeça. Halleck era um assombro contínuo: uma cabeça cheia de canções, citações e frases floreadas... e o coração de assassino, quando chegava a hora de lidar com os Harkonnen.

Daí a pouco Leto seguiu sem pressa, num curso diagonal em direção ao elevador, respondendo às saudações com um aceno da mão. Reconheceu um dos homens da propaganda, e parou para transmitir-lhe uma mensagem que deveria ser enviada aos homens através dos canais adequados: aqueles que haviam trazido suas mulheres gostariam de saber que elas estavam em segurança, e onde poderiam ser encontradas. Os outros desejariam saber que a população aqui parecia gabar-

se de ter mais mulheres do que homens.

O Duque bateu no braço do homem da propaganda, um sinal de que a mensagem possuía prioridade máxima, e devia ser transmitida imediatamente, depois continuou seu caminho. Acenou para os homens, sorriu, trocou amenidades com um subalterno.

“O Comandante deve sempre parecer confiante”, pensou ele.

“Toda aquela fé montada sobre seus ombros, enquanto você se senta num ponto crítico sem jamais demonstrá-la.”

Deu um suspiro de alívio quando o elevador o engoliu, e pôde voltar seu rosto para as portas impessoais.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Acima da saída do campo de pouso

Arrakeen, toscamente gravada como se por um instrumento inadequado, havia uma inscrição que o Muad'Dib repetiria muitas vezes. Ele a viu em sua primeira noite em Arrakis, quando foi trazido para o posto de comando ducal com vistas a participar da primeira conferência do estado maior de seu pai. As palavras na inscrição eram uma súplica para aqueles que deixavam Arrakis, mas caíram com um significado sombrio nos olhos de um rapaz que acabara de escapar de um encontro muito próximo com a morte. Elas diziam: "Oh você, que conheceu o que sofremos aqui, não nos esqueça em suas preces. "

*— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

— Toda a teoria da guerra repousa

sobre o risco calculado dizia o Duque. — Mas, quando chega a hora de arriscar sua própria família, o elemento de cálculo se afoga em... outras coisas.

Sabia que não estava contendo sua raiva como deveria, e por isso se voltou, caminhando ao longo da comprida mesa, e depois voltando.

O Duque e Paul encontravam-se sozinhos na sala de conferências do campo de pouso. Uma sala que ecoava vazia, mobiliada apenas com a longa mesa, e as cadeiras antiquadas de três pernas ao redor. Numa das extremidades havia um quadro de mapas e um projetor. Paul sentava-se à mesa junto do quadro de mapas.

Contara a seu pai sua experiência com o caçador-rastreador, e transmitira as

notícias de que um traidor os ameaçava.

O Duque parou diante de Paul golpeando a mesa. — Hawat me disse que a casa estava segura!

Paul falou hesitantemente :

— Eu fiquei furioso também no início. E culpei Hawat. Mas a ameaça veio de fora da casa. Era simples, hábil e direta. E teria conquistado êxito se não fosse o treinamento que recebi de você, e de muitos outros — inclusive de Hawat.

— Você o está defendendo? — reclamou o duque.

— Sim.

— Ele está ficando velho. É isso. Ele deveria...

— Ele é sábio, com a experiência que acumulou. Quantos erros de Hawat é capaz de lembrar?

— Deveria ser eu a defendê-lo —
respondeu o duque. Não você.

Paul sorriu.

Leto sentou-se na extremidade da mesa, colocando a mão sobre seu filho.

— Você amadureceu ultimamente, filho. — Ergueu a mão. — Isso me alegra. — Correspondeu ao sorriso do filho. — Hawat punirá a si mesmo. Ele canalizará mais fúria contra si, por causa disso, do que nós dois poderíamos derramar sobre ele.

Paul olhou para as janelas escurecidas além do quadro de mapas, em direção à negrura da noite. As luzes da sala refletiam-se de uma sacada estendendo-se lá fora. Ele viu movimento e reconheceu a silhueta de um guarda no uniforme dos Atreides. Olhou de volta

para a parede branca por trás de seu pai, e então para baixo, em direção à superfície brilhante da mesa, onde suas mãos se contraíam em punhos.

A porta oposta ao Duque abriu-se de súbito e Thufir Hawat caminhou para dentro, parecendo mais velho e coriáceo que nunca.

Marchou ao longo de todo o comprimento da mesa, parando diante de Leto em posição de sentido.

— Meu senhor — disse ele, falando para um ponto acima da cabeça do Duque. — Acabo de saber como falhei ao senhor. Torna-se necessário que eu apresente minha resigna...

— Sente-se e pare de agir como um tolo — respondeu Leto, indicando a cadeira na frente de Paul. — Se você

cometeu um erro foi ao superestimar os Harkonnen. Suas mentes simples produziram um estratagema simples. Nós não contávamos com truques simples, e meu filho esteve se esforçando para me demonstrar que somente sobreviveu devido ao seu treinamento. Você não falhou lá. — Bateu no recosto da cadeira vazia. — Sente-se, é o que eu digo!

Hawat afundou na cadeira.

— Mas...

— Não ouvirei mais nada sobre isso. O incidente está encerado! Temos assuntos mais urgentes. Onde estão os outros?

— Pedi que esperassem enquanto eu...

— Chame-os.

Hawat olhou nos olhos de Leto.

— Senhor, eu...

— Sei quem são meus verdadeiros amigos, Thufir. Chame os homens.

Hawat engoliu em seco.

— Imediatamente, meu senhor. —

Girou na cadeira e gritou para a porta aberta. — Gurney, faça-os entrar.

Halleck liderou a coluna de homens para dentro da sala, os oficiais do estado-maior parecendo sérios e sombrios, seguidos pelos auxiliares mais jovens e os especialistas, todos com uma aparência de impetuosidade. Ruídos breves ecoaram na sala enquanto os homens tornavam seus assentos. Um leve perfume de estimulante rachag atravessou a mesa.

— Há café para aqueles que quiserem — disse Leto.

Olhava para os homens pensando: “Eles são uma boa equipe. Um homem poderia estar muito pior neste tipo de guerra.” Esperou enquanto o café era trazido da sala ao lado e servido, notando o cansaço em alguns rostos.

Em pouco tempo colocou sua máscara de calma eficiência, levantando-se e exigindo a atenção com uma batida do nó dos dedos sobre a mesa.

— Bem, senhores, nossa civilização parece ter caído tão profundamente no hábito da invasão, que nem podemos obedecer a uma simples ordem do Império sem que os velhos hábitos sejam revividos.

Risos secos soaram ao longo da mesa e Paul percebeu que seu pai dissera a coisa adequada, no tom precisamente

carreto, para levantar o moral por aqui. Até mesmo o sinal de fadiga em sua voz fora perfeito.

— Creio que, em primeiro lugar, é melhor saber se Thufir tem alguma coisa a acrescentar ao seu relatório sobre os Fremen. Thufir?

Hawat ergueu a cabeça.

— Eu me ocupei de algumas questões econômicas depois de meu relatório inicial, senhor, mas posso afirmar agora que os Fremen parecem cada vez mais ser os aliados de que necessitamos. Eles estão aguardando agora para ver se podem confiar em nós, mas parecem estar negociando abertamente. Eles nos enviaram presentes: trajes destiladores de sua própria confecção... e mapas de certas áreas

desertas cercando baluartes que os Harkonnen deixaram para trás... — Abaixou a cabeça fitando a superfície da mesa. — Seus relatórios de inteligência provaram ser totalmente confiáveis, e nos ajudaram consideravelmente em nossos negócios com o juiz da Mudança. Eles também enviaram algumas coisas secundárias: jóias para Lady Jessica, licor de especiaria, doces, remédios. Meus homens estão examinando tudo isso agora, e parece que não há truques.

— Você gosta dessa gente, Thufir? — indagou um homem ao longo da mesa. Hawat encarou o questionador.

— Duncan Idaho diz que eles devem ser admirados.

Paul olhou para seu pai, depois novamente para Hawat, arriscando uma

pergunta:

— Há alguma informação nova quanto ao número de Fremen neste lugar?

Hawat olhou para Paul.

— A partir do sistema de processamento de alimentos e outros indícios, Idaho estima que o complexo caverna que ele visitou tinha umas dez mil pessoas. Seu líder disse que governava um sietch de duas mil almas. Temos razão para crer que exista um grande número de tais comunidades sietch. Todas elas parecem prestar obediência a alguém chamado Liet.

— Isso é algo de novo — observou Leto.

— Pode ser um erro de minha parte, senhor. Há indícios que sugerem

que esse Liet possa ser uma divindade local.

Outro homem pigarreou para indagar:

— É verdadeiro que eles comerciam com os contrabandistas?

— Uma caravana de contrabandistas, carregando uma pesada carga de especiaria, deixou este sietch enquanto Idaho lá estava. Eles usaram tropas de bestas e sugeriram que enfrentariam uma jornada de dezoito dias.

— Parece — observou Leto — que os contrabandistas redobram suas operações durante este período de agitação. Isto deve ser estudado cuidadosamente. Não devemos nos preocupar muito com fragatas não

licenciadas operando fora de nosso planeta — isto sempre foi feito. Mas tê-los totalmente fora de nossa vigilância não é recomendável.

— O senhor tem um plano? — indagou Hawat.

O duque olhou para Halleck. — Gurney, eu queria que você liderasse uma delegação, uma embaixada se preferir, visando contatar esses românticos negociantes. Diga a eles que eu ignorarei suas operações, desde que me entreguem um dízimo ducal. Hawat estima que os subornos e os combatentes extras, necessários às operações deles, têm-lhes custado quatro vezes a quantia que me pagariam.

— E se o imperador souber disso? — indagou Halleck. — Ele tem um

ciúme muito grande de seus lucros na CHOAM, meu senhor.

Leto sorriu.

— Nós depositaremos todo o dízimo, abertamente, em nome de Shaddam IV, e deduziremos a quantia legalmente dos nossos custos com o suporte de tropas. Deixe que os Harkonnen combatam isso! E estaremos arruinando alguns funcionários locais que têm engordado sob o sistema Harkonnen. Fim das propinas.

Um sorriso contorceu a face de Halleck.

— Ah, meu senhor, que lindo golpe baixo. Gostaria de ver a cara do barão quando souber disso.

O Duque voltou-se para Hawat:

— Thufir, você conseguiu aqueles

livros-razão que disse que poderia comprar?

— Sim, meu senhor. Eles estão sendo examinados detalhadamente agora mesmo. Dei uma olhada neles e posso lhe fornecer uma primeira estimativa.

— Vá em frente.

— Os Harkonnen tiravam dez bilhões de solaris daqui, a cada trezentos e trinta dias Standard.

Um murmúrio de espanto percorreu a mesa. Até mesmo os jovens auxiliares, que demonstravam sinais de tédio, empertigaram-se trocando olhares de admiração.

Halleck murmurou :

— “Pois eles sugaram da abundância dos mares e dos tesouros ocultos na areia...”

— Como podem ver, cavalheiros — disse Leto —, depois disso não creio que ainda exista alguém tão tolo para acreditar que os Harkonnen calmamente empacotaram suas coisas e foram embora, apenas porque o Imperador assim o ordenou.

Houve um acenar de cabeças por toda a sala, expressões de concordância.

— Teremos que tomar isso na ponta da espada — observou Leto, e voltou-se para Hawat. — Seria uma boa medida fazer um inventário do equipamento: quantos tratores de areia, colhedores, processadores de especiaria e equipamento de apoio foram deixados por eles?

— Uma provisão completa, de acordo com o inventário examinado pelo

juiz da Mudança, meu senhor. — Hawat gesticulou para que um auxiliar lhe passasse uma pasta que abriu sobre a mesa. — Mas eles se esqueceram de mencionar que metade dos tratores está imprestável e que somente um terço dispõe de “transporta-tudo” para voar com eles até as areias de especiaria, ou seja: que tudo que os Harkonnen nos deixaram está prestes a cair aos pedaços. Nós teremos muita sorte se conseguirmos colocar metade desse equipamento em operação, e mais sorte ainda se um quarto disto ainda estiver funcionando daqui a seis meses.

— Exatamente o que esperávamos — disse Leto. — Qual é a expectativa da firma quanto ao equipamento básico?

Hawat olhou para a pasta. —

Aproximadamente novecentas e trinta colhedoras-processadoras podem ser enviadas dentro de alguns dias. Seis mil duzentos e cinquenta ornitópteros para busca, patrulhamento e observação do tempo... Os “transporta-tudo” são menos de mil.

Halleck disse:

— Não seria mais barato reabrir as negociações com a Corporação visando obter permissão de orbitar uma fragata, como satélite meteorológico?

O Duque olhou para Hawat.

— Nada de novo neste lado, hein, Thufir?

— Devemos seguir por outros caminhos, por enquanto. O agente da Corporação não estava realmente negociando conosco. Ele estava apenas

deixando claro — de um Mentat para outro — que o preço seria fora de nosso alcance, e assim permaneceria, não importando qual a capacidade que desenvolvêssemos. Nossa tarefa é descobrir por quê, antes de nos dirigirmos a ele novamente.

Um dos ajudantes de Halleck remexeu-se em sua cadeira, desabafando:

— Isso não é justo.

— Justiça? — O duque olhou para o homem. — Quem pede por justiça? Nós fazemos nossa própria justiça. Faremos aqui em Arrakis Vença ou morra. Está arrependido de se unir a nós, senhor?

O homem encarou o duque.

— Não, senhor. O senhor não tem escolha, e eu não poderia fazer nada

senão segui-la. Perdoe-me a explosão... é que... nos sentimos amargos às vezes...

— De amargura eu entendo — disse o Duque —, mas não vamos reclamar a respeito de justiça enquanto tivermos braços e a liberdade para usá-los. Mais alguém, entre vocês, abriga amargura? Se assim for pode desabafar. Este é um conselho amistoso onde qualquer um pode falar o que pensa.

Halleck mexeu-se dizendo:

— Acho que o que dói mais, senhor, é que não tivemos voluntários das outras Grandes Casas. Eles se dirigem ao senhor como “Leto, o justo” e prometem eterna amizade, mas desde que isso não lhes custe nada.

— Eles não sabem quem vai vencer esta disputa. A maioria das Casas

tem engordado por não correr riscos. Não podemos culpá-los por isso, podemos apenas desprezá-los. — Olhou para Hawat.

— Estávamos discutindo equipamento. Você se importaria de projetar algumas amostras, para familiarizar os homens com as máquinas?

Hawat assentiu, gesticulando para um ajudante no projetor.

A imagem de um sólido em terceira dimensão surgiu na superfície da mesa, um terço do comprimento na direção do Duque.

Alguns dos homens mais afastados se levantaram, para ter uma visão melhor da projeção 3D.

Paul inclinou-se para diante, fitando a máquina.

Em escala, com relação às minúsculas figuras humanas ao seu redor, a coisa deveria ter uns cento e vinte metros de comprimento por quarenta de largura. Constituía-se, basicamente, de um longo corpo em forma de besouro, movendo-se sobre plataformas independentes, de esteiras largas.

— Esta é uma fábrica colhedora — explicou Hawat. Escolhemos uma em boas condições para esta projeção. É um engenho-reboque que chegou aqui com o primeiro grupo de ecologistas imperiais, embora ainda seja mantido em funcionamento... sem que eu saiba como, e por quê.

— Se é aquela que eles chamam de “Velha Maria”, pertence a um museu — explicou um ajudante. — Acho que os

Harkonnen a mantinham como uma punição, uma ameaça sobre as cabeças de seus trabalhadores: “comportem-se direito; ou serão enviados para prestar serviço na Velha Maria.”

Risos ecoaram pela mesa.

Paul manteve-se distante desse humor, sua atenção focalizada sobre a projeção e a pergunta que ocupava sua mente. Apontou para a imagem sobre a mesa, dizendo : — Thufir, os vermes da areia são bastante grandes para engolir esse negócio todo?

Um rápido silêncio tomou conta da sala. O Duque praguejou baixinho e depois pensou: “Não, eles precisam enfrentar as realidades do lugar.”

— Existem vermes no deserto profundo que poderiam tragar toda esta

fábrica, de um único gole — explicou Hawat. — Aqui em cima, junto da Muralha Escudo, onde a maior parte da colheita de especiaria é feita, existem vermes em quantidade tal que poderiam danificar esta fábrica, e devorá-la com calma.

— Por que não as dotamos de escudos? — indagou Paul.

— De acordo com o relatório de Idaho, os escudos são perigosos no deserto. Um escudo, do tamanho do corpo de uma pessoa, atrairia todos os vermes num raio de centenas de metros. Parece induzi-los a um frenesi assassino. Temos a palavra dos Fremen quanto a isso, e nenhuma razão para duvidar. Idaho não viu nenhum indício de equipamento de escudos no sietch.

— Nenhum mesmo? — insistiu Paul.

— Seria muito difícil ocultar esse tipo de coisa entre vários milhares de pessoas. Idaho teve livre acesso a todas as partes do sietch. Não viu escudos, ou qualquer indicação quanto ao seu uso.

— É um enigma — observou o duque.

— Os Harkonnen, claramente, usaram escudos à vontade por aqui — continuou Hawat. — Eles tinham depósitos de reparos em cada vila de guarnição, e seus livros mostram uma pesada despesa com substituições de escudos e peças sobressalentes.

— Teriam os Fremen algum meio de anular os escudos? indagou Paul.

— Não me parece provável. É

teoricamente possível, claro, uma imensa contra-carga estática faria o truque, mas até hoje ninguém foi capaz de fazer o teste.

— Teríamos ouvido a respeito — disse Halleck. — Os contrabandistas vivem em contato com os Fremen, e já teriam adquirido tal artefato se houvesse algum disponível. E não teriam inibições quanto a comercializá-la fora do planeta.

— Não gosto de uma pergunta desta importância sem resposta comentou Leto. — Thufir, quero que dê prioridade máxima à solução deste problema.

— Já estamos trabalhando nele, meu senhor. — Fez uma pausa, pigarreou, continuando. — Ah, Idaho disse uma coisa: ele disse que não há enganos quanto à atitude dos Fremen

com relação aos escudos. Ele disse que eles geralmente acham graça.

O Duque franziu a testa.

— O assunto em discussão é o equipamento de especiaria.

Hawat gesticulou para seu ajudante com o projetor.

A imagem 3D da fábrica colhedora foi substituída pela projeção de um engenho alado, que fazia parecerem anões as imagens dos humanos ao seu redor.

— Isto é um transporta-tudo — explicou Hawat. Essencialmente é um ornitóptero muito grande, cuja única função é descer uma fábrica nas areias ricas em especiaria e resgatá-la, quando um verme da areia aparece. Eles sempre aparecem. A colheita de especiaria é um processo de chegar e correr, levando

tanto quanto possível.

— Admiravelmente adequado à moralidade Harkonnen disse Leto.

A gargalhada foi abrupta, e muito alta.

Um ornitóptero substituiu o transporta-tudo na tela de projeção.

— Estes “tópteros” são razoavelmente convencionais. As maiores modificações são as que os dotam de um alcance extra. Um cuidado especial tem sido dedicado a vedar as áreas essenciais contra areia e pó. Somente um, em cada trinta, possui escudo possivelmente para descartar o peso do gerador em benefício de um alcance maior.

— Não gosto desta desmitificação em escudos — murmurou o Duque; e pensou: “Seria esse o segredo dos

Harkonnen? Significará que não seremos capazes de escapar, nem mesmo em fragatas com escudos, se tudo virar contra nós?” Sacudiu a cabeça para afastar o pensamento e disse: — Vamos fazer uma estimativa de trabalho. Qual seria o nosso lucro?

Hawat virou duas páginas em seu livro de notas.

— Após inventariar os reparos e o equipamento operacional, calculamos nossa primeira estimativa de custos operacionais. É baseada, naturalmente, num número por baixo, para fornecer uma clara margem de segurança. — Fechou os olhos, no semi-transe Mentat: — Sob o governo dos Harkonnen, os salários e a manutenção eram mantidos em quatorze por cento. Teremos sorte se

conseguirmos trinta por cento, no início. Com reinvestimento e fatores de crescimento adicionados, incluindo a porcentagem da CHOAM e os custos militares, nossa margem de lucros será reduzida a uns estreitos seis ou sete por cento, até que possamos substituir o equipamento gasto. Seremos, então, capazes de impulsioná-la para os doze ou quinze por cento ideais. — Abriu os olhos. — A não ser que o meu senhor deseje adotar métodos Harkonnen.

— Estamos trabalhando para conquistar uma base planetária sólida e permanente; para isso teremos que manter uma grande percentagem das pessoas satisfeitas, principalmente os Fremen.

— Especialmente os Fremen —

concordou Hawat.

— Nossa supremacia em Caladan — lembrou o Duque — dependia do poder aeronaval. Aqui, devemos desenvolver alguma coisa que eu chamaria de poder no deserto. Isso pode incluir força aérea, mas é possível que não. Chamo a atenção de vocês para a ausência de escudos nos tópteros. — Sacudiu a cabeça. — Os Harkonnen dependiam da rotatividade de seu pessoal de fora do planeta em alguns dos postos-chaves. Nós não podemos fazer o mesmo. Cada novo grupo de substitutos traria sua quota de agitadores.

— Então teremos que nos contentar com um lucro mais reduzido e colheitas reduzidas — explicou Hawat. — Nossa produção, nas duas primeiras

safras, cairá para um terço da média Harkonnen.

— Aí está — disse Leto. — Exatamente como esperávamos. Teremos que nos mover rápido com os Fremen. Quero dispor de cinco batalhões completos de tropas Fremen, antes da primeira fiscalização da CHOAM.

— Não nos dá muito tempo, senhor — comentou Hawat.

— Não temos muito tempo, como você bem o sabe. Eles estarão aqui, com Sardaukar disfarçados de Harkonnen na primeira oportunidade. Quantos acha que eles poderão embarcar, Thufir?

— Quatro ou cinco batalhões, senhor. Não mais do que isso, sendo os custos de transporte de tropas pela Corporação o que são.

— Então, cinco batalhões de Fremmen mais as nossas próprias forças devem dar conta. Vamos ter alguns Sardaukar prisioneiros para desfilarem em frente do Conselho da Landsraad e as coisas ficarão bem diferentes, com lucros ou sem eles.

— Faremos o melhor que pudermos, senhor.

Paul olhou para seu pai e depois para Hawat, subitamente consciente da idade avançada do Mentat, consciente de que aquele velho servira três gerações de Atreides. Envelhecido. Era evidente no brilho embaçado dos olhos castanhos, nas maçãs do rosto fendidas e queimadas por climas exóticos, na curva arredondada dos ombros e nos lábios finos, com a tintura do suco de sapho.

“É muita dependência de um homem idoso”, pensou Paul.

— Estamos atualmente numa guerra de assassinos — explicou o Duque —, mas ela ainda não chegou ao seu ponto máximo. Thufir, qual é a situação da máquina Harkonnen neste planeta?

— Eliminamos duzentos e cinqüenta e nove de seus elementos-chave, meu senhor. Não mais do que três células Harkonnen permanecem. Talvez cem pessoas ao todo.

— Essas criaturas Harkonnen que você eliminou possuíam propriedades?

— A maioria estava bem situada, meu senhor, na classe empresarial.

— Quero certificados forjados de lealdade com as assinaturas de cada um — ordenou o Duque. — Arquive cópias

com o juiz da Mudança. Adotaremos a acusação legal de que eles falsearam sua fidelidade. Isso nos permitirá confiscar suas propriedades, tomar tudo, pegar suas famílias e despi-las. E certifique-se de que a Coroa obtenha seus dez por cento. Deve ser tudo inteiramente legal.

Thufir sorriu, revelando dentes tingidos de vermelho por baixo dos lábios carmesins.

— Um movimento digno de sua grandeza, meu senhor. Envergonha-me não ter pensado nisto antes.

Halleck franziu a testa, surpreendendo a expressão aborrecida no rosto de Paul. Todos os outros sorriam e faziam gestos de concordância.

“Isso é errado”, pensava Paul. “Apenas fará com que os outros lutem

mais duramente. Eles não terão nada a ganhar se rendendo.”

Sabia que as convenções abertas que governavam um kanly permitiam isso, mas era o tipo de movimento que poderia destruí-los, ainda que lhes desse a vitória.

— “Eu tenho sido um estranho numa terra estranha” — citou Halleck.

Paul olhou para ele, reconhecendo a citação da Bíblia C.L., e perguntando a si mesmo: “Será que Gurney também deseja um fim para estas tramas tortuosas?”

O Duque olhou para a escuridão além das janelas e voltou-se para Halleck.

— Gurney, quantos daqueles trabalhadores das areias você persuadiu para ficarem conosco?

— Duzentos e oitenta e seis ao todo, senhor. Creio que devemos ficar com eles e nos considerarmos felizes. Eles estão todos nas categorias mais úteis.

— Não mais? — O Duque apertou os lábios. — Faremos correr a notícia de que...

Uma confusão na porta o interrompeu. Duncan Idaho passou pelos guardas, avançou apressado ao longo da mesa e se curvou para falar junto ao ouvido do Duque.

Leto acenou para que se erguesse.

— Fale alto, Duncan. Como pode ver, este é um conselho estratégico de estado-maior.

Paul estudava as feições de Idaho, os movimentos felinos, a rapidez de reflexos que o tornavam um professor de

armas difícil de imitar. O rosto escuro e redondo voltou-se para ele, os olhos eram de um animal das cavernas, não dando nenhuma demonstração de nada, porém Paul reconhecia a máscara de serenidade tapando a excitação.

Idaho olhou ao longo da mesa e disse:

— Pegamos uma força de mercenários Harkonnen disfarçados de Fremen. Os próprios Fremen nos enviaram um mensageiro para avisar quanto ao grupo falso. Durante o ataque, contudo, nós descobrimos que os Harkonnen tinham emboscado o mensageiro. Ele foi gravemente ferido e nós o estávamos trazendo para cá, para ser tratado por nossos médicos, quando ele morreu. Percebi como o homem

estava mal e parei para ver o que podia fazer. Surpreendi-o tentando jogar longe alguma coisa. — Idaho olhou para Leto: — Uma faca, meu senhor, uma faca como o senhor nunca viu.

— Faca cristalina? — indagou alguém.

— Sem dúvida alguma. Branco-leitosa e brilhando com uma luz interior. — Ele estendeu a mão para a túnica e tirou uma bainha, com um cabo negro projetando-se.

— Mantenha essa lâmina embainhada!

A voz vinha da porta aberta, no final da sala. Uma voz vibrante e penetrante, que fez todos olharem naquela direção.

Uma figura alta envolta em manto

erguia-se na porta, bloqueada pelas espadas cruzadas dos guardas. Um manto cor de bronze claro o envolvia completamente, com exceção de uma pequena abertura no capuz e no véu negro a revelar olhos totalmente azuis, sem nenhum sinal de branco.

— Deixe-o entrar — sussurrou Idaho.

— Deixem o homem passar — disse o Duque.

Os guardas hesitaram, e então baixaram suas espadas.

O homem deslizou pela sala parando diante de Leto.

— Este é Stilgar, chefe do sietch que visitei, e líder daqueles que nos avisaram sobre o falso bando — explicou Idaho.

— Bem-vindo, senhor — disse Leto. — Por que não devemos desembainhar esta lâmina?

Stilgar olhou para Idaho, dizendo:

— Você observou os costumes de honra e purificação entre nós. Eu lhe permitiria ver a lâmina do homem que você socorreu. — Seu olhar varreu os outros na sala. — Mas eu não conheço esses outros. Você permitiria que eles violassem uma arma honrada?

— Eu sou o Duque Leto. Permitiria que eu visse a lâmina?

— Permitiria que adquirisse o direito de desembainhá-la — respondeu Stilgar, enquanto um murmúrio de protesto percorria a mesa. Ele ergueu a mão magra e coberta por véu escuro. — Devo lembrá-lo de que esta lâmina

pertence àquele de quem você se tornou amigo.

No silêncio que se seguiu, Paul estudou o homem, sentindo a aura de poder que dele se irradiava. Tratava-se de um líder, um líder Fremen.

O homem próximo ao centro da mesa no lado oposto a Paul balbuciou:

— Quem é ele para nos dizer que direitos temos em Arrakis?

— Costuma-se dizer que o Duque Leto governa com a aprovação dos governados — disse o Fremen. — Ah, sim, eu devo lhes falar sobre os nossos costumes: uma certa responsabilidade recai sobre aqueles que fitam uma faca cristalina. — Ele passou um olhar sombrio na direção de Idaho. — Eles se tornam parte de nós, e jamais poderão

deixar Arrakis sem o nosso consentimento.

Halleck e vários dentre os outros começaram a se levantar, com expressões de fúria em seus rostos. Halleck disse:

— O Duque Leto determina se...

— Um momento por favor — pediu Leto e a brandura em sua voz os conteve. “Não devo permitir que isto escape ao controle”, ele pensou. Dirigiu-se ao Fremen:

— Senhor, eu honro e respeito a dignidade pessoal de qualquer homem que respeite a minha dignidade. Tenho uma dívida para consigo e eu sempre pago minhas dívidas. Se é seu costume que esta faca permaneça embainhada, então assim é ordenado, por mim. E se houver algum outro modo pelo qual

possamos honrar o homem que morreu em nosso serviço, basta que nos diga.

O Fremen olhou para o Duque e então, lentamente, puxou para o lado o véu que lhe cobria o rosto, revelando um nariz fino e uma boca de lábios grossos em meio a barba negra brilhante. Deliberadamente, ele se curvou sobre a extremidade da mesa e cuspiu em sua superfície polida.

Enquanto os homens ao redor se erguiam, indignados, a voz de Idaho trovejou através da sala:

— Parem!

Na tensa imobilidade que se seguiu, Idaho disse:

— Nós lhe agradecemos, Stilgar, pela dádiva de sua umidade corporal. Nós a aceitamos pela intenção com que é dada.

— E Idaho cuspiu na mesa diante do Duque.

Ao lado do Duque ele explicou:

— Lembre-se quão preciosa é a água aqui, senhor. Aquele foi um gesto de respeito.

Leto sentou-se novamente, percebendo o olhar de Paul e o sorriso triste no rosto do filho. Sentiu o lento relaxar da tensão em torno da mesa, enquanto a compreensão chegava à mente de seus homens.

O Fremen olhou para Idaho, dizendo:

— Você se portou bem em meu sietch, Duncan Idaho. Existe um compromisso em sua fidelidade ao Duque?

— Ele me pede para me alistar

com ele, senhor! explicou Idaho.

— Aceitaria uma lealdade dupla?
— indagou Leto.

— Deseja que eu vá com ele, senhor?

— Eu desejo que tome sua própria decisão — respondeu Leto, incapaz de evitar o tom de urgência em sua voz.

Idaho observou o Fremen.

— Você me aceitaria sob estas condições, Stilgar? Haveria ocasiões em que eu deveria retornar para servir ao meu Duque.

— Você luta bem e fez o melhor que pôde pelo nosso amigo — respondeu Stilgar, depois olhou para o Duque. — Vamos deixar assim: o homem Idaho fica com a faca cristalina, como marca de sua lealdade para conosco. Ele deve ser

purificado, é claro, e os ritos seguidos, mas isto pode ser feito. Ele será Fremmen e soldado dos Atreides. Há um precedente para isto: Liet serve a dois mestres.

— Duncan? — indagou Leto.

— Compreendo, senhor.

— Então chegamos a um acordo.

— Sua água é nossa, Duncan Idaho — disse Stilgar. — O corpo do nosso amigo permanece com o seu Duque. A água dele é água dos Atreides. Que isto seja o laço de união entre nós.

Leto suspirou olhando para Hawat, percebendo o olhar do velho Mentat. Hawat acenou, sua expressão satisfeita.

— Eu esperarei lá embaixo — continuou Stilgar —, enquanto Idaho se despede de seus amigos. Turok era o nome de nosso colega morto. Lembre-se

disso quando chegar a ocasião de libertar seu espírito. Vocês são amigos de Turok.

Stilgar começou a se virar.

— Não quer ficar conosco um pouco? — indagou Leto.

O Fremen se voltou, recolocando o véu sobre o rosto com um gesto casual e ajustando alguma coisa debaixo dele. Paul vislumbrou o que parecia um fino tubo antes que o véu assentasse em sua posição.

— Há alguma razão para que eu fique?

— Nós o honraríamos — disse o Duque.

— A honra exige que eu esteja em outra parte muito em breve — respondeu o Fremen, lançando outro olhar para Idaho enquanto se virava num

movimento rápido, passando pelos guardas da porta.

— Se os outros Fremen forem como ele, nós serviremos muito bem uns aos outros — disse Leto.

Idaho disse com voz rouca:

— Ele é uma amostra regular, senhor.

— Você entende o que deve fazer, Duncan?

— Sou seu embaixador junto aos Fremen.

— Depende muito de você, Duncan. Nós vamos necessitar de, pelo menos, cinco batalhões dessa gente antes que os Sardaukar desçam sobre nós.

— Isto vai levar algum tempo, senhor. Os Fremen são um grupo muito independente. — Idaho hesitou e então

acrescentou: — E, senhor, há uma outra coisa. Um dos mercenários que nós derrubamos estava tentando tirar a lâmina do nosso amigo Fremen morto. O mercenário diz que há uma recompensa Harkonnen de um milhão de solaris para qualquer um que traga uma única faca cristalina.

O queixo de Leto ergueu-se em evidente surpresa.

— Por que eles precisam tanto de uma dessas lâminas?

— A faca é extraída do dente de um verme da areia, é a marca dos Fremen, senhor. Com ela, um homem de olhos azuis pode penetrar em qualquer sietch que exista. Eles questionariam a mim, a menos que eu fosse conhecido. Eu não me pareço com um Fremen, mas...

— Piter de Vries — disse o Duque.

— Um homem de astúcia diabólica, meu senhor — comentou Hawat.

Idaho colocou a faca embainhada em sua túnica.

— Guarde essa faca — recomendou o Duque.

— Eu entendo, meu senhor. — Ele bateu no transceptor, no estojo do cinturão. — Eu enviarei um relatório assim que for possível. Thufir tem meu código de chamada. Use linguagem de batalha. — Ele fez uma saudação, girou nos calcanhares e partiu apressadamente ao encontro do Fremen.

Ouviram seus passos afastando-se ao longo do corredor.

Um olhar de compreensão passou entre Leto e Hawat. Eles sorriram.

— Temos muito a fazer, senhor — disse Halleck.

— E eu o afasto de seu trabalho.

— Tenho o relatório sobre as bases avançadas — disse Hawat.

— Devo reservá-la para outra ocasião, senhor?

— Vai ser longo?

— Não para um resumo. Diz-se, entre os Fremmen, que existiam mais de duzentas dessas bases avançadas, construídas aqui em Arrakis durante o período da Estação de Testes Botânicos de Deserto. Todas supostamente abandonadas, mas existem relatórios de que elas foram lacradas antes de serem abandonadas.

— Equipamento nelas?

— De acordo com os relatórios que eu tenho do Duncan.

— Onde estão localizadas? — indagou Halleck.

— A resposta a essa pergunta — disse Hawat — é, invariavelmente: — “Liet sabe.”

— Só Deus sabe — murmurou Leto.

— Talvez não, senhor — continuou Hawat. — Ouviu esse Stilgar usar o nome. Estaria ele se referindo a uma pessoa real?

— Servindo a dois senhores — observou Halleck. — Soa como uma citação religiosa.

— E você devia saber — disse o Duque.

Halleck sorriu.

— Esse juiz da Mudança —
continuou Leto. — O ecologista imperial,
Kynes... não saberia ele onde ficam essas
bases?

— Senhor — advertiu-o Hawat.
— Esse Kynes é um servo imperial.

— Mas está bem longe do
imperador. Eu quero aquelas bases. Elas
estarão carregadas de material que nós
poderíamos recuperar e usar para reparos
em nosso equipamento de trabalho.

— Senhor, aquelas bases ainda são,
legalmente, feudo de Sua Majestade.

— O clima aqui é suficientemente
violento para destruir qualquer coisa —
explicou o Duque. — Nós poderemos
sempre culpar o clima. Pegue esse Kynes
e finalmente descubra se essas bases

existem.

— Seria perigoso comandá-las — insistiu Hawat. Duncan deixou claro uma coisa: essas bases, ou a idéia delas, possui algum profundo significado para os Fremen. Nós poderíamos nos indispor com eles se tomássemos tais bases.

Paul observava os rostos dos homens a sua volta, notando o modo intenso com que acompanhavam cada palavra. Eles pareciam profundamente perturbados pela atitude de seu pai.

— Ouça o que ele diz, pai — falou Paul baixinho. — Ele fala a verdade.

— Senhor — continuou Hawat —, aquelas bases poderiam nos fornecer material para consertar cada peça de equipamento que nos deixaram e ainda assim permanecerem além do nosso

alcance por razões estratégicas. Seria precipitado mover-se nesse terreno sem um conhecimento maior. Esse Kynes tem a autoridade de árbitro do Império. Não devemos nos esquecer disso. E os Fremen o respeitam.

— Faça tudo gentilmente, então. Só quero saber se aquelas bases existem.

— Se assim o deseja, senhor. — Hawat recostou-se no assento abaixando a cabeça.

— Tudo bem, então — disse Leto. — Já sabemos o que temos à nossa frente: trabalho. Fomos treinados para realizá-la, temos alguma experiência, sabemos quais serão as recompensas e as alternativas são claras. Todos vocês possuem suas tarefas. — Olhou para Halleck. Gurney, cuide da situação dos contrabandistas em primeiro

lugar.

— “Eu irei ao encontro dos rebeldes que habitam a terra seca...”, entoou Halleck.

— Algum dia eu surpreenderei este homem sem uma citação, e ele vai parecer despido — disse Leto.

Risos ecoaram ao redor da mesa, mas Paul notou o esforço empregado neles.

O Duque voltou-se para Hawat:

— Instale outro posto de comando para inteligência e comunicações neste andar, Thufir. Quando o tiver aprontado, eu quero vê-lo.

Hawat se levantou olhando ao redor da sala como se buscasse apoio. Voltou-se, liderando a procissão para fora da sala. Os outros se moveram

apressadamente, arrastando suas cadeiras no piso, aglomerando-se em pequenos nós de confusão.

“Terminou em confusão”, pensou Paul, olhando para as costas dos homens que partiam. Anteriormente, reuniões como essa costumavam terminar numa atmosfera de decisão. Esse encontro por outro lado parecera se arrastar, consumido por suas próprias insuficiências e com uma discussão para coroar tudo.

Pela primeira vez ele se permitia pensar na possibilidade de derrota — pensando nela não por medo ou por causa de avisos como o da velha Reverenda Madre, mas enfrentando-a devido ao seu próprio julgamento da situação.

“Meu pai está desesperado” — concluiu —, “as coisas não vão bem para nós, nem um pouco.”

E Hawat; Paul lembrou-se de como o velho Mentat agira durante a conferência — hesitações sutis, sinais de inquietação.

Hawat se encontrava profundamente perturbado por alguma coisa.

— É melhor você permanecer aqui pelo resto da noite, filho aconselhou o Duque. — O dia vai raiar logo, de qualquer modo. Eu avisarei sua mãe. — Ele se levantou lentamente, de modo rígido. — Por que não junta algumas dessas cadeiras e se estica para repousar um pouco?

— Eu não estou muito cansado,

senhor.

— Como quiser.

O Duque cruzou as mãos às costas e começou a caminhar, indo e vindo ao longo da mesa.

“Como um animal enjaulado”, pensou Paul.

— Vai discutir a possibilidade do traidor com Hawat?

O Duque parou diante de seu filho, falando para as janelas escuras.

— Já discutimos essa possibilidade muitas vezes.

— A velha parecia muito segura, e a mensagem que mamãe...

— Precauções foram tomadas. — Leto olhou ao redor da sala e Paul percebeu o olhar de ansiedade. — Fique aqui. Há algumas coisas a respeito dos

postos de comando que eu quero discutir com Thufir. Ele virou-se, saindo da sala com um rápido aceno para os guardas.

Paul observou o lugar onde seu pai se colocara. Um espaço que estivera vazio antes mesmo que o Duque deixasse a sala. Lembrou-se do aviso da velha “... para o pai, nada”.

No primeiro dia, quando o Muad'Dib passou pelas ruas de Arrakeen com sua família, algumas das pessoas ao longo do caminho se lembraram das lendas e da profecia, arriscando-se a gritar. — “Mahdi!” Mas seu grito era mais uma pergunta que uma afirmação, já que eles podiam apenas esperar que ele fosse aquele que fora previsto como o Lisan al-Gaib, A Voz do

Mundo Exterior. A atenção deles foi concentrada na mãe também, já que tinham ouvido dizer que ela era Bene Gesserit, e parecia óbvio a eles que ela fosse a outra Lisan al-Gaib.

*— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

O Duque encontrou Thufir Hawat sozinho, no canto de uma sala aonde o guarda o encaminhara. Havia o ruído de homens instalando equipamentos de comunicações na sala adjacente, mas esse lugar parecia razoavelmente tranqüilo. O Duque olhou à volta, enquanto Hawat se levantava da mesa apinhada de papéis. Tratava-se de uma divisão de paredes verdes que, acrescentando-se à mesa, ostentava três cadeiras suspensoras de

onde a marca “H”, dos Harkonnen, fora apressadamente removida, deixando uma mancha colorida irregular.

— As cadeiras são soltas, mas bastante seguras — disse Hawat.

— Onde está Paul, senhor?

— Deixei-o na sala de conferências. Espero que ele descanse um pouco, sem que eu esteja por perto para distraí-lo.

Hawat assentiu e caminhou para a porta, em direção à sala ao lado e fechou-a, interrompendo o ruído de estática e centelhas elétricas.

— Thufir — principiou Leto —, os depósitos de especiaria do Império e dos Harkonnen atraem a minha atenção.

— Meu senhor?

O Duque comprimiu os lábios.

— Armazéns são suscetíveis de destruição. — Ergueu a mão quando Hawat ia começar a falar.

— Ignore as reservas secretas do Imperador. Ele, secretamente, gostará de ver os Harkonnen ficarem embaraçados. E pode o Barão reclamar a destruição de alguma coisa sem admitir, abertamente, que a possuía?

Hawat sacudiu a cabeça.

— Dispomos de poucos homens, senhor.

— Use alguns homens de Idaho. E talvez alguns Fremen apreciem uma viagem para fora do planeta. Uma incursão em Giedi Prime. Há vantagens táticas para tal diversão, Thufir.

— Como quiser, meu senhor. — Hawat voltou-se e o Duque percebeu os

sinais de seu nervosismo. — Talvez ele suspeite de que desconfio dele. Deve saber que tenho relatórios confidenciais sobre traidores. Melhor acalmar seus temores imediatamente.

— Thufir, desde que você é um dos poucos em que posso confiar completamente, há um outro assunto pedindo uma discussão. Ambos sabemos a vigilância constante que temos que manter para evitar que traidores se infiltrem em nossas forças... mas eu tenho dois novos relatórios.

Hawat olhou para ele e Leto repetiu as histórias que Paul contara.

Em lugar de produzirem a intensa concentração Mentat, os relatórios apenas aumentaram a agitação de Hawat.

Leto estudou o velho e depois

disse:

— Você está guardando alguma coisa, velho amigo. Eu devia ter suspeitado quando o vi tão nervoso durante a reunião. O que é que era quente demais para derramar na frente daquela reunião?

Os lábios tingidos de sapho contraíram-se numa linha reta, com minúsculos vincos dela se irradiando. Mantiveram-se nessa rigidez enrugada enquanto ele dizia:

— Meu senhor, eu não sei como abordar esta questão.

— Nós já infligimos mais de uma cicatriz um ao outro, Thufir disse Leto. — Você sabe que pode abordar qualquer assunto comigo.

Hawat continuava a fitá-lo,

pensando: “Este é o modo como eu o aprecio mais. Este é o homem honrado que merece toda a minha lealdade e serviço. Por que devo feri-lo?”

— Bem? — exigiu Leto.

Hawat encolheu os ombros.

— É só um pedaço de mensagem.

Nós a tiramos de um correio Harkonnen. A mensagem era endereçada a um agente chamado Pardee. Temos boas razões para crer que esse Pardee era um dos homens-chave no movimento subterrâneo dos Harkonnen por aqui. A nota é algo que poderia ter grandes conseqüências, ou nenhuma. É suscetível a várias interpretações.

— Qual é o delicado conteúdo dessa nota?

— Pedaço de uma nota, meu

senhor. Incompleta. Estava sobre um filme minúsculo com a cápsula de destruição usual presa a ele. Interrompemos a ação do ácido um pouco antes da rasura total, e apenas um fragmento restou. Esse fragmento, porém, era extremamente sugestivo.

— Sim?

Hawat esfregou os lábios:

— A nota diz: “...eto nunca suspeitará e quando o golpe o atingir, vindo de uma mão adorada, o reconhecimento de sua origem em si será o suficiente para destruí-lo.” A mensagem estava sob o selo do Barão, e já autentiquei esse selo.

— Sua suspeita é óbvia — disse o Duque numa voz repentinamente fria.

— Eu preferiria decepar meus

braços a feri-lo, senhor. Mas e se...

— Lady Jessica — concluiu Leto, sentindo o ódio consumi-lo.

— Não foi capaz de extrair os fatos desse Pardee?

— Infelizmente, Pardee não se encontrava mais entre os vivos quando interceptamos o correio. O mensageiro certamente não sabia o que transportava.

— Percebo.

Leto sacudiu a cabeça, pensando. “Que negócio mais nojento. Não pode haver nenhuma verdade nisso. Eu conheço bem a minha mulher.”

— Meu senhor, e se...

— Não! — gritou o Duque. — Há um engano aqui e...

— Nós não podemos ignorar, meu senhor.

— Ela está comigo há dezesseis anos. Houve incontáveis oportunidades para... Você mesmo investigou a escola e a mulher!

Hawat falou num tom amargo:

— É sabido que as coisas às vezes me escapam.

— É impossível, eu lhe digo! Os Harkonnen querem destruir a linhagem dos Atreides, e isso significa Paul também. Eles já tentaram uma vez. Pode uma mulher conspirar contra seu próprio filho?

— Talvez ela não conspire contra seu filho. O atentado de ontem pode ter sido uma farsa.

— É impossível que tenha sido uma farsa.

— Senhor, presume-se que ela não

conheça seus pais, mas e se conhece? E se ela for uma órfã, digamos órfã por uma ação dos Atreides?

— Se assim fosse, ela teria agido muito antes. Envenenado minha bebida... ou um punhal durante a noite. Quem teve melhores oportunidades?

— Mas os Harkonnen querem destruí-lo, meu senhor. Seu objetivo não é simplesmente matar. Existe todo um espectro de sutis distinções num kanly. Este poderia ser um trabalho de arte entre as vendetas.

Os ombros do Duque cederam. Ele fechou os olhos, parecendo velho e cansado. “Não pode ser”, pensou, “aquela mulher tem aberto seu coração para mim.”

— Que melhor modo de destruir-

me do que semear a suspeita sobre a mulher que eu amo?

— Uma interpretação que eu já considerei — respondeu Hawat. — Ainda assim...

O Duque abriu os olhos, fitando Hawat enquanto pensava: “Deixe que ele suspeite. Suspeita é o seu negócio, não o meu. Talvez se eu fingir que acredito nisso o outro homem se torne descuidado.”

— O que sugere?— sussurrou o Duque.

— Por enquanto, constante vigilância, meu senhor. Ela deve ser observada todo o tempo. Cuidarei para que seja feito discretamente. Idaho seria o homem ideal para o trabalho. Talvez dentro de uma semana possamos tê-lo de

volta. Existe um rapaz na tropa de Idaho que temos treinado. Ele seria o elemento ideal para mandar aos Fremen como substituto. Tem o dom da diplomacia.

— Não arrisque nossa ligação com os Fremen.

— Claro que não, senhor.

— E quanto a Paul?

— Talvez possamos alertar o Dr. Yueh.

Leto voltou as costas para Hawat.

— Deixo isso em suas mãos.

— Serei discreto, meu senhor.

“Pelo menos posso contar com isso”, pensou Leto, e depois disse:

— Vou dar uma caminhada. Se precisar de mim, estarei no perímetro. O guarda poderá...

— Meu senhor, antes que se vá eu

tenho uma seção de filme que devia ler. É uma análise da primeira abordagem da religião Fremen. Lembra-se de que me pediu para fazer um relatório a respeito?

O Duque parou, falando sem se voltar:

— Não pode esperar?

— É claro, meu senhor.

Perguntou-me o que eles estavam gritando. Era “Mahdi!” Eles dirigiam o termo para o jovem mestre. Quando eles...

— Ao Paul?

— Sim, meu senhor. Existe uma lenda aqui, uma profecia de que um líder virá para eles, filho de uma Bene Gesserit. Para conduzi-los em direção à verdadeira liberdade. Segue o padrão messiânico familiar.

— E eles pensam que Paul é...
esse...

— Eles apenas esperam que ele seja, meu senhor. — Hawat estendeu a cápsula com o fragmento de filme.

O Duque aceitou, colocando-o no bolso.

— Eu olharei depois.

— Certamente, meu senhor.

— Neste momento eu preciso pensar.

— Sim, meu senhor.

O Duque inspirou profundamente, quase num lamento, e caminhou para a porta. Voltou-se para a direita ao longo do corredor e começou a caminhar, mãos cruzadas para trás, prestando pouca atenção ao que existia naquele lugar. Havia passagens e escadarias, sacadas e

salões... pessoas que faziam saudações e se afastavam para deixá-lo passar.

Algum tempo depois ele retornou à sala de conferências, encontrando-a às escuras. Paul dormia sobre a mesa com o manto de um guarda lançado sobre ele, e uma mochila servindo de travesseiro. O Duque atravessou a sala silenciosamente e chegou à sacada por sobre o campo de pouso. Um guarda na extremidade da sacada reconheceu-o através do fraco reflexo das luzes do campo, e ficou em posição de sentido.

— A vontade — murmurou Leto, recostando-se sobre o frio metal do parapeito.

Uma quietude anterior à aurora estabelecera-se sobre o deserto.

Ele olhou para cima. Lá no alto, as

estrelas eram como um xale de lantejoulas lançado sobre um fundo azul. Baixa, no horizonte sul, a segunda lua da noite fitava através de um fino véu de poeira — uma lua inacreditável, lançando-lhe o seu olhar cínico.

Enquanto Leto a observava, a lua mergulhou atrás dos penhascos da Muralha Escudo, fazendo-os parecer cobertos de geada.

Na súbita intensidade da escuridão ele experimentou um calafrio. Estremeceu. Raiva ferveu em seu interior.

“Os Harkonnen me caçaram, estorvaram e perseguiram pela última vez. Eles são pilhas de excremento, com mentes dignas de um delegado de vilarejo! Aqui eu fincarei pé!”, pensou com um toque de tristeza. “Devo governar com

olho e garra — como um falcão entre os pássaros.” Inconscientemente sua mão tocou o emblema do falcão na túnica.

Para o leste, a noite criou um feixe de cinza luminoso, depois uma opalescência de concha marinha que enfraqueceu as estrelas.

E, então, chegou o longo e radioso momento da aurora, atingindo o horizonte acidentado.

Uma visão de tamanha beleza, que captou sua atenção.

“Algumas coisas superam a rotina.”

Jamais julgara que alguma coisa aqui pudesse ser tão bela quanto esse horizonte vermelho despedaçado, e aqueles penhascos purpúreos e ocres. Além do campo de pouso, onde o fraco

orvalho da noite lançara vida sobre as sementes de Arrakis, ele viu grandes aglomerados de flores vermelhas, com uma trilha articulada de violeta... como pegadas de um gigante.

— É uma linda manhã, senhor — disse o guarda.

— Sim, realmente.

“Talvez este planeta possa cultivar a amizade de alguém”, pensou ele. “Talvez possa tornar-se um bom lar para meu filho.”

Percebeu então as figuras humanas movendo-se nos campos de flores, varrendo-os com estranhos engenhos em forma de foices recolhedoras de orvalho. A água é tão preciosa aqui que até mesmo o orvalho deve ser colhido.

“Este pode ser um lugar

hediondo”, pensou o Duque.

“Não existe, provavelmente, um instante mais terrível de conhecimento do que aquele em que você descobre que seu pai é apenas um homem — de carne e osso.”

*— de Citações Reunidas do Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

O Duque disse:

— Paul, vou fazer uma coisa odiosa, mas é preciso. — Leto colocara-se ao lado do farejador de veneno, trazido para a sala de conferências com vistas ao desjejum. Os braços sensores da coisa tombavam frouxos sobre a mesa, lembrando a Paul o aspecto de um estranho inseto recém-morto.

A atenção do Duque parecia voltar-se para as janelas, em direção ao campo de pouso e à poeira contra o céu da manhã.

Paul tinha uma unidade de leitura diante dos olhos, observando o curto segmento de filme a respeito das práticas religiosas Fremen. O clip fora compilado por um dos especialistas de Hawat e Paul se sentia perturbado pelas referências a si

próprio.

“Mahdi!”

“Lisan al-Gaib!”

Podia fechar os olhos e relembrar os gritos da multidão. “Então é isto que eles esperam”, pensou. E lembrava-se do que a velha TM Reverenda Madre dissera: Kwisatz Haderach. As memórias tocavam os sentimentos de um terrível propósito, obscurecendo esse estranho mundo com sensações de uma familiaridade que era incapaz de entender.

— Uma coisa odiosa — repetiu o Duque.

— Que quer dizer, senhor?

Leto virou-se, olhando para o filho.

— Porque os Harkonnen planejam me pegar, fazendo-me desconfiar de sua

mãe. Eles não sabem que antes eu desconfiaria de mim mesmo.

— Não entendo, senhor.

Leto olhou novamente para as janelas. O sol branco encontrava-se bem elevado em seu quadrante matinal. Sua luz leitosa atingia a poeira fervilhante, a derramar-se em nuvens sobre os canyons sem saída, entremeando-se pela Muralha Escudo.

Falando lentamente, com voz baixa para conter seu ódio, o Duque explicou a Paul o conteúdo da misteriosa nota.

— Poderia igualmente desconfiar de mim — disse ele.

— Eles precisam pensar que tiveram sucesso. Devem me julgar semelhante tolo. Deve parecer real. Nem mesmo sua mãe pode saber que se trata

de uma farsa.

— Mas senhor, por quê?

— A resposta de sua mãe não pode ser uma encenação. Oh, ela é capaz da suprema encenação... mas muita coisa depende disso. Espero revelar o traidor. Deve parecer que eu fui inteiramente logrado. Ela precisa ser magoada desse modo, para que não sofra um mal maior.

— Por que me diz isso, pai? Talvez eu deixe escapar...

— Eles não vão vigiar você. Você manterá o segredo. É preciso.

Caminhou para as janelas sem se virar, dizendo: — Desse modo, se alguma coisa me acontecer, você pode avisá-la — contar a ela que eu nunca duvidei, nem pelo menor instante. Eu gostaria que ela soubesse disso. — Paul reconheceu os

pensamentos de morte nas palavras de seu pai, falando rapidamente:

— Nada vai lhe acontecer, senhor.

Os...

— Cale-se, filho.

Paul observou seu pai pelas costas, percebendo a fadiga no ângulo do pescoço, na linha dos ombros, nos movimentos lentos.

— Está apenas cansado, pai.

— Estou cansado — concordou o Duque. — Estou moralmente cansado. A melancólica degeneração das Grandes Casas me atingiu afinal. E nós fomos tão fortes um dia!

Paul respondeu em rápida irritação:

— Nossa Casa não degenerou!

— Será que não?

O Duque voltou-se, encarando o filho, revelando os círculos escuros ao redor de seus olhos, uma contorção desdenhosa na boca.

— Eu devia ter me casado com sua mãe, fazendo dela minha duquesa. E no entanto... minha condição de solteiro poderia dar a alguma das Casas a esperança de se aliarem comigo, através de suas filhas em idade de casamento. — Deu de ombros. — E assim...

— Mamãe explicou tudo isso para mim.

— Nada conquista mais lealdade para um líder que um ar de bravura. Portanto, eu cultivei essa aparência.

— O senhor lidera muito bem — protestou Paul. — E governa bem. Os homens o seguem por vontade própria, e

o amam.

— Meu corpo de propaganda é um dos melhores — continuou o Duque, voltando-se para fitar novamente a depressão. — Existe maior oportunidade para nós, aqui, em Arrakis, do que o Império suspeita. No entanto, às vezes eu penso se não teria sido melhor se tivéssemos fugido, tornando-nos renegados. As vezes eu gostaria de poder afundar num anonimato entre as pessoas, tornar-me menos exposto...

— Pai!

— Sim, estou cansado. Você sabia que estamos usando resíduo de especiaria como matéria-prima, e já temos nossa própria fábrica para manufaturar filme-base?

— Senhor?

— Não podemos sofrer escassez de filme-base. De outro modo, como poderíamos inundar cada vila e cidade com nossas informações? As pessoas devem tomar conhecimento de quão bem as governo. E como poderiam saber se não lhes contássemos?

— O senhor deve descansar um pouco — aconselhou Paul.

Mais uma vez o Duque encarou o filho.

— Arrakis tem outra vantagem que eu quase esqueci de mencionar. Especiaria está em toda parte, aqui. Você a respira e come em quase tudo. E eu descobri que isso confere certa imunidade aos venenos mais comuns do Manual dos Assassinos. A necessidade de vigiar cada gota de água coloca toda a produção de

alimentos — cultura de lêvedo, hidropônica, chemavit, tudo — sob a mais cuidadosa fiscalização. Não podemos eliminar grandes segmentos de nossa população com veneno, e igualmente não podemos ser atacados desse modo. Arrakis nos torna moralmente éticos.

Paul começou a falar, mas o Duque o interrompeu:

— Eu precisava de alguém para quem pudesse dizer estas coisas, filho. — Ele suspirou, olhando de volta para a paisagem seca, onde até mesmo as flores haviam desaparecido, pisadas pelos colhedores de orvalho, secas sob o sol da manhã, após seu crescimento explosivo durante a noite.

— Em Caladan nós governávamos

com poder aéreo e marítimo. Aqui, nós precisamos engatinhar atrás de um poder sobre o deserto. Esta é a sua herança, Paul. No que você se tornará, se algo me acontecer? Você não se tornará uma Casa renegada, e sim uma Casa guerrilheira caçada, fugindo.

Paul buscou as palavras, incapaz de encontrar algo para dizer.

Nunca antes vira seu pai tão abatido.

— Para manter Arrakis — continuou ele —, nos defrontamos com decisões que podem nos custar o auto-respeito. — Apontou para fora da janela, em direção à bandeira verde e negra dos Atreides, pendendo imóvel de um mastro na extremidade do campo. — Aquela honrosa flâmula pode vir a significar

muitas coisas maléficas.

Paul engoliu, sentindo a garganta seca. As palavras do pai traziam futilidades, o senso de fatalismo que deixava o rapaz com uma sensação de vazio no peito.

O Duque pegou um tablete antifadiga de dentro do bolso, engoliu-o sem água.

— Poder e medo — continuou. — As ferramentas da arte de governar. Devo ordenar nova ênfase no treinamento de guerrilha para você. Naquele filme ali — eles o chamam de “Mahdi Lisan al-Gaib” — como último recurso, você deve capitalizar isso.

Paul observou os ombros de seu pai se endireitarem, enquanto o tablete fazia efeito, mas as palavras de medo e

dúvida permaneciam em sua mente.

— O que está retardando aquele ecologista? Eu disse a Thufir que o trouxesse aqui cedo.

Meu pai, o Imperador Padishah, me pegou pela mão um dia e senti, pelo que minha mãe me ensinara, que ele estava perturbado. Ele me levou até o Salão dos Retratos, até a ego-semelhança do Duque Leto Atreides. Eu percebi a forte semelhança entre eles — entre meu pai e aquele homem no retrato — ambos com rostos magros e elegantes, feições incisivas dominados por olhos frios.

— Princesa-filha — disse ele — eu desejei que você estivesse mais velha, quando chegou a ocasião deste homem escolher uma esposa. — Meu pai tinha 71 naquela ocasião, mas não parecia mais velho que o homem no retrato. Eu só tinha 14, mas me lembro de perceber imediatamente que meu pai desejava secretamente que o Duque fosse seu filho, e lamentava as razões políticas que fariam deles

inimigos.

— *de Na Casa de Meu Pai,
escrito pela Princesa Irulan*

O primeiro encontro do Dr. Kynes com as pessoas a quem lhe haviam ordenado trair deixou-o abalado. Ele se orgulhava de ser um cientista, para quem as lendas eram apenas indícios apontando raízes culturais. Entretanto, o rapaz se adequava muito precisamente na velha profecia. Ele tinha os “olhos indagadores” e o ar de “franqueza reservada”.

É claro que a profecia deixava uma certa liberdade quanto ao detalhe se a Deusa-Mãe traria o Messias com ela, ou o produziria no local. Ainda assim havia

uma correspondência curiosa entre previsão e pessoa.

Eles se encontraram no meio da manhã, do lado de fora do prédio da administração do campo de pouso de Arrakeen. Um ornitóptero sem marcas agachava-se nas proximidades, zumbindo suavemente, de prontidão como um inseto sonolento. Um guarda dos Atreides colocava-se ao lado, com a espada desembainhada e provocando uma fraca distorção do escudo ao seu redor.

Kynes sorriu desdenhosamente ante o padrão do escudo, pensando: “Arrakis tem uma surpresa guardada para eles!”

O planetólogo ergueu a mão, sinalizando para que sua guarda Fremen retrocedesse. Caminhou adiante, na

direção da entrada do edifício — um buraco negro na rocha envolta em plástico. “Tão exposto este prédio monolítico”, pensou ele. “Tão menos adequado que uma caverna.”

O movimento dentro da entrada prendeu sua atenção. Ele parou, aproveitando o momento para ajustar seu manto, e o controle do traje destilador no ombro esquerdo.

As portas da entrada se abriram. Guardas Atreides emergiram, todos pesadamente armados: atordoadores de projéteis lentos, escudos e espadas. Por trás deles vinha um homem alto, de feições aquilinas, com pele e cabelos escuros. Usava um manto-juba, com a crista dos Atreides no peito, e o usava de um modo que traía sua pouca

familiaridade com o traje, que se agarrava às pernas do trajedestilador num dos lados. Faltava-lhe um ritmo livre e gingado ao caminhar.

Ao lado do homem caminhava um jovem com o mesmo cabelo escuro, mas de rosto mais arredondado. Parecia muito pequeno para ter quinze anos, que Kynes sabia ser sua idade. Todavia, o corpo jovem carregava um senso de comando, uma segurança empertigada, como se visse e conhecesse coisas à sua volta que fossem invisíveis aos outros. Usava um manto do mesmo tipo que o do pai, mas com uma naturalidade espontânea aparentando a familiaridade de quem sempre usara tal vestuário.

— “O Mahdi terá consciência de coisas que os outros não podem ver”,

dizia a profecia.

Kynes sacudiu a cabeça, dizendo para si mesmo: “Eles são apenas pessoas.”

Junto com os dois, e vestido como eles para o deserto, vinha um homem que Kynes reconheceu: Gurney Halleck. Respirou fundo para conter seu ressentimento contra Halleck, que lhe dera instruções quanto ao modo de se portar diante do duque e seu herdeiro.

— Pode chamar o Duque de “meu senhor”, ou “Sir”. “Meu Nobre” também é correto, mas geralmente reservado para ocasiões mais formais. O filho deve ser chamado “jovem mestre”, ou “meu senhor”. O Duque é um homem de muita indulgência, mas não tolera intimidade — dissera-lhe.

E Kynes pensava, enquanto

observava o grupo se aproximar: “Eles aprenderão logo quem é o senhor aqui em Arrakis. Mandam-me ser interrogado no meio da noite por aquele Mentat, não mandam? Esperam que eu os guie numa inspeção da mineração de especiaria, não esperam?”

O significado das perguntas de Idaho não escapara a Kynes.

Eles queriam as bases Imperiais. Era óbvio que haviam tomado conhecimento das bases por obra de Idaho.

“Cuidarei para que Stilgar envie a cabeça de Idaho para o seu Duque”, disse Kynes para si mesmo.

O grupo do Duque encontrava-se a apenas alguns passos de distância, seus pés em botas de deserto esmagando a

areia.

Kynes se curvou.

— Meu senhor Duque.

Ao se aproximar, Leto observara com interesse a figura solitária, de pé ao lado do ornitóptero: alto, magro, vestido para o deserto com um manto largo, traje-destilador e botas de cano curto.

O capuz do homem estava lançado para trás, o véu pendendo de um dos lados, revelando o cabelo louro-palha longo e uma barba rala. Seus olhos insondáveis eram de um azul dentro de azul, sob sobrancelhas espessas. Restos de manchas negras permaneciam ao redor dos olhos.

— Você é o ecologista — disse o Duque.

— Nós preferimos, por aqui, o

velho título, meu senhor: planetólogo.

— Como desejar. — Leto olhou para Paul. — Filho, este é o juiz da Mudança, árbitro das disputas, o homem colocado aqui para verificar se as formalidades são obedecidas em nossa suposição de poder sobre este feudo. — Olhou para Kynes. — E este é meu filho.

— Meu senhor — disse Kynes.

— Você é um Fremen? — indagou Paul.

Kynes sorriu. — Sou aceito em ambos os lugares, sietch e vilarejos, jovem mestre. Mas estou a serviço de Sua Majestade, o Planetólogo Imperial.

Paul assentiu, impressionado pela aparência de força transmitida pelo homem. Halleck lhe apontara Kynes de uma das janelas superiores no prédio da

administração.

— Aquele homem, com a escolta de Fremen, movendo-se agora para o ornitóptero.

Paul observara Kynes durante alguns segundos, através dos binóculos, notando a boca reta, a testa alta. Halleck dissera em seu ouvido:

— Um tipo estranho. Tem um modo preciso de falar, direto, incisivo como uma lâmina.

E o Duque por trás deles dissera:

— Tipo cientista.

Agora, a apenas alguns passos do homem, Paul sentia o poder de Kynes, o impacto de sua personalidade, como se ele tivesse sangue real, nascido para comandar.

— Compreendo que devemos

agradecer-lhe nossos trajes destiladores e estes mantos — disse Leto.

— Espero que eles lhe sirvam bem, meu senhor. São de confecção Fremen e tão próximos quanto possível das dimensões fornecidas a mim por seu homem, Halleck.

— Eu me preocupei quando disse que não poderia nos levar para o deserto a menos que usássemos estes trajes. Nós podemos carregar bastante água, não pretendemos ficar muito tempo fora e teremos cobertura aérea — a escolta que pode ver acima de nós, neste momento. Não é provável que sejamos forçados a descer.

Kynes olhou para Leto, vendo a carne gorda de água e falou friamente:

— Nunca fale em probabilidade

em Arrakis. Você fala somente em possibilidades.

Halleck ficou rígido.

— O Duque deve ser tratado como Meu Senhor ou Sir!

Leto fez o sinal particular com a mão, avisando a Halleck para desistir, e disse:

— Nossos costumes são novos aqui, Gurney. Devemos ser tolerantes.

— Como quiser, senhor.

— Temos uma dívida para com o senhor, Dr. Kynes. Estes trajes e a consideração por nosso bem-estar serão lembrados.

Num impulso, Paul lembrou-se de uma citação da Bíblia C. L., dizendo:

— “A dádiva é a bênção do rio.”

As palavras foram transportadas

no ar parado e a escolta Fremen, que Kynes deixara na sombra do prédio da administração, saltou de sua posição agachada de repouso, balbuciando em clara agitação. Um deles gritou: — Lisan al-Gaib!

Kynes girou nos calcanhares, fazendo um sinal curto, como um golpe com a mão, mandando os guardas embora. Eles se afastaram balbuciando, dando a volta ao prédio.

— Muito interessante — observou Leto.

Kynes olhou duramente para o Duque e para Paul: — A maioria dos nativos do deserto por aqui é muito supersticiosa. Não lhes dê atenção, eles não pretendiam fazer nenhum mal. — No íntimo ele pensava nas palavras da lenda:

— “Ele o saudará com palavras sagradas, e sua dádiva será uma bênção.”

O julgamento de Leto, com relação a Kynes — baseado parcialmente num breve relatório verbal de Hawat (cheio de suspeitas e cauteloso) —, cristalizou-se subitamente. O homem era um Fremen. Kynes viera com uma escolta Fremen, o que poderia significar que os Fremen testavam sua nova liberdade para entrar nas áreas urbanas. Todavia, parecera uma guarda de honra. Por seus modos, Kynes era um homem orgulhoso, acostumado à liberdade, seus modos e sua língua contidos apenas por suas próprias suspeitas. A pergunta de Paul fora direta e pertinente.

Kynes se tornara nativo.

— Não devíamos partir, senhor?

— indagou Halleck.

O Duque assentiu.

— Pilotarei meu próprio “tóptero”. Kynes pode se sentar na frente comigo e me orientar. Você e Paul tornam os assentos traseiros.

— Um momento, por favor — disse Kynes. — Com sua permissão, senhor, devo checar a segurança de seus trajés.

O Duque tentou dizer alguma coisa mas Kynes insistiu:

— Eu me preocupo com minha própria carne, assim como com a sua... meu senhor. Sei muito bem qual será a garganta a ser cortada, se algo acontecer a vocês dois enquanto estiverem sob meus cuidados.

O Duque franziu a testa,

pensando: “Como é delicado este momento. Se me recusar posso ofendê-lo. E este pode ser um homem cujo valor para mim ultrapassa as medidas. Entretanto... deixá-lo penetrar meu escudo, tocando minha pessoa quando conheço tão pouco a seu respeito!”

Os pensamentos relampejaram em sua mente, com uma decisão seguindo rápido em seu encalço:

— Estamos em suas mãos — disse, e deu um passo adiante abrindo seu manto. Viu Halleck ficar na ponta do pé, sério e alerta, mas permanecendo onde estava. — E se tiver a bondade, eu apreciaria uma explicação a respeito do traje, fornecida por alguém que vive tão intimamente com ele.

— Certamente — respondeu

Kynes. Tateou sob o manto, sentindo os fechos de ombro, falando enquanto inspecionava o traje.

— Trata-se, basicamente, de um micro sanduíche: um filtro de alta eficiência com sistema de troca de calor. — Ajustou os selos de ombro. — A camada de contato com a pele é porosa. O suor passa através dela resfriando o corpo num processo de evaporação quase normal. As duas camadas seguintes... — corrigiu o assentamento, apertando mais no peito — ... incluem filamentos para troca de calor, e precipitadores de sal. O sal é recuperado.

O Duque ergueu os braços num gesto, e disse:

— Muito interessante.

— Respire profundamente —

instruiu Kynes.

Leto obedeceu.

Kynes observou os fechos sob o braço, ajustando um. Os movimentos do corpo, principalmente a respiração e um pouco de ação osmótica, fornecem a força de bombeamento. Afrouxou levemente o ajuste no peito. — A água recuperada circula para bolsas de armazenagem, das quais você suga, através deste tubo, no prendedor sobre seu pescoço.

O Duque virou o queixo abaixando a cabeça para ver a extremidade do tubo.

— Eficiente e conveniente — disse ele. Boa engenharia.

Kynes ajoelhou-se, observando o vedamento das pernas. Urina e fezes são processados nos bolsões da coxa. —

Levantou-se verificando o caimento no pescoço, erguendo uma aba seccionada lá. — No deserto você usa este filtro sobre seu rosto, com este tubo nas narinas e tampões para assegurar um encaixe perfeito. Respire através do filtro sobre a boca, e expire pelo tubo no nariz. Com um traje Fremen em boas condições de funcionamento, não perderá mais que um dedal de umidade por dia — mesmo se for apanhado no Grande Erg.

— Um dedal por dia — repetiu Leto.

Kynes comprimiu o dedo contra a almofada do traje sobre a testa:

— Isto pode roçar um pouco. Se irritá-lo, por favor me diga. Eu poderia ajustar um pouco mais.

— Meus agradecimentos. — O

Duque moveu os ombros dentro do traje, enquanto Kynes recuava, percebendo que ficava melhor agora — mais justo e menos irritante.

Kynes voltou-se para Paul.

— Agora vamos dar uma olhada em você, rapaz.

“Um bom homem”, pensou o Duque, “mas terá de aprender a se dirigir a nós no modo conveniente.”

Paul permaneceu passivo enquanto Kynes inspecionava o traje. Fora uma sensação estranha vestir o traje enrugado, com sua superfície escorregadia. Em sua consciência existia o conhecimento absoluto de que nunca antes usara um traje-destilador. E, no entanto, cada movimento, ao ajustar as presilhas adesivas sob a inexperiente orientação de

Gurney, lhe parecera natural, instintivo.

Ao apertar o ajuste do peito, para obter o máximo de ação bombeadora a partir do movimento da respiração, sabia o que fazia e por quê. Ao ajustar as presilhas do pescoço e da testa soubera ser necessário tê-las bem apertadas, para evitar esfoladuras por fricção.

Kynes endireitou o corpo recuando com uma expressão intrigada.

— Já usou um traje-destilador antes?

— Esta é a primeira vez.

— Então alguém o ajustou para você?

— Não.

— Suas botas para o deserto estão encaixadas no estilo chinelo, nos calcanhares. Quem lhe disse para fazer

desse modo?

— Parecia o modo correto.

— Certamente que é.

Kynes passou a mão pelo rosto, pensando na lenda: — “Ele conhecerá teus caminhos como se neles houvesse nascido.”

— Nós estamos perdendo tempo — disse Leto. Gesticulou para o tóptero que aguardava e tomou a frente, aceitando a saudação do guarda com um aceno. Entrou ajustando o cinto de segurança, verificando controles e instrumentos. O aparelho estalou enquanto os outros subiam a bordo.

Kynes prendia seus cinturões enquanto notava o conforto acolchoado da aeronave — um luxo suave de estofamentos cinza esverdeados,

instrumentos brilhantes, e a sensação de ar filtrado e umedecido em seus pulmões enquanto as portas se fechavam e as aberturas de ventilação começavam a zumbir.

“Tão suave”, pensou ele.

— Tudo pronto, senhor! — avisou Halleck.

Leto liberou a energia para as asas, sentindo-as erguer-se e baixar uma, duas vezes. Estavam no ar, dez metros de altura, asas embandeiradas e jatos traseiros impulsionando-os para cima, numa ascensão íngreme.

— Sudeste, sobre a Muralha Escudo — orientou Kynes. — É para onde instruí o seu mestre de areia a concentrar o equipamento.

— Certo.

O Duque inclinou-se em direção à sua escolta, as outras aeronaves assumindo posições de guarda enquanto se dirigiam para sudeste.

— O projeto e a manufatura desses trajes revelam um alto grau de sofisticação — comentou Leto.

— Algum dia eu lhe mostrarei uma fábrica-sietch respondeu Kynes.

— Eu acharia interessante. Percebi que alguns trajes são manufaturados em cidades de guarnição.

— Cópias inferiores. Qualquer homem de Duna que dê valor a sua pele usa um traje Fremen.

— Que reduzirá sua perda de água a um dedal por dia?

— Adequadamente trajado, com o capuz da testa lacrado, todos os fechos

em ordem, sua maior perda de água é através das palmas em suas mãos — explicou Kynes. — Pode usar luvas se não estiver usando as mãos em trabalho delicado; mas a maioria dos Fremen, quando no deserto, esfrega suas mãos com o suco das folhas do arbusto creosoto. Ele inibe a transpiração.

O Duque olhou à esquerda e para baixo, em direção ao panorama acidentado da Muralha Escudo. Abismos de rocha torturada, manchas de amarelo-marrom cruzadas por linhas negras de rompimento de falhas. Era como se alguém houvesse deixado cair essa região do espaço, abandonando-a onde se esmagara.

Cruzaram uma depressão estreita, com um nítido contorno de areia cinzenta

espalhando-se para dentro da bacia. Um delta seco delineado de encontro à rocha mais escura.

Kynes recostou-se no assento, pensando na carne gorda de água que sentira por baixo dos trajes-destiladores. Eles usavam cinturões escudos sobre seus mantos, atordoadores de projéteis lentos na cintura, e transmissores de emergência do tamanho de moedas em cordões ao redor do pescoço. Ambos, o Duque e seu filho, carregavam facas em bainhas afiveladas ao redor dos pulsos, e parecendo bem gastas. Pessoas que transmitiam a Kynes uma curiosa combinação de delicadeza e força armada. Havia uma atitude neles completamente diferente dos Harkonnen.

— Quando fizer seu relatório ao

imperador sobre a mudança de governo, dirá que nós obedecemos às regras? — indagou Leto, olhando rapidamente para Kynes, depois voltando sua atenção para o curso seguido.

— Os Harkonnen se foram, vocês vieram — disse Kynes lacônicamente.

— E está tudo como deveria ser? — insistiu Leto.

Uma tensão momentânea mostrou-se no contrair de um músculo no queixo de Kynes.

— Como planetólogo e juiz da Mudança, sou um servidor direto do Império... meu senhor.

O Duque sorriu friamente.

— Mas nós conhecemos as realidades.

— Eu relembro que Sua Majestade

apóia meu trabalho.

— Deveras? E qual é o seu trabalho?

No breve silêncio que se seguiu, Paul pensou: “Ele está forçando Kynes muito precipitadamente.” Olhou para Halleck, mas o menestrel-guerreiro olhava para fora, em direção ao panorama desolado.

Kynes falou de modo duro:

— Obviamente refere-se ao meu trabalho como planetólogo.

— Obviamente.

— Trata-se principalmente de biologia das terras áridas e botânica... algum trabalho geológico de perfuração de solo para obter amostras, e testes. As possibilidades de um planeta inteiro nunca se esgotam.

— Também investigou a especiaria?

Kynes voltou-se, e Paul reparou na linha de severidade sobre a face do homem.

— Uma pergunta singular, meu senhor.

— Tenha em mente, Kynes, que este agora é o meu feudo. Meus métodos diferem daqueles dos Harkonnen. Eu não me importo que você estude a especiaria desde que eu compartilhe de suas descobertas. — Olhou para o planetólogo e indagou: — Os Harkonnen desencorajavam o estudo da especiaria, não?

Kynes correspondeu ao olhar sem responder.

— Pode falar francamente — disse

Leto —, sem temer por sua pele.

— A Corte Imperial se encontra de fato muito distante murmurou Kynes enquanto pensava: “O que espera este invasor? Será que me julga tão tolo a ponto de me colocar ao seu lado?”

O Duque riu, voltando sua atenção para a tarefa de manter a aeronave no curso.

— Percebo um tom amargo em sua voz, senhor. Entramos aqui com nosso grupo de matadores domesticados, hein? E esperamos que perceba imediatamente que somos diferentes dos Harkonnen?

— Já vi a propaganda com que inundaram cada sietch e vila — respondeu Kynes.— “Ame o bom Duque, seu corpo de...”

— Agora chega! — gritou Halleck inclinando-se para a frente.

Paul pôs a mão no ombro de Halleck.

— Gurney! — advertiu Leto, olhando para trás. — Este homem passou muito tempo sob o governo dos Harkonnen.

Halleck recostou-se novamente no assento.

— Sim.

— Seu homem, Hawat, foi muito sutil — disse Kynes. — Mas seu objetivo era claro.

— Abrirá aquelas bases para nós, então?

Kynes respondeu bruscamente:

— Elas são propriedade de sua Majestade Imperial.

— Mas não estão sendo usadas.

— Elas poderiam ser usadas.

— E Sua Majestade concorda?

Kynes lançou um olhar duro sobre o Duque.

— Arrakis poderia ser um éden se seus governantes olhassem além da mera escavação de especiaria!

“Ele não respondeu à minha pergunta”, pensou o Duque.

“Como pode um planeta se tornar um Éden sem dinheiro?”

— Para que serve o dinheiro, se não compra os serviços de que se necessita?

“Ah, agora sim!”, pensou Leto, dizendo:

— Discutiremos isso em outra ocasião. Agora creio que estamos

chegando à borda da Muralha Escudo.
Devo manter o mesmo curso?

— O mesmo curso — murmurou
Kynes.

Paul olhou pela janela. Abaixo deles o terreno acidentado começava a rebaixar em cristas que se amontoavam em direção a uma planície de rocha nua terminando numa saliência de bordas nítidas. Além da borda, finos crescentes de dunas marchavam em direção ao horizonte, com manchas monótonas aqui e ali indicando a existência de alguma coisa que não areia. Afloramentos de rocha, talvez. No ar tremulante de calor, Paul não podia ter certeza.

— Existem plantas lá embaixo? —
indagou Paul.

— Algumas — respondeu Kynes.

— Na zona de vida desta latitude, existem principalmente o que chamamos de pequenos ladrões-de-água, adaptados para invadirem um ao outro, em busca de umidade, engolindo os vestígios de orvalho. Algumas partes do deserto pululam com vida, cada variedade aprendeu como sobreviver nestes rigores. Se for apanhado lá, você também terá que imitar esse tipo de vida, ou então morrer.

— Quer dizer roubar água um ao outro? — perguntou Paul.

A idéia lhe parecia uma afronta, e sua voz traía sua emoção.

— Acontece — continuou Kynes —, mas isso não era precisamente o que eu tinha em mente. Como vêem, meu clima exige uma atitude especial com relação à água. Você se torna consciente

da água todo o tempo. Não desperdiça nada que contenha umidade.

O Duque pensou: — “... meu clima.”

— Gire dois graus mais ao sul, meu senhor — advertiu Kynes. — Há um vento soprando do oeste.

O Duque assentiu com a cabeça. Já vira os rolos de poeira cor de cobre naquela direção. Inclinou o “tóptero” numa curva, percebendo o modo como as asas dos escoltas refletiam o laranja leitoso da luz refratada pela poeira, ao se virarem para acompanhá-los.

— Isso deve nos colocar além da borda da tempestade explicou Kynes.

— Aquela areia deve ser perigosa, se você voar dentro dela comentou Paul. — É verdade que ela corta os metais mais

fortes?

— Nesta altitude não é areia, e sim pó — respondeu Kynes. — O perigo reside na falta de visibilidade, turbulência e obstrução das entradas de ar dos motores.

— Veremos mineração de especiaria hoje?

— Muito provável.

Paul recostou-se no assento. Tinha usado suas perguntas e a hiperconsciência para fazer o que sua mãe chamava de “registrar” uma pessoa. Possuía Kynes agora — tom de voz, cada detalhe na face ou gesto. Um dobramento irregular na manga esquerda do manto revelava uma faca numa bainha de punho. A cintura se avolumava estranhamente. Dizia-se que os homens do deserto usavam uma cinta,

na qual enfiavam pequenos acessórios.

Talvez as protuberâncias fossem produzidas por tal cinta, certamente não eram de algum cinturão escudo oculto. Um pino de cobre entalhado com uma figura semelhante a uma lebre prendia o manto de Kynes no pescoço. Outro pino menor, de forma semelhante, prendia-se na extremidade do capuz, agora caído sobre os ombros.

Halleck virou-se no assento ao lado de Paul, estendendo a mão para o compartimento traseiro, de onde tirou seu baliset. Kynes observou enquanto Halleck afinava o instrumento, depois voltou sua atenção para a rota percorrida.

— Que gostaria de ouvir, jovem Mestre?

— Você escolhe, Gurney.

Halleck aproximou o ouvido do quadro sonoro, tocou uma corda e cantou suavemente:

“Nossos pais comiam maná no deserto,

Nos locais flamejantes onde nascem os torvelinhos.

Senhor, salve-nos daquela terra horrível!

Salve-nos... ohhh, salve-nos
Da terra seca e sedenta.”

Kynes olhou para o Duque, dizendo:

— Você viaja com uma guarda bem pequena, meu senhor. São todos eles homens de muito talento?

— Gurney? — Leto sorriu. — Gurney é único. Eu gosto de tê-lo comigo

por seus olhos. Seus olhos não deixam escapar quase nada.

O planetólogo franziu as sobrancelhas.

Sem perder o tom ou a rima, Halleck interpôs:

“Pois eu sou como a coruja do deserto Ahh! Como a coruja do deserto!”

Leto estendeu a mão apanhando um microfone do painel de instrumentos, que ativou com o polegar, dizendo :

— Líder para escolta Gamma. Objeto voador às nove horas, setor B. Pode identificá-la?

— É apenas um pássaro — disse Kynes, e acrescentou. — Você tem olhos penetrantes.

O alto-falante do painel estalou, e uma voz se ouviu:

— Escolta Gamma. Objeto examinado sob ampliação total. É um grande pássaro.

Paul olhou na direção indicada, vendo o ponto distante: um ponto em movimento intermitente, e percebeu quão alerta seu pai devia estar. Cada sentido perfeitamente atento.

— Eu não sabia que havia pássaros desse tamanho tão longe, deserto adentro — comentou o Duque.

— Provavelmente era uma águia — explicou Kynes. — Muitas criaturas se adaptaram a este lugar.

O ornitóptero voou sobre uma planície de rocha nua. Paul olhou para baixo, de uma altura de dois mil metros, vendo a sombra enrugada de sua nave e da escolta. A terra embaixo parecia plana,

mas as ondulações na sombra revelavam o contrário.

— Alguém já conseguiu escapar do deserto? — indagou o Duque.

A música de Halleck parou. Ele inclinou-se para a frente a fim de ouvir melhor a resposta.

— Não do deserto profundo — disse Kynes. — Homens já caminharam para fora da zona secundária várias vezes. Eles sobreviveram ao cruzá-la através das áreas rochosas, onde os vermes raramente vão.

O timbre na voz de Kynes prendeu a atenção de Paul. Percebeu seus sentidos tornando-se alertas na maneira como haviam sido treinados.

— Ah, os vermes — disse Leto. — Preciso ver um algum dia.

— Pode ver um hoje — respondeu Kynes. — Onde quer que exista especiaria, existirão vermes.

— Sempre? — indagou Halleck.

— Sempre.

— Existe então uma relação entre os vermes e a especiaria?

Kynes voltou-se, e Paul percebeu os lábios contraídos enquanto ele falava.

— Eles defendem areias de especiaria. Cada verme tem um... território. Quanto à especiaria, quem sabe? Os espécimes de vermes que examinamos nos levam a suspeitar de complicadas interações químicas dentro deles. Descobrimos traços de ácido hidrocloreídrico nos dutos, formas mais complicadas de ácido em outras partes. Posso dar-lhe uma de minhas

monografias a respeito.

— E um escudo não é defesa? — indagou Leto.

— Escudos! — zombou Kynes. — Ative um escudo dentro da zona dos vermes e selará seu destino. Os vermes ignorarão as divisões territoriais e virão de muito longe para atacar o escudo. Nenhum homem usando escudo jamais sobreviveu a tal ataque.

— Como se podem abater os vermes, então?

— Choque elétrico de alta voltagem, aplicado separadamente em cada um dos anéis-segmentos, é o único modo conhecido de matar e preservar um verme inteiro. Eles podem ser atordoados e despedaçados com explosivos, mas cada anel-segmento possui vida própria.

Excetuando-se os atômicos, eu não conheço nenhum explosivo suficientemente poderoso para destruir inteiramente um grande verme. Eles são incrivelmente resistentes.

— Por que não foi feito nenhum esforço no sentido de exterminá-los totalmente? — indagou Paul.

— Muito dispendioso. Seria preciso cobrir uma área muito grande.

Paul acomodou-se em seu canto. Seu senso de verdade e sua consciência de tonalidade de voz revelavam-lhe que Kynes estava mentindo e dizendo meias-verdades. Pensou: “Se existe um relacionamento entre os vermes e a especiaria, então matar os vermes destruiria a especiaria.”

— Breve, ninguém terá que

caminhar para fora do deserto explicou Leto. — Colocando-se estes pequenos transmissores no pescoço, o salvamento estará a caminho. Todos os nossos trabalhadores vão usá-los. Estamos instalando um serviço especial de salvamento.

— Muito louvável — disse Kynes.

— Seu tom de voz revela que não concorda — observou Leto.

— Concordar? É claro que eu concordo, mas não vai adiantar muito. A eletricidade estática das tempestades de areia cobre muitos sinais. Os transmissores entram em curto. Isso já foi tentado antes, como deve saber. Arrakis é muito duro com equipamentos. E se há um verme caçando, não lhe sobra muito tempo. Frequentemente não se tem mais

do que quinze ou vinte minutos.

— Qual seria a sua recomendação?

— Pede o meu conselho?

— Como planetólogo, sim.

— E o seguiria?

— Se julgá-lo sensato.

— Muito bem, meu senhor: nunca viaje sozinho.

O Duque voltou sua atenção aos controles.

— Isso é tudo?

— É. Nunca viaje sozinho.

— E se ficar desgarrado durante uma tempestade e for forçado a descer?

— indagou Halleck. — Não há alguma coisa que se possa fazer?

— Alguma coisa cobre um campo de possibilidades muito grande.

— O que você faria? — indagou

Paul.

Kynes olhou duramente para o rapaz, depois concentrou sua atenção de novo no Duque.

— Eu me lembraria de proteger a integridade de meu traje-destilador. Se estivesse fora da zona dos vermes, ou sobre terreno rochoso, eu ficaria junto da nave. Se estivesse sobre areia aberta, me afastaria da nave o mais rápido que pudesse. Uns mil metros seriam o suficiente. Então me esconderia debaixo de meu manto. Um verme pegaria a nave, mas poderia deixar de me perceber.

— E então o quê? — indagou Halleck.

Kynes deu de ombros.

— Esperaria que o verme fosse embora.

— Isso é tudo? — indagou Paul.

— Depois que o verme se fosse, tentaria sair caminhando. Deve-se andar de modo suave, evitar areias-tambor ou bacias de maré-poeira, dirigir-se para a área rochosa mais próxima. Existem muitas áreas assim. Pode-se conseguir.

— Areias-tambor? — indagou Halleck.

— Uma forma de compactação da areia. O mais leve passo a faz ressoar. Isto sempre atrai a atenção dos vermes.

— E uma bacia de maré-poeira? — perguntou Leto.

— São certas depressões no deserto que ficaram cheias de pó ao longo dos séculos. Algumas são tão vastas a ponto de possuírem correntes e marés. Todas engolirão o descuidado que pisar

nelas.

Halleck recostou-se, dedilhando novamente o baliset. Daí a pouco ele cantou:

“Os animais selvagens do deserto caçam por lá, esperando os inocentes passarem.

Ohh não provoques os deuses do deserto, ou terás um epitáfio solitário.

Os perigos do...”

Interrompeu a canção inclinándose para a frente.

— Nuvem de poeira adiante, senhor.

— Estou vendo, Gurney.

— Isso é o que procuramos — disse Kynes.

Paul esticou-se no assento para olhar, vendo uma nuvem ondulada de cor

amarela, agarrando-se à superfície do deserto, uns trinta quilômetros adiante.

— Um de nossos tratores-fábricas — disse Kynes. — Está sobre a superfície, o que indica se encontrar colhendo especiaria. A nuvem é areia sendo expelida, depois que a especiaria foi centrifugamente removida. Não há outra nuvem exatamente igual àquela.

— Aeronave acima dela — disse Leto.

— Estou vendo dois... três... quatro vigias. Estão observando para detectar sinal de verme.

— Sinal de verme? — indagou o Duque.

— Uma onda de areia movendo-se em direção ao trator. Eles devem ter sondas sísmicas na superfície, também.

Os vermes às vezes viajam muito profundos, o que dificulta que a onda se mostre. — Kynes observou o céu ao redor. — Devia haver um transportatudo por aqui, mas não consigo vê-lo.

— O verme sempre aparece, hein? — indagou Halleck.

— Sempre.

Paul inclinou-se, tocando o ombro de Kynes.

— Qual é o tamanho de cada área exigida por um verme?

Kynes franziu a testa. A criança continua a fazer perguntas de adulto.

— Isto depende do tamanho do verme.

— Qual é a variação? — perguntou Leto.

— Os grandes podem controlar

trezentos ou quatrocentos quilômetros quadrados. Os pequenos... — parou enquanto o Duque pisava nos freios dos jatos. A aeronave sacudiu-se enquanto os casulos dos jatos na cauda sussurravam, silenciando. Asas curtas alongaram-se, colhendo o ar. A nave tornou-se um verdadeiro “tóptero” enquanto o Duque fazia uma curva, mantendo as asas numa batida suave, e apontando com sua mão esquerda para o leste, além da fábrica-trator.

— Aquilo lá é um sinal de verme?

Kynes inclinou-se sobre o Duque para olhar na direção indicada.

Halleck e Paul se reuniram, olhando na mesma direção, e este percebeu que a escolta, apanhada de surpresa pela manobra súbita, se

adiantara, e agora iniciava uma curva de retorno. O trator-fábrica encontrava-se ainda a três quilômetros de distância.

Aonde o Duque apontara, as dunas em forma de crescente lançavam sombras onduladas na direção do horizonte, e estendendo-se ao longo delas, como uma curva de nível esticada na distância, vinha um alongado monte em movimento, uma crista de areia. Paul lembrou-se da turbulência causada por um grande peixe nadando logo abaixo da superfície.

— Verme — disse Kynes. — Um dos grandes. — Inclinou-se para trás, pegando o microfone do painel e acionando uma nova frequência no seletor. Olhando para a carta quadriculada, colocada num tambor acima de suas cabeças, ele chamou: —

Chamando trator em Delta Ajax Niner, aviso sinal de verme. Trator em Delta Ajax Niner, aviso sinal de verme. Confirme recebimento, por favor.

O alto-falante do painel emitiu estalidos de estática, depois uma voz:

— Quem chama Delta Ajax Niner? Câmbio.

— Eles parecem muito calmos — comentou Halleck.

Kynes falou no microfone.

— Vôo não registrado, a norte e a leste de vocês, aproximadamente três quilômetros. Sinal de verme em curso de colisão com sua posição; tempo de contato estimado em vinte e cinco minutos.

Outra voz soou no alto-falante:

— Aqui é o controle-localizador.

Observação confirmada. Fiquem de prontidão para o cálculo de contato. — Houve uma pausa e então: — Contato em vinte e seis minutos, não mais. Foi uma estimativa precisa. Quem está no vôo sem registro? Câmbio.

Halleck soltara seu cinturão de segurança e se colocara na frente, entre Kynes e o Duque.

— Esta é a frequência regular de trabalho, Kynes?

— Sim, por quê?

— Quem está ouvindo?

— Apenas as equipes de trabalho nesta área. Reduz a interferência.

Novamente o rádio estalou e então:

— Aqui é Delta Ajax Niner. Quem recebe o crédito de bônus por esta

localização? Câmbio.

Halleck olhou para o Duque.

Kynes explicou:

— Existe um bônus, calculado com base no valor da carga de especiaria, para quem quer que dê o primeiro aviso de verme. Eles querem saber...

— Diga-lhes quem avistou primeiro aquele verme disse Halleck.

O Duque assentiu.

Kynes hesitou, depois ergueu o microfone.

— Crédito de localização para o Duque Leto Atreides. O Duque Leto Atreides. Câmbio.

A voz do alto-falante era monótona e parcialmente distorcida por uma descarga de estática.

— Recebemos, obrigado.

— Agora diga a eles para dividirem o bônus entre si — ordenou Halleck. — Diga-lhes que é o desejo do Duque.

Kynes respirou fundo e então:

— É o desejo do Duque que vocês dividam o bônus entre os membros da tripulação. Receberam-me? Câmbio.

— Recebemos. Obrigado.

Leto explicou:

— Esqueci-me de mencionar que Gurney é um relações-públicas muito talentoso.

Kynes olhou intrigado para Halleck.

— Isso fará com que os homens saibam que o Duque se preocupa com sua segurança — disse Halleck. — A notícia se espalhará. Está na freqüência de

trabalho da área, é improvável que os agentes Harkonnen ouçam. — Olhou na direção da cobertura aérea. — Além disso, somos uma força bem poderosa. Foi um bom risco.

O Duque inclinou a aeronave em direção à nuvem de areia em erupção da fábrica-móvel.

— O que está acontecendo agora?

— Existe uma asa transporta-tudo em algum lugar aqui perto disse Kynes. — O transporta-tudo virá e levará a fábrica.

— E se o transporta-tudo estiver danificado? — indagou Halleck.

— Algum equipamento é sempre perdido. Aproxime-se do trator, meu senhor, vai achar isso interessante.

O Duque olhou carrancudo,

ocupado com os controles enquanto se aproximavam do ar turbulento sobre o trator.

Paul olhou para baixo, vendo a areia ainda esguichando do monstro de metal e plástico, agora diretamente abaixo. Parecia um imenso besouro azul-bronze, com muitas esteiras largas montadas na extremidade, com braços estendidos ao redor. Ele viu um focinho, em forma de gigantesco funil invertido, enfiado na areia escura adiante.

— Um rico leito de especiaria, a julgar pela cor — disse Kynes.

— Eles continuarão trabalhando até o último minuto.

O Duque alimentou as asas com mais força, enrijeceu-as para uma descida brusca e nivelou abaixo, planando num

círculo acima do trator. Uma olhada à esquerda e à direita mostrou sua escolta mantendo altura e circulando acima.

Paul observou a nuvem amarela esguichando dos canos de ventilação do tratar, olhou para o deserto, na direção da trilha do verme que se aproximava.

— Não deveríamos ouvi-los chamando o transporta-tudo? indagou Halleck.

— Eles geralmente operam numa frequência diferente.

— Não deveriam ter dois transporta-tudo de prontidão para cada trator? — indagou Leto. — Deve haver vinte e seis homens naquela máquina lá embaixo, para não mencionar o custo do equipamento.

Kynes respondeu:

— Nós não temos bastante aqui...

Parou no meio da frase ao ouvir uma voz irada no altofalante:

— Algum de vocês pode ver a asa? Não está respondendo.

Um ruído desconexo se seguiu, afagou-se num abrupto sinal de superposição, depois silêncio. A primeira voz falou de novo:

— Reportem pelos números! Câmbio.

— Aqui é o controle localizador. A última vez que a vi, a asa estava muito alta, e circulando para noroeste. Não posso vê-la agora. Câmbio.

— Localizador Um: Negativo. Câmbio.

— Localizador Dois: Negativo. Câmbio.

— Localizador Três: Negativo.
Câmbio.

Silêncio.

O Duque olhou para baixo. A sombra de sua própria aeronave passava agora sobre o tratar.

— Somente quatro localizadores. Isso é correto?

— Correto — respondeu Kynes.

— Existem cinco em nosso grupo. Nossas aeronaves são maiores. Podemos carregar mais três pessoas. Aqueles localizadores devem poder levar mais dois em cada um.

Paul fez a aritmética mental.

— Vão sobrar três homens.

— Por que eles não colocam dois transporta-tudo para cada trator? — reclamou Leto.

— Não há equipamento extra em número suficiente — explicou Kynes.

— Maior razão para proteger o que temos!

— Para onde pode ter ido aquele transporta-tudo? indagou Halleck.

— Pode ter sido forçado a pousar em algum lugar fora da vista — respondeu Kynes.

O Duque pegou o microfone, hesitou com o polegar sobre o botão.

— Como eles podem perder o transporta-tudo de vista?

— Eles mantêm a atenção no solo, procurando sinais de vermes — explicou Kynes.

O Duque apertou o botão, dizendo:

— Aqui é o seu Duque. Estamos

descendo para pegar a tripulação do Delta Ajax Niner. Todos os localizadores devem nos seguir. Localizadores devem pousar no lado leste. Desceremos no oeste. Câmbio. — Estendeu a mão para baixo, acionando sua própria frequência de comando.

Repetiu a ordem para a escolta, entregou o microfone de novo para Kynes.

Kynes colocou o aparelho na frequência de trabalho e uma voz gritou no alto-falante:

— ... uma carga quase completa de especiaria! Temos uma carga quase completa! Não podemos deixá-la para aquele maldito verme! Câmbio!

— Dane-se a especiaria — retrucou Leto, furioso. Apanhou de volta

o microfone, dizendo: — Poderemos sempre pegar mais especiaria. Há lugar em nossas aeronaves para levar todos, com exceção de três de vocês. Tirem a sorte ou decidam do modo que preferirem quem deve ir. Mas vocês vão e isto é uma ordem! — Colocou o microfone de volta nas mãos de Kynes com violência, e murmurou um “desculpe” quando Kynes sacudiu um dedo ferido.

— Quanto tempo? — indagou Paul.

— Nove minutos — respondeu Kynes.

O Duque considerou:

— Esta aeronave tem mais potência que as outras. Se decolarmos com força dos jatos, com as asas a três

quartos, poderíamos colocar mais um homem a bordo.

— Essa areia é mole — disse Kynes.

— Com quatro homens a mais durante uma decolagem a jato, nós poderemos perder as asas, senhor — advertiu Halleck.

— Não nesta nave — respondeu Leto. Voltou sua atenção aos controles enquanto o “tóptero” planava ao lado do trator. As asas inclinaram-se para cima, freando o “tóptero”, que deslizou parando a vinte metros da fábrica.

O trator encontrava-se silencioso agora, nenhuma areia saía de seus ventiladores, e apenas um fraco troar mecânico ressoava de seu interior, tornando-se mais audível quando o

Duque abriu a porta do seu lado.

Imediatamente suas narinas foram atingidas pelo odor de canela, forte e penetrante.

Com um forte bater de asas, a aeronave localizadora planou em direção à areia do outro lado da grande máquina. A escolta do Duque desceu para pousar em perfeito alinhamento com seu “ornitóptero”.

Paul, olhando para a fábrica, percebia como todos os “tópteros” pareciam minúsculos diante dela. Mosquitos diante de um enorme besouro.

— Gurney, você e Paul joguem fora o assento traseiro — instruiu o Duque. Manualmente ele ajustou as asas para três quartos, travou o ângulo e verificou os controles das nacelas dos

jatos. — Por que diabos eles não estão saindo daquela máquina?

— Eles esperam que o transportado apareça — disse Kynes.

— Eles ainda têm alguns minutos. — Olhou para o leste.

Todos olharam na mesma direção, sem ver sinal do verme; todavia, permanecia no ar um sentimento pesado, de ansiedade.

O Duque pegou o microfone, acionando sua frequência de comando.

— Dois de vocês joguem fora seus geradores de escudo. Pelos números. Vocês podem carregar mais um homem desse modo. Não vamos deixar ninguém para aquele monstro. Depois acionou novamente a frequência de trabalho, e gritou:

— Muito bem, vocês em Delta Ajax Niner! Todos para fora! Agora! Esta é uma ordem de seu Duque! Depressa, ou eu cortarei esse trator em pedaços com uma arma laser!

Uma escotilha abriu-se na dianteira da fábrica, outra na traseira e mais uma no topo. Homens saíram aos trambolhões, escorregando e se arrastando para a areia. Um homem alto, num manto de trabalho remendado, foi o último a emergir. Ele saltou para uma das esteiras e daí para a areia.

O Duque recolocou o microfone no painel, e saiu para o degrau da asa, gritando:

— Dois homens em cada um dos localizadores.

O homem de manto remendado

começou a separar sua tripulação em pares, empurrando-os em direção às aeronaves que esperavam do outro lado.

— Quatro para cá! — gritou o Duque. — Mais quatro naquela nave lá atrás! — Apontou para um dos “tópteros” de escolta, logo atrás. Os guardas acabavam de arrastar o gerador de escudo para fora. — Quatro naquela outra! — Apontou para outra escolta que lançara fora seu gerador. — Três homens em cada uma das outras aeronaves! Corram, seus cães da areia!

O homem alto terminou de dirigir seus companheiros, e veio caminhando com dificuldade através da areia, seguido por três homens.

— Eu ouço o verme, mas não consigo vê-la — disse Kynes.

Os outros ouviram, então, um resvalar abrasivo, distante e se tornando mais alto a cada momento.

— Maldito modo de operar — murmurou o Duque.

Aeronaves começaram a bater as asas, saltando da areia à volta deles. Leto lembrou-se de uma ocasião, nas selvas de seu planeta natal, quando emergira subitamente numa clareira e vira pássaros carnívoros erguerem-se em debandada da carcaça de um búfalo.

Os trabalhadores da especiaria chegaram ao lado do “tóptero” e começaram a subir a bordo, por trás do Duque. Halleck ajudava, arrastando-os para dentro.

— Entrem, rapazes, depressa!

Paul, empurrado contra um canto

pelos homens suarentos, sentiu o odor do medo; percebeu que dois dos homens tinham péssimos ajustes no pescoço de seus trajes-destiladores. Arquivou a informação em sua memória para uso futuro. Seu pai teria que ordenar disciplina mais rigorosa quanto aos trajes-destiladores. Os homens tendem ao relaxamento se você não vigia certas coisas.

O último homem penetrou ofegante na traseira, dizendo:

— O verme! Está quase em cima de nós! Decole!

O Duque acomodou-se em seu assento, franziu a testa dizendo:

— Ainda temos quase três minutos, segundo estimativa de contato original. Certo, Kynes? — Fechou a

porta, verificando a tranca.

— Quase exato, meu senhor — respondeu Kynes e pensou: “Um homem frio, este duque.”

— Tudo seguro aqui, senhor — avisou Halleck.

Leto fez um sinal de concordância observando o último de seus escoltas decolar. Ajustou a ignição, olhou uma vez mais para as asas e os instrumentos e acionou a seqüência dos jatos.

A decolagem comprimiu Leto e Kynes em seus assentos, pressionando as pessoas na traseira. Kynes observava o modo como Leto manuseava os controles — suave, seguro. O “tóptero” encontrava-se no ar agora, e o Duque verificava os instrumentos, olhando à esquerda e à direita, para as asas.

— Está muito pesada, senhor — disse Halleck.

— Bem dentro das tolerâncias desta nave — respondeu ele. Você não pensa realmente que eu arriscaria esta carga, pensa, Gurney?

Halleck sorriu.

— Nem um pouco, senhor.

O Duque inclinou a aeronave numa curva aberta, elevando-se acima do trator.

Paul, espremido num canto junto da janela, olhou para a máquina silenciosa sobre a areia. O sinal de verme interrompera-se a quatrocentos metros do trator, e agora parecia haver uma turbulência na areia ao redor da fábrica.

— O verme se encontra debaixo do trator — disse Kynes. — Estão a

ponto de testemunhar algo que poucos já viram.

Montes de areia produziam sombras em torno do trator, agora.

A grande máquina começou a se inclinar para a direita. Um imenso redemoinho de areia formava-se nessa direção. Movia-se cada vez mais rápido, enquanto a areia e o pó enchiam o ar por centenas de metros ao redor.

E então eles viram!

Um enorme orifício emergiu da areia. Luz do sol faiscando dos brilhantes raios brancos dentro dele. O diâmetro do orifício era pelo menos duas vezes o comprimento do trator, calculou Paul. Observou enquanto a máquina escorregava para dentro daquela abertura escura, numa onda de areia e pó. O

orifício recuou.

— Deuses, que monstro! — murmurou um homem ao lado de Paul.

— Pegou toda a nossa famosa especiaria — resmungou outro.

— Alguém vai pagar por isso — disse o Duque. — Prometo-lhe isso.

Pelo tom da voz de seu pai, Paul percebia sua raiva profunda, e descobriu que a compartilhava; isto fora um desperdício criminoso.

No silêncio que se seguiu, eles ouviram a voz de Kynes.

— Abençoado o Produtor e Sua água — murmurava Kynes. — Abençoada Sua chegada e Sua partida. Que Sua passagem possa purificar o mundo. Que Ele possa manter o mundo para Seu povo.

— Que é que está dizendo? —
indagou o Duque.

Kynes permaneceu silencioso.

Paul olhou para os homens apinhados à sua volta. Eles olhavam cheios de temor para Kynes. Um deles sussurrou:

— Liet.

Kynes voltou-se, carrancudo. O homem se encolheu, intimidado.

Outro começou a tossir. Uma tosse seca, áspera. Daí a pouco ele balbuciou ofegante.

— Maldito seja aquele buraco infernal.

O alto nativo de Duna, que fora o último a deixar o tratar, disse:

— Cale-se, Coss. Você não tem nada pior do que sua tosse.

Ele se remexeu entre os homens até conseguir olhar o Duque pelas costas.

— É o Duque Leto, eu presumo. Ao senhor nós damos graças por nossas vidas. Estávamos prontos a acabar lá, até que o senhor chegou.

— Calma, homem, deixe o Duque pilotar esta nave — advertiu Halleck.

Paul olhou para Halleck. Ele também vira os sinais de tensão no rosto de seu pai. Caminha-se com cuidado quando o Duque está furioso.

Leto começou a retirar seu “tóptero” do grande círculo em que o colocara, mas interrompeu a manobra ante um novo sinal de movimento na areia. O verme se retirara para as profundezas e agora, próximo ao ponto onde estivera o trator, duas minúsculas

figuras podiam ser vistas, movendo-se para o norte, afastando-se da depressão da areia. Pareciam deslizar sobre a superfície, sem levantar qualquer pó que marcasse a passagem deles.

— Quem está lá embaixo? — indagou Leto.

— Dois sujeitos que vieram conosco passear, sor — respondeu o alto homem de Duna.

— Por que não me disse nada a respeito deles?

— Foi um risco que eles aceitaram, sor.

— Meu senhor — disse Kynes —, eles sabem que não se pode fazer nada por homens apanhados no deserto em território de verme.

— Mandaremos uma nave da base

vir buscá-los! — afirmou Leto.

— Como quiser, meu senhor — continuou Kynes. — Mas é provável que quando a aeronave aqui chegar não haja nada para ser salvo.

— Mandaremos a nave, de qualquer modo.

— Eles estavam bem junto ao ponto de onde o verme saiu — comentou Paul. — Como puderam escapar?

— Os lados da cratera desmoronam e tornam as distâncias ilusórias — explicou Kynes.

— Desperdiça combustível ficando aqui, senhor arriscou Halleck.

— Certo, Gurney.

O Duque virou a aeronave na direção da Muralha Escudo.

Seus escoltas desceram de seus

altos círculos, tomando posições acima e em ambos os lados.

Paul pensava no que Kynes e o homem de Duna haviam dito.

Sentira meias-verdades e mentiras completas. Os homens na areia tinham deslizado sobre a superfície com muita segurança, movendo-se de um modo claramente calculado para evitar que o verme fosse atraído de suas profundezas.

“Fremen!”, pensou. “Quem mais pareceria tão seguro de si na areia? Quem mais seria deixado para trás sem preocupações, como algo natural — por que não estariam realmente em perigo? Eles sabem como viver aqui! Sabem como enganar os vermes!”

— O que aqueles Fremen faziam no trator? — indagou.

Kynes voltou-se rapidamente.

O homem alto de Duna olhava de olhos arregalados para Paul azul-dentro-de-azul, sem nenhum traço de branco.

— Quem é este rapaz? — indagou.

Halleck se moveu, colocando-se entre o homem e Paul.

— Este é Paul Atreides, o herdeiro ducal.

— Por que ele diz que havia Fremen em nosso roncador?

— Eles se ajustavam à descrição — insistiu Paul.

Kynes falou aborrecido.

— Não se pode reconhecer Fremen apenas olhando para eles! — Olhou para o homem. — Você! Quem eram aqueles homens?

— Amigos de um dos outros.

Apenas amigos de uma vila, que desejavam ver as areias de especiaria.

Kynes voltou as costas, resmungando:

— Fremen!

Lembrava-se das palavras da lenda: “O Lisan al-Gaib verá através de todos os subterfúgios.”

— Eles devem estar mortos agora, sor, não devemos falar deles desrespeitosamente.

Paul ouvia a falsidade nas vozes, sentira a ameaça que trouxera Halleck, instintivamente, para uma posição defensiva.

Falou secamente:

— Um lugar terrível para morrerem.

Kynes disse sem se voltar:

— Quando Deus ordena a uma criatura que morra num lugar determinado, Ele faz com que a vontade dessa criatura leve-a para aquele lugar.

Leto olhou duramente para Kynes.

E Kynes devolveu o olhar, mas sentindo-se perturbado por um fato que observara aqui: “Este Duque preocupa-se mais com seus homens do que com a especiaria. Ele arriscou sua própria vida, e a de seu filho, para resgatar aqueles homens. Aceitou a perda daquele trator de especiaria com um simples gesto. A ameaça sobre as vidas dos homens, contudo, o deixou furioso. Um líder como este comandará uma lealdade fanática. Será muito difícil derrotá-la.”

Contra sua própria vontade e todos os julgamentos prévios, Kynes

admitiu para si mesmo: “Gosto desse Duque.”

Grandeza é uma experiência transitória. Nunca é consistente. Ela depende, em parte, da imaginação criadora de mitos da humanidade. A pessoa que experimenta a grandeza deve refletir a respeito do mito que encarna. Deve refletir sobre aquilo que nela se projeta. E deve possuir forte senso do sarcástico. Isso é o que a separa da crença em sua própria pretensão. O sarcasmo é o que lhe permitirá mover-se dentro de si mesma. Sem esta qualidade, até mesmo a grandeza ocasional será suficiente para destruir um homem.

— *de Citações Reunidas do Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

No salão de jantar da grande casa

Arrakeen, as lâmpadas suspensoras brilhavam contra o crepúsculo vespertino, lançando seu brilho amarelado sobre a cabeça do touro negro com seus chifres sangrentos e sobre a pintura do Velho Duque, em escuro óleo lustroso.

Abaixo desses talismãs, linho branco reluzia, ao redor dos reflexos na prataria polida dos Atreides, toda colocada em arranjos precisos ao redor da grande mesa — pequenos arquipélagos de utensílios à espera, ao lado dos copos de cristal, cada conjunto disposto diante de um pesado assento de madeira. O clássico candelabro central permanecia apagada, sua corrente de sustentação torcendo-se para cima em direção às sombras onde se ocultava o mecanismo farejador de venenos.

Parando na porta para inspecionar o arranjo, o Duque pensou a respeito do farejador, e do que ele significava em sua sociedade.

“Todo um padrão. Podemos ser sondados através de nossa linguagem — as variações precisas e delicadas nos modos de administrar a morte traiçoeira. Irá alguém tentar chaumurky esta noite — o veneno na bebida? Ou será chaumas — veneno na comida?”

Sacudiu a cabeça.

Ao lado de cada prato colocara-se uma jarra d’água. Ao longo dessa mesa havia água suficiente, estimou Leto, para sustentar uma família pobre de Arrakeen por mais de um ano.

Flanqueando a porta havia duas largas pias de lajotas verdes e amarelas.

Cada uma com seu suporte para toalhas. Era costume, explicara a governanta, que os convidados, ao entrarem, mergulhassem suas mãos cerimoniosamente na pia, derramando vários copos de água sobre o piso, secando suas mãos numa das toalhas que depois era lançada sobre a poça que crescia junto à porta.

Depois do jantar, mendigos se reuniram do lado de fora para levar a água espremida das toalhas.

“Bem típico de um feudo Harkonnen. Cada degradação do espírito humano que possa ser concebida.” Respirou fundo, sentindo o ódio apertar seu estômago.

— Esse costume termina neste momento — murmurara.

Viu uma serviçal, uma. das velhas ossudas que a governanta recomendara, observando da porta da cozinha à sua frente. Ele a chamou com a mão erguida. Ela moveu-se para fora das sombras, dando a volta apressada ao redor da mesa. Notou a face ressequida, os olhos de azul-dentro-de-azul.

— O que o meu senhor deseja? — Mantinha a cabeça baixa, os olhos encobertos.

Ele gesticulou:

— Mandé que estas pias e toalhas sejam retiradas.

— Mas, nobre senhor... — Ela olhou para cima, de boca aberta.

— Eu conheço o costume! — ralhou ele. — Coloque estas pias na porta da frente. Enquanto estivermos jantando,

e até que terminemos, cada mendigo poderá apanhar um copo cheio de água. Entendido?

A face enrugada exibiu emoções mutáveis: desapontamento, raiva.

Subitamente Leto percebeu que a mulher devia ter planejado vender a água espremida das toalhas pisadas, conseguindo alguns cobs dos desgraçados que se reuniam junto à porta. Talvez isto também fosse um costume.

Seu rosto tornou-se sombrio e ele resmungou:

— Vou postar um guarda para garantir que minhas ordens sejam cumpridas.

Virou-se, caminhando de volta para a passagem do Grande Salão. Memórias rolavam em sua mente, como

os murmúrios da velha. Lembrava-se de água em espaço aberto e ondas — dias de relva, não de areia —, verões deslumbrantes, que haviam passado como folhas num vento de tormenta.

Tudo perdido.

“Estou ficando velho”, pensou. “Senti a mão fria de minha mortalidade. E no quê? Na cobiça de uma velha.”

No Grande Salão, Lady Jessica era o centro de um grupo variado defronte à lareira. Um fogo estalava, lançando ondulações de luz laranja sobre as jóias e rendas, sobre os tecidos caros. Reconheceu em meio ao grupo um fabricante de trajes-destiladores de Carthag, um importador de equipamentos eletrônicos, um fornecedor de água, cuja mansão de veraneio situava-se junto de

sua fábrica, na calota polar, um representante do Banco da Corporação (esguio e fechado), um vendedor de peças sobressalentes para equipamentos de mineração, e finalmente uma mulher magra, de rosto cruel, cujo serviço de acompanhante para visitantes vindos de fora do planeta era, reconhecidamente, uma cobertura para diversas operações de chantagem, contrabando e espionagem.

A maioria das mulheres no salão parecia ter sido escolhida pelo tipo específico — decorativas, selecionadas, uma curiosa amostra de sensualidade intocável.

Mesmo sem sua condição de anfitriã, Jessica teria dominado o grupo, pensou Leto. Ela não usava jóias e escolhera cores cálidas — um longo

vestido, quase da cor do fogo na lareira, com uma fita marrom, cor de terra, envolvendo seus cabelos ruivos.

Percebia que ela fizera isso para tentá-lo sutilmente, numa resposta à recente atitude de frieza. Tinha consciência de que ele a apreciava mais quando usava esses tons, vendo-a num ondular de cores quentes.

Nas proximidades, mais como um líder que um membro do grupo, colocava-se Duncan Idaho, vestido num cintilante uniforme, face inescrutável, com o cabelo negro encaracolado muito bem penteado. Fora convocado de volta do convívio com os Fremen, e recebera suas ordens de Hawat: — “Sob o pretexto de guardá-la, você manterá Lady Jessica sob constante vigilância.”

Leto olhou ao longo da sala.

Lá estava Paul num canto, cercado por um bajulante grupo de jovens riquezas de Arrakeen, enquanto três oficiais da Tropa da Casa faziam contraste no grupo. O Duque reparou particularmente nas mulheres mais jovens. Que conquistas um herdeiro ducal não faria! Mas Paul tratava a todas igualmente, com seu ar de nobreza reservada.

“Ele usará bem o título”, pensou o Duque; e percebeu, com um súbito calafrio, que esse fora outro pensamento mórbido.

Paul percebeu seu pai na porta e evitou seu olhar. Observou os grupos de convidados, as mãos cobertas de jóias segurando bebidas (e as discretas

inspeções com minúsculos farejadores remotos).

Vendo todas as faces que falavam animadamente, e sentindo-se repellido por elas. Eram todas como máscaras baratas, presas sobre pensamentos corrompidos — vozes tagarelando para encobrir o profundo silêncio interior.

“Estou amargurado”, pensou ele, e imaginou o que Gurney não diria a respeito.

Conhecia a fonte de sua depressão. Não quisera vir a essa festa, mas seu pai fora inflexível:

— Você tem um lugar e uma posição para manter, já está na idade disso. Você já é quase um homem.

Paul observou seu pai sair da porta, inspecionar a sala, e então avançar

para o grupo em torno de Jessica.

Quando Leto se aproximou, o fornecedor de água estava indagando:

— É verdade que o Duque vai instalar controle climático?

Atrás dele o Duque respondeu:

— Ainda não fomos tão longe em nossos planos, senhor.

O homem se voltou, revelando um rosto arredondado e melífluo, fortemente bronzeado.

— Ahh! o Duque! Sentimos sua falta.

Leto olhou para Jessica. “Uma coisa que precisava ser feita.”

Voltou sua atenção para o comerciante de água, e explicou o que ordenara com relação às pias de lavagem, acrescentando:

— No que me concerne, o velho costume termina aqui.

— Trata-se de uma ordem ducal?
— indagou o homem.

— Deixo isto para sua... ah... consciência — respondeu Leto, voltando-se ao perceber a chegada de Kynes.

Uma das mulheres comentou:

— Acho que é um gesto muito generoso. Dar água para os... — Alguém fez com que ela se calasse.

Leto observava Kynes, notando que o planetólogo usava um uniforme marrom-escuro em estilo antigo, com dragonas de Servo Civil Imperial, e uma pequena gota dourada, indicadora de posto, no colarinho.

O comerciante de água indagou, com fúria na voz.

— O Duque está criticando o nosso costume?

— Este costume acaba de ser mudado — disse Leto. Acenou com a cabeça para Kynes e notou a preocupação no rosto de Jessica, pensando: “Um olhar de censura não a caracteriza muito, mas aumentará os rumores de discórdia entre nós dois.”

— Com a permissão do Duque — insistiu o fornecedor de água —, eu gostaria de indagar mais a respeito de costumes.

Leto notou o súbito tom oleoso na voz do homem, percebeu o silêncio de expectativa do grupo, o modo como as cabeças começavam a se voltar em direção a eles, por toda a sala.

— Já não é quase hora do jantar?

— indagou Jessica.

— Mas nosso convidado tem algumas perguntas — disse Leto, encarando o fornecedor de água. Via um homem de rosto redondo e grandes olhos, com lábios grossos que o faziam lembrar-se do memorando de Hawat: “Esse fornecedor de água é um homem a quem devemos vigiar — Lingar Bewt, lembre-se do nome. Os Harkonnen o usaram, mas nunca chegaram a controlá-lo inteiramente.

— Costumes com relação à água são tão interessantes dizia Bewt com um sorriso. — Sinto-me curioso a respeito do que pretende fazer quanto à estufa ligada a esta casa. Pretende continuar a pavoneá-la na cara das pessoas... meu senhor?

Leto conteve seu ódio, observando

o homem. Pensamentos atravessavam rapidamente a sua mente. Era necessário ter coragem para desafiá-lo em seu próprio castelo ducal, principalmente quando possuía a própria assinatura de Bewt sobre um contrato de fidelidade. A ação exigia, igualmente, a consciência de um certo poder pessoal. Água de fato era uma força nesse lugar. Se as instalações fornecedoras de água fossem minadas, por exemplo, prontas para serem destruídas mediante um sinal... O homem parecia capaz de tal coisa. Destruição das instalações de água poderia muito bem destruir Arrakis. Essa devia ter sido a ameaça que Bewt mantivera sobre os Harkonnen.

— Meu senhor, o Duque e eu temos outros planos para a nossa estufa

— disse Jessica. Ela sorriu para Leto. — Nós pretendemos mantê-la, certamente, mas somente como um símbolo de confiança para o povo de Arrakis. É nosso sonho que um dia o clima de Arrakis possa ser suficientemente modificado para que plantas cresçam por toda parte aqui.

“Deus a abençoe!”, pensou Leto. “Que o nosso fornecedor de água rumine isso.”

— Seu interesse em água e controle de clima é óbvio — disse ele. — Mas devo aconselhá-lo a diversificar seus negócios. Um dia, a água não será um bem tão precioso em Arrakis.

“Hawat deve redobrar seus esforços para se infiltrar na organização deste Bewt. E nós devemos iniciar a

construção de instalações de fornecimento de água sobressalente imediatamente. Nenhum homem vai segurar uma espada sobre minha cabeça!”, pensou o Duque.

Bewt assentiu, o sorriso vinda em seu rosto. — Um sonho louvável, meu senhor. — E se afastou.

A atenção de Leto foi despertada pela expressão no rosto de Kynes. O homem fitava Jessica extasiado — como um apaixonado, ou uma pessoa em transe religioso.

Os pensamentos de Kynes estavam dominados, afinal, pelas palavras da profecia. “E eles compartilharão teu sonho mais precioso.” Falou diretamente para Jessica:

— Você traz o encurtamento do

caminho?

— Ah! Dr. Kynes — disse o fornecedor de água. — Chegando de suas caminhadas com seus grupos de Fremen. Que gentileza sua ter vindo.

Kynes olhou de modo inescrutável para Bewt, dizendo:

— Costuma-se dizer, lá no deserto, que a posse de uma grande quantidade de água pode levar um homem a um descuido fatal.

— Eles têm muitos ditados estranhos lá no deserto — respondeu Bewt, sua voz revelando apreensão.

Jessica aproximou-se de Leto, escorregando a mão por sobre o braço dele, para conseguir apoio e se acalmar. Kynes dissera : “... o encurtamento do caminho.” No velho idioma, esta frase

traduzia-se como “Kwisatz Haderach”. A curiosa pergunta do planetólogo não fora percebida pelos outros, e agora Kynes se curvava junto a uma mulher, ouvindo um galanteio em voz baixa.

“Kwisatz Haderach”, pensava Jessica. “Será que nossa Missionária Protetora também plantou esta lenda por aqui?” O pensamento trazia-lhe uma nova esperança para Paul. “Ele pode ser o Kwisatz Haderach. Ele pode ser.”

O representante do Banco da Corporação iniciara uma conversa com o comerciante de água, e a voz de Bewt se ergueu acima do rumor das conversas:

— Muitas pessoas já tentaram mudar Arrakis.

O Duque percebeu como as palavras pareceram ferir Kynes, fazendo-o

erguer-se e abandonar o flerte com a mulher.

No súbito silêncio, um membro das tropas da casa, em uniforme de infantaria, aproximou-se de Leto por trás, dizendo:

— O jantar está servido, meu senhor.

O Duque dirigiu um olhar indagador para Jessica.

— É costume aqui que anfitrião e anfitriã sigam seus convidados até a mesa — ela disse sorrindo. — Devemos mudá-lo também, meu senhor?

Leto respondeu com frieza:

— Este me parece um bom costume. Vamos deixá-la como está, por enquanto.

“A ilusão de que suspeito dela por

traição deve ser mantida.”

Observou os convidados passarem. “Quem entre vocês acredita nessa mentira?”

Jessica, sentindo seu distanciamento, pensava, como fizera freqüentemente na última semana: “Ele age como um homem lutando consigo mesmo. Será porque fui tão rápida organizando este jantar?”

No entanto ele sabe como é importante que comecemos a entrosar nossos oficiais e soldados com os locais, no plano social. Somos pai e mãe adotivos para todos eles, e nada afirma esse fato mais fortemente do que este tipo de atividade social.”

Leto observava os convidados enfileirados, lembrando-se do que Thufir

Hawat dissera ao ser informado do jantar: “Senhor, eu o proíbo!”

Um sorriso amargo surgiu em seus lábios. Que cena tinha sido.

E quando o Duque permanecera inflexível quanto a comparecer ao jantar, Hawat sacudira a cabeça.

— “Eu tenho um mau pressentimento a respeito disso, meu senhor. As coisas estão acontecendo muito rapidamente em Arrakis. Este não é o estilo dos Harkonnen. Não se parece nem um pouco.”

Paul passou por seu pai em companhia de uma jovem, meia cabeça mais alta que ele mesmo. Lançou um olhar frio para Leto, e assentiu para alguma coisa que a jovem mulher lhe dissera.

— O pai dela fabrica trajes-destiladores — explicou Jessica.

— E me contaram que somente um tolo se deixaria apanhar no deserto profundo usando um dos trajes desse homem.

— Quem é o homem com o rosto marcado, na frente de Paul? — perguntou Leto. — Eu não o reconheço.

— Uma adição tardia à lista — sussurrou ela. — Foi Gurney quem conseguiu. É um contrabandista.

— Gurney conseguiu?

— A meu pedido. Foi liberado por Hawat, embora eu pense que Hawat não se sentiu muito à vontade. O contrabandista chama-se Tuek, Esmar Tuek. Ele é uma força entre sua gente. Todos o conhecem por aqui, ele janta em

muitas casas.

— Por que está aqui?

— Todos os presentes farão a mesma pergunta. Tuek espalhará a dúvida e a suspeita, apenas com sua presença. Também servirá para demonstrar que você pretende manter suas ordens contra subornos com reforço do lado dos contrabandistas também. Este foi um ponto que Hawat pareceu apreciar.

— Não estou certo se aprecio. — Ele acenou para um casal que passava, vendo que apenas alguns poucos convidados ainda restavam para precedê-los. — Por que não convidou alguns Fremen?

— Há Kynes.

— Sim, há Kynes — repetiu ele. — Arranjou mais alguma outra pequena

surpresa para mim? — Caminhou com ela por trás da procissão.

— Tudo o mais é bem convencional.

E ela pensou: “Meu querido, não percebes que este contrabandista controla naves rápidas e pode ser subornado? Nós devemos ter uma saída aberta, uma porta por onde escapar de Arrakis se tudo o mais nos falhar aqui.”

Ao entrarem no salão, soltou seu braço, permitindo que ele puxasse a cadeira para ela. Sentou-se enquanto Leto caminhava para o lado oposto, onde um soldado de infantaria aguardava, segurando a cadeira do Duque. Os convidados sentaram-se com um arrastar de cadeiras e o ruído de panos roçando, mas o Duque permaneceu de pé. Fez um

sinal com a mão e os soldados em torno da mesa recuaram um passo, assumindo posição de sentido.

Um silêncio nervoso desceu sobre o salão.

Jessica, olhando ao redor da mesa, percebeu um leve tremor na extremidade dos lábios de Leto, notou o rubor de ódio em sua face. “O que o enfureceu? Certamente não foi o meu convite ao contrabandista.”

— Algumas pessoas questionaram meu ato de mudar o costume das pias de lavagem — disse Leto. — Este é o meu modo de mostrar a vocês que muitas coisas vão mudar.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso.

“Devem achar que ele está bêbado”, pensou Jessica.

Leto ergueu seu frasco de água, mantendo-o numa posição onde os raios de luz das lâmpadas suspensoras cintilavam sobre ele. Como um cavalheiro do Império, então, eu brindo a todos vocês.

Os outros pegaram seus frascos, os olhos voltados para o Duque. Sobre sua súbita imobilidade, uma lâmpada suspensora deslizou levemente, empurrada por uma brisa vinda do corredor da cozinha. Sombras percorreram as feições aquilinas do Duque.

— Aqui estou, e aqui permanecerei!

Houve um movimento interrompido de frascos em direção às bocas. O Duque permanecia com o braço

erguido.

— Meu brinde constitui uma daquelas máximas tão queridas de todos nós: “Negócios trazem progresso! Que a fortuna passe por todos os lugares.”

Provou de sua água e os outros o imitaram. Olhares indagadores eram trocados.

— Gurney! — chamou o Duque.

De um quarto na extremidade do salão veio a voz de Halleck:

— Aqui, meu senhor!

— Toque uma canção para nós, Gurney.

Um ritmo de baliset flutuou no ar. Servos começaram a colocar os pratos com a comida sobre a mesa, após um gesto de autorização do Duque: lebre do deserto assada em molho cepeda, aplo-

mage siriana, chukka e café com melange (o cheiro forte de canela produzido pela especiaria espalhou-se pela mesa), um verdadeiro banquete acompanhado de cintilante vinho caladaniano.

E no entanto o Duque continuava de pé.

Enquanto os convidados aguardavam, a atenção dividida entre os pratos colocados diante deles e o Duque, Leto disse:

— Em épocas passadas constituía tarefa do anfitrião entreter seus hóspedes com seus próprios talentos. — Os nós em seus dedos estavam brancos, tão fortemente ele segurava o frasco de água: — Eu não sei cantar, mas repito para vocês as palavras da canção de Gurney. Considerem-nas como outro brinde. Um

brinde a todos aqueles que morreram para que pudéssemos chegar a esta estação.

Um remexer desconfortável soou ao redor da mesa.

Jessica observou as pessoas sentadas nos lugares mais próximos. Lá estava o fornecedor de água e sua mulher, o pálido e austero representante do Banco da Corporação (parecendo um espantalho com os olhos fixos em Leto), o robusto Tuek com a cicatriz no rosto, seus olhos de azul dentro de azul abaixados.

— Revista meus amigos, tropas que passaram em revista — entoou o Duque. — Todos a sofrerem do peso de dores e dólares. Seus espíritos usam nossas insígnias de prata. Revista amigos, tropas que passaram em revista: cada um,

um ponto no tempo, sem ambição ou malícia. Com eles passou a sedução da fortuna. Revista amigos, tropas que passaram em revista. Quando nosso tempo terminar, com seu sorriso amargo, nós também passaremos no rastro da fortuna.

O Duque deixou que sua voz diminuísse na última frase, até se tornar quase um murmúrio. Bebeu um gole de seu frasco colocando-o sobre a mesa de modo violento. A água derramou da borda, molhando o linho branco.

Os outros beberam num silêncio embaraçado.

Novamente o Duque ergueu seu frasco e dessa vez derramou a metade que restara sobre o piso, sabendo que os outros ao redor da mesa deviam fazer o

mesmo.

Jessica foi a primeira a seguir o exemplo.

Os outros hesitaram antes de começar a esvaziar seus frascos, e Jessica notou como Paul, sentado junto de seu pai, observava as reações dos outros. Ela própria também se encontrou fascinada por aquilo que o comportamento dos convidados revelava, principalmente nas mulheres. Esta era água clara, potável, não alguma coisa suja numa toalha ensopada. A relutância em desperdiçá-la era visível nas mãos trêmulas, nas reações lentas, nos risos nervosos... e na obediência violenta à imposição. Uma mulher deixou cair seu frasco e olhou em outra direção enquanto seu companheiro o recuperava.

Kynes, entretanto, foi quem mais lhe chamou a atenção. O planetólogo hesitou, e então esvaziou seu copo num recipiente que trazia por baixo da jaqueta. Sorriu para Jessica ao perceber que ela o observava, e ergueu o frasco vazio num brinde silencioso.

Ele não parecia nem um pouco embaraçado por seu gesto.

A música de Halleck ainda ressoava pela sala, mas mudara de tom e elevava-se agora alegre e animada, como se tentasse levantar os ânimos.

— Que o jantar comece — disse Leto e sentou finalmente em sua cadeira.

“Ele está furioso e indeciso”, pensou Jessica. “A perda daquele trator-fábrica o atingiu mais profundamente do que deveria. Deve haver alguma coisa a

mais do que a simples perda. Ele age como um homem desesperado.” Ergueu o garfo esperando que o movimento ocultasse sua própria e súbita amargura. “Por que não? Ele está desesperado.”

A princípio lentamente, depois com crescente animação, o jantar seguiu seu curso. O fabricante de trajes-destiladores cumprimentou Jessica pelo vinho e por seu cozinheiro.

— Trouxemos ambos de Caladan — explicou ela.

— Soberbo! — disse ele, provando chukka. — Simplesmente soberbo! Sem nenhum traço de melange. A gente se cansa de provar especiaria em tudo.

O representante do Banco da Corporação olhou para Kynes:

— Eu soube, Dr. Kynes, que outro

trator-fábrica foi perdido para um verme.

— As notícias andam rápido — disse Leto.

— Então é verdade? — indagou o banqueiro, mudando sua atenção para Leto.

— Claro que é verdade! — respondeu o Duque. — O maldito transporta-tudo desapareceu. E não devia ser possível uma coisa tão grande desaparecer assim!

— Quando o verme veio, não havia nada para recuperar o trator — explicou Kynes.

— Isso não devia ser possível — repetiu o Duque.

— Ninguém viu o transporta-tudo partir? — indagou o banqueiro.

— Os localizadores costumam

manter seus olhos voltados para a areia — disse Kynes. — Eles estão primeiramente interessados em sinais de verme. A tripulação de um transportatudo é composta, normalmente, de quatro homens — dois pilotos e dois oficiais. Se um, ou até mesmo dois desses tripulantes estivessem a serviço dos inimigos do Duque...

— Ahh, entendo — disse o banqueiro. — E você, como juiz da Mudança, faz objeção a isso?

— Eu devo considerar minha posição cuidadosamente — respondeu Kynes —, e certamente não devo discuti-la à mesa. Ele pensou : “Aquele esqueleto! Ele sabe que este é o tipo de infração que fui instruído a evitar.”

O banqueiro sorriu, voltando sua

atenção para a comida.

Jessica sentou-se, lembrando-se de uma palestra dos tempos de sua escola Bene Gesserit. O assunto fora espionagem e contra-espionagem. Uma Reverenda Madre gorducha, de cara alegre, fora a conferencista, sua voz animada contrastando curiosamente com o assunto da aula.

“Uma coisa a ser notada a respeito de qualquer escola de espionagem e contra-espionagem é o padrão de reações básicas em todos os seus graduados. Qualquer disciplina fechada deixa sua marca, seu padrão sobre seus estudantes. Esses padrões são suscetíveis de análise e predição.

“Padrões motivacionais, por outro lado, serão similares entre todos os

agentes de espionagem. Quer dizer: há certos tipos de motivação que são similares, a despeito das diferentes estolas ou objetivos opostos. Vocês estudarão primeiro como separar esses elementos para sua análise — no início através de padrões de perguntas que traem a orientação interior dos interrogadores, depois através da observação cuidadosa da orientação pensamento-linguagem, sob essa análise. Descobrirão ser razoavelmente simples determinar a raiz linguística de seus objetos de análise através de ambos: inflexão de voz e padrão de fala.”

Agora, sentando-se à mesa com seu filho, seu Duque e seus convidados, e ouvindo o representante do Banco, Jessica sentia um arrepio: o homem era

um agente Harkonnen; ele possuía o padrão vocal de Giedi Prime — sutilmente disfarçado, mas tão exposto à sua percepção treinada que era como se ele a tivesse anunciado claramente.

“Isso significa que a própria Corporação se colocou como adversária dos Atreides?” O pensamento a deixava chocada, e ela dissimulou a emoção pedindo um novo prato, ouvindo todo o tempo o homem trair suas intenções. “Ele vai mudar a conversa a seguir para um assunto aparentemente inocente, mas com sugestões funestas”, ela pensou. “É o padrão.”

O banqueiro engoliu em seco, provou um gole de vinho e sorriu para alguma coisa que a mulher ao lado lhe dissera. Pareceu ouvir por um momento o

que um homem dizia, explicando ao Duque como as plantas nativas de Arrakis não tinham espinhos.

— Gosto de observar o vôo dos pássaros de Arrakis — disse o banqueiro dirigindo suas palavras para Jessica. — Todos os nossos pássaros, é claro, são comedores de carniça, e muitos deles sobrevivem sem água, tendo se tornado bebedores de sangue.

A filha do fabricante de trajes-destiladores, sentada entre Paul e seu pai, na outra extremidade da mesa, torceu seu belo rosto numa careta e reclamou:

— Oh Soo-Soo, você diz coisas tão desagradáveis.

O banqueiro sorriu.

— Eles me chamam de Soo-Soo porque sou conselheiro de finanças para a

União dos Mascates de Água.

Como Jessica continuasse a olhar para ele sem comentários, ele acrescentou:

— Por causa do grito dos vendedores de água “SooSoo Sook!” — Imitou o chamado com tamanha precisão que muitos em torno da mesa riram.

Jessica ouvia o tom presunçoso na voz, mas percebia, principalmente, o motivo que levara a jovem a falar. Ela produzira a desculpa para que o banqueiro falasse o que queria dizer. Olhou para Lingar Bewt. O magnata da água parecia carrancudo, concentrado em seu jantar. Para Jessica era como se o banqueiro houvesse dito: “Eu também controlo a fonte máxima de poder em Arrakis: Água!”

Paul percebera a falsidade na voz

de seu companheiro de jantar, e como sua mãe seguira a conversação com a meticulosidade de uma Bene Gesserit. Agindo num impulso, ele decidiu entrar no jogo. Dirigiu-se ao banqueiro.

— Quer dizer, senhor, que esses pássaros são canibais?

— Esta é uma pergunta curiosa, jovem mestre. Eu apenas disse que os pássaros bebem sangue. Não tem que ser o sangue de sua própria espécie, tem?

— Não era uma pergunta curiosa — continuou Paul. Jessica notou a qualidade da réplica imediata, uma característica de seu treinamento, exposta na voz do rapaz. — A maior parte das pessoas cultas sabe que o pior tipo de competição potencial, para um organismo jovem, vem dos membros de sua própria

espécie. — Deliberadamente, ele estendeu o garfo e pegou uma amostra de comida do prato de seu companheiro, levando-a à boca. — Eles estão comendo do mesmo prato. Possuem as mesmas necessidades básicas.

O banqueiro se empertigou, olhando aborrecido para o Duque.

— Não cometa o erro de pensar que meu filho é uma criança disse Leto sorrindo.

Jessica notou que Bewt se animara e que Kynes e o contrabandista Tuek estavam sorrindo.

— É uma regra de ecologia — disse Kynes — que o jovem mestre parece compreender muito bem. A luta entre elementos vitais é a luta pela energia livre de um sistema. Sangue é uma fonte

eficiente de energia.

O banqueiro baixou o garfo, falando numa voz irada:

— Diz-se que a ralé Fremen costuma beber o sangue de seus mortos.

Kynes sacudiu a cabeça, falando num tom de palestra:

— Não só o sangue, meu senhor, mas toda a água de um homem pertence enfim ao seu povo, à sua tribo. Torna-se uma necessidade quando se vive junto da Grande Planície. Toda a água é preciosa lá, e o corpo humano é composto de setenta por cento de água em relação ao peso. Um homem morto certamente não necessita mais dessa água.

O banqueiro colocou ambas as mãos contra a mesa ao lado do prato e pareceu a Jessica que ele ia empurrar a

cadeira para trás e abandonar o jantar em fúria.

Kynes olhou para ela.

— Perdoe-me, minha senhora, por tratar de um assunto tão desagradável na mesa, mas vocês estavam ouvindo velhas falsidades e necessitavam de um esclarecimento.

— Tem estado em contato há tanto tempo com os Fremen, que perdeu todo o tato — retrucou o banqueiro.

Kynes olhou para ele calmamente, estudando sua face pálida e trêmula:

— Está me desafiando, senhor?

O banqueiro gelou. Engoliu em seco e falou rapidamente:

— É claro que não. Eu não insultaria nossos anfitriões.

Jessica percebeu o medo na voz do

homem, notando o temor em seu rosto, em sua respiração, no pulsar das veias em sua têmpora. Kynes deixara o homem aterrorizado!

— Nossos anfitriões são perfeitamente capazes de decidir por si mesmos quando se sentem insultados — continuou Kynes. — Eles são gente corajosa, que compreende a defesa da honra. Nós todos podemos testemunhar sua coragem pelo simples fato de se encontrarem aqui... agora... em Arrakis.

Jessica percebeu que Leto estava apreciando tudo isso. A maioria dos outros convidados não fazia o mesmo. Pessoas à volta pareciam se preparar para a luta, as mãos fora de vista, sob a mesa. Duas notáveis exceções eram Bews, que sorria abertamente ante o embaraço do

banqueiro, e o contrabandista Tuek, que parecia observar Kynes à espera de um sinal. Jessica viu que Paul olhava para Kynes com admiração.

— Então? — indagou Kynes.

O banqueiro murmurou:

— Eu não pretendia ofender; por favor, aceite minhas desculpas!

— Livremente oferecida, livremente aceita — disse Kynes. Sorriu para Jessica e voltou a comer, como se nada houvesse acontecido.

Jessica percebeu que o contrabandista também relaxara. Ela anotou isto: o homem mostrara todo o aspecto de um auxiliar, pronto a saltar em socorro de Kynes. Devia existir um acordo de algum tipo entre os dois.

Leto remexia o garfo, olhando de

modo indagador para Kynes.

Os modos do ecologista indicavam uma mudança de atitude com relação à Casa dos Atreides. Ele parecera muito mais frio durante sua viagem pelo deserto.

Jessica ordenou outra entrada de comida e bebida. Servos apareceram com langues de lapins de garenne, mais vinho tinto e molho de cogumelos, ao lado.

Lentamente a conversação voltou ao normal, mas Jessica percebia uma certa agitação, uma tonalidade nervosa, e percebeu que o banqueiro comia em carrancudo silêncio. “Kynes o teria matado sem hesitação”, ela pensou. Notava uma atitude tranqüila, em relação ao assassinato, nas maneiras de Kynes. Ele era um assassino eventual, e Jessica

calculava que essa fosse uma atitude Fremem.

Voltou-se para o fabricante de trajes-destiladores, à sua esquerda, e disse:

— Fico freqüentemente admirada com a importância que a água tem aqui em Arrakis.

— Muito importante — concordou ele. — Que prato é esse? É delicioso!

— Línguas de coelho selvagem com molho especial. Uma receita muito antiga.

— Preciso conseguir essa receita.

Ela assentiu com a cabeça.

— Cuidarei para que a receba.

Kynes olhou novamente para Jessica, dizendo:

— O recém chegado a Arrakis

subestima freqüentemente a importância da água aqui. Vocês estão lidando com a Lei do Mínimo.

Ela ouviu o tom de sondagem na voz dele e respondeu:

— O crescimento é limitado pela necessidade presente na quantidade mínima. E, naturalmente, as condições menos favoráveis controlam a taxa de crescimento.

— É raro encontrar membros de uma Grande Casa conscientes de problemas planetológicos. Água é a condição mínima favorável à vida aqui em Arrakis. E lembre-se que o próprio “crescimento” pode produzir condições desfavoráveis, a menos que tratado com extremo cuidado.

Jessica percebeu uma mensagem

oculta nas palavras de Kynes, mas não conseguia decifrá-la. — Crescimento — ela disse. — Você quer dizer que Arrakis pode ter um ciclo de água ordenado, capaz de sustentar a vida humana sob condições mais favoráveis?

— Impossível! — retrucou o magnata da água.

Jessica voltou sua atenção para Bewt.

— Impossível?

— Impossível para Arrakis. Não ouça este sonhador. Todas as evidências de laboratório estão contra ele.

Kynes olhou para Bewt, e Jessica percebeu que toda a conversação ao redor da mesa se interrompera, enquanto as pessoas se concentravam nessa nova discussão.

— Provas de laboratório tendem a nos cegar quanto a um fato muito simples — disse Kynes. — O fato é o seguinte: estamos lidando aqui com questões que se originam e existem fora de quatro paredes, onde as plantas e os animais vivem sua existência normal.

— Normal! — vociferou Bewt. — Nada em Arrakis é normal!

— Muito ao contrário — continuou Kynes. — Certos equilíbrios poderiam ser estabelecidos aqui ao longo de linhas de auto-sustentação. É apenas necessário entender os limites do planeta e as pressões exercidas sobre ele.

— Nunca será feito — concluiu Bewt.

O Duque percebeu, subitamente, o ponto exato em que a atitude de Kynes se

modificara: fora quando Jessica falara a respeito de manter a estufa de plantas como uma promessa para Arrakis.

— O que seria necessário para estabelecer o sistema auto-sustentável, Dr. Kynes? — indagou Leto.

— Se conseguirmos colocar três por cento dos elementos das plantas verdes de Arrakis, envolvidos na formação de compostos de carbono como substância alimentar, nós teremos iniciado o sistema cíclico.

— Água é o único problema, então? — indagou o Duque. Sentia o entusiasmo de Kynes e dele compartilhava.

— A água obscurece os outros problemas. Este planeta tem muito oxigênio sem seus acompanhantes

normais: vida vegetal difundida e bióxido de carbono livre, produzido em fenômenos tais como vulcões. Aqui ocorrem interações químicas pouco comuns sobre superfícies muito grandes.

— Já tem projeto-piloto?

— Tivemos muito tempo para construir o Efeito Tansley. Pequenas unidades experimentais, em bases amadorísticas, das quais minha ciência, agora, pode retirar suas bases de trabalho.

— Não existe água suficiente — insistiu Bewt. Simplesmente não existe água.

— Mestre Bewt é um especialista em água — concluiu Kynes.

Sorriu, voltando-se para terminar seu jantar.

O Duque gesticulou bruscamente,

num gesto incisivo com a mão, e exigiu.

— Não! Eu quero uma resposta! Existe água suficiente, Dr. Kynes?

Kynes olhava para seu prato, e Jessica observava o jogo de emoções em seu rosto. “Ele disfarça muito bem”, pensou ela, mas conseguira registrá-lo agora e lia que Kynes lamentava suas palavras.

— Existe água suficiente? — insistiu Leto.

— Pode... haver — respondeu Kynes, finalmente.

“Ele está fingindo incerteza”, pensou Jessica.

Com seu senso de verdade mais profundo, Paul captava o motivo subjacente e precisava de todo o seu treino para ocultar sua excitação. “Existe

água suficiente, mas Kynes não deseja que isso seja conhecido.”

— Nosso planetólogo tem muitos sonhos interessantes disse Bewt. — Ele sonha com os Fremen, com profecias e messias.

Risos soaram em pontos isolados em torno da mesa. Jessica os marcou bem: o contrabandista, a filha do fabricante de trajes-destiladores, Duncan Idaho, a mulher do misterioso serviço de acompanhantes.

“As tensões estão curiosamente distribuídas aqui, nesta noite”, concluiu ela. “Está se passando muita coisa de que não tenho consciência. Preciso desenvolver novas fontes de informação.”

O Duque olhou para Kynes, Bewt e Jessica. Sentia-se curiosamente

ludibriado, como se alguma coisa vital houvesse acabado de lhe escapar.

— Talvez — ele murmurou.

Kynes disse rapidamente:

— Talvez possamos discutir isso em outra ocasião, meu senhor. Existem tantas...

O planetólogo interrompeu-se quando um soldado em uniforme Atreides entrou apressado pela porta de serviço, passou pelo guarda e parou ao lado do Duque. O homem curvou-se e sussurrou no ouvido de Leto.

Jessica reconheceu o distintivo de Hawat no boné do soldado, e lutou contra uma inquietação crescente. Dirigiu-se para a companheira do fabricante de trajes-destiladores, uma pequenina mulher de cabelos pretos com

uma cara de boneca e um sinal de dobra epicântica nos olhos.

— Quase não tocou seu jantar, minha querida. Devo pedir algo especial para você?

A mulher olhou para seu companheiro antes de responder:

— Não estou com fome.

O Duque ergueu-se abruptamente ao lado do soldado, falando num duro tom de comando:

— Fiquem todos sentados. Terão que me desculpar, mas surgiu um problema que exige minha atenção pessoal. — Ele se levantou. — Paul, assumo o meu lugar como anfitrião, por gentileza.

Paul também se levantou, desejando indagar de seu pai por que ele

tinha de sair, mas sabendo que precisava se comportar à altura. Ele se moveu até a cadeira de Leto e sentou-se.

O Duque virou-se para o aposento onde se encontrava Halleck, dizendo:

— Gurney, por favor, tome o lugar de Paul na mesa.

Não devemos ter um número ímpar aqui. Quando o jantar terminar, talvez eu precise de você para conduzir Paul até o P.C. de campo. Espere por minha chamada.

Halleck emergiu do aposento contíguo trajando uniforme, sua feiúra gorda parecendo fora de lugar, em meio àquela elegância cintilante. Ele encostou o baliset na parede e caminhou para o lugar vazio de Paul.

— Não há motivo para alarme —

disse Leto. — Mas devo pedir para que ninguém saia, até que a guarda da casa diga que é seguro. Vocês estarão em perfeita segurança contanto que permaneçam aqui; e nós resolveremos este pequeno problema muito brevemente.

Paul percebeu as palavras de código na mensagem de seu pai: guarda-segurança-brevemente. O problema era uma falha na segurança, não violência. Viu que sua mãe também recebera a mensagem, e parecia mais calma.

O Duque deu um aceno rápido, virou-se e saiu pela porta de serviço, seguido pelo soldado.

Paul disse:

— Por favor, continuemos com o jantar. Acho que o Dr. Kynes estava

discutindo a questão da água.

— Podemos discuti-la em outra ocasião? — pediu Kynes.

— Sem dúvida — respondeu Paul.

Jessica notava com orgulho a dignidade de seu filho, seu maduro senso de auto-confiança.

O banqueiro ergueu seu frasco de água, gesticulando para Bewt.

— Nenhum de nós aqui pode superar Mestre Lingar Bewt, no que diz respeito a frases floreadas. Pode-se até julgar que ele aspira ao status de Grande Casa. Vamos, mestre Bewt, acompanhe-nos num brinde. Talvez tenha um torrão de sabedoria para o menino que deve ser tratado como homem.

Jessica cerrou o punho direito, por baixo da mesa. Viu um sinal passar de

Halleck para Idaho, enquanto as tropas ao longo da parede se moviam para posições de máxima guarda.

Bewt lançou um olhar fulminante para o banqueiro.

Paul olhou rapidamente para Halleck, notando a posição defensiva de seus guardas e fitou o banqueiro até que o homem abaixou o frasco de água.

— Uma vez, em Caladan — disse Paul —, vi o corpo de um pescador afogado ser recuperado. Ele...

— Afogado? — indagou a filha do fabricante de trajes.

Paul hesitou, e então explicou: — Sim, imerso em água até morrer. Afogado.

— Que modo interessante de morrer — murmurou ela.

O sorriso de Paul tornou-se uma expressão irritada. Ele voltou sua atenção para o banqueiro. — A coisa interessante a respeito desse homem eram os ferimentos em seus ombros — feitos pelas botas com cravos de outro pescador. Esse pescador era um, entre vários, num bote — um veículo para viajar através da água — que afundara, mergulhando embaixo d'água. Um outro pescador, auxiliando no resgate, disse já ter visto marcas como aquelas várias vezes. Elas significavam que outro pescador afogado tentara subir nos ombros de seu infeliz companheiro, numa tentativa para alcançar a superfície, para alcançar o ar.

— Por que isso é interessante? — indagou o banqueiro.

— Por causa de uma observação feita por meu pai na ocasião. Ele disse que o homem se afogando, que sobe nos ombros de outro para se salvar, é compreensível, exceto quando se vê isso acontecendo na sala de visitas. — Paul hesitou; o suficiente para que o banqueiro percebesse o duplo sentido, e então concluiu. — E eu devo acrescentar: exceto quando se vê acontecer na mesa de jantar.

Um silêncio súbito desceu sobre a sala.

“Isso foi imprudente”, pensou Jessica. “Este banqueiro tem poder suficiente para exigir desculpas.” Viu que Idaho estava pronto para a ação imediata, e as tropas da casa estavam alertas. Gurney Halleck tinha os olhos voltados

para os homens à sua frente.

— Ho, ho, ho, ho! — Era o contrabandista Tuek, cabeça lançada para trás, rindo em completo abandono.

Sorrisos nervosos surgiram ao redor da mesa.

Bewt parecia se divertir.

O banqueiro empurrara sua cadeira para trás e fitava Paul com olhar fixo.

Kynes comentou:

— Quem irrita um Atreides corre seu próprio risco.

— É costume dos Atreides insultar seus convidados? — perguntou o banqueiro.

Antes que Paul pudesse responder, Jessica inclinou-se para a frente, dizendo:

— Senhor! — Ela pensava:

“Devemos descobrir qual é o jogo desta criatura Harkonnen. Estará ela aqui para tentar algum movimento contra Paul? Será que tem ajuda?”

— Meu filho mostra uma carapuça e o senhor afirma que ela tem as suas medidas? Que revelação fascinante — disse Jessica, enquanto deslizava com a mão ao longo da perna, buscando a faca cristalina que prendera numa bainha abaixo do joelho.

O banqueiro voltou seu olhar furioso para Jessica. A atenção se deslocou de Paul, e Jessica percebeu satisfeita que ele se afastava da mesa o suficiente para liberar as mãos para ação. Compreendera a palavra-chave: carapuça. “Prepare-se para a violência.”

Kynes dirigiu um olhar indagador

para Jessica, e fez um sinal muito sutil com a mão para Tuek.

O contrabandista colocou-se de pé, erguendo seu frasco de água.

— Eu ofereço um brinde. Ao jovem Paul Atreides, ainda um garoto por sua aparência, mas um homem em suas ações.

“Por que eles se meteram?”, pensou Jessica.

O banqueiro olhava agora para Kynes, e ela viu o terror retornando ao rosto do agente.

Pessoas começavam a responder ao brinde ao redor da mesa.

“Aonde Kynes vai, as pessoas o seguem. Ele nos revela estar ao lado de Paul. Qual é o segredo de seu poder? Não pode ser devido ao posto de juiz da

Mudança, isso é temporário. E, certamente, não por ele ser um funcionário público”, pensou Jessica.

Ela removeu a mão do cabo da faca cristalina, ainda presa à barriga da perna, e ergueu seu frasco para Kynes que respondeu adequadamente.

Somente Paul e o banqueiro (“Soo-Soo! Que apelido idiota!”, pensou Jessica) permaneciam de mãos vazias. A atenção do banqueiro fixava-se em Kynes, Paul olhava para seu prato.

“Eu estava lidando com a situação adequadamente”, pensava Paul. “Por que eles interferiram?” Olhou veladamente para os convidados mais próximos. “Prepare-se para a violência? De quem? Certamente não da parte daquele banqueiro.”

Halleck se remexeu, e falou sem se dirigir a ninguém em particular:

— Em nossa sociedade, as pessoas não deviam ser tão rápidas em se considerar ofendidas. Isso é, freqüentemente, um gesto suicida. — Olhou para a filha do fabricante de trajedestiladores ao seu lado. — Não pensa assim, senhorita?

— Oh sim, de fato — respondeu ela. — Existe violência em demasia. Ela me deixa enjoada. E na maior parte dos casos não há nenhuma intenção de ofender, mas as pessoas morrem do mesmo jeito. Não faz sentido.

— Realmente não faz — disse Halleck.

Jessica notou a quase perfeição no gesto da garota, e concluiu: “Aquela

mocinha de cabeça oca não é uma mocinha de cabeça oca, afinal. Vira o padrão da ameaça, e entendera que Halleck também o detectara. Eles haviam planejado atrair Paul com sexo.

Jessica se acalmou. Seu filho fora provavelmente a primeira pessoa a perceber, seu treinamento não deixara de notar o estratagema óbvio.

Kynes disse ao banqueiro:

— Não está na hora de outra desculpa?

O banqueiro voltou um sorriso amarelo na direção de Jessica, dizendo:

— Minha senhora, eu temo ter me excedido em seus vinhos. A senhora serve bebidas fortes em sua mesa, e eu não estou acostumado a elas.

Jessica percebia o veneno por

baixo do tom, e respondeu suavemente:

— Quando estrangeiros se encontram, grandes concessões devem ser feitas quanto às diferenças de costumes e treinamentos.

— Obrigado, minha senhora.

A companheira de cabelos negros do fabricante de trajes-destiladores inclinou-se em direção a Jessica:

— O Duque disse que ficaríamos seguros aqui. Espero que isso não signifique mais lutas.

“Ela foi instruída para levar a conversa para esse assunto”, pensou Jessica.

— Provavelmente será algo sem importância — disse ela. — Mas existem muitas coisas exigindo a atenção do Duque atualmente. Enquanto continuar a

inimizade entre Atréides e Harkonnen não podemos nos descuidar. O Duque jurou kanly, e obviamente não deixará nenhum agente Harkonnen vivo em Arrakis. — Olhou para o agente do Banco da Corporação. — E as Convenções naturalmente permitem isso. — Voltou a atenção para Kynes: — Não é verdade, Dr. Kynes?

— Certamente que sim — respondeu ele.

A companheira do fabricante de trajes olhou para ele, dizendo:

— Creio que comerei alguma coisa agora. Gostaria de um pouco daquela ave que serviram antes.

Jessica fez sinal para um servo, e voltou-se para o banqueiro.

— O senhor estava falando de

pássaros e seus hábitos, no início. Eu acho tantas coisas a respeito de Arrakis interessantes. Diga-me, onde é encontrada a especiaria? Os caçadores precisam penetrar muito no deserto?

— Oh não, minha senhora — respondeu ele. — Muito pouco se conhece a respeito do deserto profundo. E praticamente nada quanto às regiões austrais.

— Existe uma lenda a respeito de um grande Veio-Mãe de especiaria, que aguardaria descoberta nas vastidões do sul disse Kynes. — Mas suspeito que isso seja uma invenção, criada unicamente para servir a uma canção. Alguns dos caçadores de especiaria mais ousados às vezes penetram na borda do cinturão central, mas isso é extremamente

perigoso. A navegação é incerta, e as tempestades freqüentes. As baixas em pessoal aumentam dramaticamente à medida que se opera mais distante das bases na Muralha Escudo. Não foi considerado lucrativo se aventurar muito para o sul. Talvez se possuíssemos um satélite meteorológico...

Bewt olhou para cima, falando com a boca cheia.

— Diz-se que os Fremen viajam por lá, que eles vão a toda parte e que caçam esponjas e poços de sugar até mesmo nas latitudes austrais.

— Esponjas e poços de sugar? — indagou Jessica.

Kynes respondeu rapidamente.

— Simples boatos extravagantes, minha senhora. Uma esponja é um local

onde a água se filtra para a superfície, ou suficientemente próximo da superfície, que permite escavar seguindo certos indícios. Um poço de sugar é uma forma de esponja de onde se retira água através de um canudo... ou assim se diz.

“Há engano em suas palavras”, pensou Jessica e Paul perguntou a si mesmo: “Por que é que ele mente?”

— Que interessante! — exclamou Jessica, pensando: “Costuma-se dizer.. Que modo curioso de falar eles possuem aqui. Se ao menos soubessem o quanto isso revela de sua dependência de superstições.”

— Ouvi dizer que vocês possuem um ditado — disse Paul. — Que a polidez vem das cidades e a sabedoria do deserto.

— Há muitos ditados em Arrakis — respondeu Kynes.

Antes que Jessica pudesse formular outra pergunta, um servo inclinou-se ao lado dela com um bilhete. Ela o abriu notando a caligrafia do duque e os sinais em código.

— Todos ficarão satisfeitos em saber — disse ela — que nosso Duque manda avisar que podemos ficar tranqüilos. O assunto que o obrigou a se ausentar já foi resolvido. O transportado perdido foi encontrado. Um agente Harkonnen na tripulação subjugou os outros e voou com a máquina até uma base de contrabandistas, esperando vendê-la por lá. Ambos, homem e máquina, foram devolvidos às nossas forças.

— Ela acenou para Tuek, que respondeu ao cumprimento.

Jessica dobrou novamente a nota, guardando-a em sua manga.

— Fico feliz em saber que isto não levou a uma luta aberta disse o banqueiro.

— Todo o povo espera que os Atreides tragam a paz e a prosperidade.

— Especialmente a prosperidade — disse Bewt.

— Devemos ter a nossa sobremesa agora? — indagou Jessica.

— Eu pedi ao nosso chefe de cozinha que preparasse um doce de Caladan: arroz pongi com molho dolsa.

— Parece maravilhoso — comentou o fabricante de trajes. — Seria possível ter a receita?

— Qualquer receita que desejar —

respondeu Jessica, registrando o homem para mencioná-lo posteriormente a Hawat. O fabricante de trajes era um tremendo arrivista, e poderia ser comprado.

Trivialidades voltaram a ser o assunto principal da conversa ao redor: — Que tecido maravilhoso... ele está fazendo um engaste para colocar a jóia... podemos tentar um aumento de produção na próxima quinzena...

Jessica olhava para o prato, pensando na parte codificada da mensagem de Leto. “Os Harkonnen tentaram introduzir um carregamento de armas laser. Nós o capturamos, mas isso pode significar que eles já tiveram sucesso com outros carregamentos. E certamente quer dizer que não podemos confiar mais

em escudos. Tomem as precauções apropriadas.”

Focalizou sua mente em armas laser. Os feixes aquecidos ao branco da luz disruptora podiam cortar através de qualquer substância conhecida, desde que não houvesse um escudo ao redor da substância. O fato de que a retrocarga de um escudo faria explodir a arma laser e o escudo não incomodava os Harkonnen. Por quê?

Uma explosão escudo-arma laser constituía-se numa variável incerta e perigosa, podendo ser mais poderosa que uma arma atômica, ou apenas o suficiente para matar o portador da arma e o seu alvo sob o escudo.

As dúvidas a enchiam de intranqüilidade.

Paul comentou:

— Nunca duvidei de que encontraríamos o transporta-tudo. Uma vez que meu pai age para resolver um problema, ele o resolve. Este é um fato que os Harkonnen estão começando a descobrir.

“Ele está se gabando”, pensou Jessica. “Não devia. Uma pessoa que vai dormir no subsolo esta noite, como precaução contra armas laser, não tem o direito de se gabar.”

Não há escapatória — nós pagamos pela violência dos nossos ancestrais. “

*— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Jessica ouviu o tumulto no grande salão e acendeu a luz ao lado de sua cama. O relógio colocado lá não fora adequadamente ajustado para a hora local, e ela precisou subtrair vinte e um minutos para determinar que eram aproximadamente duas horas da madrugada.

O ruído era alto e indistinto. Seria o ataque dos Harkonnen?

Saiu da cama e verificou as telas monitoras, para ver onde se encontrava sua família. A tela mostrou Paul

dormindo em uma profunda sala da adega, apressadamente convertida em dormitório para o rapaz. O ruído obviamente não estava penetrando lá embaixo. Não havia ninguém no quarto do Duque, sua cama estava arrumada. Estaria ele ainda no P.C. de campo?

Ainda não existiam telas para a parte frontal da casa.

Jessica ficou imóvel no meio do quarto, ouvindo.

Ouviam-se gritos e vozes ininteligíveis. Ouviu o nome do Dr. Yueh sendo chamado, encontrou um robe e o colocou sobre os ombros, calçando chinelas e prendendo a faca cristalina na perna.

Novamente uma voz chamou pelo Dr. Yueh.

Jessica prendeu o roupão na cintura e saiu para o corredor. Um pensamento lhe ocorreu subitamente: “E se Leto estiver ferido?”

O corredor parecia se estender infinitamente sob seus pés. Ela passou através da abóbada na extremidade, atravessou o salão de jantar e chegou ao Grande Salão encontrando o lugar brilhantemente iluminado, com todas as lâmpadas suspensoras brilhando ao máximo.

À sua direita, próximo à entrada frontal, ela viu dois guardas da casa segurando Duncan Idaho entre eles. Sua cabeça oscilava para a frente, e havia um silêncio abrupto em toda a cena.

Um dos guardas falou de modo acusador:

— Viu o que você fez? Acordou Lady Jessica.

As grandes cortinas por trás dos homens enfunavam-se, mostrando que a porta permanecia aberta. Não havia sinal do duque ou de Yueh. Mapes aparecia de pé ao lado, olhando friamente para Idaho.

Ela usava um longo roupão marrom com um desenho de serpentina. Seus pés estavam colocados em botas de deserto não amarradas.

— Então eu acordei Lady Jessica — balbuciou Idaho. Ergueu o rosto para o teto e berrou:

— Minha espada foi banhada no sangue de Grumman!

“Grande Mãe!”, pensou ela. “O homem está bêbado.”

O rosto escuro e redondo de

Idaho se contorcia numa carranca.

Seu cabelo, encaracolado como o pêlo de um bode negro, parecia emplastrado de sujeira. Um rasgo em sua túnica deixava à mostra a camisa que ele usara durante o jantar.

Jessica aproximou-se dele.

Um dos guardas acenou com a cabeça para ela, sem largar Idaho.

— Não sabíamos o que fazer com ele, minha senhora. Ele estava causando confusão aí em frente, recusando-se a entrar. Nós temíamos que os moradores locais aparecessem e o vissem assim. Isto nos daria um mau nome por aqui.

— Onde foi que ele esteve? — indagou Jessica.

— Ele acompanhou uma das jovens damas até sua casa depois do

jantar, minha senhora. Ordens de Hawat.

— Que jovem dama?

— Uma daquelas acompanhantes, entende, senhora? Olhou para Mapes abaixando a voz: — Eles estão sempre chamando Idaho para tomar conta das damas.

Jessica pensou: “Sim, mas por que ele está bêbado?”

Franziu a testa voltando-se para Mapes:

— Mapes, traga um estimulante. Sugiro cafeína. Talvez ainda tenha sobrado um pouco de café de especiaria.

Mapes deu de ombros e dirigiu-se para a cozinha. Suas botas de deserto não amarradas faziam ruído no chão de pedra.

Idaho girou sua cabeça bamba para olhar Jessica de esguelha.

— Matei mais de trezentos pro Duque — balbuciou ele —, só quero saber por que eu tô aqui? Não posso viver em cima ou embaixo deste solo. Que tipo de lugar é este, hein?

Um ruído no corredor lateral chamou a atenção de Jessica. Ela voltou-se vendo o Dr. Yueh se aproximar com o estojo médico na mão esquerda. Ele encontrava-se completamente vestido, e parecia pálido e exausto. A tatuagem em forma de diamante aparecia nítida em sua testa.

— O bom doutor! — gritou Idaho. — Quem é você, doutor, o homem das pílulas e ataduras? — Olhou de olhos turvos para Jessica. Tô fazendo um papel ridículo, não tô?

Jessica franziu o cenho, ficou em

silêncio, pensando: “Por que iria Idaho se embebedar? Será que ele foi drogado?”

— Muita cerveja de especiaria! — disse Idaho tentando se endireitar.

Mapes voltou com uma xícara fumegante nas mãos, parou incerta ao lado de Yueh. Olhou para Jessica, que sacudiu a cabeça.

Yueh colocou o estojo no chão e acenou, saudando Jessica.

— Cerveja de especiaria, hein? — comentou ele.

— Coisa mais danada que já provei — disse Idaho, tentando ficar em posição de sentido. — Minha espada conheceu o sangue pela primeira vez em Grumman! Matei um Harko... Harko... matei ele pro Duque.

Yueh olhou para a xícara nas mãos

de Mapes.

— O que é isso?

— Cafeína — respondeu Jessica.

Yueh pegou a xícara e aproximou-a dos lábios de Idaho.

— Beba isso, rapaz.

— Não quero mais bebida.

— Beba, estou mandando!

A cabeça de Idaho tombou para a frente e ele deu um passo cambaleante na direção de Yueh, arrastando consigo os guardas.

— Já estou cheio de ter que agradar este Universo Imperial, doutor. Só uma vez quero fazer as coisas ao meu modo.

— Depois que beber isso — disse Yueh. — É apenas cafeína.

— Esquisito como todo o resto

desse lugar! Maldito sol muito brilhante; nada tem as cores certas. Tudo errado ou...

— Bem, é noite agora — observou Yueh. Ele falava com calma: Beba isso como um bom rapaz, e vai se sentir melhor.

— Num quero me sentir melhor!

— Não podemos discutir com ele a noite inteira — disse Jessica. “Isto pede um tratamento de choque”, pensou ela.

— Não é preciso ficar, minha senhora — disse Yueh. Posso cuidar disso.

Jessica sacudiu a cabeça, deu um passo à frente e esbofeteou Idaho.

Ele cambaleou para trás com os guardas, olhando furioso para ela.

— Isto não é modo de se

comportar na casa de seu Duque — disse ela, e arrancou a xícara das mãos de Yueh derramando parte de seu conteúdo. Empurrou-a na direção de Idaho e gritou: — Agora beba! Isto é uma ordem!

Idaho se colocou de pé e falou lentamente, com uma pronúncia cuidadosa e precisa:

— Não recebo ordens de uma maldita espiã Harkonnen.

Yueh se enrijeceu, voltando-se para encarar Jessica.

Seu rosto tornou-se muito pálido, mas ela compreendeu. Tudo se tornava claro agora; todos os ramos interrompidos dos significados que ela vira em palavras e ações ao seu redor, por todos esses dias passados, podiam agora ser traduzidos. Encontrou-se presa de

uma fúria quase que grande demais para ser contida. Foi necessário seu treinamento Bene Gesserit mais profundo para acalmar seu pulso, e normalizar a respiração, e ainda assim sentia um fogo interior lutando para extravasar.

“Eles estão sempre chamando Idaho para tomar conta das damas.”

Ela encarou Yueh, que abaixou a cabeça.

— Você sabia disso?

— Eu...ouvi rumores, minha senhora. Mas não queria aumentar suas preocupações.

— Hawat! — exigiu ela. — Quero que me tragam Thufir Hawat imediatamente!

— Mas, minha senhora...

— Imediatamente!

“Tem que ser Hawat”, pensou ela. “Suspeita como esta não poderia vir de outra fonte sem ser descartada imediatamente.”

Idaho sacudiu a cabeça, murmurando:

— Estourem a maldita coisa inteira.

Jessica olhou para a xícara em sua mão, e abruptamente atirou seu conteúdo no rosto de Idaho.

— Tranquem-no em um dos quartos de hóspedes da ala leste — ordenou ela. — Deixem que ele durma.

Os dois guardas olharam para ela angustiados. Um deles arriscou:

— Talvez devêssemos levá-lo para algum outro lugar, senhora. Poderíamos...

— Ele deve ficar aqui! — retrucou

ela. — Ele tem um trabalho a fazer aqui.
— Sua voz revelava amargura: — Ele é
tão bom para tomar conta das damas.

O guarda engoliu em seco.

— Sabe onde está o Duque?

— No posto de comando, minha
senhora.

— Hawat está com ele?

— Hawat está na cidade, minha
senhora.

— Vocês trarão Hawat para mim
imediatamente. Estarei em minha sala
quando ele chegar.

— Mas, minha senhora...

— Se necessário eu chamarei o
Duque — ameaçou ela. Mas espero que
não seja necessário. Não quero perturbá-
lo com isso.

— Sim, minha senhora.

Jessica colocou a xícara vazia nas mãos de Mapes percebendo o olhar questionador nos olhos de azul-dentro-de-azul. — Você pode voltar para o quarto, Mapes.

— Tem certeza de que não vai precisar de mim?

Jessica sorriu amargamente:

— Tenho.

— Talvez isso possa esperar até amanhã — sugeriu Yueh. — Eu poderia lhe dar um sedativo e...

— Você retornará para os seus aposentos e me deixará cuidar disso ao meu modo. — Deu uma leve pancada em seu braço para suavizar o tom de comando. — Este é o único modo.

Abruptamente, de cabeça erguida, ela se voltou e saiu, caminhando através

da casa em direção aos seus aposentos. Paredes frias... passagens... uma porta familiar... Abriu a porta com violência, passou por ela e fechou-a num estrondo. Parou, olhando para as janelas cobertas de escudos de sua sala de estar. “Hawat! Podia ter sido ele a quem os Harkonnen haviam comprado? Veremos.”

Foi até a cadeira. Uma cadeira em estilo antigo, estofada com um revestimento de pele de schlag bordada, e moveu-a para uma posição voltada para a porta. Tornou-se subitamente muito consciente da faca cristalina na bainha, sobre sua perna. Removeu a bainha e prendeu-a ao braço, testando seu ajuste. Uma vez mais observou a sala, localizando todas as coisas precisamente em sua memória para qualquer

emergência: a espreguiçadeira junto de um dos cantos, as cadeiras ao longo da parede, as duas mesas baixas e a cítara montada num suporte junto da porta de seu quarto.

Uma luz pálida derramava-se das lâmpadas suspensoras. Enfraqueceu-as ainda mais e se sentou, alisando o estofamento e apreciando o aspecto nobre da cadeira, adequada para a ocasião.

“Agora deixe que ele venha”, pensou ela. “E então veremos.”

Preparou-se para a espera no modo Bene Gesserit, acumulando paciência, poupando as forças.

Mais cedo do que esperava uma batida soou na porta, e Hawat entrou.

Ela o observou sem se mover de sua cadeira, percebendo a aparência de

energia induzida por drogas em seus movimentos, sentindo a fadiga que se acumulava por baixo. Os olhos cansados e injetados brilhavam. Sua pele coriácea parecia fracamente amarelada na luz do salão, e havia uma mancha úmida, comprida, na manga do braço onde usava a faca.

Ela sentiu cheiro de sangue ali.

Apontou para uma das cadeiras e disse:

— Traga aquela cadeira e sente-se de frente para mim.

Hawat inclinou-se e obedeceu. “Aquele bêbado idiota do Idaho!” — ele pensou. Observou o rosto de Jessica, tentando visualizar um meio de salvar a situação.

— É hora de esclarecer a situação

entre nós — disse Jessica.

— O que a perturba, minha senhora? — indagou ele, sentando-se e colocando a mão sobre os joelhos.

— Não banque o reservado comigo! Se Yueh não lhe contou por que o chamei aqui, então um de seus espiões em minha casa o fez. Não podemos ser honestos um com o outro?

— Como quiser, minha senhora.

— Primeiro você me responderá a uma pergunta — disse ela. — Você é um agente Harkonnen?

Hawat ergueu-se, quase se levantando da cadeira, seu rosto escuro de fúria:

— Você se atreve a me insultar!?

— Sente-se. Você me insultou primeiro.

Lentamente ele deixou o corpo afundar no assento.

E Jessica, lendo os sinais faciais que conhecia tão bem, respirou fundo. “Não é o Hawat.”

— Agora sei que permanece leal ao meu Duque. Estou preparada portanto para perdoar sua afronta contra mim.

— Existe alguma coisa para ser perdoada?

Jessica franziu a testa, pensando: “Devo jogar com meu trunfo?”

Devo contar a respeito da filha do Duque, que carrego comigo há algumas semanas? Não, nem mesmo Leto sabe. Isso só iria complicar sua vida, distraí-lo numa ocasião em que precisa estar concentrado para assegurar nossa sobrevivência. Ainda haverá tempo para

usar isso.”

— Uma reveladora da verdade resolveria esse problema — disse ela —, mas nós não temos nenhuma qualificada pela Alta junta.

— Como diz, nós não temos uma Reveladora da Verdade.

— Existe um traidor entre nós? — indagou ela. — Eu tenho observado nossa gente com extremo cuidado. Quem poderia ser? Não é o Gurney, e certamente nem o Duncan. Seus tenentes não ocupam funções estratégicas, para serem considerados. Também não é você, Thufir; nem pode ser o Paul. Sei que não sou eu. Será o Dr. Yueh então? Devo chamá-lo e submetê-lo ao teste?

— Sabe que seria um gesto inútil. Ele é condicionado pelo Alto Colégio.

Isso eu sei com certeza.

— Para não mencionar que sua esposa era uma Bene Gesserit assassinada pelos Harkonnen — disse Jessica.

— Então foi isso que aconteceu com ela!

— Não ouviu o ódio em sua voz quando ele menciona os Harkonnen?

— Sabe que eu não tenho ouvidos para isso.

— O que levantou essa sua suspeita contra mim? — indagou ela.

Hawat amarrou a cara.

— Minha senhora, está colocando seu servo numa posição difícil. Minha lealdade em primeiro lugar é para com o Duque.

— Estou preparada para perdoar muito devido a essa mesma lealdade.

— E novamente devo indagar: existe algo para ser perdoado?

— Impasse? — perguntou ela.

Ele deu de ombros.

— Vamos conversar sobre outra coisa, então. Duncan Idaho, esse admirável lutador cujas habilidades para guarda e vigilância são tão estimadas. Esta noite ele se excedeu em alguma coisa chamada cerveja de especiaria. Ouvi relatórios de que outros entre nossa gente já foram entorpecidos por essa mistura. Isso é verdade?

— Tem os seus relatórios, minha senhora.

— Eu os tenho. Não pode ver nesses excessos com a bebida um sintoma, Thufir?

— Minha senhora fala por

charadas.

— Aplique suas habilidades Mentat! Qual é o problema com Duncan e os outros? Eu posso dizê-la em apenas quatro palavras: Eles estão sem lar.

Hawat apontou o dedo para o piso.

— Arrakis é o lar de todos eles.

— Arrakis é uma terra desconhecida! Caladan era o lar deles, mas nós lhes arrancamos as raízes. Eles não têm lar, e temem que o Duque esteja falhando em sua confiança.

Ele se empertigou.

— Uma conversa dessas, partindo de um dos homens, seria causa para...

— Ora, pare com isso, Thufir. É derrotismo ou traição se um médico diagnostica uma doença corretamente? Minha única intenção é curar a doença.

— O Duque me encarrega dessas questões.

— Mas você compreende que eu tenho uma preocupação natural quanto ao progresso da doença. E talvez reconheça que tenho certas habilidades para agir ao longo dessa linha.

“Terei de chocá-lo severamente?”, pensou ela. “Ele precisa ser sacudido com algo que o arranque de uma rotina imposta.”

— Podem existir muitas interpretações para sua preocupação — disse ele.

— Então já me condenou?

— Claro que não, minha senhora. Mas não posso me permitir correr nenhum risco, estando a situação como está.

— Uma ameaça à vida de meu filho passou por você, aqui mesmo nesta casa. Quem correu o risco?

Seu rosto se enrubesceu.

— Ofereci minha renúncia ao Duque.

— Ofereceu sua renúncia a mim? Ou ao Paul?

“Agora ele está furioso”, pensou ela. “Posso ver isso na rapidez de sua respiração, na dilatação das narinas, olhar fixo.” Percebeu o pulso batendo em sua têmpora.

— Sou um homem do Duque — respondeu ele, seco.

— Não há traidor algum — disse Jessica. — A ameaça é alguma outra coisa. Talvez tenha a ver com armas laser. Talvez eles se arrisquem ocultando

algumas armas laser com mecanismos de tempo, apontadas para os escudos desta casa. Talvez eles...

— E quem poderia dizer, depois da explosão, que não fora atômica? — indagou ele. — Não, minha senhora. Eles não arriscariam nada tão ilegal. Radiação permanece. A evidência é difícil de apagar. Não, eles seguirão a maioria das normas. Tem que ser um traidor.

— Você é o homem do Duque — retrucou ela. — Você o destruiria no esforço para salvá-lo?

Ele respirou fundo e disse:

— Se a senhora for inocente, terá minhas desculpas mais humildes.

— Olhe para você agora, Thufir. Os humanos vivem melhor quando cada um tem seu próprio lugar, quando cada

um sabe onde se vincula ao esquema geral das coisas. Destrua o lugar e você destruirá a pessoa. Você e eu, Thufir, dentre todas as pessoas que amam o Duque, estamos justamente situados numa posição em que poderíamos facilmente destruir um ao outro. Eu poderia sussurrar suspeitas a seu respeito ao ouvido do Duque toda a noite, não poderia? No momento em que ele estivesse mais suscetível a tais cochichos? Preciso explicar mais claramente?

— Está me ameaçando?

— De fato, não. Eu apenas demonstro para você que alguém está nos atacando através do vínculo básico de nossas vidas. É diabolicamente hábil. Eu proponho que devolvamos esse ataque ordenando nossas vidas de um modo tal

que não restarão fendas onde farpas como essas possam penetrar.

— Acusa-me de sussurrar suspeitas sem base?

— Sem base, sim.

— E você responderia a isso com seus próprios cochichos.

— Sua vida é feita de cochichos, Thufir, não a minha.

— Então questiona minhas habilidades?

Ela suspirou.

— Thufir, eu quero que examine seu próprio envolvimento emocional nisso tudo. Um humano ao natural é um animal sem lógica. Suas projeções de lógica sobre todos os assuntos são anti-naturais, mas devem continuar a ser feitas por sua utilidade. Você é a personificação

de lógica, um Mentat. No entanto, suas soluções e problemas são conceitos que num sentido real se projetam para fora de você mesmo, para serem estudados e examinados de todos os ângulos.

— Acha que pode me ensinar meu próprio ofício? — indagou ele sem tentar esconder o desprezo na voz.

— Você pode aplicar sua lógica em qualquer coisa fora de você mesmo — continuou ela —, mas é uma tendência humana que, quando nós encontramos problemas pessoais, principalmente os mais profundos, torna-se extremamente difícil trazê-los à tona para que possam ser analisados logicamente. Nos debatemos ao redor, culpando tudo, menos o motivo verdadeiro e profundamente enraizado que se encontra

realmente nos devorando.

— Está deliberadamente tentando minar a minha fé em minhas habilidades como um Mentat — acusou ele asperamente. — Se eu encontrasse alguém de nossa gente tentando sabotar deste modo qualquer outra arma de nosso arsenal, eu não hesitaria em denunciá-lo e destruí-lo.

— Os melhores Mentat possuem um respeito saudável pelo fator de erro em suas computações.

— Eu nunca disse outra coisa!

— Então aprofunde-se nestes sintomas que ambos observamos: embriaguez entre os homens, lutas — mexericos e troca de rumores extravagantes a respeito de Arrakis; eles ignoram as mais simples...

— Chega de frivolidade! — disse ele. — Não tente distrair minha atenção fazendo uma questão simples parecer misteriosa.

Jessica olhou para ele, pensando em todos os homens do Duque ruminando suas mágoas nos alojamentos, até que se pudesse quase sentir a tensão acumulada, como isolamento, queimando. “Eles estão se tornando como os homens da lenda anterior à Corporação”, pensou ela. “Como os homens da nave estelar perdida Ampoliros — esgotados sobre seus canhões — eternamente buscando, eternamente preparados e eternamente desprevenidos.”

— Por que nunca usou plenamente as minhas habilidades em seus serviços para o Duque? Tem medo

de uma rival para sua posição?

Ele olhou para ela, os velhos olhos queimando.

— Conheço parte do treinamento que recebem suas... — Não concluiu.

— Vá adiante, diga, “suas bruxas Bene Gesserit”.

— Sei algo a respeito do verdadeiro treinamento que recebem.

Observei-o refletir-se em Paul. Não sou iludido pelo que suas escolas dizem ao público: Que existem apenas para servir.

“O choque precisa ser severo e ele está quase pronto para ele”, pensou ela.

— Você me ouve respeitosamente no Conselho, e no entanto raramente dá crédito aos meus conselhos. Por quê?

— Não confio em suas razões

Bene Gesserit — respondeu ele. — Vocês podem achar que vêm através de um homem, podem pensar que são capazes de obrigar um homem a fazer exatamente o que vocês...

— Thufir, seu pobre tolo! — exclamou ela, furiosa.

Ele olhou carrancudo, remexendo-se na cadeira.

— Quaisquer que sejam os rumores que tenha ouvido a respeito de nossas escolas, a verdade é muito mais surpreendente. Se eu desejasse destruir o Duque, ou você, ou qualquer pessoa ao meu alcance, você não poderia me deter.

“Por que permite que o orgulho arranque estas palavras de mim?”, pensou ela. “Não foi este o modo como fui treinada. Não é a maneira de chocá-lo.”

Hawat deslizou a mão por baixo de sua túnica, onde mantinha um pequenino projetor de agulhas envenenadas. “Ela não está usando escudo. Será isso apenas uma bravata? Eu poderia matá-la agora... mas ah, as conseqüências se eu estiver errado!”

Jessica percebeu o gesto na direção do bolso e disse:

— Vamos rezar para que a violência nunca seja necessária entre nós.

— Uma boa idéia.

— Entretanto, a doença se espalha entre nós, e eu devo perguntar novamente: não é mais razoável supor que os Harkonnen plantaram essa suspeita para nos lançar um contra o outro?

— Parece que voltamos ao impasse

— disse ele.

Ela suspirou, pensando: “Ele já está quase pronto.”

— O Duque e eu somos pai e mãe substitutos para o nosso povo. A posição...

— Ele não se casou com você — disse Hawat.

Jessica procurou se manter calma. “Esta foi uma boa resposta.”

— Mas ele não se casará com mais ninguém. Não enquanto eu viver. E nós somos substitutos, como eu dizia. Para quebrar essa ordem natural entre nós, para confundir, dissolver e perturbar, que alvo seria mais sedutor para os Harkonnen?

Ele sentia a direção para onde ela o levava, e suas sobrancelhas contraíram-se.

— O Duque? — indagou Jessica.
— Um alvo atraente, sim, mas ninguém, com a possível exceção de Paul, é melhor guardado. Eu? Devo tentá-los, certamente, mas eles devem saber que uma Bene Gesserit é um alvo difícil. Mas há um objetivo melhor, alguém cujas tarefas criam necessariamente um ponto cego. Alguém para quem a suspeita é tão natural quanto o ato de respirar. Alguém que constrói a sua vida com insinuações e mistérios. Apontou a mão direita para ele.
— Você!

Hawat tentou saltar de sua cadeira.

— Não lhe dei licença para sair, Thufir!

O velho Mentat praticamente caiu de volta no assento, tão rapidamente que seus músculos lhe falharam.

Ela sorriu friamente.

— Agora você conhece algo a respeito do verdadeiro treinamento que nós recebemos.

Hawat tentou engolir em seco. Aquela ordem fora régia, decidida, pronunciada num tom e de um modo que a tornavam completamente irresistível. Seu corpo obedecera antes que sua mente pudesse pensar a respeito. Nada teria evitado sua reação; nem lógica, nem fúria... nada. Para fazer o que ela acabara de realizar, era preciso um conhecimento íntimo, apurado, da pessoa assim dominada, um controle profundo como sequer sonhara ser possível.

— Já lhe disse antes que nós devíamos entender um ao outro. E quero dizer com isso que deve tentar me

compreender. Eu já entendo você. E lhe digo agora que sua lealdade para com o Duque é tudo que garante a sua segurança comigo.

Ele olhava-a, umedecendo os lábios com a língua.

— Se eu desejasse uma marionete faria o Duque se casar comigo — continuou ela. — Ele podia até pensar que o fizera por sua livre vontade.

Hawat abaixou a cabeça, olhando através de seus escassos cílios.

Apenas um auto-controle rígido o impedia de chamar o Controle da guarda... e a suspeita agora de que a mulher poderia impedi-lo. Sua pele coçava com a lembrança de como ela o controlara.

Naquele momento de hesitação ela

poderia ter sacado uma arma e tê-lo morto.

“Será que cada humano possui esse ponto cego?”, perguntava ele a si mesmo. “Qualquer um de nós pode ser impulsionado para agir sem resistência?” A idéia o atordoava. “Quem poderia deter uma pessoa com tamanho poder?”

— Você teve um vislumbre do punho que existe dentro da luva Bene Gesserit — disse ela. — Poucos chegam a percebê-la e apenas o vivenciam através da experiência. O que eu fiz foi algo relativamente simples para nós. Ainda não viu todo o meu arsenal. Pense nisto.

— Por que não sai então destruindo os inimigos do Duque?

— Quem você teria para destruir? Gostaria que eu fizesse do Duque um

fraco? Eternamente se apoiando em mim?

— Mas com tal poder...

— O poder é uma espada de dois gumes, Thufir. Você pensa: “Como é fácil para ela moldar uma ferramenta humana para golpear nas entranhas do inimigo.” É verdade, Thufir. Até mesmo nas suas entranhas. No entanto o que eu conseguiria com isso? Se muitas Bene Gesserit agissem desse modo, isso não tornaria todas as Bene Gesserit suspeitas? Nós não queremos isso, Thufir. Não desejamos destruir a nós mesmas. — Ela acenou com a cabeça. — Verdadeiramente, nós existimos apenas para servir.

— Eu não posso lhe responder — disse ele. — Sabe que eu não posso lhe responder.

— Você não dirá nada a respeito do que aconteceu hoje aqui, para ninguém. Eu o conheço, Thufir.

— Minha senhora... — novamente o velho tentou engolir em seco.

E pensou: “Ela tem grandes poderes, sim. Mas eles não fariam dela uma arma ainda mais admirável para os Harkonnen?”

— O Duque pode ser destruído tão rapidamente por seus amigos como por seus inimigos. Eu confio agora que você chegará ao fundo desta suspeita e a eliminará.

— Se ela se mostrar desprovida de bases, sim.

— Se — sorriu ela com desdém.

— Se — insistiu ele.

— Você é tenaz.

— Cauteloso — respondeu ele. —

E consciente do fator erro.

— Então eu farei outra pergunta: o que significa para você estar preso e desarmado diante de outro ser humano, enquanto o outro segura uma faca diante de sua garganta? E, no entanto, esse outro ser humano evita matá-lo, livra-o das cordas que o prendem e lhe entrega a faca, para que use como desejar? O que acha disso?

Ela se levantou da cadeira e voltou as costas para ele. Você pode ir agora, Thufir.

O velho Mentat levantou-se hesitando, a mão movendo-se vagarosa em direção à arma mortífera sob a túnica. Lembrava-se do touro e do pai do Duque (que fora um bravo, não importando suas

falhas). Num dia de tourada, há muito tempo, o terrível animal negro lá estava, de cabeça baixa, imóvel e confuso. O velho Duque voltara as costas para os chifres, capa lançada ostentadamente sobre o ombro, enquanto as palmas choviam das arquibancadas.

Eu sou o touro e ela é o matador. Afastou a mão da arma olhando o suor que brilhava na palma vazia.

Não importava o que os fatos provassem no final, ele sabia que nunca esqueceria esse momento, nem perderia um sentimento de suprema admiração por Lady Jessica.

Sem fazer ruído, ele se voltou e deixou a sala.

Jessica abaixou o olhar dos reflexos nas janelas, virou-se e fitou a

porta fechada.

— Agora veremos um pouco de ação adequada — sussurrou ela para si mesma.

Você se debate com seus sonhos?

Luta contra as sombras?

E se move num transe?

O tempo lhe escapou.

Sua vida está perdida.

Você a desperdiçou em ninharias.

Vítima de sua loucura.

— *Lamento por Jamis na Planície
Funerária, de Canções do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Leto parou no vestíbulo de sua casa, estudando a nota à luz de uma única lâmpada suspensora. Faltavam apenas

algumas horas para o raiar do dia, e ele sentia um cansaço profundo. Um mensageiro Fremen trouxera o bilhete ao posto externo de guarda, exatamente quando o Duque chegava de seu posto de comando.

A nota dizia: “Uma coluna de fumaça durante o dia, um pilar de fogo à noite.”

Não havia assinatura.

“O que significa isso?”, perguntou com os seus botões.

O mensageiro se fora sem esperar por uma resposta e antes que pudesse ser interrogado. Desaparecera dentro da noite como uma sombra.

Leto colocou o papel dentro do bolso de sua túnica, pensando em mostrá-lo a Hawat, posteriormente. Afastou uma

mecha de cabelos de sobre a testa e respirou fundo. As pílulas antifadiga estavam começando a perder o efeito. Haviam sido dois longos dias desde aquele jantar e, mais do que isso, desde que dormira pela última vez.

Além de todos os problemas militares houvera aquela perturbadora conversa com Hawat, e o relatório de seu encontro com Jessica.

“Devo acordar Jessica?” Ele hesitou. “Não há mais razão para continuar com este jogo de segredo com ela. Ou há?”

“Maldito Duncan Idaho.”

Sacudiu a cabeça. “Não, não foi Duncan. O erro foi meu de não confiar em Jessica desde o princípio. Devo fazê-lo agora, antes que maior dano seja

provocado.”

A decisão fez com que se sentisse melhor, e ele correu para o Grande Salão, e ao longo das passagens, em direção à ala familiar.

No ponto em que o corredor virava para a área de serviço, ele parou. Um estranho gemido vinha de algum ponto no corredor de serviço. Leto levou a mão esquerda ao botão de seu cinturão-escudo, e colocou sua kindjal na mão direita. A faca lhe transmitia um sentimento de confiança. O estranho som provocara um arrepio através de seu corpo.

Suavemente o Duque se moveu pela passagem, amaldiçoando a iluminação inadequada. As suspensoras menores haviam sido colocadas em

intervalos de oito metros, e reguladas no nível de iluminação mais fraco. As paredes de pedra negra devoravam a luz.

Hesitou novamente, quase acionando seu escudo, mas se conteve porque isso limitaria seus movimentos e sua audição... e porque o carregamento capturado de armas laser o deixara cheio de dúvidas. Havia um vulto escuro estirado no piso, aparecendo na penumbra, adiante.

Silenciosamente ele se moveu em sua direção, percebendo tratar-se de uma figura humana, caída com o rosto contra o chão de pedra. Leto virou-a com o pé, a faca erguida, e se abaixou na luz fraca para ver o rosto. Era o contrabandista Tuek, com uma mancha úmida ao longo do peito. Os olhos sem vida fitando a

escuridão vazia. Leto tocou a mancha, estava quente.

“Como pode este homem estar morto aqui? Quem o matou?”

O gemido era mais alto agora. Vinha de um ponto à frente e ao longo do corredor lateral, que dava na sala central onde havia sido instalado o principal gerador de escudo para a casa.

Com a mão no botão do cinto e a faca pronta, o Duque passou por sobre o cadáver e deslizou pela passagem, olhando cautelosamente em torno da curva para a sala do gerador de escudo.

Outro vulto cinzento estendia-se no piso, alguns passos à frente, e ele percebeu imediatamente ser essa a origem do gemido. A forma arrastou-se em sua direção, com dolorosa lentidão,

murmurando, ofegando.

Leto dominou sua súbita contrição de medo e correu atravessando a passagem para abaixar-se ao lado do vulto rastejante. Era Mapes, a governanta Fremen, seu cabelo caído sobre o rosto, roupas em desordem. Uma mancha negra tomava-lhe as costas até um dos lados. Ele tocou-lhe o ombro e ela ergueu-se sobre os cotovelos, a cabeça inclinada para fitá-lo com olhos vazios e escuros.

— Você — disse ela ofegante — matou... guarda... mandado... buscar... Tuek... escapar... minha senhora... você... você... aqui... não... Caiu para a frente, a cabeça batendo contra a pedra.

Leto procurou sentir o pulso nas têmporas. Não havia nenhum.

Olhou para a mancha na roupa.

Ela fora apunhalada pelas costas.

Quem? Seus pensamentos se aceleraram. Ela estaria querendo dizer que alguém matara o guarda? E Tuek? Jessica teria mandado buscá-lo? Por quê?

Começou a se levantar. Súbito, um sexto sentido o advertiu. Sua mão lançou-se em busca do botão que acionava o cinturão-escudo, mas era muito tarde. Um choque entorpecedor lançou-lhe o braço para o lado. Sentiu uma dor naquele local e viu um dardo projetando-se de sua manga. A paralisia propagava-se em direção ao ombro. Exigiu-lhe um esforço agonizante para erguer a cabeça e olhar ao longo da passagem.

Yueh encontrava-se na porta aberta da sala do gerador, seu rosto refletindo a luz amarela de uma única

lâmpada suspensora acima da porta. Havia silêncio na sala atrás dele, não se ouvia nenhum som vindo dos geradores.

“Yueh!”, pensou Leto. “Ele sabotou os geradores da casa! Estamos abertos para o exterior!”

Yueh começou a caminhar em sua direção, colocando o revólver de dardos no bolso.

Leto descobriu ainda ser capaz de falar, balbuciou:

— Yueh! Como?

Então a paralisia atingiu suas pernas, e ele deslizou para o chão com as costas contra a parede de pedra.

O rosto de Yueh carregava uma expressão de tristeza enquanto se inclinava para tocar a testa de Leto. O Duque percebeu que ainda podia sentir o

toque, porém levemente.

— A droga no dardo é seletiva — disse Yueh. — Você pode falar, mas não o conselho a fazê-la. — Ele olhou ao longo do corredor e novamente se curvou sobre Leto, puxando o dardo e lançando-o para o lado. O som do dardo tinindo sobre as pedras era fraco e soava distante aos ouvidos do Duque. “Não pode ser Yueh”, pensou Leto. “Ele é condicionado.”

— Como? — sussurrou ele.

— Eu sinto, meu querido Duque, mas existem coisas que vão impor exigências mais profundas que isso — disse, tocando a tatuagem em forma de diamante sobre sua testa. — Eu mesmo acho muito estranho — uma anulação de minha consciência pirética —, mas eu

desejo matar um homem. Sim, eu realmente o desejo, e não hesitarei diante de nada para fazê-lo.

Abaixou a cabeça olhando para o Duque.

— Oh, não é você, meu querido Duque. O Barão Harkonnen. Eu desejo matar o Barão.

— Bar... ão... Har...

— Fique quieto, por favor, meu pobre Duque. Você não tem muito tempo. Aquele dente pivô que coloquei em sua boca, depois daquela queda em Narcál, deve ser substituído neste momento. Eu o deixarei inconsciente e substituirei o dente. — Abriu a mão fitando, alguma coisa na palma. — Uma duplicata exata, com o núcleo moldado com perfeição na forma de um nervo.

Escapará aos detetores, e mesmo a um esquadrinhamento rápido. Mas se você morder sobre ele com força, a cobertura se parte. Então, quando exalar sua respiração fortemente, encherá o ar ao seu redor com gás venenoso extremamente mortífero.

Leto olhou para Yueh, vendo a loucura nos olhos do homem, a transpiração ao longo do queixo e da testa.

— Você já está morto de qualquer maneira, meu pobre Duque, mas chegará perto do Barão antes de morrer. Ele acreditará que está atordoado pelas drogas e incapaz de qualquer esforço final para atacá-lo. Você estará drogado e amarrado. Mas um ataque pode tomar muitas formas estranhas. Você se

lembrará do dente. O dente, Duque Leto Atreides. Você tem que se lembrar do dente.

O velho médico se inclinou cada vez mais próximo, até que todo o seu rosto, com o bigode pendente, dominava o estreito campo de visão do Duque.

— O dente — sussurrou ele.

— Por quê? — suspirou Leto.

Yueh ajoelhou-se ao lado do Duque.

— Fiz um acordo de shaitan com o Barão, e devo me certificar de que ele cumpriu com sua parte. Quando eu o vir, saberei. Quando olhar para o Barão, então eu saberei. Mas nunca chegarei em sua presença sem o preço. Você é o preço, meu pobre Duque, e saberei quando encontrá-lo. Minha pobre Wanna me

ensinou muitas coisas, e uma delas foi a ter certeza da verdade, quando a tensão é muito grande. Não posso fazê-lo sempre, mas quando vir o Barão, eu saberei.

Leto tentou olhar para o dente na mão de Yueh. Sentia como se aquilo estivesse acontecendo num pesadelo. Não podia ser verdade.

Os lábios purpúreos de Yueh torceram-se numa careta. Não chegarei suficientemente perto do Barão; do contrário, eu mesmo o mataria. Não, eu serei mantido numa distância segura. Mas você... ah minha adorável arma! Ele vai querê-lo muito perto, para exultar e se gabar um pouco.

Leto achava-se quase hipnotizado pelo movimento de um músculo no lado esquerdo do queixo de Yueh. O músculo

se torcia enquanto o homem falava. Yueh inclinou-se ainda mais perto. E você, meu bom Duque, meu precioso Duque, você se lembrará do dente. — Mostrou-o seguro entre o indicador e o polegar. — Será tudo que lhe restará.

A boca de Leto moveu-se sem produzir um som, e então:

— Recuso-me.

— Ah, isso não. Você não pode recusar. Porque em troca desse pequeno serviço estou fazendo algo por você. Eu salvarei sua mulher e seu filho. Nenhum outro pode fazê-lo, apenas eu. Eles podem ser removidos para um lugar onde nenhum Harkonnen poderá alcançá-los.

— Como... salvá-los? — sussurrou Leto.

— Fazendo parecer que estão

mortos, colocando-os entre uma gente que puxa uma faca ao ouvir o nome dos Harkonnen, que odeia tanto os Harkonnen que ateará fogo a uma cadeira onde um Harkonnen houver sentado e salgará o solo por onde um Harkonnen passar. — Tocou o queixo de Leto. — Sente alguma coisa no maxilar?

O Duque percebeu que não seria capaz de responder. Sentia um puxar distante, viu a mão de Yueh aparecer com seu anel ducal.

— Para Paul — disse ele. — Você estará inconsciente em breve. Adeus, meu pobre Duque. Na próxima vez em que nos virmos não haverá tempo para conversas.

Um frio se propagava do queixo de Leto sobre sua face. Sentia-se distante; o

corredor às escuras encolhia para se tornar um ponto centrado nos lábios de Yueh.

— Lembre-se do dente! — sussurrou o médico. — O dente!

Devia existir uma ciência do descontentamento. As pessoas necessitam de

tempos difíceis e de opressão para desenvolver seus músculos psíquicos.

*— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Jessica acordou na escuridão sentindo um pressentimento na quietude aparente ao seu redor. Não podia entender por que seu corpo e sua mente pareciam tão lânguidos. Comichões de medo percorreram seus nervos. Ela pensou em se levantar e acender a luz, mas alguma coisa retardou sua decisão.

Sua boca se sentia... estranha.

Lump-lume-lume-lume!

Um som monótono, sem direção, no escuro. Em algum lugar.

Começou a sentir seu corpo, tomando consciência das cordas

prendendo seus pulsos e tornozelos, da mordaca em sua boca. Estava deitada de lado, com as mãos presas às costas. Testou as ligaduras, percebendo se tratarem de fibras krimskell, que penetrariam mais fundo em sua carne se ela tentasse rebentá-las.

E agora ela se lembrava.

Um movimento na escuridão de seu quarto, alguma coisa úmida e de odor penetrante caindo sobre seu rosto, enchendo sua boca, mãos agarrando-a. Ela arquejara, apenas uma única inspiração, sentindo o narcótico na umidade. A consciência recuara então, mergulhando-a na caixa negra do terror.

“Chegou a hora”, pensou ela. “Como é fácil subjugar uma Bene Gesserit. Tudo que é preciso é traição.

Hawat estava certo.”

Procurou se acalmar para não se ferir nas cordas.

“Este não é o meu quarto”, pensou ela. “Eles me trouxeram para algum outro lugar.”

Lentamente conseguiu despertar sua paz interior, e tornou-se consciente do próprio suor, com sua infusão química de medo.

“Onde está Paul? Meu filho, o que terão feito com ele?”

“Acalme-se.”

Forçou-se a si mesma a se controlar, usando as ancestrais rotinas. Mas o terror permanecia à espreita, bem perto.

“Leto? Onde está você, Leto?”

Sentiu um abrandamento da

escuridão. Começou com sombras. Dimensões separando-se, tornando-se novos espinhos de consciência. Branco. Uma linha sob a porta.

“Eu estou no chão.”

Pessoas andando. Sentia através do piso.

Controlou a memória do terror que ameaçava retornar. “Devo permanecer calma, alerta e preparada. Posso dispor apenas de uma chance.” Novamente forçou a calma interior.

A batida irregular de seu coração se harmonizou contando a passagem do tempo. Ela contou para trás. “Estive inconsciente durante uma hora.” Fechou os olhos, focalizando sua consciência nos passos que se aproximavam.

“Quatro pessoas.”

Contou as diferenças em seus passos.

“Devo fingir que ainda estou inconsciente.” Relaxou-se contra o piso frio, testando a disposição de seu corpo, ouvindo a porta abrir e sentindo o aumento de luz sobre suas pálpebras.

Pés se aproximaram; alguém se inclinava sobre ela.

— Você está acordada — trovejou uma voz grave. — Não finja o contrário.

Ela abriu os olhos.

O Barão Vladimir Harkonnen erguia-se sobre ela. À sua volta reconheceu a sala da adega onde Paul dormira, viu seu beliche num dos lados. Vazio. Lâmpadas suspensoras foram trazidas pelos guardas e distribuídas ao redor da porta aberta. Havia um clarão de

luz na passagem, além, que feria seus olhos.

Ela olhou para cima, em direção ao Barão. Ele usava uma capa amarela que se avolumava sobre seus suspensores portáteis. As bochechas gordas eram dois montes querubínicos, por baixo de olhos negros como os de uma aranha.

— A droga foi cronometrada — rugiu ele. — Sabíamos o instante em que se recobriria.

“Como pode ser?”, perguntou a si mesma. “Eles teriam de conhecer meu peso exato, meu metabolismo, meu... Yueh!”

— É uma pena que tenha de permanecer amordaçada. Poderíamos ter uma conversa tão interessante.

“Yueh é o único que poderia ter

feito”, pensava ela. “Como?”

O Barão olhou para trás na direção da porta.

— Entre, Piter.

Ela nunca vira antes o homem que entrou para se colocar ao lado do Barão, mas o rosto era conhecido, e o homem era Piter de Vries, o Mentat-assassino. Procurou estudá-lo: feições aquilinas, olhos completamente azuis, que sugeriam tratar-se de um nativo de Arrakis; mas as sutilezas do movimento e sua postura revelavam que não. Sua carne estava muito firme, com água. Ele era alto, delgado, e tinha algo que sugeria efeminação.

— Pena que não possamos ter uma conversa, minha cara Lady Jessica — disse o Barão. — No entanto, estou

ciente de suas habilidades. — Olhou para o Mentat. — Não é verdade, Piter?

— É como o senhor diz, Barão.

A voz era de tenor. Tocou-lhe a espinha com uma onda gelada.

Nunca ouvira uma voz tão fria. Para alguém com um treinamento Bene Gesserit a voz gritava: “Assassino!”

— Tenho uma surpresa para o Piter — continuou o Barão. — Ele pensa que veio aqui para receber sua recompensa: você, Lady Jessica. Mas eu desejo demonstrar uma coisa: ele não a quer realmente.

— Está brincando comigo, Barão? — indagou Piter, e sorriu.

Ao ver aquele sorriso, Jessica se admirou de o Barão não ter saltado para se defender de Piter. Então se corrigiu. O

Barão não poderia ler o significado daquele sorriso. Ele não possuía o Treinamento.

— Em muitas coisas Piter é bem ingênuo — explicou o Barão. — Ele se recusa a admitir que criatura mortífera é você, Lady Jessica. Eu poderia mostrar a ele, mas isso seria correr um risco tolo. — O Barão sorriu para Piter, cujo rosto se tornara uma máscara de expectativa.

— Sei o que Piter realmente quer. Piter quer o poder.

— Você me prometeu que eu poderia tê-la — disse Piter. A voz de tenor perdera parte de sua fria discrição.

Jessica percebia os sinais na voz do homem, permitindo-se um estremecimento interior. “Como pudera o Barão transformar um Mentat em

semelhante animal?”

— Eu lhe dou uma escolha, Piter.

— Que escolha?

O Barão estalou seus dedos gordos.

— Esta mulher e o exílio para longe do Império, ou o Ducado de Atreides em Arrakis, para governar como achar adequado, em meu nome.

Jessica observou os olhos de aranha que estudavam Piter.

— Você poderia ser o Duque aqui, em tudo; menos no nome.

“Estará meu Leto morto então?”, perguntou Jessica de si para si. Sentia um gemido silencioso começar em alguma parte de sua mente.

O barão mantinha a atenção voltada para o Mentat.

— Procure compreender a si próprio, Piter. Você a deseja por ser ela a mulher do Duque, um símbolo de seu poder: bela, útil, requintadamente treinada para o seu papel. Mas um ducado inteiro, Piter! Isso é mais do que um símbolo; isso é realidade. Com ele você poderia ter muitas mulheres... e mais.

— Você não zomba de Piter?

O Barão voltou-se, com a leveza de dançarino proporcionada pelos suspensores. — Zombar? Eu? Lembre-se de que estou desistindo do garoto. Você ouviu o que o traidor disse a respeito do treinamento do rapaz. Eles são iguais, mãe e filho: ambos mortíferos. — O Barão sorriu. — Devo sair agora, mas mandarei o guarda que reservei para este momento. Ele é surdo como uma pedra.

Tem ordens para conduzi-lo no primeiro trecho de sua jornada para o exílio. Ele deverá subjugar esta mulher, caso perceba que ela está ganhando controle sobre você. E não permitirá que lhe retire a mordaza até que estejam fora de Arrakis. Se escolher não partir, ele tem outras ordens.

— Não precisa sair — disse Piter.

— Eu já escolhi.

— Ah, ah! — O Barão riu. —

Uma decisão tão rápida só pode significar uma coisa.

— Eu ficarei com o ducado.

E Jessica pensou: “Será que Piter não percebe que o Barão está mentindo para ele? Mas como ele poderia saber? Ele é um Mentat degenerado.”

O Barão olhou para Jessica.

— Não é maravilhoso que eu conheça Piter tão bem? Apostei com o meu Mestre-de-Armas que esta seria a escolha de Piter. Ah! Bem, eu os deixo agora. Isso é muito melhor, ah, muito melhor. Você compreende, Lady Jessica? Não guardo rancor contra você. É a necessidade que me obriga. É muito melhor desse modo. Sim. E eu não ordenei que você a destruísse de fato. Quando me perguntarem o que lhe aconteceu, posso dizer que não sei, sinceramente.

— Vai deixar isso a meu cargo? — indagou Piter.

— O guarda que lhe mandei acatará suas ordens. O que quer que seja feito, eu o deixo a seu cargo. — Olhou diretamente para Piter. — Sim, não

haverá sangue em minhas mãos aqui. Será sua a decisão. Eu não saberei nada. Você aguardará até que eu tenha partido, antes de fazer o que julgar necessário. Bem... ah, sim. Ótimo.

“Ele teme o questionamento da Reveladora da Verdade”, pensou Jessica. “Quem? A Reverenda Madre Gaius Helen, é claro!

E se ele sabe que deverá enfrentar seu questionamento, então o Imperador está metido nisso com certeza. Ahh-h-h-h, meu pobre Leto.”

Com um último olhar para Jessica, o Barão se voltou e saiu pela porta. Ela o seguiu com seu olhar, pensando: “Como a Reverenda Madre advertiu: um adversário muito poderoso.”

Dois soldados Harkonnen

entraram. Outro, com o rosto transformado numa máscara de cicatrizes, parou na porta com uma arma laser na mão.

“O surdo”, pensou Jessica, estudando o rosto coberto de cicatrizes. “O Barão sabe que eu poderia usar a Voz em qualquer outro.”

Scarface olhou para Piter.

— Temos o garoto numa padiola aí fora. Quais são as suas ordens?

Piter disse a Jessica:

— Pensei em prendê-la com uma ameaça sobre seu filho, mas começo a perceber que isso não funcionaria. Deixei que a emoção subjugassem a razão, o que é um péssimo hábito para um Mentat. Voltou-se para o primeiro par de soldados, certificando-se de que o surdo

podia ler seus lábios: — Levem os dois para o deserto, como o traidor sugeriu que fosse feito com o rapaz. O plano dele é muito bom. Os vermes destruirão todas as provas, e seus corpos nunca serão encontrados.

— Não deseja matá-los você mesmo? — indagou Scarface.

“Ele pode ler nos lábios”, pensou Jessica.

— Eu sigo o exemplo do meu Barão — disse Piter. — Leve-os para onde o traidor mandou.

Jessica ouviu o duro controle Mentat na voz de Piter, e pensou: “Ele também teme a Reveladora da Verdade.”

Piter deu de ombros, voltou-se, e saiu pela porta. Hesitou por um momento antes de sair, e Jessica pensou que ele ia se

voltar para fitá-la pela última vez, mas ele se foi sem o fazer.

— Eu não gostaria de enfrentar uma Reveladora da Verdade após o trabalho desta noite. — disse Scarface.

— Não é provável que você esbarre com aquela velha bruxa — disse um dos outros soldados. Ele deu a volta em torno de Jessica e inclinou-se sobre ela. — Não vamos fazer o nosso trabalho ficando aqui conversando. Pegue os pés...

— Por que não os matamos aqui mesmo? — indagou Scarface.

— Muito sujo — disse o primeiro. — A não ser que você queira estrangulá-los. Eu gosto de um trabalho direito. Jogue-os no deserto como o traidor disse, corte-os em dois ou três lugares e deixem o chamariz para os vermes. Nada para

limpar depois.

— Sim... bem, eu suponho que você tem razão — respondeu Scarface.

Jessica ouvia-os, observando, registrando. Mas a mordança bloqueava sua Voz, e havia que levar em conta o surdo.

Scarface colocou a arma laser no coldre e pegou Jessica pelos pés. Eles a levantaram como um saco de cereal, manobrando-a através da porta para jogá-la sobre uma maca flutuando em suspensores, onde havia outra figura amarrada. Quando eles a viraram para acomodá-la, ela viu o rosto de seu companheiro. Era Paul. Ele estava amarrado mas não tinha mordança. Seu rosto estava a menos de dez centímetros do dela, olhos fechados, respiração

normal.

“Estará drogado?”, perguntou ela a si mesma.

Os soldados ergueram a maca e os olhos de Paul entreabriram-se um pouco — fendas negras a fitá-la.

“Ele não deve tentar a Voz.” Ela rezou mentalmente. “O guarda surdo!”

Os olhos de Paul se fecharam.

Ele estivera praticando respiração-consciente, acalmando sua mente enquanto ouvia seus captores. O surdo constituía um sério problema, mas Paul procurou conter seu desespero. O regime Bene Gesserit para acalmar, aprendido com sua mãe, contribuía para mantê-lo alerta, pronto para utilizar qualquer oportunidade.

Permitiu-se outra inspeção, com os

olhos semi-cerrados. Sua mãe parecia ilesa, embora estivesse amordaçada.

Tentou imaginar quem a teria capturado. Sua própria prisão fora bem simples. Fora para a cama tomando a cápsula prescrita pelo Dr. Yueh e acordara para se encontrar amarrado nessa maca.

Talvez algo similar acontecera com ela. A lógica apontava o traidor como sendo o Dr. Yueh, mas Paul mantinha sua conclusão final em suspenso. Era difícil aceitar que um médico Suk pudesse ser um traidor.

A maca inclinou-se levemente enquanto os soldados passavam com ela através da porta, saindo para a noite estrelada. Uma bóia suspensora raspou contra o portal, e eles começaram a andar

na areia, pés rangendo sobre ela. A asa de um “tóptero” na frente tapava as estrelas. A maca baixou ao solo.

Paul adaptou seus olhos à luz fraca, reconhecendo o soldado surdo que agora abria a porta do ornitóptero e olhando para a penumbra verde do interior, provocada pelo painel de instrumentos.

— Este é o “tóptero” que devemos usar? — indagou o surdo, voltando-se para observar os lábios dos companheiros.

— É o que o traidor disse estar preparado para trabalho no deserto — respondeu o outro.

Scarface acenou com a cabeça.

— Mas esse é um daqueles usados em pequenos trabalhos de ligação. Só há

espaço aí dentro para dois de nós.

— Dois é o suficiente — disse o carregador da maca, movendo-se para chegar mais perto e mostrar seus lábios para leitura.

— Nós podemos nos encarregar de tudo daqui para a frente, Kinet.

— O Barão disse que eu me certificasse do que acontecera a esses dois — disse Scarface.

— Com que se preocupa? — indagou outro soldado por trás da maca.

— Ela é uma Bene Gesserit, elas possuem poderes.

— Ahh... — O carregador da maca fez o sinal do punho junto do ouvido.

— Uma delas, hein? Sabe o que isso significa.

O soldado por trás dele grunhiu.

— Ela será carne para os vermes logo. Não acredita que mesmo uma bruxa Bene Gesserit tenha poderes sobre um daqueles grandes vermes, hein, Czigo? — Deu um empurrão na maca.

— Eh eh! — exclamou o carregador. Voltou-se para a maca, pegando Jessica pelos ombros. — Vamos, Kinet. Você pode vir conosco, se quiser se certificar.

— Muita gentileza sua me convidar, Czigo — respondeu Scarface.

Jessica sentiu-se sendo erguida, a sombra da asa girando, estrelas. Foi empurrada para a traseira do “tóptero”, as fibras krimskell que a prendiam foram examinadas e depois amarradas ao piso. Paul foi colocado ao seu lado, amarrado firmemente, mas Jessica notou que o

rapaz fora imobilizado com cordas simples.

Scarface, o surdo a quem os companheiros chamavam Kinet, tomou seu assento na frente. O carregador de maca chamado Czigo deu a volta e ocupou o outro assento frontal.

Kinet fechou a porta do seu lado e curvou-se sobre os controles. O “tóptero” decolou ao impulso de uma batida da asa e dirigiu-se para o sul, por sobre a Muralha Escudo. Czigo bateu no ombro do companheiro, dizendo:

— Por que não vai lá atrás e fica de olho naqueles dois?

— Tem certeza de que sabe o caminho? — indagou Kinet, observando os lábios do outro.

— Eu ouvi o traidor tanto quanto

você.

Kinet girou seu assento e Jessica percebeu uma cintilação de luz estelar na arma laser em sua mão. O interior de paredes finas do ornitóptero parecia coletar a iluminação, enquanto seus olhos se ajustavam; todavia, a face cheia de cicatrizes do guarda permanecia indistinta. Jessica testou o cinturão de seu assento e o encontrou frouxo. Havia uma aspereza no cinto sobre seu braço esquerdo, e ela percebeu que a correia fora quase cortada. Arrebentaria com um puxão súbito.

“Será que alguém esteve neste “tóptero” preparando-o para nós?”, perguntou ela com os seus botões. “Quem?” Lentamente, torceu seus pés amarrados para longe dos pés de Paul.

— Certamente é uma vergonha desperdiçar uma mulher tão bonita como esta — disse Scarface. — Você já possuiu algum tipo nobre? — Voltou-se para olhar o piloto.

— Nem todas as Bene Gesserit são nobres — respondeu ele.

— Mas todas elas parecem.

“Ele pode me ver muito bem”, pensou Jessica. Ergueu suas pernas amarradas por sobre o assento encolhendo-se numa bola sinuosa e olhando para Scarface.

— Realmente muito bonita — disse Kinet. Umedeceu os lábios com a língua. — Certamente seria uma vergonha. — Olhou para Czigo.

— Está pensando o que eu estou pensando? — indagou o piloto.

— E quem saberia? — perguntou o guarda. — Depois... — Deu de ombros. — Eu nunca tive nenhuma nobre para mim. Posso nunca mais ter outra chance como esta.

— Se colocar a mão na minha mãe... — gritou Paul, olhando com ódio para Scarface.

— Ei! — riu o piloto. — O filhote sabe latir. Mas não vai morder.

E Jessica pensou: “Paul está colocando sua voz num tom muito agudo. Mas pode funcionar.”

Voaram em silêncio.

“Esses pobres tolos”, pensou Jessica observando os guardas e relembrando as palavras do Barão. “Eles serão mortos assim que relatarem o sucesso de sua missão. O Barão não vai

querer testemunhas.”

O “tóptero” fez uma curva sobre a extremidade sul da Muralha Escudo e ela viu uma extensão de areia sombreada pelo luar estender-se por baixo.

— Aqui já deve ser longe o suficiente — disse o piloto. O traidor falou para colocá-los na areia em qualquer lugar perto da Muralha Escudo. — Inclinou a aeronave em direção às dunas numa longa descida curva até trazê-la num vôo rasante sobre a superfície do deserto.

Jessica percebeu que Paul iniciara a respiração rítmica dos exercícios de autocontrole. Ele fechou os olhos e depois abriu.

Ela observava sem poder ajudá-lo. “Ele não dominou a voz ainda.” pensou

ela. “Ele falha.”

O “tóptero” tocou na areia com uma sacudidela suave e Jessica, olhando para o norte na direção da Muralha Escudo, viu a sombra de asas descendo para se ocultar por lá.

“Alguém está nos seguindo! Quem? Aqueles que o Barão enviou para vigiarem este par. E existirão vigias para os vigias também.”

Czigo desligou os rotores das asas e o silêncio se derramou sobre eles.

Jessica voltou a cabeça podendo enxergar através da janela, além de Scarface. Viu o brilho fraco da lua nascente, e o lado coberto de geada de uma rocha erguendo-se do deserto. Estrias escavadas pela erosão riscavam sua superfície.

Paul pigarreou.

E o piloto disse:

— Agora, Kinet?

— Eu não, Czigo.

Czigo voltou-se, dizendo:

— Ah, olhe só. — E estendeu a mão para a saia de Jessica.

— Remova-lhe a mordança! —
comandou Paul.

Jessica sentiu as palavras ressoarem no ar. O tom, o timbre excelentes, imperativos, muito precisos. Uma tonalidade levemente mais baixa teria sido ideal mas essa também poderia cair dentro do espectro desse homem.

Czigo ergueu a mão para o pano sobre a boca de Jessica, desfez o nó.

— Pare com isso! — ordenou Kinet.

— Ah, cale a boca — respondeu Czigo. — As mãos dela estão amarradas.

A tira de pano caiu e os olhos dele brilharam enquanto observava Jessica.

Kinet colocou a mão no ombro do piloto.

— Olhe, Czigo, não é preciso...

Jessica torceu o pescoço, cuspiu a mordaca ajustando sua voz num tom íntimo e baixo.

— Cavalheiros! Não precisam lutar por minha causa. — E ao mesmo tempo contorceu-se sinuosamente em direção a Kinet.

Viu que ficavam tensos, percebendo que naquele instante estavam convictos da necessidade de lutar por ela. Sua discórdia não requeria nenhum outro motivo; em suas mentes, já estavam

brigando por sua causa.

Ergueu o rosto para o brilho do painel de instrumentos, para ter certeza de que Kinet leria seus lábios e disse:

— Vocês não devem discordar. —

Eles se afastaram subitamente olhando-se desconfiados. Vale a pena lutar por uma mulher? — indagou ela.

Simplemente por pronunciar aquelas palavras, por estar ali, ela tornava infinitamente importante que lutassem por ela.

Paul comprimiu os lábios, forçando-se a ficar calado. Ele tivera sua chance de utilizar a Voz. Agora tudo dependia de sua mãe, cuja prática ia muito além da sua.

— Sim — exclamou Scarface. —

Não é preciso lutar...

Sua mão disparou em direção ao pescoço do piloto. O golpe foi recebido com um brilho de metal que deteve o braço, e no mesmo movimento, atingiu o peito de Kinet.

Scarface gemeu e tombou para trás de encontro à porta.

— Pensou que eu era algum idiota para não conhecer esse truque — comentou Czigo. Recuou a mão, revelando a faca que brilhou na luz do luar.

— Agora o garoto — disse ele, inclinando-se para Paul.

— Não há necessidade disso — murmurou Jessica.

Czigo hesitou.

— Você não preferiria que eu cooperasse? — indagou ela. — Dê uma

chance ao garoto. — Seu lábio contorceu-se num sorriso de desdém. — Ele não terá muita chance lá naquela areia. Permita-lhe isso e... — Ela sorriu. — Será bem recompensado.

Czigo olhou para a esquerda e para a direita, e voltou sua atenção para Jessica.

— Já ouvi o que pode acontecer com um homem neste deserto. O garoto acharia minha faca um gesto de misericórdia.

— Estou pedindo muito? — suplicou ela.

— Está tentando me enganar.

— Não quero ver meu filho morrer — disse Jessica. — Isto é truque?

Czigo moveu-se para trás, abriu o trinco da porta com o cotovelo e agarrou

Paul arrastando-o por cima do assento e empurrando-o até estar com metade do corpo fora da porta. Ergueu a faca.

— O que você faria, garoto, se eu lhe cortasse as cordas?

— Ele sairia daqui imediatamente, e correria para aquelas rochas — disse Jessica.

— É isso o que você faria, filhote? — indagou Czigo.

A voz de Paul foi apropriadamente sombria.

— Sim.

A faca moveu-se para baixo, cortando as cordas que prendiam suas pernas. Paul sentiu a mão do homem em suas costas, para empurrá-lo para fora e fingiu que caía em direção à moldura da porta; tentando se apoiar, voltou-se, como

se lutasse para se equilibrar, e golpeou subitamente com o pé direito.

O dedo do pé foi apontado com tamanha precisão, que justificaria os longos anos de treinamento, como se todo aquele aprendizado se reunisse num único instante. Quase todos os músculos do corpo cooperaram na colocação e no direcionamento do pé, de modo que a extremidade atingiu a parte macia do abdômen de Czigo, logo abaixo do esterno, pressionou para cima com terrível força sobre o fígado, e através do diafragma, para esmagar o ventrículo direito do coração do homem.

Com um grito e um som gorgolejante o guarda tombou para trás, num espasmo, e desabou sobre os assentos. Paul, incapaz de usar suas mãos,

caiu na areia lá fora, rolando para dissipar a energia da queda e colocando-se de pé. Saltou de volta para a cabine, onde encontrou a faca e segurou-a nos dentes, enquanto sua mãe roçava suas cordas no gume até se soltar. Ela apanhou a lâmina e livrou as mãos do rapaz.

— Eu teria cuidado dele — disse ela. — Ele teria cortado minhas cordas. Aquilo foi um risco tolo.

— Eu vi a abertura e a usei — respondeu ele.

Ela percebeu o duro controle em sua voz e disse:

— O sinal da casa de Yueh está rabiscado no tela desta cabine.

Olhou para cima e viu o símbolo encaracolado.

— Vamos sair e dar uma olhada

nesta aeronave. Existe um pacote debaixo do assento do piloto. Eu o percebi quando entramos.

— Bomba?

— Duvido. Há algo peculiar aqui.

Paul saltou de novo para a areia e Jessica o seguiu. Ela voltou-se estendendo a mão por baixo do assento em busca do estranho embrulho, vendo os pés de Czigo perto de seu rosto e sentindo umidade no embrulho enquanto o removia. Percebeu que a umidade era o sangue do piloto.

“Desperdício de umidade”, pensou ela, sabendo que isso era típico da mentalidade de Arrakeen.

Paul olhou em torno, vendo a escarpa rochosa elevar-se do deserto como uma praia saindo do mar, com

paliçadas escavadas pelo vento erguendo-se além. Voltou-se enquanto sua mãe levantava o embrulho para retirá-la do “tóptero”, e viu quando ela olhou na direção da Muralha Escudo. Fez o mesmo, para descobrir o que lhe atraíra a atenção, e percebeu outro ornitóptero descendo em direção a eles. Não teriam tempo para retirar os corpos do aparelho e escapar.

— Corra, Paul! — gritou Jessica.
— São os Harkonnen.

*Arrakis ensina a mentalidade da faca:
cortar aquilo que está incompleto e dizer.*

*— Agora está completo porque termina
aqui.*

*— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Um homem no uniforme dos Harkonnen parou na extremidade do corredor e encarou Yueh, depois de olhar rapidamente para o corpo de Mapes e o vulto estendido do Duque. Levava uma arma laser em sua mão direita. Havia uma aparência de brutalidade espontânea em sua figura, um senso de dureza e equilíbrio que causou um calafrio em Yueh.

“Sardaukar”, pensou ele. “Um Bashar, por sua aparência. Provavelmente do Imperador, enviado aqui para ficar de olho no que está acontecendo. Não importa o uniforme, não há meio de disfarçá-los.”

— Você é Yueh? — perguntou o homem. Olhou de modo questionador

para o anel da Escola Suk no cabelo do doutor e para a tatuagem em forma de diamante. Depois fitou os olhos de Yueh.

— Eu sou Yueh — respondeu o médico.

— Pode ficar tranqüilo, Yueh. Quando abaixou os escudos da casa nós entramos diretamente. Está tudo sob controle aqui. Este é o Duque?

— Este é o Duque.

— Morto?

— Apenas inconsciente. Sugiro que o amarre.

— Você cuidou destes outros? — Ele olhou para trás na direção do corredor onde jazia o cadáver de Mapes.

— Maior é o pesar — murmurou Yueh.

— Pesar? — zombou o Sardaukar.

Ele avançou e examinou Leto. — Então este é o grande Duque Vermelho.

“Se houvesse alguma dúvida a respeito da identidade deste homem, ela terminaria aqui”, pensou Yueh. “Somente o imperador chama os Atreides de os ‘Duques Vermelhos’.”

O Sardaukar se abaixou e cortou a insígnia do falcão vermelho do uniforme de Leto. — Um pequeno souvenir — ele explicou.

— Onde está o anel do sinete ducal?

— Não estava com ele — respondeu Yueh.

— Estou vendo — retrucou bruscamente o Sardaukar.

Yueh engoliu em seco e ficou tenso. “Se me pressionarem e trouxerem

uma Reveladora da Verdade, eles descobrirão a respeito do anel e do “tóptero”, que preparei. Tudo será em vão”, pensou.— Algumas vezes o Duque envia o anel por um mensageiro, como garantia de que uma ordem está vindo diretamente dele — explicou o médico.

— Devem ser mensageiros de uma confiança tremenda, hein? — murmurou o Sardaukar.

— Não vai amarrá-lo?

— Quanto tempo ele estará inconsciente?

— Duas horas ou mais. Minha dosagem não foi tão precisa quanto no caso da mulher e do menino.

O Sardaukar cutucou o Duque com o pé.

— Não há nada a temer, mesmo

quando ele acordar. Quando a mulher e o menino acordarão?

— Dentro de dez minutos.

— Tão cedo?

— Disseram-me que o Barão chegaria logo atrás de seus homens.

— Assim será. Você aguardará lá fora, Yueh. — Olhou duramente para o médico. — Agora!

Yueh ainda fitou Leto.

— E a respeito...

— Ele será entregue ao Barão, adequadamente amarrado e embalado, como um assado para o forno. — Novamente o Sardaukar olhou para a tatuagem-diamante na testa de Yueh. — Você é conhecido. Estará seguro dentro dos corredores. Não temos mais tempo para conversas, traidor; eu ouço os outros

chegando.

“Traidor”, pensou Yueh. Abaixou a cabeça e passou pelo Sardaukar, percebendo num vislumbre como a história iria lembrá-lo: “Yueh, o traidor”.

Encontrou mais corpos em seu caminho para a entrada frontal e olhou para eles, temeroso de que pudessem ser Paul ou Jessica.

Todos eram das tropas da casa, ou então usavam uniformes Harkonnen.

Guardas Harkonnen surgiram alertas, olhando para ele quando saiu pela porta da frente diretamente para a noite iluminada por chamas. As palmeiras ao longo da estrada haviam sido incendiadas no intuito de iluminar a casa. Uma fumaça negra, proveniente dos inflamáveis usados para queimar as

palmeiras, elevava-se através de labaredas cor de laranja.

— É o traidor — disse alguém.

— O Barão vai querer vê-lo logo.

“Devo chegar ao “tóptero”, — pensou ele. Preciso colocar o anel do sinete ducal onde Paul possa encontrá-la.” Um medo súbito o atingiu: “E se Idaho suspeitar de mim ou ficar impaciente? Se ele não esperar, nem for exatamente para onde eu lhe disse, Jessica e Paul nunca serão salvos deste massacre. E terei negado até mesmo o menor alívio para minha consciência.”

O guarda Harkonnen soltou-lhe o braço, dizendo:

— Espere ali e fique fora do caminho.

Abruptamente Yueh viu-se

abandonado nesse cenário de destruição, sem que nada lhe fosse poupado, sem receber a menor compaixão. “Idaho não pode falhar!”

Outro guarda esbarrou nele e gritou:

— Fique fora do caminho, seu!

“Mesmo depois de lucrarem com meus atos eles me desprezam.”

Empertigou-se ao ser empurrado para o lado e tentou recuperar algo de sua dignidade.

— Espere pelo Barão — rosou o oficial da guarda.

Yueh respondeu com um aceno e caminhou com uma naturalidade controlada ao longo da fachada da casa, virou na extremidade, penetrando nas sombras, longe da visão das palmeiras em

chamas. Rapidamente, cada passo traindo-lhe a ansiedade, ele dirigiu-se para o pátio dos fundos, abaixo da estufa, onde o “tóptero” esperava: a aeronave colocada para transportar Paul e sua mãe.

Um guarda colocara-se na porta dos fundos, sua atenção voltada para o corredor iluminado e os homens fazendo ruído lá dentro, dando busca nos aposentos.

“Como estão confiantes!” pensou.

Manteve-se nas sombras e deu a volta ao redor do “tóptero”, abrindo a porta no lado oposto ao guarda. Tateou por baixo dos assentos frontais procurando o estojo Fremen que escondera, levantou uma aba e enfiou o anel ducal. Sentiu o papel crespo de especiaria, onde escrevera a nota e

pressionou o anel contra o papel. Removeu a mão, fechando de novo o embrulho.

Suavemente, fechou a porta do “tóptero”, e caminhou de volta até o canto da fachada, de onde atravessou sob a luz das palmeiras incendiadas.

“Agora está feito”, disse para si mesmo.

Novamente caminhava na luz das chamas. Puxou o manto ao redor da cabeça e olhou para o fogo. “Logo saberei. Logo verei o Barão e saberei. E o Barão encontrará um pequeno dente...”

Uma lenda diz que, no instante em que o Duque Leto Atreides morria, um meteoro riscava o céu, acima de seu palácio ancestral em Calada”.

— *Princesa Irulan: Introdução a uma história infantil do Muad’Dib*

O Barão Vladimir Harkonnen encontrava-se de pé, diante de uma das vigias da fragata leve, agora pousada, que usava como posto de comando. Mais além

da janela circular via a noite de Arrakeen iluminada pelas chamas, sua atenção voltada para a distante Muralha Escudo onde suas armas secretas funcionavam.

Artilharia explosiva.

Os canhões disparavam contra as cavernas para onde os soldados do Duque haviam se retirado, numa resistência final. Disparos cuidadosamente medidos, de luz alaranjada, lançando chuveiros de rocha e pó na breve iluminação. Os homens do Duque estavam sendo fechados pelos desmoronamentos, para morrerem de inanição, presos como animais em suas tocas.

O Barão podia sentir o distante martelar dos canhões: uma batida de tambor conduzida até ele pelo metal da nave: brump... brump. Então: BRUUMP

— brump!

“Quem iria pensar em reviver a artilharia nesta era de escudos?” O pensamento era como um sorriso mental. “Era previsível que os homens do Duque fugissem para aquelas cavernas e o Imperador apreciará minha habilidade em poupar as vidas em nossas forças conjuntas.”

Ajustou um dos pequenos suspensores que levantavam seu corpo obeso contra a força da gravidade. Um sorriso vincou sua boca, pressionando a linha do queixo.

“Uma pena desperdiçar tropas como as do Duque”, pensou ele.

E sorriu mais amplamente, rindo de si próprio. “Ter pena deve ser cruel!” Balançou afirmativamente a cabeça.

Falhas eram, por definição, intoleráveis. O Universo inteiro estava lá, à espera do homem que pudesse tomar as decisões certas. Os coelhos indecisos tinham que ser descobertos, colocados para correr em busca de suas tocas. De que outro modo poderia controlá-los e fazer com que se reproduzissem? Imaginou seus soldados como abelhas colocando os coelhos em fuga e pensou: “O dia zumbe suavemente quando tem um bom número de abelhas trabalhando para você.”

Uma porta se abriu por trás dele, e o Barão observou o reflexo na janela enegrecida pela noite, antes de se voltar.

Piter de Vries avançou para dentro da câmara seguido por Umman Kudu, o capitão da guarda pessoal do Barão. Havia um movimento de homens além da

porta, os rostos submissos de seus guardas, com suas expressões cuidadosamente servis em sua presença.

O Barão se virou.

Piter levou o dedo ao topete numa falsa saudação.

— Boas notícias, meu senhor. Os Sardaukar trouxeram o Duque.

— Claro que trouxeram — trovejou o Barão.

Observou a sombria máscara de maldade no rosto efeminado de Piter. E os olhos, aquelas fendas sombreadas do mais puro azul.

“Logo terei que removê-lo”, pensou. “Ele quase ultrapassou sua utilidade, quase chegou ao ponto de positiva ameaça para minha pessoa. Mas primeiro ele deve fazer com que o povo

de Arrakis o odeie. Desse modo, saudarão meu querido Feyd-Rautha como a um salvador.”

Voltou sua atenção para o capitão da guarda — Umman Kudu músculos da mandíbula lembrando uma tesoura, queixo parecendo a extremidade de uma bota —, um homem em quem podia confiar por serem seus vícios bem conhecidos.

— Primeiro quero saber onde está o traidor que me entregou o Duque. Devo dar a esse homem sua recompensa.

Piter virou-se e fez sinal para o guarda do lado de fora.

Houve um movimento de vultos negros e o Dr. Yueh entrou.

Seus movimentos eram firmes, rígidos. O bigode caía-lhe sobre os cantos

dos lábios purpúreos. Apenas os velhos olhos pareciam vivos. Yueh parou a três passos da porta, obedecendo a um gesto de Piter, e ficou lá, olhando para o Barão.

— Ahh, Dr. Yueh.

— Meu senhor Harkonnen.

— Ouvi dizer que nos entregou o Duque.

— Minha parte no acordo, meu senhor.

O Barão olhou para Piter.

Piter assentiu com a cabeça e ele voltou sua atenção para Yueh.

— A parte do acordo, hein? E eu...
— disse depressa. — O que eu devia fazer em troca?

— Sabe muito bem, meu senhor Harkonnen.

Yueh permitia-se pensar agora.

Percebera a traição nos modos do Barão. Wanna estava de fato morta, perdida além de seu alcance. De outro modo ainda existiria algum poder sobre o fraco doutor. Os modos do Barão indicavam que tal não acontecia.

— Sei?

— Prometeu libertar minha Wanna de sua agonia.

— Oh, sim! Agora me lembro. E assim fiz. Essa era a minha promessa. Foi desse modo que dominamos o Condicionamento Imperial. Você não podia suportar a visão de sua bruxa Bene Gesserit rastejando sob os amplificadores de dor do Piter. Bem, o Barão Vladimir Harkonnen sempre cumpre suas promessas. Eu lhe disse que a livraria de sua agonia e permitiria que se reunisse a

ela. Assim será. — Acenou com a mão para Piter.

Os olhos azuis de Piter assumiram uma aparência vítrea. Seus movimentos eram elegantes e imprevistos como os de um gato.

A faca em sua mão brilhou como garra enquanto se lançava sobre as costas de Yueh.

O velho se enrijeceu, sem tirar os olhos do Barão.

— Assim, junte-se a ela.

Yueh continuava de pé, oscilando. Seus lábios se moveram com uma precisão cuidadosa, a voz saindo numa cadência curiosamente controlada:

— Você... pensa... que... me... derrotou... Você... pensa... que... não... sei... o... que... conquistei... para... minha...

Wanna.

E ele caiu. Sem se curvar ou desfalecer. Caiu ereto como uma árvore.

— Assim, junte-se a ela — repetiu o Barão. Mas suas palavras eram como um fraco eco.

Yueh lhe dera uma sensação de presságio. Ele voltou sua atenção rapidamente para Piter, observando-o limpar a lâmina num pedaço de pano, e a aparência cremosa de satisfação nos olhos azuis.

“Então é assim que ele mata por suas próprias mãos”, pensou ele. “É bom saber.”

— Ele nos entregou o Duque?

— Certamente, meu senhor — respondeu Piter.

— Então, traga-o aqui!

Piter olhou para o capitão da guarda que girou para obedecer.

O Barão olhou para Yueh no chão. Pelo modo como o homem caíra, fazia pensar que tinha carvalho em vez de ossos no seu interior.

— Nunca consegui confiar num traidor — disse ele. Nem mesmo num traidor que fabriquei.

Olhou para a janela obscurecida pela noite. A quietude negra além era toda sua, ele o sabia. Não havia mais o troar da artilharia contra a Muralha Escudo. As tocas encontravam-se seladas. Naquele instante sua mente não conseguiu conceber nada mais belo do que o vazio negro. A não ser que houvesse branco sobre o negro. Branco lustroso como porcelana.

Mas permanecia o sentimento de dúvida.

Que teria tentado dizer o tolo do doutor? Obviamente ele sabia o que o esperava no final. Mas aquele trecho a respeito de julgar que o derrotara. “Você pensa que me derrotou.” O que significaria?

O Duque Leto Atreides entrou pela porta. Seus braços presos por correntes, seu rosto aquilino manchado de pó. O uniforme fora rasgado no ponto onde alguém lhe arrancara a insígnia. Havia farrapos sobre a cintura onde o cinturão-escudo fora removido sem desatar os laços do uniforme. Os olhos do Duque tinham uma aparência esgazeada e insana.

— Bem — disse o Barão. Hesitou,

respirando fundo. Percebera ter falado muito alto e esse momento, tão imaginado, perdera parte de seu sabor.

“Maldito doutor por toda a eternidade!”, pensou.

— Creio que o bom Duque está drogado — explicou Piter. — Foi deste modo que Yueh o apanhou para nós. — Voltou-se para o Duque: — Não está drogado, meu querido Duque?

A voz era distante. Leto podia sentir as correntes, a dor em seus músculos, os lábios partidos. Suas faces queimavam, o sabor seco da sede irritando-lhe a boca. Mas os sons eram monótonos, como se amortecidos por um revestimento de algodão. Só podia ver formas vagas através desse revestimento.

— E quanto à mulher e ao

menino, Piter? — indagou o Barão. —
Alguma notícia?

A língua de Piter moveu-se sobre os lábios.

— Você ouviu alguma coisa! —
exigiu o Barão. — O quê?

Piter olhou rapidamente para o capitão da guarda e de volta ao Barão. —
Os homens que enviamos para o trabalho, meu senhor. Eles... ah... foram...
encontrados.

— Bem, e disseram que tudo estava satisfatório?

— Eles estão mortos, meu senhor.

— Mas é claro que estão! O que eu quero saber é...

— Eles estavam mortos quando os encontramos, meu senhor.

O rosto do Barão ficou lívido.

— E a mulher e o menino?

— Nenhum sinal, meu senhor, mas havia um verme. Ele chegou enquanto o local estava sendo examinado. Talvez tenha acontecido como desejávamos: um acidente. Possivelmen...

— Nós não nos baseamos em possibilidades, Piter. E quanto ao “tóptero” desaparecido? Isso sugere alguma coisa ao meu Mentat?

— Um dos homens do Duque obviamente escapou nele, meu senhor. Matou nosso piloto e escapou.

— Qual dos homens do Duque?

— Foi uma morte limpa e silenciosa, meu senhor. Isso indica trabalho de Hawat ou daquele Halleck. Possivelmente Idaho. Ou qualquer um dos principais tenentes.

— Possibilidades — murmurou o Barão. Olhou para a figura drogada e cambaleante do Duque.

— A situação está sob nosso controle, meu senhor insistiu Piter.

— Não, não está! Onde se encontra aquele estúpido planetólogo? Onde está aquele Kynes?

— Soubemos onde ele pode ser encontrado e já mandamos buscá-la, meu senhor.

— Não gosto do modo como esse servo do Imperador está nos ajudando — resmungou o Barão.

Eram palavras que lhe chegavam surdas, abafadas, mas algumas delas queimaram na mente de Leto. “A mulher e o menino, nenhum sinal.” Paul e Jessica haviam escapado. E o destino de Hawat,

Halleck e Idaho permanecia desconhecido. Ainda havia esperança.

— Onde está o anel do sinete ducal? — perguntou o barão.

— Não está em seu dedo.

— O Sardaukar diz que não estava com ele quando foi apanhado — respondeu o capitão da guarda.

— Você matou o doutor muito cedo. Aquilo foi um erro, você devia ter me avisado, Piter. Moveu-se muito precipitadamente para o êxito de nosso empreendimento. — Olhou carrancudo. — Possibilidades!

O pensamento ficou suspenso como uma onda senoidal na mente de Leto. “Paul e Jessica escaparam!” E havia algo mais em sua memória: um acordo, quase podia se lembrar...

“O dente!”

Lembrava-se de parte daquilo agora: “uma pílula de gás venenoso moldada na forma de um dente postiço.”

Alguém lhe dissera para lembrar-se do dente. O dente encontrava-se em sua boca, podia sentir sua forma com a língua. Tudo que devia fazer era mordê-la com força.

“Ainda não”, pensou.

Alguém lhe dissera para esperar até que o Barão estivesse perto.

Quem lhe dissera? Não conseguia se lembrar.

— Durante quanto tempo ele permanecerá drogado desse modo? — indagou o Barão.

— Talvez mais uma hora, meu senhor.

— Talvez — resmungou o Barão. Voltou-se novamente para a janela escurecida pela noite. — Estou faminto.

“Aquele é o Barão, aquela forma cinzenta e enevoada ali”, pensou Leto. A forma dançava para a frente e para trás, oscilando com o movimento da sala. E a sala se expandia e contraía, tornava-se brilhante e depois escura. Dobrou-se na escuridão e apagou.

O tempo tornou-se uma seqüência de camadas para o Duque.

Ele deslizava através delas. “Devo esperar.”

Havia uma mesa. Leto via a mesa muito claramente. E um homem gordo e grosseiro do outro lado da mesa com os restos de uma refeição à sua frente. Leto sentiu-se sentado numa cadeira diante do homem gordo, sentiu as correntes, as correias que prendiam seu corpo dormente à cadeira. Tinha consciência da passagem do tempo, mas sua extensão lhe escapara.

— Creio que ele está se recobrando, Barão.

“Uma voz aveludada. Era Piter.”

— Assim eu vejo, Piter.

“Um ronco grave: o Barão.”

Leto sentia que as coisas se tornavam consistentes à sua volta.

A cadeira tornava-se firme, as correntes mais apertadas.

E podia ver o Barão claramente agora. Observou os movimentos das mãos do homem, seus toques compulsivos. A borda do prato, o cabo de uma colher, um dedo traçando a dobra da papada.

Leto fitava a mão se movendo, fascinado por ela.

— Você pode me ouvir, Duque Leto. Sei que pode me ouvir disse o Barão. — Queremos saber de você onde poderemos encontrar sua concubina e a criança que nela gerou.

Nenhum sinal escapara a Leto, mas as palavras formaram uma onda de calma através dele. “Então é verdade, eles não pegaram Paul e Jessica.”

— Isto não é um brinquedo de criança — roncou o Barão. — Deve saber

que não estamos brincando. — Inclinou-se na direção de Leto, estudando-lhe a face. Magoava o Barão que essa questão não pudesse ser resolvida particularmente, apenas entre eles dois.

Permitir que outros vissem a realeza em tais apertos era um mau precedente.

Leto sentia suas forças retornarem. E agora a memória do falso dente surgia em sua mente, nítida como uma torre numa planície.

A cápsula em forma de nervo dentro do dente — o gás venenoso — lembrava-se de quem havia colocado a arma mortal em sua boca: “Yueh.”

A memória enevoada pela droga recordava-se indistintamente de um cadáver sendo arrastado nessa sala. Algo

que permanecera como um vapor suspenso na mente de Leto. Sabia que fora Yueh.

— Ouvia este som, Duque Leto?
— indagou o Barão.

Leto tornou-se consciente de um som rouco, o gemido abafado de alguém em agonia.

— Pegamos um de seus homens disfarçados de Fremen. Desvendamos o disfarce muito facilmente: os olhos, como sabe.

Ele insiste que foi mandado para se infiltrar entre os Fremen e espioná-los, mas vivi algum tempo neste planeta, meu caro primo. Ninguém espiona aquela ralé esfarrapada do deserto. Diga-me, você conseguiu comprar a ajuda deles? Mandou sua mulher e seu filho para eles?

Leto sentiu o medo apertar seu peito. “Se Yueh os enviou para o deserto... a busca não cessará até que sejam encontrados”, pensou.

— Vamos, vamos — continuou o Barão. — Nós não temos muito tempo e a dor é rápida. Por favor, não me leve a fazer isso, meu querido Duque. — Olhou para Piter, que permanecia ao lado de Leto. Piter não tem todas as suas ferramentas aqui, mas tenho certeza de que poderá improvisar.

— Improvisação às vezes é melhor, Barão.

“Aquela voz aveludada, insinuante!” Leto podia ouvi-la junto de sua orelha.

— Você tinha um plano de emergência — disse o Barão. — Para

onde foram enviados a mulher e o menino? — Olhou para a mão de Leto. — Seu anel está faltando. Está com o garoto?

O Barão fitou diretamente os olhos de Leto.

— Você não responde. Vai me forçar a fazer uma coisa que não quero? Piter usará métodos simples e diretos, e eu concordo que algumas vezes eles são o que há de melhor, mas não é bom que você seja submetido a tais coisas.

— Sebo quente nas costas, talvez; ou então nas pálpebras — disse Piter. — Talvez em outras partes do corpo. É especialmente eficiente quando a vítima não sabe onde o sebo vai cair em seguida.

É um bom método e há uma espécie de beleza no padrão de bolhas de

pus brancas na pela nua, hein, Barão?

— Primoroso — respondeu o Barão, sua voz soando mal-humorada.

“Aqueles dedos tocando!” Leto observava as mãos gordas, as jóias brilhantes nas mãos gordas como as de um recém-nascido seus movimentos compulsivos.

Os sons da agonia chegando através da porta atingiam os nervos do Duque. “Quem eles apanharam? Teria sido Idaho?”

— acredite-me, querido primo. Não quero chegar a esse ponto.

— Pense em mensagens nervosas, correndo para buscar a ajuda que não virá — disse Piter. — Posso um talento artístico para isso, como sabe.

— Você é um artista soberbo —

rosnou o Barão. — Agora tenha a decência de ficar calado.

Leto lembrou-se subitamente de algo que Gurney Halleck dissera uma vez, ao ver uma pintura do Barão: “E eu fiquei de pé sobre a areia, vendo a besta se erguer do mar... e sobre sua cabeça o nome da blasfêmia.”

— Nós perdemos tempo, Barão — disse Piter.

— Talvez. Você sabe, meu querido Leto, que no final vai nos dizer onde eles estão. Existe um nível de dor que irá subjugar-lo.

“Ele tem razão”, pensou Leto. “Se não fosse pelo dente... e o fato de que verdadeiramente não sei onde eles se encontram.”

O Barão pegou uma fatia de carne,

enfiou na boca, mastigou lentamente e engoliu. “Devemos tentar uma nova abordagem”, pensou.

“Observe esta pessoa singular que nega poder ser comprada. Observe-a, Piter.”

E o Barão pensou: “Sim! Olhe para ele, este homem que se acredita acima de qualquer suborno. Veja-o preso aqui por um milhão de frações de si mesmo, vendidas em bocados por cada segundo de sua vida! Se você o segurasse agora e sacudisse ele chocalharia oco por dentro. Esvaziado! Vendido! Que diferença faz como ele morre agora?”

O coaxar de sapos ao fundo parou.

O Barão viu Umman Kudu, o capitão da guarda, aparecer na porta do outro lado da sala e sacudiu a cabeça. O

prisioneiro não fornecera a necessária informação. Outro fracasso. Hora de parar de desperdiçar o tempo com esse Duque idiota, esse estúpido tolo que não percebe o inferno que jaz tão próximo, a distância medida pela espessura de um nervo.

Esse pensamento acalmou o Barão, vencendo sua relutância em ter um membro da realeza submetido a tortura. Viu-se subitamente como um cirurgião realizando soberbas e intermináveis dissecações com a tesoura — cortando fora as máscaras dos tolos para expor o inferno existente por baixo.

“Coelhos, todos eles”, pensou.

E como se acovardavam quando viam um carnívoro!

Leto olhava por sobre a mesa,

perguntando a si mesmo por que esperava tanto. O dente acabaria com tudo aquilo rapidamente.

Mas, ainda assim, a maior parte de sua vida fora boa. Encontrou-se lembrando de uma pipa em forma de antena, suspensa na concha azul do céu de Caladan, e Paul rindo de alegria ao vê-la. Lembrou-se do nascer do sol aqui em Arrakis, com as camadas coloridas de estratos na Muralha Escudo, barrentas na atmosfera empoeirada.

— Muito mal — murmurou o Barão. Empurrou o corpo para longe da mesa, com as mãos apoiadas nas bordas, levantou-se rápido em seus suspensores e hesitou, vendo uma mudança na fisionomia do Duque. Viu o homem respirar fundo e o queixo se enrijecer.

Um ondular de músculos no maxilar enquanto o Duque fechava a boca com força.

“Como ele tem medo de mim!”, pensou o Barão.

Movido pelo medo de que o Barão pudesse lhe escapar, Leto mordeu com força a cápsula-dente e sentiu-a partir-se. Abriu a boca expelindo o vapor cáustico que pudera sentir formando-se sobre sua língua. O Barão ficou pequeno, uma figura vista no final de um túnel que se fechava. Ouviu um som estrangulado ao seu lado.

“Piter, o de voz suave, eu o peguei também!”, pensou.

— Piter! O que está havendo?

A voz tonitruante vinha de muito longe. Leto sentia lembranças

atropelarem-se em sua mente, como velhos murmúrios de bruxas desdentadas. A sala, a mesa, o Barão, um par de olhos aterrorizados — azul-dentro-de-azul —, tudo comprimido ao seu redor em arruinada simetria.

E havia um homem com um queixo como a extremidade de uma bota, um homem de brinquedo caindo. Um homem de brinquedo com um nariz quebrado inclinado para a esquerda. Um metrônomo desregulado, preso para sempre no início de uma batida. Leto ouviu louças quebrando-se — tão distante —, um rugido em seus ouvidos. Sua mente era uma cesta sem fundo, recebendo tudo. Tudo que já existira, cada grito, sussurro, cada... silêncio.

No final apenas um pensamento

restava, aparecendo para Leto numa luz informe, sobre raios negros: “O dia que a carne molda, e a carne que o dia molda.” O pensamento lhe dava um sentimento de plenitude que sabia nunca poder explicar.

Silêncio.

O Barão encontrava-se de pé, com as costas para sua porta particular, sua própria saída de emergência por trás da mesa. Ele a fechara sobre uma sala cheia de homens mortos. Seus sentidos percebiam os guardas afluindo em grande número à sua volta. “Será que eu respirei aquilo?”, perguntou a si mesmo. “O que quer que fosse será que me pegou também?”

Sons retornavam, e com eles o raciocínio. Ouviu alguém gritando

ordens, pedindo máscaras contra gás... “mantenham a porta fechada... ponham os ventiladores a toda força!”

“Os outros caíram rapidamente, mas eu ainda estou de pé. Ainda respiro. Diabos, esta foi perto!”, pensou.

Podia analisar o que acontecera agora. Seu escudo fora ativado numa regulação baixa, mas ainda assim o suficiente para retardar a troca molecular através da barreira do campo. E ele estivera se afastando da mesa... Isto e o som de Piter sufocando-se, que trouxera o capitão da guarda correndo para dentro da sala, para seu próprio fim.

O acaso e um aviso de um homem no último suspiro haviam lhe salvado a vida.

O Barão não sentia gratidão por

Piter. O idiota se deixara matar. E quanto àquele estúpido capitão da guarda? Ele afirmara ter revistado todos antes de trazê-los à presença do Barão! “Como fora possível que o Duque...? Não houvera nenhum aviso, nem mesmo do farejador de venenos sobre a mesa, até que fosse muito tarde. Como?”

“Bem, não importa agora”, pensou o Barão, sua mente se clareando. “O próximo capitão da guarda começará uma investigação para encontrar as respostas a todas essas perguntas.”

Tornou-se mais consciente da atividade no corredor, além da curva, para a outra porta da sala da morte. O Barão afastou-se de sua porta, observando os lacaios ao seu redor. Eles estavam lá esperando, silenciosos, olhando para o

Barão.

“Será que o Barão vai ficar furioso?”

E o Barão percebia que apenas alguns segundos haviam transcorrido desde sua fuga daquela sala terrível.

Alguns guardas tinham armas apontadas para a porta. Outros dirigiam sua ferocidade contra o corredor vazio que se estendia além, em direção aos ruídos que vinham da curva à direita.

Um homem veio correndo daquela direção, máscara contra gases pendente de seu pescoço, olhos atentos aos farejadores de veneno alinhados em fila ao longo do teto desse corredor. Tinha cabelo louro, rosto chato e olhos verdes. Linhas marcadas irradiavam-se de sua boca de lábios grossos. Parecia uma criatura

aquática colocada erradamente entre aqueles que caminhavam sobre a terra.

O Barão olhou para o homem, lembrando seu nome : Nefud. lakin Nefud. Cabo da Guarda. Nefud era viciado em semuta, a combinação de droga e música que atingia estágios profundos da consciência. Uma informação bem útil.

Ele parou diante do Barão e fez a saudação. — O corredor está limpo, meu senhor. Eu estava do lado de fora observando e vi que deve ter sido gás venenoso. Os ventiladores em sua sala estão sugando ar destes corredores. — Olhou para o farejador acima da cabeça do Barão. — Nada daquela substância escapou; temos a sala limpa agora. Quais são as suas ordens?

O Barão reconheceu a voz do homem. O mesmo que gritara as ordens. “Eficiente, este cabo”, pensou.

— Estão todos mortos lá dentro?

— Sim, meu senhor.

“Bem, devemos nos ajustar”, pensou o Barão.

— Primeiro deixe-me felicitá-lo, Nefud. Você é o novo capitão de minha guarda. Espero que guarde no coração a lição aprendida com o destino de seu predecessor.

Observou a consciência da promoção crescer em seu novo oficial. Nefud percebia que nunca mais ficaria sem semuta.

Nefud acenou com a cabeça.

— Meu senhor, sabe que me devotarei inteiramente à sua segurança.

— Sim. Bem, de volta ao trabalho. Suspeito que o Duque tinha alguma coisa em sua boca. Você descobrirá o que era essa alguma coisa, como foi utilizada e quem o ajudou a colocá-la lá. Tornará todas as precauções...

O Barão interrompeu a frase, sua linha de pensamento destruída por um tumulto no corredor às suas costas. Guardas na porta do elevador para os andares inferiores da fragata tentavam conter um alto coronel Bashar que acabara de sair.

O Barão sentiu-se incapaz de analisar-lhe o rosto: magro, com uma boca fina como um talho em couro, olhos escuros como tinta.

— Tirem as mãos de mim, seu bando de comedores de carniça! rugiu o

homem, arremessando os guardas para o lado.

“Ah, um dos Sardaukar”, pensou o Barão.

O coronel caminhou a passos largos para o Barão, cujos olhos semicerraram-se com apreensão. Os oficiais do Sardaukar deixavam-no inquieto. Todos pareciam ser parentes do Duque, e seus modos para com ele...

O coronel plantou-se à sua frente, a meio passo de distância e com as mãos nas cadeiras. Os guardas atrás em nervosa indecisão.

O Barão reparou na ausência de saudação, no desdém nas maneiras do Sardaukar, e seu desconforto aumentou. Eles tinham apenas uma legião nesse local — dez brigadas — reforçando as legiões

Harkonnen, mas o Barão não se enganava. Essa única legião seria perfeitamente capaz de derrotá-lo.

— Diga aos seus homens que não devem tentar me impedir de vê-lo, Barão — rosnou o Sardaukar. — Meus homens trouxeram-lhe o Duque Atreides antes que pudesse discutir seu destino consigo. Vamos fazer isso agora.

“Eu não posso ser humilhado diante de meus homens”, pensou o Barão.

— E então? — disse numa voz tão fria e controlada que o deixou orgulhoso de si mesmo.

— Meu Imperador me encarregou de assegurar que seu primo real morreria de modo limpo e sem agonia.

— Foram essas as ordens imperiais que recebi — mentiu o Barão. — Acha

que eu desobedeceria?

— Devo relatar ao Imperador o que vejo com meus próprios olhos — disse o Sardaukar.

— O Duque já está morto — retrucou o Barão, e acenou com a mão para que o sujeito se retirasse.

O coronel Bashar continuou encarando o Barão. Nenhum tremor nos olhos ou nos músculos dizia que ele reconheceria a ordem para retirar-se.

— Como?

“Realmente!”, pensou o Barão. “Isso e demais.”

— Por suas próprias mãos, se quer saber. Ele tomou veneno.

— Eu quero ver o corpo agora! — exigiu o coronel.

O Barão olhou para o teta com

fingida irritação enquanto pensava: “Maldição! Este Sardaukar verá a sala antes que a disposição dos corpos possa ser mudada!”

— Agora! — rugiu o Sardaukar. — Quero ver com meus próprios olhos.

Não havia meio de evitá-la, percebeu o Barão. O Sardaukar veria tudo. Saberia que o Duque matara homens dos Harkonnen... e que o Barão escapara por pouco. Havia a evidência dos restos do jantar sobre a mesa, e o Duque morto sobre ela cercado de destruição.

Não havia meio de evitar.

— Eu não serei logrado — acrescentou o coronel.

— E não está sendo — retrucou o Barão, e olhou para os olhos do oficial.

— Não escondo nada de meu Imperador. — Acenou para Nefud. — O coronel Bashar deve ver tudo de uma vez. Leve-o pela porta, Nefud.

— Por aqui, senhor — disse Nefud.

Lentamente, de modo insolente, o Sardaukar passou pelo Barão abrindo caminho com os ombros entre os guardas.

“Insuportável”, pensava o Barão. “Agora o Imperador saberá como fui logrado e reconhecerá nisso um sinal de fraqueza.”

E era cruel perceber como o Imperador e seus Sardaukar eram parecidos em seu desprezo pela fraqueza. O Barão mordeu o lábio inferior, consolando-se com o fato de que o

Imperador pelo menos não saberia do ataque dos Atreides em Giedi Prime e da destruição dos estoques de especiaria que os Harkonnen mantinham lá.

“Maldito Duque!”, pensou.

Observou os homens por trás: o arrogante Sardaukar e o atarracado e eficiente Nefud.

“Terei que fazer ajustes”, pensou. “Terei que colocar Rabban governando este maldito planeta uma vez mais. Sem restrições.

Terei que gastar meu próprio sangue Harkonnen para colocar Arrakis em condições de aceitar Feyd-Rautha. Maldito Piter!

Ele tinha que se deixar matar antes que eu terminasse com ele?!”

E o Barão suspirou.

“Devo mandar pedir um novo Mentat em Tleielax, imediatamente. Eles sem dúvida possuem um novo, pronto para mim, a esta altura.”

Um dos guardas ao seu lado tossiu. O Barão voltou-se para o homem. — Eu estou com fome.

— Sim, meu senhor.

— E eu desejo me divertir enquanto vocês limpam aquela sala e estudam seus segredos para mim.

O guarda olhou para o chão. — Que diversão meu senhor deseja?

— Estarei em meu quarto. Tragam-me aquele jovem que compramos em Gamont, aquele com os olhos lindos. Deixem-no bem drogado, não me sinto com disposição para a luta.

— Sim, meu senhor.

O Barão voltou-se e começou a andar de modo ondulante, característico da flutuabilidade produzida pelos suspensores. “Sim”, pensava ele, “aquele rapazinho com os olhos lindos, que se parece tanto com o Paul Atreides.”

*O mares de Caladan,
Ó Povo do Duque Leto...
A Cidadela de Leto caiu,
Caiu para sempre...*

*— de Canções do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Paul sentia que todo o seu passado, cada experiência anterior a essa noite tornava-se como areia, escorrendo dentro de uma ampulheta. Estava sentado junto de sua mãe, encolhido com os braços ao redor dos joelhos, dentro de uma pequena tenda de tecido e plástico. Uma tenda destiladora que viera, como os trajes Fremen que agora usavam, de

dentro do embrulho deixado no “tóptero”.

Não havia mais dúvida na mente de Paul a respeito de quem colocara o estojo Fremen lá, quem dirigira a rota do “tóptero” que os transportara prisioneiros.

“Yueh.”

O médico traidor os enviara diretamente para as mãos de Duncan Idaho.

Paul observava através da extremidade transparente da tenda, vendo as rochas sombreadas pela luz do luar cercando esse lugar onde Idaho os deixara escondidos.

“Escondendo-me como uma criança quando agora eu sou o Duque”, pensou. Sentia a idéia atormentá-lo, mas

não podia negar a sabedoria do que estavam fazendo.

Alguma coisa acontecera à sua consciência essa noite. Via com uma clareza precisa cada circunstância e ocorrência ao seu redor. Sentia-se incapaz de deter o afluxo de dados, ou a fria precisão com que cada novo item era acrescentado ao seu conhecimento, ou o poder de computação centrado em sua consciência. Isso era poder Mentat e muito mais.

Pensou de novo naquele instante de ódio impotente quando o estranho “tóptero” mergulhara sobre eles, baixando como um gigantesco falcão sobre o deserto, o vento uivando através de suas asas. A coisa em sua mente acontecera então. O “tóptero” deslizara

pousando e abrindo um sulco numa crista de areia, no encaço das duas figuras correndo: ele mesmo e sua mãe. Lembrava-se agora do cheiro de enxofre provocado pela abrasão dos esquis da aeronave contra a areia.

Sua mãe, ele sabia, voltara-se esperando uma arma laser nas mãos de um mercenário Harkonnen e reconhecera Duncan Idaho inclinando-se para fora da porta aberta, gritando:

— Depressa. Há um sinal de verme ao sul de vocês.

Mas Paul já sabia, ao se virar, quem pilotava aquele “tóptero”. Uma acumulação de minúcias: no modo como o aparelho voara, a corrida do pouso — indícios tão pequenos que nem mesmo sua mãe os detectara —, tudo indicando-

lhe a identidade exata da pessoa sentada nos controles.

Jessica se mexeu ao lado dele, dizendo:

— Só pode haver uma explicação. Os Harkonnen tinham a esposa de Yueh. Ele odiava os Harkonnen! Tenho certeza disso. Você leu sua nota. Mas por que ele nos salvou da carnificina?

“Só agora ela percebe e assim mesmo pobrementemente”, pensou Paul. O pensamento era um choque. Ele soubera do fato como algo natural, percebido ao ler a nota que acompanhara o sinete ducal no embrulho.

“Não tente me perdoar”, escrevera Yueh. “Não quero seu perdão, já carrego uma culpa suficiente. O que fiz foi feito sem malícia ou esperança de compreensão

da parte dos outros. É meu próprio tahaddi al-burhan, meu teste final. Eu lhe dou o sinete ducal dos Atreides como prova de minha sinceridade. Quando ler isso, o Duque Leto estará morto. Console-se com minha garantia de que ele não terá morrido sozinho, que aquele que odiamos acima de todos os outros morreu com ele.”

A nota não fora assinada mas não havia engano na caligrafia quase ilegível e bem familiar: Yueh.

Relembrando a carta, Paul experimentava novamente a angústia daquele momento. Algo agudo e estranho que parecera ocorrer fora de sua nova perspicácia. Lera que seu pai estava morto e conhecera a verdade das palavras, mas sentira-as como se fossem nada além de

outro dado, outra informação a ser acrescentada em sua mente e utilizada.

“Eu amava meu pai”, pensou Paul, e sabia que isso era verdade. “Eu devia lamentar sua morte, chorar, sentir alguma coisa.”

Mas não sentia nada além de: “Eis um fato importante.”

Apenas um, entre todos os outros fatos.

E durante todo aquele tempo sua mente continuava acrescentando impressões sensoriais, extrapolando, computando.

As palavras de Halleck voltaram à sua mente: “Disposição é coisa para gado ou para fazer amor Você luta quando é necessário, não importando a disposição.”

“Talvez seja isso”, pensou.

“Lamentarei por meu pai mais tarde... quando for a hora.”

Não sentia nenhuma diminuição na fria precisão de seu ser.

Sentia, isso sim, que essa nova consciência era somente um começo, que ela estava aumentando. Penetrara-o o sentimento de um terrível propósito que experimentara primeiro durante sua provação com a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam. Sua mão direita, a mão que recordava da dor, comichava e pulsava.

“É assim que é ser o Kwisatz Haderach?”, perguntou com os seus botões.

— Por algum tempo pensei que Hawat falhara outra vez — disse Jessica. — Pensei que talvez Yueh não fosse um

médico Suk.

— Ele era tudo que nós julgávamos ser... e muito mais — respondeu Paul, enquanto pensava: “Por que ela é tão lenta em perceber essas coisas?” Depois acrescentou: — Se Idaho não conseguir chegar até Kynes, nós...

— Ele não é nossa única esperança — disse ela.

— Não foi isso que sugeri.

Ela ouviu o frio do aço em sua voz, o senso de comando, e olhou para o filho através da escuridão acinzentada da tenda destiladora. Paul era uma silhueta delineada contra as rochas cobertas de geada pelo luar, que apareciam na extremidade transparente da tenda.

— Outros dentre os homens de seu pai devem ter escapado. Nós devemos

reuni-los novamente, encontrar...

— Teremos que contar apenas conosco — disse ele. — Nossa principal preocupação são as armas atômicas da família. Devemos apanhá-las antes que os Harkonnen possam dar uma busca.

— Não é provável que as encontrem; o modo como foram ocultadas...

— Não podemos dar-lhes sequer uma chance.

E ela pensou: “Chantagem com os atômicos da família, ameaçando o planeta e a especiaria — isto é o que ele tem em mente. Mas tudo que pode esperar agora é uma fuga para o anonimato como renegado.”

As palavras de sua mãe haviam provocado outra cadeia de pensamentos em Paul: a preocupação do duque com

todas as pessoas que haviam perdido essa noite. “Pessoas são a verdadeira força de uma Grande Casa”, pensou ele. E lembrou-se das palavras de Hawat: “Separar-se de pessoas é uma tristeza; um lugar é somente um lugar.”

— Eles estão usando Sardaukar — lembrou Jessica. — Devemos aguardar até que os Sardaukar sejam retirados.

— Eles pensam que nos apanharam entre o deserto e os Sardaukar — observou. — Eles não pretendem deixar sobreviventes entre os Atreides — extermínio total. Não conte com ninguém da nossa gente escapando.

— Não podem continuar se arriscando indefinidamente com uma exposição da participação do Imperador nisso tudo.

— Não podem?

— Alguns dentre os nossos devem conseguir escapar.

— Será?

Jessica voltou-se assustada com a amargura na voz de seu filho, ouvindo o preciso julgamento das chances. Sentia que a mente dele saltava na frente da sua, vendo mais em certos aspectos do que poderia. Ajudara a treinar essa inteligência, mas agora sentia-se temerosa. Seus pensamentos voltaram-se buscando o perdido santuário de seu Duque, e lágrimas queimaram seus olhos.

“Este é o modo como devia ser Leto, um tempo para o amor e um tempo para a tristeza.” Colocou a mão sobre o abdômen, sua consciência focalizada no embrião em seu interior. “Eu tenho

comigo a filha dos Atreides que recebi ordens para gerar, mas a Reverenda Madre estava errada: uma filha não teria salvo meu Leto. Esta criança é somente vida brotando para o futuro, no meio da morte. Eu a concebi por instinto, não por obediência.”

— Tente o receptor da comunirrede agora — pediu Paul.

“A mente continua funcionando, não importa como tentemos contê-la”, pensou ela.

Jessica encontrou o minúsculo receptor deixado por Idaho e apertou o botão. Uma luz verde brilhou no instrumento e pequenos chiados saíram do alto-falante. Ela reduziu o volume e procurou através das faixas de onda. Uma voz falando no código de batalha dos

Atreides souu na tenda.

“... voltem e reagrupem-se na crista. Fedor informa que não há sobreviventes em Carthag, e que o Banco da Corporação foi saqueado.”

“Carthag!”, pensou Jessica. “Esse era o centro dos Harkonnen.”

— Eles são Sardaukar — disse outra voz. — Cuidado com Sardaukar em uniformes Atreides. Eles...

Um rugido encheu o alto-falante e a voz se calou.

— Tente outras faixas — disse Paul.

— Percebe o que isso significa? — indagou Jessica.

— Eu já esperava. Eles querem que a Corporação nos culpe pela destruição de seu banco. Com a

Corporação contra nós, estamos presos em Arrakis. Tente outras faixas.

Ela pesou suas palavras: “Eu já esperava.” O que acontecera com ele? Lentamente Jessica voltou ao aparelho. Enquanto movia o botão de sintonia captava outros vislumbres da violência nas poucas vezes ainda usando o código Atreides: “... recuar...”, “... tentem se reagrupar em...” “...presos numa caverna em...”

E não havia engano na exaltação vitoriosa da algaravia Harkonnen que se derramava das outras faixas. Comandos rápidos, relatórios de batalha. Não havia o suficiente para Jessica registrar e quebrar o código, mas o tom era óbvio.

Vitória Harkonnen.

Paul sacudiu o embrulho ao seu

lado, ouvindo os dois recipientes de água sacudirem gorgolejando. Respirou fundo olhando através da extremidade transparente da tenda, para o escarpamento de rocha delineado contra as estrelas. Sua mão esquerda tateou em busca do selo-esfínter na entrada da tenda.

— O dia não tarda a nascer — disse ele. — Podemos esperar durante este dia por Idaho, mas não durante outra noite. No deserto deve-se viajar à noite e repousar na sombra durante o dia.

A lembrança da tradição insinuou-se na mente de Jessica: “Sem um traje-destilador, um homem, sentado na sombra, no deserto, necessita de cinco litros de água por dia para manter o peso de seu corpo.” Sentia a pele suave e

escorregadia do traje-destilador envolvendo-lhe o corpo, e pensava como suas vidas dependiam agora daquela vestimenta.

— Se sairmos daqui, Idaho não poderá nos encontrar — disse ela.

— Existem modos de se fazer um homem falar — disse Paul. — Se Idaho não houver retornado ao amanhecer, devemos considerar a possibilidade de que tenha sido capturado. Quanto tempo acha que ele poderia resistir?

A pergunta não necessitava de resposta e Jessica ficou em silêncio.

Paul levantou a aba do embrulho e retirou um micromanual com ampliador e aba luminosa. Letras verdes e laranja destacavam-se nas páginas: “reservatórios de água, tenda destiladora, capas de

energia, recaths, respirador para areia, binóculos, estojo para reparos em traje-destilador, pistola baramarca, mapa de escoadouro, filtroplugs, parabússola, ganchos de produtor, batedor, estojo Fremen, pilar de fogo...”

Tantas coisas necessárias à sobrevivência no deserto.

Daí a pouco ele colocou o manual no piso da tenda.

— Para onde poderemos ir? — perguntou Jessica.

— Meu pai falava de poder do deserto. Os Harkonnen não podem governar este planeta sem ele. Eles nunca o governaram inteiramente nem deverão. Nem mesmo com dez mil legiões de Sardaukar.

— Paul, você não deve achar que...

— Temos todas as provas em nossas mãos. Exatamente aqui nesta tenda, na própria tenda, neste embrulho e seu conteúdo, nestes trajes-destiladores. Sabemos que a Corporação pede um preço proibitivo pelos satélites meteorológicos. Sabemos que...

— Que têm os satélites meteorológicos a ver com isso? Eles não poderiam... — Jessica interrompeu a frase.

Paul sentia sua mente hiperalerta, anotando as reações de Jessica, computando as minúcias.

— Percebe agora? — ele disse. — Satélites observam o terreno embaixo e há coisas no deserto profundo que não devem ser submetidas à inspeção freqüente.

— Está sugerindo que a própria Corporação controla este planeta?

Ela era tão lenta...

— Não! — respondeu ele. — Os Fremen! Eles pagam à Corporação em troca de privacidade, pagam numa moeda disponível a todos com poder sobre o deserto: especiaria. Isso é mais do que uma resposta em aproximação secundária, é uma computação em linha reta. Confie nela.

— Paul, você ainda não é um Mentat, não pode saber com certeza como...

— Eu nunca serei um Mentat. Sou alguma coisa mais... uma aberração.

— Paul! Como pode dizer uma coisa dessas...

— Deixe-me em paz!

Virou as costas para ela olhando dentro da noite. “Por que não choro?”, pensou. Sentia cada fibra de seu ser desejar esse desabafo, e sabia que lhe seria negado para sempre.

Jessica nunca ouvira tamanha mágoa na voz de seu filho. Queria estender a mão para ele, segurá-lo confortando-o, ajudando-o, e todavia sentia não existir nada que pudesse fazer. Ele teria que superar esse problema sozinho.

A aba brilhante do manual do estojo Fremen colocada entre eles chamou sua atenção. Pegou-a olhando para a folha e lendo: “Manual do Deserto Amistoso — o lugar cheio de vida. Aqui estão o ayat e o burhan da Vida. Acredite e al-Lat nunca o queimará.”

“Parece-se com o livro de Azhar”, pensou Jessica lembrando-se de seus estudos sobre os Grandes Segredos. “Será que um Manipulador de Religiões visitou Arrakis?”

Paul tirou a parabússola de dentro do estojo, colocou-a de volta e disse:

— Pense em todas essas máquinas Fremen especializadas. Elas mostram uma sofisticação sem par. Admita isto. A cultura que produz estas coisas demonstra profundezas das quais ninguém suspeita.

Hesitante, ainda preocupada com a dureza em sua voz, Jessica voltou a olhar o livro, observando uma constelação ilustrada no céu de Arrakis: “Muad’Dib: O Rato”. Notou que sua cauda apontava para o norte.

Paul observava os movimentos de sua mãe, quase indistintos na escuridão da tenda, revelando-se na luz do manual. “Agora é hora de realizar o desejo de meu pai”, pensou ele. “Devo transmitir sua mensagem agora, quando ela ainda tem tempo para tristeza e mágoa. Mais tarde isto seria um inconveniente para nós.” Descobriu-se chocado com a precisão de sua própria lógica.

— Mãe — disse ele.

— Sim?

Ela percebeu a mudança no tom de voz, sentiu um frio nas entranhas ao ouvi-lo. Nunca antes percebera um controle tão cruel.

— Meu pai está morto.

Buscou dentro de si mesma pelo alinhamento de fato com fato, o modo

Bene Gesserit de avaliar dados. Finalmente a análise foi atingida e com ela a sensação de uma terrível perda.

Jessica apenas assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Paul prosseguiu:

— Meu pai me encarregou uma vez de lhe transmitir uma mensagem se algo lhe acontecesse. Ele temia que pudesse acreditar que perdera a confiança em você.

“Aquela inútil suspeita”, pensou ela.

— Ele queria que soubesse que jamais suspeitou, queria que soubesse que sempre confiou em você completamente, sempre a amou e estimou muito. Ele disse que antes desconfiaria de si mesmo e que tinha apenas um arrependimento: de nunca tê-la feito sua Duquesa.

Ela passou a mão na face, limpando as lágrimas, e pensou: “Que estúpido desperdício de umidade corporal!”, mas sabia instantaneamente a razão desse pensamento: uma simples tentativa de fugir da mágoa, refugiando-se no ódio. “Leto, meu Leto, que coisas terríveis nós fazemos àqueles que amamos!”

Com um movimento violento apagou a pequenina aba luminosa do manual.

Soluços sacudiram seu corpo.

Paul ouvia o sofrimento de sua mãe e sentia apenas o vazio dentro de si mesmo. “Não tenho tristeza”, concluiu. “Por quê? Por quê?” Sentia essa incapacidade para se magoar como uma falha terrível.

“Um tempo para receber e um tempo para perder”, pensou Jessica, lembrando-se da Bíblia C.L. “Um tempo para manter e um tempo para abandonar, tempo para amor e tempo para ódio; tempo de guerra e tempo de paz.”

A mente de Paul avançava em sua fria precisão. Via os caminhos que se estendiam à sua frente nesse planeta hostil. Sem possuir agora nem mesmo a válvula de segurança representada pelo sonho, ele focalizava essa consciência presciente, vendo-a como uma computação dos futuros mais prováveis, mas acrescida de alguma coisa mais, uma franja de mistério. Como se sua mente mergulhasse em alguma camada eterna e sentisse os ventos do futuro.

Abruptamente, como se houvesse encontrado a chave necessária, a mente de Paul saltou outro nível de percepção. Sentiu-se a si mesmo agarrando-se nessa nova camada, segurando-se num apoio precário e observando ao redor. Era como se estivesse dentro de um globo com estradas irradiando-se para longe em todas as direções... e no entanto isso constituía apenas uma sensação aproximada.

Lembrou-se uma vez de ter visto um lenço de gaze sendo levado pelo vento. Sentia o futuro como alguma coisa torcendo-se sobre uma superfície ondulante e não-permanente igual à do lenço soprado ao vento.

E viu pessoas.

Sentiu o calor e o frio de

incontáveis possibilidades.

Conheceu nomes e lugares, experimentou emoções incontáveis, reviu dados em fendas inexploradas. Havia tempo para sondar, testar e provar — mas nenhum para moldar.

A coisa era um espectro de possibilidades — desde o passado mais remoto até o futuro mais distante — do mais provável ao mais improvável. Testemunhou sua própria morte de modos incontáveis. Viu novos planetas e novas culturas.

Gente.

Gente.

Podia vê-los em tamanha quantidade que não poderiam ser enumerados, e no entanto sua mente os catalogava.

Até mesmo os Homens da Corporação.

E pensou: “A Corporação — ali haveria um lugar para nós, minha estranheza aceita como algo familiar e altamente valioso, sempre com um suprimento assegurado da especiaria agora necessária.”

Mas a idéia de viver sua vida com a mente tateando à frente, através dos futuros possíveis, para guiar espaçonaves se arremessando no vazio, o assustava. Esse era um caminho, todavia; e ao encontrar o futuro possível, que continha os Homens da Corpo-ração, ele reconheceu sua própria estranheza.

“Eu tenho outro tipo de visão. Vejo outro tipo de terreno: as trilhas disponíveis.”

Essa consciência lhe proporcionava, ao mesmo tempo, confiança e medo. Tantos eram os lugares, naquele outro tipo de terreno, que mergulhavam ou viravam para fora de sua vista.

E tão rapidamente como viera, a sensação desapareceu e Paul percebeu que toda aquela experiência durara o tempo de um único batimento de coração.

E, no entanto, sua consciência pessoal fora como que virada pelo avesso, “iluminada” de um modo terrível. Ele olhou à sua volta.

A noite envolvia a tenda destiladora, oculta em seu esconderijo entre as rochas. O sofrimento de sua mãe ainda podia ser ouvido.

Sua própria ausência de pesar

também podia ser sentida... aquele lugar vazio nalgum ponto separado de sua mente, que prosseguia em seu ritmo uniforme — lidando com dados, avaliando, computando, apresentando respostas como o pensamento de um Mentat.

E agora ele percebia possuir uma riqueza de informações como poucas mentes já haviam reunido, embora isso não fizesse aquele lugar vazio mais suportável. Sentia como se alguma coisa fosse partir, como o dispositivo de disparo para uma bomba-relógio tiquetaqueando em seu interior. Aquilo prosseguia indiferente à sua vontade, registrando minúsculas variações ao seu redor: uma leve alteração na umidade, uma queda fracional de temperatura, o

avanço de um inseto sobre o teto da tenda, a solene aproximação da aurora no trecho de céu estrelado que podia ver pela extremidade transparente da tenda.

O vazio tornava-se insuportável. Saber como o relógio fora colocado em movimento não fazia diferença. Podia olhar para seu próprio passado e ver o seu princípio — o treinamento, o aguçamento de talentos, as refinadas pressões de disciplinas sofisticadas, até mesmo a exposição da Bíblia C.L. num momento crítico... e finalmente o forte consumo da especiaria. E podia olhar para a frente, na direção mais aterradora, vendo até onde ela conduzia.

“Eu sou um monstro!”, pensou.
“Uma aberração!”

— Não! — exclamou. E depois

repetiu: — Não, não! NÃO!

Descobriu que estava batendo com os punhos contra o fundo da tenda. (Com aquela sua parte implacável registrando isso como um interessante dado emocional a ser alimentado na computação.)

— Paul!

Sua mãe estava ao seu lado, segurando suas mãos; sua face era uma mancha cinzenta a observá-lo. — Paul, o que está errado?

— Você! — respondeu ele.

— Eu estou aqui, Paul. Está tudo bem.

— O que fez comigo?

Numa súbita percepção ela sentiu algumas das raízes da pergunta e disse:

— Eu dei à luz você.

Esta era, tanto por instinto como por seu próprio conhecimento sutil, a resposta precisamente correta para acalmá-lo. Ele sentiu suas mãos a segurá-lo, focalizando no fraco contorno do rosto.

(Para Paul, certos traços genéticos na estrutura facial de Jessica tornavam-se indícios, registrados de um novo modo por sua mente fluente, e adicionados a outros dados, para que a resposta da soma final fosse apresentada.)

— Largue-me!

Ela ouviu a frieza em sua voz e obedeceu.

— Quer me dizer o que está errado, Paul?

— Tinha consciência do que estava fazendo quando me treinava?

“Não há mais infantilidade em sua voz”, pensou ela e disse:

— Eu esperava o que qualquer mãe ou pai espera. Que você fosse... superior, diferente.

— Diferente?

Ela percebeu a amargura na voz e tentou se justificar.

— Paul, eu...

— Você não queria um filho! Você queria um Kwisatz Haderach! Queria uma Bene Gesserit macho!

Ela recuou ante sua mágoa.

— Mas Paul...

— Algum dia consultou meu pai a esse respeito?

Ela respondeu suavemente, com uma tristeza ainda recente:

— Seja você o que for, Paul, sua

hereditariedade vem tanto de seu pai quanto de mim.

— Mas não o treinamento. Não as coisas que... despertaram... o que dormia.

— O que dormia?

— Está aqui. — Ele colocou a mão sobre a cabeça e o peito. Dentro de mim. E continua sem parar...

— Paul!

Percebera a ponta de histeria na voz dele.

— Ouça-me! — continuou ele. — Você queria que a Reverenda Madre ouvisse a respeito de meus sonhos. Escute no lugar dela agora. Eu acabei de sonhar acordado. Sabe por quê?

— Deve procurar se acalmar — disse ela. — Se há...

— A especiaria. Está em tudo

aqui, no ar, no solo, na comida. A especiaria geriátrica. É como a droga reveladora da verdade. É um veneno!

Jessica retesou o corpo.

A voz de Paul tornou-se mais baixa. Ele repetiu:

— Um veneno... tão sutil, tão insidioso... tão irreversível. Não matará você a menos que pare de tomá-lo. Não podemos deixar Arrakis, a não ser que levemos parte de Arrakis conosco.

A terrível presença naquela voz não permitia discussão.

— Você e a especiaria. A especiaria pode mudar qualquer um que consome essa quantidade dela, mas graças a você eu pude trazer essa mudança ao nível da consciência. E não consigo deixá-la no inconsciente, onde sua perturbação

poderia ser abafada. Posso vê-la.

— Paul, você...

— Eu vejo!— repetiu ele.

Jessica percebeu loucura em sua voz e não soube o que fazer, mas ele falou de novo, e seu controle férreo retomou:

— Estamos presos aqui.

— Estamos presos aqui — concordou ela.

E aceitou a verdade em suas palavras. Nenhuma pressão das Bene Gesserit, nenhum truque ou artifício poderia libertá-los completamente de Arrakis. A especiaria viciava. Seu corpo conhecera o fato muito antes que sua mente despertasse para ele.

“Assim, é aqui que nós viveremos nossas vidas”, pensou ela, “neste planeta

infernal. O lugar está preparado para nós, se conseguirmos escapar dos Harkonnen. E não resta dúvida quanto ao meu destino: uma reprodutora preservando uma importante linha hereditária para o Plano Bene Gesserit.”

— Devo lhe contar a respeito de meu sonho acordado — insistiu Paul, agora com fúria em sua voz. — E para ter certeza de que aceitará o que digo, revelarei primeiro que sei que terá uma filha, minha irmã, aqui em Arrakis.

Jessica colocou suas mãos contra o fundo da tenda, pressionando contra a parede de tecido curvo para sufocar a angústia e o medo. Sabia que sua gravidez não se mostrara ainda, somente seu próprio treinamento Bene Gesserit lhe permitira ler os primeiros sinais débeis

em seu corpo e tomar conhecimento do embrião com apenas algumas semanas de idade.

— Somente para servir — sussurrou ela, agarrando-se ao lema Bene Gesserit. — Existimos apenas para servir.

— Nós encontraremos um lar entre os Fremen — disse Paul. — Onde sua Missionária Protetora comprou-nos uma saída de emergência.

“Elas prepararam um caminho para nós no deserto”, pensou Jessica. “Mas como ele pode saber da Missionária Protetora?” Encontrava mais dificuldade em dominar seu terror ante a estranheza dominante de Paul.

Ele estudava-lhe a sombra na escuridão, vendo seu medo e cada reação em sua nova consciência, como se

estivessem delineados contra uma luz cegante. Um sentimento de compaixão pela mãe começou a se insinuar em seu interior.

— As coisas que podem acontecer aqui eu não posso nem começar a lhe dizer. Não posso nem sequer dizê-las a mim mesmo, embora as tenha testemunhado. Esse senso do futuro... não pareço ter controle sobre ele, a coisa simplesmente acontece. O futuro imediato, digamos dentro de um ano, eu posso ver parte dele... uma estrada tão larga quanto nossa Avenida Central em Caladan. Alguns lugares eu não vejo... lugares sombreados... como que ocultando-se por trás de uma colina (novamente pensou na superfície do lenço levado pelo vento) e existem ramificações.

Ficou em silêncio, a memória da visão a subjugará-lo. Nenhum sonho presciente, nenhuma experiência em sua vida o preparara inteiramente para a totalidade com que os véus haviam sido arrancados revelando a nudez do tempo.

Relembrando a experiência, ele reconhecia seu próprio terrível propósito: a pressão de sua vida expandindo-se como uma bolha crescente... o tempo recuando diante dela.

Jessica encontrou o controle da iluminação da tenda e o ativou.

Uma luz verde fez recuar as sombras diminuindo seu medo. Ela olhou para o rosto de Paul, para seus olhos... aquele olhar para dentro. Sabia onde havia visto esse olhar: registrado em gravações sobre desastres, nos rostos de

crianças que haviam experimentado a fome ou terríveis ferimentos. Os olhos eram como fossos, a boca uma linha reta, as maçãs do rosto flácidas.

“É o olhar da consciência aterrorizada”, pensou ela, “de alguém forçado ao conhecimento de sua própria mortalidade.”

De fato, ele não era mais uma criança.

A importância subjacente às suas palavras começou a se instalar em sua mente, eliminando tudo mais. Paul podia ver o futuro, ver um meio para escaparem.

— Existe um caminho para escapar dos Harkonnen disse Jessica.

— Os Harkonnen! — zombou ele.
— Tire aqueles humanos pervertidos de

sua mente. — Olhou para a mãe observando-lhe as feições sob a luz da tenda. Linhas reveladoras...

— Não devia se referir a pessoas como humanas sem...

— Não esteja tão certa de poder traçar uma linha de separação — retrucou ele. — Nós carregamos nosso passado conosco. E, minha mãe, há uma coisa que não sabe, e deveria saber. Nós somos Harkonnen.

A mente de Jessica fez algo terrível: fechou-se como se necessitasse isolar-se de toda sensação. A voz de Paul todavia continuou, naquele passo implacável, a arrastá-la com ele.

— Na próxima vez que encontrar um espelho estude seu rosto; estude o meu agora. Os traços estão aqui, se quiser

vê-los. Olhe para minhas mãos, para a disposição de meus ossos. E se nada disso convencê-la, então aceite a minha palavra a respeito. Caminhei no futuro, olhei num registro, vi um lugar e tenho todos os dados. Nós somos Harkonnen.

— Um... ramo renegado da família — disse ela. — É isso, não é? Algum primo Harkonnen que...

— Você é a filha do Barão — disse ele e observou a maneira como Jessica pressionava as mãos contra a boca. — O Barão experimentou muitos prazeres em sua juventude, e uma vez permitiu-se ser seduzido. Isso foi feito com propósitos genéticos pelas Bene Gesserit, por uma de vocês.

O modo como ele dissera vocês atingiu-a como uma bofetada.

Sua mente entretanto já funcionava de novo e ela não podia negar as palavras. Tantas linhas soltas e sem significado em seu passado estendiam-se agora conectando-se. A filha que as Bene Gesserit queriam não era com o propósito de terminar a velha rivalidade Atreides-Harkonnen, e sim de solidificar algum fator genético em suas linhas de parentesco. Mas qual? Ela tateou em busca de uma resposta.

Como se observasse dentro de sua mente, Paul lhe disse:

— Elas pensavam estar me alcançando. Mas eu não sou o que esperam, e além disso cheguei antes do tempo. E elas não sabem disso.

Jessica levou as mãos à boca.

“Grande Mãe! Ele é o Kwisatz

Haderach!”

Sentia-se nua e exposta diante dele, percebendo que a fitava com olhos aos quais muito pouco poderia ser escondido. E isso, sabia, era a base de seu medo.

— Você pensa que eu sou o Kwisatz Haderach. Tire isso de sua cabeça. Eu sou alguma coisa inesperada.

“Devo avisar uma de nossas escolas”, pensou ela. “O índice de casamentos pode nos mostrar o que aconteceu.”

— Elas não vão descobrir a meu respeito até que seja muito tarde — disse ele.

Jessica tentou distraí-lo, abaixando as mãos e dizendo:

— Bem, nós encontraremos refúgio entre os Fremen?

— Os Fremen possuem um ditado que atribuem ao shai-hulud, o Velho Pai da Eternidade. Ele diz: “Esteja preparado para apreciar aquilo que encontras.” E pensou: “Sim, minha mãe, entre os Fremen. Você adquirirá os olhos azuis e uma calosidade ao lado de seu lindo nariz, produzido pelo tubo filtrador de seu traje... E dará luz à minha irmã: Santa Alia da Faca.”

— Se você não é o Kwisatz Haderach — perguntou ela —, então o que...

— Não poderia saber — respondeu ele. — E nem acreditaria se pudesse ver.

“Eu sou uma semente”, pensou.

Percebia subitamente quão fértil era o solo sobre o qual caíra e com essa

compreensão o terrível propósito tomou conta de seu interior, rastejando através daquele espaço vazio e ameaçando sufocá-lo de tristeza.

Observara duas ramificações principais ao longo do caminho. Em uma delas confrontava o maligno Barão e dizia: — “Olá, vovô.”

O pensamento dessa trilha, e do que existia em sua extensão, deixou-o enjoado.

O outro caminho possuía longas extensões de obscuridade cinzenta com a exceção de picos de violência. Via uma religião guerreira surgir aqui, um fogo espalhando-se através do Universo, com a bandeira verde e negra dos Atreides ondulando na frente de legiões de fanáticos, embriagados com licor de

especiaria. Gurney Halleck e mais alguns dentre os homens de seu pai — muito poucos — estavam entre eles, todos marcados pelo símbolo do falcão tirado do santuário do crânio de seu pai.

— Eu não posso seguir este caminho — murmurou ele. — Isso é o que as velhas bruxas em suas escolas desejam.

— Eu não o compreendo, Paul! — exclamou Jessica.

Ele permaneceu silencioso, pensando na semente que encantava, pensando com a consciência racial com que pela primeira vez experimentara aquele terrível propósito. Percebeu que já não podia odiar as Bene Gesserit, o Imperador ou mesmo os Harkonnen.

Eles estavam todos amarrados à

necessidade que a espécie tinha de renovar sua herança dispersa, cruzando, misturando e derramando suas linhas consangüíneas numa nova seleção de genes. E a raça só conhecia um meio de fazê-la. O modo antigo, já experimentado e certo, que avançava sobre tudo em seu caminho: jihad.

“Eu certamente não posso escolher este caminho.”

Entretanto, via novamente, com seu olhar mental, o santuário do crânio de seu pai e toda a violência, com as bandeiras verde e negras ondulando no meio.

Jessica pigarreou, preocupada com seu silêncio.

— Então... os Fremen nos oferecerão santuário?

Ele olhou para cima, através da luz esverdeada da tenda, para as linhas aristocráticas no rosto dela. — Sim, este é um dos caminhos. — E assentiu com a cabeça. — Eles me chamarão... Muad'Dib, “Aquele que aponta o caminho.” Sim, é desse modo que eles me conhecerão.

E fechou os olhos pensando: “Agora, meu pai, eu posso chorar por você.” Sentiu as lágrimas escorrerem sobre seu rosto.

Livro II

MUAD'DIB

Quando meu pai, o Imperador Padishah, foi informado da morte do Duque Leto e das circunstâncias em que ocorrera, ficou furioso, de um modo como eu nunca vira antes. Ele culpou minha mãe e o acordo que o forçara a colocar uma Bene Gesserit no trono. Ele culpou a Corporação e o velho e maligno Barão. Culpou todos à sua vista, sem excetuar nem mesmo a mim, pois, como ele disse, eu era uma bruxa como todas as outras. E, quando tentei confortá-lo, dizendo-lhe que tudo fora feito de acordo com as velhas leis da auto-preservação, às quais até mesmo os mais antigos governantes prestaram

obediência, ele me olhou com desprezo e me perguntou se o julgava um fraco. Percebi então que ele se irritara tanto não por se preocupar com o Duque morto, e sim com o que essa morte significaria para a realeza. Quando olho para trás, em direção a esse incidente, penso que pode ter havido alguma presciência da parte de meu pai também, já que é certo que sua linha de parentesco e a do Muad'Dib compartilhavam uma origem comum.

*— de Na Casa de Meu Pai,
escrito pela Princesa Irulan*

— Agora, Harkonnen matará Harkonnen — sussurrou Paul.

Acordara um pouco antes do cair da noite e sentara-se na tenda selada e às escuras. Ao falar ouviu o ruído fraco de

sua mãe se mexendo onde dormira, de encontro à parede oposta.

Paul observou o detetor de proximidade no piso, estudando-lhe os mostradores iluminados na escuridão por tubos fosforescentes.

— Será noite logo — disse sua mãe. — Por que não levanta as cortinas da tenda?

Paul percebia que a respiração de Jessica permanecera diferente durante algum tempo. Estivera silenciosa na escuridão, aguardando até se certificar de que ele estava acordado.

— Erguer as cortinas não vai ajudar em nada. Houve uma tempestade e a tenda está coberta pela areia. Vou escavar uma saída logo.

— Nenhum sinal de Duncan

ainda?

— Nenhum.

Paul esfregou, distraidamente, o anel com o sinete ducal em seu polegar, sentindo um ódio súbito contra a própria substância desse planeta que ajudara a matar seu pai, um ódio que o deixou trêmulo.

— Eu ouvi a tempestade começando — disse Jessica.

O vazio de suas palavras ajudou-o a restaurar um pouco a calma. Sua mente relembrou o começo da tempestade, visto através da extremidade transparente da tenda: frios glóbulos de areia cruzando a depressão rochosa, e depois rios e caudais de pó percorrendo o céu. Olhara para a agulha rochosa lá fora, vendo-a mudar de forma sob o impacto do vento,

tornando-se uma cunha baixa cor de madeira. A areia canalizada para dentro da depressão sombreara o céu com um tom escuro e depois bloqueara toda a luz ao cobrir a tenda.

O teto estalara uma única vez, enquanto ajustava-se à pressão; depois o silêncio, rompido apenas pelo fraco chiar de foles enquanto o snorkel de areia bombeava o ar da superfície.

— Tente o receptor novamente — pediu Jessica.

— Não adianta — respondeu ele.

Encontrou o tubo de água do traje-destilador, em seu grampo no pescoço, e sugou o líquido morno. Pensou que nesse ato encontrava-se o verdadeiro começo de sua existência em Arrakis, vivendo da umidade recuperada

de sua própria respiração e de seu corpo. Uma água sem sabor, insípida, mas que aliviou sua garganta.

Jessica ouviu Paul beber, sentiu a maciez de seu próprio traje-destilador grudando-se ao seu corpo, mas recusou-se a admitir a própria sede. Aceitá-la significaria despertar inteiramente para as terríveis exigências de Arrakis, onde era preciso aproveitar até mesmo traços de umidade, reunindo as poucas gotas nas bolsas de armazenagem da tenda, lamentando um suspiro desperdiçado.

Bem mais fácil refugiar-se novamente no sono.

No entanto houvera um sonho quando dormira durante o dia e a fazia estremecer só de relembrá-lo. Estendia suas mãos para deter a areia escorrendo e

proteger um nome escrito: Duque Leto Atreides. O nome estava sendo apagada pela areia e ela tentou reescrevê-lo, mas a primeira letra desaparecia antes que a última fosse delineada.

A areia não parava.

E o sonho se tornava um choro estridente, cada vez mais alto.

Um choro ridículo que percebia partir de si própria quando ainda era uma pequena criança, pouco mais que um bebê. Uma mulher, não inteiramente visível em sua memória, estava se afastando.

“Minha mãe desconhecida”, pensou. “A Bene Gesserit que me deu à luz e me entregou às Irmãs, porque assim lhe fora ordenado. Estaria ela feliz por se livrar de uma criança Harkonnen?”

— O lugar para golpeá-los é na especiaria — disse Paul subitamente.

“Como pode ele pensar em ataque numa ocasião dessas?”, perguntou ela a si mesma. — Um planeta inteiro, cheio de especiaria. Como pode atingi-los nessa parte?

Podia ouvi-la mexer-se, o som do embrulho sendo arrastado pelo piso.

“Tínhamos poder aéreo e naval, em Caladan. Aqui será o poder do deserto. Os Fremen são a chave.”

Sua voz vinha das proximidades do esfíncter da tenda. Com seu treino Bene Gesserit podia sentir naquela voz um tom de amargura voltado contra ela.

“Toda a sua vida ele foi treinado para odiar os Harkonnen. E agora ele descobre que é um Harkonnen... por

minha causa. E quão pouco ele me conhece! Eu era a única mulher do meu Duque, aceitei sua vida e seus valores, a ponto de desafiar minhas ordens Bene Gesserit.”

A iluminação da tenda foi acionada pela mão de Paul, enchendo o interior abobadado de radiação esverdeada. Paul agachou-se sob o esfínter, com o capuz de seu traje-destilador ajustado para o deserto. Testa coberta, filtro bucal no lugar, tampões de nariz ajustados. Apenas seus olhos escuros eram visíveis. A estreita faixa visível de seu rosto voltou-se apenas uma vez em direção a Jessica.

— Apronte-se para sair — disse ele, com a voz abafada pelo filtro, Jessica puxou o filtro sobre a boca e começou a ajustar o capuz enquanto Paul abria o

lacre da tenda.

A areia fez ruído quando ele abriu o esfíncter, e um crepitar de grãos percorreu o interior da tenda antes que ele pudesse imobilizá-los com a ferramenta de compactação estática. Um orifício cresceu na parede de areia enquanto a ferramenta realinhava os grãos.

Paul deslizou para fora e os ouvidos de Jessica acompanharam seu progresso pela superfície.

“O que ele irá encontrar lá fora?”, perguntou a si mesma. “Tropas Harkonnen e Sardaukar são perigos que podemos esperar. Mas e quanto aos perigos que desconhecemos?”

Pensou na ferramenta de compactação e nos outros instrumentos

estranhos dentro do embrulho. Cada um deles surgindo em sua mente como um indício de ameaças misteriosas.

Sentiu a brisa quente da superfície tocar sua face onde o filtro a deixava exposta.

— Passe-me o embrulho. — Era a voz de Paul, baixa e cautelosa.

Jessica moveu-se para obedecer ouvindo os litrojons de água gorgolejarem enquanto ela arrastava o pacote pelo piso. Olhou para cima vendo Paul emoldurado contra as estrelas.

— Aqui — disse ele, estendendo a mão e puxando o pacote para a superfície.

Agora ela podia ver o círculo de céu estrelado na extremidade do orifício. Pareciam-lhe as pontas luminosas de armas apontadas contra ela. Uma chuva

de meteoros cruzou aquele trecho de noite, parecendo-lhe um aviso, como as listras de um tigre, ou gotas luminosas coagulando-lhe o sangue. Sentia frio ao pensar no preço sobre suas cabeças.

— Depressa — pediu Paul. — Quero desinflar a tenda.

Uma chuva de areia da superfície roçou-lhe a mão esquerda.

“Quanta areia a mão pode segurar?”, pensou ela.

— Preciso puxá-la? — indagou ele.

— Não.

Ela engoliu com a garganta seca e escorregou pelo buraco, sentindo a areia estaticamente compactada raspar sob suas mãos. Paul segurou-lhe o braço e puxou-a para fora. Ela ficou de pé, ao lado dele, sobre um trecho uniforme de deserto

iluminado pelas estrelas, olhando ao redor. A areia enchera a depressão em que se encontravam quase até a borda, deixando apenas uma indistinta orla de rochas circundantes. Ela sondou a escuridão distante com seus sentidos treinados.

Ruído de pequenos animais.

Pássaros.

Uma queda de areia deslocada e sons fracos de uma criatura dentro dela.

Paul esvaziando a tenda e recuperando-a através do buraco.

A luz das estrelas apenas quebrava a escuridão; o suficiente para carregar cada sombra de ameaças. Jessica olhou para os trechos de absoluta escuridão.

“Negro é uma cega lembrança”, pensou ela. “Você ouviu os sons da

matilha, os ruídos daqueles que caçaram seus ancestrais num passado tão antigo que somente suas células mais primitivas podem recordar. Os ouvidos vêem, as narinas vêem.”

Daí a pouco Paul chegou junto dela dizendo:

— Duncan disse-me que, se fosse capturado, poderia agüentar por esse período de tempo. Devemos partir agora. — Colocou o embrulho nos ombros e atravessou a borda rasa da bacia rochosa, subindo para a saliência de onde podia ver melhor a vastidão do deserto.

Jessica acompanhou-o automaticamente, percebendo como vivia agora ao seu redor.

“Pois agora a minha dor é mais pesada que a areia dos mares”, pensou.

“Este mundo me esvaziou de tudo, exceto do ancestral propósito: a vida que deve me suceder. Vivo agora para o meu jovem Duque, e para a filha que ainda vai nascer.”

Sentia a areia dificultar seus passos, enquanto subia para junto de Paul.

Ele olhou para o norte, ao longo de uma linha de rochas e observou uma escarpa longínqua.

O distante perfil das rochas era como um antigo encouraçado dos mares recortando-se contra as estrelas. Sua longa extensão erguendo-se sobre uma onda invisível, como sílabas de antenas bumerangue, chaminés inclinando-se para trás, e uma superestrutura em forma de T elevando-se na popa.

Um clarão alaranjado surgiu

subitamente acima da silhueta, seguido por uma brilhante linha de púrpura cortando o espaço em direção ao brilho.

Outra linha de púrpura!

E outro brilho alaranjado lançando-se para o alto!

Era como uma antiga batalha naval, com canhoneio e fogo antiaéreo, e sua visão deixou-os absortos, observando.

— Pilares de fogo — sussurrou Paul.

Um anel de olhos vermelhos ergueu-se sobre as rochas distantes. Linhas vermelhas riscaram o céu.

— Escapamento de jatos e armas laser — disse Jessica.

A primeira lua de Arrakis, avermelhada pela poeira, erguia-se acima do horizonte à esquerda e eles

perceberam o sinal de uma tempestade naquela direção. Uma faixa movendo-se sobre o deserto.

— Devem ser “tópteros” dos Harkonnen nos caçando observou Paul. — Pelo modo como estão varrendo o deserto... é como se quisessem ter certeza de esmagar o que estiver por lá, como se esmaga um ninho de insetos.

— Ou um ninho de Atreides — respondeu Jessica.

— Devemos procurar abrigo — disse Paul. — Vamos para o sul mantendo-nos junto das rochas. Se nos apanharem em espaço aberto... — Ele voltou-se ajustando o pacote sobre os ombros. — Estão matando tudo o que se move.

Deu um longo passo sobre a

saliência rochosa e no mesmo instante ouviu o sussurrar de uma aeronave em vôo planado, vendo as formas negras dos ornitópteros acima deles.

Meu pai disse-me uma vez que o respeito à verdade se encontra muito próximo de ser a base de toda a moralidade. — Nada pode surgir do nada — disse ele. E isso é um pensamento profundo se você compreende quão instável “a verdade” pode ser.

— *de Conversas com o Muad'Dib,*
escrito pela Princesa Irulan

— Sempre me orgulhei de ver as coisas da forma como são realmente — disse Thufir Hawat. — Esta é a maldição de ser um Mentat. Não se pode parar de analisar dados.

O velho rosto coriáceo parecia tranqüilo na penumbra anterior à alvorada. Seus lábios tingidos de sapho formavam uma linha reta com vincos radiais que se estendiam para cima.

Um homem envolto em mantos agachava-se, silencioso, sobre a areia, diante de Hawat, aparentemente impassível.

Os dois encontravam-se abaixo de

uma projeção de rocha dominando uma depressão larga e rasa. A aurora começava a se espalhar sobre a linha acidentada das colinas do outro lado da bacia, pintando tudo de rosado. Estava frio debaixo da rocha; um frio seco e penetrante deixado pela noite. Houvera um vento morno bem antes da aurora mas agora estava frio, e Hawat podia ouvir dentes batendo atrás dele, entre os poucos soldados ainda restantes em sua força.

O homem agachado diante de Hawat era um Fremen. Ele viera através da depressão em forma de pia com a primeira luz da falsa aurora, deslizando sobre a areia, ocultando-se nas dunas, seus movimentos quase imperceptíveis.

O Fremen estendeu um dedo para a areia e desenhou uma figura. Parecia um

arco lançando uma flecha.

— Existem muitas patrulhas Harkonnen — disse, erguendo o dedo e apontando para as colinas de onde Hawat e seus homens haviam descido.

Hawat assentiu com a cabeça.

“Muitas patrulhas. Sim.”

Ainda assim ele não sabia o que esse Fremen desejava, e isso o irritava. Supõe-se que o treinamento de um Mentat dê a um homem poderes para perceber motivos.

Essa fora a pior noite da vida de Hawat. Ele estivera em Tsimpo, uma cidade onde ficava situada uma guarnição, um posto avançado para a antiga capital Carthag, quando os relatórios de ataque começaram a chegar. No princípio ele pensara: “É uma simples incursão; os

Harkonnen estão nos testando.”

Mas relatório seguira-se a relatório, cada vez mais rapidamente.

Duas legiões desembarcaram em Carthag. Cinco legiões — cinquenta brigadas! — atacando a base principal do Duque em Arrakeen.

Uma legião em Arsut.

Dois grupos de combate em Rocha Partida.

Depois os relatórios se tornaram mais detalhados. Havia Sardaukar imperiais entre os atacantes — possivelmente duas legiões. E tornou-se claro que os invasores conheciam precisamente a quantidade de efetivos que deviam utilizar e para onde deviam ser enviados. Exatamente! Um serviço de espionagem perfeito.

O choque e a fúria de Hawat haviam aumentado até ameaçar o perfeito desempenho de suas habilidades como Mentat, a dimensão do ataque golpeava sua mente como algo físico.

Agora, escondendo-se debaixo de um pedaço de rocha no deserto, ele assentia com a cabeça para si mesmo, tentando se embrulhar em sua túnica rasgada como que para se proteger das frias sombras.

“O tamanho do ataque.”

Ele sempre esperara que o inimigo pudesse alugar alguma nave pequena, da Corporação, para incursões de sondagem. Esse era um movimento típico nessa modalidade de guerra entre Casas. Naves ligeiras pousavam e decolavam regularmente em Arrakis para transportar

a especiaria da Casa dos Atreides, e Hawat tornara precauções contra ataques ocasionais de falsas naves de especiaria. No caso de um ataque total aguardavam não mais do que dez brigadas.

No entanto, havia mais de duas mil naves pousadas em Arrakis na última contagem. E não apenas naves ligeiras, mas fragatas, naves de reconhecimento, monitoras, transportes de tropas, esmagadoras, caixas de lançamento...

Com elas, mais de cem brigadas. Dez legiões!

Seria necessária toda a produção de especiaria de Arrakis durante cinqüenta anos para custear tamanho empreendimento.

Realmente seria.

“Nós subestimamos o que o Barão

estaria disposto a gastar num ataque contra nós”, pensou Hawat. “Eu falhei diante de meu Duque.”

Mas havia a questão do traidor.

“Viverei o suficiente para vê-la estrangulada! Devia ter morto aquela bruxa Bene Gesserit quando tive uma chance.” Não havia dúvida em sua mente quanto a quem os atraíçoaara: Lady Jessica.

Ela se encaixava em todos os fatos disponíveis.

— Seu tenente, Gurney Halleck, e parte de suas forças, estão seguros com os nossos amigos contrabandistas — disse o Fremen.

— Bom.

“Assim, Gurney conseguirá escapar deste planeta infernal. Não estamos completamente acabados ainda”,

pensou.

Hawat olhou para seus homens reunidos. Começara a noite com trezentos dos melhores. Destes, aproximadamente vinte ainda existiam, metade deles feridos. Alguns dormiam agora, recostados contra a rocha ou espalhados na areia embaixo. Seu último “tóptero”, aquele que estavam usando como máquina de efeito de solo,* para transportar os feridos, enguiçara um pouco antes do alvorecer.

** Uma máquina de efeito de solo é um veículo que se move sobre um colchão de ar, soprado para baixo por um sistema de hélices ou rotores. O popular bovercraft inglês tornou-se quase um sinônimo destas máquinas. (N. do T.)*

Eles o haviam cortado em pedaços com os lasers, esconderam as peças e então caminharam até esse esconderijo na borda de uma depressão.

Hawat tinha apenas uma idéia vaga de sua localização: uns duzentos quilômetros a sudeste de Arrakeen. Os principais caminhos entre as comunidades sietch da Muralha Escudo ficavam nalgum lugar ao sul.

O Fremen diante de Hawat puxou para trás seu capuz e o gorro do traje-destilador, revelando o cabelo e a barba dourados. O cabelo era penteado para trás da testa alta. Ele possuía aqueles inescrutáveis olhos de azul total, provocados pela dieta de especiaria.

A barba e o bigode estavam

manchados num dos lados da boca, seus pêlos emaranhados pela pressão do tubo de recolhimento que se desenrolava dos tampões no nariz.

O homem removeu esses tampões, reajustou-os, e coçou uma cicatriz junto do nariz.

— Se cruzarem a pia esta noite — disse ele —, não devem usar seus escudos. Existe uma passagem na muralha... — E o Fremen girou nos calcanhares apontando para o sul — ... Lá, depois é areia até o erg. Escudos atrairão um... — ele hesitou — ...verme. Eles não vêm freqüentemente aqui, mas um escudo atrairá um com certeza.

“Ele disse verme”, pensou Hawat. “Mas ia dizer alguma outra coisa. O quê? E o que deseja de nós?”

Hawat suspirou.

Não conseguia se lembrar de outra ocasião em que houvesse se sentido tão cansado. Era um esgotamento muscular que nem as pílulas de energia conseguiam aliviar.

Aqueles malditos Sardaukar!

Pensou com amargura nos fanáticos soldados, e na traição imperial que eles representavam. Sua própria avaliação Mentat sobre todos os dados revelava-lhe quão remota era a chance de apresentar a evidência dessa traição ante o Alto Conselho do Landsraad, onde a justiça poderia ser feita.

— Você deseja ir ao encontro dos contrabandistas? — indagou o Fremen.

— Isso é possível?

— O caminho é longo.

“Os Fremen não gostam de dizer não”, dissera-lhe Idaho.

Hawat disse:

— Não me disse, ainda, se seu povo pode ajudar os meus feridos.

— Eles estão feridos.

“A mesma maldita resposta todo o tempo!”, pensou.

— Nós sabemos que estão feridos!

— retrucou Hawat. — Isso não é o...

— Paz, amigo — advertiu o Fremen. — O que seus feridos dizem? Existe entre eles quem saiba quanto de água é necessário para o grupo?

— Nós não falamos a respeito de água. Nós...

— Posso entender sua relutância — disse o Fremen. — Eles são seus amigos, seus companheiros de tribo. Você

tem água?

— Não o suficiente.

O Fremen gesticulou, apontando para a túnica de Hawat com a pele exposta debaixo dela. — Vocês foram apanhados em sietch sem seus trajes. Deve tomar uma decisão quanto à água, amigo.

— Podemos contratar sua ajuda?

O Fremen deu de ombros.

— Vocês não possuem água. Ele olhou para o grupo atrás de Hawat. — De quantos de seus feridos pode dispor?

Hawat ficou em silêncio, olhando para o homem. Como Mentat, podia perceber que sua comunicação estava fora de fase. Palavrassons não se ligavam aqui da maneira normal.

— Eu sou Thufir Hawat — disse.

— E posso falar em nome de meu Duque. Ofereço um compromisso em troca de sua ajuda. Desejo uma ajuda limitada que consistirá em preservar minha força apenas o suficiente para matar uma traidora, que se julga fora do alcance de uma vingança.

— Deseja que fiquemos ao seu lado numa vendetta?

— Eu cuidarei da vendetta, pessoalmente. Apenas desejo me libertar da responsabilidade pelos meus feridos.

O Fremen franziu a testa.

— Como pode ser responsável por seus feridos? Eles são responsáveis por si mesmos. A água é a questão principal, Thufir Hawat. Gostaria que eu tomasse essa decisão em seu lugar?

O homem levou a mão à arma,

oculta sob o manto. Hawat ficou tenso, se perguntando: “Haverá traição aqui também?”

— O que teme? — perguntou o Fremen.

“Esta gente e sua desconcertante franqueza!” Hawat falou cautelosamente:

— Existe um preço por minha cabeça.

— Ahh — e o Fremen retirou a mão da arma. — Você pensa que nós temos a corrupção bizantina. Não nos conhece. Os Harkonnen não possuem água suficiente para comprar a menor de nossas crianças.

“Mas possuíam o preço de uma passagem na Corporação para mais de duas mil naves de combate”, pensou Hawat. E o tamanho desse preço ainda o

desconcertava.

— Nós combatemos os Harkonnen. Não devíamos compartilhar os problemas e os modos de enfrentar essa batalha?

— Estamos compartilhando — respondeu o Fremen. — Já o vi lutar contra os Harkonnen. Você é bom. Houve ocasiões em que eu teria apreciado tê-lo ao meu lado.

— Diga-me onde posso ajudá-lo — disse Hawat.

— Quem sabe? — disse o Fremen. — Existem forças Harkonnen por toda parte. Mas você ainda não tomou a decisão quanto à água, nem a colocou nas mãos de seus feridos.

“Devo ser cauteloso”, pensou Hawat. “Há algo aqui que não entendo.”

— Você me mostraria o seu modo, a maneira de Arrakis?

— Um jeito estranho de pensar — disse o Fremen, e havia um tom sarcástico em sua voz. Ele apontou para o noroeste, acima do topo das colinas. — Nós observamos quando vocês vieram através da areia na noite passada. — Abaixou o braço. — Vocês mantiveram sua força na face escorregadia das dunas. Isto é mau. Não têm trajes-destiladores, nem água. Não vão durar muito.

— As maneiras de Arrakis não são fáceis de aprender respondeu Hawat.

— É verdade. Mas matamos os Harkonnen.

— O que fazem com seus feridos?

— Será que um homem não percebe quando vale a pena ser salvo?

Seus feridos sabem que você não tem água — ele inclinou a cabeça, olhando de soslaio para Hawat. — Esta é, claramente, a ocasião para uma decisão quanto à água. Ambos, feridos e não feridos, devem pensar no futuro da tribo.

“O futuro da tribo. A tribo dos Atreides. Há sentido nisso.”

Forçou-se a formular a pergunta que estivera evitando.

— Tem notícias do meu Duque, ou de seu filho?

Os olhos azuis impenetráveis fitaram-no diretamente.

— Notícias?

— O destino deles! — retrucou Hawat impaciente.

— O destino é o mesmo para todos. Seu Duque, dizem, encontrou o

seu. Quanto ao Lisan al-Gaib, seu filho, isso encontra-se nas mãos de Liet. E Liet ainda não disse.

“Sei a resposta sem perguntar”, pensou Hawat.

Olhou para seus homens, eles estavam todos despertos agora.

Tinham ouvido e olhavam para a areia, com suas expressões revelando sua conscientização: para eles não haveria retorno a Caladan, e agora Arrakis estava perdido.

Hawat voltou-se para o Fremen.

— Teve notícias de Duncan Idaho?

— Ele estava na Grande Casa quando o escudo foi desligado.

Foi só isso que ouvi, nada mais.

“Ela baixou o escudo e deixou os

Harkonnen entrarem. Era eu que estava sentado com as costas para a porta”, pensou ele. “Como é que ela pôde fazer isso quando significava voltar-se igualmente contra o próprio filho? Mas... quem sabe como uma bruxa Bene Gesserit pensa... se é que se pode chamar aquilo de pensar?”

Ele tentou engolir com a garganta seca.

— Quando saberão a respeito do rapaz?

— Sabemos pouco do que acontece em Arrakeen. — O Fremen deu de ombros. — Quem sabe?

— Você tem meios de descobrir?

— Talvez. — O Fremen coçou a cicatriz junto do nariz. — Diga-me, Thufir Hawat, sabe a respeito das grandes

armas que os Harkonnen usaram?

“A artilharia”, pensou Hawat amargamente. “Quem iria supor que usariam artilharia neste tempo de escudos?”

— Refere-se à artilharia que usaram para prender nossa gente nas cavernas. Eu tive... um... conhecimento teórico sobre tais armas explosivas.

— Qualquer homem que se refugia numa caverna com apenas uma saída merece morrer — comentou o Fremen.

— Por que me pergunta a respeito dessas armas?

— Liet assim o deseja.

“É isso o que ele quer de nós?”, pensou Hawat. Depois disse: Vocês vieram aqui em busca de informação

sobre os canhões?

— Liet deseja ver uma dessas armas pessoalmente.

— Então vocês devem ir lá e pegar uma — zombou Hawat.

— Sim — respondeu o Fremen.
— Nós pegamos uma. Nós a ocultamos onde Stilgar pode estudá-la para Liet, e onde Liet poderá vê-la, por si mesmo, se assim o desejar. Mas duvido que ele deseje. A arma não é muito boa. Péssimo projeto para Arrakis.

— Vocês... pegaram uma!?

— Foi uma boa luta — continuou o Fremen. — Perdemos apenas dois homens e derramamos a água de mais de cem deles.

“Havia Sardaukar guarnecendo cada canhão”, pensou Hawat.

“Este louco do deserto fala tranqüilamente em perder apenas dois homens contra os Sardaukar!”

— Não teríamos perdido os dois se não fosse por aqueles outros, lutando ao lado dos Harkonnen — disse Fremen. — Alguns deles são excelentes lutadores.

Um dos soldados de Hawat aproximou-se mancando e olhou para o Fremen agachado.

— Está falando a respeito dos Sardaukar?

— Ele fala dos Sardaukar — disse Hawat.

— Sardaukar! — havia alegria na voz do Fremen. — Ah, então era isso que eles eram! Esta foi de fato uma boa noite. Sardaukar. Que legião? Você sabe?

— Não.

— Sardaukar — matutou o Fremen. — Mas no entanto eles usam roupas dos Harkonnen. Isso não é estranho?

— O Imperador não quer que saibam que ele lutou contra uma Grande Casa.

— Mas você sabe que eles eram Sardaukar.

— E quem sou eu? — perguntou Hawat amargamente.

— Você é Thufir Hawat. Bem, teríamos descoberto em tempo. Enviamos três deles aprisionados para serem interrogados pelos homens de Liet.

O auxiliar de Hawat falou lentamente, com descrença em sua voz:

— Vocês... capturaram Sardaukar?

— Apenas três deles — disse

Fremen. — Eles lutam muito bem.

Havia um lamento amargurado na mente de Hawat. “Se tivéssemos tido tempo para nos unir a esses Fremen... Se pudéssemos treiná-los e armá-los. Grande Mãe, que força de combate não teríamos possuído!”

— Talvez você esteja perdendo tempo em se preocupar com o Lisan al-Gaib — disse o Fremen. — Se ele for realmente o Lisan al-Gaib, então nenhum mal poderá atingi-lo. Não se preocupe com algo que ainda não foi provado.

— Eu sirvo o... Lisan al-Gaib — disse Hawat. — Seu bem-estar é minha única preocupação. Eu me consagrei pessoalmente a isso.

— Comprometeu-se também quanto à água dele?

Hawat olhou para o seu auxiliar, que ainda fitava o Fremen, depois voltou sua atenção para a figura agachada. — Quanto à sua água, sim.

— E deseja retornar a Arrakeen, ao lugar de sua água?

— Ao... Sim, ao lugar de sua água.

— Por que não disse logo que era uma questão de água? — O Fremen levantou-se, ajustando os tampões do nariz com firmeza.

Hawat gesticulou com a cabeça para que seu auxiliar voltasse para junto dos outros. O homem encolheu os ombros cansados e obedeceu. Hawat ouviu uma conversa em voz baixa surgir entre seus homens.

O Fremen disse. — Sempre existe em caminho para a água.

Atrás de Hawat um homem praguejou. O auxiliar de Hawat chamou:

— Thufir, Arkie acaba de morrer.

O Fremen colocou o punho junto da orelha.

— O compromisso da água! Isso é um sinal. — Olhou para Hawat. — Temos um lugar aqui perto para aceitar a água. Devo chamar meus homens?

O auxiliar retornou para junto de Hawat, dizendo:

— Thufir, um par de homens deixou suas esposas em Arrakeen. Eles... bem, você sabe como são as coisas numa ocasião dessas.

O Fremen ainda mantinha o punho junto da orelha.

— Será o compromisso da água, Thufir Hawat?

A mente de Hawat acelerava-se. Ele sentia agora o significado das palavras do Fremen, mas temia a reação dos homens cansados, quando compreendessem.

— O compromisso da água — confirmou ele.

— Que nossas tribos se unam — disse o Fremen, abaixando o punho.

Como se isso fosse um sinal, quatro homens deslizaram e pularam das rochas acima deles. Eles correram para debaixo da saliência de pedra, embrulharam o homem morto num manto, ergueram-no, e começaram a correr com ele ao longo da encosta da colina para a direita. Jatos de poeira erguiam-se em torno dos seus pés.

Estava terminado antes que os

homens de Hawat pudessem compreender. O grupo com o corpo, pendendo como num saco dentro do manto dobrado, desaparecera atrás da colina.

Um dos homens de Hawat gritou:

— Aonde é que eles vão com o Arkie? Ele era...

— Eles o estão levando para ser enterrado — respondeu Hawat.

— Os Fremen não enterram seus mortos! — retrucou o homem.

— Não tente nenhum truque conosco, Thufir. Sabemos o que eles fazem. Arkie era um dos...

— O Paraíso é uma certeza para o homem que morre a serviço do Lisan al-Gaib — disse o Fremen. — Se é ao Lisan al-Gaib que vocês servem, como

disseram, por que erguer vozes de lamentação? A memória de alguém que morreu desse modo permanecerá enquanto durar a memória do homem.

Todavia os homens de Hawat avançavam, olhares de ódio no rosto. Um deles capturara uma arma laser e começou a retirá-la do cinto.

— Parem onde estão! — gritou Hawat. Lutava contra a fadiga doentia que se apoderava de seus músculos. — Essas pessoas respeitam nossos mortos. Os costumes diferem, mas o significado é o mesmo.

— Eles vão despedaçar o Arkie para obter sua água — disse ríspido o homem com o laser.

— Isso significa que seus homens desejam assistir à cerimônia? — indagou

o Fremen.

“Ele nem mesmo percebe o problema”, pensou Hawat. A ingenuidade dos Fremen era assustadora.

— Eles estão preocupados com o respeito devido ao seu camarada — disse ele.

— Nós o trataremos com a mesma reverência com que tratamos um dos nossos — disse o Fremen. — Este é um compromisso de água e conhecemos os ritos. A carne de um homem lhe pertence; sua água pertence à tribo.

Hawat falou rapidamente enquanto o homem com a arma laser avançava outro passo.

— Vocês ajudarão agora os nossos feridos?

— Não se questiona um

compromisso — disse Fremen. — Faremos por vocês o que uma tribo faz por si própria. Mas, primeiro, devemos conseguir trajes para todos e cuidar do que precisam.

O homem com o laser hesitou.

O ajudante de Hawat disse:

— Está comprando ajuda para nós com a água de Arkie?

— Comprando, não — respondeu Hawat. — Estamos nos unindo a essa gente.

— Os costumes diferem — murmurou um dos homens.

Hawat começou a se descontrair.

— E eles irão nos ajudar a retornar a Arrakeen?

— Nós mataremos Harkonnen — disse o Fremen. Sorriu: — E Sardaukar.

— Ele retrocedeu alguns passos, colocou as mãos em concha sobre os ouvidos e inclinou a cabeça para trás, escutando. Daí a pouco baixou as mãos e disse:

— Uma aeronave se aproxima. Escondam-se debaixo da rocha e permaneçam imóveis.

A um gesto de Hawat, os homens obedeceram.

O Fremen pegou em Hawat e colocou-o junto dos outros, dizendo:

— Lutaremos quando for a hora. — Levou a mão debaixo do manto, tirando uma pequena caixa, de onde retirou um animal.

Hawat reconheceu um pequenino morcego. O morcego virou a cabeça e ele viu que os olhos eram de azul-dentro-de-azul.

O Fremen acariciou o morcego, confortando-o, sussurrando para ele. Depois inclinou-se sobre a cabeça do animal, permitindo que uma pequena gota de saliva caísse de sua língua para a boca erguida do morcego. O animal estendeu suas asas mas permaneceu pousado na mão do Fremen. O homem então pegou um pequenino tubo, colocou-o junto da cabeça do morcego e emitiu uma série de sons dentro do tubo. Depois ergueu o animal e lançou-o para o alto.

O morcego voou na direção da colina e logo desapareceu.

O Fremen dobrou a caixa, e guardou-a debaixo do manto. Novamente ele inclinou a cabeça, ouvindo.

— Eles buscam nas terras altas. É

de se perguntar o que eles procuram por lá.

— Sabem que nós viemos nesta direção — explicou Hawat.

— Não se deve presumir nunca que somos o único objetivo de uma caçada — disse o Fremen. — Observe do outro lado da bacia e verá uma coisa.

O tempo passou.

Alguns dos homens de Hawat se remexiam inquietos, cochichando.

— Permaneçam silenciosos como animais assustados — sussurrou o Fremen.

Hawat percebeu movimentos junto da elevação oposta. Manchas passageiras de bronze sobre bronze.

— Meu pequeno amigo transportou sua mensagem. Ele é um

ótimo mensageiro, de dia ou de noite. Eu ficaria muito infeliz se o perdesse.

O movimento do outro lado da depressão terminou. Por toda a extensão de quatro ou cinco quilômetros de areia nada aconteceu, exceto a pressão crescente do calor do dia e colunas irregulares de ar em ascensão.

— Fiquem bem silenciosos agora — sussurrou o Fremen.

Uma fila de indivíduos, caminhando com dificuldade, surgiu de uma fenda na encosta do outro lado, atravessando a “pia” na direção deles. Para Hawat eles pareciam Fremen, mas um grupo curiosamente inepto. Ele contou seis homens avançando vagarosamente sobre as dunas.

Um “tuok-tuok” de asas de

ornitóptero soou alto, à direita, por trás do grupo de Hawat. A aeronave surgiu sobre a muralha da elevação acima deles, um “tóptero” dos Atreides com as cores de guerra dos Harkonnen apressadamente pintadas por cima. Mergulhou na direção dos homens que cruzavam a depressão.

Eles pararam na crista de uma duna e acenaram.

O “tóptero” circulou uma vez acima deles, numa curva apertada, depois desceu para pousar envolto numa nuvem de pó, diante dos Fremen. Cinco homens saltaram da aeronave e Hawat percebeu o luzir de escudos repelindo a poeira e a dura competência dos Sardaukar, perceptível em seus movimentos.

— Aiihhh! Eles usam aqueles estúpidos escudos — exultou o Fremen

ao lado de Hawat, olhando para a abertura na muralha sul da “pia”.

— Eles são Sardaukar — sussurrou Hawat.

— Ótimo.

Os Sardaukar se aproximaram do grupo de Fremen, num meio círculo envolvente. O sol brilhava nas lâminas desembainhadas. Os Fremen permaneciam num grupo compacto, indiferentes.

Subitamente, jorraram Fremen da areia ao redor dos dois grupos. Num instante eles alcançaram o ornitóptero; depois entraram nele. Onde os dois grupos se haviam encontrado, na crista da duna, uma nuvem de pó obscurecia parcialmente os movimentos violentos.

Dentro em pouco, a poeira

abaixou, para revelar apenas Fremen ainda de pé...

— Eles deixaram apenas três homens dentro do “tóptero” explicou o Fremen do lado de Hawat. — Não creio que tenhamos danificado a aeronave ao tomá-la.

Atrás de Hawat um dos homens murmurou:

— Aqueles eram Sardaukar!

— Percebeu como lutavam bem?

— indagou o Fremen.

Hawat respirou fundo. Sentia o pó queimado ao seu redor, sentia o calor e a aridez. Numa voz que correspondia à secura ambiente ele respondeu:

— Sim, eles lutam bem, de fato.

O ornitóptero capturado decolou com um brusco bater de asas e virou para

o sul numa ascensão íngreme.

“Então esses Fremen podem pilotar ornitópteros”, pensou Hawat.

Na duna distante um Fremen acenou com um quadrado de tecido verde. Uma, duas vezes.

— Estão vindo mais! — disse bruscamente o Fremen ao lado de Hawat. — Estejam preparados. Eu esperava tirá-los daqui sem mais incômodos.

“Incômodos?” — admirou-se Hawat.

Ele viu mais dois “tópteros” mergulharem de grande altura, vindas do oeste em direção ao trecho de areia subitamente livre de qualquer Fremen visível. Somente oito manchas azuis, os corpos dos Sardaukar em uniformes Harkonnen, permaneciam no palco da

violência.

Outro “tóptero” deslizou por sobre a muralha rochosa, acima de Hawat. Ele respirou fundo ao vê-la. Era um grande transporte de tropas. Voava com as asas estendidas e em movimento lento, característico de carga completa, qual gigantesco pássaro chegando ao ninho.

Na distância, o feixe de uma arma laser, como um dedo purpúreo incandescente, saltou de um dos “tópteros” em mergulho, lancetando a areia e erguendo uma trilha de pó.

— Covardes! — murmurou o Fremen.

O transporte de tropas desceu sobre o trecho com os cadáveres de uniformes azuis. Suas asas abriam-se completamente para atuar como conchas

sobre o ar, freando a aeronave em uma parada rápida.

Súbito a atenção de Hawat foi atraída por um luzir de sol sobre metal, ao sul, e ele viu um “tóptero” mergulhando a plena força, suas asas dobradas colando-se aos lados, as chamas douradas dos jatos riscando o céu cinzento. Mergulhou como uma flecha caindo sobre o transporte de tropas que estava sem escudo devido à atividade com lasers ao seu redor. O “tóptero” atingiu o alvo em cheio.

Uma explosão flamejante sacudiu a depressão, rochas caíram das elevações ao redor. Um jorro de fogo vermelho-alaranjado projetou-se verticalmente no céu, marcando o ponto onde o transporte e seus “tópteros” de escolta haviam

estado. Tudo lá estava pegando fogo.

“Foi um Fremen que decolou naquele ‘tóptero’, capturado”, pensou Hawat. “Ele se sacrificou deliberadamente para pegar aquele transporte. Grande Mãe! Quem são esses Fremen?”

— Uma troca razoável — explicou o Fremen ao seu lado. — Devia haver trezentos homens naquele transporte. Agora devemos buscar sua água, e fazer planos para conseguir outra aeronave. — Começou a caminhar para fora do abrigo na rocha.

Uma chuva de uniformes azuis caiu da parede rochosa à sua frente, descendo com a lentidão provocada por suspensores gravitacionais. Naquele breve instante Hawat pôde ver que eram

Sardaukar, os rostos duros exibindo o frenesi da batalha. Estavam sem escudos e cada um carregava uma faca em uma das mãos e um atordoador na outra.

Uma faca atirada alcançou o Fremen companheiro de Hawat na garganta, lançando-o para trás, o rosto torcido para baixo.

Hawat apenas teve tempo de puxar de sua própria faca, antes que a escuridão provocada pelo impacto de um projétil atordoador o derrubasse.

O Muad'Dib podia de fato ver o futuro,

mas você deve compreender os limites de seu poder. Pense na visão. Você tem olhos mas não pode ver sem luz. Se estiver no fundo de um vale, não poderá enxergar além. Do mesmo modo o Muad'Dib nem sempre poderia escolher seu ponto de observação sobre o terreno misterioso. Ele nos conta que apenas uma decisão obscura a respeito de uma profecia, como por exemplo a escolha de uma palavra em detrimento de outra, poderia mudar inteiramente o aspecto do futuro. E nos adverte: "A virã de uma época é extensa, mas quando se passa através dela, o tempo se torna uma porta estreita" Ele sempre lutou contra a tentação de escolher o caminho mais claro e seguro, advertindo: "Esta trilha conduz sempre à estagnação."

*— do Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

Quando os ornitópteros deslizaram através do céu noturno acima deles, Paul segurou sua mãe pelo braço e advertiu:

— Não e mova!

Então notou a aeronave-líder iluminada pela luz do luar, percebendo o modo como suas asas se ajustavam para a frenagem, o indício do movimento de mãos descuidadas sobre os contratos.

— É Idaho — suspirou aliviado.

A aeronave e suas escoltas assentaram sobre uma depressão rochosa como um bando de pássaros chegando ao ninho. Antes que a poeira assentasse, Idaho já estava fora do “tóptero”, correndo ao encontro deles. Duas figuras em trajes Fremen o seguiram e Paul

reconheceu uma delas: o alto de barba dourada era Kynes.

— Por aqui! — gritou Kynes, e caminhou para a esquerda.

Atrás dele os outros Fremen lançavam coberturas de pano sobre seus ornitópteros, até que as aeronaves se tornassem uma fileira de dunas baixas.

Idaho parou diante de Paul fazendo uma saudação.

— Meu senhor, os Fremen possuem um esconderijo temporário aqui perto, onde nós...

— O que é aquilo, lá atrás?

Paul apontou para o incêndio acima dos penhascos distantes.

— Os escapamentos dos jatos e os fochos purpúreos das armas laser atingindo o deserto.

Um raro sorriso tocou o rosto redondo e plácido de Idaho.

— Meu senhor, nós lhes deixamos uma pequena sur...

Uma luz branca e cegante derramou-se sobre o deserto. Brilhante como o sol, recortando sombras negras diante de cada rocha. Num movimento rápido, Idaho pegou no braço de Paul com uma das mãos, no ombro de Jessica com a outra, derrubando-os de cima da saliência de rocha para o fundo da “bacia”. Eles deitaram juntos na areia enquanto o rugido da explosão ribombava no céu acima. A onda de choque arrancou lascas de rocha da saliência onde haviam estado.

Idaho sentou-se, limpando a areia da roupa.

— Os atômicos da família! — exclamou Jessica. — Pensei...

— Você plantou um escudo por lá — disse Paul.

— Um bem grande — explicou Idaho. — Ligado a plena força. Um feixe laser o atingiu e... — encolheu os ombros.

— Fusão sub-atômica — disse Jessica. — Isso é uma arma perigosa.

— Arma não, minha senhora, defesa. Aquela ralé pensará duas vezes antes de usar armas laser da próxima vez.

Os Fremen dos ornitópteros surgiram acima deles. Um chamou em voz baixa:

— Nós devemos buscar abrigo, amigos.

Paul levantou-se, enquanto Idaho dava a mão a Jessica.

— Aquela explosão vai atrair uma atenção considerável, senhor — disse Idaho.

“Senhor”, pensou Paul.

A palavra possuía uma conotação estranha ao lhe ser dirigida.

Senhor havia sido um tratamento reservado, geralmente, a seu pai.

Sentiu-se tocado momentaneamente pelos poderes de presciência que adquirira, achando-se contaminado por aquela selvagem consciência racial que conduzia o universo humano em direção ao caos.

A visão o deixou abalado e permitiu que Idaho o conduzisse ao longo da borda da bacia até uma projeção rochosa. Os Fremen estavam abrindo um caminho para baixo, areia adentro, com

suas ferramentas de compactação.

— Posso levar o seu embrulho, senhor? — indagou Idaho.

— Não é pesado, Duncan — respondeu Paul.

— Está sem o seu escudo corporal. Quer usar o meu? — e olhou para a escarpa distante. — Não é provável que haja mais atividade de lasers por aqui.

— Fique com seu escudo, Duncan. Seu braço direito já é escudo suficiente para mim.

Jessica viu como o elogio surtia efeito, como Idaho se movia para mais perto de Paul. “Meu filho sabe como tratar sua gente”, pensou.

Os Fremen removeram um tampão de rocha que abria uma passagem para baixo, através de um complexo

subterrâneo natural, no fundo do deserto. Uma cobertura camuflada abriu-se para eles.

— Por aqui — disse um dos Fremen, e tomou a frente, descendo para a escuridão pelos degraus esculpidos na rocha.

Atrás deles a tampa bloqueou a luz do luar. Um fraco brilho esverdeado acendeu-se adiante, revelando degraus e paredes rochosas. Havia uma curva para a esquerda e Fremen envoltos em mantos os rodeavam por toda parte. Dobraram a curva do túnel e encontraram outra passagem descendente que se abria para uma rústica câmara de caverna.

Kynes estava diante deles agora, seu capuz lançado para trás, o pescoço coberto pelo traje-destilador brilhando na

luz verde. A barba e o longo cabelo encontravam-se despenteados. Os olhos azuis sem branco pareciam escuros sob as espessas sobrancelhas.

No instante daquele encontro Kynes pensou: “Por que estou ajudando essa gente? É a coisa mais perigosa que já fiz. Posso me condenar junto com eles.”

E então olhou diretamente para Paul, vendo o menino que se tornara homem ocultando a mágoa, suprimindo tudo, exceto a posição que agora devia assumir: o ducado. E Kynes percebeu naquele momento que o ducado ainda existia unicamente por causa desse jovem e isso não era algo para ser considerado levemente.

Jessica olhou uma vez ao redor da câmara, registrando-a com seus sentidos

Bene Gesserit: um laboratório civil, um lugar cheio de ângulos e quadrados, à maneira antiga.

— Esta era uma das Estações de Testes Ecológicos Imperiais que meu pai queria como bases avançadas — disse Paul.

“Seu pai queria!”, notou Kynes, e novamente perguntou a si próprio: “Serei tão tolo a ponto de ajudar essa gente? Por que faço isso? Seria tão mais fácil apanhá-los agora e comprar a confiança dos Harkonnen com eles.”

Paul seguia o exemplo de sua mãe, registrando a sala, vendo o balcão de trabalho estendendo-se num lado, as paredes de rocha lisa. Instrumentos alinhando-se ao longo do balcão: mostradores brilhando, planos de tela

metálica de onde se erguiam vidros acanelados, um cheiro de ozônio por toda parte.

Alguns dos Fremen moveram-se para um canto oculto da câmara e novos sons começaram lá. O “tossir” da maquinaria, o zumbido de correias girando e multi-impulsores.

Paul olhou para a extremidade da sala vendo gaiolas com pequenos animais empilhadas contra a parede.

— Reconheceu este lugar corretamente — disse Kynes. Para que o utilizaria, Paul Atreides?

— Para transformar este planeta num lugar adequado aos seres humanos.

“Talvez seja por isso que eu os ajudo”, pensou Kynes.

Os sons da máquina cessaram

subitamente. Preenchendo o silêncio ouviu-se um agudo guinchar de animal vindo de uma das gaiolas. Foi interrompido subitamente.

Paul voltou sua atenção para as gaiolas, percebendo que os animais eram morcegos de asas marrons. Um alimentador automático estendia-se diante das gaiolas.

Um Fremen saiu da área oculta da câmara e falou com Kynes: Liet, o equipamento gerador de campo não está funcionando. Sinto-me incapaz de ocultar-nos aos detetores de proximidade.

— Pode consertá-lo?

— Não rapidamente. As peças... —

O homem encolheu os ombros.

— Sim — concordou Kynes. —

Então nos arranjarremos sem as máquinas.

Consiga uma bomba manual para trazer-nos ar da superfície.

— Imediatamente!

O homem saiu apressado.

Kynes voltou-se para Paul.

— Você deu uma boa resposta.

Jessica percebeu o som tranquilo da voz do homem. Era uma voz real, acostumada a comandar. E ela não deixara de notar a referência feita a ele como Liet. Liet era seu alterego Fremen, a outra face do pacífico planetólogo.

— Estamos muito gratos por sua ajuda, Dr. Kynes — disse ela.

— Hum, veremos — respondeu ele, e acenou para um de seus homens: — Café com especiaria em meus alojamentos, Shamir.

— Imediatamente, Liet.

Kynes indicou uma passagem abobadada na parede lateral.

— Por aqui, por favor.

Jessica se permitiu um aceno altivo antes de aceitar. Viu Paul fazer um gesto para Idaho, avisando-o para montar guarda na porta.

A passagem, com dois passos de largura, abria-se numa pesada porta para dentro de um escritório quadrangular, iluminado por globos luminosos dourados. Jessica passou a mão pela porta ao entrar e surpreendeu-se ao identificar o material: plasteel.

Paul caminhou três passos para dentro da sala e colocou seu embrulho no chão. Ouviu a porta fechar-se às suas costas e estudou o lugar: aproximadamente oito metros de lado,

paredes de rocha natural avermelhadas, interrompidas apenas por arquivos de metal à direita. Uma mesa baixa com um tampo de vidro leitoso cheio de bolhas amarelas ocupava o centro da sala. Quatro cadeiras suspensoras envolviam a mesa.

Kynes passou por Paul e puxou uma cadeira para Jessica. Ela se sentou notando o modo como seu filho examinava a sala.

Paul permaneceu de pé por um instante. Uma fraca anormalidade nas correntes de ar mostrou-lhe que havia uma saída secreta à direita, por trás dos arquivos.

— Sente-se, Paul Atreides — pediu Kynes.

“Quão cuidadosamente ele evita o

meu título”, pensou Paul.

Mas aceitou a cadeira, permanecendo silencioso enquanto Kynes se sentava.

— Você percebe que Arrakis poderia ser um paraíso, mas no entanto, como bem pode ver, o Império manda para cá apenas seus capangas treinados, seus caçadores de especiaria!

Paul ergueu o polegar com o anel ducal.

— Vê este anel?

— Sim.

— Conhece o seu significado?

Jessica voltou-se, abruptamente, para fitar seu filho.

— Seu pai está morto nas ruínas de Arrakeen — disse Kynes. — Tecnicamente, você é o Duque.

— Sou um soldado do Império.
Tecnicamente, um capanga treinado.

O rosto de Kynes tornou-se grave.

— Mesmo com os Sardaukar do Imperador de pé sobre o cadáver de seu pai?

— Os Sardaukar são uma coisa, a fonte legal de minha autoridade é outra.

— Arrakis tem a sua própria maneira de determinar quem usa o manto da autoridade — disse Kynes.

Jessica olhou para Kynes, pensando: “Existe uma rigidez de aço neste homem, da qual ninguém tirou ainda a têmpera... E nós precisamos dele. Paul está fazendo algo muito arriscado.”

— Os Sardaukar em Arrakis são uma medida do quanto nosso amado Imperador temia meu pai — disse Paul.

— Agora darei ao Imperador Padishah razões para temer o...

— Garoto. Há coisas que você não...

— Deve se dirigir a mim como “Sir”, ou “Meu Senhor”.

“Calina”, pensou Jessica.

Kynes olhava para Paul, e ela percebia o brilho de admiração nos olhos do planetólogo, o toque do humor em seu rosto.

— Sir — disse ele.

— Eu sou um embaraço para o Imperador — continuou Paul. — Sou um embaraço para todos aqueles que desejam dividir Arrakis como seu espólio. Enquanto eu viver, continuarei a ser tamanho embaraço que permaneceréi preso em suas gargantas, sufocando-os até

a morte!

— Palavras — disse Kynes.

Paul olhou fixamente para Kynes, deixou passar um momento e disse:

— Vocês possuem uma lenda do Lisan al-Gaib aqui, a Voz do Mundo Exterior, aquele que conduzirá os Fremen ao paraíso. Seus homens possuem...

— Superstição! — respondeu Kynes.

— Talvez, e no entanto talvez não. Superstições, algumas vezes, possuem raízes estranhas e ramificações curiosas.

— Você tem um plano. Isso é bem óbvio... Sir!

— Poderiam os seus Fremen me fornecer uma prova positiva de que os Sardaukar se encontram neste planeta,

usando uniformes Harkonnen?

— É bem provável.

— O Imperador colocará um Harkonnen novamente no poder por aqui — disse Paul. — Talvez até mesmo Rabban, a Besta. Deixe-o. Uma vez que ele esteja envolvido além da possibilidade de fugir à sua culpa, faremos com que o Imperador enfrente a possibilidade de uma denúncia ante o Landsraad. Deixe que ele responda lá...

— Paul! — exclamou Jessica.

— Isso se o Alto Conselho de Landsraad aceitar seu caso observou Kynes. — E isso teria apenas uma conseqüência: guerra generalizada entre o Império e as Grandes Casas.

— Caos — disse Jessica.

— Mas apresentarei o meu caso ao

Imperador, e lhe darei uma alternativa para o caos.

Jessica falou num tom duro:

— Chantagem?

— Um dos instrumentos da política, como você mesma disse uma vez.

Jessica notou a amargura em sua voz; ele continuou:

— E o Imperador não tem filhos, apenas filhas.

— Está cobiçando o trono? — indagou ela.

— O Imperador não se arriscará a ter o Império destroçado por uma guerra total. Planetas destruídos, desordem por toda parte. Ele não se arriscará.

— É uma jogada desesperada o que propõe — disse Kynes.

— O que as Grandes Casas mais

temem? — perguntou Paul.

— Elas temem o que está acontecendo aqui, agora mesmo. Os Sardaukar apanhando-as uma por uma. É por isso que existe uma Landsraad. Ela é o fixador da Grande Convenção. Apenas unidas elas podem igualar-se às forças imperiais.

— Mas elas são...

— Isso é o que temem — insistiu Paul. — Arrakis se tornaria um grito de reunião. Cada um deles se veria no lugar do meu pai: separado do rebanho e assassinado.

Kynes perguntou a Jessica.

— Este plano funcionaria?

— Eu não sou Mentat — respondeu ela.

— Mas é uma Bene Gesserit.

Jessica lançou-lhe um olhar indagador e disse:

— O plano dele tem pontos bons e maus... como qualquer plano teria, nesse estágio. Todo plano depende tanto de sua execução quanto de seus conceitos.

— “A Lei é a ciência final” — citou Paul. — Assim está escrito, acima da porta do gabinete do Imperador. Pretendo mostrar-lhe a lei.

— Não tenho certeza se poderei confiar na pessoa que concebe esse plano — disse Kynes. — Arrakis tem o seu próprio plano, que nós...

— Do trono, eu poderia transformar Arrakis num paraíso, apenas com um aceno de mão — respondeu Paul. — Este é o pagamento que ofereço em troca de seu apoio.

Kynes empertigou-se:

— Minha lealdade não se encontra à venda, senhor.

Paul olhou para ele por sobre a mesa, encontrando o brilho frio daquele azul-dentro-de-azul, estudando o rosto barbado, a aparência dominadora. Um duro sorriso tocou seus lábios e Paul disse:

— Bem falado, peço desculpas.

Kynes respondeu ao seu olhar e daí a pouco disse:

— Nenhum Harkonnen jamais admitiu um erro. Talvez os Atreides não sejam como eles.

— Pode ser uma falha na educação deles — disse Paul. — Você diz que não está à venda, mas acredito que tenho uma moeda que irá aceitar. Por sua lealdade,

ofereço-lhe a minha lealdade... total.

“Meu filho tem a sinceridade dos Atreides”, pensou Jessica.

“Ele possui aquela honra tremenda, quase ingênua, e que poderosa força ela é realmente.”

Percebeu que as palavras de Paul haviam abalado Kynes.

— Isso é tolice — disse Kynes. — Você é apenas um menino e...

— Eu sou o Duque — respondeu Paul. — E sou um Atreides. Nenhum Atreides jamais faltou a esse compromisso.

Kynes engoliu em seco.

— Quando digo totalmente — continuou Paul —, quero dizer sem reservas. Eu daria minha vida por você.

— Senhor! — exclamou Kynes, e

Jessica percebeu que a palavra lhe escapara inconscientemente. Ele não estava mais falando a um rapazinho de quinze anos, e sim a um homem, a um superior. Agora Kynes usava o tratamento com sinceridade.

“Neste momento ele daria a vida por Paul”, pensou ela. “Como os Atreides conseguem isso tão facilmente, tão rápido?”

— Sei que fala sinceramente — disse Kynes. — Entretanto os Harkon...

A porta atrás de Paul abriu-se subitamente. Ele girou e viu uma cena violenta: gritos, o choque de aço contra aço, imagens de rostos, como reproduções de cera, em expressões de fúria.

Com sua mãe ao lado, Paul saltou

para a porta, vendo Idaho bloqueando a passagem, seus olhos injetados de sangue, visíveis através do luzir do escudo, mãos em garras atrás dele, arcos de aço golpeando inutilmente. Uma labareda alaranjada brilhou no instante em que um atordoador foi repelido pelo escudo. As lâminas de Idaho passavam por tudo aquilo, relampejando, sangue gotejando delas.

Kynes estava ao lado de Paul, e juntos eles lançaram todo o peso contra a porta.

Paul ainda teve uma última visão de Idaho: de pé, contra um enxame de uniformes Harkonnen, seus movimentos controlados, o cabelo negro com o vermelho da morte espalhando-se; e então a porta foi fechada ruidosamente quando

Kynes acionou os ferrolhos.

— Parece que me decidi — disse ele.

— Alguém detectou suas máquinas antes que fossem desligadas — observou Paul. Ele puxou sua mãe para longe da porta, notando o desespero nos olhos dela.

— Eu devia ter esperado problemas quando o café não chegou disse Kynes.

— Há uma saída de emergência para fora daqui. Devemos usá-la? — perguntou Paul.

Kynes respirou fundo antes de responder.

— Esta porta deve agüentar durante vinte minutos, no mínimo, a menos que usem uma arma laser.

— Eles não vão usar lasers, temendo que tenhamos escudos deste lado.

— Aqueles eram Sardaukar em uniformes Harkonnen sussurrou Jessica.

Podiam ouvir pancadas na porta, agora. Golpes repetidos.

Kynes apontou para os arquivos contra a parede, do lado direito, e disse:

— Venham por aqui.

Abriu uma gaveta no primeiro arquivo, manipulando uma alavanca dentro dela. Todo o conjunto de arquivos girou, revelando a boca negra de um túnel.

— Esta porta também é de plasteel — explicou ele.

— Vocês estavam bem preparados — notou Jessica.

— Vivemos sob o domínio dos Harkonnen durante oitenta anos — foi a resposta de Kynes. Ele os conduziu escuridão adentro e fechou a porta.

No súbito negrume Jessica viu uma seta luminosa no piso à sua frente.

A voz de Kynes soou atrás deles:

— Aqui nós nos separamos. Esta parede é resistente. Agüentará uma hora no mínimo. Sigam as setas como esta no piso, elas se apagarão ao passarem. Conduzem através de um labirinto a uma outra saída onde escondi um “tóptero”. Há uma tempestade sobre o deserto esta noite. Sua única esperança é fugir para essa tempestade, mergulhar nela e correr com ela. Minha gente já fez isso ao roubar “tópteros”. Se mantiver uma altitude elevada dentro da tempestade você

sobreviverá.

— E você? — indagou Paul.

— Tentarei escapar de outro modo. Se for capturado... bem, ainda sou o Planetólogo Imperial. Sempre posso dizer que era seu prisioneiro.

“Correndo como covardes”, pensou Paul. “Mas de que outro modo posso viver para vingar meu pai?”

Voltou-se para olhar a porta, Jessica percebeu o movimento e disse:

— Duncan está morto, Paul. Você viu o ferimento. Não pode fazer nada por ele.

— Cobrarei caro por todos eles, um dia.

— Não, a menos que corra agora — disse Kynes.

Paul sentiu a mão do homem sobre

seu ombro.

— Onde nos encontraremos, Kynes?

— Enviarei Fremen em busca de vocês. A trilha da tempestade é conhecida. Depressa agora, e que a Grande Mãe lhes dê velocidade e sorte.

Eles o ouviram partir, correndo na escuridão.

Jessica encontrou a mão de Paul e o puxou gentilmente.

— Não devemos nos separar.

— Sim — concordou ele.

E seguiu-a por cima da primeira seta, vendo-a enegrecer assim que a tocaram. Outra flecha apontava adiante. Passaram por ela vendo-a extinguir-se igualmente, vendo outra mais à frente.

Estavam correndo agora.

“Planos, dentro de planos, dentro de planos”, pensava Jessica.

“Teremos nos tornado parte do plano de alguém, agora?”

As flechas indicaram o caminho ao longo de curvas, passando por aberturas fracamente percebidas na débil luminescência. O caminho inclinou-se para baixo uma vez, depois para cima, sempre para cima. Chegaram finalmente a um lance de degraus, viraram outra curva e pararam diante de uma parede brilhante, com uma maçaneta visível em seu centro. Paul pressionou a maçaneta e a parede girou, afastando-se dele.

Luzes se acenderam para revelar uma caverna talhada na rocha com um ornitóptero agachado em seu centro. Uma parede lisa e cinzenta, com um sinal de

porta, erguia-se além da aeronave.

— Para onde foi Kynes? —
indagou Jessica.

— Ele fez o que qualquer bom líder de guerrilhas teria feito: separou-nos em dois grupos e providenciou para que não pudesse revelar onde estamos, se for capturado. Ele não saberá, realmente.

Paul puxou sua mãe para dentro da câmara, notando como seus pés levantavam a poeira sobre o solo.

— Ninguém esteve aqui durante um bom tempo — disse.

— Ele parecia confiante de que os Fremen nos encontrarão observou Jessica.

— Participo dessa confiança.

Paul soltou a mão dela, caminhou para a porta esquerda do ornitóptero, abriu-a e colocou seu embrulho na parte

traseira.

— Esta aeronave tem refletores de proximidade. O painel de instrumentos tem controle remoto para a porta, controle de luz. Oitenta anos sob o jugo dos Harkonnen ensinaram-lhes a ser meticolosos.

Jessica apoiou-se de encontro ao lado oposto da aeronave, recuperando o fôlego.

— Os Harkonnen terão uma força cobrindo esta área — disse ela. — Eles não são estúpidos. — Parou, considerando seu sentido direcional, depois apontou para a direita. — A tempestade que vimos ficava naquela direção.

Paul acenou, lutando contra uma abrupta relutância em pôr-se em

movimento. Conhecia sua causa mas não encontrava apoio nesse conhecimento. Em algum momento dessa noite ele havia ultrapassado um ponto de decisão, penetrando num profundo desconhecido. Conhecia a área temporal a circundá-lo, mas o aqui e agora existia como um lugar misterioso. Era como se houvesse presenciado sua própria pessoa, vista de uma grande distância, desaparecer num vale. Das incontáveis trilhas que saíam do vale algumas poderiam trazer Paul Atreides de volta ao campo visual, mas muitas não.

— Quanto mais esperarmos, melhor preparados eles estarão disse Jessica.

— Entre e prenda seus cintos — disse ele.

Juntou-se a ela no ornitóptero, ainda lutando com a idéia de que esse era um terreno cego, fora do alcance de sua visão presciente. E percebeu num súbito choque que estivera confiando cada vez mais em sua memória presciente e isso o enfraquecera para enfrentar essa emergência em particular.

“Se confiar apenas em seus olhos, seus outros sentidos se enfraquecerão”, dizia uma máxima Bene Gesserit. Lembrou-se dela naquele momento, prometendo a si mesmo nunca mais cair nessa armadilha... se escapasse vivo dessa situação.

Prendeu seus cintos de segurança, verificou que sua mãe estava bem segura e checkou a condição da aeronave. As asas estavam estendidas na posição de

repouso, com suas delicadas folhas de metal intercaladas. Ele tocou a barra retratora e observou as asas se encurtarem na posição adequada para uma decolagem impulsionada a jato, do modo como Gurney Halleck lhe ensinara. O interruptor de partida moveu-se com facilidade. Mostradores no painel de instrumentos ganharam vida enquanto os casulos dos jatos eram armados. As turbinas começaram a assoviar.

— Pronta? — indagou ele.

— Sim.

Tocou o controle remoto para as luzes e a escuridão os encobriu.

Sua mão era uma sombra contra os mostradores luminosos enquanto acionava o controle remoto da porta. Sons de rangidos ecoaram adiante.

Ouviu-se ao longe um cascatear de areia que não tardou a desaparecer. Uma brisa poeirenta tocou as faces de Paul fazendo-o fechar a porta, sentindo a súbita pressão.

Uma larga extensão de estrelas toldadas pelo pó e emolduradas por uma escuridão recortada em ângulos surgiu, então, onde antes existira a parede-porta. A luz estelar definia uma saliência adiante, com um indício de ondulações de areia.

Paul pressionou o interruptor do seqüenciador de ações em seu painel. As asas bateram para cima e para baixo, lançando o “tóptero” para fora de seu ninho. A força aumentou subitamente nos casulos dos jatos enquanto as asas se imobilizavam em atitude ascensional.

Jessica colocou suas mãos de leve sobre os controles duplos, sentindo a segurança dos movimentos do filho. Sentia-se assustada e ao mesmo tempo excitada. “Agora o treinamento de Paul é a nossa única esperança. Sua juventude e sua ligeireza.”

Paul liberou mais força para os jatos, o “tóptero” inclinou-se, a aceleração mergulhando-os nos assentos enquanto uma muralha negra erguia-se sobre as estrelas adiante. Ele deu mais asa e mais força à aeronave. Outra seqüência de batidas de asa e eles passaram acima das rochas, vendo suas arestas congeladas de prata, seus afloramentos sob a luz das estrelas. Uma segunda lua, avermelhada pelo pó, mostrava-se acima do horizonte à direita, definindo a trilha da tempestade.

As mãos de Paul moviam-se rapidamente sobre os controles.

As asas reduziram-se aos tocos de um besouro, forças “G” puxaram-lhes a carne enquanto a aeronave virava numa curva fechada.

— Chamas de jatos atrás de nós!
— disse Jessica.

— Posso vê-los.

Empurrou a alavanca de força para a frente. O “tóptero” saltou como um animal assustado, lançando-se para o sul em direção à tormenta e à grande curva do deserto. Mais próximo, Paul via sombras dispersas indicando-lhe onde a linha de rochas terminava e o leito de pedra afundava-se debaixo das dunas. Para além, estendiam-se as sombras em forma de foice, à luz do luar, dunas

estendendo-se uma após outra. E acima do horizonte erguia-se a imensidão plana da tempestade, como uma muralha de encontro às estrelas.

Alguma coisa fez o “tóptero” balançar.

— Explosão de obus! — exclamou Jessica. — Estão usando algum tipo de arma lançadora de projéteis.

Viu um súbito sorriso animal no rosto de Paul. — Eles estão evitando usar armas laser.

— Mas não temos escudos!

— Será que eles sabem disso?

Novamente o “tóptero” estremeceu.

Paul inclinou-se para olhar para trás.

— Apenas um deles parece ser

suficientemente rápido para nos acompanhar.

Voltou sua atenção ao curso, observando como a muralha da tempestade elevava-se diante deles. Parecia sólida.

— Lançadores de projéteis, foguetes, todo o armamento antigo. Eis uma coisa que forneceremos aos Fremen — sussurrou Paul.

— A tempestade. Não é melhor voltarmos? — indagou Jessica.

— E quanto àquela nave atrás de nós?

— Está ganhando vantagem.

— Agora!

Encurtou as asas novamente e fez uma curva abrupta para a esquerda, em direção à muralha da tormenta que

parecia borbulhar de um modo enganosamente lento. Sentiu as maçãs do rosto sendo puxadas pela força “G”.

Pareciam deslizar para dentro de um lento obscurecer de pó que se tornou cada vez mais escuro até bloquear totalmente a visão do deserto e da lua. A aeronave tornou-se um penacho horizontal na escuridão, iluminada apenas pela luminosidade verde do painel de instrumentos.

Através da mente de Jessica passavam todas as advertências a respeito dessas tempestades: que elas cortavam metal como manteiga, arrancavam a carne dos ossos e dissolviam os ossos. Sentia o golpear dos ventos cobertos de pó, que sacudiam a aeronave enquanto Paul lutava nos controles. Viu quando ele

reduziu a força e sentiu o “tóptero” pular. O metal à sua volta assoviava e estremecia.

— Areia! — gritou ela.

Viu a cabeça de Paul sacudir uma negativa, à luz do painel.

— Não há muita areia nesta altitude.

E no entanto ela podia sentir que mergulhavam cada vez mais profundamente no redemoinho.

Paul ajustou as asas em sua máxima envergadura para ascensão, ouviu-as estalar com a tensão. Mantinha os olhos fixos no painel de instrumentos, planando por instinto, lutando por ganhar altura.

O som de sua passagem diminuiu. O “tóptero” começou a girar para a

esquerda. Paul focalizou sua atenção no globo brilhante dentro da curva de atitude de vôo, esforçando-se para nivelar a aeronave.

Jessica tinha a estranha impressão de que eles estavam imóveis e de que todo o movimento era externo. Um vago fluir de bronze contra as janelas, um rumor que a lembrava das forças à sua volta.

“Ventos de setecentos e oitocentos quilômetros horários”, pensou ela. Uma vertigem de adrenalina minava sua resistência. “Não devo ter medo”, disse para si mesma, pronunciando as palavras da ladainha Bene Gesserit: “O medo é o assassino da mente.”

Lentamente seus longos anos de treinamento prevaleceram, fazendo a

calma retornar.

— Nós temos o tigre pela cauda — sussurrou Paul. Não podemos descer, nem pousar... e não creio que possamos nos elevar acima disto. Teremos que voar com ela até passar.

A calma se esvaiu completamente e Jessica sentiu seus dentes baterem. Mordeu com força para pressioná-los. Então ouviu a própria voz de Paul, baixa e controlada, recitando a mesma ladainha.

“— O medo é o assassino da mente. O medo é a morte pequena que traz a obliteração. Enfrentarei meu medo. Não permitirei que ele passe sobre mim ou através de mim. E quando ele se for voltarei minha visão interior para fitar sua trilha. Por onde o medo passou nada restou. Apenas eu permaneço.”

O que você despreza? Através disso será verdadeiramente conhecido.

*— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

— Eles estão mortos, Barão — dizia Iakin Nefud, o capitão da guarda. — Ambos, a mulher e o menino, estão mortos com certeza.

O Barão Vladimir Harkonnen encontrava-se apoiado nos suspensores de dormir em seus alojamentos particulares. Além desses alojamentos, envolvendo-o como um ovo de múltiplas cascas, estendia-se a fragata espacial que ele pousara em Arrakis. Aqui, todavia, em

seus alojamentos, o metal frio da nave era oculto pelas cortinas, almofadas de tecido e raros objetos de arte.

— É uma certeza — insistiu o capitão da guarda. — Eles estão mortos.

O Barão ajustou seu corpo volumoso nos suspensores e focalizou sua atenção na estátua de um menino saltando, colocada num nicho do outro lado da sala. O sono se afastou deixando-o desperto. Endireitou a almofada suspensora debaixo das dobras de gordura em seu pescoço e olhou sob o único globo luminoso, de sua câmara dormitório, para o portal onde o capitão Nefud se encontrava, bloqueado por um penta-escudo.

— Eles estão certamente mortos, Barão — repetiu o homem.

O Barão notou os traços do embotamento por semuta nos olhos do homem. Era óbvio que ele estivera num profundo êxtase da droga quando recebera o relatório, e parara apenas para tomar o antídoto, antes de correr até ali.

— Tenho um relatório completo — disse Nefud.

“Deixe-o suar um pouco”, pensou o Barão. “E preciso manter as ferramentas de nosso governo sempre afiadas e prontas. Poder e medo, afiados e prontos.”

— Viu seus corpos? — rugiu o Barão.

Nefud hesitou.

— Então?

— Meu senhor... eles foram vistos mergulhando em uma tempestade de areia

.. ventos de mais de oitocentos quilômetros horários. Nada sobrevive a uma tempestade assim, meu senhor. Nada! Uma de nossas próprias aeronaves foi destruída na perseguição.

O Barão observou Nefud, vendo o tique nervoso nos músculos do queixo, o modo como o maxilar se movia enquanto Nefud engolia em seco.

— Você viu os corpos? — indagou o Barão.

— Meu senhor...

— Com que propósito vem aqui chocalhando sua armadura? Para me dizer que uma coisa é certa quando não é? Pensa que vou elogiá-lo por sua estupidez, dar-lhe outra promoção?

O rosto de Nefud ficou branco como um osso.

“Olhe para esse frango”, pensou o Barão. “Estou cercado por esses idiotas inúteis. Se eu espalhasse areia diante dessa criatura e lhe dissesse que era milho ela começaria a bicar.”

— O homem, Idaho, nos levou até eles, então?

— Sim, meu senhor.

“Olhe como ele responde sem pensar”, notou o Barão. E disse:

— Eles estavam tentando fugir para junto dos Fremen, hein?

— Sim, meu senhor.

— Existe mais alguma coisa nesse... relatório?

— O Planetólogo Imperial, Kynes, está envolvido, meu senhor. Idaho juntou-se a esse Kynes em circunstâncias misteriosas... eu poderia mesmo dizer

circunstâncias suspeitas.

— Ah, sim...?

— Eles... ah, fugiram juntos para um lugar no deserto onde aparentemente o rapaz e sua mãe estavam se ocultando. Na excitação da caçada vários de nossos grupos foram apanhados em uma explosão de escudo-arma laser.

— Quantos nós perdemos?

— Eu... ah, não tenho certeza ainda, meu senhor.

“Ele está mentindo”, pensou o Barão. “Deve ter sido muito ruim.”

— O laçao imperial, esse Kynes, estava fazendo jogo duplo, então, não é mesmo?

— Eu apostaria minha reputação nisso, meu senhor.

“Sua reputação!”

— Faça com que o homem seja morto — disse o Barão.

— Meu senhor! Kynes é o planetólogo imperial. Um servo de Sua Majestade...

— Faça parecer um acidente, então!

— Meu senhor, havia Sardaukar com nossas forças durante a tomada desse ninho Fremen. Eles têm Kynes sob custódia agora.

— Tire-o de perto deles. Diga que eu quero interrogá-lo.

— E se eles se recusarem?

— Não o farão, se agir adequadamente.

Nefud engoliu em seco:

— Sim, meu senhor.

— O homem deve morrer —

roncou o Barão. — Ele tentou ajudar os meus inimigos.

Nefud mudou o apoio do corpo de um pé para o outro.

— Então?

— Meu senhor, os Sardaukar têm... duas pessoas em custódia que podem ser de interesse para o senhor. Eles apanharam também o Mestre dos Assassinos do Duque.

— Hawat? Thufir Hawat?

— Eu vi o prisioneiro com meus próprios olhos. Esse Hawat...

— Eu não acreditava que fosse possível!

— Eles dizem que foi derrubado por um atordoador, meu senhor. No deserto, onde não podia usar seu escudo. Ele está praticamente ileso. Se pudermos

colocar nossas mãos sobre ele, nos fornecerá um bom divertimento.

— Você está falando de um Mentat — grunhiu o Barão. — Não se desperdiça um Mentat. Ele já falou? O que disse de sua derrota? Poderia ele conhecer a extensão da... mas não.

— Ele disse apenas o suficiente para revelar sua crença de que Lady Jessica era a traidora.

— Ahhh!

O Barão recostou-se, pensando.

— Tem certeza? É a Lady Jessica que atrai seu ódio?

— Ele disse isso em minha presença, meu senhor.

— Deixe que ele pense que ela está viva, então.

— Mas, meu senhor...

— Fique quieto. Desejo que Hawat seja tratado com gentileza.

Ele não deve ouvir nada a respeito do falecido Dr. Yueh, o verdadeiro traidor. Digamos que o doutor morreu defendendo o seu Duque. De certo modo isso pode ser verdadeiro. Em vez disso, nós iremos alimentar suas suspeitas contra Lady Jessica.

— Meu senhor, eu não...

— A maneira de se controlar um Mentat, Nefud, é através da informação. Informação falsa, resultados falsos.

— Sim, meu senhor, mas...

— Hawat está faminto? Com sede?

— Meu senhor, Hawat ainda está nas mãos dos Sardaukar.

— Sim, de fato. Mas os Sardaukar estarão tão ansiosos por obter

informações de Hawat quanto eu. Reparei uma coisa a respeito de nossos aliados, Nefud. Eles não são muito astutos... politicamente. Acredito que isso seja deliberado; o imperador deve desejá-los desse modo. Sim, eu realmente acredito nisso. E você irá lembrar ao comandante dos Sardaukar de minha fama quanto a obter informação de fontes relutantes.

Nefud pareceu infeliz.

— Sim, meu senhor.

— Você dirá ao comandante dos Sardaukar que desejo questionar a ambos, Hawat e Kynes ao mesmo tempo, para jogar um contra o outro. Ele é capaz de entender isso, não é verdade?

— Sim, meu senhor.

— E uma vez que os tenhamos em nossas mãos...

— Meu senhor, os Sardaukar desejam ter um observador conosco durante qualquer interrogatório.

— Tenho certeza de que poderemos produzir uma emergência capaz de afastar qualquer observador indesejável, hein, Nefud?

— Compreendo, meu senhor. É quando Kynes poderá ter o seu acidente.

— Ambos, Kynes e Hawat, terão seus acidentes então, Nefud.

Mas apenas Kynes sofrerá um acidente real. É Hawat que eu quero. Sim, isso mesmo.

Nefud pestanejou, engolindo em seco. Pareceu a ponto de fazer uma pergunta mas continuou calado.

— Hawat receberá comida e bebida, será tratado com bondade e

simpatia — disse o Barão. — Em sua água administraremos o veneno desenvolvido pelo falecido Piter de Vries. E você providenciará para que o antídoto se torne um complemento regular da dieta de Hawat a partir deste momento... a não ser que eu dê instruções em contrário.

— O antídoto, sim. — Nefud sacudiu a cabeça. — Mas...

— Não seja estúpido, Nefud. O Duque quase me matou com aquela cápsula de veneno no dente. O gás que ele exalou em minha presença privou-me de Piter, meu mais valioso Mentat. Eu preciso de um substituto.

— Hawat?

— Hawat.

— Mas...

— Você vai dizer que Hawat é completamente leal aos Atreides. Verdade, mas os Atreides estão mortos. Nós iremos persuadi-lo, convencê-lo de que não é culpado pela morte do Duque. Foi tudo obra da bruxa Bene Gesserit. Ele tinha um mestre inferior, alguém cuja razão estava toldada pela emoção. Mentats admiram a habilidade de calcular sem emoções, Nefud. Nós iremos lisonjear o formidável Thufir Hawat até conquistá-lo.

— Lisonjeá-lo. Sim, meu senhor.

— Hawat infelizmente tinha um mestre cujos recursos eram escassos, alguém que não poderia elevar um Mentat aos sublimes píncaros do raciocínio a que um Mentat tem direito. Hawat verá um certo elemento de verdade nisso. O

Duque não podia custear os espiões mais eficazes para fornecer ao seu Mentat as informações desejadas. — E o Barão olhou diretamente para Nefud. — Não nos enganemos, Nefud. A verdade é uma arma poderosa. Sabemos como sobrepujamos os Atreides e Hawat também sabe. Nós o fizemos com nossa riqueza.

— Com riqueza. Sim, meu senhor.

— Iremos seduzir Hawat. Nós o esconderemos dos Sardaukar e deixaremos como segurança... a retirada do antídoto para o veneno. Não há meios de remover o veneno residual. E, Nefud, Hawat não precisa nem suspeitar. O antídoto não se revelará a um farejador de venenos. Hawat pode testar sua comida como quiser, sem detectar nenhum traço

de veneno.

Os olhos de Nefud se arregalaram com a compreensão.

— A ausência de alguma coisa — continuou o Barão — pode ser tão mortífera quanto a presença. A ausência de ar, hein? A ausência de água? A ausência de alguma outra coisa com que nos viciamos. — E o Barão acenou: — Você me compreende, Nefud?

Nefud engoliu em seco.

— Sim, meu senhor.

— Então vá trabalhar. Encontre o comandante dos Sardaukar e coloque as coisas em movimento.

— Imediatamente, meu senhor.

Curvou-se, virou e saiu apressado.

“Hawat ao meu lado!”, pensou o Barão. “Os Sardaukar o entregarão a

mim. Se suspeitarem de alguma coisa será de que desejo destruir o Mentat. E essa suspeita eu confirmarei! Os tolos. Um dos mais formidáveis Mentats de toda a história, um Mentat treinado para matar e eles o atiram a mim como algum brinquedo tolo para ser quebrado. Mostrarei a eles que uso posso fazer desse brinquedo.”

Estendeu a mão por baixo da cortina, ao lado de sua cama suspensora, pressionando um botão para chamar seu sobrinho mais velho, Rabban. Sentou-se novamente, sorrindo.

“E todos os Atreides mortos!”

O estúpido capitão da guarda estivera certo, é claro. Certamente que nada poderia sobreviver no caminho do sopro de areia de uma tempestade em

Arrakis. Não um ornitóptero... nem seus ocupantes. A mulher e o garoto estavam mortos. As propinas nos lugares certos, a impensável despesa para transportar uma força militar esmagadora até a superfície desse planeta... todos os relatórios matreiros preparados para os ouvidos do Imperador e ninguém mais, todo o cuidadoso planejamento produzindo resultados plenos, afinal.

“Poder e medo, medo e poder!”

O Barão podia ver o caminho à sua frente. Um dia um Harkonnen seria Imperador. Não ele mesmo, nem um fruto do seu sêmen. Mas um Harkonnen. Não seria esse Rabban que acabava de convocar, é claro; mas o irmão mais novo de Rabban, o jovem Feyd-Rautha. Havia uma perspicácia no rapaz que o Barão

apreciava... uma ferocidade.

“Um menino adorável”, pensou o Barão. “Mais um ano ou dois, digamos quando ele tiver dezessete, e saberei se ele é o instrumento de que a Casa Harkonnen necessita para conquistar o trono.”

— Meu Barão.

O homem que esperava fora do campo protetor, na porta do quarto do Barão, era baixo, bruto de rosto e corpo e com os sinais paternos da linhagem Harkonnen: olhos pouco separados e ombros volumosos. Havia alguma rigidez em sua gordura, mas era óbvio ao olhar que ele chegaria um dia a necessitar dos suspensores portáteis para carregar seu excesso de peso.

“Um cérebro com a mente nos

músculos”, pensou o Barão.

“Nenhum Mentat, o meu sobrinho... nenhum Piter de Vries, mas talvez alguma coisa mais adequada para a tarefa em vista. Se eu lhe der a liberdade para fazê-lo, ele triturrará tudo em seu caminho. Oh, como ele será odiado aqui em Arrakis!”

— Meu querido Rabban — disse o Barão, desligando o campo da porta mas mantendo seu escudo corporal a plena força, ciente de que seu tremeluzir seria visível acima do globo luminoso ao lado da cama.

— Chamou-me? — disse Rabban, entrando na sala e olhando de relance para a perturbação no ar causada pelo escudo corpóreo. Buscou uma cadeira suspensora e não encontrou nenhuma.

— Fique mais perto, onde possa vê-lo- facilmente — pediu o Barão.

Rabban avançou outro passo, pensando que o maldito velho removera deliberadamente todas as cadeiras para forçar os visitantes a ficarem de pé.

— Os Atreides estão mortos — disse o Barão. — O último deles. Foi por isso que o convoquei aqui em Arrakis. O planeta é novamente nosso.

Rabban piscou os olhos.

— Mas eu pensei que ia colocar Piter de Vries no...

— Piter também está morto.

— Piter?

— Piter.

O Barão reativou o campo da porta, ajustando-o para bloquear qualquer penetração energética.

— Finalmente se cansou dele, hein? — indagou Rabban.

Sua voz parecia monótona e sem vida na sala bloqueada pelos escudos.

— Vou lhe dizer algo, e apenas uma única vez. Você insinua que eu eliminei Piter como alguém se livra de algo insignificante. — Estalou os dedos. — Assim, não é? Mas eu não sou estúpido, sobrinho; e receberei como uma grosseria se sugerir outra vez, por palavras ou por ações, que eu possa sê-lo.

O medo revelou-se no semicerrar dos olhos de Rabban. Ele sabia dentro de que limites o velho Barão seria capaz de se mover contra a própria família. Raramente chegaria ao ponto de mandar matar, a menos que houvesse um lucro fabuloso em jogo, ou uma provocação.

Mas as punições contra um membro da família poderiam ser dolorosas.

— Perdoe-me, senhor Barão — disse Rabban, abaixando os olhos para ocultar sua própria raiva, assim como para mostrar subserviência.

— Você não me engana, Rabban — disse o Barão.

Rabban mantinha os olhos voltados para um ponto no chão à sua frente. Engoliu em seco.

— Tenho um ponto de vista — continuou o Barão. Nunca eliminar um homem irrefletidamente, do modo como um feudo pode fazê-lo, através de um processo, de acordo com a lei. Sempre devemos agir em benefício de um propósito maior, e conhecer qual é esse propósito!

Rabban deixou-se levar pela raiva:

— Mas o senhor eliminou o traidor Yueh! Vi seu corpo sendo carregado para fora quando cheguei na noite passada.

Olhou para o tio, subitamente assustado pelo som de suas próprias palavras.

Mas o Barão sorriu.

— Tenho muito cuidado com as armas perigosas. O Dr. Yueh era um traidor. Ele me entregou o Duque. — A energia fluía na voz do Barão: — Subornei um médico da Escola Suk! Da Escola Interna! Está ouvindo, garoto? Mas isso é um tipo muito perigoso de arma para se deixar por aí. Eu não o eliminei casualmente.

— O Imperador tem

conhecimento de que subornou um médico Suk?

“Esta é uma pergunta perspicaz”, pensou o Barão. “Será que julguei mal meu sobrinho?”

— O Imperador não sabe ainda, mas seus Sardaukar certamente lhe farão um relatório. Mas, antes que isso aconteça, terei meu próprio relatório em suas mãos, através dos canais da Companhia CHOAM. Eu lhe explicarei que tive a sorte de descobrir um médico que fingia ser condicionado. Um falso médico, entende? E como todos sabem que não se pode anular um condicionamento da Escola Suk, isso será aceito.

— Ah, percebo — murmurou Rabban.

E o Barão pensou: “De fato eu espero que perceba. Que veja como é vital que isso permaneça em segredo.” E o Barão subitamente se perguntou: “Por que fiz isso? Por que me gabei diante deste sobrinho idiota? Um sobrinho que deverei usar e descartar?”

Sentiu raiva de si próprio, sentiu-se traído.

— Deve ser mantido em segredo — comentou Rabban. Eu compreendo.

O Barão suspirou.

— Eu lhe darei instruções diferentes a respeito de Arrakis desta vez sobrinho. Da última vez que governou este lugar eu o mantive sob rédea curta. Desta vez só tenho uma exigência.

— E posso saber qual é?

— Lucro.

— Lucro?

— Tem alguma idéia, Rabban, de quanto nos custou trazer tamanha força militar para atingir os Atreides? Faz a mais leve suposição de quanto a Corporação cobra por transporte militar?

— Caro, hein?

— Caro!

O Barão apontou um braço gordo na direção de Rabban.

— Se você espremer Arrakis por cada centavo que ele nos possa dar, durante sessenta anos, você conseguirá apenas repor o que gastamos.

Rabban abriu a boca, e a fechou sem falar.

— Caro? — zombou o Barão. — O maldito monopólio da Corporação sobre o espaço nos teria arruinado se eu

não tivesse planejado tudo isso há muito tempo, preparando-me para a despesa. Deve saber, Rabban, que nós custeamos tudo. Até pagamos pelo transporte dos Sardaukar.

Não era a primeira vez que o Barão perguntava a si próprio se ainda haveria um dia em que a Corporação pudesse ser lograda.

Eles eram insidiosos, cedendo apenas o suficiente para evitar que o freguês desistisse, até que pudessem tê-lo em suas mãos e forçá-lo a pagar, pagar e pagar.

E como sempre, as taxas mais exorbitantes recaíam sobre aventuras militares. — Taxas de risco — explicavam os escorregadios agentes da Corporação. E para cada agente que você

pudesse inserir como cão de guarda no Banco da Corporação eles colocariam dois agentes em seu sistema.

“Insuportável!”

— Lucros, então — disse Rabban.

O Barão abaixou o braço, comprimindo a mão num punho.

— Você deve espremer!

— E posso fazer qualquer coisa que desejar, desde que esprema?

— Qualquer coisa.

— Aqueles canhões que trouxe.

Poderia...

— Eu os estou removendo — respondeu o Barão.

— Mas...

— Você não precisará de tais brinquedos. Eles eram uma inovação especial e são agora inúteis. Precisamos de

metal e eles não podem penetrar num escudo, Rabban. Eram apenas uma surpresa. Era previsível que os homens do Duque iriam se retirar para dentro das cavernas, nas colinas deste planeta abominável.

Nossos canhões apenas os selaram lá dentro.

— Mas os Fremen não usam escudos.

— Você poderá ficar com algumas armas laser, se o desejar.

— Sim, meu senhor; e ter as mãos livres para agir.

— Desde que esprema.

O sorriso de Rabban era maligno.

— Eu compreendo perfeitamente, meu senhor.

— Você não entende nada

perfeitamente — rosnou o Barão. — Vamos deixar isto claro desde o início. O que entende é como cumprir minhas ordens. Já lhe ocorreu, sobrinho, que existem pelo menos cinco milhões de pessoas neste planeta?

— Será que o meu senhor se esquece de que eu fui o regente-siridar daqui por muito tempo? E se o meu senhor me perdoar, eu lhe direi que sua estimativa é muito baixa. É difícil contar uma população dispersa entre “pias” e “panelas”, no modo como se distribuem por aqui. E quando se pensa nos Fremen do...

— Os Fremen não devem ser considerados; não vale a pena!

— Perdoe-me, meu senhor, mas os Sardaukar não pensam desse modo.

O Barão hesitou, olhando para o sobrinho.

— Você sabe de alguma coisa?

— Meu senhor já tinha saído quando eu cheguei na noite passada. Eu... ah, tomei a liberdade de contactar alguns dos meus tenentes do... período anterior. Eles estiveram agindo como guias para os Sardaukar. E me relataram que um bando de Fremen embaseou uma força de Sardaukar, em algum lugar a sudeste daqui, e exterminou-a completamente.

— Exterminaram uma força de Sardaukar?

— Sim, meu senhor.

— Impossível!

Rabban encolheu os ombros.

— Fremen derrotando Sardaukar

— zombou o Barão.

— Eu repito apenas o que me foi relatado. Dizem que essa força de Fremen já havia capturado o temível Thufir Hawat.

— Ahhh. — O Barão acenou sorrindo.

— Eu acredito no relatório — continuou Rabban. — Não tem idéia do problema que eram esses Fremen.

— Talvez. Só que não eram realmente Fremen o que os seus tenentes viram. Eles deviam ser soldados dos Atreides, treinados por Hawat e disfarçados como Fremen. É a única resposta possível.

Novamente Rabban encolheu os ombros.

— Bem, os Sardaukar acreditam que eles eram Fremen e já iniciaram um

programa para exterminar completamente os Fremen.

— Ótimo!

— Mas...

— Isso manterá os Sardaukar ocupados. E nós logo teremos Hawat, eu sei! Eu posso senti-lo! Ah este foi verdadeiramente um grande dia! Os Sardaukar fora, caçando alguns inúteis bandos do deserto, enquanto nós recebemos o verdadeiro prêmio!

— Meu senhor... — Rabban hesitou, franzindo a testa. — Eu sempre senti que nós subestimamos os Fremen, em números e em...

— Ignore-os, rapaz! Eles são a ralé. São as cidades populosas, as vilas, que devem nos preocupar. Existem muitas pessoas por lá, não?

— Muitas, meu senhor.

— Elas me preocupam, Rabban.

— Preocupam?

— Oh... noventa por cento não darão problemas. Mas existem uns poucos... Casas Menores por exemplo, pessoas ambiciosas que podem tentar algo perigoso. Se uma delas saísse de Arrakis contando histórias desagradáveis sobre o que aconteceu por aqui eu ficaria muito aborrecido. Tem idéia de quão aborrecido eu ficaria?

Rabban engoliu em seco.

— Deve tomar medidas imediatas para manter um refém de cada uma das Casas Menores — disse o Barão. Até onde qualquer um fora de Arrakis deve saber, esta foi uma batalha direta de Casa contra Casa. Os Sardaukar não

participaram dela, você compreende? Ao Duque foi oferecido o refúgio normal e o exílio, mas ele morreu num infeliz acidente, antes que pudesse aceitar. E ele estava a ponto de aceitar. Esta é a história. E qualquer rumor de que havia Sardaukar aqui deve ser ridicularizado.

— Como o Imperador deseja — disse Rabban.

— Como o Imperador deseja.

— E quanto aos contrabandistas?

— Ninguém acredita em contrabandistas, Rabban. Eles são tolerados mas não possuem credibilidade. E, de qualquer modo, você estará gastando algumas propinas aqui e ali... e tomando outras precauções que tenho certeza poderá imaginar...

— Sim, meu senhor.

— Duas coisas de Arrakis, então, Rabban: lucro e uma mão implacável. Você não deve mostrar misericórdia aqui. Pense nesses tolos como eles são: escravos invejosos de seus senhores, esperando apenas uma oportunidade para se rebelarem. Não deve demonstrar o menor vestígio de piedade ou clemência para com eles.

— Pode alguém exterminar um planeta inteiro? indagou Rabban.

— Exterminar? — A surpresa mostrou-se no movimento rápido com que o Barão virou a cabeça. — Quem falou em exterminar?

— Bem, eu presumo que vá trazer uma nova população de colonos e...

— Eu disse “espremer”, sobrinho, não exterminar. Não desperdice a

população, apenas leve-a até um estado de total submissão. Você deve ser um carnívoro, meu garoto. — O Barão sorriu, uma expressão de bebê no rosto gordo. — Um carnívoro nunca pára, jamais mostra clemência. Clemência é uma quimera. Pode ser superada pelo estômago roncando sua fome, pela garganta gritando sua sede. Deve estar sempre faminto e sedento. — E o Barão acariciou as protuberâncias debaixo dos suspensores.

— Como eu.

— Eu vejo, meu senhor.

Rabban olhou para a esquerda e para a direita.

— Está tudo claro, então, sobrinho?

— Exceto por uma coisa, tio:

Kynes, o planetólogo.

— Ah sim, Kynes.

— Ele é o homem do Imperador, meu senhor. Ele pode ir e vir como desejar. E ele é muito chegado aos Fremen... casou-se com uma.

— Kynes estará morto amanhã, ao cair da noite.

— Isso é muito perigoso, tio. Matar um servo imperial.

— Como acha que cheguei aonde estou tão rapidamente? — A voz do Barão era baixa, carregada de adjetivos impronunciáveis. — Além disso, não precisaria temer que Kynes deixasse Arrakis. Esquece-se de que ele é viciado na especiaria?

— É claro!

— Aqueles que o sabem não farão

nada para colocar em perigo seu próprio suprimento — acrescentou o Barão. — E Kynes deve saber, com certeza.

— Eu havia me esquecido.

Eles fitaram-se em silêncio, depois o Barão disse:

— Inicialmente, você deve fazer de meu próprio suprimento sua primeira preocupação. Tenho um estoque para uso pessoal, mas aquele ataque suicida dos homens do Duque pegou a maior parte do que possuíamos para venda.

— Sim, meu senhor.

O Barão pareceu animado.

— Amanhã de manhã, você reunirá o que restou de organização aqui e lhes dirá: — Nosso Sublime Imperador Padishah me encarregou de tomar posse deste planeta e terminar com todas as

disputas.

— Eu compreendo, meu senhor.

— Desta vez tenho certeza que sim. Discutiremos isso com mais detalhes amanhã. Agora deixe-me terminar meu sono.

Desativou o campo da porta e observou o sobrinho sair.

“Um cérebro com a mente nos músculos”, pensou o Barão. “Eles estarão reduzidos a massa sangrenta quando ele terminar com eles. Então eu mandarei Feyd-Rautha para retirar-lhe essa carga e eles darão vivas ao seu salvador: “Amado Feyd-Rautha, Benigno Feyd-Rautha!, o Clemente Feyd-Rautha que nos salva da besta. Feyd-Rautha, um homem para seguir até a morte.” E o rapaz saberá então como oprimir com impunidade.

Tenho certeza de que será a pessoa de que necessitamos. Vai aprender, e com um corpo tão adorável. Realmente um garoto adorável.”

Aos quinze anos de idade, ele já

aprendera a silenciar.

— *de História Infantil do Muad'Dib
escrito pela Princesa Irulan*

Enquanto lutava com os controles do ornitóptero Paul tornou-se consciente de uma capacidade para perceber as forças da tempestade. Sua percepção mais sensível que a de um Mentat computava com base em frações de minúcias. Sentia as frentes de poeira, os rolos e entremeados de turbulência, o vórtex ocasional.

O interior da cabine era uma caixa iluminada pelo brilho verde dos painéis de instrumentos. O fluxo cor de bronze da poeira do lado de fora parecia uniforme, mas o sentido interior de Paul

começava a ver através dessa cortina.

“Devo encontrar o vórtex certo”, pensou.

Por algum tempo sentira a força da tempestade diminuindo, e no entanto ela ainda os sacudia. Esperou por outra turbulência.

O vórtex começou com uma abrupta onda de ar que sacudiu toda a aeronave. Paul desafiou o medo que sentia, a tentação para desviar o “tóptero” para a esquerda.

Jessica percebeu a manobra no globo indicador da posição de vôo.

— Paul! — gritou ela.

O vórtex os fez girar, inclinando e torcendo a aeronave. Levantou-a como uma lasca num gêiser, lançando-os para cima e para fora. Uma partícula alada

dentro de um núcleo de poeira em espiral iluminado pela segunda lua.

Paul olhou para baixo, vendo o pilar de vento quente definido pela poeira que acabara de expeli-los, vendo a tempestade que enfraquecia estender-se como um rio seco sobre o deserto. Um movimento cinza ao luar tornando-se cada vez menor, embaixo, enquanto subiam na corrente ascendente.

— Estamos livres — sussurrou Jessica.

Paul virou a aeronave para longe da poeira, como uma ave de rapina preparando-se para mergulhar, e observou o céu noturno.

— Escapamos deles — respondeu ele.

Jessica sentia o coração bater e

procurou acalmar-se olhando para a tempestade que diminuía. Seu sentido de tempo lhe dizia que havia viajado dentro daquela mistura de forças da natureza durante quase quatro horas, mas outra parte de sua mente computava a passagem como uma vida inteira. Sentia-se renascer.

“Foi como a ladainha. Nós a aceitamos e não resistimos. A tempestade passou em torno e através de nós. Ela se foi, mas nós permanecemos.”

— Não gosto do som do movimento de nossas asas — disse Paul. — Sofremos alguns danos nesta área.

Sentia o vôo irregular através de suas mãos nos controles. Estavam fora da tempestade mas ainda dentro de sua visão presciente. E no entanto haviam escapado, e ele se sentia tremendo, na

beira de uma revelação. Estremeceu.

A sensação era magnética e aterrorizante, e Paul se encontrou preso à indagação do que causara esse sua consciência trêmula.

Parte dela, ele sentia, era devida à dieta saturada de especiaria de Arrakis. Mas outra parte podia ter vindo da ladainha, como se as palavras possuíssem um poder em si mesmas.

“Eu não temerei...”

Causa e efeito: estava vivo a despeito das forças malignas, e se sentia à beira de uma auto-consciência que não poderia ter existido sem a mágica da ladainha.

Palavras da Bíblia Católica Laranja passaram em sua memória: “Que sentidos nos faltam que não podemos ver e ouvir

o outro mundo que nos envolve?”

— Existe rocha à nossa volta — avisou Jessica.

Paul voltou sua atenção para o movimento do ornitóptero e sacudiu a cabeça para clarear a mente. Olhou para onde sua mãe apontara e viu formas rochosas erguendo-se negras sobre a areia, à frente e à direita. Sentia o vento em seus tornozelos e poeira na cabine. Um orifício em algum lugar, outro resultado da tempestade.

— Melhor pousar na areia — aconselhou Jessica. — As asas podem não agüentar uma frenagem total.

Ele indicou um lugar à frente, onde cumes erodidos pela areia se erguiam acima das dunas, iluminados pelo luar. — Vou descer perto daquelas

rochas. Verifique seu cinturão.

Ela obedeceu, pensando: “Temos água e trajés-destiladores. Se pudéssemos encontrar alimento poderíamos sobreviver por um longo tempo neste deserto. Os Fremen vivem aqui, e o que eles podem fazer nós também podemos.”

— Corra para aquelas rochas no instante em que pararmos avisou Paul. — Eu levarei o embrulho.

— Correr para... — ela começou a repetir, depois ficou em silêncio e assentiu. — Os vermes.

— Nossos amigos, os vermes — corrigiu ele. — Eles pegarão este “tóptero” e não restará indícios de onde pousamos.

“Como é direto o pensamento dele”, admirou-se Jessica.

Planaram cada vez mais baixo...
mais baixo...

E então veio uma rápida sensação de movimento: sombras barradas de dunas, rochas elevando-se como ilhas. O “tóptero” atingiu o topo de uma duna com um leve solavanco, saltou sobre um vale de areia e tocou outra duna.

“Ele está reduzindo nossa velocidade de encontro à areia”, pensou Jessica, e admirou-se com a competência de Paul.

— Segure-se! — avisou ele.

Puxou os freios das asas, suavemente a princípio, depois cada vez com mais força. Sentiu-os apanhando o ar como conchas, sua altura caindo cada vez mais rápida. O vento uivava através das capas ligadas nas folhas das asas.

E de repente, com apenas uma leve sacudidela de aviso, a asa esquerda, enfraquecida pela tempestade, dobrou-se para cima, batendo de encontro ao lado do “tóptero”. A aeronave escorregou no topo de um duna e, virando para a esquerda, tombou na face oposta do monte de areia para enterrar o nariz na duna seguinte, em meio a uma cachoeira de areia. Afinal imobilizou-se, tombada sobre o lado da asa quebrada, a asa direita apontando para o céu estrelado.

Paul arrancou o cinto de segurança e lançou-se para cima, por sobre sua mãe, abrindo a porta da cabine. Areia correu para dentro, trazendo um odor de atrito em esmeril. Pegou o embrulho na traseira e viu que Jessica já se encontrava livre do cinturão. Subindo no lado do assento da

direita ela saiu, pisando na pele metálica do “tóptero”. Ele a seguiu, arrastando a mochila do embrulho por suas correias.

— Corra! — ordenou.

Apontou para a face da duna mais além, onde podia ser visto um torreão de rocha cortada pela erosão. Jessica pulou de cima do ornitóptero e correu, tropeçando e se arrastando duna acima.

Ouviu o avanço ofegante de Paul atrás dela e afinal chegou no alto de uma crista de areia que curvava-se em direção às rochas.

— Siga ao longo da crista — ordenou ele. — Será mais rápido.

Avançaram com dificuldade, os pés afundando na areia.

Um novo som começou a chegar-lhes aos ouvidos: um sussurro baixo, um

assovio característico de escorregar abrasivo.

— Verme! — disse Paul.

Ficava cada vez mais nítido.

— Rápido! — exclamou ofegante.

A primeira plataforma de pedra, como uma praia erguendo-se da areia, encontrava-se a menos de dez metros quando ouviram o esmagar e espatifar de metal atrás deles.

Paul colocou a mochila no braço direito, segurando-a pelas correias. Ela golpeava no lado do corpo enquanto ele corria. Segurou o braço de Jessica com a outra mão e os dois subiram na encosta rochosa, através de uma superfície coberta de cascalhos até um canal tortuoso, escavado pelo vento. Respiravam ofegantes, sentindo o ar seco

na garganta.

— Não aguento mais correr —
arquejou Jessica.

Paul parou, colocando-a em uma estreita passagem da rocha, depois voltou-se para olhar o deserto. Um monte de areia em movimento corria paralelo à sua ilha de rocha. Havia ondulações à luz do luar, ondas de areia e uma cova, cercada por uma crista de areia quase no mesmo nível dos olhos de Paul, embora a uma distância aproximada de um quilômetro. As dunas achatadas em seu rastro curvavam-se uma vez, um laço curto fechando o trecho de deserto onde haviam abandonado o ornitóptero destroçado.

E onde estivera o verme, não havia sinal da aeronave. O monte escavado

moveu-se para o deserto, depois voltou-se sobre seu próprio rastro como se procurasse alguma coisa.

— É maior que uma nave da Corporação — sussurrou Paul. Disseram-me que os vermes cresciam muito no deserto profundo, mas eu não percebia como poderiam ser grandes.

— Nem eu.

Novamente a coisa afastou-se das rochas, acelerando agora numa trilha curva em direção ao horizonte. Eles ouviram até que o som de sua passagem se perdeu no suave sussurrar da areia ao redor.

Paul respirou fundo e olhou para a escarpa que a luz do luar fazia parecer coberta de geada. Uma citação do Kitab al-Ibar escapou de seus lábios :

— “Viajar à noite e repousar nas sombras durante o dia.” — Olhou para sua mãe. — Ainda temos algumas horas de noite. Pode continuar?

— Num momento.

Caminhou por cima da plataforma natural de pedra, colocando a mochila sobre o ombro e ajustando suas correias. Parou um instante com a parábússola em suas mãos.

— Quando estiver pronta.

Ela se afastou da fenda na rocha, sentindo sua força retornar.

— Que direção?

— Para onde esta crista rochosa levar — apontou ele.

— Para o interior do deserto — disse ela.

— O deserto dos Fremen —

murmurou Paul.

Parou, chocado pela lembrança da imagem em alto-relevo, que vira com sua visão presciente quando ainda em Caladan. Havia visto esse deserto mas o aspecto da visão fora então sutilmente diferente, como uma imagem ética que desaparecera em sua consciência, absorvida pela memória, e agora falhava em apresentar um registro perfeito ao ser projetada sobre o cenário real. A visão parecia ter mudado, apresentando-se de um ângulo diferente enquanto ele permanecia imóvel.

“Idaho estava conosco na visão”, lembrou-se ele. “Mas agora Idaho está morto.”

— Pode ver um caminho para seguirmos? — indagou Jessica,

confundindo sua hesitação.

— Não — respondeu Paul. —
Mas vamos assim mesmo.

Ajustou a mochila mais firmemente nos ombros e subiu um canal escavado na rocha pela areia e o vento. O canal se abria para um piso rochoso, iluminado pelo luar, que se elevava numa série de degraus sucessivos em direção ao sul.

Paul dirigiu-se para o primeiro desses degraus e subiu nele. Jessica o seguia logo atrás.

Dentro em pouco ela percebia como sua vida se centrava agora em questões imediatas, específicas: os bolsões de areia entre as rochas, onde seus passos se tornavam mais lentos, as arestas de rocha esculpidas pelos ventos que

cortavam suas mãos, as obstruções que forçavam a uma escolha; passar por cima ou dar a volta?

O terreno impunha-lhes os seus próprios ritmos e eles falavam apenas quando necessário, as vozes roucas de exaustão.

— Cuidado agora. Esta saliência tem areia escorregadia.

— Tenha cuidado para não bater com a cabeça nesta projeção.

— Fique abaixo desta crista; a lua está atrás de nós e revelaria nossos movimentos a qualquer um lá em cima.

Paul parou em uma dobra da rocha e colocou a mochila sobre uma estreita plataforma.

Jessica recostou-se ao seu lado, grata pelo momento de repouso.

Ouviu-o sugando o tubo do traje-destilador e imitou-o, bebendo sua própria água reciclada. O gosto era salobro e ela se lembrou das águas de Caladan. Uma fonte alta envolvendo uma curva de céu, numa riqueza de umidade que não se fazia notar por si mesma... somente por sua forma, seus reflexos ou seu som, quando ela parou ao seu lado.

“Parar”, pensou. “Para repousar... para repousar verdadeiramente.”

Ocorreu-lhe então que a compaixão residia na capacidade para parar, ainda que por apenas um momento. Não haveria compaixão onde não houvesse pausas...

Paul ergueu-se sobre a saliência rochosa, virou-se uma vez, depois subiu por uma superfície inclinada. Jessica

seguiu-o com um suspiro.

Escorregaram para uma ampla prateleira natural que se inclinava ao redor de um penhasco íngreme. Novamente entravam no ritmo irregular, forçado pelo movimento em terreno acidentado.

Jessica sentia a passagem da noite dominada pelo tipo de substância abaixo de seus pés e mãos. Rochas, pedras arredondadas, ou então pedras irregulares, areia granulosa, areia fina, poeira ou pó.

O pó entupia os filtros nasais e tinha de ser soprado para fora.

A areia granulada e as pedras redondas rolavam sobre a superfície dura, podendo facilmente derrubar o descuidado. As pedras irregulares

cortavam.

Por fim, havia os onipresentes bolsões de areia, afundando sob seus pés.

Paul parou subitamente numa saliência de rocha, apoiando sua mão quando esta cambaleou ao seu lado.

Apontou para a esquerda e ela olhou ao longo de seu braço, para ver que se encontravam no topo de uma colina, com o deserto se estendendo embaixo como um oceano estático, duzentos metros sob a encosta. Lá estavam as ondas prateadas pelo luar, sombras de ângulos que se convertiam em curvas e ao longe, na distância, elevava-se a mancha cinzenta e enevoada de outra escarpa.

— Deserto aberto — disse ela.

— Um trecho muito amplo para atravessar — respondeu ele, com a voz

abafada pelo filtro sobre o rosto.

Jessica olhou para a esquerda e para a direita. Nada senão areia lá embaixo.

Paul observava diretamente à frente através das dunas, olhando o movimento das sombras na passagem da lua. — Uns três ou quatro quilômetros de extensão.

— Vermes? — indagou Jessica.

— Certamente que existirão — respondeu ele.

Ela voltou sua atenção para o próprio cansaço, para a dor muscular que lhe entorpecia os sentidos. — Não deveríamos repousar e comer?

Paul retirou a mochila dos ombros e sentou-se, inclinando-se sobre o pacote. Jessica apoiou-se com a mão sobre os

ombros dele, enquanto deitava na rocha ao seu lado. Sentiu Paul se virar enquanto ela se acomodava, ouviu-o remexer no embrulho.

— Aqui está — disse.

Sua mão parecia seca contra as dela, enquanto ele colocava duas cápsulas energéticas em sua palma.

Jessica as engoliu com um relutante gole de água do tubo do traje-destilador.

— Beba toda a sua água — aconselhou Paul. — Axioma: “O melhor lugar para conservar sua água é em seu próprio corpo. Ela mantém sua energia e você se sentirá forte. Confie em seu traje-destilador.”

Ela obedeceu, esvaziando todas as bolsas de recolhimento através do tubo e

sentindo as forças retornarem. Pensou então quão pacífico era o lugar nesse momento de cansaço, e lembrou-se de ter ouvido uma vez Gurney Halleck, o menestrel-guerreiro, dizer: “Melhor uma refeição seca e a quietude do que uma casa cheia de lutas e sacrifícios.”

Repetiu as palavras para Paul.

— Este era o Gurney — respondeu ele.

Jessica captou o tom de voz, o modo como ele falava de alguém já morto e pensou: “O pobre Gurney pode muito bem estar morto.” As forças dos Atreides resumem-se agora aos mortos, aos cativos e aos perdidos, como eles, nesse vazio seco.

— Gurney sempre tinha a citação certa — comentou Paul. Posso ouvi-lo

agora: “E eu farei os rios secarem, e venderei a Terra aos perversos. Farei da terra um deserto e tudo que nela houver estará nas mãos dos estrangeiros.”

Jessica fechou os olhos e sentiu-se à beira das lágrimas, comovida pela ternura na voz de seu filho.

Algum tempo depois Paul indagou:

— Como... se sente?

Ela percebeu que a pergunta era dirigida em consideração ao seu estado de gravidez.

— Sua irmã só nascerá daqui a muitos meses. Eu me sinto... fisicamente adequada.

E pensou admirando-se: “Como eu falo com uma formalidade tão rígida ao meu próprio filho!” E já que era da

natureza de uma Bene Gesserit buscar em seu interior a resposta para qualquer dúvida, ela pesquisou encontrando a fonte de sua formalidade: “Tenho medo de meu filho; temo sua estranheza; temo o que ele possa ver adiante de nós, o que ele possa me revelar.”

Paul puxou o capuz sobre os olhos, ouvindo os sons da noite.

Seu nariz coçava e ele o esfregou removendo o filtro. Tomou consciência então do rico odor de canela.

— Existe especiaria melange aqui por perto — disse.

Um vento do norte acariciou-lhe o rosto, ondulando as dobras do albornoz. Esse vento todavia não carregava a ameaça de tormenta, ele podia sentir a diferença.

— A aurora se aproxima — disse.

Jessica acenou com a cabeça, concordando.

— Existe um meio de atravessar em segurança aquele trecho de areia. Os Fremen costumam fazê-la.

— Por causa dos vermes?

— Se colocássemos um batedor do nosso estojo Fremen aqui nas rochas, ele manteria os vermes ocupados por algum tempo.

Jessica olhou para a extensão do deserto banhado pelo luar, separando-os da outra escarpa. — Tempo para atravessar quatro quilômetros?

— Talvez. Se atravessarmos tendo o cuidado de fazer apenas ruídos naturais, do tipo que não atrairá vermes...

Paul observou a extensão aberta de

deserto, questionando sua memória presciente, sondando as misteriosas alusões a batedores e ganchos de produtor, no manual do estojo Fremen que viera com sua mochila de fuga. Achou estranho que tudo que sentisse fosse um terror penetrante ao pensar nos vermes. Sabia, como se tal conhecimento se encontrasse exatamente na extremidade de sua percepção, que os vermes deviam ser respeitados, não temidos... se... se...

Sacudiu a cabeça.

— Terão que ser sons destituídos de ritmo — observou Jessica.

— O quê? Oh, sim. Se amortecermos nossos passos... a areia deve ser remexida, às vezes. Os vermes não podem investigar cada pequeno som. Devemos estar completamente

repousados antes de tentar.

Observou a outra muralha de rocha, notando a passagem do tempo nas sombras verticais lançadas pela lua. — O dia nascerá dentro de uma hora.

— Onde passaremos o dia? — indagou ela.

Paul voltou-se para a esquerda e apontou:

— Aquela colina curva-se para o norte, lá embaixo. Pode ver o modo como é escavada pela erosão em sua face voltada para o vento? Devem existir fendas profundas lá.

— Devemos ir agora?

Ele se levantou, ajudando-a a pôr-se de pé.

— Sente-se suficientemente repousada para a descida? Quero chegar o

mais próximo que puder do nível do deserto antes que acampemos.

— O suficiente — respondeu ela, indicando-lhe que liderasse a descida.

Paul hesitou, depois levantou o embrulho, colocando-o sobre os ombros e começando a descer a elevação.

“Se ao menos nós tivéssemos suspensores”, pensou Jessica. “Seria uma simples questão de pular até lá embaixo. Mas talvez suspensores sejam outra coisa a ser evitada no deserto. Talvez atraiam os vermes, como fazem os escudos.”

Chegaram a uma série de prateleiras, sobrepostas em degraus descendentes, e além delas viram uma fenda, com a borda delineando-se à luz do luar.

Paul movia-se cautelosamente,

apressando-se um pouco por ser óbvio que a luz da lua não duraria muito tempo. Serpentearam para baixo, penetrando num mundo de sombras cada vez mais profundas. Formas rochosas erguiam-se para as estrelas ao redor.

A fenda estreitou-se, até a largura de dez metros, na borda de um declive de areia cinzenta que se inclinava para baixo, sumindo na escuridão.

— Podemos descer? — indagou Jessica.

— Creio que sim.

Testou a superfície com um dos pés.

— Podemos escorregar. Eu irei na frente. Espere até ouvir que parei.

— Cuidado — recomendou ela.

Paul colocou-se sobre o declive e

deslizou, escorregando para baixo sobre uma superfície fofa até atingir um chão de areia compactada. O lugar encontrava-se bem no interior das muralhas de rocha. Ouviu um som de areia deslizando às suas costas. Tentou enxergar alguma coisa encosta acima na escuridão e quase foi derrubado pela avalanche. Depois silêncio.

— Mamãe? — chamou.

Não houve resposta.

— Mamãe?

Deixou cair a mochila e lançou-se pelo declive acima, tropeçando, escavando, lançando areia para os lados como um homem enlouquecido.

— Mamãe! — gritou ofegante. — Mãe, onde está você?

Outro deslizamento de areia o

atingiu, enterrando-o até os quadris. Conseguiu se arrastar para fora.

“Ela foi apanhada no deslizamento”, pensou. “Enterrada. Devo me acalmar e agir com cuidado. Ela não vai sufocar imediatamente. Vai se colocar num estado de suspensão bindu para reduzir sua necessidade de oxigênio. Ela sabe que vou escavar à sua procura.”

Usando o método Bene Gesserit que Jessica lhe ensinara, Paul reduziu o ritmo acelerado de seu coração, e colocou sua mente vazia como uma lousa em branco, sobre a qual os momentos passados pudessem se inscrever. Cada mudança ou movimento durante o deslizamento repetiu-se então em sua memória, acontecendo com uma lentidão interior que contrastava com a fração de

segundo do tempo real necessário a uma lembrança completa.

Daí á pouco ele avançou diagonalmente pela encosta acima, sondando cautelosamente até encontrar a parede da fenda, uma curva de rocha adiante. Começou a escavar, movendo a areia com extremo cuidado para evitar outro deslizamento. Uma dobra de tecido chegou às suas mãos e ele a seguiu encontrando um braço. Suavemente acompanhou o comprimento do braço até descobrir o rosto.

— Pode me ouvir?

Nenhuma resposta.

Escavou mais rapidamente, livrando os ombros. Jessica parecia lânguida sob suas mãos, mas ele detectou uma fraca batida cardíaca.

“Suspensão bindu”, pensou.

Tirou a areia expondo-lhe o corpo até a cintura, colocou os braços sob seus ombros e arrastou-a declive abaixo, lentamente a princípio, depois com rapidez, à medida que sentia a areia deslizar acima. Ofegante com o esforço, lutando para manter o equilíbrio, ele puxou-a cada vez mais rápido, até sentir o piso compactado da fenda sob seus pés. Então, colocou Jessica sobre seu ombro e saiu disparado, enquanto todo o declive arenoso desabava com um assovio alto que ecoou amplificado dentro das paredes rochosas.

Parou na extremidade da fenda, no ponto em que esta se abria para as dunas sucessivas do deserto, uns trinta metros abaixo, e suavemente colocou Jessica

sobre a areia, murmurando a palavra-chave para retirá-la do estado cataléptico.

Ela despertou lentamente, inspirando de modo profundo, seguidamente.

— Sabia que me encontraria — sussurrou.

Ele olhou para trás, em direção ao interior da fenda.

— Talvez fosse melhor se eu não tivesse.

— Paul!

— Perdi o embrulho — disse ele. — Está enterrado sob centenas de toneladas de areia, no mínimo.

— Tudo?

— A reserva de água, a tenda destiladora, tudo que é importante. — Tocou o bolso. — Ainda tenho a

parabússola. — Remexeu no cinturão: —
Faca e binóculos. Poderemos dar uma
boa olhada ao redor do lugar em que
vamos morrer.

Naquele instante o sol se levantou
acima do horizonte, em algum ponto à
esquerda, além da extremidade da fenda.
Cores cintilaram na areia sobre o deserto;
mais além, um coro de pássaros entoou
suas canções de dentro de seus ninhos
ocultos nas rochas.

Jessica tinha olhos apenas para o
desespero estampado no rosto de Paul.
Procurou colocar um tom de desprezo na
voz:

— Foi desse modo que você foi
ensinado?

— Não compreende? Tudo de que
precisamos para sobreviver neste lugar

está sob a areia.

— Você me encontrou — disse ela, e agora sua voz era suave, compreensiva.

Paul agachou-se, olhando dentro em pouco para o novo declive de areia no alto da fenda, estudando-o, calculando o modo como a areia devia se encontrar solta.

— Se pudéssemos imobilizar uma pequena área daquele declive e a face superior de um buraco escavado na areia, seríamos capazes de abrir caminho até o embrulho. A água poderia fazer isso, mas não temos água suficiente para...

— Ele interrompeu a frase, pensando: “Espuma!”

Jessica manteve-se imóvel, tentando não perturbar o

hiperfuncionamento da mente de Paul.

Ele olhou para as dunas, buscando com seu olfato e com os olhos, encontrando a direção, e então centrando sua atenção em uma mancha de areia escura abaixo.

— Especiaria — disse. — Sua essência é altamente alcalina. E eu tenho o paracompasso; sua fonte de energia tem base ácida.

Jessica recostou-se ereta de encontro a uma rocha. Paul ignorou-a, ficando de pé e correndo para baixo, ao longo da superfície compactada pelo vento, que se derramava da extremidade da fenda até o solo do deserto.

Ela observou, notando como ele descontinuava seus passos: um passo, pausa, dois passos... escorregando...

pausa...

Não havia ritmo que pudesse revelar a um verme que algo alheio ao deserto se movia aqui.

Paul chegou até o trecho de especiaria, colocou um monte dentro de uma dobra do manto e retornou para a fenda. Derramou a especiaria sobre a areia diante de Jessica, agachou-se e começou a desmontar a parabússola com a ponta da faca. A face do instrumento soltou-se, ele removeu o cinturão e espalhou as peças sobre a faixa de pano, depois retirou a unidade de força. O mecanismo do mostrador saiu em seguida, deixando a caixa em forma de pires completamente vazia.

— Vai precisar de água — observou Jessica.

Paul sugou um bocado de água do tubo do traje, preso ao seu pescoço, e a expeliu dentro da caixa da bússola.

“Se ele falhar, esta água está desperdiçada”, pensou Jessica.

“Mas isso não importará então, de qualquer modo.”

Usando a faca Paul cortou a unidade de força, abrindo-a para derramar seus cristais dentro da água. Eles espumaram um pouco e assentaram.

Os olhos de Jessica captaram um movimento acima. Ela olhou vendo uma fila de falcões empoleirados na borda da fenda. Eles olhavam para baixo, em direção à água exposta.

“Grande Mãe! Eles podem sentir a água até mesmo a esta distância.”

Paul recolocara a tampa na

parabússola deixando um pequeno orifício onde deveria ser ajustado o botão de regulagem. Com o instrumento modificado numa das mãos e um punhado de especiaria na outra, voltou para a fenda, estudando a inclinação do declive. Sua roupa se enfunava ao vento, sem o cinturão para contê-la. Subiu parte do caminho acima do alude de areia erguendo poeira, provocando pequenos deslizamentos.

Daí a pouco parou, pressionando uma pitada de especiaria dentro da parabússola e sacudindo o estojo do instrumento.

A espuma verde borbulhou para fora do orifício deixado pelo botão de regulagem. Paul dirigiu-a para o declive, formando um dique baixo e removendo a

areia por baixo dele, enquanto imobilizava as paredes da abertura com mais espuma.

Jessica foi até uma posição abaixo e perguntou:

— Posso ajudar?

— Suba e escave, ainda faltam três metros, vai ser por pouco.

— Enquanto ele falava a espuma parou de sair do instrumento.

— Rápido — pediu. — Não há modo de saber durante quanto tempo a espuma conterà a areia.

Jessica correu para o seu lado enquanto Paul colocava outra pitada de especiaria dentro do orifício e sacudia o estojo da parabússola. Novamente a espuma saiu fervilhando.

Enquanto ele direcionava a

barreira de espuma, Jessica escavava com ambas as mãos, arremessando areia declive abaixo.

— Qual é a profundidade? — perguntou ela ofegante.

— Uns três metros. Só tenho a posição aproximada. Podemos ter que alargar este buraco. — Moveu-se um passo para o lado escorregando na areia solta. — Incline sua escavação para trás. Não vá perpendicularmente.

Jessica obedeceu enquanto lentamente o buraco se aprofundava.

Chegou finalmente ao nível da depressão sem obter nenhum sinal do embrulho.

“Terei calculado mal?”, perguntou ele de si para si. “Fui eu que entrei em pânico primeiro, causando tudo. Terá isso

prejudicado minha habilidade?

Olhou para a bússola. Menos de duas onças de infusão ácida permaneciam. Jessica, de pé no fundo do buraco, passou a mão cheia de espuma sobre o rosto e respondeu ao olhar de Paul.

— A face superior — disse. — Com cuidado agora. — Adicionou outra porção de especiaria dentro da caixa e derramou a espuma borbulhante em torno das mãos de Jessica, enquanto ela começava a escavar uma face vertical no declive superior do buraco. Na segunda passada suas mãos encontraram alguma coisa dura. Lentamente, puxou para fora o trecho de uma correia com uma fivela plástica.

— Não mova nem mais um pouco — disse Paul, quase num sussurro.

Jessica segurou a correia com uma das mãos, olhando para ele.

O rapaz jogou a parabússola vazia no fundo da depressão e explicou:

— Dê-me sua outra mão, e ouça cuidadosamente: vou puxá-la para o lado e para baixo. Não solte esta correia. Não receberemos mais nenhum desabamento do alto; este declive já se estabilizou.

Tudo que vou fazer é manter sua cabeça fora da areia. Uma vez que o buraco esteja cheio, poderemos escavar para que você saia, e puxar o embrulho.

— Compreendo.

— Pronta?

— Pronta.

Fechou os dedos com força sobre a correia. Com um único puxão Paul a colocou com metade do corpo para fora

do buraco, segurando-lhe a cabeça para cima enquanto a barreira de espuma cedia e a areia se derramava enchendo o orifício. Quando o deslizamento parou, Jessica encontrava-se enterrada até a cintura, o braço e o ombro esquerdos ainda sob a areia, o queixo protegido numa dobra do manto de Paul. Sentia o ombro doer com o esforço colocado sobre ele.

— Ainda estou segurando a correia.

Lentamente Paul abriu caminho na areia ao lado dela até encontrar a correia.

— Juntos agora. Pressão firme, não podemos para-la.

Mais areia se derramou do alto, enquanto eles retiravam o embrulho. Quando a correia chegou à superfície

Paul parou e ajudou a mãe a libertar-se da areia. Juntos puxaram o pacote declive abaixo, para fora da armadilha.

Minutos depois encontravam-se no solo da fenda, segurando o embrulho entre eles.

Paul observou a mãe. A espuma manchava-lhe o rosto e o manto, a areia prendia-se em flocos onde a espuma secara. Ela parecia ter acabado de servir de alvo para bolas de areia verde e úmida.

— Você está horrível.

— E você também não está muito bonito — respondeu ela.

Ambos começaram a rir mas logo a seriedade voltou.

— Aquilo não devia ter acontecido — disse ele. — Eu fui descuidado.

Jessica encolheu os ombros,

sentindo as pelotas de areia caírem de seu manto.

— Eu vou erguer a tenda — disse ele. — É melhor tirar esse manto e sacudi-lo.

Voltou-se, pegando o embrulho. Ela se limitou a acenar, sentindo-se subitamente cansada demais para responder.

— Existem buracos de escoras na pedra. Alguém já ergueu tendas por aqui antes de nós.

“Por que não?”, pensou Jessica enquanto limpava a roupa. Este era um ótimo lugar, protegido entre paredes de rocha e de frente para outra elevação quatro quilômetros adiante. Suficientemente elevado acima do deserto para evitar os vermes, mas

suficientemente próximo para permitir fácil acesso antes de uma travessia.

Observou que o filho já tinha a tenda armada, com seu hemisfério camuflado nas paredes de rocha da fenda. Ele passou por ela erguendo o binóculo. Ajustou a pressão interna com uma rápida torção, focalizando as lentes de óleo no outro penhasco, que se erguia dourado à luz da manhã.

Jessica ficou olhando enquanto Paul estudava aquele panorama apocalíptico, seus olhos sondando os rios de areia e os desfiladeiros.

— Existem coisas crescendo por lá — disse ele.

Ela encontrou o binóculo sobressalente no embrulho ao lado da tenda e foi para junto dele.

— Lá — apontou Paul, enquanto segurava o binóculo com a outra mão.

— Saguaro — disse ela. — Planta de região seca.

— Pode haver gente por perto.

— Ou pode ser o remanescente de uma estação botânica de testes — advertiu ela.

— Isso é muito para o sul, deserto adentro — respondeu ele.

Abaixou o binóculo esfregando a mão embaixo do abafador do filtro, sentindo como estavam secos e rachados seus lábios, provando o gosto poeirento da sede na boca.

— Aquilo tem a aparência de um lugar de Fremen — observou.

— Tem certeza de que os Fremen serão amistosos? indagou Jessica.

— Kynes prometeu ajudar.

“Mas existe desespero entre o povo do deserto”, pensou ela. “Eu mesma o senti hoje. E pessoas desesperadas podem nos matar por causa de nossa água.” Fechou os olhos, e contra essa desolação invocou em espírito uma cena de Caladan. Houvera uma vez uma viagem de férias. Ela e o Duque Leto, antes do nascimento de Paul, voando sobre as selvas do sul, por sobre os ricos leitos de plantas aquáticas e ervas silvestres. Havia visto fileiras de homens como formigas, levando cargas em paus colocados sobre os ombros, dotados de flutuação suspensora. E nas vastidões do mar, as pétalas brancas, em forma de triângulo, dos trimarans.

Tudo perdido.

Abriu os olhos para a imobilidade do deserto, para o calor crescente do dia. Incansáveis redemoinhos de ar aquecido começavam a tremular nas dunas. A face do outro penhasco parecia vista através de uma lente ordinária.

Um derramamento de areia espalhou sua breve cortina sobre a extremidade aberta da fenda. A areia escorreu sussurrante, solta pela brisa da manhã, solta pelos falcões que começavam a alçar vôo do alto da elevação. Quando o deslizamento terminou, permaneceu um assovio que se tornou cada vez mais alto. Um som que uma vez ouvido nunca era esquecido.

— Verme — sussurrou Paul.

Veio da direita, com uma imponência natural, que não poderia ser

ignorada. Um monte de areia seguido de um sulco serpenteante, cortando caminho através das dunas para dentro do campo de visão. O monte se ergueu na frente, lançando poeira para os lados, como a onda na proa de um barco e depois se foi, seguindo para a esquerda.

O som diminuiu, morreu.

— Já vi fragatas espaciais que eram menores — disse Paul.

Jessica acenou com a cabeça, continuando a olhar para o deserto. Onde o verme passara permanecia aquele sulco assustador, parecendo seguir interminavelmente diante deles.

— Quando tivermos repousado — disse ela —, continuaremos com suas lições.

Ele conteve uma raiva súbita.

— Mãe, não acha que podíamos dispensar...

— Hoje você entrou em pânico — respondeu. — Conhece sua mente e o sistema nervoso bindu de seu corpo melhor do que eu, mas ainda tem muito que aprender quanto à musculatura prana. O corpo faz coisas em si mesmo, às vezes, Paul, e eu devo lhe ensinar a respeito. Precisa aprender a controlar cada músculo, cada fibra de seu corpo. Vamos começar com as mãos. Primeiro os músculos dos dedos, os tendões da palma e a sensibilidade das pontas. — Levantou-se. — Venha, vamos para a tenda agora.

Ele flexionou os dedos da mão esquerda, observando Jessica se arrastar para dentro da válvula-esfíncter e sabendo

que não poderia afastá-la de sua determinação... Devia concordar.

“Não importa o que tenham feito de mim. Eu sou uma parte disto”, pensou.

Começar pelas mãos!

Olhou para sua mão, que lhe pareceu extremamente inadequada, quando comparada a criaturas como os vermes.

Nós viemos de Caladan. Um mundo que era um paraíso para nossa forma de vida. Não havia necessidade, em Caladan, de construir paraísos físicos ou mentais, nós podíamos ver o paraíso à nossa volta. E o preço que pagamos por ele foi o preço que os homens sempre pagam ao conquistar um paraíso em suas vidas: nós nos tornamos indolentes e perdemos a fibra.

*— de Conversas com o Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

— Então você é o grande Gurney Halleck — disse o homem.

Halleck, de pé, olhava através da caverna circular do escritório para o homem sentado atrás da mesa metálica. O

homem usava mantos Fremen, mas tinha os olhos apenas parcialmente tingidos de azul, revelando uma dieta de alimentos provenientes de fora do planeta. O escritório era uma réplica do centro de controle-mestre de uma fragata espacial — sistemas de comunicação e telas de vídeo ao longo de trinta graus do arco formado pela parede circular, bancos de armamento e disparo remoto laterais e a escrivaninha formada de uma projeção da parede — parte da curva remanescente.

— Eu sou Staban Tuek, filho de Esmar Tuek — disse o contrabandista.

— Então é um daqueles a quem agradeço a ajuda que recebemos — respondeu Halleck.

— Ah, gratidão — murmurou o contrabandista. — Sente-se.

Um assento-concha, do tipo usado em naves espaciais, emergiu da parede ao lado das vídeo-telas, e Halleck deixou-se afundar dentro dele com um suspiro, sentindo o cansaço. Podia ver seu próprio reflexo na superfície negra polida ao lado do contrabandista, e fez uma expressão aborrecida ao perceber as linhas de fadiga no rosto gordo. A cicatriz de inkvine ao longo de sua mandíbula contorceu-se com a expressão carrancuda.

Halleck deixou de lado seu reflexo e olhou para Tuek. Percebia a semelhança familiar agora. As mesmas sobrancelhas espessas do pai, os mesmos planos do rosto e do nariz.

— Seus homens me dizem que seu pai está morto, assassinado pelos Harkonnen — disse Halleck.

— Pelos Harkonnen ou pelo traidor entre sua própria gente?

O ódio dominou parte do cansaço de Halleck. Ele se ergueu parcialmente no assento. — Pode apontar o traidor?

— Não temos certeza.

— Thufir Hawat suspeitava de Lady Jessica.

— Ah, a bruxa Bene Gesserit... talvez. Mas Hawat é agora um prisioneiro dos Harkonnen.

— Eu ouvi. — Halleck respirou fundo antes de continuar. Parece que teremos de continuar a matança.

— Não fará nada que atraia a atenção sobre nós — disse Tuek.

— Mas...

— Você e aqueles seus homens que salvamos são bem-vindos ao

santuário entre nós. Você fala em gratidão. Muito bem, pague o seu débito para conosco. Sempre podemos usar bons homens. Mas os destruiremos imediatamente se fizerem o mais leve movimento explícito contra os Harkonnen.

— Mas eles mataram o seu pai, homem!

— Talvez. E se assim for eu lhe darei a resposta de meu pai para aqueles que agem sem pensar: “Uma pedra é maciça e a areia é pesada, mas a ira de um tolo pesa mais ainda.”

— Quer dizer que não fará nada, então? — perguntou Halleck sarcástico.

— Não me ouviu dizer isso. Eu apenas disse que vou proteger o nosso contrato com a Corporação. E a

Corporação exige que joguemos um jogo cauteloso. Existem outros modos de se destruir um inimigo.

— Ahhhh...

— Ah, de fato. Se tem em mente procurar a bruxa, pode fazê-lo. Mas devo avisá-lo de que é provavelmente muito tarde... e duvidamos de que ela seja a pessoa que procura, em todo caso.

— Hawat cometia muito poucos erros — disse Halleck.

— Ele se deixou cair nas mãos dos Harkonnen — disse Tuek.

— Acredita que ele seja o traidor?
Tuek encolheu os ombros.

— Isso é acadêmico. Achamos que a bruxa está morta. Pelo menos os Harkonnen pensam assim.

— Parece conhecer um bocado a

respeito dos Harkonnen.

— Indícios e sugestões... rumores e palpites.

— Temos setenta e quatro homens — disse Halleck. — Se deseja seriamente que nos coloquemos a seu serviço, deve acreditar que o nosso Duque está morto.

— Seu corpo foi visto.

— E o do rapaz também? O jovem mestre Paul? — Halleck tentou engolir, sentindo um aperto na garganta.

— De acordo com as últimas notícias que tivemos ele se perdeu com a mãe em uma tempestade no deserto. É provável que nem mesmo os seus ossos sejam encontrados.

— Ah, sim, a bruxa está morta também... todos mortos.

Tuek acenou.

— E eles dizem que Rabban, a Besta, sentará uma vez mais sobre o trono do poder aqui em Duna.

— O Conde Rabban de Lankiveil?

— Sim.

Halleck precisou de um momento para conter a onda de ódio que ameaçou sufocá-lo. Afinal, falou com a respiração acelerada:

— Eu tenho minha conta pessoal a ajustar com Rabban. Devo a ele a perda de minha família e... — coçou a cicatriz ao longo do queixo — ... e isto.

— Não se arrisca tudo para realizar uma vingança prematura — disse Tuek, e franziu a testa ao ver o tremer dos músculos ao longo do queixo de Halleck, o súbito distanciamento nos olhos entreabertos.

— Eu sei... eu sei... — Halleck respirou fundo.

— Você e seus homens podem pagar sua passagem para fora de Arrakis trabalhando para nós. Existem muitos lugares para...

— Libertarei meus homens de qualquer obrigação para comigo. Eles podem escolher por si mesmos. Com Rabban aqui, eu fico.

— Com esse estado de espírito, não tenho certeza se desejamos que fique. Halleck encarou o contrabandista.

— Dúvida de minha palavra?

— Não...

— Você me salvou dos Harkonnen. Dei minha lealdade ao Duque Leto sem outra razão além dessa. Ficarei em Arrakis... com vocês ou com

os Fremen.

— Se um pensamento é enunciado, em palavras ou não, ele constitui algo real e tem sua força. Você pode descobrir que a linha entre a vida e a morte, junto aos Fremen, é nítida e curta.

Halleck fechou os olhos brevemente, sentindo o cansaço dominá-lo. — “Onde está o Senhor que nos guiou através da terra dos desertos e dos fossos?” — murmurou ele.

— Mova-se com calma e o dia da vingança chegará — aconselhou Tuek. — A pressa é um artifício de Shaitan. Contenha sua mágoa — nós temos remédios para isso; três coisas que acalmam o coração ferido água, grama verde e a beleza de uma mulher.

Halleck abriu os olhos:

— Eu preferiria o sangue de Rabban Harkonnen fluindo aos meus pés. — Olhou para Tuek. — Acredita que esse dia chegará?

— Não tenho nenhuma relação com os modos como encontrará seu futuro, Gurney Halleck. Só posso ajudá-lo a enfrentar o presente.

— Então aceitarei essa ajuda e ficarei até o dia em que me disser que posso vingar seu pai e todos os outros a quem...

— Ouça-me, guerreiro — disse Tuek, inclinando-se para a frente sobre a mesa, os ombros erguidos e os olhos atentos. O rosto do contrabandista era como pedra gasta. — A água de meu pai eu mesmo a comprarei de volta, com a lâmina de minha espada.

Halleck observou Tuek e naquele momento o contrabandista fez com que se lembrasse do Duque Leto: um líder de homens, corajoso, seguro de sua posição e do rumo a seguir. Tuek era como o Duque... antes de Arrakis.

— Deseja a minha espada ao seu serviço? — indagou Halleck.

Tuek recostou-se no assento, relaxando, observando Halleck em silêncio.

— Considera-me um guerreiro? — insistiu Halleck.

— Você foi o único entre os tenentes do Duque a conseguir escapar. Seu inimigo era esmagador e no entanto você se deixou rolar com ele... Você o derrotou do modo como derrotamos Arrakis.

— Ah?

— Nós vivemos com paciência e tolerância aqui, Gurney Halleck — disse Tuek. — Arrakis é o nosso inimigo.

— Um inimigo de cada vez, não é isso?

— Exato.

— É desse modo que os Fremen sobrevivem?

— Talvez.

— Você disse que eu poderia achar a vida entre os Fremen muito dura. Eles vivem no deserto, em campo aberto. É por isso?

— Quem sabe onde os Fremen vivem? Para nós o Planalto Central é uma terra de ninguém. Mas eu gostaria de falar mais a respeito de...

— Disseram-me que a Corporação

raramente permite que suas naves de especiaria sobrevoem o deserto. Mas existem rumores de que se podem ver trechos de vegetação aqui e ali, desde que se saiba onde olhar.

— Rumores! — zombou Tuek. — Deseja escolher agora entre nós e os Fremen? Temos uma certa segurança em nosso próprio sietch escavado na rocha, nossas próprias áreas ocultas. Vivemos como homens civilizados. Os Fremen não passam de alguns bandos maltrapilhos que usamos como caçadores de especiaria.

— Mas eles conseguem matar Harkonnen.

— E quer saber o resultado? Agora mesmo eles estão sendo caçados como animais. Com armas laser, já que não possuem escudos. Estão sendo

exterminados, e por quê? Porque mataram Harkonnen.

— Foi mesmo Harkonnen que eles mataram?

— Que quer dizer?

— Não ouviu dizer que podem ter vindo Sardaukar com os Harkonnen?

— Mais boatos.

— Mas um massacre, um extermínio organizado, isso não é típico dos Harkonnen. Um pogrom é sempre um desperdício.

— Eu acredito no que vejo com os meus próprios olhos — respondeu Tuek. — Faça sua escolha, guerreiro. Eu ou os Fremen. Eu lhe oferecerei santuário e a promessa de derramar o sangue que ambos desejamos ver derramado. Mas tenha certeza, os Fremen lhe oferecerão

apenas a vida dos perseguidos.

Halleck hesitou, sentindo sabedoria e simpatia nas palavras de Tuek, e entretanto perturbado por algo que não sabia explicar.

— Mas confie em sua própria habilidade — continuou Tuek. — De quem foram as decisões que lhe deram força através da batalha? As suas. Portanto decida.

— Assim devo fazer. O Duque e seu filho estão mesmo mortos?

— Assim crêem os Harkonnen. E no que concerne a tais coisas, inclino-me a acreditar nos Harkonnen. — Um sorriso amargo formou-se na boca de Tuek. — Mas esse é o único crédito que dou a eles.

— Então assim deve ser —

murmurou Halleck. Ergueu a mão direita, com a palma para cima e o polegar dobrado contra ela no gesto tradicional.

— Eu lhe ofereço a minha espada.

— Aceito.

— Deseja que eu convença meus homens a me seguirem?

— Você os deixaria tomar suas próprias decisões?

— Eles me seguiram até aqui, mas a maioria nasceu em Caladan. Arrakis não é o que eles pensaram que fosse. Aqui eles perderam tudo, exceto suas vidas. Eu preferiria que decidissem por si mesmos, agora.

— Mas agora não é tempo para fraquejar. Eles o seguiram até aqui...

— Precisa deles, não é mesmo?

— Sempre podemos usar

combatentes experientes... nos tempos que correm, mais do que nunca.

— Aceitou a minha espada. Quer que eu vá persuadi-los?

— Acredito que eles o seguirão, Gurney Halleck.

— Devemos esperar por isso?

— Exato.

— Posso tomar minha própria decisão nesse assunto?

— Sua própria decisão.

Halleck ergueu-se do assento-concha, sentindo o quanto de sua reserva de forças esse pequeno esforço exigia.

— Por enquanto cuidarei do bem-estar e do alojamento deles.

— Consulte o meu auxiliar. Drisq é o nome dele. Diga-lhe que é meu desejo que vocês recebam toda a atenção. Irei vê-

los dentro em pouco. Antes tenho que despachar alguns carregamentos de especiaria.

— “A fortuna passa em toda parte” — citou Halleck.

— Em toda parte — concordou Tuek. — E um tempo de convulsão é uma rara oportunidade para o nosso negócio.

Halleck assentiu com a cabeça, ouvindo um leve sopro e sentindo o movimento do ar enquanto a comporta se abria ao seu lado. Ele virou-se, passando agachado através dela para fora do escritório.

Encontrou-se na sala de reuniões, através da qual ele e seus homens haviam sido conduzidos pelos auxiliares de Tuek. Era uma área comprida e um pouco

estreita, escavada na rocha natural, sua superfície lisa revelando o uso de raios-cortadores no trabalho.

O teto se prolongava, alto o suficiente para dar prosseguimento à curva natural de sustentação da rocha, e permitir correntes internas de conversão de ar. Armários e prateleiras de armas enfileiravam-se nas paredes.

Halleck notou, com um toque de orgulho, que aqueles dentre seus homens que ainda eram capazes de ficar de pé estavam nessa posição. Não se permitiam nenhum relaxamento ante o cansaço e a derrota. Médicos dos contrabandistas moviam-se atendendo aos feridos. Padiolas haviam sido dispostas em uma área à esquerda, cada homem ferido com um companheiro Atreides.

O treinamento Atreides — “Nós cuidamos dos nossos!” resistia como um núcleo de rocha entre eles; e Halleck notou-o com orgulho.

Um de seus tenentes aproximou-se, carregando o baliset de nove cordas de Halleck fora de seu estojo. O homem fez uma saudação e disse:

— Senhor, os médicos aqui dizem que não há esperanças para Mattai. Eles não possuem bancos de órgãos e de ossos aqui, somente um posto médico. Mattai não vai durar muito, dizem eles, e ele tem um pedido ao senhor.

— Qual é?

O tenente ergueu o baliset.

— Mattai deseja uma canção para suavizar sua partida, senhor. Ele diz que saberá qual é... ele a pediu ao senhor

muitas vezes. — O tenente engoliu em seco. — Chama-se “Minha Mulher”. Se...

— Eu sei. — Halleck pegou o baliset, retirando o multi-estilete de seu prendedor no teclado. Tirou um tom suave do instrumento, descobrindo que alguém já o afinara. Havia uma ardência em seus olhos, mas ele afastou-a do pensamento enquanto caminhava dedilhando os tons, forçando-se a sorrir naturalmente.

Vários de seus homens e o médico contrabandista encontravam-se inclinados sobre uma das padiolas. Um dos homens começou a cantar baixinho quando Halleck se aproximou, respondendo ao tom com a facilidade de uma longa familiaridade:

“Minha mulher está na janela,

Linhas curvas num quadrado de vidro.

Braços erguidos... inclinada.

Sob o vermelho e o dourado do poente

— Venham para mim...

Venham para mim, braços mornos de minha amada.

Para mim...”

O cantor parou, estendendo um braço enfaixado e fechando os olhos do homem na maca.

Halleck fez soar um último tom suave, pensando: “Agora somos setenta e três.”

A vida familiar na Creche Real é algo de difícil compreensão para muitas pessoas, mas tentarei criar-lhes uma virão resumida. Meu pai tinha apenas um amigo verdadeiro: o Conde Hasimir Fenring eunuco-genético e um dos lutadores mais mortíferos de todo o Império. O Conde, um homem feio mas elegante, trouxe uma nova concubina-escrava para meu pai um dia, e eu fui mandada por minha mãe para espionar o que acontecia. Todos espionávamos meu pai, por uma questão de auto-proteção. Uma das concubinas-escravas permitidas a meu

pai pelo acordo entre a Corporação e a Bene Gesserit não poderia, é claro, ter um herdeiro-real, mas as intrigas eram constantes e deprimentes no modo como eram iguais. Tornamo-nos peritas — minha mãe, minhas irmãs e eu — em evitar sutis instrumentos de morte. Pode parecer uma coisa terrível para se dizer, mas não estou certa de que meu pai fosse inocente em todos aqueles atentados. Uma família real não é como as outras famílias. E aqui estava uma nova concubina-escrava, ruiva como meu pai, esguia e graciosa. Tinha a musculatura de uma dançarina e seu treinamento, obviamente, incluía neuro-sedução. Meu pai olhou para ela durante algum tempo, enquanto ela posava nua diante dele, e afinal disse:

— Ela é demasiado bela. Vamos guardá-la como presente para alguém. — Vocês

não fazem idéia de quanta consternação esse ato de contenção criou na Creche Real. Afinal, sutileza e auto-controle são as mais mortíferas ameaças a todos nós.

— de A Casa de Meu Pai, escrito pela Princesa Irulan

Paul encontrava-se do lado de fora da tenda destiladora no final da tarde. A fenda onde instalara seu acampamento encontrava-se mergulhada em sombras escuras. Ele olhou para a extensão de areia em direção ao penhasco distante, em dúvida se devia ou não acordar sua mãe, que dormia dentro da tenda.

Dobras sobre dobras de dunas estendiam-se além do abrigo. Do outro lado do sol poente elas provocavam

sombras tão negras que pareciam pedaços de noite.

E havia a planura. Sua mente buscava alguma coisa alta naquele panorama, e não encontrava nenhuma verticalidade no horizonte ou no ar trêmulo de calor. Nenhum crescimento, nenhuma forma curvando-se ao vento para marcar a passagem da brisa... Apenas as dunas e aquele penhasco distante sob um céu cinza-azulado.

“E se não houver nenhuma estação de testes abandonada por lá?”, pensou ele. “E se não existirem Fremen e as plantas que vemos forem apenas um produto do acaso?”

Dentro da tenda Jessica despertou, virando-se de lado e olhando para Paul através da extremidade transparente. Ele

estava de costas para ela e algo em sua postura fazia com que se lembrasse do pai. Sentiu o peso da mágoa elevando-se em seu interior e olhou em outra direção. Daí a pouco ajustou seu traje-destilador, refrescou-se com um pouco de água da bolsa recolhadora da tenda e saiu para esticar os músculos.

Paul falou, sem se voltar:

— Estava apreciando a quietude daqui.

“Como a mente se ajusta ao seu ambiente”, pensou ela, lembrando-se da doutrina Bene Gesserit: “A mente pode seguir em ambas as direções quando sob tensão — em direção ao positivo ou ao negativo; ligado e desligado. Pense nisso como um espectro cujos extremos são a inconsciência na extremidade negativa, e a

hiperconsciência na extremidade positiva. A direção para onde a mente se inclina, sob tensão, é fortemente influenciada pelo treinamento.”

— A vida poderia ser boa aqui — disse ele.

Ela tentou ver o deserto através dos olhos dele, tentando abarcar todos os rigores desse planeta como um lugar comum, imaginando os possíveis futuros que ele vislumbrara. “Alguém pode se achar sozinho lá fora. Sem precisar ter medo de ninguém vindo atrás, sem temer o caçador.”

Passou por Paul erguendo seu binóculo, ajustando as lentes de óleo e observando a escarpa adiante. Sim, havia saguaros nos arroios, e outras plantas ressequidas... manchas de vegetação

rasteira, verde-amareladas, nas sombras.

— Vou levantar acampamento — disse Paul.

Jessica assentiu caminhando para a boca da fenda, de onde podia ver uma extensão maior do deserto, girando o binóculo para a esquerda. Uma região salina brilhava, com uma mistura poeirenta em suas bordas. Um trecho de branco, onde branco significava morte, mas a depressão revelava outra coisa: água. Em alguma época a água fluíra através daquele branco brilhante. Ela abaixou o binóculo, ajustou o albornoz, ouvindo por um momento o som dos movimentos de Paul.

O sol mergulhou ainda mais baixo no horizonte e as sombras se estenderam sobre a depressão salgada. Linhas de cores

berrantes espalharam-se sobre o horizonte do poente, fluíram sobre um dedo de escuridão que sondava a areia. Depois, sombras negras como carvão se propagaram, e o rápido cair da noite ocultou a face do deserto.

Estrelas!

Olhava para elas sentindo os movimentos de Paul que se aproximava. A noite no deserto voltando-se para o alto com um sentimento de elevação em direção às estrelas. O peso do dia se afastava, e uma leve brisa soprou em seu rosto.

— A primeira lua se erguerá logo — disse Paul. — O embrulho já está pronto e eu plantei um batedor.

“Nós poderíamos nos perder para sempre neste lugar infernal”, pensou

Jessica, “e ninguém saberia.”

O vento da noite trazia a areia que lhe irritava o rosto, e produzia um odor de canela.

— Sentiu o cheiro?

— Posso senti-lo até mesmo através do filtro — respondeu ela.

— Riqueza. Mas será que nos conseguiria água? — Apontou através da depressão. — Não há sinal de luzes artificiais por lá.

— Os Fremen estariam ocultos num sietch, por trás daquelas rochas.

Uma borda prateada surgiu acima do horizonte à direita: a primeira lua. Ergueu-se até se tornar plenamente visível, com o padrão em forma de mão nítido em sua face. Jessica observou o branco prateado da areia exposta à sua

luz.

— Eu plantei um batedor na parte mais profunda da fenda explicou Paul. — Quando acender o pavio ele nos dará trinta minutos.

— Trinta minutos?

— Antes de começar a atrair um... verme.

— Oh, eu estou pronta para seguir em frente.

Ele se afastou e Jessica ouviu seu avanço pela fenda acima.

“A noite é um túnel”, pensou. “Um túnel para o amanhã... se tivermos um amanhã.” Sacudiu a cabeça. “Por que devo ser tão mórbida? Meu treinamento foi melhor do que isso.”

Paul retornou, pegou o embrulho e liderou a descida até a primeira duna que

se espalhava adiante. Parou, ouvindo os passos da mãe às suas costas. Ouvia seu caminhar lento, os sons repetidos e singulares. O código do deserto se revelando.

— Devemos caminhar sem ritmo — disse Paul, e procurou captar a memória de homens caminhando na areia; em ambas... na memória presciente e na memória real.

— Observe como eu faço — disse ele. — É desse modo que os Fremen caminham na areia. — Caminhou sobre a face da duna voltada para a direção do vento, seguindo sua curva, movendo-se com um passo arrastado.

Jessica observou seu progresso durante dez passos e o seguiu imitando-o, percebendo o sentido daquele modo de

agir. Deviam fazer sons que reproduzissem o resvalar natural da areia... como o vento. Mas os músculos protestavam contra esse padrão interrompido, antinatural: um passo... arrasta o pé... arrasta... um passo... um passo... espera... arrasta... passo... O tempo parecia se prolongar ao redor deles. O penhasco adiante não se tornava mais próximo. O outro atrás ainda se elevava bem alto.

Lamp! lamp! lamp! lamp!

Era um tamborilar vindo da elevação atrás.

— O batedor — sussurrou Paul.

A batida continuava e parecia difícil não reproduzir seu ritmo no caminhar.

Lamp... Lamp... Lamp... Lamp...

Moviam-se sob uma abóbada iluminada pelo luar, perfurada por aquela batida oca. Para baixo e para cima, através de dunas escorregadias: passo... arrasta o pé... espera... passo... sobre a areia que escorria sob os pés... arrasta... espera... passo.

Todo o tempo seus ouvidos buscando aquele silvo especial.

O som, quando veio, principiou tão baixo que o próprio arrastar dos pés o tornava indistinto. Mas ele aumentou... cada vez mais alto... vindo do oeste.

Lamp... lamp... lamp... lamp... — tamborilava o batedor.

O silvo se aproximou, estendendo-se sobre a noite, atrás deles.

Eles voltaram a cabeça enquanto caminhavam, vendo o monte de areia que

o verme punha em movimento.

— Continue andando —
sussurrou Paul. — Não olhe para trás.

Um rangido furioso explodiu nas sombras das rochas que haviam acabado de deixar. Depois um ruído de avalanche.

— Não pare — advertiu Paul.

Percebia que haviam chegado ao ponto onde as duas elevações rochosas, a que ficava adiante e a que ficava atrás, pareciam igualmente distantes. E atrás deles prosseguia aquele chicotear, o frenético partir de rochas dominando a noite.

Continuaram avançando, sempre, sem parar... Seus músculos atingindo um doloroso estágio mecânico que parecia estender-se indefinidamente. Paul, no entanto, notava que a escarpa adiante

tornara-se um pouco mais elevada.

Jessica movia-se num vazio de concentração, consciente de que apenas a força de sua vontade ainda a fazia caminhar. Sua boca estava seca e doída, mas os ruídos atrás afastavam qualquer esperança de parar para um gole de água, nos bolsões de recolhimento do traje.

Lamp!... lamp!

Um novo furor trovejou no penhasco distante, abafando o ruído do batedor.

Depois silêncio.

— Rápido — pediu Paul.

Ela acenou, sabendo que ele não vira o gesto, mas precisando desse movimento para convencer a si mesma de que era necessário exigir ainda mais dos músculos já levados ao limite... o

movimento antinatural...

A face rochosa, representando a segurança à frente, erguia-se até as estrelas e Paul notou um plano de areia lisa estendendo-se na base. Caminhou sobre ele tropeçando em sua fadiga, endireitando-se com o arremessar de um pé involuntariamente para a frente.

Um barulho surdo sacudiu a areia ao redor. Paul saltou para o lado.

Buum! Buum!

— Tambor de areia — avisou Jessica.

Paul recuperou o equilíbrio. Olhou em volta observando a areia ao seu redor, a escarpa rochosa, talvez a duzentos metros de distância.

Para trás ele ouviu um silvo, como o vento assoviando.

— Corra! — gritou Jessica. —
Corra, Paul!

Eles correram, o som do tambor ressoando sob seus pés. Então estavam fora da areia, sobre um leito de pedras. Por algum tempo a corrida era um alívio para os músculos doloridos com o uso desordenado. Aqui estava uma ação que podia ser entendida, aqui havia ritmo. Mas a areia e o cascalho resvalavam sob seus pés e o assovio da aproximação do verme tornou-se um som de tempestade que crescia ao redor deles.

Jessica tropeçou e caiu de joelhos. Tudo que conseguia pensar era a fadiga, o som e o terror.

Paul levantou-a e os dois correram de mãos dadas. Um fino poste erguia-se da areia adiante; eles o ultrapassaram e

viram outro.

A mente de Jessica só os registrou depois que haviam passado por eles. Ali estava outro, sua superfície corroída pelo vento elevando-se de uma fenda na rocha.

Mais outro.

Rocha!

Sentia, através dos pés, o choque da superfície resistente, a força ganha do apoio mais firme.

Uma fenda profunda estendia sua sombra vertical sobre a colina adiante. Eles saltaram para ela comprimindo-se dentro de um estreito buraco. Lá atrás o som da passagem do verme interrompeu-se. Jessica e Paul voltaram-se olhando para o deserto.

Onde as dunas começavam, talvez a cinqüenta metros de distância, ao pé da

praia rochosa, uma curva cinza-prateada emergiu do deserto lançando rios de areia e pó cascadeando ao redor. Aquilo elevou-se ainda mais, transformando-se em uma gigantesca boca. Um buraco negro e redondo com bordas que brilhavam na luz do luar.

A boca serpenteou em direção à estreita fenda onde Paul e Jessica se agachavam. Um cheiro forte de canela invadiu as narinas de ambos. O luar cintilava nos dentes de cristal.

A boca se movia para a frente e para trás.

Paul prendeu a respiração.

Jessica se abaixou, olhando.

Era necessária uma intensa concentração em seu treino Bene Gesserit para controlar o terror primitivo,

subjugando o medo na memória racial que ameaçava dominar sua mente.

Paul sentia uma espécie de alegria. Em algum instante muito próximo ele cruzara uma barreira de tempo, penetrando em território desconhecido. Podia sentir a escuridão adiante, nada revelando-se à sua visão interior. Era como se algum passo que dera o houvesse mergulhado nalgum poço... ou dentro da depressão entre duas ondas, onde o futuro fosse invisível. A paisagem sofrera uma profunda mudança.

E, em vez de assustá-lo, a sensação de escuridão no tempo forçava uma hiperaceleração de seus outros sentidos. Encontrou-se avaliando cada aspecto observável da coisa que se erguia da areia procurando por ele. Sua boca tinha

aproximadamente oitenta metros de diâmetro... dentes de cristal com a forma curva das facas cristalinas brilhavam ao longo da borda... o hálito de canela... ácidos e aldeídos sutis...

O verme obscureceu o luar enquanto roçava nas rochas acima deles. Uma chuva de pequenas pedras e areia cascadeou para dentro do abrigo estreito.

Paul puxou sua mãe mais para o fundo.

Canela!

O cheiro chegava quase a sufocá-los.

“O que tem a ver um verme com a especiaria melange?”, perguntou Paul de si para si. E lembrou-se de Liet-Kynes deixando escapar uma velada referência à existência de uma associação entre vermes

e especiaria.

Bruummmm!

Era como um trovão seco vindo de longe, à direita.

E novamente: Brruummmm!

O verme retrocedeu de volta para a areia, ficou parado momentaneamente, seus dentes de cristal refletindo clarões de luar.

Lamp! Lamp! Lamp! Lamp!

“Outro batedor!”, pensou Paul.

Novamente ele soou à direita.

Um tremor percorreu o corpo do verme. Ele se afastou ainda mais areia adentro. Somente a curva superior abobadada permaneceu, como a metade da boca de um sino, a curva de um túnel, elevando-se acima das dunas. Som de areia raspando.

A criatura mergulhou ainda mais, recuando, voltando-se. Transformou-se num monte de areia encrespado que se curvou para longe através da depressão entre duas dunas.

Paul saiu da fenda, observando a onda de areia retroceder através da desolada vastidão, em direção ao chamado do novo batedor.

Jessica acompanhou com os ouvidos: Lamp... lamp... lamp...

Então o som parou.

Paul encontrou o tubo de seu traje-destilador e sugou um pouco de água reciclada.

Jessica o observava, mas sua mente parecia vazia com a fadiga, e como consequência do terror.

— Tem certeza de que foi embora?

sussurrou.

— Alguém o chamou — disse Paul. — Fremen.

Sentiu-se recuperando as forças.

— Era tão grande!

— Não tão grande quanto aquele que pegou o nosso “tóptero”.

— Tem certeza de que foram os Fremen?

— Eles usaram um batedor.

— Por que nos ajudariam?

— Talvez não estivessem ajudando. Talvez estivessem apenas chamando um verme.

— Por quê?

A resposta encontrava-se no limite de sua consciência, mas se recusava a emergir. Tinha uma visão, em sua mente, de alguma coisa relacionada com aqueles

bastões farpados telescópicos no embrulho. Os “ganchos de produtor”.

— Por que eles chamariam um verme? — insistiu Jessica.

Uma insinuação de medo tocou sua mente e ele forçou-se a dar as costas para sua mãe, examinando o penhasco.

— É melhor encontrarmos um caminho até o alto antes que amanheça. — Apontou. — Aqueles mastros por que passamos... Existem mais.

Ela olhou para onde indicava a mão do rapaz e viu os mastros.

Marcos riscados pelo vento, aparecendo na sombra de uma estreita saliência que se torcia para dentro de uma fenda alta acima deles.

— Eles marcam um caminho para o alto do penhasco comentou Paul.

Colocou o embrulho sobre o ombro, caminhou até a extremidade da saliência e começou a subida para o topo.

Jessica aguardou um momento, resistindo, recuperando suas forças, e então seguiu.

Eles avançaram para o alto, seguindo os mastros-guias até que a saliência tornou-se uma estreita borda na boca de uma profunda fenda.

Paul inclinou a cabeça para olhar dentro do lugar escuro. Podia sentir o equilíbrio precário de seus pés naquela delgada borda, mas forçou-se a ser cauteloso. Via apenas escuridão dentro da fenda que se estendia para cima, aberta às estrelas, no topo. Seus ouvidos procuravam, encontrando apenas os sons que deviam ser esperados: um leve

escorrer de areia, o brrr de um inseto, a batida de uma pequena criatura correndo. Sondou a escuridão com um dos pés, sentindo rocha abaixo de uma superfície abrasiva. Lentamente ele avançou ao longo da borda, fazendo sinal a sua mãe para que o seguisse. Agarrou uma dobra solta no manto dela e a ajudou a contornar a borda.

Olharam para cima, em direção à luz das estrelas emolduradas por dois lábios de rocha. Paul percebia a mãe ao seu lado como uma sombra cinzenta, indistinta.

— Se pudéssemos ao menos nos arriscar a usar uma luz sussurrou ele.

— Temos outros sentidos além dos olhos — respondeu ela.

Paul deslizou um dos pés para a

frente, mudou o apoio do corpo e sondou com o outro pé, encontrando uma obstrução. Ergueu o pé descobrindo um degrau, e firmou-se sobre ele. Estendeu a mão para trás, sentindo o braço de sua mãe, puxando o manto para chamá-la a prosseguir.

Outro degrau.

— Vai até o topo, eu acho — disse ele baixinho.

“Degraus rasos e uniformes”, pensou Jessica. “Feitos pelo homem, sem dúvida alguma.”

Seguiu a sombra de Paul sentindo com o pé a sucessão de degraus. As paredes de rocha estreitaram-se até que seus ombros quase as roçavam. Os degraus terminavam em uma garganta fendida com aproximadamente vinte

metros de comprimento, seu piso nivelado, abrindo-se em uma depressão rasa, iluminada pelo luar.

Paul caminhou na borda, sussurrando:

— Que belo lugar!

Jessica só podia olhar em silenciosa concordância, um passo atrás dele.

A despeito do cansaço, da irritação dos recaths, dos tampões nas narinas e do confinamento do traje-destilador. A despeito do medo e do doloroso desejo de repousar, a beleza da depressão penetrou em seus sentidos, forçando-a a parar para admirá-la.

— Como uma terra de fadas — comentou Paul.

Jessica acenou concordando.

A vegetação de deserto estendia-se

à frente dela: arbustos, cactos, pequenas moitas de folhas, tudo tremulando à luz do luar. As paredes circulares apareciam escuras à sua esquerda, congeladas pela lua à direita.

— Esta deve ser uma aldeia dos Fremen — comentou Paul.

— É preciso haver gente para que tantas plantas sobrevivam concordou ela. Desencapou o tubo dos bolsões em seu traje-destilador e sugou. Um líquido morno e fracamente acre escorregou-lhe garganta abaixo. Sentiu como a refrescava. A capa do tubo rangeu contra flocos de areia ao recolocá-la.

Um movimento chamou a atenção de Paul. À sua direita e ao longo da curva formada pelo piso da depressão. Ele olhou através dos arbustos e ervas em

direção ao trecho em forma de cunha, formado por uma superfície arenosa delineada pelo luar, e habitada por uma coisinha saltitante.

— Camundongo! — disse ele.

A coisinha continuava, entrando e saindo das sombras.

Algo caiu silenciosamente em seu campo de visão em direção ao camundongo. Houve um fino guincho, um bater de asas, enquanto um fantasmagórico pássaro cinzento elevava-se com uma pequenina sombra negra pendendo de suas garras.

“Nós precisávamos desta lembrança”, pensou Jessica.

Paul continuou a olhar ao longo da “pia”. Inalou, sentindo um suave mas penetrante odor de folhas secas subindo

na noite. A ave de rapina fazia-o pensar nos modos de vida do deserto. Ele trouxera um silêncio tão completo à depressão que o luar azul leitoso quase podia ser ouvido fluindo sobre o saguaro e o arbusto espinhoso. Sentia-se um ruído luminoso aqui, mais básico em sua harmonia que qualquer outra música neste universo.

— É melhor encontrarmos um lugar para armar a tenda — disse ele. — Amanhã poderemos tentar encontrar os Fremen, que...

— A maioria dos intrusos aqui lamenta encontrar os Fremen!

Uma pesada voz masculina destruindo a quietude. Uma voz que vinha de algum ponto à direita e acima deles.

— Por favor, não corram, intrusos — disse a voz quando Paul tentou recuar na garganta. — Se correrem apenas desperdiçarão a água de seus corpos.

“Eles nos querem pela água em nossa carne!”, pensou Jessica.

Seus músculos sobrepujando toda a fadiga colocaram-se em prontidão máxima sem nenhum indício externo. Ela logo determinou a localização da voz. “Que maneiras furtivas! Eu não o ouvi chegar”, pensou.

Percebeu que o dono da voz se permitira apenas produzir pequenos sons, naturais ao deserto.

Outra voz chamou da borda da depressão, à esquerda. Acabe logo com isso, Stil. Tire a água deles e vamos prosseguir nosso caminho. Temos pouco

tempo antes da aurora.

Paul, menos condicionado a responder a emergências do que sua mãe, sentia desgosto por ter se assustado e tentado recuar.

Deixara suas habilidades serem encobertas por um pânico momentâneo. Forçava-se agora a obedecer aos ensinamentos de Jessica: relaxe, depois simule um relaxamento e prepare os músculos para golpear como um chicote em qualquer direção.

Ainda assim sentia uma ponta de medo em seu interior, conhecendo sua origem. Esse era um tempo cego... sem nenhum futuro à vista... e eles estavam diante de Fremen selvagens, cujo único interesse se encontrava na água contida na carne de dois corpos desprotegidos.

Essa adaptação religiosa dos Fremen, então, é a fonte do que agora reconhecemos como “Os Pilares do Universo”; cujos Qizara Tafavid se encontram entre nós, com sinais, provas e profecias. Eles trazem a mística fusão de Arrakis cuja beleza profunda é exemplificada pela excitante música construída sobre velhas formas, mas estampada com o novo despertar. Quem não ouviu ainda O Hino do Homem Velho e não ficou profundamente comovido?

Arrastei meus pés pelo deserto

*Cuja Miragem se agitava como uma
multidão.*

Sedento de glória, cobijando o perigo,

Vagueei pelos horizontes de al-Kulab,

Observando o tempo nivelar montanhas

Em sua busca e em sua fome por mim.

*E vi os pardais se aproximarem
rapidamente,*

Mais atrevidos que um lobo no ataque.

*Espalham-se sobre a árvore de minha
juventude.*

E ouvi o bando em meus ramos

Sendo apanhado em seus bicos e garras!

*— do Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

O homem se arrastava sobre o

topo da duna. Uma partícula de pó apanhada no brilho do sol do meio-dia. Estava vestido apenas com os trapos remanescentes de um manto jubba, sua pele nua entre os farrapos. O capuz fora arrancado do manto, mas o homem fizera um turbante com uma tira de tecido rasgado. Mechas de cabelo louro projetavam-se sob o turbante, igualando-se com a barba rala e as grossas sobrancelhas. Por baixo dos olhos de azul-dentro-de-azul, restos de uma nódoa negra espalhavam-se até as maçãs do rosto. Uma depressão emaranhada sobre a barba e o bigode revelava onde o tubo do traje-destilador marcara sua trilha, do nariz até as bolsas de recolhimento.

O homem parou sobre a crista da duna, braços estendendo-se para baixo

sobre a face oposta. O sangue coagulava em suas costas e sobre seus braços e pernas. Manchas de areia cinza-amarelada agarravam-se aos ferimentos. Lentamente ele colocou as mãos sob o corpo e conseguiu se levantar cambaleando. Até mesmo nesse movimento casual permanecia um traço da precisão que antes existira.

— Eu sou Liet-Kynes — disse, dirigindo-se ao horizonte vazio, e sua voz soou como uma caricatura rouca da força que conhecera.

— Sou o Planetólogo de Sua Majestade Imperial — sussurrou. — O ecologista planetário de Arrakis. Sou o administrador destas terras.

Tropeçou, caindo de lado sobre a superfície dura da face voltada para o

vento. Suas mãos agarraram febrilmente a areia.

“Sou o administrador destas terras”, pensou.

Percebia o seu próprio estado semi-delirante, sabia que era preciso enterrar-se na areia, descobrindo uma camada inferior mais fria e se cobrindo com ela. Mas podia sentir o odor suave, rançoso, de um bolsão de pré-especiaria em algum ponto debaixo dessa areia. Mais do que qualquer outro Fremen, ele conhecia o perigo que isso representava. Se podia cheirar a massa de pré-especiaria, isso significava que os gases, presos profundamente sob a areia, estavam se aproximando do estágio de pressão explosiva.

Era preciso sair dali logo.

Suas mãos esboçaram débeis rabiscos na face da duna e um pensamento espalhou-se em sua mente, claro, nítido: “A riqueza verdadeira de um planeta encontra-se em sua paisagem, na maneira como tomamos parte naquela fonte básica de civilização a agricultura.”

Achou estranho que sua mente, há tanto tempo fixa num único curso de pensamentos, fosse incapaz de escapar deles. As tropas Harkonnen o haviam abandonado ali, sem água ou traje-destilador, pensando que um verme poderia pegá-lo se o deserto não o fizesse. Haviam achado divertido deixá-lo vivo, para morrer aos poucos nas mãos impessoais de seu planeta.

“Os Harkonnen sempre acham difícil matar Fremen”, pensou.

“Nós não morremos facilmente. Eu já devia estar morto agora... vou estar morto logo... mas não posso parar de ser um ecologista.”

A função mais elevada da ecologia consiste na compreensão das conseqüências.

A voz o deixou chocado por tê-la reconhecido, sabendo que se tratava da voz de um morto. Era a voz de seu pai, que fora o planetólogo nesse mesmo planeta, antes dele. Seu pai, há muito tempo morto durante um desmoronamento na Bacia de Gesso.

— Meteu-se em uma bruta encrenca, filho — disse-lhe o pai.

— Devia saber quais seriam as conseqüências ao tentar ajudar o filho daquele Duque.

“Estou delirando”, pensou Kynes.

A voz parecia vir da sua direita e Kynes roçou com o rosto na areia, virando-se para olhar naquela direção. Não havia nada, nada exceto uma curva extensão de dunas, tremulando com o calor sob o brilho pleno do sol.

— Quanto mais vida houver dentro de um sistema, mais nichos haverá para essa vida — dizia seu pai. E a voz vinha agora de trás, à sua esquerda.

“Por que ele fica se movendo à minha volta?”, perguntou Kynes de si para si: “Será que ele não quer que eu o veja?”

— A vida aumenta a capacidade de um ambiente em sustentar a vida — continuou seu pai. — A vida torna os nutrientes necessários mais facilmente

acessíveis. Ela adiciona mais energia ao sistema através da tremenda interação química de um organismo para com outro.

“Por que ele fica sempre repetindo o mesmo assunto? Eu já sabia isso antes de completar dez anos.”

Falcões do deserto, comedores de carniça como a maioria das criaturas selvagens dessa terra; começaram a circular acima dele.

Kynes viu uma sombra passar próximo à sua mão, e forçou a cabeça a se virar olhando para o alto. Os pássaros eram uma mancha indistinta no céu azul prateado — grãos distantes de fuligem flutuando acima.

— Nós generalizamos — disse-lhe o pai. — Não se pode traçar linhas em

torno de problemas planetários. A planetologia é uma ciência que exige reduções e encaixes.

“O que é que ele está tentando me dizer? Existirá alguma consequência que deixei de perceber?”

Seu rosto tombou de volta na areia quente, e Kynes sentiu o odor de rocha queimada debaixo dos gases pré-especiaria. De algum canto de sua mente lógica um pensamento se formou: “Aquilo lá em cima são pássaros carniceiros. Talvez algum dos meus amigos Fremen os veja e venha investigar.”

— Para o trabalho do planetólogo a ferramenta mais importante são os seres humanos. Você deve cultivar o conhecimento ecológico entre as pessoas.

É por isso que criei esta forma inteiramente nova de notação ecológica.

“Ele repete coisas que me disse quando eu era uma criança”, pensou Kynes.

Começou a sentir frio, mas o resto de sua mente lógica lhe disse: “O sol está bem acima. Você não tem traje-destilador e está quente; o sol está evaporando a umidade para fora de seu corpo.”

Seus dedos agarraram-se, fracos, na areia.

“Eles não podiam nem ao menos me deixar um traje-destilador!”, pensou.

— A presença de umidade no ar ajuda a evitar uma evaporação muito rápida da existente nos corpos vivos — disse seu pai.

“Por que ele fica repetindo o

óbvio?”), cismou Kynes.

Tentou pensar em umidade no ar, em grama cobrindo essa duna... em água livre em algum ponto abaixo, num longo qanat fluindo com água de irrigação, aberto ao céu, exceto nas ilustrações dos textos... Água livre... água de irrigação... Eram necessários cinco mil metros cúbicos de água para irrigar um hectare de terra durante uma estação, lembrou-se.

— Nosso primeiro objetivo em Arrakis — disse-lhe o pai — serão as regiões de grama. Começaremos com esses tipos de capim mutante. Quando tivermos umidade presa nestas regiões gramadas poderemos começar as florestas nas terras elevadas. Depois, algumas massas de água livre — pequenas no princípio —, situadas ao longo das linhas

de ventos dominantes, com precipitadores de umidade, em armadilhas de vento, colocadas em espaços ao longo dessas linhas para recapturar o que o vento leva. Devemos criar um verdadeiro siroco — um vento úmido — mas nunca poderemos dispensar as armadilhas de vento.

“Sempre me dando aula”, pensou Kynes. “Por que ele não cala a boca? Não percebe que estou morrendo?”

— Vai morrer igualmente, se não sair agora mesmo de cima da bolha que está se formando nas profundezas embaixo de você.

Ela está lá, você sabe disso, pode cheirar os gases pré-especiaria.

Sabe que os pequenos produtores estão começando a perder um pouco de

sua água nessa massa.

O pensamento daquela água debaixo dele era enlouquecedor. Podia imaginá-la agora, fechada em camadas de rocha porosa pelos coriáceos pequenos produtores, meio planta meio animal. Uma fina ruptura estava derramando a fria fonte da água líquida mais clara, pura e refrescante dentro de...

“Massa pré-especiaria!”

Inalou sentindo o odor doce e rançoso. Era muito mais forte à sua volta agora do que antes.

Conseguiu erguer-se, pondo-se de joelhos. Ouviu o grito de um pássaro e um apressado bater de asas.

“Isto aqui é um deserto de especiaria. Deve haver Fremen por aqui mesmo à luz do dia. Certamente eles

verão os pássaros, e devem vir investigar”, pensou.

— O movimento sobre uma região é uma necessidade para a vida animal — continuou seu pai. — Povos nômades seguem essa mesma necessidade. As linhas de movimento se ajustam às necessidades físicas de água, comida e minerais. Devemos controlar esses movimentos alinhando para os nossos propósitos.

— Cale a boca, velho — murmurou Kynes.

— Devemos fazer uma coisa em Arrakis que nunca foi tentada antes sobre um planeta inteiro: devemos usar o homem como força ecológica construtiva. Inserindo formas adaptadas de vida terrena: uma planta aqui, um animal ali,

um homem naquele lugar, visando transformar o ciclo da água, para construir um novo tipo de paisagem.

— Cale-se — gemeu Kynes.

— Foram as linhas de movimento que nos forneceram os primeiros indícios quanto ao relacionamento entre os vermes e a especiaria.

“Um verme”, pensou Kynes com uma onda de esperança. “Um produtor certamente deve aparecer quando a bolha estourar. Mas não tenho os ganchos. Como poderei montar num grande produtor sem os ganchos?”

Podia sentir a frustração minando o pouco de força que ainda lhe restava. Água, tão próxima, somente uma centena de metros abaixo dele. Um verme viria com certeza, mas não haveria meios de

prendê-la na superfície e usá-lo.

Kynes tombou para a frente, retornando à depressão rasa que seus movimentos haviam criado. Sentiu areia quente de encontro ao lado esquerdo da face, mas a sensação era remota, distante.

— O ambiente de Arrakis formou-se sobre um padrão evolucionário de formas de vida nativas. Como é estranho que tão poucas pessoas chegassem a observar a especiaria o suficiente para se perguntarem quanto ao equilíbrio quase ideal entre Nitrogênio e CO, sendo mantido, aqui, na ausência de grandes áreas com cobertura vegetal. A esfera de energia de um planeta encontra-se visível e passível de ser compreendida. Um processo implacável; mas um processo, não obstante. Existe uma brecha nele?

Então, nesse caso, alguma coisa ocupa essa brecha. A ciência é feita de tantas coisas que parecem óbvias, depois que foram explicadas. Eu sabia que o pequeno produtor estava lá, oculto profundamente na areia, antes mesmo que o visse.

— Por favor, pare de me dar aula, papai — sussurrou Kynes.

Um dos falcões pousou na areia junto de sua mão estendida.

Kynes viu-o dobrar as asas e inclinar a cabeça para fitá-lo. Reuniu todas as suas forças para gemer para ele. O pássaro saltou a uma distância de dois passos, mas continuou a fitá-lo.

— O homem e suas obras têm constituído uma doença sobre a superfície de seus planetas muito antes de nossa época. A natureza tende a compensar

essas doenças, removendo-as ou isolando-as, para incorporá-las ao sistema do seu próprio modo.

O falcão abaixou a cabeça, estendeu e fechou as asas, depois novamente transferiu a atenção para a mão estendida.

Kynes descobriu que não tinha mais forças para gemer e espantar o animal.

— O sistema histórico de pilhagem mútua e extorsão termina aqui em Arrakis — continuava seu pai. — Você não pode continuar para sempre tomando o que precisa, sem consideração por aqueles que virão depois. As qualidades físicas de um planeta estão gravadas em seu registro político e econômico. Temos o registro à nossa

frente, e nosso caminho é óbvio.

“Ele nunca pára de dar aula”,
pensou Kynes. “Discursando,
discursando, discursando... sempre.”

O falcão saltou à distância de um passo em direção à sua mão, virou a cabeça primeiro em uma direção, depois na outra, estudando a carne exposta.

— Arrakis é um planeta de uma única colheita. Uma colheita. Ela sustenta a classe governante que vive como as classes governantes sempre viveram, enquanto abaixo delas uma massa semi-humana de semi-escravos sobrevive do que sobra, dos restos. São as massas e os restos que ocuparão nossa atenção. Eles são mais valiosos do que jamais se suspeitou.

— Eu o estou ignorando, pai —

sussurrou Kynes, quase inaudível. — Vá embora.

Em seguida pensou: “Certamente devem existir alguns de meus Fremen por perto. Eles não podem evitar ver esses pássaros sobre mim. Virão investigar, ainda que para ver se existe umidade disponível.”

— As massas de Arrakis vão saber que nós trabalhamos para fazer a água fluir sobre a terra. A maioria deles, é claro, terão apenas uma compreensão semi-mística de como tencionamos fazê-lo. Muitos, não compreendendo a questão proibitiva da taxa de massa, poderão até mesmo pensar que vamos trazer água de algum outro planeta onde ela é abundante. Deixe-os pensar o que quiserem, contanto que acreditem em

nós.

“Dentro de um minuto vou levantar e lhe dizer o que penso dele. Ficando aí, dando aula, quando devia estar me ajudando”, pensou Kynes.

O pássaro deu outro pulo para mais próximo da mão estendida de Kynes. Outros dois falcões pousaram na areia atrás dele.

— Religião e lei, entre nossas massas, deve ser uma coisa única continuou o pai de Kynes. — Um ato de desobediência deve ser um pecado e exigir penalidades religiosas. Isso terá a dupla vantagem de produzir maior obediência e maior bravura. Não devemos depender tanto da coragem individual, como pode ver, e sim da coragem de uma população inteira.

— Onde está minha população, agora que eu mais preciso dela? — perguntou Kynes. Reuniu toda a sua força conseguindo mover a mão na largura de um dedo em direção aos pássaros mais próximos. O falcão saltou para trás, reunindo-se aos seus companheiros, pronto para alçar vôo.

— Nosso cronograma atingirá a estatura de um fenômeno natural. A vida de um planeta é como um tecido imenso, bem entrelaçado. As mudanças na vegetação e nos animais serão determinadas, a princípio, pelas forças físicas que manipulamos. À medida que se estabelecerem, entretanto, nossas mudanças se tornarão influências controladoras, e teremos de lidar com elas igualmente. Não se esqueça, porém, de

que necessitamos controlar apenas três por cento da energia superficial — apenas três por cento, inclinando a estrutura inteira em direção ao nosso sistema auto-sustentador.

“Por que não me ajuda? Sempre o mesmo: quando mais preciso de você, você me abandona.” Queria voltar a cabeça na direção da voz do pai, fitar o velho de cima para baixo, mas seus músculos se recusavam a obedecer.

Viu o falcão se mover. Ele aproximava-se de sua mão, um passo cauteloso de cada vez, enquanto seus companheiros esperavam em fingida indiferença. Parou a apenas um pulo de distância da mão.

Uma profunda claridade invadiu a mente de Kynes. Via subitamente um

potencial em Arrakis que seu pai nunca percebera.

As possibilidades ao longo desse caminho diferente fluíram através dele.

— Não há desastre mais terrível para o seu povo do que cair nas mãos de um Herói — disse-lhe o pai.

“Lendo minha mente”, pensou Kynes. “Pois muito bem, deixe-o” As mensagens já devem ter sido enviadas às vilas do meu sietch. Nada poderá detê-los. Se o filho do Duque está vivo, eles o encontrarão e o protegerão como ordenei. Podem desfazer-se da mulher, sua mãe, mas salvarão o rapaz”, pensou.

O falcão deu mais um salto que o trouxe até à distância de uma bicada. Inclinou a cabeça para examinar a carne indolente.

Abruptamente ele se endireitou, esticou a cabeça para o alto e com um único grito saltou para o ar, inclinando-se para descrever uma curva acima, com seus companheiros logo atrás.

“Eles vieram”, pensou Kynes. “Meus Fremen me encontraram!”

Então ouviu a areia roncando.

Todo Fremen conhecia esse som, podendo distingui-lo imediatamente do ruído dos vermes, ou de outras formas de vida do deserto. Nalgum ponto debaixo dele a massa de pré-especiaria acumulara o suficiente em água e matéria orgânica, proveniente dos pequenos produtores, e atingira o estágio crítico de crescimento descontrolado. Uma gigantesca bolha de dióxido de carbono formara-se profundamente na areia, erguendo-se em

direção à superfície num enorme “sopro”, com um redemoinho de areia em seu centro. Trocando o que houvesse na superfície pelo que se formara nas profundezas da areia.

Os falcões circulavam acima gritando sua frustração. Sabiam o que estava acontecendo. Qualquer criatura do deserto saberia.

“E eu sou uma criatura do deserto”, pensou Kynes. “Está vendo, pai? Eu sou uma criatura do deserto.”

Sentiu a bolha erguê-lo num domo de areia, sentiu que este se partia enquanto o redemoinho de pó o engolfava e arrastava em direção à fria escuridão. Por um momento a sensação de frio e umidade foram um alívio abençoado. Depois, enquanto o planeta o

matava, ocorreu a Kynes que seu pai e todos os outros cientistas estavam errados. O mais persistente de todos os princípios universais era o acidente e o erro.

Até mesmo os falcões considerariam esses fatos...

Profecia e presciência — como podem elas ser colocadas em teste diante de questões sem resposta? Considere: o quanto é verdadeira a previsão de “força de onda” (como o Muad’Dib se refere à sua imagem-visão) e o quanto é resultado do trabalho do profeta, moldando o futuro para se adequar à profecia? Qual a harmonia inerente ao ato de profetizar? Será que o profeta vê o futuro ou vê apenas uma linha de fraquezas, uma falha ou rachadura que lhe permita partir com palavras ou decisões, assim como um cortador de diamantes parte sua jóia com um golpe de faca?

*— de Reflexões Particulares a Respeito
do Muad’Dib,*

— Tire a água deles — dissera o homem, falando no meio da noite, e Paul lutara contra seu medo, olhando para sua mãe. Seus olhos treinados percebiam como ela se preparara para a luta, os músculos prontos para a ação rápida.

— Seria lamentável se fôssemos obrigados a destruí-los imediatamente — disse a voz acima deles.

“Foi este quem nos falou primeiro”; pensou Jessica. “Há pelo menos dois deles, um à nossa direita e um à nossa esquerda.”

— Cignoro brobosa sukares bin mange Ia pcbagavas doí tece tramavas na beslas lele pal brobas!”

Era o homem à direita chamando através da depressão.

Para Paul as palavras eram incompreensíveis, mas, com o treinamento Bene Gesserit, Jessica reconheceu a linguagem. Tratava-se de Chakobsa, uma das mais antigas linguagens de caçadores, e o homem acima deles dizia que talvez fossem os estranhos que procuravam.

No súbito silêncio que se seguiu ao chamado, a face da segunda lua, brilhando azul-esbranquiçada, surgiu sobre as rochas da depressão, fitando como um rosto redondo e brilhante.

O som de pessoas correndo veio das rochas — em cima e em ambos os lados... movimentos escuros ao luar. Muitas pessoas fluindo através das

sombras.

“Uma tropa inteira!”, pensou Paul com um súbito aperto no coração.

Um homem alto, num albornoz mosqueado, surgiu diante de Jessica. Seu filtro bucal fora removido, para permitir que falasse mais claramente, e pendia do lado do queixo, revelando uma barba espessa à luz oblíqua da lua. A face e os olhos continuavam ocultos pelo capuz.

— O que temos aqui? Gênios ou humanos? — indagou ele.

Jessica percebeu a ironia em sua voz, analisou-a, permitindo-se aceitar uma leve esperança. Essa era a voz de comando, a voz que primeiro os assustara com sua súbita intrusão dentro da noite.

— Humanos, eu garanto — disse o homem.

Jessica sentia, mais do que via, a faca escondida em uma das dobras do manto do homem. Sentiu um amargo ressentimento de que nem ela nem Paul possuísse um escudo.

— Vocês também falam? — indagou o homem.

Jessica colocou toda a altivez real ao seu alcance em suas maneiras e na sua voz. Uma resposta era urgente, mas ela ainda não ouvira o suficiente desse homem para ter certeza de ter registrada na memória sua cultura e suas fraquezas.

— Quem vem a nós como criminosos saindo da noite? indagou.

A cabeça encapuçada demonstrou tensão num movimento súbito e então um lento relaxar, bastante revelador. Esse homem possuía um bom auto-controle.

Paul afastou-se de sua mãe para oferecer dois alvos separados, e permitir a ambos uma área livre para agir.

A cabeça semi-oculta no capuz voltou-se diante do movimento de Paul, abrindo um trecho de rosto para a luz do luar. Jessica viu um nariz fino e um olho brilhante. Um olho escuro, muito escuro, sem qualquer sinal de branco, e um bigode marrom escuro, voltado para cima.

— Provavelmente um menino — disse o homem. — Se vocês forem fugitivos dos Harkonnen é possível que sejam bem-vindos entre nós. O que é isso, garoto?

As possibilidades faiscavam na mente de Paul: um stratagem? Um fato?

Uma decisão imediata tornava-se

necessária.

— Por que dariam boas-vindas a fugitivos? — indagou ele.

— Um garoto que pensa e fala como um homem — disse o homem alto. — Bem, agora, para responder à sua pergunta, meu jovem wali, eu sou aquele que não paga o fai, o tributo de água aos Harkonnen. E por isso que posso dar boas-vindas a fugitivos.

“Ele sabe quem somos”, pensou Paul. “Há uma certa dissimulação em sua voz.”

— Eu sou Stilgar, o Fremen — disse o homem alto. — Será que isto solta sua língua, garoto?

“A mesma voz”, pensou Paul, lembrando-se do Conselho e desse mesmo homem buscando o corpo de um

amigo assassinado pelos Harkonnen.

— Eu o conheço, Stilgar. Eu estava com meu pai no Conselho quando você veio a nós em busca da água de seu amigo. Você partiu levando consigo um dos homens de meu pai, Duncan Idaho. Uma troca entre amigos.

— E Idaho nos abandonou para voltar ao seu Duque respondeu Stilgar.

Jessica percebeu os tons de desprezo na voz do homem e se manteve preparada para atacar.

A voz acima nas rochas chamou de novo:

— Nós perdemos tempo aqui, Stil.

— Este é o filho do Duque — retrucou Stilgar. — É, com certeza, aquele a quem Liet nos mandou procurar.

— Mas... é uma criança, Stil.

— O Duque era um homem, e este jovem usou um batedor disse Stilgar.

— Aquela foi uma brava travessia no caminho do shai-hulud.

Jessica percebia que ele a excluía de seus pensamentos. Teria já lhe passado uma sentença?

— Nós não temos tempo para um teste — protestou a voz acima deles.

— E, no entanto, ele poderia ser o Lisan al-Gaib insistiu Stilgar.

“Ele está procurando por um presságio!”, pensou Jessica.

— Mas, e a mulher? — indagou a voz acima.

Jessica se preparou novamente. Percebera morte naquela voz.

— Sim, a mulher — disse Stilgar.
— E sua água.

— Você conhece a lei. Aqueles que não podem viver no deserto...

— Cale-se — comandou Stilgar.
— Os tempos mudam.

— Será que Liet ordenou isso? — indagou a voz nas rochas.

— Você ouviu a voz do cielago, Jamis — disse Stilgar. — Por que me pressiona?

Jessica pensava: “Cielago!” O indício na linguagem abria largos caminhos à compreensão: essa era a linguagem de Ilm e Fiqh, e cielago significava morcego, um pequeno mamífero voador.

“Voz do cielago”: eles haviam recebido uma mensagem distrans para que procurassem por Paul e por ela.

— Eu apenas lhe lembro suas

obrigações, amigo Stilgar — disse a voz nas rochas.

— Minha obrigação é para com a força de minha tribo. Este é o meu único dever e não preciso de que ninguém me lembre. Esse menino-homem me interessa. Ele é saudável, foi criado com muita água, cresceu longe do pai sol. Ele não tem os olhos do ibad, e todavia não fala nem age como os fracos das panelas. Nem o seu pai. Como pode ser isso?

— Não podemos passar a noite aqui discutindo. Se uma patrulha...

— Eu não vou lhe dizer novamente para ficar calado, Jamis.

O homem acima ficou em silêncio, mas Jessica o ouviu se mover, saltando sobre o desfiladeiro e descendo até o fundo da depressão pela esquerda.

— A voz do cielago sugeriu que haveria vantagem para nós em salvar vocês dois — disse Stilgar. — Eu vejo possibilidades nesse menino forte. Ele é jovem e pode aprender. Mas, e quanto a você, mulher?

“Eu tenho sua voz e o seu padrão registrados agora”, pensou Jessica. “Posso controlá-lo com uma única palavra, mas ele é um homem forte... vale muito mais para nós com plena liberdade de ação. Vamos ver.”

— Eu sou a mãe deste menino — disse Jessica. — A força dele, que você admira, é em parte produto de meu treinamento.

— A força de uma mulher pode ser infinita — disse Stilgar.

— Certamente é, no caso de uma

Reverenda Madre.

— Você é uma Reverenda Madre?

Por um momento, Jessica colocou de lado todas as implicações daquela pergunta e respondeu com sinceridade:

— Não.

— Foi treinada nas maneiras do deserto?

— Não; mas muitos consideram valioso o meu treinamento.

— Nós fazemos nossos próprios julgamentos de valor.

— Cada homem tem o direito ao seu próprio julgamento.

— É bom que veja a razão. Não podemos nos demorar aqui para testá-la, mulher. Você compreende? Não queremos que o seu espírito nos persiga. Vou levar o menino-homem, seu filho, e

ele terá minha proteção e o santuário em minha tribo. Mas para você, mulher... compreende que não é nada pessoal? É a lei de Istislah, no interesse de todos. Não é suficiente?

Paul deu um passo adiante.

— De que estão falando?

Stilgar olhou rapidamente para ele, mas manteve a atenção em Jessica.

— A menos que tenha sido treinada profundamente, desde a infância, para sobreviver aqui, você poderia causar a destruição de uma tribo inteira. É a lei, e nós não podemos carregar inúteis...

O movimento de Jessica principiou com uma queda para o solo, simulando um desmaio. Era uma reação óbvia a ser esperada de uma estrangeira fraca, e o óbvio sempre retarda as reações

de um oponente. Leva um instante para interpretar algo conhecido quando esse algo é apresentado como desconhecido. Ela saltou ao ver o ombro direito de Stilgar cair para colocar a arma, oculta nas dobras do manto, apontando em sua nova posição. Uma volta súbita, um golpe com o braço, seguido de um rodopiar de mantos e Jessica estava apoiada de encontro a uma rocha, com o homem indefeso à sua frente.

Com os primeiros movimentos de sua mãe, Paul recuou dois passos. Quando ela atacou, ele mergulhou nas sombras. Um homem barbado surgiu em seu caminho, lançando-se para diante, meio agachado, com uma arma na mão. Paul atingiu o homem embaixo do esterno com um soco direto, pulou para o

lado e o golpeou na base do pescoço, tomando-lhe a arma enquanto ele caía.

Em seguida estava em meio às sombras, subindo entre as rochas com a arma enfiada no cinturão de pano. Reconhecera o tipo apesar de sua forma pouco familiar. Uma arma lançadora de projéteis e isso revelava muitas coisas a respeito desse lugar. Outro indício de que escudos não eram usados por aqui.

“Eles vão se concentrar em minha mãe, e naquele Stilgar.

Ela pode cuidar dele. Eu devo chegar a um ponto vantajoso de onde possa ameaçá-los e dar a ela o tempo de que precisa para escapar”, pensou Paul.

Houve um coro de nítidos estalidos de molas vindas da depressão, e uma chuva de projéteis zumbiu nas

rochas em torno dele. Um deles atingiu seu manto. Paul espremeu-se num canto e encontrou-se dentro de uma estreita fenda vertical. Começou a subir, com as costas apoiadas num dos lados e os pés no outro.

Lentamente, e tão silencioso quanto poderia.

O rugido da voz de Stilgar ecoou até ele:

— Voltem, seus piolhos com cabeça de verme! Ela quebra o meu pescoço se chegarem perto!

A voz no fundo da depressão avisou:

— O garoto fugiu, Stil. .. Que vamos...

— Claro que ele fugiu, seu cérebro de areia... Agghh! Calma, mulher.

— Diga-lhes que parem de perseguir o meu filho.

— Eles já pararam, mulher. Ele fugiu, como você tencionava que fizesse. Grandes deuses! Por que não disse que era uma mulher sobrenatural e uma lutadora?

— Mande seus homens recuarem. Diga-lhes que voltem para dentro da depressão onde eu possa vê-los... e é melhor que acredite nisto: eu sei quantos eles são.

E ela pensou: “Este é um momento delicado, mas se este homem é tão inteligente quanto parece, nós teremos uma chance.”

Paul continuou a subir vagarosamente. Encontrou uma saliência onde poderia repousar e olhou para

baixo. Ouviu a voz de Stilgar:

— E se eu recusar? Como pode... agghh! Deixe-me, mulher! Não lhe faremos mal agora. Grandes Deuses! Se pode fazer isto ao mais forte entre nós, você vale dez vezes seu peso em água.

“Agora o teste da razão”, pensou Jessica, e disse:

— Você procura pelo Lisan al-Gaib.

— Vocês poderiam ser as pessoas em nossa lenda respondeu ele. — Mas eu acreditarei nisso quando for testado. Tudo que sei é que vieram aqui com aquele estúpido Duque... Aii! Mulher! Eu não me importo se me matar! Ele era bravo e honrado, mas foi estúpido por se colocar diante do punho dos Harkonnen.

Silêncio.

Daí a pouco Jessica falou:

— Ele não tinha escolha, mas não vamos discutir a respeito. Agora, diga àquele homem, ali atrás do arbusto, que pare de tentar apontar aquela arma para mim ou deixarei o universo livre de você e irei atrás dele em seguida.

— Você aí — gritou Stilgar. — Faça o que ela diz.

— Mas Stil...

— Faça o que ela manda, seu cara de verme, seu lagarto com cérebro de areia. Do contrário eu a ajudarei a desmembrá-lo! Não pode ver o valor desta mulher?

O homem atrás do arbusto levantou-se para fora de seu esconderijo parcial e abaixou a arma.

— Ele obedeceu — disse Stilgar.

— Agora explique claramente à sua gente o que deseja de mim. Não quero que nenhum jovem cabeça-quente cometa um erro tolo.

— Quando penetramos em vilas e cidades nós precisamos ocultar nossa origem e identidade, misturando-nos com o povo das pias e panelas. Então não carregamos armas, já que a faca cristalina é sagrada. Mas você, mulher, você tem uma habilidade sobrenatural para a luta. Nós apenas ouvimos a respeito disso e muitos duvidavam, mas não se pode duvidar do que se vê com os próprios olhos. Você dominou um Fremen armado. Essa é uma arma que busca alguma poderia revelar.

Houve um murmúrio na depressão, enquanto as palavras de Stilgar

eram compreendidas.

— E se eu concordar em ensinar a vocês o... modo sobrenatural?

— Meu apoio para você assim como para o seu filho.

— E como podemos estar certos da sinceridade de sua promessa?

A voz de Stilgar perdeu um pouco do sutil tom de persuasão e assumiu uma tonalidade amarga:

— Aqui fora, mulher, nós não carregamos papéis para contratos. Não fazemos promessas noturnas para quebrá-las com a alvorada. Quando um homem diz uma coisa, isso é seu contrato. Como líder de meu povo eu os faço confiar em minha palavra. Ensine-nos o modo sobrenatural e terá um santuário entre nós por quanto tempo desejar. Sua água

se misturará com nossa água.

— Você fala por todos os Fremen?

— Com o tempo é possível que sim. Mas somente o meu irmão Liet fala por todos os Fremen. Hoje, eu prometo apenas o segredo. Minha gente não falará a respeito de vocês em nenhum outro sietch. Os Harkonnen retornaram para Duna com todas as suas forças e o seu Duque está morto. Dizem que vocês morreram numa tempestade. O caçador não procura caça morta.

“Há segurança nisso. Mas esta gente possui um bom sistema de comunicação”, pensou Jessica. “E mensagens podem ser enviadas.”

— Presumo que uma recompensa foi oferecida por nós.

Stilgar permaneceu em silêncio e

Jessica quase podia ver os pensamentos girando em sua cabeça, sentindo o movimento dos músculos embaixo de suas mãos.

Daí a pouco ele disse:

— Direi uma vez mais: eu lhe dei a palavra da tribo. Meu povo conhece o seu valor para todos nós agora. O que os Harkonnen poderiam nos oferecer? Nossa liberdade? Ah!, você é o taqwa, que nos comprará mais do que toda a especiaria nos cofres dos Harkonnen.

— Então devo lhe ensinar o meu modo de luta — disse Jessica, sentindo a inconsciente intensidade ritual de suas próprias palavras.

— Agora pode me libertar?

— Assim seja.

Jessica soltou o homem e

caminhou para o lado, ficando à plena vista do grupo na depressão. “Esse é o teste da mistura”, pensou.

“Mas Paul deve saber a respeito deles ainda que eu morra em prol de seu conhecimento.”

No silêncio que se seguiu, Paul inclinou-se para a frente tentando obter uma visão melhor do ponto onde sua mãe se encontrava. Ao se mover ouviu uma respiração pesada se interromper subitamente acima dele, na fenda vertical da rocha. Percebeu uma fraca sombra delineada contra as estrelas.

A voz de Stilgar veio lá de baixo.

— Você aí em cima! Pare de caçar o rapaz. Ele vai descer logo.

A voz de um garoto, ou de uma moça, soou na escuridão, acima de Paul:

— Mas, Stil, ele não pode estar longe de...

— Eu disse que o deixasse, Chani! Sua filha de um lagarto!

Uma voz praguejou baixinho acima de Paul, seguida de uma queixa, igualmente em voz baixa.

— Chama-me de filha de lagarto! — Depois a sombra sumiu de vista.

Paul voltou sua atenção para a cratera, percebendo a sombra cinzenta de Stilgar movendo-se ao lado de sua mãe.

— Venham todos vocês — chamou Stilgar, depois voltou-se para Jessica. — E agora eu lhe pergunto: como podemos ter certeza de que cumprirá com sua parte em nosso acordo? É você quem vive com papéis e contratos vazios tais como...

— Nós, de Bene Gesserit, não quebramos nossas promessas mais do que vocês o fazem...

Houve um silêncio prolongado, e depois um súbito sussurrar de vozes:

— Uma bruxa Bene Gesserit!

Paul tirou a arma do cinturão, apontando-a para a silhueta negra de Stilgar, mas o homem e seus companheiros permaneceram imóveis, olhando para Jessica.

— É a lenda — disse alguém.

— Dizem que Shadout Mapes deu esse relatório a seu respeito disse Stilgar. — Mas uma coisa tão importante deve ser testada. Se você for a Bene Gesserit da lenda, cujo filho nos conduzirá ao paraíso... Encolheu os ombros.

Jessica suspirou pensando: “Então

nossa Missionária Protetora plantou até mesmo essas válvulas de segurança religiosa neste buraco infernal. Ah, bem... vai nos ajudar, e isso é o que deve fazer.”

E ela disse:

— A vidente que lhes trouxe essa lenda o fez sob o compromisso do karama e ijaz, do milagre e da inimitabilidade da profecia. Isso eu sei. Desejam um sinal?

As narinas dele se dilataram à luz do luar.

— Não podemos nos demorar para realizar ritos — sussurrou ele.

Jessica lembrou-se de um mapa que Kynes lhe mostrara quando preparava rotas de fuga. Como isso parecia remoto. Havia, no mapa, um lugar chamado “Sietch Tabr”, com o nome

“Stilgar” anotado ao lado.

— Talvez quando chegarmos ao Sietch Tabr — disse ela.

A revelação o fez estremecer, e Jessica pensou: “Se ao menos ele soubesse os truques que nós usamos! Ela deve ter sido muito boa, aquela Bene Gesserit das Missionárias Protetoras. Esses Fremen estão lindamente preparados para acreditar em nós.”

Stilgar se mexeu desconfortavelmente.

— Devemos partir agora. — Acenou com a cabeça, permitindo que soubesse que estavam partindo com a permissão dela.

Ele olhou para o penhasco, quase diretamente para a saliência rochosa onde Paul se agachava.

— Você aí, garoto. Pode descer agora.

Voltou sua atenção para Jessica, falando num tom de desculpa:

— Seu filho fez uma quantidade incrível de ruídos ao subir. Ele tem muito que aprender para não nos colocar em perigo, mas ele é jovem.

— Não há dúvida de que temos muito que ensinar um ao outro. Enquanto isso, é melhor dar uma olhada em seu companheiro ali. Meu filho barulhento foi um pouco duro ao desarmá-lo.

Stilgar girou, seu capuz batendo.

— Onde?

— Atrás daqueles arbustos — apontou ela.

Stilgar tocou dois de seus homens.

— Verifiquem. Depois olhou para seus companheiros identificando-os. — Jamis está faltando. — Olhou para Jessica. — Até o seu garoto conhece o modo sobrenatural?

— E vai reparar que ele não saiu de lá, como lhe ordenou.

Os dois homens que Stilgar enviara retornaram, suportando um terceiro que cambaleava e ofegava entre eles. Stilgar olhou para eles rapidamente, antes de voltar sua atenção para Jessica.

— O filho só obedecerá às suas ordens, hein? Bom. Ele conhece disciplina.

— Paul! Pode vir aqui agora — disse Jessica.

Paul se levantou saindo para a luz do luar acima de sua fenda esconderijo.

Colocou a arma Fremen de volta no cinto, e ao se virar viu outro vulto sair das rochas para encará-lo.

Sob a luz da lua e de seus reflexos na pedra cinzenta, Paul viu uma pequena criatura em mantos Fremen. Um rosto oculto nas sombras olhando por baixo de um capuz, com o cano de uma das armas de projéteis saindo de uma dobra na vestimenta e apontando para ele.

— Eu sou Chani, filha de Liet.

A voz era alegre, com insinuações de riso.

— Eu não permitiria que você ferisse meus companheiros.

Paul engoliu em seco. A criatura diante dele virou-se na direção da lua, permitindo que visse um rosto de fada, com olhos muito escuros. A familiaridade

naquele rosto, com suas feições brotando de incontáveis visões em sua presciência inicial, deixou-o chocado.

Lembrou-se do modo desafiante com que descrevera esse mesmo rosto saído de um sonho, dizendo para a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam : “Eu a encontrarei um dia.”

Agora, aqui estava aquele rosto, mas num encontro como ele jamais sonhara.

— Você foi tão barulhento quanto um shai-hulud em fúria disse ela. — E tomou o caminho mais difícil para chegar aqui em cima. Siga-me. Eu lhe mostrarei um meio mais fácil de descer.

Ele pulou para fora da fenda, seguindo o rodopiar daquele manto através da paisagem acidentada. Ela

movia-se como uma gazela, dançando sobre as rochas. Paul sentiu o sangue quente em seu rosto e ficou grato pela escuridão.

“Aquela garota!” Ela era como um toque do destino, e ele se sentia apanhado em uma onda, em sintonia com o movimento que elevava todo o seu espírito.

Dentro em pouco eles se encontravam entre os outros Fremen, no piso da depressão.

Jessica deu um sorriso amarelo para Paul e falou com Stilgar.

— Esta será uma boa troca de conhecimentos. Espero que sua gente perdoe nossa violência. Ela pareceu... necessária. Vocês estavam a ponto de... cometer um erro.

— Salvar alguém de um erro constitui uma dádiva do paraíso — respondeu Stilgar. Tocou os lábios com a mão esquerda e retirou a arma da cintura de Paul com a direita, jogando-a para um companheiro. — Você terá sua própria pistola maula, rapaz, quando fizer jus a uma.

Paul começou a falar mas se conteve, lembrando-se de um ensinamento de sua mãe: “Todo começo é uma ocasião muito delicada.”

— Meu filho terá as armas de que necessitar — disse Jessica.

Olhou para Stilgar forçando-o a pensar no modo como Paul conseguiria a pistola.

Stilgar olhou para o homem que Paul derrubara: Jamis. Ele respirava

pesadamente, cabeça baixa, permanecendo afastado.

— Você é uma mulher difícil de entender — disse Stilgar, estalando os dedos da mão esquerda para um dos companheiros: — Kushti bakka te.

“Mais Chakobsa”, pensou Jessica.

O companheiro colocou dois quadrados de gaze na mão de Stilgar. Depois que passou o pano entre os dedos, fixou um deles em torno do pescoço de Jessica, abaixo do capuz, colocando o outro em Paul, do mesmo modo.

— Agora vocês usam o lenço do bakka — disse ele. — Se nos separarmos vocês serão reconhecidos como pertencendo ao sietch de Stilgar. Falaremos de armas em outra ocasião.

Moveu-se através de seu bando,

inspecionando-o, entregando o embrulho do estojo Fremen de Paul para um de seus homens carregar.

“Bakka”, pensou Jessica, reconhecendo o termo religioso

“bakka — aquele que chora.” Sentia como o simbolismo dos lenços unia esse bando. “Como pode o choro uni-los?”, perguntou ela de si para si.

Stilgar aproximou-se da jovem que embaraçara Paul, dizendo:

— Chani, coloque este menino-homem sob sua proteção. Evite que ele se meta em encrencas.

Chani tocou o braço de Paul

— Venha comigo, menino-homem.

Paul ocultou a raiva em sua voz:

— Meu nome é Paul, e é melhor

que você...

— Nós lhe daremos um nome, homenzinho — disse Stilgar.

— Por ocasião do mihna, no teste do aql.

— O teste da razão — traduziu Jessica. A súbita necessidade da ascendência de Paul dominou todas as outras considerações e ela retrucou: — Meu filho já foi testado com o gom jabbar!

No silêncio que se seguiu, ela percebeu que tocara no coração deles.

— Há muito que não sabemos um do outro — disse Stilgar. — Mas estamos nos demorando demais. O sol não deve nos encontrar em campo aberto. — Caminhou até o homem que Paul golpeara, e indagou: — Jamis, pode

viajar?

Um grunhido foi a resposta.

— Surpreendeu-me, foi o que ele fez. Aquilo foi um acidente. Eu posso prosseguir.

— Nada de acidente — disse Stilgar. — Você, junto com Chani, são os responsáveis pela segurança do rapaz. Estas pessoas têm a minha proteção.

Jessica observou o homem, Jamis. Fora dele a voz que discutira com Stilgar do alto das rochas. Dele era a voz com a nuance da morte. E Stilgar julgava necessário reforçar sua autoridade com esse Jamis.

Stilgar observou rapidamente o grupo e fez sinal a dois homens para que se destacassem.

— Larus e Farrukh, vocês devem

ocultar nossos rastros. Cuidem para que não deixemos nenhum traço de nossa passagem. Tenham cuidado extra. Temos duas pessoas conosco que não foram bem treinadas. — Voltou-se com a mão erguida, e apontou através da depressão. — Pelotão em linha, com flanqueadores. Movam-se! Devemos estar na Caverna do Espinhaço antes da aurora.

Jessica ajustou o passo ao lado de Stilgar, contando as cabeças.

Havia quarenta Fremen, mais ela e Paul, somando quarenta e dois.

E pensou: “Eles viajam em formação militar. Até mesmo a garota, Chani.”

Paul tomou lugar na fila atrás de Chani, sufocando o sentimento de mágoa por ter sido apanhado por uma garota.

Em sua mente, agora, encontrava-se a lembrança trazida pela resposta de sua mãe: “Meu filho foi testado com o gom jabbar!” Percebeu que sua mão comichava com a lembrança da dor.

— Cuidado com onde pisa — sussurrou Chani. — Não roce nos arbustos, ou deixará fiapos de roupa que revelarão sua passagem.

Paul engoliu em seco, assentindo.

Jessica escutava os sons da tropa, ouvindo seus próprios passos e os de Paul, maravilhando-se com o modo como os Fremen se moviam. Havia quarenta pessoas atravessando a depressão, e apenas os sons naturais do lugar podiam ser ouvidos. Vultos fantasmagóricos, com seus mantos ondulando através das sombras. Seu destino: Sietch Tabr, o

sietch de Stilgar.

Examinou a palavra em sua mente: sietch. Tratava-se de um termo Chakobsa que permanecera imutável através de incontáveis séculos, desde a antiga linguagem dos caçadores. Sietch: lugar de encontro em ocasião de perigo. As profundas implicações da palavra e da linguagem só agora começavam a registrar-se, após a tensão do encontro.

— Estamos andando bem — comentou Stilgar. — Com a bênção do Shai-hulud, chegaremos à Caverna do Espinhaço antes da alvorada.

Jessica acenou com a cabeça, conservando sua força, sentindo a terrível fadiga que controlava apenas com sua força de vontade... e finalmente admitiu: “Pela força do júbilo.” Sua mente

concentrou-se no valor dessa tropa, percebendo o que lhe revelava a respeito da cultura dos Fremen. “Todos eles, uma cultura inteira, treinada em disciplina militar. Que coisa valiosa para um Duque banido!”

*Os Fremen eram supremos naquela qualidade que os antigos denominavam *spannungsbogen* — que pode ser definida como o retardo auto-imposto entre o desejo por uma determinada coisa e o ato de estender a mão para apanhá-la.*

*— de A Sabedoria do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Eles se aproximaram da Caverna do Espinhaço ao raiar do dia,

esgueirando-se através de uma fenda, na muralha da depressão; era tão estreita que precisavam mover-se de lado para atravessá-la. Jessica viu Stilgar destacar guardas na fraca luz da aurora, e viu-os de relance quando começaram a subir o penhasco.

Paul voltou a cabeça para o alto enquanto caminhava, observando as camadas geológicas do planeta através desse corte em seção reta que se abria em estreita fenda para o céu azul-acinzentado.

Chani puxou-o pelo manto para apressá-lo, dizendo-lhe:

— Rápido, já é quase dia.

— Os homens que subiram acima de nós, o que estão fazendo? — indagou ele sussurrando.

— A primeira vigília do dia — respondeu ela. — Agora apresse-se!

“Uma guarda no lado de fora”, pensou Paul. “Sábio. Mas teria sido ainda mais sábio se tivéssemos nos aproximado deste lugar em grupos separados. Haveria menos chance, então, de perder uma tropa inteira.” Interrompeu o pensamento, percebendo que isso era tática de guerrilha, e lembrando-se do medo em seu pai de que os Atreides se tornassem uma casa guerrilheira.

— Rápido! — pediu Chani.

Apressou o passo ouvindo o sussurro dos mantos atrás. E lembrou-se das palavras do sirat na minúscula Bíblia C.L. de Yueh.

“O Paraíso à minha direita, o Inferno à esquerda e o Anjo da Morte por

trás.” A citação passou por sua mente.

Depois de uma curva, a passagem se alargou. Stilgar pôs-se de lado, sinalizando a entrada para um buraco baixo que se abria em ângulos retos.

— Rápido! — disse. — Ficaremos como coelhos engaiolados se uma patrulha nos surpreender aqui.

Paul curvou-se, seguindo Chani para dentro de uma caverna iluminada por uma luz acinzentada e fraca, vinda de algum ponto acima. — Pode ficar de pé — disse ela.

Ele se levantou, observando o lugar: uma área larga e profunda com um teto abobadado e pouco mais alto do que um homem com a mão levantada. A tropa espalhou-se nas sombras, e Paul viu sua mãe surgir num dos lados, observando as

peessoas. Percebia que ela não conseguia se confundir com os Fremen, mesmo que sua roupa fosse idêntica. O modo como se movia... com um certo senso de graça e poder.

— Encontre um lugar para repousar e fique fora do caminho, menino-homem — disse Chani. — Aqui há comida. — E colocou dois bocados embrulhados em folhas sobre sua mão. Cheiravam a especiaria.

Stilgar surgiu atrás de Jessica, dando ordens a um grupo à sua esquerda.

— Recoloquem o selo da entrada no lugar e cuidem de prender a umidade. — Voltou-se para outro Fremen: — Lemil, traga os globos luminosos. — Pegou Jessica pelo braço, dizendo. — Quero lhe mostrar uma coisa, mulher

sobrenatural. — E levou-a por uma curva na rocha, em direção a uma fonte de luz.

Jessica encontrou-se olhando para fora, através de uma larga abertura na caverna. Uma abertura situada num ponto alto da parede do penhasco. Olhava em direção a outra depressão, com aproximadamente doze quilômetros de largura, protegida por altas paredes rochosas. Touceiras esparsas de plantas distribuíam-se à sua volta.

Enquanto olhava para a depressão acinzentada pela aurora, o sol se elevou sobre a escarpa distante, iluminando uma paisagem de rochas e areia cor bege-clara. Notou como o sol de Arrakis parecia saltar sobre o horizonte.

“É porque nós desejamos contê-lo”, pensou ela. “A noite é mais segura

que o dia.” Sentiu uma saudade extrema de um arco-íris, nesse lugar que nunca vira chuva. “Devo suprimir este tipo de recordações. Elas são uma fraqueza, e não posso mais me permitir fraquezas.”

Stilgar agarrou-lhe o braço, apontando para a depressão.

— Lá! Pode ver?

Olhou na direção indicada, percebendo um movimento: pessoas no fundo da depressão espalhando-se à luz do dia, dentro das sombras do penhasco oposto. A despeito da distância, seus movimentos eram nítidos no ar claro. Ela ergueu o binóculo que estava sob o manto, focalizando as lentes de óleo no povo distante; lenços ondulavam, como um bando de borboletas coloridas.

— Aquele é o lar — disse Stilgar.

— Estaremos lá esta noite. Olhou para a paisagem adiante, coçando o bigode. — Meu povo está trabalhando muito tarde. Isso significa que não há patrulhas por perto. Mandarei um sinal para eles mais tarde, e ficarão preparados para nos receber.

— Sua gente mostra boa disciplina — comentou Jessica. Abaixou o binóculo vendo que Stilgar ainda olhava para eles.

— Eles obedecem à lei da preservação da tribo. É o mesmo modo pelo qual escolhemos o nosso líder. O líder é aquele que for mais forte, aquele que trazer água e segurança. — Voltou a atenção para o rosto dela.

Ela correspondeu ao olhar, notando os olhos sem traços de branco, as pálpebras manchadas, a barba e o

bigode orlados de poeira, a linha do tubo de recolhimento curvando-se das narinas para dentro do traje-destilador.

— Comprometi sua liderança ao derrotá-lo, Stilgar?

— Você não me desafiou.

— É importante que um líder mantenha o respeito ante sua tropa.

— Não é uma daquelas situações com que eu não possa lidar. Quando me derrotou, você derrotou a todos nós. Agora eles esperam aprender com você... o modo sobrenatural... E alguns estão curiosos para ver se pretende me desafiar.

Ela pesou todas as implicações.

— Vencendo-o em combate formal?

Ele assentiu:

— Aconselho-a a não fazer isso,

porque eles não a seguiriam. Você não é da areia. Eles perceberam isso durante nossa caminhada noturna.

— Gente prática — comentou ela.

— É verdade — concordou olhando para a depressão. Conhecemos nossas necessidades. Mas alguns estão pensando profundamente, agora que estamos perto de casa. Estivemos muito tempo fora, trabalhando para entregar nossa quota de especiaria aos comerciantes livres e à amaldiçoada Corporação... que suas faces sejam negras para sempre.

Jessica interrompeu-se no ato de se voltar, olhando para o rosto dele.

— A Corporação? O que tem a ver a Corporação com sua especiaria?

— É a ordem de Liet. Nós

conhecemos a razão, mas mesmo assim o gosto é amargo. Subornamos a Corporação com um monstruoso pagamento em especiaria para manter os nossos céus livres de satélites, de modo que ninguém possa espionar o que estamos fazendo na superfície de Arrakis.

Ela considerou suas palavras, lembrando-se de que Paul lhe dissera ser essa uma das prováveis razões para o céu de Arrakis ser limpo de satélites.

— E o que fazem na superfície de Arrakis que não deve ser visto?

— Nós a modificamos... lentamente, mas com segurança... para torná-la adequada à vida humana. Nossa geração não verá isso, nem nossos filhos, ou os filhos de nossos filhos e seus netos... mas um dia virá. — Olhou com

olhos velados para a depressão.

— Água a céu aberto, plantas verdes altas, e gente caminhando livremente, sem trajes-destiladores.

“Então este é o sonho de Liet-Kynes”, pensou ela, e comentou .

— Subornos são perigosos. Costumam se tornar cada vez maiores, com o tempo.

— Eles aumentam, mas o modo mais lento é o modo mais seguro.

Jessica voltou-se, olhando para a depressão, tentando vê-la do modo como Stilgar a via em sua imaginação. Mas viu apenas as manchas de mostarda das rochas distantes, e um repentino movimento enevoadado no céu, acima dos penhascos.

— Ah! — exclamou Stilgar.

A princípio Jessica pensou que fosse um veículo de patrulha, e então percebeu que se tratava de uma miragem. Outra paisagem, flutuando sobre o deserto: areia e um distante ondular de vegetação. Em segundo plano, um verme enorme viajava na superfície, aparentemente com mantos Fremen ondulando em suas costas.

A miragem dissolveu-se.

— Seria melhor cavalgar — comentou Stilgar. — Mas não podemos permitir um produtor dentro desta depressão. Assim, teremos de caminhar esta noite.

“Produtor, a palavra deles para verme”, pensou Jessica.

Mediu a importância daquelas palavras, a declaração de que eles não

poderiam “permitir” um verme dentro da depressão. Sabia o que tinha visto na miragem: Fremen cavalgando nas costas de um gigantesco verme. Era necessário um forte controle emocional para não trair o choque que sentira ao pensar nas implicações disso tudo.

— Devemos voltar para junto dos outros — disse Stilgar. — Senão minha gente pode desconfiar por eu estar demorando muito com você. Alguns já estão com inveja de que minhas mãos tenham experimentado seus encantos durante nossa luta na noite passada, na Bacia de Tuono.

— É o bastante! — retrucou Jessica.

— Sem ofensa — disse Stilgar, e sua voz era suave. — Mulheres entre nós não são tomadas contra sua vontade... e com você... — ele encolheu os ombros —... mesmo esta convenção não é necessária.

— Ponha na cabeça que eu era a mulher do Duque — disse, mas sua voz já estava mais calma.

— Como quiser. É hora de selar esta abertura para permitir um relaxamento na disciplina de trajes-destiladores. Minha gente precisa repousar confortavelmente neste dia. Suas famílias lhe permitirão pouco repouso amanhã.

O silêncio caiu entre eles.

Jessica olhou em direção à luz do sol. Ouvira o que pensara ter ouvido na voz de Stilgar? Uma oferta velada de algo mais do que “proteção”? Será que ele precisava de uma esposa? Percebia poder se colocar nesse lugar ao lado dele. Seria uma maneira de terminar com o conflito a respeito da liderança tribal. A mulher adequadamente alinhada com o homem.

Mas o que seria de Paul, então? Quem poderia dizer quais as regras de

paternidade aqui? E quanto à filha ainda não nascida, que carregara durante essas semanas? A filha do Duque morto?

Permitiu-se encarar o pleno significado dessa outra criança crescendo dentro dela, percebendo seus verdadeiros motivos ao permitir sua concepção. Sabia quais eram: havia sucumbido àquele impulso profundo compartilhado por todas as criaturas ameaçadas de morte. Um impulso de buscar imortalidade através da prole. O instinto de fertilidade das espécies a dominara.

Olhou para Stilgar, vendo que ele ainda a observava, aguardando uma resposta. “Uma filha nascida aqui, de uma mulher casada com um homem como este. Qual seria o destino dessa filha?”, indagou a si mesma. “Será que ele tentaria

limitar as necessidades que se impõem para o destino que uma Bene Gesserit deve seguir?”

Stilgar pigarreou, revelando ter entendido algumas das questões na mente de Jessica.

— O que é importante, para um líder, é o que o torna líder. As necessidades de seu povo. Mesmo que você me ensine os seus poderes, pode chegar o dia em que um de nós precisará desafiar o outro. Eu preferiria outra alternativa.

— Existem outras alternativas? — indagou ela.

— A Sayyadina — disse ele. — Nossa Reverenda Madre está muito velha. “Sua Reverenda Madre!”

Antes que ela pudesse sondar essa

afirmação, ele continuou:

— Eu não estou me oferecendo, necessariamente, como marido. Isso não é nada difícil, já que você é bela e desejável. Mas, se você se tornar uma de minhas mulheres, isso pode levar alguns dos meus jovens a acreditarem que eu estou por demais preocupado com os prazeres da carne para me preocupar com as necessidades da tribo. Mesmo neste momento, eles nos ouvem e observam...

“Um homem que pondera suas decisões, que pensa nas conseqüências.”

— Existem, entre meus jovens, aqueles que chegaram à idade impetuosa. É preciso auxiliá-los durante esse período. Não devo dar razões para que eles me desafiem porque, do contrário, eu teria de matar e aleijar entre eles. Isso não

é o procedimento adequado para um líder, se puder ser evitado com honra. Um líder, como pode ver, é uma das coisas que distinguem um povo de uma turba. Ele mantém os limites dos indivíduos. Muito pouca individualidade, e o povo se torna uma turba.

Suas palavras, a profundidade de sua consciência, o fato de que ele falava tanto para ela quanto para aqueles que os ouviam secretamente, forçou-a a reavaliá-lo.

“Ele tem valor”, pensou. “Onde terá aprendido esse equilíbrio interior?”

— A lei que determina nossa forma de escolher um líder é apenas uma lei — disse Stilgar. — Mas não significa que justiça seja sempre algo de que um povo precisa. Aquilo de que realmente

necessitamos, agora, é tempo para crescer e prosperar, para espalhar nossa força sobre a terra.

“Quem serão seus ancestrais?”, perguntava Jessica consigo mesma. “De onde virá tal seleção genética?” Ela disse:

— Stilgar, eu o subestimei.

— Essa era a minha suspeita.

— Cada um de nós aparentemente subestimou o outro.

— Eu gostaria de terminar com isso — disse ele. — Gostaria de ter sua amizade e... sua confiança. Gostaria daquele tipo de respeito de um pelo outro que cresce dentro do peito, sem necessidade dos agarramentos do sexo.

— Compreendo — respondeu ela.

— Confia em mim?

— Eu “ouço” sua sinceridade.

— Entre nós a Sayyadina, quando não é a líder formal, ocupa um lugar especial, de honra. Elas ensinam. Elas mantêm a força de Deus aqui dentro. — Ele tocou o peito.

“Agora devo sondar este mistério da Reverenda Madre”, pensou Jessica.

— Você fala de sua Reverenda Madre... e eu ouvi palavras de lenda e profecia.

— Dizem que uma Bene Gesserit e sua prole guardam a chave para o nosso futuro.

— Acredita que sou eu?

Observou-lhe a face, pensando: “O jovem junco morre tão fácil. Os começos são tempos de grande perigo.”

— Não sabemos — respondeu ele.

Ela assentiu com a cabeça,

pensando: “Ele é um homem honrado. Deseja que eu lhe dê um sinal, mas não inclinará a balança do destino dizendo-me qual é o sinal.”

Jessica olhou para a depressão lá embaixo, para as sombras douradas e purpúreas, e as vibrações do ar poeirento através da boca da caverna. Sua mente foi subitamente tomada por uma prudência felina. Conhecia o canto da Missionária Protetora, sabia como se adaptar às técnicas de lenda, medo e esperança, usando-as para suas necessidades prementes, mas sentia estranhas mudanças... como se alguém se houvesse introduzido entre esses Fremen, capitalizando o trabalho da Missionária Protetora.

Stilgar pigarreou novamente.

Ela sentia sua impaciência, sabia que o dia avançava e os homens aguardavam para selar essa abertura. Essa era uma ocasião para audácia de sua parte e percebeu do que necessitava: alguma dar al-hikman, alguma escola de tradução que lhe daria...

— Adab — sussurrou ela.

Sua mente parecia ter girado dentro de si. Reconheceu a sensação com um acelerar do pulso. Nada, em todo o treinamento Bene Gesserit, carregava semelhante sinal de reconhecimento. Só poderia ser a adab, a memória insistente que vem por si mesma.

Entregou-se, permitindo que as palavras fluíssem de sua boca.

— Ibn qirtaiba. Tão distante quanto o ponto onde a areia termina. —

Esticou o braço para fora do manto, vendo os olhos de Stilgar se arregalarem, ouvindo o ruído de muitos mantos se movendo às suas costas. — Eu vejo um Fremen... com o livro dos exemplos — entoou. — Ele lê para al-Lat, o sol a quem desafiou e subjugou. Ele lê os Sadus do julgamento, e isto é o que ele lê:

‘Meus inimigos são como folhas verdes corroídas

Que se colocaram no caminho da tempestade.

Não viste o que fez o nosso Senhor?

Enviou a pestilência entre eles

Que conspiravam contra nós.

Eles são como pássaros espalhados pelo caçador.

Seus planos são como bolar de veneno

Que cada boca deita.”

Um tremor percorreu-lhe o corpo e ela abaixou o braço. Das sombras do interior da caverna chegava-lhe a resposta sussurrada por muitas vozes.

— Seus trabalhos foram derrubados.

— A chama de Deus eleva-se em teu coração — disse ela.

E pensou: “Agora atingimos o canal adequado.”

— O fogo de Deus ilumina — veio a resposta.

Ela acenou.

— Teus inimigos cairão.

— Bi-lakaifa — responderam eles.

No súbito silêncio, Stilgar curvou-se diante dela.

— Sayyadina — disse. — Se o Shai-hulud permitir, então poderá ainda passar no interior e tornar-se uma Reverenda Madre.

“Passar no interior”, pensou ela. “Um modo curioso de se exprimir. Mas o resto se encaixou muito bem no canto.” Sentia uma amargura cínica pelo que acabara de fazer. “Nossa Missionária Protetora raramente falha. Um lugar foi preparado para nós, nesta terra selvagem. A prece do salat esculpiu nosso esconderijo.

Agora... devo representar o papel de Auliya, a Amiga de Deus...

Sayyadina, para os povos selvagens, tão fortemente impressionados com as profecias Bene Gesserit, que até chamam suas sacerdotisas de Reverendas Madres.”

Paul encontrava-se ao lado de Chani, nas sombras da caverna interior. Ainda podia sentir o gosto da comida que ela lhe dera: carne de ave e sementes, tudo ligado com mel de especiaria e envolto em uma folha. Ao provar, ele percebeu que nunca antes havia comido tamanha concentração de essência de especiaria, e sentira um medo momentâneo. Sabia o que essa essência lhe faria — a “mudança da especiaria” capaz de impulsionar sua mente para um novo estado de consciência presciente.

— Bi-lal kaifa — sussurrou Chani.

Olhou para ela, percebendo o espanto com que os Fremen pareciam aceitar as palavras de sua mãe. Apenas o homem chamado Jamis se afastara da cerimônia, destacando-se, com os braços

dobrados sobre o peito.

— Duy yakha hin mange — sussurrou Chani. — Duy punra hin mange. — “Eu tenho dois olhos. Eu tenho dois pés.”

E olhou para Paul com uma expressão de espanto.

Paul respirou fundo, tentando controlar a tempestade em seu interior. As palavras de sua mãe haviam se unido ao efeito da essência, e agora ele sentia a voz dela aumentando e diminuindo em seu interior, como as sombras de uma fogueira. E através de tudo sentia o tom sarcástico na voz — conhecia-a tão bem! — mas nada poderia deter essa coisa que começara com um pouco de comida.

“Terrível propósito!”

Podia senti-la, a consciência racial

da qual não poderia escapar.

Lá estava aquela clareza absoluta, o influxo de dados, a fria precisão de sua consciência. Abaixou-se no chão, sentando com as costas de encontro à rocha, entregando-se... Sua consciência fluiu para aquela camada fora do tempo, de onde podia observar o próprio tempo, sentindo os caminhos disponíveis, os ventos do futuro... assim como os ventos do passado. A visão monocular do passado, a visão monocular do presente, a visão monocular do futuro. Todas se combinando em uma visão triocular que lhe permitia ver o tempo se tornando espaço.

Havia o perigo, ele sentia, de ultrapassar a si mesmo; e necessitava apoiar-se em sua consciência do presente,

sentindo a indistinta deflexão da experiência, o momento fluido, a contínua solidificação daquilo-que-é, no perpétuo-era.

Ao apreender o presente ele sentia, pela primeira vez, a maciça estabilidade do movimento do tempo, em toda parte complicada por correntes mutáveis, ondas, marés e contramarés, como a arrebentação do mar contra falésias rochosas. Isso fornecia-lhe uma nova compreensão de sua presciência, e ele via a fonte do tempo cego, a fonte do erro, com uma sensação imediata de medo.

A presciência, percebia, era uma iluminação que incorporava os limites daquilo que revelava; ao mesmo tempo, era uma fonte significativa de precisão e erro. A intervenção de uma espécie de

incerteza de Heisenberg: o dispêndio de energia para revelar aquilo que ele via, mudava o que era visto.

E o que ele via era uma conexão de tempo dentro dessa caverna, um fervilhar de possibilidades focalizadas nesse ponto, onde a mais diminuta ação — o piscar de um olho, uma palavra descuidada, um grão de areia deslocado — movia uma gigantesca alavanca através do universo conhecido. Ele via violência, com seu resultado sujeito a tantas variáveis, que seu mais leve movimento criava vastas mudanças no padrão.

A visão fez com que desejasse congelar tudo em estado de imobilidade, mas isso também seria uma ação, com suas conseqüências.

As incontáveis conseqüências —

linhas que se expandiam saindo dessa caverna, e ao longo da maioria dessas linhas ele via o seu próprio corpo morto, com o sangue fluindo de um largo ferimento de faca.

Meu pai, o Imperador Padishah, tinha 72 anos e no entanto não aparentava mais do que 35, no ano em que registrou a morte do Duque Leto e entregou Arrakis de volta aos Harkonnen. Ele raramente aparecia em público usando outra roupa que não o uniforme de Sardaukar e o capacete preto, com o leão imperial em ouro sobre a testa. O uniforme era uma lembrança clara de onde se assentava o seu poder. No entanto, ele não era sempre tão espalhafatoso. Quando queria, ele podia irradiar charme e sinceridade, mas eu freqüentemente me

pergunto, nestes dias de hoje, se alguma coisa dele era o que parecia. Penso, agora, que era um homem lutando constantemente para escapar às barras de uma gaiola invisível. Vocês devem se lembrar de que ele era um imperador, o líder pai de uma dinastia que recuava no passado mais indistinto. Todavia, nós lhe negamos um filho legal. Não seria essa a mais terrível derrota que um governante já sofreu? Minha mãe obedeceu às suas Irmãs Superiores naquilo em que Lady Jessica desobedeceu. Qual delas era a mais forte? A História já respondeu a esta pergunta.

*— de Casa de meu Pai, escrito pela
Princesa Irulan*

Jessica acordou em meio à escuridão da caverna, sentindo o remexer dos Fremen à sua volta, respirando o

odor acre do traje-destilador. Sua noção de tempo lhe dizia que logo seria noite lá fora, mas a caverna permanecia na escuridão, isolada do deserto pelas coberturas plásticas que prendiam a umidade de seus corpos dentro desse espaço.

Percebia ter-se entregue ao sono completamente relaxante do grande cansaço, e isso sugeria algo de sua avaliação inconsciente quanto à sua segurança pessoal na tropa de Stilgar. Virou-se sobre a rede feita com seu manto e colocou os pés sobre o piso rochoso, calçando as botas de deserto.

“Eu devo me lembrar de prender essas botas no estilo chinela, para auxiliar a ação bombeadora de meu traje-destilador. Há tantas coisas para serem

lembradas.”

Ainda podia sentir o gosto da refeição matinal — o bocado de carne de ave e cereal servido dentro de uma folha com mel de especiaria — e percebia que o uso do tempo era invertido aqui: a noite era o tempo das atividades, e o dia a ocasião para o repouso.

“A noite oculta, a noite é segura.”

Desenganchou seu manto dos grampos para rede, colocados no quarto de rocha, remexeu o tecido na escuridão até encontrar a gola e enfiou-se nele.

“Como poderei enviar uma mensagem para as Bene Gesserit?”, perguntou ela a si mesma. “Elas precisam saber a respeito dos dois que escaparam do santuário Arrakeen.”

Globos luminosos acenderam-se

no fundo da caverna. Ela viu pessoas movendo-se lá, e Paul entre elas, já vestido e com o capuz caído para trás, revelando o perfil aquilino dos Atreides.

“Ele agira de um modo tão estranho antes que se retirassem”, pensou ela. “Retraído.” Parecia alguém que houvesse escapado da morte, seus olhos vítreos e semicerrados, com o olhar voltado para o interior. Fizera com que pensasse em seu aviso a respeito da dieta impregnada de especiaria: viciava.

“Existirão efeitos secundários? Ele dissera alguma coisa com relação à sua faculdade presciente, mas permanecera estranhamente silencioso quanto ao que vira.”

Stilgar surgiu das sombras à sua direita, caminhando em direção ao grupo

debaixo dos globos luminosos. Ela percebeu como ele cofiava a barba, e sua atitude felina.

Um medo abrupto atingiu Jessica quando seus sentidos captaram as tensões visíveis nas pessoas reunidas em torno de Paul as posições ritualísticas, os movimentos rígidos.

— Eles têm a minha proteção! — rugiu Stilgar.

Jessica reconheceu o homem que Stilgar confrontava: Jamis!

Viu a raiva de Jamis, a posição contraída de seus ombros.

“Jamis, o homem que Paul derrotou.”

— Você conhece a regra, Stilgar — dizia Jamis.

— Quem a conhece melhor? —

indagou Stilgar, e ela percebeu o tom conciliador em sua voz, a tentativa de apaziguar alguma coisa.

— Eu escolho o combate — grunhiu Jamis.

Jessica atravessou correndo a caverna e segurou Stilgar pelo braço.

— O que é isso? — indagou.

— E a lei de amtal — respondeu Stilgar. — Jamis está exigindo o direito de testar a sua parte na lenda.

— Ela deve ter um defensor — disse Jamis. — Se o seu defensor vencer, a verdade será provada. Mas dizem... — E ele olhou para as pessoas reunidas... — que ela não necessitará de um defensor entre os Fremen. O que significa que traz consigo o seu próprio defensor.

“Ele está falando em combate

individual com Paul!”, pensou Jessica.

Soltou o braço de Stilgar e deu um passo adiante.

— Sou sempre a minha própria defensora. O significado é suficientemente simples para...

— Não nos ensine os nossos costumes! — retrucou Jamis. — Não sem antes apresentar mais provas do que as que já vi. Stilgar poderia ter lhe contado antes tudo que você disse esta manhã. Ele pode ter enchido a sua mente de instruções, e você pode ter repetido para nós, esperando causar uma falsa impressão.

“Posso dominá-lo, mas isso poderia entrar em conflito com a maneira como eles interpretam a lenda.” E novamente ela se admirou com a maneira

como o trabalho da Missionária Protetora fora distorcido nesse planeta.

Stilgar olhou para Jessica, falando em voz baixa, mas cuidadosamente controlada para chegar até a extremidade do grupo. Jamis é pessoa de guardar rixas, Sayyadina. Seu filho o derrotou e...

— Foi um acidente! — gritou Jamis. — A força da bruxa agiu na Bacia de Tuono, e eu provarei isso agora!

— ... e eu mesmo já o derrotei — continuou Stilgar. — Ele busca, com seu desafio tahaddi, atingir a mim, além de seu filho. Existe demasiada violência em Jamis para torná-lo bom líder, demasiada ghafla, a distração. Ele entrega sua boca às regras, e seu coração à sarfa, o afastamento. Não, ele nunca daria um bom líder. Eu o tenho conservado por

todo este tempo porque é útil em uma luta, mas quando se deixa dominar por seu ódio, torna-se perigoso para sua própria sociedade.

— Stilgar-r-r-r-r!” — rugiu Jamis.

Jessica percebia o que Stilgar estava fazendo, ele tentava enfurecer Jamis para afastar o desafio de Paul.

Stilgar encarou Jamis, e novamente Jessica ouviu aquele tom apaziguador em sua voz trovejante.

— Jamis, ele é apenas um garoto. Ele é...

— Você o chamou de homem — retrucou Jamis. — Sua mãe diz que ele passou pelo teste do gom jabbar. Ele é bem desenvolvido e tem excesso de água. Aqueles que carregaram a mochila deles dizem que há dois litrejons de água nela.

Litrejons! E nós sugando nossos bolsões de recolhimento, no instante em que mostram uma gota de umidade.

Stilgar olhou para Jessica.

— É verdade? Existe água em sua mochila?

— Sim.

— Litrejons de água?

— Dois litrejons.

— Para que seria usada essa riqueza?

“Riqueza?”, pensou ela. Sacudiu a cabeça sentindo a frieza na voz.

— Onde eu nasci a água caía do céu e corria sobre a terra, em largos rios — explicou ela. — Havia oceanos tão largos que você não poderia ver a outra praia. Eu não fui treinada em sua disciplina de água. Nunca precisei pensar

desse modo antes.

Um murmúrio de exclamação elevou-se das pessoas ao redor: Água caindo do céu... e fluindo sobre a terra.

— Sabia que existem aqueles entre nós que perderam o conteúdo de seus bolsões de recolhimento, por acidente, e estarão em sérios apuros antes que alcancemos Tabr esta noite?

— Como eu poderia saber? Se precisam, pode dar a eles água da nossa mochila.

— Era isso que tencionava fazer com aquela riqueza?

— Eu tencionava usá-la para salvar uma vida — respondeu Jessica.

— Então nós aceitamos sua bênção, Sayyadina.

— Ela não vai nos comprar com

água — resmungou Jamis. — Nem você conseguirá me enfurecer, Stilgar. Posso ver que está tentando me fazer desafiá-lo, antes que tenha provado minhas palavras.

Stilgar encarou Jamis.

— Está mesmo resolvido a forçar essa luta contra uma criança, Jamis? — Sua voz era baixa, maliciosa.

— Ela deve ser defendida.

— Mesmo se encontrando sob minha proteção?

— Eu invoco a lei de amtal. É o meu direito.

Stilgar assentiu:

— Então, se o garoto não cortá-lo, você responderá ante a minha faca em seguida. E desta vez eu não contarei minha lâmina como fiz antes.

— Não pode permitir isso — disse

Jessica. — Paul é apenas...

— Não deve interferir, Sayyadina — respondeu Stilgar. — Oh, eu sei que pode me dominar, e portanto pode dominar qualquer um de nós, mas não pode vencer a todos nós juntos. Assim deve ser, é a lei de amtal.

Jessica ficou em silêncio, olhando para ele na luz esverdeada dos globos luminosos, percebendo a rigidez demoníaca que tomara conta de sua expressão. Voltou sua atenção para Jamis, vendo sua expressão pensativa: “Eu já vi isto antes”, pensou. “Ele medita. É do tipo silencioso, que se prepara interiormente. Eu devia estar preparada.”

— Se ferir o meu filho — disse ela — terá que me enfrentar. Eu o desafio agora! Eu o sangrarei em uma junta...

— Mãe! — Paul adiantou-se, tocando-lhe a manga. — Talvez se eu explicar para Jamis como...

— Explicar! — resmungou Jamis.

Paul ficou em silêncio, olhando para o homem. Não sentia medo dele. Jamis parecia desajeitado em seus movimentos e fora derrubado muito facilmente, durante o encontro noturno na areia.

Mas Paul ainda sentia a fervilhante conexão temporal dessa caverna, ainda recordava suas visões prescientes, visões de si mesmo morto por uma facada. E havia tão poucas trilhas para escapar daquela visão...

Stilgar avisou:

— Sayyadina, você deve recuar agora para onde...

— Pare de chamá-la de Sayyadina!

— gritou Jamis. — Isso ainda terá que ser testado. Ela conhece a prece! E daí? Toda criança entre nós a conhece.

“Ele já falou o bastante”, pensou Jessica. “Tenho a chave para ele, e posso imobilizá-lo com uma única palavra.” Hesitou. “Mas não posso deter todos eles.”

— Você responderá a mim, então — disse, afinando a voz num tom envolvente, com um pequeno chiado e uma contenção da respiração no final.

Jamis olhou para ela, o medo estampado em sua face.

— Eu lhe ensinarei o que é agonia — continuou Jessica no mesmo tom. — Lembre-se disso enquanto lutar. Você sofrerá tal agonia que o gom jabbar lhe

parecerá uma recordação feliz. Vai contorcer-se em todo o seu...

— Ela tenta lançar-me um feitiço — exclamou Jamis ofegando. Colocou o punho fechado ao lado da orelha. — Eu exijo que seja silenciada!

— Assim seja — concordou Stilgar, lançando um olhar de advertência para Jessica.

— Se falar de novo, Sayyadina, saberemos que está usando sua bruxaria, e você será punida. — Fez sinal para que ela recuasse.

Jessica sentiu mãos a puxá-la, ajudando-a a retroceder, e notou que eram gentis. Viu Paul sendo separado da turba, a garota com cara de fada, Chani, cochichando em seu ouvido enquanto apontava na direção de Jamis. Um círculo

se formou dentro da tropa. Mais globos luminosos foram trazidos e regulados na faixa do amarelo.

Jamis entrou no círculo, tirou o manto e jogou-o para alguém na multidão. Ficou à espera, usando o traje-destilador lustroso e cinzento que parecia remendado e marcado por costuras e pregas. Por um momento ele inclinou a boca em direção ao ombro, bebendo do tubo da bolsa recolhedora. Depois empertigou-se, retirou o traje-destilador, entregando-o cuidadosamente para alguém no círculo e ficou usando apenas uma tanga, um tipo de tecido apertado envolvendo-lhe os pés, e com uma faca cristalina na mão direita.

Jessica viu a menina Chani ajudando Paul, viu quando ela colocou

uma faca cristalina em sua mão. Ele testou o peso e o equilíbrio da arma. Jessica procurou pensar no fato de que Paul fora treinado em prana e bindu, nervo e fibra. Aprendera a lutar em uma escola mortífera, tendo por professores homens como Duncan Idaho e Gurney Halleck, homens que já haviam se transformado em lendas durante suas vidas. O rapaz conhecia os modos tortuosos das Bene Gesserit, e parecia ágil e confiante.

“Mas ele tem apenas quinze anos, e não tem escudo. Devo parar com isso. Deve haver algum modo de...” Olhou para cima e percebeu Stilgar a vigiá-la.

— Você não pode detê-lo — disse ele. — Não fale.

Ela colocou a mão sobre a boca.

“Eu plantei o medo na mente de Jamis. Talvez isso o retarde um pouco... Se ao menos eu pudesse rezar, rezar...”

Paul encontrava-se só agora, entrando no círculo, e usando apenas os calções de luta que vestia por baixo do traje-destilador. Segurava a faca cristalina na mão direita, os pés descalços sobre a rocha coberta de areia. Idaho o advertira inúmeras vezes: “Quando em dúvida quanto à superfície, pés descalços são o melhor.” E havia as palavras de Chani, ainda frescas em sua consciência: — “Jamis golpeia para a direita com sua faca, depois que um golpe é aparado. É um hábito dele, que todos nós já observamos. E ele vai visar os olhos, tentando aproveitar uma piscadela para atingi-lo. Ele também pode lutar com ambas as

mãos, cuidado com uma mudança da faca de uma mão para a outra.”

Mas a recordação mais forte na mente de Paul, tão forte que ele a sentia com todo o seu corpo, eram os treinamentos e o mecanismo de reação instintiva forjados dia após dia, hora após hora, na prática de solo.

As palavras de Gurney Halleck estavam lá para serem lembradas: “O bom lutador de faca usa a ponta, a lâmina e o protetor do cabo, simultaneamente. A ponta também pode cortar, a lâmina também pode penetrar, e o protetor pode servir para prender a lâmina de seu adversário.”

Olhou para a faca cristalina. Não havia protetor no encaixe da lâmina com o cabo, apenas um delgado anel circular,

com as extremidades proeminentes, para proteger a mão. Além disso, percebia desconhecer a tensão de quebra dessa lâmina. Nem mesmo sabia se ela poderia ser partida.

Jamis começou a deslizar para a direita, ao longo da extremidade do círculo oposta a Paul.

Paul agachou-se, percebendo não ter escudo, mas ainda assim com o treinamento ajustado para lutar com aquele campo sutil ao seu redor. Fora treinado para reagir, na defesa, com a maior velocidade, enquanto seu ataque seria controlado, com a lentidão necessária para penetrar no escudo do inimigo. A despeito dos avisos constantes de seus treinadores para não depender inconscientemente da redução de

velocidade, causada pelo escudo, sabia agora que isso era parte de si mesmo.

Jamis pronunciou um desafio ritual.

— Que a tua faca lasque e quebre!

“Então esta faca pode quebrar”, pensou.

Consolou-se com o fato de que Jamis também estava sem escudo. Todavia o homem não fora treinado com seu uso, e não tinha, portanto, as inibições de um lutador acostumado ao escudo.

Paul olhou para Jamis no outro lado do círculo. O corpo do homem parecia um chicote, cheio de nós sobre um esqueleto seco. Sua faca cristalina tinha um brilho amarelo-leitoso sob a luz dos globos luminosos. O medo

percorreu-lhe o corpo. Sentia-se subitamente sozinho e nú, colocado sob a luz amarela dentro desse círculo de gente. A presciência alimentara seu conhecimento com incontáveis experiências, sugerindo as correntes mais fortes do futuro e as cadeias de decisões que as guiavam, mas isso aqui era o “agora-real”. Isso era a morte, suspensa de um infinito número de minúsculos contratempos.

Qualquer coisa poderia alterar o rumo do futuro aqui, ele percebia. Alguém tossindo na tropa de assistentes, uma distração. Uma variação no brilho de um globo luminoso, uma sombra enganadora.

“Estou com medo”, disse ele para si mesmo.

Circulou cuidadosamente na direção oposta a Jamis, repetindo silenciosamente a ladainha Bene Gesserit contra o medo: “O medo é o assassino da mente...” Foi como um banho frio, lavando seu corpo. Sentiu os músculos se descontraindo, se ajustando, prontos para a luta.

— Vou embainhar minha faca em seu sangue — rugiu Jamis. E no meio da última palavra atacou.

Jessica viu o movimento, sufocando um grito.

Onde o homem golpeará havia somente ar, e Paul se encontrava agora por trás de Jamis, com uma oportunidade clara de atingi-lo nas costas.

“Agora, Paul! Agora!”, gritava mentalmente Jessica.

O movimento de Paul foi lentamente controlado, lindamente fluido, mas tão vagaroso que deu a Jamis a oportunidade de se esquivar, recuando e virando-se para a direita.

Paul também recuou, agachado.

— Primeiro precisa achar meu sangue — disse ele.

Jessica reconhecia o ritmo do lutador de escudo em seu filho, percebendo como isso podia ser uma faca de dois gumes. As reações do rapaz eram as de um jovem treinado até um máximo de eficiência como essa gente nunca conhecera. Infelizmente, seu ataque fora treinado também, e condicionado pela necessidade de penetrar uma barreira de escudo. Um escudo repeliria um golpe rápido, admitindo apenas um contragolpe

enganadoramente lento.

Era necessário controle e astúcia para penetrar um escudo.

“Será que Paul percebe o que está acontecendo?”, pensou ela.

“Ele precisa.”

Novamente Jamis atacou, seus olhos negros como tinta cintilando, seu corpo um borrão amarelo sob os globos luminosos.

E novamente Paul escapou, para retornar muito lento, no ataque.

Outra vez...

E mais outra...

E outra...

Em todas as vezes, o contragolpe chegava um instante atrasado.

Jessica percebia algo que ela esperava que escapasse à atenção de

Jamis. As reações defensivas de Paul eram muito rápidas, mas ele sempre se movia no ângulo exato que seria necessário se um escudo estivesse ajudando-o a desviar parte do golpe de Jamis.

— Seu filho está brincando com aquele pobre tolo? indagou Stilgar. Acenou para que ela ficasse em silêncio antes que pudesse responder:

— Desculpe, deve ficar calada.

Agora os dois lutadores circulavam um em torno do outro: Jamis com a faca na extremidade do braço esticado, inclinada levemente para cima. Paul agachado, com a faca abaixada.

Novamente Jamis atacou e desta vez virou-se para a direita, onde Paul estivera se esquivando.

Em vez de recuar, escapando, Paul

atingiu a mão que empunhava a faca do adversário com a ponta de sua própria lâmina. Então fugiu, virando-se para a esquerda, grato pela advertência de Chani.

Jamis recuou para o centro do círculo, esfregando a mão ferida.

O sangue gotejou por um instante, depois parou. Os olhos do homem estavam arregalados — dois buracos negro-azulados estudando Paul com prudência, na luz fraca dos globos luminosos.

— Ah, esta doeu — murmurou Stilgar.

Paul agachou-se, pronto para enfrentar outra investida, e como fora treinado a proceder, depois de tirar o primeiro sangue, indagou:

— Você desiste?

— Ah! -gritou Jamis.

Um murmúrio furioso elevou-se da assistência.

— Parem! — gritou Stilgar. — O rapaz não conhece nossas regras. — Falou então para Paul:

— Não pode haver desistência no desafio do tahaddi. A morte é o resultado.

Jessica viu seu filho engolir em seco, e pensou: “Ele nunca matou um homem desse modo... no calor de uma briga de faca. Será que pode fazê-lo?”

Paul circulou lentamente para a direita, pressionado pelo movimento de Jamis. O conhecimento presciente das fervilhantes variáveis de tempo existentes nessa caverna vinha atormentá-lo agora.

Sua nova compreensão revelava existirem muitas decisões, excessivamente

comprimidas nessa luta, para que qualquer seqüência futura pudesse mostrar-se claramente. Variáveis acumulando-se sobre variáveis — era por esse motivo que essa caverna aparecia como uma junção indistinta em seu caminho. Como uma gigantesca rocha em meio a uma enchente, criando redemoinhos na correnteza em redor.

— Acabe com isso, garoto! — murmurou Stilgar. — Não brinque com ele.

Paul avançou lentamente no anel, confiando em sua própria vantagem quanto à velocidade.

Jamis recuava à medida que a compreensão se fazia em sua mente — este não era nenhum estrangeiro, fraco e tolo, no anel tahaddi, presa fácil para a

facas cristalina de um Fremen.

Jessica via a marca do desespero no rosto do homem. “Agora é o momento em que ele se torna mais perigoso. Agora ele está desesperado, e pode fazer qualquer coisa. Percebe que esta não é uma criança de seu próprio povo, mas uma máquina lutadora, treinada desde que nasceu. Agora o medo que plantei em sua mente começará a crescer.”

Encontrou-se sentindo pena de Jamis, uma emoção temperada pela consciência do perigo imediato para seu filho.

“Jamis pode fazer qualquer coisa... qualquer coisa imprevisível.”

Naquele instante ela cogitou se Paul teria vislumbrado esse futuro, se estaria revivendo essa experiência. Viu o

modo como Paul se movimentava, as gotas de suor em seu rosto e em seus ombros, a prudência visível no fluir de seus músculos. E pela primeira vez ela sentiu, sem compreender, o fator de incerteza no dom do filho.

Ele pressionava a luta agora, circulando ao redor do adversário, mas sem atacar. Percebera o medo em seu oponente e a memória da voz de Duncan Idaho fluía em sua consciência: “Quando seu adversário o temer, é o momento de dar rédeas a esse medo, dar-lhe tempo para se acumular. Deixe que ele se transforme em terror.

O homem aterrorizado luta contra si mesmo. Finalmente, ele ataca em desespero, e esse é o momento mais perigoso. Todavia, pode-se ter certeza de

que o homem aterrorizado geralmente cometerá um erro fatal. Você está sendo treinado aqui para detectar esses erros e usá-los.”

As pessoas na caverna começaram a murmurar.

“Eles pensam que Paul está brincando com o homem”, considerou Jessica. “Acham que Paul está sendo desnecessariamente cruel.”

Mas percebia também a excitação do grupo, a maneira como apreciavam o espetáculo. E também podia ver a pressão acumulando-se sobre Jamis. O momento em que esta se tornou demasiada para que ele a suportasse foi tão óbvio para ela quanto para Jamis... ou para Paul.

Jamis saltou alto, golpeando para baixo com a mão direita, que no entanto

estava vazia. A faca cristalina encontrava-se agora em sua mão esquerda.

Jessica se assustou.

Mas Paul fora avisado por Chani: “Jamis luta com ambas as mãos.” Além disso, a meticulosidade de seu treinamento considerara esse truque: “Fique atento para a faca e não para a mão que a segura”, avisara Gurney Halleck diversas vezes. “A faca é muito mais perigosa que a mão, e a faca pode estar em ambas as mãos.”

E Paul percebera o erro de Jamis: fraca movimentação com os pés, fazendo passar o tempo de uma batida de coração antes que o homem se recuperasse do salto. Um salto destinado a confundir Paul e ocultar a mudança da faca.

Exceto com relação à luz amarela

baixa dos globos luminosos, e aos olhos tintos dos espectadores, era exatamente como uma sessão de prática de solo. Escudos não contam quando o próprio movimento do corpo pode ser usado contra ele. Paul trocou a faca de mão, num movimento rápido, escorregou de lado e impulsionou a lâmina para cima, no ponto em que o peito de Jamis descia. Então recuou, para ver o homem tombar.

Jamis caiu como um boneco flácido, o rosto no chão. Deu um último suspiro e virou o rosto na direção de Paul, depois ficou imóvel no piso de rocha. Os olhos sem vida olhavam no vazio como contas de vidro negro.

“Matar com a ponta não tem requinte”, dissera Idaho uma vez. “Mas não permita que isso contenha sua mão

quando a oportunidade se apresentar.”

A tropa avançou, enchendo o círculo e puxando Paul para o lado. Eles se agacharam ocultando Jamis, em frenética atividade. Daí a pouco, um grupo saiu apressado em direção às profundezas da caverna, carregando uma carga embrulhada num manto.

Onde havia um corpo no piso rochoso não restava nada agora.

Jessica pressionou para a frente, caminhando em direção ao filho. Sentiu-se nadando num mar de corpos fedorentos, cobertos por mantos, uma turba estranhamente silenciosa.

“Agora é o momento terrível”, pensou. “Ele matou um homem, em clara superioridade de mente e músculos. Não deve aprender a apreciar tal vitória.”

Abriu caminho através do restante do grupo, chegando ao pequeno espaço aberto onde dois Fremen barbudos ajudavam Paul a colocar o traje-destilador.

Jessica observou seu filho, notando que os olhos de Paul pareciam brilhantes. Ele respirava pesadamente, permitindo que o ajudassem em vez de ajudá-los.

— Ele contra Jamis, e nenhuma marca nele — murmurou um dos homens.

Chani colocara-se ao lado, os olhos fixos em Paul. Jessica notou a excitação da garota, a admiração no rosto de fada.

“Deve ser feito agora, e com rapidez”, pensou Jessica.

Reuniu o máximo de desdém em sua voz e em suas maneiras, dizendo:

— Bem, como se sente sendo um assassino?

Paul ficou rijo, como se acabasse de receber uma bofetada. Encarou o olhar frio de sua mãe, e seu rosto enrubesceu.

Involuntariamente, olhou para o local onde estivera o corpo de Jamis.

Stilgar abriu caminho até chegar ao lado de Jessica, voltando das profundezas da caverna para onde fora levado o corpo de Jamis. Falou com Paul, num tom amargo e controlado:

— Quando chegar a ocasião para me desafiar, e tentar o meu burda, não pense que vai brincar comigo do modo como brincou com Jamis.

Jessica percebeu o modo como suas próprias palavras, e as de Stilgar, atingiam Paul, fazendo o trabalho duro

sobre o rapaz. O engano cometido por essa gente servira agora para um bom propósito. Ela olhou os rostos ao redor, como Paul estava fazendo, vendo o que ele via. Admiração, sim, e medo... até um pouco de aversão. Olhou para Stilgar, notando seu fatalismo, sabendo o que ele pensava da luta.

Paul encarou sua mãe.

— Você sabe como foi.

Ela percebeu o retorno da sanidade, o remorso em sua voz, e olhou para o resto da tropa, dizendo:

— Paul nunca matou um homem com faca.

Stilgar encarou Jessica, seu rosto revelando descrença.

— Eu não estava brincando com ele — disse Paul, colocando-se diante de

sua mãe enquanto endireitava o caimento do manto.

Olhou para a mancha escura do sangue de Jamis no piso da caverna.

— Eu não queria matá-lo.

Jessica viu a compreensão chegar lentamente em Stilgar, percebeu seu alívio enquanto ele alisava a barba, com a mão cheia de veias proeminentes. Ouviu os murmúrios de compreensão se espalhando no grupo.

— Foi por isso que lhe pedi para desistir — comentou Stilgar. — Eu percebo agora. Nossos costumes são diferentes, mas você verá que há sentido neles. Pensei que havíamos admitido um escorpião em nosso meio. — Hesitou, e então acrescentou: — E eu não vou chamá-lo de garoto outra vez.

Uma voz gritou do meio da tropa.

— Ele precisa de um nome, Stil.

Stilgar acenou, alisando a barba.

— Vejo força em você... como a força embaixo de uma pilastra... — Fez nova pausa, depois: — Você será conhecido, entre nós, como Usul, a base da pilastra. Este será seu nome secreto, seu nome na tropa. Nós, do Sietch Tabr, poderemos usá-la, mas ninguém de fora deve conhecê-lo... Usul.

Murmúrios percorreram novamente a tropa.

— Uma boa escolha esta... forte... nos trará sorte. — E Jessica sentiu a aceitação, sabendo-se incluída com seu campeão. Ela era, de fato, a Sayyadina.

— Agora, qual o nome de adulto que você escolhe para que o chamemos

abertamente? — indagou Stilgar.

Paul olhou para sua mãe, depois de volta para Stilgar. Trechos e pedaços desse momento registravam-se em sua memória presciente, mas ele sentia as diferenças como se fossem algo físico, uma pressão a forçá-lo através de uma porta estreita, representando o presente.

— Como chamam entre vocês o pequeno rato, o rato que salta? — indagou, lembrando-se do movimento que vira na Bacia Tuono. Ele indicou com a mão.

Um riso soou na tropa.

— Nós o chamamos Muad'dib — respondeu Stilgar,

Jessica assustou-se. Era o nome que Paul lhe dissera, ao falar que os Fremen iriam aceitá-lo e chamá-lo assim.

Sentia um súbito medo de seu filho, e por seu filho.

Paul engoliu em seco. Sentia como se houvesse desempenhado esse papel por vezes incontáveis em sua mente... e no entanto... havia diferenças. Podia ver a si próprio, equilibrado num vertiginoso cume, tendo experimentado muito e possuindo um enorme estoque de conhecimentos. No entanto, tudo ao seu redor era como um abismo.

E novamente recordou-se da visão das legiões fanáticas, seguindo a bandeira verde e negra dos Atreides, pilhando e queimando através do universo em nome de seu profeta Muad'Dib.

“Isso não pode acontecer”, disse para si mesmo.

— É esse o nome que deseja,

Muad'Dib? — indagou Stilgar.

— Eu sou um Atreides — sussurrou Paul, e então falou alto: Não é justo que eu abdique, inteiramente, do nome que me foi dado por meu pai. Eu poderia ser conhecido entre vocês como Paul Muad'Dib?

— Você é agora Paul Muad'Dib — disse Stilgar.

E Paul pensou: “Isso não estava na visão. Eu fiz algo diferente.”

Entretanto, sentia o abismo permanecer ao seu redor.

Novamente os murmúrios percorreram a tropa, enquanto os homens se voltavam, uns para os outros — ... Não podia pedir mais... É a lenda, — certeza... Lisan al-Gaib... Lisan al-Gaib...

— Vou dizer-lhe uma coisa a

respeito de seu novo nome — explicou Stilgar. — A escolha nos agrada. O Muad'Dib é sábio nas maneiras do deserto. O Muad'Dib cria sua própria água. O Muad'Dib se oculta do sol e viaja no frio da noite. O Muad'Dib é fértil, e se multiplica sobre a terra. O Muad'Dib é chamado “instrutor de meninos”. Essa é uma poderosa base sobre a qual pode construir sua vida, Paul Muad'Dib, que é Usul, entre nós. Nós lhe damos as boas-vindas.

Stilgar tocou a testa de Paul, com a palma de uma das mãos, depois abraçou-o, murmurando:

— Usul.

Quando Stilgar o soltou, outro membro da tropa abraçou Paul, repetindo seu nome, e ele foi passando, de abraço

em abraço, através de todo o grupo, ouvindo vozes e diferentes tonalidades: — Usul... Usul... Usul... Usul. — Já podia reconhecer alguns.

E lá estava Chani, que pressionou a face contra a sua, enquanto o abraçava e dizia o seu nome.

Daí a pouco Paul encontrava-se novamente diante de Stilgar, que disse:

— Agora você é dos Ichwan Bedwine, nosso irmão. Seu rosto endureceu e ele acrescentou, com voz de comando: E agora, Paul Muad'Dib, aperte esse traje-destilador. — Olhou para Chani. — Chani! Os tampões de nariz de Paul Muad'Dib possuem o pior encaixe que já vi! Acho que lhe ordenei que cuidasse disso!

— Eu não tinha o material, Stil —

respondeu ela. — Há os de Jamis, é claro, mas...

— Basta!

— Então eu dividirei os meus. Posso me arranjar com apenas um, até que...

— Você não fará isso. Sei que há sobressalentes entre nós. Onde estão os sobressalentes? Somos uma tropa unida, ou um bando de selvagens?

Mãos se estenderam oferecendo objetos duros e fibrosos. Stilgar selecionou quatro, e entregou-os a Chani. — Ajuste esses para Usul e Sayyadina.

Uma voz se elevou da retaguarda da tropa.

— E quanto à água, Stil? E quanto aos litrojons no embrulho deles?

— Eu sei de sua necessidade, Faro.

— Stilgar olhou para Jessica, e ela acenou, assentindo.

— Divida um daqueles entre os que necessitam — disse Stilgar. — Mestre d'água!... onde está o mestre d'água? Ah, Shimoom, cuide de medir o que for necessário. O necessário, e nada mais. Esta água é propriedade do dote da Sayyadina, e será paga no sietch de acordo com as taxas de campo, menos as cotas de carregamento.

— O que é “pagamento de acordo com as taxas de campo”? indagou Jessica.

— Dez para um — respondeu Stilgar.

— Mas...

— É uma regra sábia, como terá oportunidade de ver.

Um som de mantos em movimento

marcou a atividade no final da tropa, enquanto os homens se voltavam para buscar a água.

Stilgar ergueu a mão e fez-se silêncio.

— Quanto a Jamis, ordeno uma cerimônia completa. Jamis era nosso companheiro e irmão de Ichwan Bedwine. Não nos afastaremos sem o devido respeito para com aquele que provou a nossa sorte em seu desafio tahaddi. Eu invoco os ritos... ao pôr-do-sol, quando a escuridão vier para cobri-lo.

Paul ouviu essas palavras e sentiu-se mergulhar no abismo uma vez mais... tempo cego. Não havia passado ocupando o futuro, em sua mente... exceto... exceto... que ele ainda podia sentir a bandeira verde e negra dos Atreides ondulando...

em algum lugar adiante... ainda podia ver as espadas ensangüentadas do jihad, e as legiões de fanáticos.

“Não vai ser assim”, disse ele para si mesmo. “Não posso permitir.”

Deus criou Arrakis para ensinar aos

fiéis.

— *de A Sabedoria do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Na quietude da caverna, Jessica ouvia o roçar da areia sobre a pedra enquanto as pessoas se moviam, os distantes chamados dos pássaros que Stilgar dissera serem sinais de seus sentinelas.

Os grandes selos plásticos haviam sido removidos das aberturas da caverna. Podia ver a marcha das sombras do entardecer sobre o lábio rochoso à sua frente, e a depressão além. Sentia que a luz do dia os abandonava; sentia o calor seco, assim como as sombras. Sabia que sua percepção treinada logo lhe daria o

que esses Fremmen obviamente possuíam: a capacidade de sentir até mesmo a mais leve mudança na umidade do ar.

Como eles haviam corrido para ajustar seus trajes-destiladores, quando a caverna fora aberta!

Nas profundezas da caverna alguém começou a cantar.

“Ima trava okolo! I korenja okolo!”

Jessica traduziu em silêncio: “Estas são as cinzas! E estas são as raízes!”

A cerimônia fúnebre para Jamis estava começando.

Olhou para o poente Arrakeen, para as faixas sucessivas de cores no céu. A noite começava a invocar suas sombras, ao longo das rochas e dunas distantes.

E, entretanto, o calor persistia.

Calor que forçava seus

pensamentos em direção à água, e ao fato observado de que esse povo inteiro pudera ser treinado a sentir sede a intervalos determinados.

Sede.

Podia relembrar as ondas iluminadas pela lua, em Caladan, lançando mantos brancos sobre as rochas... e o vento pesado de umidade. Aqui, a brisa que tocava sua vestimenta secava os trechos de pele exposta na testa e nas maçãs do rosto. Os novos tampões de nariz irritavam-na e ela tornou-se inteiramente consciente do tubo que descia através de seu rosto, para dentro do traje, recuperando a umidade de sua respiração.

O próprio traje era uma caixa de suor.

— Seu traje será mais confortável quando seu corpo estiver ajustado a um conteúdo menor de água — dissera Stilgar.

Sabia que ele estava certo, mas isso não tornava esses momentos nem um pouco mais confortáveis. A preocupação inconsciente com a água, nesse lugar, pesava em sua mente. “Não”, ela se corrigiu. “Era preocupação com umidade.”

E isso era uma questão bem mais sutil e profunda.

Ouviu passos que se aproximavam e virou-se para ver Paul sair das profundezas da caverna, seguido por Chani.

“Eis outra questão”, pensou Jessica. “Paul precisa ser advertido em

relação a essas mulheres. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como esposa para um Duque. Como concubina sim, mas não como esposa.”

Então se admirou com seu próprio modo de pensar. “Terei sido contaminada por seus esquemas?” Como havia sido bem condicionada! “Sou capaz de pensar nas necessidades conjugais da realeza, sem nem uma vez considerar o meu próprio concubinato. Todavia... eu era mais que uma concubina.”

— Mãe.

Paul parou diante dela, Chani ao seu lado.

— Mãe, você sabe o que eles estão fazendo lá atrás?

Jessica fitou a mancha negra dos olhos dele, por baixo do capuz.

— Creio que sim.

— Chani me mostrou... porque se supõe que eu deva ver e dar minha... permissão para a pesagem da água.

Jessica olhou para Chani.

— Eles recuperariam a água de Jamis — explicou ela, a voz saindo anasalada através dos tampões do nariz.

— É a regra. A carne pertence à pessoa, mas sua água pertence à tribo... exceto em combate.

— Eles dizem que a água é minha

— disse Paul.

Jessica se perguntou por que isso a fazia subitamente alerta e cautelosa.

— A água de combate pertence ao vencedor — continuou Chani. — É porque você tem de lutar em aberto, sem trajes-destiladores. O vencedor tem de

recuperar a água que perdeu durante a luta.

— Não quero a água dele — murmurou Paul. Sentia-se parte de muitas imagens movendo-se simultaneamente, de um modo fragmentado, que era desconcertante para sua visão interior. Não tinha certeza quanto ao que iria fazer, mas de uma coisa estava certo: não queria a água destilada da carne de Jamis.

— É... água — disse Chani.

Jessica admirou o modo como ela dissera “água”. Tanto significado num som tão simples. Um ditado Bene Gesserit veio-lhe à mente: “A sobrevivência é a habilidade de nadar em águas estranhas.” E ela pensou: “Paul e eu precisamos encontrar as correntes e os padrões nessas águas estranhas... para

podermos sobreviver.”

— Você aceitará a água — disse.

Reconheceu o tom em sua própria voz. Ela o usara uma vez, com Leto, para dizer ao seu Duque perdido que ele deveria aceitar uma grande soma, oferecida por seu apoio em uma aventura duvidosa. Devia aceitar porque era o dinheiro que mantinha o poder para os Atreides.

Em Arrakis água era dinheiro, e ela percebia isso claramente.

Paul permaneceu em silêncio, sabendo que faria o que ela ordenara — não porque ela ordenara, mas porque o tom em sua voz o forçara a reavaliar. Recusar a água seria quebrar um costume Fremen consagrado.

Depois ele lembrou as palavras do

Kalima 476 na Bíblia C.L. de Yueh. Elas diziam: “Toda vida tem origem na água.”

Jessica olhou para ele, curiosa: “Onde aprendeu essa citação? Ele não estudou os mistérios.”

— Assim é dito — disse Chani. — Giudichar afirma: “Está escrito no Shah-Nama que a água foi a primeira, dentre todas as coisas, a ser criada.”

Por alguma razão que não era capaz de explicar (e isso a incomodava mais do que a sensação), Jessica subitamente estremeceu.

Voltou-se para esconder sua perplexidade, exatamente a tempo de ver o sol se esconder. Uma violenta mistura de cores derramando-se sobre o céu, enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte.

— É hora!

Era a voz de Stilgar, ressoando na caverna.

— A arma de Jamis foi morta. Jamis foi por Ele chamado, pelo Shai-hulud, que ordenou as fases para as luas, que diariamente mingnam, e no final parecem curvas, como varas secas... — A voz de Stilgar baixou de volume. — Assim foi com Jamis.

O silêncio desceu como um cobertor sobre a caverna.

Jessica via a sombra cinzenta de Stilgar, como uma figura fantasmagórica no interior da caverna. Olhou de volta para a paisagem lá embaixo, e sentiu a frieza.

— Que os amigos de Jamis se aproximem — disse Stilgar.

Homens moveram-se atrás de Jessica, descendo uma cortina sobre a abertura. Um único globo luminoso foi aceso no alto, bem no fundo da caverna. Seu brilho amarelo permitia ver um fluir de figuras humanas; Jessica ouviu o roçar dos mantos.

Chani deu um passo à frente, como que atraída pela luz.

Jessica curvou-se junto ao ouvido de Paul falando no código familiar:

— Siga o exemplo deles, faça como eles fizerem. Será uma cerimônia simples, destinada a aplacar a sombra de Jamis.

“Vai ser muito mais do que isso”, pensou Paul. Sentia como que uma torção em sua consciência, como se estivesse tentando agarrar alguma coisa em

movimento e imobilizá-la.

Chani veio para junto de Jessica e segurou-a pela mão: Venha, Sayyadina, devemos nos sentar em separado.

Paul observou as duas se moverem para dentro das sombras, deixando-o sozinho. Sentiu-se abandonado.

Os homens que haviam colocado a cortina vieram instalar-se ao seu lado.

— Venha, Usul.

Permitiu que o guiassem até um círculo de pessoas, formado ao redor de Stilgar, que se colocara bem abaixo do globo luminoso e ao lado de um fardo anguloso, coberto por um manto sobre o piso rochoso.

A tropa agachou-se ante um gesto de Stilgar, seus mantos sussurrando com o movimento. Paul sentou-se com eles,

observando Stilgar, notando o modo como a luz diretamente acima transformava seus olhos em poços negros, e tornava mais brilhante o tecido verde em seu pescoço. Depois, deslocou sua atenção para o monte coberto pelo manto, reconhecendo o braço de um baliset projetando-se do tecido.

— O espírito abandona a água do corpo, quando a primeira lua se levanta — entoou Stilgar. — Assim se diz. E quando virmos a primeira lua se erguer esta noite, quem ela invocará?

— Jamis — respondeu a tropa.

Stilgar girou no centro do círculo, percorrendo os rostos com o olhar:

— Eu era um amigo de Jamis. Quando a aeronave falcão mergulhou sobre nós, em Buraco-na-Rocha, foi Jamis

quem me puxou para a segurança. — Ele inclinou-se sobre o volume ao lado, erguendo o manto. — Eu levo este manto, como amigo de Jamis. Direito do líder. — Colocou o manto sobre o ombro e levantou-se.

Agora Paul podia ver o conteúdo do volume exposto: o pálido cinza-lustroso de um traje-destilador, um litrojon bem arranhado, um lenço com um livro no centro, a empunhadura sem lâmina de uma faca cristalina, uma bainha vazia, uma mochila dobrada, uma parabússola, um distrans, um batedor, uma pilha de ganchos metálicos do tamanho de um punho, um conjunto do que pareciam pequenas rochas dentro de uma dobra de tecido, um punhado de penas emaranhadas... e um baliset exposto

ao lado da mochila dobrada.

“Então Jamis tocava baliset”, pensou Paul. O instrumento fazia-o lembrar-se de Gurney Halleck e de tudo que fora perdido. Sabia, através de sua memória, do futuro e do passado, que algumas linhas de acaso poderiam produzir um encontro com Halleck, mas as reuniões seriam poucas e indistintas. Isso o intrigava. O fator de incerteza trazendo-lhe admiração. “Significará alguma coisa que eu farei..., ou que poderei fazer... poderia acarretar a destruição para o Gurney.. ou trazê-lo de volta à vida... Ou...

Engoliu em seco, sacudindo a cabeça.

E novamente Stilgar se inclinou sobre a pilha.

— Para a mulher de Jamis, e para os guardas — disse, colocando as pequenas rochas e o livro nas dobras de sua roupa.

— Direito do líder — entoou a tropa.

— O marcador para o jogo de café de Jamis. — Stilgar ergueu um disco chato de metal verde. — Isto eu darei para Usul, em uma cerimônia adequada, quando retornarmos ao sietch.

— Direito do líder — entoou a tropa.

Finalmente, ele apanhou o cabo da faca cristalina e o exibiu.

— Para a planície funerária.

— Para a planície funerária — respondeu a tropa.

Em seu lugar no círculo, oposto à

posição de Paul, Jessica acenou com a cabeça reconhecendo a fonte ancestral do rito. Pensava: “O encontro entre ignorância e conhecimento, entre brutalidade e cultura... tudo começa na dignidade com que tratamos nossos mortos.” Olhou para Paul, pensando: “Será que ele percebe? Será que ele saberá o que fazer?”

— Nós somos amigos de Jamis — disse Stilgar. — Não estamos chorando nosso morto como um bando de garvarg.

Um homem de barba cinzenta, à esquerda de Paul, levantou-se.

— Eu era um amigo de Jamis — disse. Caminhou até a pilha e apanhou o distrans. — Quando nossa água caiu abaixo do mínimo, no cerco em Dois Pássaros, Jamis compartilhou a dele. — E

o homem retornou para seu lugar no círculo.

“Será que esperam que eu também diga que era amigo de Jamis?”, considerou Paul. “Esperam que eu tire alguma coisa daquela pilha?” Viu rostos se virarem em sua direção, momentaneamente. “Eles esperam isso!”

Outro homem no lado oposto a Paul se levantou, foi até a pilha e removeu o paracompasso. — Eu era um amigo de Jamis — disse. — Quando uma patrulha nos apanhou, em Curva-da-Colina, e eu fui ferido, Jamis os atraiu, de modo que os feridos pudessem ser salvos. Voltou para seu lugar no círculo.

Novamente os rostos se voltaram na direção de Paul, e ele viu a expectativa demonstrada neles. Abaixou os olhos e

sentiu um cotovelo cutucá-lo enquanto uma voz sussurrava:

— Você traria a destruição sobre nós?

“Como posso dizer que era seu amigo?”, perguntava ele com os seus botões.

Outro vulto se levantou do círculo, no lado oposto a Paul, e, quando o rosto envolto no capuz entrou na iluminação, ele reconheceu sua mãe. Ela removeu o lenço do monte, dizendo: Eu era uma amiga de Jamis. Quando o espírito dos espíritos, dentro dele, viu as necessidades da verdade, esse espírito recuou, poupando meu filho. — Ela retornou ao seu lugar.

Paul lembrou o desprezo na voz dela quando o confrontara após a luta:

“Como se sente sendo um assassino?”

Novamente viu os rostos se voltarem em sua direção, sentindo a raiva e o medo entre a tropa. Uma passagem que sua mãe certa vez livro-filmara para ele, a respeito do “Culto dos Mortos”, relampejou em sua mente. Sabia o que tinha a fazer.

Paul levantou-se lentamente.

Um suspiro de alívio passou pelo círculo.

Paul sentia uma diminuição de seu eu, enquanto avançava para o centro do círculo. Como se houvesse perdido um pequeno fragmento de si mesmo, e o procurasse naquela pilha. Inclinou-se sobre o monte de pertences e ergueu o baliset. Uma corda soou suavemente ao bater em alguma coisa na pilha.

— Eu era um amigo de Jamis —
sussurrou.

Sentiu lágrimas queimando seus olhos e forçou mais volume em sua voz.
— Jamis me ensinou... que... quando você mata... você paga por isso. Eu desejaria ter conhecido Jamis melhor.

Cego pelas lágrimas, ele caminhou de volta ao seu lugar no círculo, e sentou-se no piso rochoso.

Uma voz falou baixinho:

— Ele derramou lágrimas!

A notícia passou ao redor do círculo:

— Usul dá umidade aos mortos!

Sentiu dedos tocando sua face úmida, ouviu sussurros de espanto.

Jessica, ouvindo as vozes, percebia a profundidade da experiência,

compreendendo as terríveis inibições que deviam existir contra o derrame de lágrimas. Focalizou seu raciocínio nas palavras: “Ele dá umidade aos mortos.” Tratava-se de uma dádiva para o mundo das sombras — lágrimas. Elas seriam sagradas, sem dúvida.

Nada, nesse planeta, impressionara mais sua mente do que o valor absoluto da água. Não os vendedores de água, nem as peles secas dos nativos. Não os trajes-destiladores, ou as regras da disciplina da água. Aqui estava uma substância mais preciosa que todas as outras: a própria vida entrelaçada de simbolismo e ritual.

Água.

— Eu toquei seu rosto — disse alguém baixinho. — Senti a dádiva.

A princípio os dedos que lhe

tocavam o rosto haviam-no assustado. Ele agarrou a empunhadura fria do baliset, sentindo as cordas penetrarem em sua palma. Então viu os rostos além das mãos estendidas — os olhos arregalados de admiração...

Depois as mãos recuaram. A cerimônia fúnebre recomeçou. Agora, entretanto, havia um sutil espaço vazio ao redor de Paul, um retraimento. A tropa o honrava com um respeitoso isolamento.

E a cerimônia terminou com um canto, entoado em voz baixa:

“A lua cheia te chama...

Shai-hulud verás;

Vermelha é a noite, sombrio o céu

De morte sangrenta tu morreste.

Erguemos nossas preces para a lua: ela e

redonda...

*E a sorte entre nós será plena,
O que buscamos será encontrado
Na terra de chão firme.”*

Um volume permanecia aos pés de Stilgar. Ele agachou-se colocando nele as palmas das mãos. Alguém se abaixou ao seu lado, e Paul reconheceu o rosto de Chani na sombra do capuz.

— Jamis carregava trinta e três litros mais sete, trinta e três dracmas de água da tribo — disse Chani. — Eu a abençoô agora, na presença da Sayyadina. Ekkeri-akairi, esta é a água, fillissinfollasy de Paul Muad’Dib! Kivi a-kavi, nunca mais, nakalas!

Nakalas! será medida e contada ukair-an! pelas batidas de coração jan-jan-

jan do nosso amigo... Jamis.

Num súbito e profundo silêncio Chani se voltou, olhando para Paul. Instantes depois ela disse:

— Onde eu sou chama, tu serás carvão. Onde eu sou orvalho, tu serás água.

— Bi-lal kaifa — entoou a tropa.

— Para Paul Muad'Dib vai esta porção — continuou Chani.

— Que ele possa guardá-la para a tribo, preservando-a da perda descuidada. Que ele possa ser generoso com ela, em tempo de necessidade. Que ele possa passá-la adiante, quando for a sua vez, pelo benefício da tribo.

— Bi-lal kaifa — respondeu o grupo.

“Eu devo aceitar esta água”,

pensou Paul. Lentamente ele se levantou, aproximando-se de Chani até ficar ao seu lado. Stilgar recuou para abrir espaço, tomando o baliset gentilmente de sua mão.

— Ajoelhe-se — pediu Chani.

Paul obedeceu.

Ela guiou-lhe as mãos até a bolsa de água, segurando-as de encontro à superfície elástica:

— A tribo confia-lhe esta água — disse ela. — Jamis a deixou. Leve-a em paz. — Levantou-se, puxando Paul consigo.

Stilgar devolveu-lhe o baliset e estendeu-lhe a palma da mão, com uma pequena pilha de anéis de metal. Paul olhou para eles, notando os diferentes tamanhos, o modo como a luz do globo

luminoso se refletia neles.

Chani pegou o anel mais largo, erguendo-o na ponta do dedo.

— Trinta litros — explicou ela. Um por um pegou os outros, mostrando-os individualmente para Paul, enquanto os contava:

— Dois litros, um litro, sete fichas de água com uma dracma cada uma, uma ficha de trinta e três centavos de dracma. Ao todo, trinta e três litros, mais sete e trinta três dracmas secundários.

Ergueu-os juntos no dedo, para que Paul os visse.

— Você os aceita? — indagou Stilgar.

Paul engoliu em seco, e assentiu com a cabeça:

— Sim!

— Depois — disse Chani —, eu lhe mostrarei como prendê-los em seu lenço, de modo que não façam barulho e o denunciem, quando precisar de silêncio. — Estendeu a mão.

— Quer... guardá-los para mim? — indagou Paul.

Chani voltou-se, olhando espantada para Stilgar.

Ele sorriu, dizendo:

— Paul Muad'Dib, que é Usul, não conhece ainda os nossos costumes, Chani. Guarde suas fichas de água sem compromisso, até a ocasião em que possa mostrar a ele a maneira de carregá-las.

Ela acenou, tirou uma tira de pano debaixo de seu manto, unindo os anéis com ela, em uma intrincada trança. Hesitou, e depois os colocou no cinto,

por baixo do manto.

“Perdi alguma coisa aqui”, pensou Paul. Percebia um sentimento de humor ao seu redor, alguma coisa troçando com ele, e sua mente logo reuniu a memória presciente: “Fichas de água oferecidas a uma mulher — modo, ritual de fazer a corte.”

— Mestres d’água! — chamou Stilgar.

A tropa levantou-se, num sussurrar de mantos. Dois homens avançaram para levantar a bolsa de água. Stilgar pegou o globo luminoso, liderando o caminho em direção às profundezas da caverna.

Paul caminhava espremido, logo atrás de Chani. Notou o brilho lustroso que a luz produzia sobre as paredes rochosas, o modo como as sombras

dançavam, e sentiu a elevação no ânimo da tropa, evidente no ar de expectativa silenciosa.

Jessica, puxada para o final da tropa por mãos ávidas, empurrada entre corpos que se acotovelavam, suprimiu um instante de pânico. Reconhecera fragmentos do ritual, identificando os sinais de Chakobsa e Bhotani-jib nas palavras, consciente da violência selvagem que poderia explodir num desses momentos aparentemente calmos.

“Jan-jan-jan”, pensou ela. “Vá-vá-vá.”

Era como um jogo de criança que houvesse perdido toda a inibição nas mãos de adultos.

Stilgar parou diante de uma parede de rocha amarela, pressionou uma

saliência, e a parede deslizou silenciosamente, afastando-se dele para abrir-se em uma fenda irregular. Avançaram por uma rede que parecia de favos, dirigindo um sopro de ar frio sobre Paul, quando ele passou.

Paul lançou um olhar indagador para Chani, puxando-lhe o braço.

— Aquele ar parecia úmido.

— Sshhh! — respondeu ela.

Mas um homem atrás comentou:

— Um bocado de umidade na armadilha, esta noite. É o modo de Jamis nos dizer que está satisfeito.

Jessica passou pela porta secreta ouvindo-a fechar-se às suas costas. Notou como os Fremen diminuíam o passo ao atravessar a rede de favos, sentindo a umidade que vinha na direção aposta.

“Armadilhas de vento!”, percebeu ela. “Eles esconderam as armadilhas em algum ponto da superfície para canalizar o ar até as regiões mais frias, aqui embaixo, e precipitar a umidade contida.”

Passaram através de outra porta de rocha, com grades acima. A porta fechou-se em seguida. A corrente de ar em suas costas carregava uma sensação de umidade claramente perceptível para Paul e Jessica.

Na frente da tropa, o globo luminoso nas mãos de Stilgar desceu abaixo do nível das cabeças dos homens, à frente de Paul. Pouco depois ele sentiu degraus sob seus pés, curvando-se para a esquerda. Luz se refletia de baixo para cima, em torno de cabeças cobertas, revelando o movimento circular das

peessoas descendo em espiral pelos degraus.

Jessica sentiu um crescendo de tensão ao seu redor, a opressão do silêncio que lhe atingia os nervos, com um sentimento de exigência.

Os degraus terminaram e a tropa passou através de outra porta baixa. A luz do globo luminoso foi engolida por um imenso espaço aberto, sob um alto teto abobadado.

Paul sentiu a mão de Chani segurando seu braço com força, ouviu um fraco som de gotejar no ar frio, notando a completa calma que se apoderava dos Fremen diante dessa catedral da água.

“Eu vi este lugar num sonho”, pensou ele.

A idéia era ao mesmo tempo

tranquilizadora e frustrante. Em algum ponto adiante, em seu caminho, as hordas fanáticas abriam sua trilha sangrenta através do universo, chamando seu nome. A bandeira verde e negra dos Atreides se tornaria um símbolo de terror. Legiões selvagens avançariam para a batalha bradando seu grito de guerra: Muad'Dib!

“Não deve ser assim. Não posso permitir que isso aconteça.”

No entanto, podia sentir as exigências da consciência racial em seu interior, seu próprio terrível propósito, e percebia que nenhuma ação menor poderia desviar a aproximação do Jaganath. Estava ganhando peso e momento. Se ele morresse nesse instante, a coisa continuaria através de sua mãe e sua irmã, ainda não nascida.

Nada, a não ser a morte de toda a tropa reunida aqui, e agora ele próprio e sua mãe incluídos — poderia deter a coisa.

Paul olhou em volta, vendo a tropa dispor-se formando uma linha transversal que avançou para uma barreira baixa, esculpida na rocha. Além dessa barreira, sob a luz do globo de Stilgar, Paul viu uma superfície de água negra e lisa. Estendia-se para dentro das sombras, escura e profunda — até a parede mais distante que aparecia fracamente visível, talvez a uma centena de metros adiante.

Jessica sentiu um leve repuxar na pele do rosto e da testa, que se relaxava na presença da umidade. A piscina era profunda; ela podia notar sua profundidade, e resistiu ao desejo de

mergulhar nela as mãos.

Ouviu um som de água derramando, à sua esquerda. Olhou ao longo da linha sombreada dos Fremmen, vendo Paul e Stilgar juntos dos mestres d'água, que esvaziavam sua carga dentro da piscina através de um medidor de fluxo. O medidor era como um olho redondo e cinzento erguendo-se acima da borda. Viu o ponteiro luminoso mover-se, enquanto a água fluía até parar em trinta e três litros, sete e trinta e três dracmas.

“Soberba precisão na medida da água”, pensou Jessica. Notou que as paredes da tina do medidor não apresentavam nenhum traço de umidade após a passagem da água. A água fluíra daquelas paredes sem qualquer tensão

adesiva. Percebia nisso um indício quanto à tecnologia dos Fremmen revelando-se num simples fato

“Eles eram perfeccionistas.” Jessica caminhou ao lado da barreira, até chegar junto de Stilgar. O caminho foi aberto para ela com uma cortesia natural. Notou o distanciamento nos olhos de Paul, enquanto o mistério dessa grande piscina dominava seus pensamentos.

Stilgar olhou para ela:

— Existem aqueles entre nós que precisam de água — disse ele. — No entanto, eles seriam capazes de vir aqui sem tocar nesta água. Acredita nisso?

— Acredito — respondeu ela.

Ele olhou para a piscina.

— Temos mais de trinta e oito milhões de decalitros aqui. Protegidos

contra os pequenos produtores, ocultos e preservados.

— Um tesouro escondido.

Stilgar ergueu o globo para olhar nos olhos dela.

— É muito mais que um tesouro. Temos milhares de depósitos como este, e somente alguns entre nós conhecem todos. — Ele inclinou a cabeça para um lado, e o globo lançou um brilho amarelo sobre seu rosto e sua barba. — Ouviu isto?

Eles escutaram.

O gotejar da água, precipitada pela armadilha-de-vento, enchia a sala com sua presença. Jessica percebia que toda a tropa fora apanhada em uma espécie de êxtase, ouvindo em arrebatamento, e apenas Paul parecia distanciado.

Para ele o som era como a passagem do tempo, tiquetaqueando.

Podia sentir o fluxo do tempo passando através de seu corpo, os instantes perdidos e nunca mais recapturados. Sentia a necessidade de uma decisão, mas ao mesmo tempo estava sem forças para mover-se.

— Tem sido calculado com precisão — sussurrou Stilgar. — Nós sabemos, em cada milhão de decalitros, de quanto necessitamos. Quando tivermos, mudaremos a face de Arrakis.

O abafado sussurro da resposta elevou-se da tropa:

— Bi-lal kaifa.

— Aprisionaremos as dunas debaixo de extensões de grama — disse Stilgar, a voz se tornando cada vez mais

poderosa. — Prenderemos a água ao solo, com árvores e arbustos.

— Bi-lal kaifa — entoou o grupo.

— A cada ano a camada de gelo polar se retrai.

— Bi-lal kaifa — cantaram eles.

— Transformaremos Arrakis num lar: com lentes para derretimento nos pólos, com lagos nas zonas temperadas, e somente o deserto profundo para o produtor e sua especiaria.

— Bi-lal kaifa.

— E nenhum homem jamais precisará procurar por água. Ela será sua para retirar do poço, açude, lago ou canal. Ela correrá através dos qanats para regar nossas plantas. Estará lá para qualquer homem usar. Será sua, bastando estender a mão.

— Bi-lal kaifa.

Jessica percebia o ritual religioso nas palavras, notando sua própria resposta reverente. “Eles estão ligados ao futuro”, pensou.

“Têm sua montanha para galgar. Esse é o sonho de um cientista... e estas pessoas simples, estes camponeses, estão tomados por ele.”

Seus pensamentos voltaram-se para Liet-Kynes, o ecologista planetário do Imperador, o homem que se tornara nativo. Ela o admirava. Esse era um sonho para capturar as almas dos homens, podia sentir nele a mão do ecologista. Era um sonho pelo qual os homens morreriam de boa vontade, outro daqueles ingredientes essenciais que sentia serem necessários a seu filho:

peessoas com um objetivo, gente que seria fácil imbuir de fervor e fanatismo. Eles seriam fundidos como uma espada, para reconquistar o lugar de Paul.

— Nós partimos agora — disse Stilgar —, esperando que a primeira lua se levante. Quando Jamis se encontrar, seguramente, em seu caminho, iremos para casa.

Sussurrando sua relutância, a tropa o seguiu, contornando a barreira de água e subindo as escadarias.

Paul, caminhando logo atrás de Chani, sentia que um momento vital havia passado. Ele perdera a oportunidade para uma decisão essencial, e encontrava-se agora enredado em seu próprio mito.

Tinha consciência de ter visto esse

lugar antes, experimentando como um fragmento de seu sonho presciente na distante Caladan, mas os detalhes do lugar eram preenchidos agora com elementos que não vira. Ocorria-lhe um sentimento de admiração ante os limites de seu dom. Era como se ele avançasse dentro de uma onda de tempo, algumas vezes na crista, outras na parte de baixo, enquanto ao seu redor outras ondas se erguiam e tombavam, revelando, e em seguida escondendo, o que levavam em suas superfícies.

Através de tudo isso, o selvagem jihad ainda assomava à sua frente, com toda a violência e o massacre. Era como um promontório acima da arrebentação.

A tropa passou pela última porta, entrando na caverna principal.

A porta foi selada, as luzes apagadas, as coberturas removidas das aberturas, revelando que a noite, com suas estrelas, já se estendera sobre a face do deserto.

Jessica caminhou até a entrada ressequida da caverna e olhou para o alto. As estrelas pareciam nítidas e próximas. Ela ouviu o remexer da tropa à sua volta, o som de um baliset sendo afinado em algum lugar lá atrás, e a voz de Paul cantarolando. Notou uma melancolia em sua voz que a deixou preocupada.

A voz de Chani soou na escuridão.

— Fale-me a respeito das águas em seu mundo de origem, Paul Muad'Dib.

— Noutra ocasião, Chani; eu prometo.

“Tamanha tristeza.”

— É um baliset muito bom — comentou Chani.

— Muito bom — respondeu ele. — Acha que Jamis se importa que eu o use?

“Ele fala dos mortos com o verbo no presente”, pensou Jessica, sentindo-se perturbada pelas implicações.

A voz de um homem interferiu:

— Jamis gostava de música na hora de deitar.

— Então cante-me uma de suas canções — pediu Chani.

“Tamanho encanto feminino na voz desta menina”, notou Jessica. “Devo adverti-lo a respeito dessas mulheres... o quanto antes.”

— Esta era uma canção de um amigo meu — disse Paul. — Acredito

que ele esteja morto agora, o Gurney. Ele a chamava de sua “canção do entardecer”.

A tropa ficou em silêncio, ouvindo a voz de Paul se elevar num doce tenor juvenil, com o baliset tilintando ao fundo.

*“Neste tempo claro de fitar as brasas —
Que um sol dourado perdeu no cair da
noite.*

*Que frenesi de sentidos, que odor de
almíscar*

Se unem na lembrança.”

Jessica sentia verbalizar-se a música em seu peito — pagã, carregada com sons que a tornavam subitamente consciente de si mesma de uma forma intensa, sentindo seu próprio corpo e suas carências. Ouviu tensa e imóvel.

“Na quietude da noite adornada de pérolas Isso é para nós!

Que prazeres percorrem então —

Brilhantes em seus olhos Que amores floridos Impelem nossos corações...

Que amores floridos Preenchem nossos desejos.”

Jessica notou a quietude que se seguiu, enquanto a última nota ainda ressoava. “Por que meu filho canta uma canção de amor para aquela menina?” Sentiu um medo súbito. A vida fluía ao seu redor e ela era incapaz de segurar-lhe as rédeas. “Por que ele escolheu esta canção? Os instintos são muito francos, às vezes. Por que ele fez isso?”

Paul permanecia sentado na

escuridão, um único pensamento dominando-lhe a consciência. “Minha mãe é o meu inimigo. Ela não sabe disso, mas ela é. Ela está trazendo o seu jihad. Ela me deu à luz, ela me treinou. Ela é o meu inimigo.”

O conceito de progresso age como um mecanismo protetor para nos ocultar os horrores do futuro.

— *de Citações Reunidas do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan*

Em seu décimo sétimo aniversário Feyd-Rautha Harkonnen matou seu centésimo gladiador-escravo nos jogos familiares. Como observadores da Corte Imperial encontravam-se o Conde e Lady Fenring, visitando a Casa dos Harkonnen

em Giedi Prime, e convidados a se sentarem junto dos familiares mais próximos, na caixa dourada acima da arena triangular.

Em honra ao aniversário do futuro Barão, e para lembrar a todos os Harkonnen e seus súditos que Feyd-Rautha era o herdeiro designado, fora decretado feriado em Giedi Prime. O velho Barão instituíra uma pausa em todos os trabalhos, de meridiano a meridiano, e um esforço fora empreendido na cidade principal de Harko, no sentido de criar uma ilusão de alegria. Bandeiras ondulavam nos prédios, e uma nova camada de tinta fora espalhada ao longo das paredes na Rua da Corte.

No entanto, fora da rua principal,

o Conde Fenring e sua senhora notaram os montes de lixo, as paredes, os muros ásperos, cuja cor marrom se refletia nas poças de água escura sobre as ruas, o movimento furtivo das pessoas.

No castelo de paredes azuis, havia uma terrível perfeição, mas não lhes escapou o preço que se pagava por isso: guardas por toda parte, e armas com aquele polimento especial que um olhar treinado percebia estarem sendo usadas regularmente. Havia barreiras de inspeção até para a passagem rotineira de uma área para outra, dentro do castelo. Os servos revelavam seu treinamento militar no modo como caminhavam, no caimento dos ombros... e no modo como seus olhos vigiavam, vigiavam e vigiavam.

— A pressão continua — o Conde

sussurrou para sua senhora, usando a linguagem secreta entre ambos. — O Barão está começando a ver o preço que realmente pagou para se livrar do Duque Leto.

— Algum dia desses eu devo lhe recontar a lenda da Fênix respondeu ela.

Encontravam-se na sala de recepção do castelo, esperando para serem conduzidos até os jogos. Não era uma sala muito grande, talvez quarenta metros de comprimento, e metade disso na largura. Entretanto, os falsos pilares laterais haviam sido moldados com um pronunciado afilamento em direção ao teto, sutilmente arqueado, criando, ambos, uma ilusão de espaço muito maior.

— Ah, aí vem o Barão! —

exclamou o Conde.

O Barão atravessou a sala com um gingado peculiar, característico do peso suportado por suspensores. A papada ondulando, os suspensores bamboleando embaixo do manto cor de laranja.

Anéis brilhavam em suas mãos, e opafiras cintilavam no manto.

Ao lado do Barão caminhava Feyd-Rautha. Seu cabelo negro, penteado em madeixas entremeadas, parecia inadequadamente jovial para os olhos sombrios. Ele usava uma túnica negra, justa, e calças apertadas em forma de sino na bainha. Seus pés pequenos calçavam chinelas de sola macia.

Lady Fenring notou a postura do rapaz e os músculos firmes por baixo da túnica, pensando: “Aqui está alguém que

não vai se permitir engordar.”

O Barão parou diante deles, segurando o braço de Feyd-Rautha de um modo possessivo.

— Meu sobrinho, o futuro Barão, Feyd-Rautha Harkonnen. — E, voltando seu rosto de bebê em direção a Feyd-Rautha, acrescentou: — O Conde e Lady Fenring, de quem falei.

Feyd-Rautha inclinou a cabeça com a cortesia requerida. Olhou para Lady Fenring. Ela era loura e esbelta, seu corpo perfeito envolto num vestido leve de linho cru — simples adequação de forma, sem ornamentos. Olhos verde-acinzentados o fitaram. Ela tinha aquela dignidade serena das Bene Gesserit que as tornava tão sutilmente perturbadoras para os jovens.

— Aaahhhhhmmm! — exclamou o Conde. Observou Feyd-Rautha. — Hummmm, jovem meticoloso, ah, meu... hummm... caro? — O Conde olhou para o Barão. — Meu querido Barão, você diz que falou a nosso respeito com esse jovem meticoloso. O que disse a ele?

— Falei a meu filho da grande estima que o Imperador tem por você, Conde Fenring — respondeu o Barão, enquanto pensava: “Marque-o bem, Feyd. Um assassino com os modos de um coelho. Este é o tipo mais perigoso.”

— É claro! — disse o Conde, e sorriu para sua companheira.

Feyd-Rautha achou as ações do homem e suas palavras quase insultantes. Chegavam muito perto de se tornarem algo manifesto, exigindo reparação.

Focalizou sua atenção no Conde: um homem pequeno, de aparência frágil, seu rosto lembrava uma doninha, com os olhos muito grandes e escuros, as têmporas grisalhas. E seus movimentos... Ele movia uma das mãos e girava a cabeça de um modo, e mudava o movimento de repente. Era difícil acompanhar.

— Ammmmmhhh, é tão raro encontrar tamanha... ummm... precisão — disse o Conde, dirigindo-se ao ombro do Barão. Eu... ahh, felicito-o quanto à... hummmm... perfeição de seu... ahhh... herdeiro.

— É muito gentil — respondeu o Barão. Ele se curvou, mas Feyd-Rautha notou que os olhos de seu tio não aprovavam a cortesia.

— Quando é irônico... hummm...

isto sugere que você está... aahhh... pensando em algo profundo — disse o Conde.

“Lá vai ele de novo”, pensou Feyd-Rautha. “Soa como se estivesse nos insultando, mas não há nada que justifique um pedido de satisfações.”

Escutar o homem dava a Feyd-Rautha a impressão de que sua cabeça estava sendo empurrada num mingau... ammmhumm!

Voltou sua atenção para Lady Fenring.

— Estamos... aahh... tomando muito tempo deste jovem — disse ela. — Se compreendi, ele deve aparecer na arena hoje.

“Mesmo para os padrões do harém imperial ela é encantadora!”, pensou

Feyd-Rautha. E disse:

— Posso lhe dedicar a morte de um gladiador hoje, minha senhora. Consagrando-lhe minha atuação na arena, com sua permissão.

Ela voltou o olhar serenamente, mas sua voz foi como uma bofetada, quando disse:

— Você não tem a minha permissão.

— Feyd! — gritou o Barão. E pensou: “O idiota! Será que ele quer esse Conde mortífero desafiando-o?”

Mas o Conde apenas sorriu, e resmungou:

— Hummmm.

— Você realmente devia estar se aprontando para a arena, Feyd — advertiu o Barão. — Deve repousar, e

não assumir nenhum risco tolo.

Feyd-Rautha fez uma mesura, seu rosto sombrio de ressentimento.

— Tenho certeza de que tudo será como desejar, tio. Acenou para o Conde Fenring: — Senhor. — Para Lady Fenring: — Senhora. — Depois voltou-se e caminhou para fora da sala, quase sem olhar para o grupo das Famílias Inferiores, próximo à porta dupla.

— Ele é tão jovem — suspirou o Barão.

— Aaahnmmm, de fato, hmmm — disse o Conde.

E Lady Fenring pensou: “Como pode ser este o jovem a quem a Reverenda Madre se referiu? Será ele a linha genética que devemos preservar?”

— Temos mais de uma hora, antes

de nos dirigirmos para a arena — disse o Barão. — Talvez pudéssemos ter nossa breve conversa agora, Conde Fenring. — Inclinou a cabeça maciça. — Existe uma considerável quantidade de assuntos a serem discutidos.

“Vamos ver como o menino de recados do Imperador transmite sua mensagem, sem jamais ser tão grosseiro a ponto de dizê-la explicitamente.”

O Conde falou com sua companheira:

— Ammmm-ahhhumm, você, hummm... pode nos desculpar... aahhh... um instante, querida?

— A cada dia, algum momento, a cada hora, traz a mudança disse ela. — Hummmm. — Sorriu de modo encantador para o Barão, antes de se

voltar. Sua saia longa fez um ruído sussurrante, e ela caminhou de modo altivo, com uma postura nobre, em direção às portas duplas na extremidade da sala.

O Barão notou como toda a conversação se interrompia entre as Casas Menores quando ela se aproximou, como todos os olhos a seguiam. “Bene Gesserit!”, pensou o Barão. “O Universo seria melhor se nos livrássemos de todas elas!”

— Existe um cone de silêncio entre dois dos pilares, ali à nossa esquerda — explicou o Barão. — Podemos conversar lá sem medo de sermos ouvidos. — Seguiu na frente com seu passo ondulante, entrando no campo supressor de ruídos, ouvindo os sons do

castelo se tornarem distantes e abafados.

O Conde se colocou ao lado do Barão, e ambos se voltaram, ficando de frente para a parede, de modo que seus lábios não pudessem ser lidos.

— Não estamos satisfeitos com o modo como ordenou a retirada dos Sardaukar, em Arrakis — disse o Conde.

“Falando diretamente!”, surpreendeu-se o Barão.

— Os Sardaukar não poderiam ficar mais tempo sem correrem o risco de que outras pessoas soubessem do modo como o Imperador me ajudou — respondeu o Barão.

— Mas, seu sobrinho Rabban não parece estar se esforçando o suficiente para solucionar a questão dos Fremen.

— E o que o Imperador quer?

Não pode haver mais que um punhado de Fremens em Arrakis. O deserto ao sul é inabitável. O deserto ao norte é percorrido regularmente por nossas patrulhas.

— Quem diz que o deserto ao sul é inabitável?

— Seu próprio planetólogo disse isso, meu caro Conde.

— Mas o Dr. Kynes está morto.

— Ah sim... infelizmente está.

— Ouvimos falar de um vôo sobre as extensões do sul. Viram indícios de vida vegetal.

— A Corporação concordou então em realizar uma observação do espaço?

— Sabe muito bem, Barão, que o Imperador não pode legalmente colocar Arrakis sob vigilância.

— E eu não posso custear uma —
retrucou o Barão. — Quem fez esse vôo?

— Um... contrabandista.

— Alguém mentiu para você,
Conde. Contrabandistas não podem
navegar sobre regiões do sul melhor do
que os homens de Rabban. Tempestades,
estática de areia, e tudo o mais. Marcos de
navegação são derrubados mais
rapidamente do que podem ser instalados.

“Discutiremos os vários tipos de
estática em outra ocasião”, pensou o
Barão. — Encontrou algum erro na
minha contabilidade, então?

— Quando você próprio imagina
erros, não pode haver autodefesa.

“Ele está tentando
deliberadamente me enfurecer”, concluiu

O Barão respirou fundo duas

vezes, para se acalmar. Podia cheirar o seu próprio suor, e o arnês dos suspensores por baixo da roupa parecia-lhe subitamente irritante.

— O Imperador não pode estar infeliz com a morte da concubina e do garoto. Eles fugiram para o deserto, houve uma tempestade.

— De fato ocorreram muitos acidentes convenientes concordou o Conde.

— Não gosto de suas insinuações, Conde.

— Raiva é uma coisa, violência outra — disse o Conde. — Deixe-me adverti-lo: se algum acidente infeliz me acontecer aqui, as Grandes Casas tomarão conhecimento do que fez em Arrakis. Há muito que suspeitam de seus negócios.

— O único negócio recente de que posso me lembrar respondeu o Barão — foi o transporte de várias legiões de Sardaukar para Arrakis.

— E pensa que pode ameaçar o Imperador com isso?

— Eu não pensaria nisso!

O Conde sorriu.

— Podem ser encontrados comandantes, entre os Sardaukar, que confessarão ter agido sem receber ordens, apenas porque desejavam uma luta com a ralé Fremen.

— Muitos suspeitariam de tal confissão — respondeu o Barão, mas a ameaça deixou-o perturbado: “Seriam os Sardaukar tão disciplinados?”

— O Imperador deseja examinar seus livros.

— Quando quiser.

— Você... ahh... não tem objeções?

— Nenhuma. Minha gerência da CHOAM pode ser examinada minuciosamente. — E pensou: “Deixe que eles façam uma falsa acusação contra mim, e tentem prová-la. Eu estarei aqui, como Prometeu, dizendo: olhem para mim, eu fui injuriado. E depois deixe que façam qualquer outra acusação contra mim, até mesmo uma verdadeira. As Grandes Casas não acreditarão num segundo ataque de um acusador que já se mostrou errado.”

— Não duvide que seus livros vão receber o mais minucioso exame — murmurou o Conde.

— Por que o Imperador está tão interessado em exterminar os Fremen?

— Deseja mudar de assunto, hein?

— O Conde encolheu os ombros. — São os Sardaukar que o desejam, não o Imperador. Eles precisam praticar matanças... e odeiam deixar uma tarefa por terminar.

“Será que ele tenciona assustar-me, lembrando-me que é apoiado por assassinos tão sedentos de sangue?”, perguntou a si mesmo o Barão.

— Uma certa quantidade de mortes sempre foi uma das exigências do negócio, mas uma linha deve ser traçada em algum lugar. Alguém deve ser deixado para colher a especiaria.

O Conde emitiu uma risada curta.

— Você pensa que pode subjugar os Fremen?

— Nunca foram tão numerosos

para justificar isso. Mas a matança deixou o resto de minha população inquieta. Chegou ao ponto de eu ter que considerar outra solução para o problema de Arrakis, meu querido Fenring. E devo confessar que o Imperador merece o crédito por minha inspiração.

— Ahhh?

— Como vê, Conde, tenho o planeta-prisão do Imperador, Salusa Secundus, para me inspirar.

O Conde olhou para ele de modo intenso.

— Que conexão possível pode existir entre Arrakis e Salusa Secundus?

O Barão notou a aparência vigilante nos olhos de Fenring e disse:

— Nenhuma conexão, ainda.

— Ainda?

— Deve admitir que seria um meio de desenvolver uma substancial força de trabalho em Arrakis. Usar o lugar como planeta-prisão.

— Antecipa um aumento de prisioneiros?

— Tem havido agitação — admitiu o Barão. — Eu tenho sido obrigado a espremê-los com alguma severidade, Fenring. Além do mais, você sabe o preço que paguei àquela maldita Corporação para levar nossa força mútua até Arrakis. Esse dinheiro tem que vir de algum lugar.

— Sugiro que não use Arrakis como planeta-prisão sem o consentimento do Imperador, Barão.

— É claro que não — respondeu este, admirando-se com a súbita frieza na

voz de Fenring.

— Outra questão — disse o Conde. — Soubemos que o Mentat do Duque Leto, Thufir Hawat, não está morto, e sim a seu serviço.

— Eu não podia desperdiçá-lo.

— Mentiu para o comandante dos Sardaukar quando lhe disse que Hawat estava morto.

— Só uma pequena mentira, meu querido Conde. Eu não tinha estômago para continuar discutindo com aquele homem.

— Hawat era o verdadeiro traidor?

— Oh, pelo amor de Deus, não! Era o falso médico. — O Barão enxugou o suor no pescoço. — Deve compreender, Fenring, que eu estava sem um Mentat. Sabe disso. Nunca fiquei sem

um Mentat. Foi muito inquietante.

— Como pôde conseguir que Hawat mudasse sua lealdade?

— Seu Duque estava morto. — O Barão forçou um sorriso.

— Não há nada a temer de Hawat, meu caro Conde. A carne do Mentat foi impregnada com um veneno latente. Nós administramos o antídoto em suas refeições. Sem o antídoto, o veneno é acionado e ele morre em questão de dias.

— Retire o antídoto — ordenou o Conde.

— Mas ele é tão útil!

— E sabe muitas coisas que nenhum homem vivo deveria saber.

— Você disse que o Imperador não teme uma revelação.

— Não brinque comigo, Barão!

— Quando eu receber tal ordem com um selo imperial, obedecerei. Do contrário, não me submeterei aos seus caprichos.

— Acha que é um capricho?

— Que mais pode ser? O Imperador tem obrigações para comigo, Fenring. Eu o livrei do incômodo Duque.

— Com a ajuda de alguns Sardaukar.

— Onde mais o Imperador teria encontrado uma Casa para fornecer os uniformes que esconderam a sua atuação nesse assunto?

— Ele tem feito a si mesmo essa pergunta, Barão; mas com uma ênfase um pouquinho diferente.

O Barão observou Fenring, notando a rigidez dos músculos do

maxilar, o auto-controle cuidadoso. — Ahh, então é isso. Espero que o Imperador não pense que pode agir contra mim em total segredo.

— Ele espera que isso não se torne necessário.

— O Imperador não pode achar que o estou ameaçando! O Barão se permitia agora um tom de mágoa na voz, e pensava: “Deixe que me caluniem desse modo! Posso me colocar naquele trono enquanto ainda estiver batendo no peito, e dizendo como fui caluniado.”

A voz do Conde tornou-se seca e distante ao dizer:

— O Imperador acredita no que os seus sentidos lhe dizem.

— O Imperador se atreveria a acusar-me de traição diante do Conselho

de Landsraad? — O Barão prendeu a respiração, com o desejo de que tal acontecesse.

— O Imperador não precisa se atrever a nada.

O Barão girou em seus suspensores para ocultar sua expressão.

“Poderia acontecer durante a minha vida!”, pensava. “Imperador! Lance uma falsa acusação contra mim! E então: os subornos, a coerção, o agrupamento de todas as Grandes Casas. Elas se uniriam sob minha bandeira como servos em busca de abrigo. A coisa que mais temem é que o Imperador lance os Sardaukar sobre eles, sobre uma Casa de cada vez.”

— O Imperador tem sinceras esperanças de nunca precisar acusá-lo de traição.

Achou difícil conter a ironia em sua voz, e manter uma expressão de mágoa, mas afinal conseguiu.

— Tenho sido um súdito extremamente leal! Essas palavras me ferem além da minha capacidade de expressão.

— Ammmhhhh — respondeu o Conde.

O Barão continuou de costas, acenando com a cabeça. Depois disse:

— É hora de ir para a arena.

— De fato — concordou o Conde.

Ambos se moveram para fora do cone de silêncio, e lado a lado caminharam em direção aos grupos das Casas Menores, no final do corredor. Um sino começou a tocar em algum ponto do castelo: “Aviso de vinte minutos” para a

reunião na arena.

— As Casas Menores aguardam que as lidere — disse o Conde, acenando em direção às pessoas enquanto se aproximavam.

“Duplo sentido... duplo sentido”, pensou o Barão.

Olhou para os novos talismãs que flanqueavam a saída do salão: a cabeça de touro e a pintura a óleo do Velho Duque Atreides, pai do falecido Duque Leto. Eles enchiam o Barão de um estranho pressentimento, e ele tentava imaginar que pensamentos esses talismãs teriam inspirado ao Duque Leto, quando estavam suspensos nos salões de Caladan, e depois em Arrakis. A bravura do pai, e a cabeça do touro que o matara.

— A humanidade tem apenas uma

ciência — comentou o Conde, enquanto lideravam a fileira de seguidores, emergindo do salão para dentro da sala de espera. Um lugar estreito com janelas altas e piso com padrões de azulejos brancos e púrpura.

— E que ciência é essa? — indagou o Barão.

— É a... ammmmmhh, ciência dos ... ahhh... descontentes.

Atrás deles os membros das Casas Menores, todos com caras submissas, riram no tom exato de apreciação; mas o som carregou uma nota de discórdia ao chocar-se com o súbito acelerar de motores que roncaram quando os escudeiros abriram as portas externas, revelando uma fileira de carros de solo, seus estandartes ondulando na brisa.

O Barão ergueu a voz para superar o súbito ruído, dizendo:

— Espero que não fique descontente com a atuação de meu sobrinho hoje, Conde Fenring.

— Eu... aahhh... sinto-me como... hummm... ahhhhh... pressentimento, sim. Sempre num... aaahhhmmm... processo verbal, deve-se... aahhhhh... considerar o... uuuummmm... escritório de origem.

O Barão ocultou um súbito enrijecimento de surpresa ao tropeçar no primeiro degrau da saída. “Processo verbal! Isso é o relatório de um crime contra o Império!”

O Conde todavia sorriu, fazendo parecer uma piada, e deu pancadinhas no braço do Barão.

Em todo o caminho para a arena,

entretanto, o Barão sentou-se entre as almofadas blindadas do seu carro, lançando olhares dissimulados para o Conde, ao seu lado. Perguntava a si mesmo por que o moleque de recados do Imperador julgara necessário fazer esse tipo específico de piada diante das Casas Menores. Era óbvio que Fenring raramente dizia alguma coisa que julgasse desnecessária, ou usava duas palavras quando apenas uma produzisse efeito.

Raramente também ele empregava uma frase com um único significado.

Encontravam-se sentados em uma caixa dourada sobre a arena triangular. Cornetas soando, as arquibancadas acima e à volta apinhadas, as flâmulas chicoteando ao vento, quando o Barão ouviu a resposta às suas inquietações.

— Meu caro Barão — disse o Conde inclinando-se próximo ao seu ouvido. — Você sabe — não? — que o Imperador ainda não deu sua aprovação oficial quanto à escolha de seu sucessor.

O Barão sentiu-se dentro de um súbito cone de silêncio provocado por seu próprio choque. Olhou para Fenring, quase sem ver a esposa do Conde, que passava pelos guardas para se unir ao grupo na caixa dourada.

— É por isso que estou aqui hoje. O Imperador deseja que eu faça um relatório revelando se escolheu, ou não, um sucessor à altura. Não há nada como a arena para revelar a verdadeira personalidade de uma pessoa... ah?

— O Imperador prometeu-me livre escolha de sucessor! protestou o

Barão.

— Veremos — disse Fenring, e voltou-se para cumprimentar sua dama. Ela sentou-se, sorrindo para o Barão, e então dirigiu sua atenção para o chão arenoso abaixo deles, onde Feyd-Rautha surgia em roupas justas. Uma luva negra e uma longa faca na mão direita, uma luva branca, e uma faca curta na esquerda.

— Branco para o veneno, negro para a pureza — comentou Lady Fenring. — Um costume curioso, não é, meu amor?

— Ahh — respondeu o Conde.

As palmas e aclamações soaram nas galerias familiares, e Feyd-Rautha parou para agradecê-las, olhando e observando os rostos.

Vendo seus primos e primas, os

meio-irmãos, as concubinas e amigas. Eles eram como bocas róseas de trombetas gritando em meio a um colorido agitar de roupas e bandeiras.

Ocorreu-lhe que aquelas fileiras apinhadas de faces olhariam tão avidamente para o seu sangue sendo derramado quanto para o do gladiador. Não havia dúvida, porém, quanto ao resultado dessa luta. Aqui havia apenas uma insinuação de perigo, sem substância... e no entanto... Feyd-Rautha ergueu suas facas para o sol, saudando os três cantos da arena, à moda antiga. A faca curta na mão enluvada de branco (branco, o sinal de veneno) foi embainhada primeiro. Depois a longa lâmina na mão com a luva preta... a lâmina pura que se encontrava agora

impura, sua arma secreta para transformar esse dia em uma vitória puramente pessoal. Havia veneno na lâmina negra.

O ajuste em seu escudo corpóreo levou apenas um momento, e ele parou para sentir a pele da testa comprimindo-se, indicando que ele se encontrava corretamente protegido.

Esse instante tinha seu próprio suspense, e Feyd-Rautha fez com que ele se prolongasse, com a consciência de um atar, acenando para seus treinadores e auxiliares. Checando-lhes o equipamento, com um olhar minucioso.

Fez sinal para os músicos.

A marcha lenta começou, sonora em sua pompa ancestral, e Feyd-Rautha liderou sua companhia através da arena, até pararem embaixo da caixa de seu tio.

Apanhou a chave cerimonial quando foi lançada, e a música parou.

No abrupto silêncio que se seguiu, ele recuou dois passos, erguendo a chave e gritando:

— Dedico este momento de verdade a... Fez uma pausa, sabendo o que o tio iria pensar: “O jovem idiota vai dedicar a Lady Fenring, apesar de tudo, e causar um escândalo!” — ... ao meu tio e patrono, o Barão Vladimir Harkonnen — gritou Feyd-Rautha, adorando ver o tio suspirar de alívio.

A música recomeçou com uma marcha rápida, e Feyd-Rautha liderou seus homens de volta para a arena, correndo em direção à porta que admitia apenas aqueles que usavam a faixa de identificação adequada. Feyd-Rautha

orgulhava-se de nunca ter usado a porta, e raramente usara os auxiliares encarregados de distrair o adversário. Mas era bom saber que se encontravam disponíveis nesse dia. Planos especiais algumas vezes envolviam perigos especiais.

Novamente o silêncio desceu sobre a arena.

Feyd-Rautha voltou-se, encarando a grande porta vermelha de onde surgiria o gladiador.

Aquele gladiador especial.

“O plano que Thufir Hawat concebera era admiravelmente simples e direto”, pensou ele. O escravo não estaria drogado, esse era o perigo. Em vez disso, uma palavra-chave condicionando o inconsciente do homem imobilizaria seus

músculos num instante crítico. Feyd-Rautha relembrou a palavra, formou-a nos lábios sem contudo pronunciá-la: Escória! Aos olhos da platéia, pareceria que um escravo não drogado fora colocado na arena para matar o futuro Barão, e toda a evidência, cuidadosamente forjada, apontaria para o mestre dos escravos.

A porta emitiu um zumbido baixo quando os servo-motores foram armados para abertura.

Feyd-Rautha focalizou todos os seus sentidos naquela porta. Esse primeiro momento era sempre crítico. A aparição do gladiador, enquanto ele saía, revelava muito ao olho treinado, muito do que era necessário saber. Todos os gladiadores supostamente estariam

drogados com elaca, para saírem em posição de luta, prontos para matar; mas era importante notar como cada indivíduo levantava a faca, para que lado se voltava ao se defender, ou se ele tinha consciência dos espectadores na platéia. O modo como um escravo inclinava a cabeça poderia fornecer um indício vital para aparar seus golpes e iludi-lo.

A porta vermelha abriu-se subitamente.

Um homem alto e musculoso investiu para fora. Tinha a cabeça raspada e os olhos negros e fundos. Sua pele era cor de cenoura, como deveria ser, dado o efeito da droga elaca, mas Feyd-Rautha sabia que a cor era efeito de tinta. O escravo usava malha verde e o cinturão vermelho de um semi-escudo; a flecha do

cinturão apontando para a esquerda indicava que apenas esse lado se encontrava defendido.

Ele segurou sua faca como se fosse uma espada, inclinou-se ligeiramente para a frente, na posição do lutador treinado. Avançou lentamente para a arena, voltando seu lado protegido pelo escudo na direção de Feyd-Rautha e seus auxiliares, na porta protetora.

— Não gosto desse aí — comentou um dos homens de Feyd.

— Tem certeza de que ele está drogado, meu senhor?

— Ele tem a cor da droga — respondeu Feyd-Rautha.

— No entanto, ele tem a postura de um lutador — disse outro auxiliar.

Feyd-Rautha avançou dois passos

na areia, observando o escravo.

— O que foi que ele fez com o braço? — indagou um picador.

A atenção de Feyd-Rautha voltou-se para o arranhão sangrento no antebraço esquerdo do homem, seguiu-o até a mão, que apontava para um desenho feito com sangue na malha verde. Uma forma úmida, delineando o contorno de um falcão.

Falcão!

Feyd-Rautha olhou para aqueles olhos fundos e escuros, notando um brilho vigilante.

“É um dos homens do Duque Leto, que aprisionamos em Arrakis!”, percebeu Feyd-Rautha. “Nenhum gladiador comum!” Um arrepio percorreu-lhe o corpo, e ele se descobriu

imaginando se Hawat não teria outros planos para essa luta. Um estratagema, dentro de um estratagema, dentro de outro estratagema. E com apenas o mestre dos escravos preparado para levar a culpa.

O chefe de seus auxiliares falou junto ao seu ouvido: Não gosto da aparência deste aí, meu senhor. Deixe-me espetar um agulhão ou dois em seu braço para testá-lo.

— Eu darei minhas próprias espetadas — respondeu Feyd-Rautha. Pegou um par das longas lanças com gancho, ergueu-as, testando o equilíbrio. As farpas também deviam estar providas de droga, embora não o estivessem, desta vez. O chefe dos auxiliares poderia morrer por isso, mas era tudo parte do

plano.

— Você sairá disto como um herói
— explicara-lhe Hawat.

— Matando seu gladiador homem
a homem, a despeito da traição.

O mestre dos escravos será
executado, e um de seus homens colocado
no posto.

Feyd-Rautha avançou mais cinco
passos na arena, aproveitando o
momento, estudando o escravo. Os
especialistas nas arquibancadas acima já
havam percebido que alguma coisa não
estava certa. O gladiador tinha a cor da
pele correta para um homem drogado,
mas mantinha-se de pé sem tremer. Os
aficionados estariam sussurrando, um
para o outro, agora:

— Olhem como ele espera. Devia

estar agitado, atacando e recuando. Veja como ele conserva sua força, como espera. E não devia estar esperando.

Feyd-Rautha sentiu seu entusiasmo crescer. “Que haja traição na mente de Hawat. Eu posso cuidar deste escravo”, pensou. “É a minha faca longa que carrega o veneno desta vez, não a curta. Nem Hawat sabe disso.”

— Ei, Harkonnen! — gritou o escravo. — Está preparado para morrer?

Um silêncio mortal tomou conta da arena. “Escravos não lançam desafios!”

Agora Feyd-Rautha tinha uma visão clara dos olhos do gladiador, notando a fria ferocidade do desespero estampada neles.

Notou o modo como o homem esperava, descontraído e pronto,

músculos preparados para a vitória. Os boatos entre escravos haviam levado a mensagem de Hawat até esse homem: “Você terá a verdadeira chance de matar o futuro Barão.” E até aí o esquema permanecia como fora planejado.

Um sorriso maldoso esboçou-se nos lábios de Feyd-Rautha. Ele ergueu a lança, vendo na postura do gladiador o sucesso para seus planos.

— Hei! Hei! — desafiou o escravo e avançou dois passos.

“Ninguém nas galerias terá dúvidas agora.”

Esse escravo deveria se encontrar parcialmente incapacitado pelo terror que a droga induz. Cada movimento seu demonstraria o conhecimento íntimo de que não havia esperanças. Ele não poderia

vencer. Teria sido alimentado com histórias a respeito dos venenos que o futuro Barão escolhia para a lâmina em sua mão esquerda. Feyd-Rautha jamais administrava morte rápida. Ele apreciava exibir venenos raros, ficando na arena e apontando, para o público, os efeitos secundários na vítima a se contorcer. Havia medo nos olhos do escravo, sim, mas não terror. Feyd-Rautha levantou alto as farpas na ponta da lança, acenando em uma quase-saudação.

O gladiador atacou.

Seus movimentos e defesa eram tão bons quanto Feyd-Rautha jamais vira. Um golpe lateral, bem aplicado, por pouco não cortou os tendões da perna esquerda do futuro Barão.

Feyd-Rautha saltou para o lado,

deixando uma lança farpada no antebraço direito do escravo. Os ganchos, completamente enterrados na carne do homem, não poderiam ser retirados sem rasgar os tendões.

Uma exclamação de espanto escapou da platéia. Um som que encheu Feyd-Rautha de júbilo.

Sabia agora o que seu tio estaria sentindo, sentado lá em cima com os Fenring, os observadores da Corte Imperial a seu lado. Não haveria interferência nessa luta. As formalidades seriam cumpridas diante das testemunhas. E o Barão interpretaria os eventos na arena de um único modo: como uma ameaça a si próprio.

O escravo retrocedeu, segurando a faca entre os dentes e amarrando a lança

ao braço, com a flâmula. — Não sinto sua agulha! gritou. Avançou novamente, a faca pronta, o lado esquerdo oferecido, enquanto seu corpo se curvava para trás visando apresentar a maior superfície protetora do meio-escudo.

A ação não passou despercebida nas galerias. Soaram gritos nos camarotes familiares. Os auxiliares de Feyd-Rautha chamavam, perguntando-lhe se precisava deles.

Acenou para que recuassem.

“Eu lhes darei um espetáculo como nunca tiveram antes”, pensou Rautha. “Nenhuma morte simples que pudessem sentir e admirar o estilo. Isso seria alguma coisa para apanhá-los por dentro e torcê-los. Quando eu for Barão, eles se lembrarão deste dia, e nenhum

deixará de me temer, por causa deste dia.”

Abriu espaço devagar ante o lento avançar do gladiador. A areia rangeu sob seus pés. Ouvia a respiração ofegante do escravo, o odor de seu próprio suor penetrava-lhe as narinas, assim como o cheiro de sangue no ar.

Confiante, ele se moveu para trás, virando-se para a direita, com uma segunda lança já pronta. O escravo moveu-se de lado, Feyd-Rautha pareceu tropeçar e ouviu o grito da platéia.

Novamente o escravo golpeou.

“Deuses, que lutador!”, pensou Feyd-Rautha, enquanto saltava para o lado. Somente sua agilidade de jovem o salvou, mas ele deixou a segunda lança farpada, firmemente enterrada no músculo do braço direito do escravo.

Choveram aclamações nervosas das galerias.

“Eles me aclamam agora”, pensou. Ouvira o entusiasmo nas vozes, exatamente como Hawat dissera que seria. Nunca eles haviam aclamado um lutador da família desse modo. E pensava em uma coisa que Hawat lhe dissera: — “É mais fácil ser aterrorizado por um inimigo a quem se admira.”

Rapidamente Feyd-Rautha recuou para o centro da arena, onde todos poderiam vê-lo claramente. Desembainhou a lâmina comprida, agachou-se e esperou pelo escravo.

O homem parou apenas o tempo necessário para amarrar o segundo espeto ao braço, depois correu em sua perseguição.

“Que a família me veja fazer esta coisa”, pensou Feyd-Rautha.

“Eu sou o inimigo deles: que pensem em mim como me vêem agora.”

Puxou também da espada curta.

— Eu não tenho medo de você, suíno Harkonnen — disse o gladiador. — Suas torturas não podem magoar um homem morto. E estarei morto, com minhas próprias mãos, antes que alguém ponha um dedo em minha carne. E você estará morto ao meu lado!

Feyd-Rautha sorriu, oferecendo agora a faca comprida. Aquela com o veneno na ponta. — Tente essa! — gritou, enquanto atiçava com a lâmina curta na outra mão.

O escravo trocou a faca de mão e aparou, tentando segurar a lâmina que se

encontrava na mão enluvada de branco. Aquela que a tradição dizia conter o veneno.

— Você morrerá, Harkonnen.

Os dois lutaram em diagonal na arena. Onde o escudo de Feyd-Rautha tocava o meio-escudo do escravo, um brilho azul marcava o contato. O ar em torno deles enchia-se de ozônio.

— Morra com seu próprio veneno!

Ele começou a forçar a mão enluvada de branco para dentro do campo protetor, voltando a lâmina que julgava carregar o veneno.

“Deixe que vejam isto!”, pensou Feyd-Rautha. Golpeou com a lâmina comprida e ouviu-a chocar-se inutilmente contra a lança farpada, amarrada ao braço do escravo.

Sentiu um momento de desespero. Não pensara que lanças com farpas pudessem ser uma vantagem para o escravo. Agora elas davam ao homem um segundo escudo. E a força desse gladiador!

A lâmina curta estava sendo forçada, inexoravelmente, em sua direção, e Feyd-Rautha percebeu que um homem também podia morrer com uma lâmina sem veneno.

— Escória! — balbuciou Feyd-Rautha.

Ante a palavra-chave, os músculos do gladiador obedeceram com uma momentânea frouxidão. Foi o bastante para Feyd-Rautha. Ele recuou o espaço suficiente para a faca comprida, sua ponta envenenada relampejou, traçando uma

linha vermelha para baixo, no peito do escravo. A ação do veneno foi instantânea, e o homem cambaleou para trás.

“Agora, deixe que a minha querida família observe”, pensou Feyd-Rautha. “Deixe-os pensar nesse escravo que tentou voltar contra mim a faca que julgava envenenada. Deixe-os perguntar a si mesmos como um gladiador pode vir a esta arena pronto para semelhante atentado. E deixe-os sempre conscientes de que não podem conhecer, com certeza, qual de minhas mãos carrega o veneno.”

Ficou em silêncio, observando o movimento cada vez mais lento do escravo. O homem parecia hesitar. Havia algo claro em seu rosto agora, para todos reconhecerem. A morte estava escrita lá.

E o escravo sabia o que lhe tinha sido feito, e como fora feito.

A lâmina errada carregara o veneno.

— Você! — gemeu o homem.

Feyd-Rautha afastou-se para dar espaço à morte. A droga paralisante contida no veneno ainda não fizera todo o efeito, mas a lentidão do homem revelava o seu avanço.

O escravo cambaleou para a frente, como se estivesse sendo puxado por um cordão. Um passo arrastado de cada vez. Cada passo o único, em seu universo. Ainda segurava a faca, mas sua ponta tremia.

— Um dia... um... de nós... pegará... você — balbuciou.

Um gemido triste contorceu sua

boca. Sentou-se curvado, depois se enrijeceu, rolando com o rosto para o chão na direção oposta a Feyd-Rautha.

Avançou pela arena silenciosa, colocando o pé sob o gladiador e rolando-o, para dar às galerias uma visão clara do rosto do homem, quando o veneno começasse a agir sobre os músculos, produzindo contrações e espasmos.

Mas, quando o gladiador rolou, sua própria faca apareceu projetando-se de seu peito.

A despeito da frustração, Feyd-Rautha não pôde deixar de se admirar com o esforço que o escravo realizara para vencer a paralisia, e fazer essa coisa consigo mesmo. E, com a admiração, vinha a consciência de que ali se

encontrava alguma coisa para ser temida.

“Aquilo que torna um homem super-humano é aterrorizante.”

Enquanto voltava sua mente para esse pensamento, Feyd-Rautha tornou-se consciente de um intenso ruído nas galerias e arquibancadas ao redor. Eles o estavam aplaudindo entusiasmados.

Voltou-se, olhando para a platéia.

Todos aplaudiram, exceto o Barão, que continuava sentado com a mão no queixo, em profunda meditação. E o Conde e sua dama olhavam para ele, com os rostos marcados por sorrisos.

O Conde Fenring voltou-se para a mulher, dizendo:

— Unnhhhh... um jovem...
aaahhn... cheio de recursos. Hein, minha querida?

— Suas... han... respostas sinápticas foram muito rápidas — respondeu ela.

O Barão olhou para ela, para o Conde, e voltou sua atenção para a arena, pensando: “Se alguém pode chegar tão perto de um dos meus!” A raiva começou a substituir-lhe o medo. “Farei com que o mestre dos escravos morra sobre fogo lento, esta noite... E se este Conde e sua dama tiveram alguma participação nisso...”

A conversação na caixa do Barão encontrava-se muito distante para que Feyd-Rautha pudesse ouvir alguma coisa além do bater de pés e do coro, que agora vinha das arquibancadas.

— Cabeça! Cabeça! Cabeça!
Cabeça!

O Barão, carrancudo, observou o

modo como Feyd-Rautha se voltava para ele. Languidamente, controlando sua raiva com dificuldade, ele acenou para o jovem de pé na arena, ao lado do corpo estendido do escravo. “Que o garoto fique com a cabeça. Ele a mereceu por desmascarar o mestre dos escravos.”

Feyd-Rautha viu o sinal de concordância e pensou: “Eles acham que me honram. Deixe que vejam o que eu penso!”

Viu seus auxiliares se aproximarem com uma faca-serra, para fazer-lhe as honras, e acenou para que recuassem, repetindo o gesto quando hesitaram. “Eles pensam que me honram com apenas uma cabeça!” Curvou-se, colocando as mãos do gladiador em torno do cabo da faca, depois removeu a faca,

colocando-a nas mãos inertes.

Tudo foi feito num instante. Ele se levantou chamando os auxiliares. — Enterrem este escravo intacto, com a faca nas mãos. O homem merece.

Na caixa dourada, o Conde Fenring inclinou-se junto do Barão, e disse:

— Um grande gesto, este; verdadeira bravura. Seu sobrinho possui estilo, bem como coragem.

— Ele insultou a multidão, ao recusar a cabeça — murmurou o Barão.

— Nem um pouco — disse Lady Fenring, olhando para as arquibancadas ao redor.

O Barão notou a linha de seu pescoço. Um fluir de músculos verdadeiramente adorável. Como num

rapazinho.

— Eles apreciam o que o seu sobrinho fez.

Enquanto a importância do gesto de Feyd-Rautha era compreendida nos bancos mais afastados, enquanto todos viam os auxiliares carregarem o gladiador morto intacto, o Barão os observava, percebendo que ela interpretara a reação corretamente. As pessoas estavam delirantes, batendo umas nas outras, gritando e sapateando.

Falou, cansado:

— Devo ordenar um festival. Não podemos mandar as pessoas para suas casas nesse estado. Com suas energias ainda não consumidas. Elas precisam saber que compartilho seu entusiasmo.

Fez um sinal para o guarda, e um

dos servos acima baixou a flâmula laranja dos Harkonnen sobre o balcão. Uma, duas, três vezes! Sinal para um festival.

Feyd-Rautha atravessou a arena para se colocar embaixo da caixa dourada, armas embainhadas, braços pendentes do corpo.

Acima do frenesi da multidão, que ainda não diminuía, ele gritou:

— Um festival, tio?

O ruído começou a diminuir, enquanto as pessoas viam a conversação sendo mantida e esperavam.

— Em sua honra, Feyd — respondeu o Barão. Novamente a flâmula foi abaixada em sinal.

Através da arena, as barreiras foram anuladas e rapazes começaram a saltar para dentro, correndo em direção a

Feyd-Rautha.

— Ordenou os escudos protetores abaixados, Barão? — indagou o Conde.

— Ninguém machucará o rapaz. Ele é um herói.

Os primeiros populares alcançaram Feyd-Rautha, erguendo-o nos ombros e começando a dar a volta à arena.

— Ele poderia caminhar desarmado e sem escudo através dos quarteirões mais pobres de Harko, esta noite — explicou o Barão.

— Eles lhe dariam o que tivessem de comida e bebida, apenas para partilhar de sua companhia.

Elevou-se de sua cadeira, acomodando seu peso nos suspensores.

— Não desculpar-me, por favor.

Existem questões que exigem minha atenção imediata. O guarda os levará ao castelo.

O Conde levantou-se e fez uma mesura.

— Certamente, Barão. Estamos interessados no festival. Nunca vimos um festival Harkonnen.

— Sim — respondeu o Barão. — Um festival. — Ele voltou-se, sendo envolvido pelos guardas enquanto caminhava para a saída particular da caixa.

O capitão da guarda curvou-se diante do Conde Fenring.

— Suas ordens, meu senhor?

— Nós iremos, ahhhh... esperar pelo pior do... unnn... tumulto passar.

— Sim, meu senhor. — O homem

curvou-se, recuando três passos.

O Conde Fenring olhou para sua dama, falando-lhe de novo no código de murmúrios pessoal:

— Você viu, não?

Na mesma língua de murmúrios, ela respondeu:

— O rapaz sabia que o gladiador não estaria drogado. Houve um momento de medo, sim, mas não de surpresa.

— Foi planejado — disse ele. — Toda a atuação.

— Sem dúvida.

— Isso cheira a Hawat.

— De fato.

— Eu já exigi que o Barão elimine Hawat.

— Isso foi um erro, meu querido.

— Percebo agora.

— Os Harkonnen podem ter um novo Barão aqui, muito breve.

— Se esse é o plano de Hawat...

— Isso será examinado — respondeu ela.

— O jovem será mais suscetível ao controle.

— Por nós... após esta noite.

— Você não espera nenhuma dificuldade em seduzi-lo, não, minha queridinha?

— Não, meu amor. Você viu como ele olhava para mim.

— Sim, e posso ver agora por que devemos possuir essa linha genética.

— De fato, e é óbvio que devemos exercer um controle sobre ele. Eu plantarei em seu mais profundo inconsciente as frases prana-bindu

necessárias para dobrá-lo.

— Partiremos assim que for possível. Tão logo esteja certa.

Ela estremeceu.

— Sem dúvida. Eu não desejaria ter uma criança neste lugar terrível.

— As coisas que fazemos em nome da humanidade — disse ele.

— A sua parte é mais fácil.

— Existem alguns preconceitos antigos que eu tive de dominar. E eles são primordiais, você sabe.

— Meu pobre querido — disse, acariciando-lhe o rosto. — Você sabe que este é o único modo seguro de salvar aquela linha de sangue.

Ele falou com uma voz de amargura.

— Entendo perfeitamente o que

estamos fazendo.

— E nós não falharemos.

— A culpa começa com o sentimento de fracasso — lembrou ele.

— Não haverá culpa — explicou ela. — Hipnoligação da psique desse Feyd-Rautha com sua criança em meu ventre. Então nós iremos.

— Aquele tio... Já viu tamanha distorção?

— Ele é muito violento — disse Lady Fenring. — Mas o sobrinho pode muito bem se tornar pior, com o tempo.

— Graças ao tio. Quando se pensa no que esse rapaz poderia ter sido, com alguma outra criação. Com o código de honra dos Atreides para guiá-lo, por exemplo.

— É triste.

— Não poderíamos ter salvo ambos, o jovem Atreides e esse aí? O que eu ouvi a respeito daquele rapaz, Paul, me pareceu admirável. Uma boa união entre criação e treinamento. — Sacudiu a cabeça. — Mas não devemos desperdiçar lágrimas sobre a aristocracia dos desafortunados.

— Existe um ditado Bene Gesserit...

— Você tem ditados para tudo — protestou ele.

— Vai gostar desse. Ele diz: “Não conte um homem como morto até que veja seu corpo. E, ainda assim, poderá se enganar.”

Muad'Dib nos diz em Um Tempo para Reflexão, que seus primeiros encontros com as exigências de Arrakis constituíram o verdadeiro princípio de sua educação. Ele aprendeu então a sondar a areia, aprendeu a linguagem das agulhas do vento picando sua pele, aprendeu como o nariz pode ficar com a coceira da areia, e como reunir a preciosa umidade de seu corpo

guardando-a e preservando-a. Enquanto seus olhos tomavam a cor azul do Ibad, ele aprendia os modos de Chakobsa.

— *Prefácio de Stilgar para Muad'Dib,
o Homem,
escrito pela Princesa Irulan*

A tropa de Stilgar retornou ao sietch com os dois extraviados do deserto, subindo a depressão na luz minguante da primeira lua. As figuras, envoltas em mantos, apressavam-se com o perfume do lar em suas narinas. A linha acinzentada da aurora atrás deles parecia mais brilhante no desfiladeiro, onde o calendário de horizonte marcava o meio do outono, o mês de Caprock.

Folhas mortas, varridas pelo vento,

espalhavam-se na base da colina onde as crianças do sietch haviam estado reunindo-as. No entanto, os sons da passagem da tropa (com exceção de ocasionais tropeços, da parte de Paul e sua mãe) não podiam ser diferenciados dos sons naturais da noite.

Paul limpou a poeira solidificada pelo suor em sua testa, sentiu um puxão no braço e ouviu a voz de Chani, sussurrando:

— Faça como lhe disse: puxe a dobra do capuz sobre sua testa! Deixe apenas os olhos expostos, do contrário você desperdiçará umidade.

Uma ordem, igualmente sussurrada por trás deles, exigiu silêncio.

— O deserto ouve vocês!

Um pássaro cantou nas rochas

acima.

A tropa parou e Paul sentiu a repentina tensão.

Então ouviu uma batida fraca nas rochas, um som não mais alto do que um camundongo saltando na areia.

Novamente o pássaro cantou.

Uma comoção percorreu as fileiras da tropa. E novamente a batida do rato percorreu seu caminho, através da areia.

Uma vez mais o pássaro cantou.

A tropa recomeçou sua subida pela fenda das rochas, mas havia agora um silêncio ainda maior entre os Fremen, um silêncio que enchia Paul de cautela. Ele notou os olhares dissimulados para Chani, o modo como parecia, agora, afastada, recolhida dentro de si mesma.

Passavam agora por um trecho de

rochas; percebia um fraco sibilar de mantos ao seu redor, enquanto notava o relaxamento na disciplina, embora ainda permanecesse uma quietude anormal em Chani e nos outros. Ele seguiu uma forma sombreada, subindo degraus, virando uma curva, depois mais degraus, passando por um túnel, por duas portas seladas contra perda de umidade, até chegar a uma estreita passagem, iluminada por globos. As paredes e o teto eram de rocha amarela.

Em toda a sua volta, Paul via Fremen lançando para trás os seus capuzes, removendo os tampões de nariz, respirando profundamente. Alguém suspirou. Paul olhou para Chani e descobriu que não se encontrava mais ao seu lado. Foi cercado por um turbilhão de

corpos envoltos em mantos. Alguém esbarrou nele, dizendo:

— Desculpe-me, Usul. Que aperto! É sempre assim. — À esquerda, o rosto magro e barbado do homem chamado Farok voltou-se para Paul. As órbitas tingidas e a escuridão azul dos olhos pareciam mais escuras sob os globos amarelos. — Retire seu capuz, Usul. Você está em casa. — Ele ajudou Paul a soltar o prendedor do capuz, abrindo um espaço ao redor para passarem.

Paul arrancou os tampões do nariz, puxou para o lado o pano sobre a boca e o odor do lugar o atingiu: corpos não lavados, ésteres destilados de resíduos recuperados, por toda parte as emanções rançosas da humanidade, e uma mistura de cheiros de especiaria.

— Por quem estamos esperando, Farok?

— Pela Reverenda Madre, creio. Você ouviu a mensagem... pobre Chani.

“Pobre Chani?”, indagou Paul de si para si. Olhou em volta, tentando descobrir onde ela estava, para onde fora sua mãe em meio a todo esse aperto.

Farok respirou fundo.

— Aqui tem cheiro de lar — disse.

Paul notou que o homem estava apreciando o fedor no ar, que não havia ironia em seu tom. Ouviu sua mãe tossir e depois sua voz atravessando o aperto da tropa.

— Como são ricos os odores de seu sietch, Stilgar. Vejo que realizam muitos trabalhos com a especiaria... vocês fazem papel... plásticos... e aquilo não são

explosivos químicos?

— Percebe tudo isso apenas no cheiro? — indagou outro homem.

Paul percebeu que ela estava falando para seu benefício. Queria que ele aceitasse rapidamente esse assalto às suas narinas.

Houve um murmúrio de atividade na parte dianteira da tropa, e uma prolongada inspiração pareceu percorrer todos os Fremen.

Paul ouviu vozes sussurrando, ao longo da fila:

— É verdade então... Liet está morto.

“Liet”, pensou. E então: “Chani, filha de Liet!” As peças se uniam em sua mente. Liet era o nome Fremen do planetólogo. Olhou para Farok e indagou:

— Esse é o Liet conhecido como Kynes?

— Há somente um Liet — respondeu Farok.

Paul voltou-se, olhando para as costas do Fremen à sua frente.

“Então Liet-Kynes está morto”, pensou ele.

— Foi traição dos Harkonnen — cochichou alguém. Eles fizeram parecer um acidente... perdido no deserto... queda do “tóptero”...

Paul sentiu uma explosão de ódio em seu interior. O homem que os ajudara, que os salvara dos caçadores Harkonnen, o homem que enviara seus bandos de Fremen procurando por dois extraviados no deserto... outra vítima dos Harkonnen.

— Usul ainda está faminto por vingança? — indagou Farok.

Antes que Paul pudesse responder, ouviu-se um chamado em voz baixa e a tropa avançou para dentro de uma espaçosa câmara, arrastando Paul junto. Encontrou-se em um amplo espaço aberto, diante de Stilgar e uma mulher usando um traje que parecia um sarongue comprido, de cor verde e laranja, brilhante. Seus braços estavam nus até os ombros, e ele pôde ver que ela não usava traje-destilador. Sua pele era cor de oliva pálida. O cabelo escuro, comprido, escorria para trás a partir da testa alta, ressaltando as maçãs proeminentes do rosto, o nariz aquilino, entre a densa escuridão de seus olhos.

Ela voltou-se para Paul e ele viu

anéis dourados, com fichas de água pendendo em suas orelhas.

— Foi este que venceu meu Jamis?
— indagou ela.

— Fique quieta, Harad — disse Stilgar. — Foi coisa do Jamis. Ele invocou o tahaddi al-burhan.

— Mas ele não passa de um menino! — Ela sacudiu a cabeça rapidamente, fazendo as fichas de água tilintarem. Minhas crianças tornadas órfãs por outra criança? Certamente foi um acidente!

— Usul, quantos anos você tem?
— indagou Stilgar.

— Quinze standard — respondeu Paul.

Stilgar percorreu a tropa com seu olhar.

— Existe alguém, entre vocês, que deseje me desafiar?

Silêncio.

Stilgar olhou para a mulher.

— Até que eu aprenda seus modos sobrenaturais, não o desafio.

Ela devolveu o olhar.

— Mas...

— Você viu a mulher estranha que foi com Chani, para ver a Reverenda Madre? Ela é uma Sayyadina forafreyn, mãe deste rapaz. A mãe e o filho são mestres nos modos estranhos de luta.

— Lisan al-Gaib — sussurrou a mulher. Seus olhos refletiam admiração, ao se voltarem para Paul.

“A lenda novamente”, pensou Paul.

— Talvez — disse Stilgar. — Ele

ainda não foi testado. — Voltou sua atenção para Paul. — Usul, é nosso costume que você agora zele pela .mulher de Jamis, e por seus dois filhos. O yali... alojamento dela agora é seu. O jogo de café é seu... assim como sua mulher.

Paul observou a mulher, admirado. “Por que ela não lamenta por seu homem? Por que não demonstra ódio contra mim?”

Abruptamente percebeu que os Fremen o olhavam, esperando.

Alguém sussurrou: — Temos trabalho a fazer. Diga como a aceita.

Stilgar perguntou: — Você aceita Harah como mulher ou como Serva?

Harah ergueu os braços, girando lentamente nos calcanhares.

— Eu ainda sou jovem, Usul.

Dizem que ainda pareço tão jovem como eu era com Geoff.. antes que Jamis o vencesse.

“Jamis matou outro homem para tomá-la”, pensou Paul.

— Se eu aceitá-la como serva, ainda posso mudar de opinião, depois? — perguntou ele.

— Você terá um ano para alterar sua decisão — explicou Stilgar. Depois disso, ela é uma mulher livre para escolher quem desejar... ou você pode libertá-la, para escolher por si mesma, quando quiser. Mas ela é sua responsabilidade, não obstante, durante um ano... e sempre compartilhará alguma responsabilidade para com os filhos de Jamis.

— Eu a aceito como serva — disse

Paul.

Harah bateu com o pé no chão, sacudindo os ombros com raiva.

— Mas eu sou jovem!

Stilgar olhou para Paul, dizendo:

— Cautela é uma qualidade valiosa, num homem que vai liderar.

— Mas eu sou jovem — repetiu Harah.

— Cale-se — ordenou Stilgar. — Se uma coisa tem mérito, ela será reconhecida. Mostre a Usul os seus alojamentos, e cuide para que ele tenha roupas limpas e um lugar de repouso.

— Ohhh! — lamentou ela.

Paul já registrara o suficiente para conseguir uma primeira avaliação. Sentia a impaciência da tropa, sabendo que muitas coisas estavam sendo retardadas

aqui. Pensou em perguntar sobre o paradeiro de sua mãe e de Chani, mas viu na fisionomia nervosa de Stilgar que isso seria um erro.

Olhou para Harah afinando a voz, fazendo um tom cavo, de modo a acentuar nela o medo e o espanto, dizendo:

— Leve-me aos meus alojamentos, Harah! Discutiremos sua juventude em outra ocasião.

Ela recuou dois passos, olhando assustada para Stilgar. Ele tem a voz estranha.

— Stilgar — exclamou Paul. — O pai de Chani fez com que eu lhe devesse um grande favor. Se existe algo...

— Isso Será decidido em Conselho — respondeu Stilgar. Você poderá falar,

então. — Ele acenou, dando licença para saírem, e foi embora com o resto da tropa a segui-lo.

Paul pegou Harah pelo braço, notando como era fria sua carne. Sentiu-a tremer.

— Eu não vou machucá-la, Harah. Mostre-me nossos alojamentos — e ele suavizou sua voz com tons relaxantes.

— Não vai me abandonar quando passar o ano? Sei perfeitamente que não sou mais tão jovem como era antes.

— Enquanto eu viver, você terá um lugar ao meu lado respondeu ele, soltando-lhe o braço. — Vamos agora. Onde são os meus alojamentos? — Ela virou-se guiando-o para baixo através de uma passagem, dobrando à direita num amplo túnel transversal, iluminado por

globos amarelos igualmente espaçados no teto.

O piso de pedra era liso, sem nenhum sinal de areia.

Paul colocou-se ao lado dela, observando-lhe o perfil aquilino enquanto caminhavam.

— Você me odeia, Harah?

— Por que deveria odiá-lo?

Ela acenou para um grupo de crianças que olhavam para eles de uma saliência elevada, num dos lados da passagem. Paul vislumbrou formas de adultos, atrás das crianças, parcialmente ocultos por cortinas muito finas.

— Eu... venci Jamis.

— Stilgar disse que houve uma cerimônia, e que você é um amigo de Jamis. — Olhou de lado para ele. —

Stilgar disse que você deu umidade para os mortos. É verdade?

— Sim.

— Isso é mais do que eu posso fazer... ou farei.

— Não lamenta a perda dele?

— Quando for o tempo para lamentação, eu lamentarei.

Passaram por uma abertura em arco. Paul olhou através dela, vendo homens e mulheres trabalhando com uma maquinaria montada em andaimes, em uma câmara larga e brilhante. Parecia haver um ritmo de urgência.

— Que estão fazendo ali?

Ela olhou para trás, enquanto passavam além do arco, e respondeu:

— Eles se apressam em terminar a quota na oficina de plásticos, antes de

fugirmos. Precisamos de muitos coletores de orvalho para a plantação.

— Fugir?

— Até que os açougueiros parem de nos caçar ou sejam expulsos de nossa terra.

Paul se recuperou de um tropeção, sentindo um instante do tempo aprisionado, lembrando-se de um fragmento, uma projeção visual de presciência; todavia, ela estava deslocada como uma montagem em movimento. Essas peças de sua memória presciente não eram exatamente como as lembrava.

— Os Sardaukar nos caçam — concordou ele.

— Não vão encontrar muito, exceto um ou dois sietch vazios. E encontrarão sua parte de mortes na areia.

— Eles encontrarão este lugar? — indagou ele.

— Provavelmente.

— E no entanto nós perdemos tempo para... — gesticulou com a cabeça, em direção ao arco, agora bem atrás — ... fabricar... coletores de orvalho?

— A plantação tem que continuar.

— O que são coletores de orvalho?

O olhar dela era cheio de espanto. — Eles não lhe ensinam nada no... de onde quer que tenha vindo.

— Não sobre coletores de orvalho.

— Hai! — disse, e havia toda uma conversação nessa única palavra.

— Bem, o que são eles?

— Cada arbusto, cada erva que você vê lá fora, no erg, como supõe que

elas vivem quando as deixamos? Cada uma é plantada do modo mais gentil em seu pequeno fosso. Os poços são cheios com toldos ovais de cromo-plástico. A luz os torna brancos. Pode vê-los cintilando na alvorada, se olhar de um ponto alto. O branco reflete. Mas quando o Velho Pai Sol se vai, o cromo-plástico reverte sua transparência para o negro. Ele esfria com extrema rapidez, e a superfície condensa a umidade do ar. Essa umidade goteja para manter nossas plantas vivas.

— Coletores de orvalho — murmurou ele, encantado pela beleza simples de tal estratagem.

— Eu lamentarei por Jamis no tempo devido — disse, como se sua mente ainda não houvesse abandonado

essa pergunta. — Ele era um bom homem, o Jamis, mas se enfurecia facilmente, e com rapidez. Um bom fornecedor, o Jamis, e uma maravilha com as crianças. Ele não fazia qualquer distinção entre o garoto do Geoff, meu primeiro filho, e o seu próprio. Eles eram iguais, aos seus olhos. — Ela voltou um olhar indagador para Paul. — Será desse modo com você, Usul?

— Nós não temos esse problema.

— Mas se...

— Harah!

Ela estremeceu com a severidade na voz dele.

Passaram por outra sala brilhantemente iluminada, visível através de um arco, à esquerda.

— O que é feito ali?

— Eles reparam a máquina de tecelagem. Mas ela deve ser desmontada esta noite. — Gesticulou para um túnel ramificando-se à esquerda. — Por ali, e além, há processadores de alimentos, e manutenção para trajes-destiladores. — Olhou para Paul. — Seu traje parece novo, mas se precisar de conserto eu sou boa com trajes. Trabalho na fábrica na temporada.

Começaram a encontrar grupos de pessoas agora, e maior número de aberturas, nos lados do túnel. Uma fila de homens e mulheres passou por eles carregando bolsas que borbulhavam ruidosamente. O cheiro de especiaria era forte em torno deles.

— Eles não conseguirão nossa água — disse Harah. — Ou nossa

especiaria. Pode ter certeza disso.

Paul olhou para as aberturas nas paredes do túnel, notando um pesado carpete em uma das saliências elevadas, vislumbres de quartos com tecidos brilhantes nas paredes, e almofadas empilhadas.

Pessoas nas aberturas ficavam em silêncio enquanto eles se aproximavam, seguindo Paul com olhares curiosos e de respeito.

— As pessoas acham estranho que você tenha vencido Jamis. É provável que tenha alguns desafios a enfrentar, quando nos acomodarmos num novo sietch.

— Eu não gosto de matar.

— Assim diz Stilgar — respondeu ela, sua voz traindo-lhe a descrença.

Um cantar agudo tornou-se cada

vez mais alto, adiante deles.

Eles chegaram a outra abertura lateral, mais larga do que qualquer uma das outras que Paul já vira. Diminuiu o passo, olhando para uma sala repleta de crianças sentadas, com as pernas cruzadas sobre um tapete marrom. Diante de um quadro-negro na parede oposta havia uma mulher de roupa amarela, um estilete projetor em sua mão.

O quadro encontrava-se repleto de desenhos: círculos, cunhas e curvas, quadrados e rastros de cobras, arcos fluidos divididos por linhas paralelas. A mulher aponta para os desenhos um após o outro, tão rápido quanto pode mover o estilete projetor, e as crianças cantam em ritmo, enquanto a mão dela se move.

Paul escutava, ouvindo as vozes se

tornarem cada vez mais fracas lá atrás, enquanto avançava para as profundezas do sietch com Harah.

— Árvore! — cantavam as crianças: — Árvore, grama, dunas, vento, montanha, colina, fogo, relâmpago, rochas, rochas, poeira, areia, calor, abrigo, calor, pleno inverno, frio, vazio, erosão, verão, caverna, dia, tensão, lua, noite, caprock, maré de areia, colina, plantação, ligadura...

— Vocês continuam a dar aulas, em uma ocasião como esta? — indagou Paul.

O rosto dela tornou-se sombrio, e uma mágoa perceptível em sua voz: — O que Liet nos ensinou nós não podemos esquecer um instante. Liet, que está morto, não pode ser esquecido. Ele é o

caminho de Chakobsa.

Atravessaram o túnel para a esquerda, subindo em uma saliência. Harah abriu cortinas finas como gaze e ficou ao lado: Seu yali está pronto para você, Usul.

Paul hesitou, antes de unir-se a ela sobre a saliência. Sentia uma súbita relutância em ficar a sós com essa mulher. Ocorreu-lhe estar cercado por um modo de vida que só poderia ser entendido postulando-se uma ecologia de idéias e valores. Sentia que esse mundo Fremen estava tentando fisgá-lo, envolvê-lo em seus caminhos. E sabia o que o esperava na armadilha... O selvagem jihad, a guerra religiosa que ele sentia dever evitar a qualquer custo.

— Este é seu yali — repetiu

Harah. — Por que hesita?

Paul acenou, subindo ao encontro dela. Ergueu as cortinas, sentindo as fibras de metal no plástico, seguindo-a através da curta entrada até atingir uma sala maior, quadrada, com aproximadamente seis metros de lado. Espessos carpetes azuis cobriam o piso, tecidos azuis e verdes ocultavam as paredes de rocha, enquanto globos luminosos sintonizados na luz amarela oscilavam contra faixas de tecido amarelo, pendendo como cortinas do teto.

O efeito era semelhante ao interior de uma antiga tenda.

Harah colocou-se diante dele, a mão esquerda sobre o quadril, seus olhos observando-lhe o rosto.

— As crianças estão com uma

amiga. Elas se apresentarão depois.

Paul disfarçou seu embaraço vistoriando rapidamente a sala.

Finas cortinas à direita, ele percebeu, ocultavam parcialmente uma sala maior, com almofadas empilhadas em torno das paredes. Sentiu uma brisa suave, vindo de um duto de ar, e viu a abertura habilmente oculta entre os panos pendentes do teto.

— Quer que eu o ajude a retirar seu traje-destilador?

— Não... obrigado.

— Devo buscar comida?

— Sim.

— Existe uma câmara de reciclagem, além da outra sala apontou ela. — Para seu conforto e conveniência, quando não estiver usando o traje-

destilador.

— Você disse que teremos de abandonar este sietch. Não devíamos estar embrulhando as coisas, ou algo parecido?

— Será feito no devido tempo. Os açougueiros ainda não penetraram em nossa região.

Ela ainda hesitava, olhando para ele.

— O que é? — reclamou.

— Você não tem os olhos do Ibad. É estranho, mas não inteiramente sem atrativo.

— Traga a comida. Estou faminto.

Ela sorriu para ele — o sorriso de uma mulher experiente, que Paul achou inquietante. — Eu sou sua serva — disse e girou para se afastar num movimento

flexível, abaixando-se sob um pesado enfeite de parede que revelou outra passagem, antes de cair de novo no lugar.

Sentindo-se furioso consigo mesmo, passou pela fina cortina à direita e entrou na sala maior. Ficou lá por um momento, tomado de incertezas. Queria saber onde estaria Chani... Chani, que acabara de perder o pai.

“Somos iguais nesse ponto”, pensou.

Um grito agudo soou nos corredores externos, seu volume abafado pelas cortinas. Repetiu-se um pouco mais distante. Depois novamente Paul percebeu que alguém estava cantando a hora.

Percebeu, então, não ter visto relógios em parte alguma.

Um fraco cheiro de arbusto creosoto, queimando, atingiu suas narinas, sobrepujando o onipresente fedor do sietch. Paul reconheceu já ter superado o assalto odorífero aos seus sentidos.

Preocupava-se uma vez mais com sua mãe, em como a montagem do futuro iria incorporá-la... e a filha que ela carregava.

Uma mutável consciência temporal ondulou ao seu redor. Sacudiu a cabeça violentamente, concentrando suas atenções nas evidências que apontavam para a grande profundidade e amplitude da cultura dos Fremen, que acabava de tragá-lo. Com suas sutis estranhezas.

Notara uma coisa a respeito dessas cavernas e dessa sala, uma coisa que

sugeria maiores diferenças do que tudo que já testemunhara. Não havia sinal de farejadores de venenos aqui, nenhuma indicação de seu uso em qualquer parte da caverna. E, no entanto, ele podia sentir cheiros de venenos em meio ao fedor do sietch. Desde os fortes aos comuns.

Ouviu um rumor de cortinas e, pensando que fosse Harah retornando com a comida, virou-se para observá-la. No lugar dela viu aparecerem dois garotos, saindo debaixo de cortinas deslocadas. Tinham idades entre nove e dez anos e olhavam-no com olhares de avidez. Cada um deles usava uma pequena faca cristalina, tipo kindjal, a mão repousando sobre o cabo.

Lembrou-se das histórias sobre os Fremen. Histórias de que suas crianças

lutavam tão ferozmente quanto os adultos.

As mãos se movem, os lábios se movem

Idéias jorram de suas palavras,

E seus olhos devoram!

Ele é uma ilha de Personalidade.

— descrição contida no Manual do

*Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

Os fosfotubos, nas extensões superiores da caverna, lançavam um brilho fraco sobre o interior cheio de gente, sugerindo o tamanho colossal desse espaço cercado de rocha... Jessica notava que era maior que o Salão de Reuniões da escola Bene Gesserit. Calculou que havia mais de cinco mil pessoas reunidas aqui, debaixo da projeção de rocha onde ela se colocara com Stilgar.

E mais pessoas continuavam chegando. Enchiam o ar com seus murmúrios.

— Seu filho foi chamado em seu repouso, Sayyadina — revelou Stilgar. —

Deseja que ele compartilhe sua decisão?

— Ele poderia mudar minha decisão?

— O ar com que fala vem de seus próprios pulmões, certamente, mas...

— A decisão permanece — insistiu ela.

No entanto, sentia receio, imaginando se poderia usar Paul como uma desculpa para recuar desse curso tão perigoso. E havia uma filha, ainda não nascida, com que se preocupar. Aquilo que colocava em perigo a carne da mãe colocaria em perigo a carne da filha.

Chegaram homens com tapetes enrolados, grunhindo em protesto contra seu peso, erguendo a poeira enquanto suas cargas eram jogadas sobre a saliência.

Stilgar segurou-a pelo braço,

levando-a de volta até a trompa acústica que formava o limite posterior da projeção de rocha. A Reverenda Madre sentará aqui, mas você pode descansar até que ela chegue.

— Eu prefiro ficar de pé.

Observou os homens desenrolarem os tapetes, cobrindo a saliência, depois olhou para a multidão. Devia haver agora pelo menos dez mil pessoas no piso rochoso abaixo.

E, ainda assim, continuava a chegar mais.

Lá fora, no deserto, ela sabia já haver um crepúsculo avermelhado; mas aqui, no salão da caverna, permanecia a perpétua penumbra, uma vastidão cinzenta apinhada de gente. Gente que viera vê-la arriscar sua vida.

Uma passagem foi aberta através da multidão à sua direita e ela viu que Paul se aproximava, ladeado por dois garotos. Havia um ar de presunção e audácia naquelas crianças, que mantinham as mãos sobre as facas e olhavam carrancudas para a muralha de gente em ambos os lados.

— Os filhos de Jamis, que agora são filhos de Usul — explicou Stilgar. — Eles levam muito a sério suas tarefas de escolta. — Ele arriscou um sorriso para Jessica.

Ela reconheceu seu esforço para animá-la e ficou grata, embora não pudesse retirar de sua mente o perigo com que se confrontava.

“Não tenho outra escolha senão fazer isto”, pensou ela. “Devemos agir

rapidamente, se vamos garantir nosso lugar entre estes Fremen.”

Paul subiu na projeção de rocha, deixando as crianças embaixo.

Parou diante de sua mãe, olhando para Stilgar, e depois para Jessica.

— O que está acontecendo? Pensei que estavam me chamando para o Conselho.

Stilgar ergueu uma das mãos pedindo silêncio, apontou para a esquerda, onde outra passagem fora aberta em meio à multidão.

Chani se aproximava com seu rosto de fada marcado pela tristeza.

Ela removera seu traje-destilador e usava um gracioso vestido azul que deixava à mostra os braços finos. Próximo ao ombro, no braço esquerdo,

fora amarrado um lenço verde.

“Verde para o luto”, pensou Paul.

Era um dos costumes que os dois filhos de Jamis lhe haviam explicado indiretamente, ao dizerem que não usavam verde porque o aceitavam como pai-guardião.

— Você é o Lisan al-Gaib? — eles haviam perguntado. Paul, sentindo o jihad naquelas palavras, evitou uma resposta com outra pergunta. Descobrira então que Kaleff, o mais velho dos dois, tinha dez anos, sendo o filho natural de Geoff Orlop, o mais jovem, tinha oito, e era o filho natural de Jamis.

Fora um dia estranho, com esses dois montando guarda ao seu lado, porque assim pedira, mantendo afastados os curiosos e dando-lhe tempo para

alimentar seus pensamentos e memórias prescientes, planejando um modo de evitar o jihad.

E agora, de pé ao lado de sua mãe nessa caverna, olhando para a multidão embaixo, ele cogitava se algum plano poderia evitar a selvagem expansão das legiões de fanáticos.

Chani, aproximando-se da saliência, era seguida a distância por quatro mulheres que carregavam uma quinta sobre uma liteira.

Jessica ignorou a aproximação de Chani, focalizando toda a sua atenção na mulher sobre a liteira: uma velha, uma coisa murcha e enrugada num vestido preto com um capuz jogado para trás, a revelar os cabelos grisalhos e o pescoço fibroso.

As carregadoras de liteira depositaram sua carga gentilmente sobre a saliência, permanecendo embaixo, e Chani ajudou a anciã a se levantar.

“Então esta é a Reverenda Madre”, pensou Jessica.

A velha apoiava-se pesadamente em Chani, enquanto maneava em direção a Jessica, parecendo um conjunto de gravetos presos num roupão preto. Parou na sua frente, olhando para cima por um longo instante, antes de falar num rouco sussurro:

— Então é você — e a velha cabeça acenou precariamente, uma única vez, sobre o pescoço fino. — A Shadout Mapes tinha razão em ter pena de você.

Jessica falou rapidamente e com desdém:

— Eu não preciso da piedade de ninguém.

— Isso ainda falta ser provado — disse a velha, com sua voz rouca. Voltou-se, com surpreendente rapidez, para encarar a multidão: — Diga a eles, Stilgar.

— Devo?

— Nós somos o povo de Misr — explicou ela. — Desde que nossos ancestrais Sunni fugiram do Nilótico al-Ourouba, nós temos conhecido luta e morte. Os jovens devem prosseguir, para que nossa gente não desapareça.

Stilgar respirou fundo e deu dois passos à frente.

Jessica notou o silêncio se estabelecendo dentro da caverna abarrotada com umas vinte mil pessoas agora, esperando, quase imóveis e

silenciosas. Fazia com que se sentisse pequena, e enchia-a de cautela.

— Esta noite nós abandonaremos este sietch que nos abrigou por tanto tempo, e rumaremos para o sul, deserto adentro — disse Stilgar, sua voz ribombando por sobre as faces erguidas, reverberando com a força emprestada pela trompa acústica por trás da saliência.

A multidão continuava em silêncio.

— A Reverenda Madre me diz que não pode sobreviver a outra hajra. Nós já vivemos antes sem uma Reverenda Madre, mas isso não é bom para pessoas que buscam um novo lar em tais paragens.

Agora a multidão se mexia, ondulando com sussurros e correntes de

inquietação.

— Isso pode não acontecer — explicou Stilgar. — Nossa nova Sayyadina, Jessica, a Estranha, consentiu em entrar no ritual desta vez. Ela tentará passar, para que não percamos a força de nossa Reverenda Madre.

“Jessica, a Estranha”, pensou ela. Via Paul olhando para ela, os olhos cheios de perguntas, enquanto sua boca se mantinha em silêncio ante toda estranheza ao seu redor.

“Se eu morrer na tentativa, o que será dele?” Novamente sentia pressentimentos fluindo em sua mente.

Chani conduziu a Reverenda Madre para um banco de rocha, colocado profundamente no interior da trompa acústica, e retornou para ficar ao lado de

Stilgar.

— Que não percamos tudo, se Jessica, a Estranha, falhar — disse Stilgar. — Chani, filha de Liet, será consagrada como Sayyadina, nesta ocasião. — Afastou-se um passo para o lado.

Das profundezas da trompa acústica a voz de anciã chegou até eles, um sussurro amplificado, duro e penetrante:

— Chani retornou de sua hajra. Chani viu as águas.

Uma resposta sussurrante elevou-se da multidão. — Ela viu as águas!

— Eu consagro a filha de Liet como Sayyadina — disse a velha.

— Ela está aceita — respondeu a multidão.

Paul quase não ouvia a cerimônia,

com sua atenção ainda centrada no que fora dito sobre sua mãe.

“Se ela falhar.”

Olhou para trás, em direção à que era chamada de Reverenda Madre, estudando as feições ressequidas da velha, a insondável fixação azul de seus olhos. Parecia que uma brisa ia soprá-la para longe; ao mesmo tempo, algo em sua aparência sugeria que ela poderia ficar, intocada, na trilha de uma tormenta de coriolis. Ela carregava a mesma aura de poder que ele relembrava na Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, que o testara com agonia, à maneira do gom jabbar.

— Eu, a Reverenda Madre Ramallo, cuja voz fala como uma multidão, digo-lhes isto: é adequado que

Chani entre para Sayyadina.

— É adequado — respondeu a multidão.

A velha acenou, sussurrando:

— Eu dou a ela os céus prateados, o deserto dourado e as rochas cintilantes, os campos verdes que existirão. Eu os dou a Sayyadina Chani. E para que ela não esqueça que é uma serva de todos nós, a ela são destinadas as tarefas servis nesta Cerimônia da Semente. Seja como Shai-hulud deseja. — Ela ergueu um braço fino e marrom, e o deixou cair. Jessica sentia a cerimônia encerrá-la com uma corrente que a arrastava para além do ponto de retorno. Olhou uma vez para o rosto cheio de perguntas de Paul, e então preparou-se para a prova.

— Que os mestres d'água se

aproximem — ordenou Chani, com apenas um leve tremor em sua voz de menina.

Agora Jessica sentia-se no foco do perigo, conhecendo sua presença na vigilância da multidão, no silêncio.

Um grupo de homens percorreu uma trilha ondulada, aberta pela multidão, movendo-se em pares. Cada par carregava um pequeno saco de pele, do tamanho, talvez, do dobro da cabeça de um homem. Os sacos balançavam, pesados.

Os dois líderes depositaram sua carga aos pés de Chani, sobre a saliência, e recuaram.

Jessica olhou para o saco e em seguida para os homens. Eles tinham os capuzes tombados para trás, revelando os

cabelos compridos presos num rolo, na base do pescoço. Os poços negros de seus olhos olhavam para ela sem se desviarem.

Um espesso odor de canela elevou-se do saco, chegando até Jessica. “A especiaria?”, perguntou ela de si para si.

— Existe água? — indagou Chani.

O mestre d’água à esquerda, um homem com uma cicatriz violácea atravessando a base do nariz, acenou uma vez. — Existe água, Sayyadina, mas nós não podemos bebê-la.

— Existem sementes? — indagou Chani.

— Existem sementes — respondeu o homem.

Chani ajoelhou-se, colocando as mãos no saco. Abençoada seja a água, e sua semente.

Havia uma familiaridade no ritual, e Jessica observou a Reverenda Madre Ramallo. Os olhos da velha estavam fechados, e ela sentava-se curvada, como se estivesse adormecida.

— Sayyadina Jessica — chamou Chani.

Jessica voltou-se vendo a garota olhar para ela.

— Já provou da água abençoada? — indagou Chani.

E antes que Jessica pudesse responder, ela mesma disse:

— Não é possível que tenha provado da água abençoada. Veio de outro mundo, e não é uma privilegiada.

Um suspiro passou através da multidão, um ruído de mantos movendo-se, que fez os cabelos se arrepiarem na

nuca de Jessica.

— A colheita era vasta e o produtor foi destruído — disse Chani. Começou a desamarrar um tubo enrolado no topo do saco.

E agora Jessica sentia uma sensação de perigo fervendo ao seu redor. Olhou para Paul, vendo que ele fora capturado pelo mistério do ritual, e só tinha olhos para Chani.

“Será que ele já viu este momento no tempo?”, perguntou Jessica a si mesma. Repousou a mão no abdômen, pensando na filha lá dentro, e indagando com os seus botões: “Terei o direito de arriscar nossas vidas?”

Chani ergueu o tubo em direção a Jessica.

— Aqui está a Água da Vida, a

água que é maior do que a água! Kan, a água que liberta a alma. Se for a Reverenda Madre, ela abrirá o universo para você. Que o Shai-hulud julgue isso agora.

Jessica sentia-se dividida entre a sua obrigação para com Paul e o dever para com sua filha que ainda ia nascer. Pelo bem de Paul, ela sabia que era necessário levar aquele tubo à boca, e beber do conteúdo do saco, mas enquanto se curvava para fazê-la, seus sentidos a advertiam do perigo.

A substância no saco tinha um cheiro penetrante, e de certo modo parecido com o de muitos venenos que conhecia, mas ao mesmo tempo diferente, também.

— Deve beber agora — disse

Chani.

“Não há retorno agora”, lembrou-se Jessica. Mas nada, em todo o seu treino Bene Gesserit, ocorria-lhe que pudesse ajudá-la nesse instante.

“O que é isso?”, perguntou de si para si. “Um licor? Uma droga?”

Enquanto aproximava o tubo da boca, cheirava os ésteres de canela, lembrando-se então da bebedeira de Duncan Idaho. “Licor de especiaria?” Colocou na boca o tubo de sifão, e sugou apenas um diminuto gole. Tinha gosto de especiaria, parecendo um pouco picante na língua.

Chani pressionou o saco de pele. Uma grande golfada do líquido projetou-se para dentro de sua boca e, antes que pudesse evitar, já o tinha engolido,

lutando para manter a calma e a dignidade.

— Aceitar uma pequena morte é pior do que a morte em si — disse Chani, e olhou para Jessica, esperando.

E Jessica devolveu o olhar, ainda segurando o tubo na boca.

Provava o conteúdo do saco, e agora sentia-o em suas narinas, no céu da boca, nas faces, nos olhos... Uma doçura picante.

“Frio.”

Novamente Chani bombeou o líquido para dentro de sua boca.

“Delicado.”

Jessica observou o rosto de Chani — o rosto de fada vendo traços de Liet-Kynes ainda não fixados pelo tempo.

“Isto é uma droga”, disse ela para

si mesma. Mas diferente de qualquer outra droga por ela conhecida, embora o treino Bene Gesserit obrigasse a provar muitas.

As feições de Chani estavam tão claras como se delineadas na luz.

“Uma droga.”

Um silêncio envolvente se estabeleceu ao seu redor. Cada fibra de seu corpo aceitava o fato de que algo profundo lhe acontecera.

Sentia-se uma partícula consciente, menor do que qualquer partícula subatômica, mas ainda assim capaz de movimento, e de sentir o mundo ao seu redor. Como uma revelação abrupta — como cortinas sendo arrancadas — ela compreendeu que se tornara consciente de uma extensão psicocinestética de si

mesma. Ela era um ponto, e no entanto não era.

A caverna permanecia à sua volta — as pessoas. Podia senti-las: Paul, Chani, Stilgar, a Reverenda Madre Ramallo.

“Reverenda Madre!”

Na escola, ouvira rumores de que algumas não sobreviviam ao teste de Reverenda Madre, que a droga as dominava.

Voltou sua atenção para a Reverenda Madre Ramallo, consciente agora de que tudo isso estava acontecendo num instante de tempo congelado. O tempo parado, apenas para ela.

“Por que o tempo está suspenso?”, perguntou a si mesma. Olhou para as

expressões imobilizadas ao seu redor, vendo uma partícula de poeira acima da cabeça de Chani, parada lá.

Esperando.

A resposta a esse instante veio como uma explosão em sua consciência: seu sentido pessoal de tempo fora suspenso para salvar-lhe a vida!

Focalizou sua consciência na extensão psicocinestética de si mesma, olhando para dentro, e sendo confrontada imediatamente por um núcleo celular, um poço de escuridão do qual ela se afastou abruptamente.

“Este é o lugar onde não podemos olhar”, pensou. “Aí está o lugar que as Reverendas Madres tão relutantemente mencionam. O lugar onde apenas um Kwisatz Haderach poderá olhar.”

Essa consciência trouxe-lhe de volta um pouco de sua confiança, e novamente ela se aventurou a focalizar essa extensão psicocinestética, tornando-se um eu-partícula, que buscava dentro de seu corpo por uma fonte de perigo.

Ela encontrou-a na droga que engolira.

O material era constituído de partículas, dançando dentro dela, seus movimentos tão rápidos que nem mesmo o tempo congelado pudera pará-las. Partículas dançantes. Ela começou a reconhecer estruturas familiares, uniões atômicas: um átomo de carbono aqui, oscilando em espiral... uma molécula de glicose. Jessica deparou com toda uma cadeia de moléculas e reconheceu uma proteína... configuração metilprotéica.

“Ahh!”

Uma exclamação mental, silenciosa, em seu interior, enquanto via a natureza do veneno.

Usando sua sondagem psicocinestética, ela se moveu para dentro dele, mudando a posição de um átomo de oxigênio, permitindo que outra partícula de carbono se ligasse, religando a cadeia de oxigênio... hidrogênio.

A mudança espalhou-se... cada vez mais rápida, enquanto a reação catalítica abria sua superfície de contato.

A suspensão de tempo relaxou seu poder sobre ela, e Jessica sentiu movimento. O tubo saindo do saco ainda lhe tocava a boca, recolhendo, vagarosamente, uma gota de umidade.

“Chani está recolhendo o

catalisador do meu corpo para alterar o veneno dentro do saco”, pensou ela. “Mas por quê?”

Alguém a colocou sentada. Viu a Reverenda Madre Ramallo sendo trazida para sentar-se ao seu lado, sobre a projeção atapetada. Uma mão fria tocou-lhe o pescoço.

E lá estava outra partícula psicocinestética entrando em sua consciência! Jessica tentou rejeitá-la, mas a partícula deslizou, cada vez mais perto... mais perto.

Elas se tocaram!

Era o máximo em empatia: ser duas pessoas ao mesmo tempo.

Não era telepatia, mas consciência mútua.

“Com a velha Reverenda Madre!”

Mas Jessica via agora que a Reverenda Madre não pensava em si mesma como uma velha. Uma imagem desdobrou-se diante do mútuo olhar mental: uma moça muito jovem, com um espírito saltitante e um temperamento afetuoso.

Dentro da consciência mútua, a garota disse:

— Sim, é assim que eu sou.

Jessica apenas podia aceitar as palavras, não podia responder.

— Você terá isto logo, Jessica — disse-lhe a imagem interior.

“Isto é alucinação”, pensou ela.

— Você sabe que não é. Rápido, agora, não lute contra mim. Não há muito tempo. Nós... — Houve uma longa pausa, depois a imagem interna continuou: —

Você devia nos ter dito que está grávida.

Jessica encontrou a voz que falava dentro da consciência mútua.

— Por quê?

— Isso modifica vocês duas! Santa Mãe, o que fizemos?

Jessica sentiu uma mudança forçada na consciência mútua, viu outra presença-partícula com seu olhar interior. O outro ponto corria loucamente, para cá e para lá, circulando. E irradiava puro terror.

— Você tem de ser forte — disse a presença-imagem da Reverenda Madre.

— Sinta-se grata por ter no ventre uma menina. Isso mataria um feto masculino. Agora... cuidadosamente, suavemente... toque a presença de sua filha. Seja a presença de sua filha.

Absorvendo o medo... acalmando... use sua coragem, sua força... suave agora... com calma...

O ponto rodopiante passou perto e Jessica compeliu-se a tocá-lo.

O horror ameaçou sufocá-la.

Ela lutou do único modo que conhecia: “Eu não temerei. O medo é o assassino da mente.”

A ladainha produziu uma calma aparente. O outro ponto permaneceu imóvel, junto dela.

“Palavras não funcionarão”, compreendeu ela. E tentou reduzir-se a reações emotivas básicas. Irradiando amor, conforto, um cálido aconchego.

O terror diminuiu.

Novamente a presença da velha Reverenda Madre se afirmou, mas agora

havia uma tripla consciência mútua: duas ativas, e uma que permanecia quieta, absorvendo.

— O tempo me apressa — disse a Reverenda Madre. Tenho muito para lhe dar, mas não sei se a sua filha pode aceitar tudo isso e manter a sanidade. Mas assim deve ser: as necessidades da tribo têm prioridade.

— O que...

— Fique calada, e aceite!

Experiências começaram a se desenrolar diante de Jessica.

Era como um filme-palestra no projetor de treinamento subliminar, lá na escola Bene Gesserit... mas rápido... atordoantemente rápido. E todavia... nítido.

Conheceu cada experiência, como

acontecera: houvera um amante. Viril, barbado, com os olhos de Fremén, e Jessica viu sua força e seu carinho, tudo a respeito dele, num piscar de olhos, através da memória da Reverenda Madre.

Não havia tempo agora para pensar no que isso poderia estar fazendo com o feto de sua filha, somente tempo para aceitar e registrar. As experiências de vida derramavam-se sobre Jessica: nascimento, vida, morte — assuntos importantes, e não importantes, tudo atropelando-se num único tempo de visão.

“Por que uma queda de areia, do alto de um penhasco, deve permanecer na memória?”, indagou ela.

Foi muito tarde que ela percebeu o que estava acontecendo: a velha estava

morrendo, e ao morrer passava suas experiências para a consciência de Jessica, como água sendo derramada de uma caneca para outra. O outro ponto apagou-se, recuando na consciência pré-natal, enquanto Jessica o observava. E, morrendo em concepção, a velha Reverenda Madre abandonou sua vida na memória de Jessica, com um último conjunto de palavras.

— Eu estive esperando por você, por um longo tempo disse ela. — Aqui está minha vida.

E lá estava, reunida e encerrada, toda ela.

Até mesmo o momento da morte.

“Eu sou agora uma Reverenda Madre”, percebeu Jessica.

E sabia, com a consciência

generalizada em que se tornara, precisamente o que significava ser uma Reverenda Madre Bene Gesserit. A droga venenosa a transformara.

E isso não era exatamente como elas faziam na escola Bene Gesserit, ela tinha certeza. Ninguém jamais lhe revelara os mistérios envolvendo essa parte, mas tinha certeza de que não era assim.

O resultado final era o mesmo.

Jessica sentiu a partícula-filha ainda tocando sua consciência interior; sondou-a sem obter resposta.

Um terrível sentimento de solidão apoderou-se dela ao perceber o que lhe acontecera. Via sua própria vida aparecer como um padrão que se retardara, enquanto todas as vidas ao seu redor

aceleravam-se tanto que as interconexões se tornavam claras.

A sensação de consciência-partícula se apagou levemente, sua intensidade diminuindo, enquanto o corpo se relaxava da ameaça do veneno. Ainda sentia, entretanto, a outra partícula, tocando-a com um sentimento de culpa por ter permitido que isso acontecesse.

“Eu fiz isso, minha pobre querida filha ainda não formada. Eu trouxe você para este universo, e expus sua consciência a tudo, sem qualquer defesa.”

Um minúsculo fluir de amor e conforto, como um reflexo do que ela derramara nele, pareceu sair do outro ponto.

Antes que pudesse responder, Jessica sentiu a presença adab da memória

exigente. Havia algo que precisava ser feito. Tentou alcançá-la, percebendo ser impedida pela embriaguez que a droga da mudança imprimira em seus sentidos.

“Posso modificar isto”, pensou ela. “Posso afastar a ação da droga e torná-la inofensiva.” Sentiu, entretanto, que isso seria um erro. “Estou dentro de um ritual de união.”

E então percebeu o que devia ser feito.

Jessica abriu os olhos e apontou para o saco de água, agora sendo erguido acima dela por Chani.

— Isso foi abençoado — disse. — Misturem as águas, deixem que a mudança atinja a todos, que as pessoas possam dividir e compartilhar a bênção.

“Deixe que o catalisador faça seu

trabalho”, pensou ela. “Deixe que as pessoas bebam e tenham sua consciência, uma da outra, aumentada por algum tempo. A droga é segura agora... agora que a Reverenda Madre a modificou.”

A memória ainda agia sobre ela, impulsionando-a. Havia outra coisa a fazer, mas a droga tornava difícil a compreensão.

“Ahhh... a velha Reverenda Madre.”

— Encontrei a Reverenda Madre Ramallo — disse Jessica. — Ela se foi, mas permanece. Que sua memória seja honrada no ritual.

“E agora? De onde tirei estas palavras?”

Percebeu que vinham da outra memória, a vida que lhe fora dada, e que

agora era parte dela mesma. Alguma coisa a respeito dessa dádiva, entretanto, permanecia incompleta.

“Deixe-os ter sua orgia”, disse dentro dela a outra memória.

— Eles recebem tão poucos prazeres na vida. Sim, e eu e você precisamos desse pouco tempo para nos conhecermos, antes que eu possa recuar e aprender através de suas memórias. Já me sinto presa a pedaços de você. Ahh... você tem a mente tão cheia de coisas interessantes. Tantas coisas que eu nunca imaginei.

E a mente-memória encerrada dentro dela abriu-se, permitindo que Jessica observasse ao longo de um amplo corredor de memórias, através de outras Reverendas Madres que se sucediam,

parecendo não ter fim.

Recuou assustada, temendo perder-se num oceano de identidades. Ainda assim, o corredor permanecia, revelando-lhe que a cultura Fremen era muito mais antiga do que suspeitara.

Havia existido Fremen em Poritrin, ela podia vê-los; um povo que crescera fraco, num planeta demasiado generoso. Presa fácil para os caçadores imperiais os capturarem, e plantarem nas colônias humanas de Bela Tegeuse e Salusa Secundus.

Oh! Os lamentos que Jessica sentia naquela partida.

Bem nas profundezas do corredor, uma voz-imagem gritou: Eles nos negaram o Hajj!

E Jessica viu os depósitos de

escravos em Bela Tegeuse, lá no fundo do corredor, viu a seleção e a poda, que espalhara homens para Rossak e Harmonthep. Cenas de ferocidade brutal abriam-se para ela como pétalas de uma flor terrível. E viu o fio que conduzia ao passado, tecido por Sayyadina atrás de Sayyadina. Primeiro pela tradição oral, oculta nos cânticos da areia, e depois afinado através de suas próprias Reverendas Madres, com a descoberta da droga venenosa em Rossak... desenvolvendo agora uma força sutil, com a descoberta da Água da Vida em Arrakis.

Bem fundo no corredor outra voz gritou:

— Não perdoem nunca! Não se esqueçam nunca!

A atenção de Jessica concentrava-

se, porém, na revelação da Água da Vida, observando sua fonte: a emanção líquida de um verme ao morrer, um produtor. Quando ela o viu sendo morto, em sua nova memória, não pôde suprimir o espanto.

Á criatura fora afogada!

— Mamãe, você está bem?

A voz de Paul chegou até ela. Jessica lutou para escapar de sua consciência interior e olhar para ele, reconhecendo sua obrigação para com o rapaz e, no entanto, ressentindo-se de sua presença.

“Eu sou como uma pessoa cujas mãos foram mantidas entorpecidas, sem qualquer sensação, desde o seu primeiro instante de consciência. E então um dia a habilidade para sentir é forçada nelas.”

O pensamento prendeu-se em sua mente, envolvendo a consciência.

“E eu digo: — Olhem! Não tenho mãos! — Mas as pessoas à minha volta dizem: — E o que são mãos?”

— Você está bem? — repetiu Paul.

— Sim.

— Posso beber, então? —

Apontou para o saco nas mãos de Chani.

— Eles querem que eu beba.

Ouviu o significado oculto em suas palavras, percebendo que ele detectara o veneno na substância original, não modificada, e que se preocupava com ela. Ocorreu a Jessica, então, admirar-se com os limites da presciência de Paul. Sua pergunta revelava muito.

— Pode beber — disse ela. — Já foi modificada.

Olhou além dele para ver Stilgar a fitá-la, os olhos escuros estudando-a.

— Agora sabemos que não pode ser falsa — disse ele.

Sentiu um significado oculto aqui também, mas o torpor da droga dominava seus sentidos. Como isso era cálido e... tranqüilizador. Como eram gentis esses Fremen, ao introduzi-la em semelhante companheirismo...

Paul vira a droga apoderar-se de sua mãe.

E ele pesquisara em sua memória. O passado fixo, as linhas de fluxo dos futuros possíveis. Era como vasculhar através de instantes aprisionados do tempo, algo desconcertante para as lentes de seu olho interior. Os fragmentos eram difíceis de compreender, quando

arrancados para fora do fluxo.

Essa droga, podia reunir conhecimentos a respeito dela, entender o que ela estava fazendo com sua mãe, mas o conhecimento carecia de um ritmo natural, faltava-lhe um sistema de mútua reflexão.

Percebeu, repentinamente, ser uma coisa olhar o passado, ocupando o presente. O verdadeiro teste de presciência era ver o passado, no futuro.

As coisas continuavam a não ser o que pareciam.

— Beba! — ordenou Chani. Ela sacudiu a biqueira de um dos sacos sob o seu nariz.

Paul empertigou-se, olhando para Chani. Sentia uma excitação carnavalesca permeando o ar. Sabia o que iria

acontecer se bebesse essa droga de especiaria, com a quintessência da substância que lhe ocasionara a mudança. Retornaria à visão do tempo puro, do tempo que se tornava espaço. Iria colocá-la naquele vertiginoso pináculo, e desafiá-la a compreender.

Atrás de Chani, Stilgar disse :

— Beba, garoto. Você atrasa o ritual.

Ouviu a multidão, nesse instante. O ardor em suas vazas:

— Lisan al-Gaib! — diziam. — Muad'Dib! — Olhou para sua mãe.

Ela parecia dormir pacificamente, em uma posição sentada, sua respiração regular e profunda. Uma frase saída do futuro, que era seu solitário passado, entrou em sua mente: “Ela dorme nas

Águas da...”

Chani puxou sua manga.

Paul levou o bico até a boca, ouvindo as pessoas gritarem. Sentiu o líquido esguichar em sua garganta, quando Chani comprimiu o saco; sentiu vertigem no perfume. Chani removeu o bico e entregou a saco para mãos que se estendiam do fundo da caverna.

Seus olhos observaram-lhe o braço, notando a faixa verde do luto.

Ela se levantou, observando a direção do seu olhar e dizendo:

— Eu posso lamentar por ele, mesmo na alegria das águas. Isso foi uma coisa que ele nos deixou.

Segurou-lhe as mãos, puxando-o ao longo da projeção de rocha.

— Nós somos idênticos em uma

coisa, Usul: cada um de nós perdeu seu pai para os Harkonnen.

Paul a seguiu. Sentia que sua cabeça fora separada do corpo e restaurada com estranhas conexões. Suas pernas pareciam distantes e entorpecidas.

Penetraram em uma estreita passagem, suas paredes fracamente iluminadas por globos luminosos muito espaçados. Sentia a droga começar a produzir o seu efeito singular sobre ele, abrindo-lhe o tempo como se fosse uma flor. Encontrou necessidade de se apoiar em Chani enquanto viravam, entrando em outro túnel na penumbra. A mistura de tecido estriado e acolchoado, que sentia por baixo do manto, estimulava sua circulação. Uma sensação que, adicionada ao efeito da droga, dobrando o passado e

o futuro sobre o presente, deixava-lhe apenas uma fina margem de foco triocular.

— Eu a conheço, Chani — sussurrou ele. — Nós nos sentamos em uma saliência acima da areia, enquanto eu acalmava os seus temores. Eu a acariciei na escuridão do sietch. Nós... — Descobriu-se perdendo o foco, tentou sacudir a cabeça e tropeçou.

Chani amparou-o, levando-o através de espessas cortinas para dentro do calor amarelado de seu apartamento. Mesas baixas, almofadas, um leito debaixo de uma cobertura laranja.

Paul percebeu que haviam parado, que Chani o olhava com olhos que revelavam temor.

— Precisa me contar.

— Você é a Sihaya — disse ele. —

A fonte no deserto.

— Quando a tribo compartilha a água — explicou ela. — Estamos juntos... todos nós. Nós... partilhamos. Posso... sentir os outros comigo, mas tenho medo de partilhar com você.

— Por quê?

Tentou focalizá-la, mas passado e futuro misturavam-se com o presente, toldando a imagem. Viu Chani em posições, locais e modos incontáveis.

— Existe alguma coisa assustando você — disse ela. — Quando o afastei dos outros... eu o fiz porque podia sentir que os outros o desejavam. Você... estimula as pessoas. Faz... com que vejamos coisas!

Paul procurou se esforçar para

falar claramente:

— E o que você vê?

Ela olhou para suas próprias mãos.

— Vejo uma criança... em meus braços. É nossa criança, sua e minha. — Colocou a mão na boca. — Como posso conhecer cada detalhe a seu respeito?

“Eles possuem um pouco do talento”, disse-lhe sua mente.

“Mas o suprimem, porque ele os aterroriza.”

Num momento de claridade, ele viu como Chani estava tremendo.

— O que você quer dizer? — indagou.

— Usul — sussurrou ela, ainda trêmula.

— Você não pode recuar para o futuro — disse ele.

Uma profunda compaixão por ela percorreu sua mente. Puxou-a para junto de si, acariciando-lhe os cabelos.

— Chani, Chani, não tema...

— Usul, ajude-me — gritou ela.

Enquanto ela falava, ele sentia a droga completar seu trabalho em seu interior, arrancando as cortinas, para permitir que visse o distante torvelinho cinzento que constituía seu futuro.

— Você está tão quieto — disse Chani.

Tomou posição em sua consciência, vendo o tempo estender-se em suas misteriosas dimensões, delicadamente equilibradas e, no entanto, rodopiando; estreitas e, no entanto, estendidas como uma rede a colher incontáveis mundos e forças. Uma corda

esticada sobre a qual devia caminhar, e ao mesmo tempo uma gangorra na qual se balançava.

De um lado podia ver o império. Um Harkonnen chamado Feyd-Rautha que relampejava em sua direção como uma lâmina mortal; os Sardaukar, lançando-se de seu planeta para espalhar o massacre em Arrakis; a Corporação, conspirando e tramando; as Bene Gesserit, com seus esquemas de reprodução seletiva. Todos se amontoavam como um cúmulo tempestuoso, erguendo-se em seu horizonte, contidos por não mais do que os Fremen e seu Muad'Dib. Fremen, o gigante adormecido tomando posição para sua cruzada selvagem através do universo.

Paul sentia-se no centro, como o pivô em torno do qual toda a estrutura girava. Caminhando sobre um delicado fio de paz, com uma medida de felicidade constituída por Chani ao seu lado.

Podia ver tudo aquilo estender-se à sua frente, um tempo de calma relativa num sietch oculto, um instante de paz entre períodos de violência.

— Não existe nenhum outro lugar de paz — murmurou.

— Usul, você está chorando. Usul, minha força, você dá umidade aos mortos? Aos que morreram?

— Aqueles que ainda não morreram.

— Então deixe que tenham seu tempo de vida.

Sentiu através da neblina da droga

o quão certa ela estava e puxou-a de novo para si, com uma pressão selvagem.

— Sihaya! — disse ele.

Ela colocou uma palma sobre sua face.

— Eu não estou mais com medo, Usul. Olhe para mim. Vejo o mesmo que você vê, quando me segura deste modo.

— E o que você vê?

— Eu nos vejo compartilhando o amor num tempo de calma entre as tempestades. É o que devemos fazer.

A droga o dominava novamente, e ele pensou: “Tantas vezes você me deu o conforto e o esquecimento.” Sentiu mais uma vez a hiperiluminação, com suas imagens de tempo em alto-relevo, sentindo seu futuro se tornar um conjunto de memórias... As ternas

indignidades do amor físico, o compartilhar e a comunhão de personalidades, a suavidade e a violência.

— Você é a fonte, Chani — murmurou ele. — Fique comigo.

— Sempre — respondeu ela, beijando-lhe o rosto.

Livro III

O PROFETA

Nenhuma mulher, homem ou criança jamais chegou a penetrar na intimidade de meu pai. O mais perto que alguém chegou de uma camaradagem casual com o imperador Padishah foi no relacionamento oferecido pelo Conde Hasimir Fenring um companheiro de infância. O grau de amizade atingido pelo Conde Fenring pode ser visto primeiramente como algo positivo: ele acalmou as suspeitas da Laflásmad, depois do Caso Arrakis. Isso custou mais de um bilhão de solaris, em subornos com especiaria, contou minha mãe, e houve outros presentes também. mulheres escravas, honras reais, posições de

influência. A segunda maior evidência da amizade do Conde foi negativa. Ele se recusou a matar um homem, embora isso estivesse dentro de suas possibilidades e meu pai o houvesse ordenado. Eu relatarei esse episódio em breve.

— *Conde Fenring: Um Perfil, escrito pela Princesa Irulan*

O Barão Vladimir Harkonnen avançou, furioso, ao longo dos corredores, saindo de seus aposentos pessoais, passando rapidamente através das poças de luz do entardecer que se derramavam das altas janelas. Ele ondulava e se contorcia em seus suspensores, com uma série de movimentos violentos.

Ele trovejou pela cozinha pessoal,

passando pela biblioteca, pela pequena sala de recepção e para dentro da antecâmara dos servos, onde o descanso do cair da noite já começara.

O capitão da guarda, Iakin Nefud, encontrava-se agachado num divã, do outro lado da câmara, o estupor da semuta estampado em seu rosto liso, o estranho gemido da música de semuta a envolvê-lo. Sua própria corte sentava-se próximo, esperando fazer seus apelos.

— Nefud! — urrou o barão.

Homens correram.

Nefud levantou-se, o rosto calmo pelo efeito do narcótico, acrescido de uma palidez que revelava seu medo. A música de semuta parou.

— Senhor Barão — exclamou Nefud. Apenas a droga evitava, ainda, a

vacilação em sua voz.

O Barão observou os rostos ao redor, notando a imobilidade nas feições. Voltou sua atenção para Nefud, falando num tom falsamente amável.

— Há quanto tempo tem sido capitão de minha guarda, Nefud?

Nefud engoliu em seco.

— Desde Arrakis, meu senhor. Quase dois anos.

— E sempre antecipou os perigos à minha pessoa?

— Esse é o meu único desejo, meu senhor.

— Então onde está Feyd-Rautha?
— rugiu o Barão.

Nefud assustou-se:

— Meu senhor?!

— Não considerou que Feyd-

Rautha pudesse constituir um perigo à minha pessoa? — novamente a voz era cortês.

Nefud umedeceu os lábios com a língua. Parte do estupor da semuta deixara seus olhos.

— Feyd-Rautha está no alojamento dos escravos, meu senhor.

— Com as mulheres de novo, hein? — O Barão tremia com o esforço para controlar o ódio.

— Senhor, pode ser que ele...

— Silêncio!

O Barão avançou outro passo para dentro da antecâmara, notando como os homens recuavam, abrindo um espaço sutil ao redor de Nefud, dissociando-se do objeto da ira.

— Não ordenei que soubesse com

precisão o paradeiro do futuro Barão, durante todo o tempo? — indagou o Barão, avançando mais um passo. — Não lhe disse que devia saber, com precisão, tudo o que o futuro Barão estivesse dizendo durante todo o tempo, e para quem ele dissesse? — Mais um passo. — Não lhe disse que devia me avisar, sempre que ele fosse para os alojamentos das escravas?

Nefud engoliu novamente, o suor aparecendo em sua testa.

O Barão manteve a voz monótona, quase destituída de ênfase.

— Não lhe disse todas essas coisas?

Nefud assentiu.

— E não lhe disse que devia verificar todos os meninos escravos que

me fossem enviados? E que devia fazer isso pessoalmente?

Novamente Nefud acenou, afirmativamente.

— Você por acaso não viu a marca na coxa daquele que me enviou esta noite? É possível que você...

— Tio!

O Barão voltou-se, vendo Feyd-Rautha de pé, na porta. A presença do sobrinho aqui, agora... a aparência de inquietação que o jovem não conseguia esconder inteiramente... tudo isso contribuía para revelar muita coisa. Feyd-Rautha tinha seu próprio sistema de espionagem focalizado no Barão.

— Existe um corpo no meu quarto que eu desejo que seja removido — disse o Barão, mantendo sua mão

sobre a arma lançadora de projéteis embaixo do manto, grato por seu escudo ser o melhor.

Feyd-Rautha olhou para os dois guardas diante da parede à direita, e acenou. Os dois correram para a porta tomando o caminho do corredor, em direção aos apartamentos do Barão.

“Aqueles dois, hein?”, pensou o Barão. “Ah! esse jovem monstro tem muito que aprender ainda sobre conspiração!”

— Presumo que deixou tudo em paz no alojamento dos escravos, não, Feyd?

— Estive jogando queops com o mestre dos escravos respondeu Feyd-Rautha, enquanto pensava: “O que saiu errado? O garoto que mandamos para

meu tio foi morto, obviamente. Mas ele era perfeito para o serviço. Mesmo Hawat não poderia ter feito uma escolha melhor. O garoto era perfeito!”

— Jogando xadrez de pirâmides — comentou o Barão. Que ótimo. Você venceu?

— Eu?... ah, sim, tio. — Feyd-Rautha lutava para conter sua inquietação.

O Barão estalou os dedos.

— Nefud, você deseja reconquistar minhas boas graças?

— Senhor, o que foi que eu fiz... — estremeceu Nefud.

— Isso não importa, agora. Feyd bateu o mestre de escravos em queops. Você ouviu isso?

— Sim... senhor.

— Quero que reúna três homens e vá ao encontro do mestre de escravos — instruiu o Barão. — O mestre de escravos deve ser garroteado. Tragam seu corpo para mim quando tiverem terminado, para que eu veja se foi feito adequadamente. Não podemos permitir jogadores de xadrez ineptos ao nosso serviço.

Feyd-Rautha ficou pálido, deu um passo à frente.

— Mas, tio, eu...

— Depois, Feyd — e o Barão acenou com a mão. — Depois.

Os dois guardas, que haviam seguido para os alojamentos do Barão, em busca do cadáver do garoto, passaram cambaleando pela porta da antecâmara, com sua carga pendendo entre eles, os

braços balançando. O Barão observou-os até que desapareceram.

Nefud colocou-se ao lado do Barão.

— Deseja que eu mate o mestre de escravos agora, meu senhor?

— Agora! — respondeu o Barão. — E, quando houver terminado, adicione à sua lista aqueles dois que acabaram de passar.

Não gostei do modo como carregavam aquele corpo. Deve-se fazer essas coisas adequadamente. Eu vou querer ver suas carcaças, também.

Nefud balbuciou.

— Senhor, foi alguma coisa que eu...

— Faça o que seu mestre ordenou — disse Feyd-Rautha, pensando: “Tudo

que posso esperar, agora, é salvar minha própria pele.”

“Bom”, pensou o Barão, “ele ainda sabe como cortar seus fracassos”. Sorriu internamente. “O garoto sabe também o que irá me satisfazer, e o que será mais adequado para receber minha ira, para que esta não caia sobre ele. Sabe que devo preservá-la. Quem mais tenho eu para tomar as rédeas que devo largar um dia? Não tenho ninguém tão capaz. Mas ele precisa aprender! E devo me preservar, enquanto ele está aprendendo.”

Nefud chamou homens para ajudá-lo, e os liderou porta afora.

— Quer acompanhar-me até os meus aposentos, Feyd?

— Ao seu comando — respondeu Feyd-Rautha. Curvou-se, pensando: “Fui

apanhado.”

— Vá na frente — disse o Barão, apontando para a porta.

Feyd-Rautha demonstrou seu medo apenas com uma leve hesitação.

“Terei falhado inteiramente?”, perguntou a si mesmo. “Será que ele vai enfiar uma lâmina envenenada em minhas costas... lentamente, através do escudo? Será que possui um sucessor alternativo?”

“Deixe-o experimentar seu momento de terror”, pensava o Barão enquanto caminhava atrás do sobrinho. “Ele irá me suceder, mas na ocasião que eu escolher. Não quero que jogue fora o que construí!”

Feyd-Rautha tentava não caminhar muito rapidamente. Sentia a pele comichando em suas costas, como se seu

corpo igualmente aguardasse o golpe. Os músculos tensionando e relaxando, alternadamente.

— Já ouviu as últimas notícias de Arrakis? — indagou o Barão.

— Não, tio.

Feyd-Rautha forçou-se a não olhar para trás. Viraram no corredor, saindo da ala dos servos.

— Há um novo profeta, ou líder religioso de algum tipo, entre os Fremen. Eles o chamam Muad'Dib. Muito divertido, realmente. Significa. “O Rato”. Já disse a Rabban que deixe que tenham sua religião. Vai mantê-los ocupados.

— Isso é muito interessante, tio — respondeu Feyd-Rautha.

Deu a volta em direção ao corredor particular para o quarto de seu

tio, imaginando: “Por que ele fala em religião? Será alguma indireta para mim?”

— Sim, não é?

Entraram nos apartamentos do Barão através do salão de recepção, passando para o quarto. Percebiam-se, ali, indícios sutis de luta: uma lâmpada suspensora fora do lugar, um colchão fora da cama, um tranqui-rola derramado sobre a cabeceira.

— Foi um plano muito hábil — comentou o Barão. Manteve seu escudo corporal ligado ao máximo enquanto parava, confrontando o sobrinho. — Mas não o bastante. Diga-me, Feyd, por que não me atacou pessoalmente? Teve oportunidades suficientes.

Feyd-Rautha encontrou uma cadeira suspensora, encolheu os ombros

mentalmente, enquanto se sentava, sem ter recebido permissão.

“Devo ser ousado agora”, decidiu.

— Ensinou-me que minhas próprias mãos devem permanecer limpas.

— Ah... sim — reconheceu o Barão. — Quando enfrentar o Imperador, deve ser capaz de dizer que não fez nada. A bruxa ao lado do Imperador ouvirá suas palavras, e saberá se são falsas ou verdadeiras. Sim, eu o adverti a esse respeito.

— Por que nunca comprou uma Bene Gesserit, tio? Com uma Reveladora da Verdade ao seu lado...

— Você conhece os meus gostos!
— retrucou o Barão.

Feyd-Rautha observou o tio, depois disse:

— Ainda assim, uma seria valiosa para...

— Eu não confio nelas! — rosnou o Barão. — E pare de tentar mudar de assunto!

Feyd-Rautha falou amavelmente.

— Como desejar, tio.

— Eu me lembro de uma ocasião, na arena, vários anos atrás. Naquele dia parece que um escravo fora enviado para matá-lo. Foi isso, de fato, o que aconteceu?

— Foi há tanto tempo, tio. Além do mais, eu...

— Sem evasões, por favor — disse o Barão, sua voz revelando o controle que exercia sobre a raiva.

Feyd-Rautha voltou a olhar para o tio, pensando: “Ele sabe, do contrário não

iria perguntar.”

— Foi uma fraude, tio. Eu arranjei tudo para desacreditar o seu mestre de escravos.

— Muito hábil. E corajoso, também. Aquele gladiador-escravo quase o pegou, não?

— Sim.

— Se você tivesse fineza e sutileza para igualar sua coragem, então seria mesmo formidável. — O Barão sacudiu a cabeça de um lado para outro e, como fizera muitas vezes, desde aquele dia terrível em Arrakis, ele se encontrou lamentando a perda de Piter, o Mentat. Aquele fora um homem de sutilezas delicadas, diabólicas. E todavia isso não o salvara. Novamente sacudiu a cabeça.

O destino é, às vezes, inescrutável.

Feyd-Rautha observou o aposento, estudando os sinais da luta, tentando saber como o tio pudera dominar o escravo, que haviam preparado tão cuidadosamente.

— Como o venci? — perguntou o Barão. — Ahh, Feyd, deixe-me ficar com algumas armas para assegurar minha velhice. É melhor que usemos esta ocasião para fazer um acordo. Uma barganha.

Feyd-Rautha olhou fixamente para ele. “Um acordo! Então ele quer me manter como seu herdeiro com certeza. Por que mais faria um acordo? Um acordo é entre iguais, ou quase iguais!”

— Que acordo, tio? — Feyd-Rautha sentia-se orgulhoso por sua voz permanecer calma, sem trair a alegria que

sentia.

O Barão também notou o controle, e acenou com a cabeça. Você é um ótimo material, Feyd; e eu não desperdiço bom material. Você persiste, todavia, em se recusar a aprender o meu verdadeiro valor, obstinado. Não percebe por que eu devo ser preservado como alguém de supremo valor para você. Isto... — Apontou para a evidência da luta no quarto. — Isto foi uma tolice, e eu não recompenso tolices.

“Vá direto ao ponto, seu velho tolo!”, pensou Feyd-Rautha.

— Você pensa em mim como um velho tolo — disse o Barão. — Devo dissuadi-lo a esse respeito.

— Falou em um acordo.

— Ah... a impaciência dos jovens.

Bem, eis a substância do acordo. Você interromperá esses atentados tolos contra a minha vida. E eu, quando estiver pronto para isso, abdicarei em seu favor. Vou retirar-me para uma posição de conselheiro, deixando-o no assento do poder.

— Retirar-se, tio?

— Você me julga um tolo, e isso confirma esse julgamento? Você acha que estou suplicando-lhe! Ande com cuidado, Feyd. Este velho tolo viu a agulha coberta que você plantou na coxa daquele menino-escravo. Exatamente onde eu colocaria minha mão, não é? Uma leve pressão e... snick! Uma agulha envenenada na palma da mão do velho tolo! Ahhh, Feyd...

Sacudiu a cabeça, pensando: “Teria

funcionado se Hawat não me prevenisse. Bem, deixe que o garoto acredite que eu vi a trama sozinho. De um certo modo, eu o fiz. Fui eu que salvei Hawat dos destroços de Arrakis. E esse garoto precisa ter mais respeito por minha perícia.”

Feyd-Rautha continuou em silêncio, lutando contra si mesmo.

“Será que ele diz a verdade? Pretende mesmo se retirar? Por que não? Tenho certeza de que lhe sucederei um dia, se me mover com cuidado. Ele não pode viver para sempre. Talvez eu tenha sido um tolo em tentar apressar o processo.”

— Falou num acordo. Que garantia devo dar?

— Como podemos confiar um no

outro, hein? Bem, Feyd, quanto a você, estou encarregando Thufir Hawat de vigiá-lo. Confio em que as capacidades Mentat de Hawat possam fazer isso. Você me compreende? E quanto a mim, você terá que ter fé. Mas eu não posso viver para sempre, posso, Feyd? E talvez seja hora de começar a suspeitar de que sei coisas que você “deveria” saber.

— Eu lhe dou minha garantia, e o que você me dá? indagou Feyd-Rautha.

— Eu permito que continue vivendo.

Novamente Feyd-Rautha observou seu tio. “Ele coloca Hawat em cima de mim. O que diria, se eu lhe contasse que Hawat planejou o truque com o gladiador, que lhe custou seu mestre de escravos? Provavelmente diria que estou

mentindo, em uma tentativa para desacreditar Hawat. Não, o bom Thufir é um Mentat, e antecipou este momento.”

— Bem, o que diz? — indagou o Barão.

— Que posso dizer? Eu aceito, é claro.

Feyd-Rautha pensava: “Hawat! Ele joga nos dois lados... não é isso? Mudou-se para o campo de meu tio, porque não me aconselhei com ele sobre o atentado com o garoto-escravo.”

— Não disse nada quanto a ter colocado Hawat para vigiá-lo comentou o Barão.

Feyd-Rautha demonstrou sua raiva ao dilatar as narinas. O nome de Hawat fora um sinal de perigo entre os Harkonnen por tantos anos... e agora

tinha um novo significado: ainda perigoso.

— Hawat é um brinquedo perigoso — disse Feyd-Rautha.

— Brinquedo! Não seja estúpido. Eu sei o que tenho em Hawat, e como controlá-lo. Hawat possui emoções profundas, Feyd. Um homem sem emoções é o que se deve temer. Mas emoções profundas... ah, estes podem ser curvados de acordo com nossas necessidades.

— Tio, eu não o compreendo.

— Sim, isso é bastante evidente.

Somente o tremular de uma pálpebra revelou a passagem do ressentimento através de Feyd-Rautha.

— E você não compreende Hawat — acrescentou o Barão.

“Nem você”, pensou Feyd.

— A quem Hawat culpa por sua atual situação? — indagou o Barão. — A mim? Certamente. Mas ele era um instrumento dos Atreides, e me superou durante anos, até que o Império se intrometesse. Esse é o modo como ele vê a coisa. Seu ódio por mim é algo casual, agora. Ele acredita que pode me vencer quando quiser. E ao acreditar nisso, ele é vencido. Pois eu dirijo sua atenção para onde quero... contra o Império.

Tensões, causadas por esse novo entendimento, traçaram uma linha sobre a testa de Feyd-Rautha, comprimindo-lhe a boca. Contra o Imperador?

“Deixe que o meu querido sobrinho saboreie isso”, pensou o Barão. “Deixe que ele diga para si mesmo:

“Imperador Feyd-Rautha Harkonnen! Deixe-o imaginar quanto é que isso vale. Certamente, vale a vida de um velho tio, que pode tornar esse sonho realidade.”

Lentamente, Feyd-Rautha umedeceu os lábios com a língua.

“Poderia ser verdade o que o velho tolo estava dizendo? Existiria aqui alguma coisa a mais do que parecia?”

— E o que tem Hawat a ver com tudo isso? — indagou Feyd-Rautha.

— Ele pensa que pode nos usar como instrumento de sua vingança contra o Imperador.

— E quando isso for realizado?

— Ele não raciocina além de sua vingança. Hawat é um homem que deve servir a outros, e nem ao menos pensa em si próprio.

— Eu aprendi muito com Hawat — concordou Feyd-Rautha, sentindo a verdade nas palavras enquanto as pronunciava. Mas quanto mais eu aprendo, mais sinto que devíamos nos livrar dele... logo.

— Não gosta da idéia de ele estar a observá-lo?

— Hawat vigia todo o mundo.

— E ele pode colocá-lo no trono.

Hawat é sutil. Ele é perigoso, maquiavélico. Mas eu não retirarei o antídoto, ainda. Uma espada também é perigosa, Feyd, mas nós temos uma bainha para esta. O veneno permanece nele. Quando retirarmos o antídoto, a morte irá embainhá-la.

— De certo modo é como na arena — disse Feyd-Rautha. Estratagemas

dentro de estratagemas, dentro de estratagemas.

Você observa para ver como o gladiador se inclina, para que lado ele olha, como empunha a faca.

Assentiu para si mesmo, vendo como essas palavras agradavam ao seu tio, mas pensando: “Sim, é como na arena! E o gume é a mente!”

— Agora pode ver como precisa de mim — disse o Barão. — Eu ainda sou útil, Feyd.

“Uma espada para ser empunhada até que esteja muito cega para o uso”, pensou Feyd-Rautha.

— Sim, tio.

— E agora — disse o Barão — vamos, os dois, até o alojamento dos escravos. E eu vou observar enquanto

você, com suas próprias mãos, mata todas as mulheres da ala do prazer.

— Tio!

— Haverá outras mulheres, Feyd.

Mas eu já disse para não cometer um erro tolo comigo.

O rosto de Feyd-Rautha tornou-se melancólico.

— Mas tio, você...

— Vai aceitar sua punição e aprender alguma coisa com ela.

Feyd-Rautha fitou o olhar maligno do tio. “E eu devo lembrar esta noite”, pensou ele. “E, ao lembrá-la, recordarei outras noites.”

— Você não vai recusar — advertiu o Barão.

“O que você poderia fazer se eu recusasse, meu velho?”, perguntou Feyd-

Rautha a si mesmo. Sabia no entanto que haveria outra punição, talvez alguma mais sutil, mais brutal, para dobrá-lo.

— Eu o conheço, Feyd — disse o Barão. — Não vai recusar.

“Muito bem”, pensou Feyd-Rautha, “preciso de você agora. Percebi isso. O acordo está feito. Mas não vou precisar de você sempre. E... algum dia...”

Na profundidade do inconsciente humano, existe uma necessidade penetrante de um universo lógico, que faça sentido. Mas o universo real está sempre um passo adiante da lógica.

— *de Citações do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan*

“Já me sentei diante de muitos

governantes das Grandes Casas, mas nunca vi um porco mais perigoso e brutal do que este”, pensou Thufir Hawat.”

— Pode falar francamente comigo, Hawat — grunhiu o Barão.

Inclinava-se para trás em sua cadeira suspensora, os olhos sob as dobras de gordura, fixos em Hawat.

O velho Mentat olhou para a mesa que o separava de Vladimir Harkonnen, notando a opulência de seu material. Até mesmo isso era um fator a ser considerado ao analisar o Barão; assim como as paredes vermelhas dessa sala particular de conferências, e o cheiro fraco e suave de ervas que pairava no ar, ocultando o odor de almíscar.

— Você não me fez enviar aquele aviso para Rabban apenas por algum

capricho — disse o Barão.

O rosto coriáceo de Hawat permaneceu impassível, sem revelar nada do asco que sentia.

— Eu suspeito de muitas coisas, meu senhor.

— Sim. Bem, desejo saber como Arrakis se coloca em suas suspeitas a respeito de Salusa Secundus. Não é suficiente dizer-me que o Imperador está preocupado a respeito de uma ligação entre Arrakis e o seu misterioso planeta-prisão. Mas só apressei o aviso para Rabban porque o mensageiro precisava partir naquele Heighliner. Você disse que não poderia haver atraso. Bem, ótimo. Mas agora eu quero uma explicação.

“Ele fala demais”, pensou Hawat. “Não é como Leto, que podia me dizer

uma coisa com um simples erguer de uma sobancelha, um aceno da mão. Nem como o Velho Duque, que podia expressar uma frase inteira pronunciando uma única palavra. Este é um imbecil! Destruí-lo será um serviço para a humanidade.”

— Você não sairá daqui até que eu tenha uma explicação completa — acrescentou o Barão.

— O senhor fala muito naturalmente de Salusa Secundus — observou Hawat, uma colônia penal. Os piores refugos da galáxia são enviados para Salusa Secundus. Que mais devemos saber?

— As condições no planeta-prisão são mais opressivas do que em qualquer outro lugar — explicou Hawat. — Já

ouviu dizer que a taxa de mortalidade entre os novos prisioneiros é superior a sessenta por cento. Já ouviu dizer que o Imperador pratica ali toda forma de opressão. Ouve tudo isso e não faz perguntas?

— O Imperador não permite que as Grandes Casas inspecionem sua prisão — grunhiu o Barão. — Mas ele também não olha dentro de minhas masmorras.

— E qualquer curiosidade a respeito de Salusa Secundus é... ah... — Hawat levou um dedo magro aos lábios... desencorajada.

— E daí? Ele não se orgulha de algumas das coisas que deve fazer por lá.

Hawat permitiu que o mais fraco dos sorrisos se formasse em seus lábios escuros. Seus olhos cintilaram na luz do

tubo luminescente enquanto ele encarava o Barão.

— Nunca desejou saber de onde o Imperador tira os seus Sardaukar?

O Barão comprimiu seus lábios gordos. Isso dava às suas feições a aparência de um bebê. Sua voz tinha um tom de petulância, enquanto ele dizia:

— Por que deveria?... Ele recruta... quer dizer, há os convocados e os que se alistam de...

— Haa! — exclamou Hawat. — As histórias que se ouvem a respeito dos feitos dos Sardaukar, elas não são rumores, são? São relatos em primeira mão, vindas do limitado número de sobreviventes entre os que já lutaram com os Sardaukar, não é?

— Os Sardaukar são excelentes

lutadores, sem dúvida. Mas eu creio que as minhas próprias legiões...

— Um bando de escoteiros, em comparação! — retrucou Hawat. — Você acha que eu não sei por que o Imperador se voltou contra a Casa de Atreides?

— Isso não é um assunto aberto à sua especulação — advertiu o Barão.

“Será possível que nem ele saiba o que motivou o Imperador?”, indagou a si mesmo Hawat.

— Qualquer área é aberta à especulação, se tiver relação com o que me contratou para fazer. Eu sou um Mentat. Não se sonegam informações e linhas de computação para um Mentat.

Por um longo minuto o Barão olhou para ele, e então:

— Diga o que deve dizer, Mentat.

— O Imperador Padishah voltou-se contra a Casa de Atreides, porque os Mestres de Guerra do Duque, Gurney Halleck e Duncan Idaho, haviam treinado uma força de combate — uma pequena força de combate — que era tão boa quanto os Sardaukar. Alguns deles eram até melhores. E o Duque se encontrava em posição de aumentar essa força, fazendo-a tão forte, em todos os detalhes, quanto a do Imperador.

O Barão pesou essa revelação e disse.

— O que tem Arrakis a ver com isso?

— Ele fornece um conjunto de recrutas já condicionados ao mais duro treinamento de sobrevivência.

O Barão sacudiu a cabeça.

— Você não está se referindo aos Fremen?

— Eu me refiro aos Fremen.

— Ahh! Então por que avisar Rabban? Não pode haver mais do que um punhado de Fremen depois do pogrom dos Sardaukar e da opressão de Rabban.

— Hawat continuou a fitá-lo, silencioso.

— Nada mais do que um punhado — repetiu o Barão. — Rabban matou seis mil deles, só no ano passado!

Hawat continuou olhando.

— E no ano anterior foram nove mil. E, antes que os Sardaukar partissem, deram conta de pelo menos vinte mil.

— Quais foram as perdas nas tropas de Rabban durante os dois últimos anos? — indagou Hawat.

O Barão esfregou a papada.

— Bem, ele tem feito um severo recrutamento, é verdade. Seus agentes fazem promessas um tanto extravagantes e...

— Devemos considerar trinta mil baixas, em números redondos? — perguntou Hawat.

— Isso seria um pouco alto.

— Ao contrário. Posso ler nas entrelinhas dos relatórios de Rabban, tanto quanto você. E, certamente, deve ter entendido meu relatório quanto aos nossos agentes.

— Arrakis é um planeta hostil. Perdas causadas pelas tempestades podem ser...

— Ambos sabemos o cálculo para as tempestades — observou Hawat.

— E se perdemos trinta mil, que

tem isso? — indagou o Barão, o rosto muito vermelho.

— Segundo sua própria contagem — explicou Hawat — ele matou quinze mil durante dois anos, enquanto perdia duas vezes esse número de homens. Você diz que os Sardaukar se encarregaram de eliminar outros vinte mil, possivelmente alguns mais. E eu vi suas relações de transporte, quando voltaram de Arrakis. Se eles mataram vinte mil, suas perdas foram de quase cinco para um. Por que não considera esses números, Barão? E compreende o que eles significam?

O Barão respondeu de modo frio e cadenciado.

— Esse é o seu trabalho, Mentat. O que eles significam?

— Eu lhe dei a contagem, cabeça

por cabeça, feita por Duncan Idaho no sietch que visitou. Tudo se encaixa. Se eles possuem apenas duzentas e cinqüenta dessas comunidades sietch, sua população deve ser em torno de cinco milhões. Na pior das hipóteses, creio que eles possuem duas vezes esse número de comunidades. Se você espalha essa população em tal planeta...

— Dez milhões?

A papada do Barão estremeceu de espanto.

— No mínimo.

O Barão comprimiu os lábios. Seus olhos de conta olhavam sem vacilar para Hawat. “Será isso uma verdadeira computação Mentat? Como é possível que ninguém suspeite?”

— Nós nem sequer reduzimos

expressivamente o crescimento de sua taxa de natalidade — continuou Hawat. — Tudo que fizemos foi podar os espécimes mais fracos, deixando os fortes para se tornarem mais fortes. Exatamente como em Salusa Secundus.

— Salusa Secundus! — gritou o Barão. — O que tem a ver isso com o planeta-prisão do Imperador?

— Um homem que sobrevive em Salusa Secundus começa a se tornar mais rijo que a maioria dos outros. Se adicionar o melhor treinamento militar...

— Tolice! Segundo seu próprio argumento, eu poderia recrutar homens entre os Fremen, depois do modo como eles foram oprimidos por meu sobrinho.

Hawat falou com voz branda.

— Não oprime as suas tropas?

— Bem... eu... mas...

— Opressão é algo relativo. Seus combatentes se encontram em melhor situação do que aqueles ao seu redor, não? Eles só terão alternativas desagradáveis, se não forem soldados do Barão, não é?

O Barão ficou em silêncio, os olhos no vazio. As possibilidades... teria Rabban, inconscientemente, fornecido à Casa Harkonnen a arma final?

Daí a pouco ele disse:

— Como poderia se certificar quanto à lealdade de tais recrutas?

Hawat explicou:

— Eu os colocaria em pequenos grupos, não maiores do que um pelotão. Eu os retiraria de sua condição opressiva, e os colocaria isolados, com um conjunto

de treinadores que compreenderiam a origem e o ambiente deles. De preferência pessoas vindas de uma idêntica situação de opressão. Então, eu introduziria neles a mística de que seu planeta era, na verdade, um campo de treinamento secreto, destinado a produzir seres superiores, como eles. E durante todo o tempo, eu lhes mostraria o que tais seres superiores poderiam ganhar: uma vida de riqueza, lindas mulheres, mansões elegantes... o que desejassem.

O Barão começou a acenar.

— O modo como os Sardaukar vivem em seus lares.

— Depois de algum tempo, os recrutas chegam a acreditar que um lugar como Salusa Secundus é justificado, porque os produziu: a elite. O mais

subalterno Sardaukar vive uma vida, em muitos aspectos, tão opulenta quanto qualquer membro de uma Grande Casa.

— Que idéia — sussurrou o Barão.

— Começa a compartilhar minhas suspeitas? — indagou Hawat.

— Mas onde começou tal coisa?

— Ah, sim: de onde se originou a Casa Corrino? Haveria pessoas em Salusa Secundus, antes que o Imperador enviasse para lá seus primeiros contingentes de prisioneiros? Mesmo o Duque Leto, um primo no lado feminino, nunca soube com certeza. Tais perguntas não são encorajadas.

Os olhos do Barão ficaram vidrados, enquanto ele pensava.

“Sim, um segredo mantido com

muito cuidado. Eles usaram de todos os artifícios para...”

— Além disso, o que haveria lá para esconder? Que o Imperador Padishah possui um planeta-prisão? Todo o mundo sabe disso. O que ele tem...

— Conde Fenring! — exclamou o Barão.

Hawat interrompeu sua explicação, olhando intrigado.

— O que tem o Conde Fenring?

— No aniversário de meu sobrinho, vários anos atrás, esse papagaio imperial, o Conde Fenring, veio como observador oficial e para... ah, concluir um acordo de negócios entre mim e o Imperador.

— Então?

— Eu... ah, durante uma de nossas

conversas, disse algo a respeito de transformar Arrakis num planeta-prisão. Fenring...

— O que disse, exatamente? — indagou Hawat.

— Exatamente? Isso foi há um bocado de tempo e...

— Meu senhor Barão, se deseja fazer o melhor uso possível de meus serviços, deve me dar as informações adequadas. Será que essa conversa não foi gravada?

O rosto do Barão corou de raiva.

— Você é tão ruim quanto Piter! Eu não gosto desses...

— Piter não está mais com o senhor. Quanto a isso, o que foi que aconteceu com Piter?

— Ele se tornou muito confiante,

muito exigente...

— Assegurou-me que não desperdiça um homem útil. Vai me desperdiçar com ameaças e jogos de palavras? Estávamos discutindo o que disse ao Conde Fenring.

Lentamente o Barão se recompôs. “Quando chegar a hora”, pensou ele, “vou me lembrar de seus modos para comigo. Sim, vou me lembrar!”

— Um momento — disse o Barão, e pensou no grande salão.

O ambiente ajudava-o a lembrar-se; visualizou o cone de silêncio em que haviam se colocado. — Eu disse alguma coisa mais ou menos assim: “O Imperador sabe que uma certa quantidade de mortos sempre constitui uma das necessidades do negócio. Estava me

referindo às perdas em nossa força de trabalho. Então... eu disse algo a respeito de ter considerado uma outra solução para o problema de Arrakis, e disse que o planeta-prisão do Imperador me inspirara a imitá-la.”

— Sangue de Bruxa! — retrucou Hawat. — O que disse Fenring?

— Foi aí que ele começou a fazer perguntas a seu respeito.

Hawat recostou-se no assento, fechou os olhos, pensando: “Então é por isso que eles começaram a vigiar Arrakis.” E disse:

— Bem, agora está feito. — Abriu os olhos. — Agora eles devem ter espiões por todo Arrakis. Dois anos!

— Mas, certamente que minha inocente sugestão de que...

— Nada é inocente aos olhos do Imperador! Quais foram suas instruções para Rabban?

— Apenas que ensinasse Arrakis a nos temer.

Hawat sacudiu a cabeça.

— Você tem agora duas alternativas, Barão. Pode matar todos os nativos, exterminá-los inteiramente Ou...

— Desperdiçar toda uma força de trabalho?

— Prefere que o Imperador e as Grandes Casas, que ele ainda pode reunir, venham realizar uma curetagem por aqui, saqueando Giedi Prime até deixá-la como uma fruta oca?

O Barão observou seu Mentat.

— Ele não se atreveria!

— Não?

Os lábios do Barão tremeram.

— Qual é a outra alternativa?

— Abandonar seu querido sobrinho Rabban.

— Aband... — O Barão não terminou a palavra, olhando para Hawat.

— Não lhe mande mais tropas, nem ajuda de qualquer tipo. Não responda a suas mensagens, a não ser para dizer-lhe que ouviu falar do modo terrível como está cuidando dos negócios em Arrakis, e que pretende tomar medidas corretivas assim que for capaz. Providenciarei para que algumas dessas mensagens sejam interceptadas por espiões imperiais.

— Mas... e a especiaria, e os rendimentos, o...

— Exija seus lucros como Barão,

mas seja cuidadoso em como faz as exigências. Exija somas fixas de Rabban. Nós podemos...

O Barão voltou as mãos com as palmas para cima.

— Mas como posso ter certeza de que meu sobrinho mexeriqueiro não vai...

— Nós ainda temos nossos espiões em Arrakis. Diga a Rabban que ou ele consegue as cotas de especiaria que estipula, ou será substituído.

— Eu conheço meu sobrinho. Isso só o faria oprimir a população ainda mais.

— E claro que ele fará isso! — retrucou Hawat. — Você não quer que isso pare agora! Apenas deseja ter suas mãos limpas. Deixe Rabban criar o seu Salusa Secundus para você. Não há nem mesmo necessidade de lhe enviar

prisioneiros. Ele já tem toda a população necessária. Se Rabban está obrigando sua gente a produzir suas cotas de especiaria, então o Imperador não precisa suspeitar de nenhum outro motivo. Existem razões suficientes para torturar aquele planeta. E você, Barão, não demonstrará com palavras ou ações que existe alguma outra razão para isso.

O Barão não pôde evitar um tom matreiro de admiração em sua voz.

— Ah, Hawat, você é de fato maquiavélico. Mas, agora, como nos moveremos em Arrakis, fazendo uso do que Rabban prepara?

— Esta é a coisa mais simples de todas, Barão. Se a cada ano estipular uma cota um pouquinho mais alta do que a do ano anterior, as coisas logo chegarão a um

extremo por lá, e a produção cairá. Poderá então remover Rabban, e assumir em pessoa... para corrigir o estrago.

— Faz sentido — respondeu o Barão. — Mas posso me sentir cansado de tudo isso. Estou preparando uma outra pessoa para tomar conta de Arrakis para mim.

Hawat observou o rosto gordo à sua frente. Lentamente, o velho soldado-espião começou a acenar com a cabeça.

— Feyd-Rautha disse ele. — Então esse é o motivo para a opressão agora. Também é maquiavélico, Barão. Talvez possamos incorporar esses dois planos. Sim, seu Feyd-Rautha pode ir para Arrakis como salvador. Ele pode conquistar a população. De fato.

O Barão sorriu. E, por trás de seu

sorriso, perguntou a si mesmo: “Agora, como isso se encaixa no esquema pessoal de Hawat?”

E Hawat, percebendo que estava dispensado, levantou-se, deixando a sala de paredes vermelhas. Enquanto caminhava, não podia esquecer os perturbadores fatores desconhecidos que se infiltravam em toda computação a respeito de Arrakis. Esse novo líder religioso a que Gurney Halleck aludira, de seu esconderijo entre os contrabandistas, esse Muad'Dib.

“Talvez não devesse ter aconselhado o Barão a deixar que essa religião floresça onde quiser, mesmo entre os povos das pias e panelas”, pensou ele. “Mas é bem conhecido que a repressão faz com que as religiões

ganhem força.”

E pensou também nos relatórios de Halleck quanto às táticas de batalha dos Fremen. As táticas mostravam indícios do próprio Halleck... de Idaho... até mesmo das estratégias de Hawat.

“E se Idaho sobreviveu?”

Essa era uma pergunta tola. Não indagara a si mesmo se Paul teria sobrevivido. Sabia que o Barão estava convencido de que todos os Atreides estavam mortos. A bruxa Bene Gesserit fora sua arma, o Barão admitira. E isso só podia significar um fim para tudo... até mesmo para o filho da mulher.

“Que ódio venenoso ela devia ter nutrido pelos Atreides. Alguma coisa como o ódio que eu sinto por esse Barão. Será que meu golpe será tão completo e

derradeiro quanto o dela?”

Existe, em todas as coisas, um padrão que é parte do nosso universo. Ele tem simetria, elegância e graça... aquelas qualidades que se podem encontrar nas criações do verdadeiro artista. Pode-se encontrá-las também no passar das estações, no modo como a areia se dispõe ao longo de uma crista, nos aglomerados de ramos do creosoto ou no padrão de suas folhas. Tentamos copiar esses padrões em nossas vidas e em nossa sociedade, buscando os ritmos, as danças e as forças que confortam. No entanto, é possível ver o perigo em encontrar a perfeição derradeira. É evidente que a derradeira perfeição contém sua própria rigidez. Em tal perfeição, todas as coisas se movem em direção à morte.

— de *As Citações Reunidas do Muad'Dib*,
escrito pela Princesa Irulan

Paul Muad'Dib relembra-se de que houvera uma refeição carregada com essência de especiaria. Agarrava-se a essa memória porque constituía um ponto de apoio através do qual ele podia reconhecer que suas experiências mais recentes deviam ter sido um sonho.

“Estou num teatro de processos”, disse para si mesmo. “Sou uma presa da visão imperfeita, da consciência racial e seu terrível propósito.” Não podia escapar ao medo de que de algum modo havia ultrapassado a si próprio, perdendo sua posição no tempo, de maneira que o passado, o futuro e o presente se confundiam sem distinção. Era um tipo de fadiga visual, produzida, ele o sabia,

por sua constante necessidade de manter o futuro presente como um tipo de memória, algo intrinsecamente associado ao passado.

“Chani preparou a refeição para mim”, lembrou-se ele.

E, no entanto, Chani estava muito longe, no Sul, nas terras frias onde o sol era quente, escondida numa das novas fortalezas sietch, segura, com seu filho Leto II.

Ou seria isso uma coisa que ainda iria acontecer?

Não, ele procurou tranquilizar-se, Alia, a Singular, sua irmã, fora com sua mãe e com Chani, numa viagem de vinte tumperes para o Sul, cavalgando num palanquim de Reverenda Madre, fixo nas costas de um Produtor Selvagem.

Contraía-se ante o pensamento de cavalgar um dos gigantescos vermes, indagando a si mesmo: “Ou será que Alia ainda vai nascer?”

“Eu estava numa razia”, lembrava-se. “Nós atacamos para recuperar a água dos nossos mortos em Arrakeen. E encontrei os restos de meu pai na pira funerária. E coloquei seu crânio num relicário, sobre uma montanha de rocha Fremem, acima do Passo de Harg.”

Ou seria isso uma coisa ainda por acontecer?

“Meus ferimentos são reais”, disse para si mesmo. “Minhas cicatrizes são reais. O santuário do crânio de meu pai é real.”

Ainda em seu estado de sonho, Paul se lembrava de que Harah, a esposa

de Jamis, viera incomodá-lo uma vez, para dizer que houvera uma luta no corredor do sietch. Isso fora no sietch provisório, antes que as mulheres e as crianças fossem mandadas para o Sul. Harah ficara na entrada da câmara interna, as asas negras de seus cabelos presas atrás por anéis de água em uma corrente. Ela ficara ao lado das cortinas da câmara, e lhe dissera que Chani acabara de matar alguém.

“Isso aconteceu. Isso foi real, não nascido fora do seu tempo e sujeito a mudança.”

Lembrou-se de que correria para fora encontrando Chani em pé, debaixo dos globos amarelos do corredor, vestida num brilhante roupão azul, com o capuz caído para trás, um rubor de esforço em

suas feições de fada. Estava embainhando sua faca cristalina.

Um grupo se afastava ao longo do corredor, levando um fardo.

E Paul lembrou-se de ter pensado: “Sempre se conhece quando eles estão carregando um corpo.”

Os anéis de água de Chani, que ela usava em uma corda ao redor do pescoço, tilintaram enquanto ela se voltava para ele.

— Chani, o que foi isso? — indagara ele.

— Eu despachei um sujeito que veio desafiá-lo em combate singular, Usul.

— Você o matou?

— Sim, mas talvez devesse tê-lo deixado para Harah.

(E Paul se lembrava de como os

rostos das pessoas ao redor haviam demonstrado aprovar essas palavras. Até mesmo Harah sorria.)

— Mas ele veio para me desafiar!

— Você me treinou no modo sobrenatural, Usul.

— Certamente! Mas você não devia...

— Eu nasci no deserto, Usul. Sei usar uma faca cristalina.

Ele suprimiu sua irritação, tentando falar de modo sensato.

— Isso pode ser verdadeiro, Chani, mas...

— Não sou mais uma criança caçando escorpiões no sietch à luz de um globo manual, Usul. Eu não brinco mais.

Paul olhou enérgico para ela, surpreendido pela violência oculta em

seus modos espontâneos.

— Ele não valia a pena, Usul — disse Chani. — Eu não perturbaria suas meditações com gente como ele. — Ela se aproximou, olhando-o com o canto dos olhos, abaixando a voz, para que somente ele pudesse ouvir:

— E... querido, quando se espalhar que um desafiante pode ter de me enfrentar, e ser levado a uma morte vergonhosa pela mulher do Muad'Dib, haverá poucos desafiantes.

“Sim, isso havia acontecido com certeza. Era passado verdadeiro. E o número de desafiantes, testando a nova lâmina do Muad'Dib, caíra, de fato, dramaticamente.”

Em algum lugar, num mundo que não pertencia ao sonho, houve um sinal

de movimento, o grito de um pássaro noturno.

“Eu sonhei”, reconheceu ele. “Foi a refeição de especiaria.”

Ainda assim, sentia uma sensação de abandono. Imaginou se não seria possível que o seu espírito-ruh houvesse escorregado de algum modo para o mundo onde os Fremen acreditavam que ele tinha sua verdadeira existência: para o *alam al-mithal*, o mundo das similitudes, o reino metafísico onde todas as limitações físicas eram removidas. E ele conhecia o medo ao pensar em tal lugar, porque a remoção de todas as limitações físicas significava a remoção de todos os pontos de referência. No cenário de um mito, ele não poderia se orientar e dizer: “Eu sou quem sou, porque estou aqui.”

Sua mãe lhe dissera uma vez: “As pessoas estão divididas; algumas delas quanto ao modo de pensarem a seu próprio respeito.”

“Devo estar acordando de um sonho”, disse para si mesmo.

Pois isso havia acontecido: essas palavras de sua mãe, Lady Jessica, que era agora à Reverenda Madre dos Fremen. Essas palavras haviam passado para a realidade.

Jessica encontrava-se temerosa do relacionamento religioso entre ele e os Fremen, Paul sabia. Ela não gostava do fato de que pessoas dos sietch e dos vilarejos nas fendas se referissem ao Muad'Dib como Ele. E lá ia ela, questionando entre as tribos, mandando suas Sayyadinas espiãs, coletando suas

respostas e meditando sobre elas.

Ela citara um provérbio Bene Gesserit para ele : “Quando a política e a religião viajam no mesmo carro, os ocupantes acreditam que nada pode ficar em seu caminho. Seu movimento se torna um avanço de cabeça, cada vez mais rápido, mais rápido. Eles colocam de lado todo pensamento quanto aos obstáculos, e se esquecem de que um precipício não se revela para um homem em corrida cega, a não ser quando já é tarde demais.”

Paul lembrava-se de ter se sentado com sua mãe no quarto dela, na câmara interna cercada por cortinas escuras, com as superfícies cobertas por desenhos bordados da mitologia Fremen. Ele ficara lá sentado, ouvindo-a e notando o modo como ela era sempre observadora, mesmo

quando os olhos aparentemente se voltavam para o chão. Seu rosto oval tinha novas linhas nos cantos da boca, mas o cabelo ainda parecia de bronze polido. Os olhos verdes espaçados já se ocultavam embaixo de uma cobertura de azul induzido pela especiaria.

— Os Fremen possuem uma religião simples e prática — dissera ele.

— Nada a respeito de religião é simples — ela advertira.

Paul, entretanto, vendo o futuro nebuloso que ainda se erguia diante deles, encontrou-se agitado pela raiva. Só pôde dizer:

— A religião unifica nossas forças. É a nossa mística.

— Você cultiva deliberadamente esse ar de bravura — acusara ela. —

Nunca pára de doutrinar.

— Assim você me ensinou.

Mas ela estivera cheia de alegações e argumentos naquele dia.

Fora o dia da cerimônia de circuncisão para o pequeno Leto. Paul entendera algumas das razões para seu desgosto. Ela nunca aceitara sua ligação, “o casamento dos jovens”, com Chani. Mas Chani dera-lhe um filho Atreides, e Jessica se descobrira incapaz de rejeitar a criança com sua mãe.

Ela se remexeu finalmente ante seu olhar e disse:

— Você me acha uma mãe desnaturada.

— É claro que não.

— Eu vejo o modo como me observa quando estou com sua irmã.

Você não entende sua irmã.

— Eu sei por que Alia é diferente. Ela não havia nascido ainda, era parte de você, quando mudou a Água da Vida. Ela...

— Você não sabe nada a esse respeito!

Paul, subitamente incapaz de exprimir o conhecimento obtido de seu tempo, dissera apenas:

— Não acho que você seja desnaturada.

Ela notou sua angústia e disse:

— Há uma coisa, filho.

— Sim?

— Eu tenho de amar a sua Chani.

Eu a aceito!

Isso fora real, disse ele para si mesmo. Não era uma visão imperfeita, a

ser modificada pelas torções saídas da origem do tempo.

A nova confiança deu-lhe um novo apoio sobre seu mundo.

Trechos de sólida realidade começaram a mergulhar através do estado de sonho, para dentro de sua consciência. Soube, de repente, que se encontrava num hierég, um campo do deserto. Chani plantara sua tenda destiladora num chão de areia, por causa de sua maciez. Isso só poderia significar que Chani estava por perto — Chani sua alma, Chani sua sihaya, doce como a fonte do deserto. Chani das palmeiras do sul distante.

Agora lembrava-se de tê-la ouvido cantando um cântico da areia para ele, na hora de dormir.

*“Ó minha alma,
Que não se inclina para o
Paraíso esta noite, juro pelo Shai-hulud
Você irá até lá,
Obediente ao meu amor.”*

E ela cantara as canções dos amantes, compartilhadas na areia, seu ritmo como o arrastar das dunas sob seus pés.

*“Diga-me dos seus olhos
E eu lhe direi do seu coração
Diga-me dos seus pés
E eu lhe direi de suas mãos
Diga-me do seu sono
E eu lhe direi do seu despertar
Diga-me dos seus desejos
E eu lhe direi das suas necessidades.”*

Ouvira alguém tocando um baliset em outra tenda, e pensara em Gurney Halleck. Lembrado pelo instrumento familiar, ele pensara em Gurney, cujo rosto vira no meio de um bando de contrabandistas, mas que não o vira, não poderia vê-lo, ou saber a seu respeito, para não levar, inadvertidamente, os Harkonnen até o filho do Duque que haviam assassinado. Mas o estilo do tocador naquela noite, sua distinção com os dedos nas cordas do baliset, trouxe o verdadeiro músico de volta para a memória de Paul.

Agora era Chatt, o Saltador, capitão dos Fedaykin, líder dos comandos da morte que guardavam o Muad'Dib.

“Estamos no deserto”, Paul

recordou. “Estamos no erg central, além das patrulhas Harkonnen. Estou aqui para caminhar na areia, para atrair um produtor e nele montar com minha própria astúcia, para poder ser um completo Fremen.”

Sentia agora a pistola maula em seu cinturão, a faca cristalina.

Sentia o silêncio a envolvê-lo.

Tratava-se daquele silêncio especial que precede a manhã, quando os pássaros noturnos já se foram e as criaturas do dia ainda não assinalaram seu despertar para o inimigo, o sol.

— Você deverá caminhar na areia, à luz do dia, para que Shai-hulud o veja, e saiba que não tem medo — dissera Stilgar. — Assim, nós revertemos nosso tempo e dormimos esta noite.

Silenciosamente, Paul se sentou, sentindo a frouxidão de um traje-destilador solto em torno de seu corpo, a tenda na penumbra, adiante. Ele se movia suavemente, e no entanto Chani percebeu.

Ela falou na escuridão da tenda, outra sombra lá dentro: Ainda não amanheceu completamente, meu amado.

— Sihaya — disse ele, falando com a alegria em sua voz.

— Você me chama de sua fonte no deserto. Mas neste dia eu sou sua observadora. A Sayyadina que vigia para que os ritos sejam obedecidos.

Ele começou a ajustar o traje-destilador.

— Você me disse certa vez as palavras do Kitab al-lbar — respondeu ele. — Você me disse: “A mulher é o teu

campo; vá então para o teu campo e comece a cultivá-lo.”

— E eu sou a mãe do teu primeiro filho — concordou ela.

Ele a via na penumbra, acompanhando-o movimento por movimento, ajustando seu próprio traje-destilador para o deserto.

— Devia aproveitar todo o repouso de que dispõe — aconselhou ela.

Reconhecendo o amor que ela sentia por ele ao falar assim, Paul repreendeu-a gentilmente.

— A Sayyadina da Vigília não aconselha, nem avisa, o candidato.

Chani veio ficar ao seu lado, tocando-lhe o rosto com a palma da mão.

— Hoje eu sou as duas coisas: a observadora e a mulher.

— Devia ter deixado essa tarefa para outra.

— Esperar é muito pior. Eu preferi estar ao seu lado.

Ele beijou-lhe a palma da mão, antes de prender a cobertura do rosto em seu traje, depois virou-se e abriu o selo da tenda. O ar que penetrou trouxe um frio não inteiramente seco, que se precipitaria como traços de orvalho na madrugada. Com ele veio o cheiro da massa pré-especiaria, a massa que havia detectado na direção nordeste, revelando que haveria um produtor nas imediações.

Paul arrastou-se através da abertura esfínter, ficou de pé sobre a areia e esticou os músculos para afugentar o sono. Uma fraca luminescência verde-pérola esboçava o horizonte leste; as

tendas de sua tropa pareciam pequenas dunas falsas a cercá-lo na penumbra. Notou um movimento à esquerda: era o guarda, e percebeu que fora visto.

Todos sabiam o perigo que ele enfrentava nesse dia. Todo Fremen já o enfrentara. Permitiram-lhe seus últimos momentos de isolamento agora, para que pudesse se preparar.

“Deve ser feito hoje”, repetiu para si mesmo.

Pensou no poder que exercia em face do pogrom. Nos velhos que mandavam seus filhos para que ele os treinasse no modo “sobrenatural” de batalha; nos velhos que o ouviam agora em conselho, e seguiam seus planos; nos homens que retornavam para lhe transmitir o mais alto cumprimento

Fremen :

— Seu plano funcionou,
Muad'Dib.

E, no entanto, o menor e o mais desprezível dos guerreiros Fremen podia fazer uma coisa que ele nunca fizera. Paul tinha consciência de que sua liderança sofria com o conhecimento onipresente dessa diferença entre eles.

Ele ainda não cavalgara um produtor.

Oh! ele fora com os outros em ataques e viagens de treinamento, mas ainda não fizera sua própria viagem. Até que o fizesse, seu mundo estava restrito pelas habilidades dos outros, e nenhum Fremen verdadeiro poderia permitir isso. Até que fizesse isso sozinho, até mesmo as grandes terras do sul, a área a vinte

tumperes além do erg, lhe seria negada, a menos que ordenasse um palanquim e viajasse como uma Reverenda Madre, ou um dos feridos ou doentes.

A memória de sua luta contra a visão interna, durante a noite, retornou. Via um estranho paralelo aqui: se dominasse o produtor, seu comando sobre os homens se fortaleceria. Se dominasse seu olho interior, teria sua própria noção de como comandar. Mas, além de ambos, estendia-se a área enevoada, A Grande Agitação, onde o universo inteiro parecia enredado.

A diferença nos modos como compreendia o Universo o assombrava: precisão igualada a imprecisão. Podia vê-la in Bitu. E no entanto, quando isso surgira, nascendo das pressões da

realidade, o agora tinha sua própria vida, e crescia com suas diferenças sutis.

O terrível propósito permanecia. A consciência racial permanecia.

E, acima de tudo, assomava o jihad, sangrento e selvagem.

Chani reuniu-se a ele do lado de fora, braços dobrados com as mãos nos cotovelos, olhando do canto dos olhos como ela costumava fazer quando queria observar seu estado de espírito.

— Fale-me de novo sobre as águas de sua terra natal, Usul — pediu ela.

Ele percebeu que estava tentando distraí-lo, aliviar sua mente das tensões antes do teste mortífero. Ficava cada vez mais claro, e alguns de seus Fedaykin já começavam a desarmar suas tendas.

— Eu preferiria que me contasse a

respeito do sietch e do nosso filho. Será que o nosso Leto já tem minha mãe em suas mãos?

— É Alia que ele segura muito bem. E está crescendo rapidamente. Vai ser um grande homem.

— Como é lá no Sul?

— Quando cavalgar o produtor verá por si mesmo.

— Mas eu preferiria ver primeiro através dos teus olhos.

— É tremendamente solitário.

Ele tocou o lenço nezhoni na testa dela, onde se projetava sob o capuz do traje. — Por que não fala a respeito do sietch?

— Eu já falei. O sietch é um lugar solitário, sem nossos homens. É um lugar de trabalho. Nós trabalhamos nas fábricas

e na sala de cerâmica. Existem armas para serem feitas, postes para implantar, de modo que possamos prever o tempo, especiaria a ser coletada para os subornos. Existem dunas para serem plantadas, de modo que cresçam e possam ser ancoradas. Existem panos e tapetes para fazer e células de combustível para serem recarregadas. E, por fim, há crianças para serem treinadas, de modo que a força da tribo nunca seja perdida.

— Não há nada agradável, então, no sietch?

— As crianças. Nós cumprimos os rituais. Temos comida suficiente. Algumas vezes uma de nós viaja para o Norte, para estar com seu homem. A vida deve continuar.

— Minha irmã Alia já é aceita pelo

povo?

Chani voltou-se para ele, na crescente luz do dia. Seus olhos a fitá-la diretamente agora. — Isto é uma coisa para ser discutida em outra ocasião, meu querido.

— Vamos discuti-la agora.

— Deve conservar suas energias para o teste.

Percebeu que tocara num ponto sensível, notando o retraimento em sua voz.

— O desconhecido traz suas próprias preocupações — disse ele.

Daí a pouco ela acenou:

— Ainda há um... mal-entendido por causa do desenvolvimento de Alia. As mulheres têm medo porque uma criança, pouco mais do que um bebê, já fala... de

coisas que só um adulto pode saber. Elas não compreendem a... mudança no ventre que fez Alia tão... diferente.

— Existe algum problema? — indagou ele, pensando ao mesmo tempo: “Tive visões a respeito de problemas com Alia.”

Chani olhou para a crescente linha da alvorada.

— Algumas das mulheres se reuniram para apelar ante a Reverenda Madre.

Elas exigiram que ela exorcizasse o demônio em sua filha. Elas citaram a escritura:

— “Que uma bruxa não viva entre nós.”

— E o que minha mãe disse para elas?

— Ela recitou a lei, e as mandou embora envergonhadas. Ela disse: — Se Alia cria problemas, é falha da autoridade que não previu nem preveniu o problema. E tentou explicar como a mudança atingira Alia dentro do ventre. Mas as mulheres estavam furiosas por terem sido embaraçadas. Foram embora resmungando.

“Haverá problemas por causa de Alia”, pensou ele.

Um sopro de areia cristalina tocou-lhe as partes expostas do rosto, trazendo o aroma da massa pré-especiaria. — El Sayal, a chuva de areia que traz a manhã — comentou.

Olhou na luz crepuscular para a paisagem do deserto, a paisagem que não conhecia clemência, a areia que era a

forma absorvida em si mesma. Um relâmpago serpenteou num canto escuro ao sul. Indício de que uma tempestade acumulara uma carga estática por lá. O trovão ribombou logo a seguir.

— A voz que embeleza a terra — murmurou Chani.

Mais homens saíam de suas tendas. Guardas chegavam do perímetro. Todas as coisas à sua volta moviam-se suavemente, dentro de rotinas ancestrais que não exigiam nenhuma ordem.

— Dê tão poucas ordens quanto possível — dissera-lhe seu pai... uma vez... há tanto tempo. — Uma vez que dê ordens sobre um determinado assunto, terá de repeti-las sempre.

Os Fremen conheciam essa regra instintivamente.

O mestre d'água da tropa começou o cântico da manhã, adicionando-lhe agora o chamado para o ritual de iniciação do cavaleiro da areia.

— O mundo é uma carcaça — cantou o homem, sua voz gemendo acima das dunas. — Quem pode fazer recuar o Anjo da Morte? O que Shai-hulud determinou é o que deve ser.

Paul ouvia, lembrando que eram as mesmas palavras que iniciavam o canto da morte dos seus Fedaykin, as palavras que os comandos suicidas recitavam ao se lançarem para a batalha.

“Haverá um santuário de pedra aqui, neste dia, para marcar a partida de outra alma?”, perguntou Paul a si mesmo. “Irão os Fremen passar por aqui, no futuro, para cada um adicionar outra

pedra, e pensar no Muad'Dib que morreu neste lugar?"

Sabia que isso se encontrava entre as alternativas do dia, um fato ao longo das linhas de futuro que se irradiavam de sua posição no tempo-espço. A visão imperfeita o importunava. Quanto mais resistia ao seu terrível propósito, quanto mais lutava contra a aproximação do jihad, maior a confusão lançada através de sua presciência. Todo o seu futuro tornava-se como um rio lançando-se em direção a um abismo. Um ponto violento além do qual tudo era coberto de nuvens e neblina.

— Stilgar se aproxima — avisou Chani. — Devo ficar afastada agora, meu amado. Agora devo ser a Sayyadina e observar os rituais, para que possam ser

relatados verdadeiramente nas Crônicas. — Olhou para ele, e por um breve instante sua reserva desapareceu, mas logo ela se controlou novamente.

— Quando tudo isso houver passado, deverei preparar sua refeição com minhas próprias mãos — disse ela, virando-se e afastando-se.

Stilgar aproximou-se andando sobre a areia farinhenta, remexendo pequenos montes de pó. Os nichos escuros de seus olhos permaneciam fixos em Paul, com seu olhar indômito. Um vislumbre da barba negra, acima da máscara do traje-destilador, as linhas na face áspera, que poderiam ter sido esculpidas pelo vento na rocha nativa.

O homem carregava a bandeira de Paul — bandeira verde e negra, com um

tubo de água no mastro — que já era uma lenda nessa terra.

Um pouco orgulhoso, Paul pensou: “Não posso fazer as coisas mais simples sem que se tornem lenda: eles irão notar como eu me despedi de Chani, como saudei Stilgar, cada movimento que fizer neste dia. Viva ou morra, será uma lenda. E eu não posso morrer. Senão será apenas lenda, e nada poderá parar o jihad.

Stilgar plantou o mastro na areia ao lado de Paul, deixando cair as mãos para os lados do corpo. Seus olhos de azul-dentro-de-azul permaneciam nivelados e atentos, fazendo com que Paul se lembrasse de como seus próprios olhos também já assumiam essa máscara de cor de especiaria.

— Eles nos negaram o Hajj —

disse Stilgar com solenidade ritual.

Como Chani lhe ensinara, Paul respondeu:

— Quem pode negar a um Fremen o direito de caminhar e cavalgar para onde ele deseja?

— Eu sou um Naib — disse Stilgar. — Nunca serei apanhado vivo. Sou uma perna do tripé da morte que destruirá nossos inimigos.

O silêncio estabeleceu-se entre os dois.

Paul olhou para os outros Fremen, dispersos sobre a areia, mais além de onde estava Stilgar; notou o modo como eles se postavam imóveis, para esse momento de preces pessoais. E pensou em como os Fremen eram um povo cuja vida consistia em matanças, todo um povo que vivera

com ódio e pesar em todos os seus dias, sem considerar, uma única vez, que algo poderia tomar o lugar desses sentimentos. Exceto no sonho que Liet-Kynes lhes incutira antes de morrer.

— Onde está o senhor que nos lidera através dos poços e das terras desertas? — indagou Stilgar.

— Ele está sempre conosco — entoaram os Fremen.

Stilgar caminhou para junto de Paul e disse baixinho:

— Agora, lembre-se do que lhe falei. Faça-o de modo simples e direto... nada de exhibições. Entre nosso povo, nós cavalgamos o produtor com a idade de doze anos. Você está com mais de seis anos além dessa idade, e não nasceu para esta vida. Não precisa impressionar

ninguém com sua coragem. Nós sabemos que é valente. Tudo que deve fazer é chamar o produtor e cavalgá-lo.

— Eu me lembrarei — respondeu Paul.

— Certifique-se de que sim. Não quero que envergonhe meu treinamento.

Stilgar tirou de sob o seu manto uma vara de plástico com um metro de comprimento. A vara tinha uma ponta em uma das extremidades, e um chocalho impulsionado por mola, na outra. Preparei este batedor pessoalmente. É muito bom. Leve-o.

Paul sentiu o plástico liso e morno enquanto aceitava o instrumento.

— Shishakli está com seus ganchos. Ele os entregará a você quando subir naquela duna lá embaixo. — Stilgar

apontou para a direita. — Chame um grande produtor, Usul! Mostre-nos o caminho.

Paul notou o tom na voz de Stilgar. Metade ritualístico e metade a voz de um amigo preocupado.

Naquele instante o sol pareceu saltar sobre o horizonte. O céu assumiu uma cor azul-cinza prateada, indicando que esse seria um dia de grande calor e seca, mesmo para os padrões de Arrakis.

— É hora do dia escaldante — disse Stilgar, sua voz agora inteiramente ritualística. — Vá, Usul, e cavalgue o produtor, viaje pela areia como um líder de homens!

Paul saudou sua bandeira, notando como a flâmula verde e negra pendia imóvel, agora que a brisa da aurora já

morrera.

Voltou-se na direção da duna que Stilgar indicara. Uma elevação cor de bronze sujo, com uma crista em forma de “S”. A maioria da tropa já começava a galgar a outra duna que protegia seu acampamento.

Uma figura envolta em mantos ainda permanecia no caminho de Paul: Shishakli, um líder de esquadrão dos Fedaykin, com apenas os olhos cobertos por espessas pálpebras visíveis entre o capuz do traje e a máscara.

Shishakli exibiu-lhe duas varas finas quando Paul se aproximou. Tinham um metro e meio de comprimento, com ganchos brilhantes de plasteel em uma das extremidades; a outra extremidade era dura, para permitir maior firmeza da mão.

Paul aceitou ambas com a mão esquerda, como estipulado pelo ritual.

— Estes são meus próprios ganchos — disse Shishakli com uma voz rouca. — Eles nunca me falharam.

Paul acenou com a cabeça, mantendo o exigido silêncio. Passou pelo homem e subiu a encosta da duna. Na crista ele olhou para trás, vendo a tropa se espalhar como um bando de insetos, seus mantos ondulando. Estava sozinho, agora, na crista arenosa, com apenas o horizonte à sua frente, o horizonte plano e imóvel.

Stilgar escolhera uma boa duna, mais alta que as demais, e com um bom ponto de observação.

Curvando-se para a frente, Paul enfiou o batedor profundamente na

encosta voltada para o vento, onde a areia se encontraria compactada e forneceria um alcance máximo de transmissão às batidas. Então hesitou, lembrando as lições, as exigências de vida ou morte que o enfrentavam. Quando tirasse o trinco, o batedor começaria seu chamado. Através da areia, um gigantesco verme, um produtor, ouviria o som e viria em sua direção. Com as duas varas-ganchos, finas como chicotes, ele poderia montar no dorso alto e curvo do produtor. Enquanto a extremidade dianteira do anel-segmento de um verme estivesse aberta pelo gancho, permitindo que a areia abrasiva penetrasse no seu tecido interior mais sensível, o animal não mergulharia abaixo da superfície. Ele iria rolar seu gigantesco corpo para colocar o

segmento aberto o mais distante possível da superfície arenosa.

“Eu sou um cavaleiro da areia”, disse para si mesmo.

Olhou para os ganchos em sua mão esquerda. Só tinha de mudar a posição daqueles ganchos ao longo da curva, no imenso dorso do produtor, para fazer a criatura rolar e virar, guiando-a para onde desejasse... Já vira isso ser feito. Haviam-no ajudado a subir nos lados de um verme para um curto passeio de treinamento. O verme, uma vez cativo, poderia ser cavalgado até que estivesse imóvel e exausto sobre a superfície do deserto, quando então um novo produtor seria chamado.

Uma vez que houvesse passado nesse teste, Paul sabia que estaria

qualificado para fazer a jornada de vinte tumperes até as terras do Sul. Para repousar e se recuperar lá onde as mulheres e suas famílias haviam sido protegidas do massacre, entre as novas palmeiras e sietches. Ergueu a cabeça olhando para o Sul, lembrando-se de que um produtor selvagem, atraído de dentro do erg, era um fator desconhecido; e que aquele que o invocava era também uma incógnita nesse teste.

— Você deve avaliar cuidadosamente o produtor que se aproxima — explicara Stilgar. — Deve ficar suficientemente próximo para que possa montá-la enquanto passa e, no entanto, não tão próximo a ponto de que ele o engula ao passar.

Em uma decisão repentina, Paul

soltou o trinco do batedor. O chocalho começou a girar e os chamados ecoaram através da areia.

Uma batida regular: Lamp... lamp... lamp... lamp.

Levantou-se esquadrinhando o horizonte, lembrando-se das palavras de Stilgar: — Avalie a linha de aproximação cuidadosamente. Lembre-se que um verme raramente se aproxima de um batedor sem ser visto. Mas ouça assim mesmo. Freqüentemente é possível ouvi-lo antes de vê-lo.

E as palavras de cautela de Chani, sussurradas à noite, quando o temor a dominara, enchiam agora sua consciência:

— Quando se posicionar ao longo da trilha de um produtor, você deve permanecer completamente imóvel. Deve

pensar em si mesmo como um trecho de areia. Esconda-se embaixo de seu manto, e torne-se uma pequena duna em sua própria essência.

Lentamente vasculhou o horizonte, ouvindo, observando, em busca dos sinais que lhe haviam sido ensinados.

Veio do sudeste. Um assovio distante, um sussurrar de areia. Daí a pouco, ele viu a silhueta distante do rastro do animal recortando-se contra a luz da aurora, e percebeu nunca ter visto antes um produtor tão grande, nunca ouvira falar de um daquele tamanho. Parecia ter mais de meia légua de comprimento, e a onda de areia sobre sua cabeça era como uma montanha se aproximando.

“Isto é algo que eu nunca vi; em

minha visão ou em minha vida”, acautelou-se Paul. Correu na direção do caminho percorrido pelo animal para tomar posição, apanhado inteiramente pelas rápidas exigências do momento.

“Controlem a cunhagem e as cortes — deixem que a ralé tenha o resto. “ Assim aconselha a vocês o Imperador Padishah. E ele lhes diz: “Se querem lucros, devem dominar.’ Há verdade nessas palavras, mas eu pergunto a mim mesmo: Quem é a ralé, e quem são os dominados?”

— *“Mensagem Secreta do Muad’Dib para a Landsraad”, de O Despertar de*

*Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

Um pensamento espontâneo penetrou na mente de Jessica: “Paul deve estar se submetendo ao teste de cavaleiro da areia a qualquer momento, agora. Eles tentam esconder de mim esse fato, mas ele é óbvio.”

“E Chani partiu em alguma missão misteriosa.”

Jessica encontrava-se sentada em sua câmara de repouso, aproveitando o momento de quietude entre as aulas noturnas. Era uma câmara agradável, mas não tão grande quanto a que possuía no Sietch Tabr antes de sua fuga do pogrom. Ainda assim, esse lugar tinha grossos

tapetes sobre o chão, colchões macios, uma mesa baixa de café bem à mão, cortinas multicoloridas sobre as paredes, e os suaves globos luminosos amarelos acima. O aposento estava impregnado por aquele odor acre, característico de um sietch dos Fremen, que Jessica agora associava a um sentimento de segurança.

Ao mesmo tempo, ela sabia que nunca superaria o sentimento de se encontrar num lugar estranho. Era a aspereza que os tapetes e cortinas tentavam esconder.

Um ruído fraco e tilintante penetrou na câmara de repouso. Jessica sabia que se tratava de uma celebração de nascimento, provavelmente de Subiay. Seu tempo estava próximo e Jessica tinha certeza de que logo veria o bebê: um

querubim de olhos azuis, trazido até a Reverenda Madre para sua bênção. Sabia também que sua filha Alia estaria presente à celebração, e iria relatá-la.

Ainda não era hora para a prece noturna da separação. Eles não teriam começado uma celebração de nascimento perto da hora da cerimônia que lembrava as incursões escravizadoras contra Pori-trin, Bela Tegeuse, Rossak e Harmonthep.

Jessica suspirou. Sabia que estava tentando manter seus pensamentos distantes de seu filho e dos perigos que ele enfrentava: os fossos-armadilhas com suas farpas envenenadas, os ataques dos Harkonnen (embora estes estivessem diminuindo, à medida que os Fremen recebiam sua quota de aeronaves e atacantes, com as novas armas que Paul

lhes fornecera). E havia os perigos naturais do deserto: produtores, a sede e os abismos de pó.

Pensou em pedir um café, mas com esse pensamento ocorreu-lhe notar, mais uma vez, o sempre presente paradoxo do modo de vida dos Fremen: como eles viviam bem nessas cavernas sietch em comparação com os pyons dos desfiladeiros graben; e, no entanto, eles suportavam muito mais durante uma hajr no deserto aberto. Mais do que qualquer servidor dos Harkonnen poderia suportar.

Uma mão escura saiu das cortinas ao seu lado, depositou uma xícara de café sobre a mesa e se retirou. Da xícara elevou-se o aroma do café com especiaria.

“Uma oferenda pela celebração do

nascimento”, pensou ela.

Provou o café, sorrindo para si mesma. “Em que outra sociedade do nosso universo uma pessoa de minha posição aceitaria uma oferta anônima de bebida, e tomaria essa bebida sem temor? Posso alterar qualquer veneno agora, antes que me faça mal, é claro, mas esta doadora não sabe.”

Esvaziou a xícara sentindo a energia e o vigor de seu conteúdo. Quente e delicioso.

E perguntou também a si mesma que outra sociedade teria tamanha consideração por sua privacidade e conforto, a ponto de uma pessoa vir trazer uma oferenda e se introduzir apenas o suficiente para depositar o presente sem incomodá-la? Respeito e

amor haviam enviado essa dádiva... com apenas um leve toque de medo.

Outra particularidade do episódio se revelou em sua consciência: ela desejara o café e ele aparecera. Não havia nada relacionado com telepatia aqui, ela sabia. Era o tau, a identidade da comunidade do sietch, uma compensação produzida pelo veneno sutil da dieta de especiaria que todos compartilhavam. Essa grande massa de gente jamais poderia esperar obter a iluminação que a especiaria lhe trouxera, eles não haviam sido treinados e preparados para isso. Suas mentes rejeitariam aquilo que não pudessem entender ou abarcar. Ainda assim, eles agiam e reagiam, algumas vezes, como se fossem um único organismo.

E o pensamento a respeito dessas

coincidências nunca penetrara em suas mentes.

“Terá Paul conseguido passar no teste da areia?”, indagou Jessica a si mesma. “Ele é capaz, mas um acidente pode atingir até os mais capazes.”

A espera.

“É a monotonia”, pensou ela. “Podemos esperar por algum tempo; e então a monotonia e a fadiga da espera nos dominam.”

E havia todo tipo de espera em suas vidas.

“Há mais de dois anos que estamos aqui. E duas vezes esse número deve passar, no mínimo, antes que possamos pensar em tentar arrancar Arrakis das mãos do governador Harkonnen, o Mudir Nahya, Rabban, a Besta.”

— Reverenda Madre!

A voz vinda do outro lado das cortinas que cobriam a porta era de Harah, a outra mulher no lar de Paul.

— Sim, Harah.

As cortinas se separaram, e Harah pareceu deslizar através delas. Ela usava sandálias de sietch e um sarongue verde e amarelo que expunha seus braços quase até os ombros. Seu cabelo negro encontrava-se repartido no meio e penteado para trás, como as asas de um inseto, chato e oleoso sobre a cabeça. As feições proeminentes, de rapina, formavam uma máscara de preocupação.

Atrás de Harah vinha Alia, a menina-criança de apenas dois anos.

Ao ver sua filha, Jessica impressionou-se, como acontecia

frequentemente com a semelhança que Alia apresentava com Paul, quando na mesma idade. A mesma solenidade nos olhos muito abertos, no olhar indagador, o cabelo escuro e a firmeza da boca.

Mas havia também diferenças sutis, e era nessas diferenças que residia a inquietação sentida pelos adultos na presença de Alia.

A criança, pouco mais do que um bebê, comportava-se com uma calma e uma compreensão além de sua idade. Os adultos ficavam chocados ao vê-la rir ante um sutil jogo de palavras entre pessoas de sexos opostos. Ou surpreendiam-se ouvindo sua voz, balbuciante ainda, dificultada por um palato mole e malformado, e descobriam em suas palavras observações maliciosas que só

poderiam basear-se em experiência que uma criança de dois anos jamais poderia ter tido.

Harah afundou num colchão com um suspiro de exasperação, olhando com uma expressão de censura para a criança.

— Alia — chamou Jessica.

A criança aproximou-se da mãe, sentando-se no colchão ao lado dela e segurando-lhe a mão. O contato da carne restaurou aquela consciência mútua que ambas compartilhavam desde antes do nascimento de Alia. Não era uma questão de pensamentos compartilhados, embora houvesse descargas desse tipo, se ambas se tocavam enquanto Jessica mudava o veneno de especiaria para uma cerimônia. Era alguma coisa maior, uma consciência imediata da centelha vital da outra, uma

coisa aguda e pungente, uma identidade nervosa que as tornava unidas emocionalmente.

De modo formal, como convinha ante uma integrante da família de seu filho, Jessica disse:

— Subakh ul kuhar, Harah. Esta noite a encontra bem?

Com a mesma formalidade ela respondeu:

— Subakh un nar. Eu estou bem.
— As palavras foram quase sem tonalidade. Novamente ela suspirou.

Jessica sentiu o divertimento de Alia.

— A ghanima de meu irmão está aborrecida comigo — disse Alia, em seu quase balbuciar.

Jessica notou o termo que ela usara

para referir-se a Harah: ghanima. Nas sutilezas do idioma Fremen, a palavra significava: “alguma coisa adquirida em combate”; e com um tom de pronúncia especial significaria alguma coisa não mais usada em seu propósito original: um ornamento, uma ponta de lança usada como peso para cortinas.

Harah olhou carrancuda para a criança:

— Não tente insultar-me, pirralha. Eu conheço meu lugar.

— O que você fez dessa vez, Alia?
— indagou Jessica.

Harah respondeu:

— Não somente ela se recusou a brincar com as outras crianças hoje, mas se intrometeu onde...

— Eu me escondi atrás das

cortinas e observei a criança de Subiay nascendo — disse Alia. — É um menino. Ele chorou, chorou e chorou. Que jogo de pulmões! Quando já havia chorado o suficiente...

— Ela saiu e o tocou — disse Harah. — E ele parou de chorar.

Todos sabem que um bebê Fremen deve esgotar seu choro ao nascer, se estiver num sietch, para que nunca chore de novo denunciando-nos numa hajr.

— Ele já chorara o suficiente — explicou Alia. — Eu só queria sentir sua centelha, sua vida. Isso é tudo. E, quando ele me sentiu, não quis chorar mais.

— Isso só provocou mais falatório entre as mulheres — disse Harah.

— A criança de Subiay é saudável? — indagou Jessica. Percebia que alguma

coisa estava perturbando profundamente Harah.

— Saudável como qualquer mãe possa desejar — respondeu Harah. — Elas sabem que Alia não o feriu. Elas não se importaram muito que ela o tocasse, ele se acalmou logo depois, e estava feliz. Foi... — Harah deu de ombros.

— É a estranheza de minha filha, não é? — indagou Jessica, e acrescentou: — É o modo como ela diz coisas além de seus anos, falando o que uma criança de sua idade não poderia conhecer. Coisas do passado.

— Como poderia ela saber como uma criança se parecia em Bela Tegeuse? — perguntou Harah com veemência.

— Mas ele parece — disse Alia. — O menino de Subiay parece exatamente

com o filho de Mitha, nascido antes da separação.

— Alia! — ralhou Jessica. — Eu lhe avisei.

— Mas, mãe, eu vi, era verdade e...

Jessica sacudiu a cabeça vendo os sinais de inquietação no rosto de Harah. “O que eu dei à luz?”, indagou a si mesma. “Uma filha que já conhecia ao nascer tudo que eu sabia., e mais: tudo que fora revelado a ela, através dos corredores do passado, pelas Reverendas Madres dentro de mim.”

— Não é apenas as coisas que ela diz — explicou Harah. — São os exercícios também: o modo como se senta e olha uma rocha, movendo apenas um músculo ao lado do nariz, ou um músculo no dorso de um dedo, ou...

— Isso faz parte do treino Bene Gesserit. Você sabe disso, Harah. Negaria à minha filha sua herança?

— Reverenda Madre, sabe que essas coisas não importam para mim. São as pessoas e o modo como murmuram. Sinto perigo nisso. Elas vêem sua filha como um demônio, as outras crianças se recusam a brincar com ela, que ela...

— Ela tem tão pouco em comum com as outras crianças. Ela não é demônio, é apenas...

— É claro que não é!

Jessica surpreendeu-se com a veemência no tom de Harah, e olhou para Alia. A criança parecia perdida em pensamentos, irradiando um senso de... espera. Jessica voltou sua atenção para Harah.

— Respeito o fato de que pertence à família de meu filho — disse ela. (Alia estremeceu de encontro à sua mão.) — Pode falar abertamente comigo sobre o que a perturba.

— Eu não pertencerei à casa de seu filho por muito tempo mais — respondeu Harah. — Esperei esse tempo pelo bem de meus filhos, pelo treinamento especial que eles recebem, como crianças de Usul. É pouco, entretanto, o que posso dar a eles, desde que é conhecido que não partilho o leito de seu filho..

Novamente Alia se remexeu ao lado dela, meio adormecida, morna.

— Você tem sido uma boa companheira para meu filho, no entanto — disse. E acrescentou para si mesma, já

que tais pensamentos a acompanhavam sempre: “Companheira... não esposa.”

Concentrou-se diretamente no centro da mágoa que surgira dos falatórios, comuns no sietch, de que o relacionamento de seu filho com Chani já se tornara algo permanente, um casamento.

“Eu amo Chani”, pensou ela, mas lembrava-se de que o amor teria de ser colocado de lado, ante as necessidades reais. Os casamentos, entre a realeza, obedeciam a outras razões que não o amor.

— Pensa que não sei o que planeja para seu filho? — indagou Harah.

— O que quer dizer?

— Você planeja unir as tribos sob o comando Dele — disse Harah.

— E isso é mau?

— Eu vejo perigo para ele... e Alia é parte desse perigo.

Alia se aconchegou junto da mãe, os olhos abertos agora, observando Harah.

— Observei vocês duas juntas — disse Harah. — O modo como se tocam. E Alia é como minha própria carne, porque ela é irmã daquele que é como meu irmão. Eu a vigiei e guardei, desde o tempo em que era uma recém-nascida, no tempo da razia, quando fugimos para cá. Já vi muitas coisas a respeito dela.

Jessica assentiu, sentindo o desassossego crescendo em Alia ao seu lado.

— Sabe o que eu quero dizer — continuou Harah. — O modo como ela

sabia, desde o princípio, o que dizíamos a respeito dela. Quando houve algum outro bebê que conhecesse a disciplina da água tão jovem? Que outro bebê diria suas primeiras palavras para sua pajem: “Eu te amo, Harah?”

Harah olhou para Alia.

— Por que pensa que aceito seus insultos? Eu sei que não há malícia neles.

Alia olhou para a mãe.

— Sim, tenho poderes de raciocínio, Reverenda Madre — prosseguiu Harah. — Eu poderia ser uma Sayyadina. Eu vi o que vi.

— Harah... — Jessica encolheu os ombros. — Não sei o que dizer. — Sentiu-se surpreendida consigo mesma, porque isso era literalmente verdadeiro.

Alia levantou-se, endireitou os

ombros. Jessica sentiu que o tempo de espera terminara, havia agora uma emoção composta de decisão e tristeza.

— Nós cometemos um erro — disse Alia. — Agora precisamos de Harah.

— Foi na cerimônia da semente — observou Harah. Você mudou a Água da Vida, Reverenda Madre, quando Alia ainda estava em seu interior.

“Precisamos de Harah?”, pensou Jessica.

— Quem mais pode falar entre as pessoas, e fazer com que me compreendam? — indagou Alia.

— O que você deseja que ela faça? — perguntou Jessica.

— Ela já sabe o que fazer — respondeu Alia.

— Eu direi a eles a verdade — disse Harah, seu rosto parecendo subitamente velho e triste, com a pele cor de oliva franzida em vincos, um feitiço nas feições severas. — Direi a eles que Alia apenas finge ser uma garotinha, mas ela nunca foi uma garotinha.

Alia sacudiu a cabeça, lágrimas escorrendo em sua face; e Jessica sentiu uma onda de tristeza vinda de sua filha, como se fosse sua própria emoção.

— Sei que sou uma monstruosidade — sussurrou Alia. Esta consideração adulta, vinda da boca de uma criança, era como uma amarga confirmação.

— Você não é uma monstruosidade! — retrucou Harah. — Quem se atreveu a dizer isso?

Mais uma vez Jessica admirou-se ante o violento tom protetor na voz de Harah, e percebeu que Alia julgara corretamente. Elas precisavam de Harah. A tribo a entenderia em suas palavras e emoções, pois era óbvio que ela amava Alia como se fosse sua própria filha.

— Quem disse isso? — repetiu Harah.

— Ninguém.

Alia usou a aba do manto da mãe para enxugar as lágrimas em seu rosto, depois alisou o tecido onde ficara úmido e amarrotado.

— Então não fale assim — ordenou Harah.

— Sim, Harah.

— Agora poderia me dizer como aconteceu, para que eu possa contar aos

outros. Diga-me o que foi que aconteceu com você.

A criança engoliu em seco e olhou para a mãe.

Jessica acenou afirmativamente.

— Um dia eu acordei — explicou Alia. — Foi como acordar de um sono, só que eu não podia me lembrar de ter ido dormir.

Eu me encontrava num lugar escuro e morno. E estava assustada.

Ouvindo o quase balbuciar de sua filha, Jessica sentia-se transportada de volta àquele dia na grande caverna.

— Quando me assustei — continuou Alia —, tentei escapar, mas não havia jeito. E então vi a centelha... só que não era exatamente como vê-la. A centelha estava lá, comigo, e eu sentia

suas emoções... acalmando-me, tranquilizando-me, falando para mim que tudo ia ficar bem. Aquilo era minha mãe.

Harah esfregou os olhos, sorrindo de modo tranquilizador para Alia. Contudo transparecia um brilho alucinado nos olhos da mulher Fremen, uma intensidade, como se eles também estivessem tentando ouvir as palavras de Alia.

Jessica pensou: “Que sabemos realmente sobre o modo como alguém assim pensa... partindo de suas experiências únicas, seu treinamento e sua herança ancestral?”

— Quando eu estava me sentindo segura e tranqüila — explicou Alia — surgiu outra centelha ao nosso lado... e tudo começou a acontecer de uma vez. A

outra chispa era a antiga Reverenda Madre. Ela estava... trocando vidas com minha mãe... tudo... e eu estava lá com elas, vendo tudo... tudo. E, quando acabou, eu era elas e todas as outras e eu mesma... só que levou algum tempo para me encontrar de novo... havia tantas outras...

— Foi uma coisa cruel — disse Jessica. — Nenhum ser deveria despertar para a consciência desse modo. O mais extraordinário é que tenha podido aceitar tudo que lhe aconteceu.

— Eu não podia fazer outra coisa. Eu não sabia como rejeitar, como esconder minha consciência... ou desligá-la... tudo apenas aconteceu... tudo...

— Nós não sabíamos — murmurou Harah — quando demos a

Água para sua mãe mudar, não sabíamos que você já existia dentro dela.

— Não fique triste por isso, Harah — aconselhou Alia. — Eu não devia me sentir triste também. Apesar de tudo, há um motivo para alegria aqui. Eu sou uma Reverenda Madre. A tribo tem duas Rev...

Ela interrompeu a frase, e inclinou a cabeça para ouvir.

Harah girou nos calcanhares, esbarrando na almofada, olhando para Alia e, então, voltando sua atenção para o rosto de Jessica.

— Você não suspeitava? — indagou Jessica.

— Psiu! — pediu Alia.

Um cântico ritmado e distante filtrava-se através das cortinas a separá-las dos corredores do sietch. Tornou-se mais

alto e distinto, os

sons nítidos agora: “Ya! Ya! Yawm!
Ya! Ya! Yawm! Mu zein, wallah! Ya! Ya!
Yawm! Mu zein, Wallah!”

Os cantadores passaram diante da porta externa, suas vozes ressoando através das câmaras internas do apartamento. Depois, lentamente o som recuou.

Quando já diminuía o suficiente, Jessica começou o ritual, a voz carregada de tristeza: — Era o Ramadhan; abril, em Bela Tegeuse.

— Minha família sentava-se no jardim, ao redor da piscina continuou Harah —, o ar carregado da umidade que se elevava do jorro de uma fonte. Havia uma árvore de portyguls, redonda e de cor viva, ao alcance da mão. Havia uma

cesta com mish mish e Baklawa, e copos de liban... todo o tipo de coisas boas para comer. Em nossos jardins e em nossas aglomerações existia paz... paz em toda a terra...

— A vida era cheia de felicidade, até que os caçadores vieram... prosseguiu Alia.

— O sangue correu frio ante os gritos de nossos amigos prosseguiu Jessica. Sentia as memórias fluindo através dela, brotando de todos aqueles outros passados que compartilhava.

— La, la, la, as mulheres choraram — cantou Harah.

— E os caçadores vieram através do mushtamal, correndo para nós com suas facas gotejando, vermelhas, com as vidas de nossos homens — disse Jessica.

Um silêncio caiu sobre as três, como estaria acontecendo em todos os apartamentos do sietch. Silêncio enquanto todos se lembravam, mantendo assim a dor sempre renovada.

Daí a pouco Harah pronunciou o término ritual da cerimônia, dando às palavras uma dureza que Jessica nunca ouvira antes.

— Nós nunca perdoaremos, nem nunca esqueceremos.

Na quietude meditativa que se seguia à cerimônia elas ouviram um murmúrio de pessoas, o sussurro de muitos mantos em movimento. Jessica notou que alguém se colocava diante das cortinas que isolavam seus aposentos.

— Reverenda Madre!

Era uma voz de mulher, que

Jessica reconheceu: a voz de Thartar, uma das esposas de Stilgar.

— Que foi, Thartar?

— Há problemas, Reverenda Madre.

Jessica sentiu um aperto no coração, um abrupto medo por Paul.

— Paul! — exclamou ela sem pensar.

Thartar abriu as cortinas, entrando na câmara. Jessica vislumbrou uma multidão se comprimindo no lado de fora, antes que as cortinas se fechassem. Olhou para Thartar: uma mulher escura e pequena, num roupão preto estampado com desenhos vermelhos, o azul total de seus olhos apontando fixamente para Jessica, as aberturas no nariz pequeno dilatando-se para revelar as cicatrizes dos

tampões.

— O que foi?

— Há notícias da areia — disse Thartar. — Usul encontrará o produtor para seu primeiro teste... é hoje. Os homens jovens dizem que ele não pode falhar, ele será um cavaleiro da areia ao cair da noite. Os jovens estão se agrupando para uma razia. Eles tencionam atacar ao norte, e encontrar-se com Usul lá. Eles vão emitir seu grito, então. Dizem que vão forçá-lo a desafiar Stilgar e assumir o comando de todas as tribos.

“Recolhendo água, plantando nas dunas, mudando seu mundo lentamente mas com segurança; isso não é mais suficiente”, pensou Jessica. “Os pequenos ataques, as incursões seguras, não bastam,

agora que Paul e eu mesma os treinamos. Eles sentem seu poder. Querem lutar.”

Thartar mudou o apoio do corpo de um pé para o outro, pigarreou.

“Conhecemos a necessidade de uma espera cautelosa, mas permanece o núcleo de nossa frustração. Sabemos o mal que uma espera muito prolongada pode nos causar: perderemos nosso senso de propósito, se a espera for muito prolongada.”

— Os jovens dizem que, se Usul não desafiar Stilgar, vai ter muito o que temer.

Thartar abaixou os olhos.

— Então é assim — murmurou Jessica. E pensou: “Bem, nós vimos esta situação se aproximar. Eu e Stilgar.”

Novamente Thartar pigarreou.

— Até mesmo meu irmão Shoab diz isso. Eles não deixarão escolha para Usul.

“Assim que chegou a hora! E Paul terá de cuidar disso sozinho.

A Reverenda Madre não deve se envolver na sucessão”, pensou Jessica.

Alia soltou a mão de sua mãe e disse:

— Vou com Thartar para ouvir os jovens. Talvez exista um caminho.

Jessica percebeu o olhar de Thartar, mas falou com Alia:

— Vá, então. E venha relatar-me assim que puder.

— Não queremos que isso aconteça, Reverenda Madre disse Thartar.

— Não queremos — concordou Jessica. — A tribo precisa de toda a sua

força. — Olhou para Harah. — Irá também com elas?

Harah respondeu à parte implícita da pergunta:

— Thartar não permitirá que façam mal a Alia. Ela sabe que logo seremos viúvas, juntas, ela e eu, para compartilhar o mesmo homem. Temos conversado a esse respeito.

Olhou para Thartar, depois de volta para Jessica.

— Temos um entendimento.

Thartar estendeu a mão para Alia:

— Devemos nos apressar. Os jovens já estão partindo.

Passaram pelas cortinas, a mão da criança na mão da pequena mulher. A criança parecendo liderar.

— Se Paul Muad'Dib matar

Stilgar, isso não servirá à tribo comentou Harah. — Sempre foi esse o modo de sucessão, mas os tempos mudaram.

— Os tempos mudaram para você também — respondeu Jessica.

— Não acredita que eu duvide do resultado dessa luta. Usul não pode evitar vencer.

— Foi isso que tencionei dizer.

— E acredita que meus sentimentos pessoais interferiram em meu julgamento — comentou Harah. Sacudiu a cabeça, os anéis de água tilintando em seu pescoço. — Como está enganada. Talvez pense também que lamento não ter sido a escolhida de Usul, que tenho ciúmes de Chani.

— Você fez sua própria escolha, quando pôde — respondeu Jessica.

— Eu tenho pena de Chani.

Jessica se empertigou:

— O que quer dizer?

— Eu sei o que pensa de Chani.

Pensa que ela não é a esposa adequada para seu filho.

Jessica relaxou o corpo sobre as almofadas. Encolheu os ombros.

— Talvez.

— Pode estar certa. E, se estiver, vai encontrar uma aliada surpreendente: a própria Chani. Ela quer o melhor para Ele.

Jessica engoliu em seco para eliminar um súbito aperto em sua garganta.

— Eu gosto muito de Chani. Ela pode não ser...

— Seus tapetes estão muito sujos

— comentou Harah, inesperadamente. Percorreu o piso com seu olhar, evitando fixar os olhos de Jessica.

— Tanta gente entrando aqui o tempo todo. Realmente devia limpá-los com mais freqüência.

Não se pode evitar o jogo político dentro de uma religião ortodoxa. Esta luta pelo poder permeia o treinamento, a educação e a disciplina de qualquer comunidade ortodoxa. Devido às suas pressões, os líderes de tal comunidade devem, inevitavelmente, enfrentar um derradeiro

dilema: ou sucumbirem ao completo oportunismo, como prego para manterem seu domínio, ou se arrastarem ao sacrificio próprio, pelo bem da ética ortodoxa.

— *de Muad'Dib: As Questões Religiosas, escrito pela Princesa Irulan*

Paul esperava na areia, ao lado da linha de aproximação do imenso produtor. “Não devo esperar como um contrabandista: impaciente e nervoso”, recordou-se. “Devo ser parte do deserto.”

A coisa se encontrava a apenas alguns minutos, agora, enchendo a manhã com o assovio que sua passagem provocava ao friccionar a areia. Os grandes dentes dentro da boca cavernosa

expandiam-se, como alguma imensa flor. O odor de especiaria dominava o ar.

O traje-destilador de Paul ajustava-se confortavelmente em seu corpo, e ele possuía apenas uma consciência distante dos tampões no nariz e da máscara respiradora. Os ensinamentos de Stilgar durante aquelas horas cansativas na areia apagavam tudo o mais.

— A que distância além do raio de um produtor você deve se colocar, sobre areia grossa? — perguntara Stilgar.

Ele respondera corretamente:

— Meio metro para cada metro de diâmetro do produtor.

— Por quê?

— Para evitar o vórtex de sua passagem, e ainda ter tempo de correr e montá-la.

— Já cavalgou os pequenos, criados para semear e produzir a “Água da Vida”. Mas o que vai invocar para seu teste será um produtor selvagem, um velho homem do deserto. Deve ter o respeito devido para com um desses.

Agora o tamborilar do batedor confundia-se com o assovio do verme que se aproximava. Paul respirou fundo, sentindo o odor mineral da areia até mesmo através de seus filtros. O produtor selvagem, o velho homem do deserto, erguia-se quase sobre ele. Seus segmentos dianteiros encrespados lançavam uma onda de areia que iria cobrir seus joelhos.

“Venha, seu monstro adorável”, pensou. “Suba, você ouviu meu chamado. Suba. Suba.”

A onda levantou seus pés, a poeira superficial arremessou-se sobre ele. Procurou se firmar, seu mundo agora dominado pela passagem daquela parede curva obscurecida pela areia, aquela colina segmentada, as linhas dos anéis nitidamente definidas.

Ergueu seus ganchos, apontando ao longo dos anéis, e inclinou-se para a frente. Sentiu quando prenderam e repuxaram. Saltou para cima, plantando seus pés contra aquela parede, inclinándose para trás, puxando contra as farpas dos ganchos. Esse era o instante da verdade em todo o teste: se houvesse plantado seus ganchos corretamente, na borda dianteira do segmento-anel, de modo a abri-lo, o verme não poderia rolar e esmagá-lo.

A criatura diminuiu a velocidade. Deslizou sobre o batedor, silenciando-o. Lentamente começou a rolar, para o alto, sempre para o alto, levando aquelas farpas irritantes para o mais alto que podia, longe da areia que ameaçava o macio interior imbricado de seu anel-segmento.

Paul se encontrou de pé no topo do verme. Sentiu-se exultante, como um imperador observando seu mundo. Suprimiu um súbito impulso para pular lá em cima, fazer o verme virar, mostrar o seu domínio sobre a criatura.

Subitamente compreendia por que Stilgar o avisara quanto aos jovens imprudentes, que dançavam e brincavam com esses monstros, dando cambalhotas sobre o dorso, removendo ambos os ganchos, para recolocá-los antes que o

verme pudesse derrubá-los.

Deixando um dos ganchos no lugar, Paul retirou o outro, e colocou-o em uma posição mais baixa, ao longo do lado. Quando esse segundo gancho se encontrava firme em posição, ele o testou, retirando então o primeiro e trazendo-o para mais baixo, descendo desse modo ao longo da circunferência. O produtor rolou, e ao rolar ele se voltou, vindo a circundar a extensão de areia fina onde os outros se encontravam esperando.

Paul os viu subir, usando seus ganchos para galgar o dorso do verme, mas evitando as bordas sensíveis dos anéis até se encontrarem no topo. Posicionaram-se, finalmente, em uma linha tripla atrás dele, firmes contra seus ganchos.

Stilgar avançou através das fileiras, verificou o posicionamento dos ganchos de Paul, depois olhou para o rosto sorridente do rapaz.

— Você conseguiu, hein? — disse, elevando a voz acima do assobio da passagem do verme. — Isso é o que pensa? Que conseguiu? — Ficou ereto. — Agora, deixe-me dizer-lhe que este foi um trabalho muito mal feito. Nós temos garotos de doze anos que fazem melhor. Havia areia-tambor à sua esquerda, enquanto esperava. Não teria podido recuar se o verme virasse naquela direção.

O sorriso desapareceu do rosto de Paul.

— Eu vi a areia-tambor.

— Então por que não sinalizou para que um de nós tomasse posição

secundária a você? Isso era algo que poderia fazer, mesmo no teste.

Paul engoliu em seco, voltando o rosto para o vento provocado pela velocidade com que avançavam.

— Acha que estou fazendo mal em dizer isso agora — comentou Stilgar. — É o meu dever. Penso em seu valor para a tropa. Se houvesse tropeçado naquela areia-tambor, o produtor teria se voltado sobre você.

A despeito de um impulso de raiva, Paul sabia que Stilgar falava a verdade. Levou um longo minuto, e todo um esforço do treinamento que recebera de sua mãe, para recuperar um sentimento de calma.

— Perdão. Não acontecerá de novo.

— Em uma posição difícil, sempre recorra a um secundário, alguém para pegar o produtor, caso não possa — aconselhou Stilgar. — Lembre-se de que trabalhamos em conjunto. Desse modo estamos garantidos. Trabalhamos em conjunto, certo?

Bateu no ombro de Paul.

— Trabalhamos em conjunto — concordou ele.

— Agora — disse Stilgar, ríspido. — Mostre-me que sabe como controlar um produtor. Em que lado estamos?

Paul observou a superfície escamada do anel, notando o tamanho e as características das escamas, o modo como cresciam maiores para a direita, menores para a esquerda. Cada verme, ele sabia, movia-se caracteristicamente com

um lado para cima, com mais freqüência. Quando iam envelhecendo, o lado “para cima” tornava-se uma constante, e as escamas debaixo ficavam maiores, mais pesadas, mais lisas. Escamas do topo podiam ser reconhecidas pelo tamanho, num grande verme.

Mudando a posição de seus ganchos, Paul moveu-se para a esquerda. Fez sinal para que os flaqueadores abrissem segmentos ao longo dos lados, mantendo o verme num curso retilíneo, enquanto rolava. Quando fez o animal virar-se, posicionou dois timoneiros adiante.

— Ach, haiii-yoh! — gritou, no chamado tradicional. O timoneiro da esquerda abriu um anel-segmento naquela posição.

Num majestoso círculo, o produtor voltou-se para proteger seu segmento aberto. Deu uma volta completa e, quando se encontrava apontado para o sul, Paul gritou: — Geyrat!

O timoneiro soltou o gancho. O produtor alinhou-se em novo curso retilíneo. Stilgar comentou:

— Muito bom, Paul Muad'Dib. Com bastante prática, você ainda pode se tornar um cavaleiro da areia.

Paul franziu a testa, pensando: “Não fui eu o primeiro a subir?”

Atrás dele cresceu uma súbita risada. A tropa começou a cantar, lançando seu nome contra o céu.

— Muad'Dib! Muad'Dib!
Muad'Dib! Muad'Dib!

E bem para trás, ao longo da superfície do verme, Paul ouviu a batida dos estimuladores golpeando os segmentos da cauda. O verme começou a ganhar velocidade. Seus mantos ondulavam ao vento, enquanto o som abrasivo da passagem do animal aumentava.

Paul olhou para trás, através da tropa, e descobriu o rosto de Chani entre eles. Olhou para clã enquanto falava para Stilgar.

— Então, Stil? Sou um cavaleiro da areia?

— Hal yawm! Você é um cavaleiro da areia, neste dia.

— Então posso escolher o nosso destino?

— Esta é a tradição.

— E sou um Fremen, nascido neste dia, aqui no erg Habbanya. Não tive outra vida antes deste dia. Eu era uma criança, até hoje.

— Não inteiramente uma criança — respondeu Stilgar, prendendo o canto do capuz que o vento açoitava.

— Mas havia uma rolha fechando o meu mundo, e essa rolha foi arrancada.

— Não há rolha.

— Quero ir para o Sul, Stilgar. Vinte tumperes. Quero ver essa terra que nós criamos, essa terra que até hoje só vi pelos olhos dos outros.

“E verei meu filho e minha família”, pensou ele. “Preciso de tempo agora para considerar o futuro que é passado dentro de minha mente. O tumulto se aproxima, e se eu não me

encontrar onde possa dominá-la, a coisa fugirá ao controle.”

Stilgar olhou para ele de modo fixo e avaliador. Paul continuou mantendo sua atenção em Chani, vendo o interesse aumentar no rosto dela, notando também a excitação que suas palavras haviam produzido na tropa.

— Os homens estão ávidos para atacar com você as pias dos Harkonnen — disse Stilgar. — As pias estão a apenas um tumper de distância.

— Os Fedaykin já incursionaram comigo. Eles atacarão comigo novamente, até que nenhum Harkonnen respire o ar de Arrakis.

Stilgar continuou a observá-lo enquanto cavalgavam, e Paul percebeu que o homem via esse momento através

da memória, do como ele se erguera a uma posição de comando no sietch Tabr, e à liderança do Conselho dos Líderes, agora que Liet-Kynes estava morto.

“Ele já ouviu os relatórios de agitação entre os Fremen”, pensou Paul.

— Deseja uma reunião de líderes?
— indagou Stilgar.

Olhos brilharam entre os jovens da tropa. Eles balançavam o corpo enquanto cavalgavam, sempre observando. E Paul notou também o olhar de inquietação em Chani, o modo como fitava alternadamente Stilgar, que era seu tio, e Paul Muad'Dib, que era seu companheiro.

— Você não imagina o que eu quero — respondeu Paul.

Pensou: “Não posso recuar. Devo manter o controle sobre esta gente.”

— Você é o mudir dos cavaleiros da areia, hoje — disse Stilgar, uma fria formalidade na voz. — Como vai usar esse poder?

“Precisamos de tempo para relaxar, tempo para uma fria reflexão”, pensava Paul.

— Nós iremos para o Sul.

Um senso de dignidade inevitável envolveu Stilgar enquanto ele puxava seu manto, apertando-o contra o corpo.

— Haverá uma Reunião. Eu mandarei as mensagens.

“Ele pensa que vou desafiá-lo”, compreendeu Paul. “E sabe que não pode me vencer.”

Olhou para o sul, sentindo o vento contra as maçãs do rosto, pensando nas exigências que forçavam suas decisões.

“Eles não sabem como é isso”, pensou.

Mas sabia que não podia permitir que nenhuma ponderação o desviasse. Precisava permanecer na linha central da tempestade de tempo, que podia ver no futuro. Havia um instante em que ela poderia ser desfeita, mas apenas se ele estivesse no lugar de onde pudesse cortar o nó central.

“Não vou desafiá-lo, se isso puder ser evitado”, concluiu. “Se houver algum outro modo de evitar o jihad...”

— Vamos acampar para a refeição noturna, e a prece, na Caverna dos Pássaros, embaixo da cordilheira Habbanya — disse Stilgar. Firmou-se com um dos ganchos contra o ondular do produtor, e com a outra mão apontou

para uma barreira baixa de rochas erguendo-se do deserto.

Paul estudou a elevação, as grandes riscas de rocha cruzando-a como ondas. Nenhum verde, nenhuma florescência suavizava aquele horizonte rígido. E além estendia-se o caminho para o deserto austral, uma viagem de pelo menos dez dias e noites, incitando os produtores o mais rápido que pudessem.

Vinte tumperes.

O caminho conduzia para bem longe do alcance das patrulhas Harkonnen, e ele sabia como seria, os sonhos haviam mostrado.

Um dia, enquanto avançassem haveria uma fraca mudança de cor no horizonte, uma mudança tão ligeira que poderia pensar que a imaginara a partir de

suas esperanças. E então haveria um novo sietch.

— A minha decisão convém ao Muad'Dib? — indagou Stilgar.

Somente o mais leve tom de sarcasmo marcava sua voz; mas os ouvidos dos Fremen em volta, capazes de distinguir cada tonalidade no canto de um pássaro ou na mensagem de um cielago, notaram claramente esse sarcasmo, e todos observaram Paul, para ver o que ele faria.

— Stilgar me ouviu jurar minha lealdade a ele quando consagramos os Fedaykin — disse Paul. — Meus comandos da morte sabem que eu falo com honra. Será que Stilgar duvida disso?

Uma verdadeira mágoa revelara-se na voz de Paul, e Stilgar abaixou a cabeça.

— Usul, o companheiro de meu sietch, dele eu nunca duvido disse ele. — Mas você também é Paul Muad'Dib, o Duque Atreides, e Lisan al-Gaib, a Voz do Mundo Exterior. Esses homens eu não conheço.

Paul voltou-se para observar a cordilheira Habbanya emergir do deserto. O produtor embaixo deles ainda parecia forte e disposto, poderia carregá-los através do dobro da distância percorrida por qualquer outro conhecido pelos Fremen, Sabia disso, não havia nada nas histórias contadas para as crianças que igualasse esse velho homem do deserto. Era a matéria bruta para uma nova lenda, percebeu Paul.

Uma mão segurou o seu ombro.

Olhou-a, seguindo o braço até o

rosto acima, com os olhos negros de Stilgar expostos entre a máscara-filtro e o capuz.

— O homem que liderava o sietch Tabr antes de mim — disse ele — era meu amigo. Nós enfrentamos perigos juntos. Ele devia a mim sua vida, várias vezes... e eu lhe devia a minha.

— Eu sou seu amigo, Stilgar.

— Ninguém duvida disso — disse. Removeu a mão e encolheu os ombros. — É o modo como deve ser...

Paul percebia que Stilgar, encontrando-se por demais mergulhado no modo de vida dos Fremen, não considerava a possibilidade de algum outro curso para as coisas. Aqui um líder tornava o controle das mãos mortas de seu predecessor, ou enfrentava

mortalmente os homens mais fortes de sua tribo, se um líder morresse no deserto. Foi desse modo que Stilgar chegara a ser um naib.

— Devemos deixar este produtor em areia profunda — disse Paul.

— Sim — concordou Stilgar. — Caminharemos até a caverna a partir daqui.

— Já o cavalgamos bastante. Ele vai se enterrar e ficar amuado, por um dia ou dois.

— Você é o mudir dos cavaleiros da areia — lembrou Stilgar. — Diga quando nós...

Interrompeu-se no meio da frase, olhando para o céu do leste.

Paul girou o corpo. A cobertura azul da especiaria em seus olhos fazia

com que o céu aparecesse escuro, um azul-celeste fortemente filtrado contra o qual o rítmico e distante reluzir aparecia em nítido contraste.

“Ornitóptero”!

— Um pequeno “tóptero” — avisou Stilgar.

— Pode ser um observador — comentou Paul. — Acha que nos viu?

— A essa distância, somos apenas um verme na superfície respondeu Stilgar, Moveu sua mão esquerda. — Para fora, espalhem-se na areia.

A tropa começou a descer pelos lados do verme, saltando e se confundindo com a areia, ocultos embaixo de seus mantos. Paul marcou o ponto onde Chani saltara e dentro em pouco ele estava sozinho com Stilgar.

— Primeiro a subir, último a saltar — disse.

Stilgar acenou, desceu pelo lado com seus ganchos e saltou para a areia.

Paul esperou, até que o produtor estivesse a uma distância segura da área de dispersão do pessoal, e então soltou os ganchos.

Este era sempre um momento delicado num verme ainda não completamente exausto.

Livre de seus incitadores e dos ganchos, o grande verme começou a se enterrar na areia. Paul correu para trás, ao longo do amplo dorso, julgou, cuidadosamente, o momento adequado, e saltou.

Caiu correndo, escorregou pelo lado mais fofo de uma duna, do modo

como lhe haviam ensinado, e se escondeu embaixo de um deslizamento de areia que cobriu seu manto.

Agora, a espera.

Virou devagarinho, expondo-se a uma tira de céu, com uma dobra do manto. Imaginou os outros lá atrás, ao longo do caminho, fazendo a mesma coisa.

Ouviu o bater das asas do ornitóptero antes que pudesse vê-lo.

Houve um assovio de jatos e ele passou sobre aquele trecho do deserto, virando numa longa curva em direção à cordilheira.

Um “tóptero” sem marcas de identificação, notou Paul.

Voou para fora da vista, por trás dos penhascos.

Um pio de pássaro elevou-se sobre o deserto, depois outro.

Paul sacudiu a areia do corpo e subiu para o topo da duna. Outras figuras levantavam-se ao longo de uma linha, na direção da cordilheira. Reconheceu Stilgar e Chani, entre eles.

Stilgar assinalou na direção dos penhascos.

Reuniram-se e começaram a caminhada na areia, deslizando sobre a superfície num ritmo irregular, que não incomodaria nenhum produtor.

Stilgar seguia ao lado de Paul, sobre a crista compactada de areia de uma duna.

— Aquela era uma aeronave dos contrabandistas — disse ele.

— Assim me pareceu —

respondeu Paul. — Mas estamos muito no interior do deserto para contrabandistas.

— Eles também andam tendo dificuldades com as patrulhas.

— Se estão incursionando tão profundamente, podem ir mais além.

— É verdade.

— Não vai ser bom para eles ver o que podem ver se se aventurarem muito profundamente para o sul. Contrabandistas também vendem informações.

— Eles estão caçando especiaria, não acha? — indagou Stilgar.

— Haverá uma asa e um trator esperando em algum lugar por aquele “tóptero”. Nós temos especiaria. Vamos colocar uma isca num trecho de areia e

pegar alguns contrabandistas. Eles precisam saber que esta é nossa terra, e nossos homens precisam de prática com as novas armas.

— Agora, Usul fala — disse Stilgar. — Usul pensa como um Fremen.

“Mas Usul deve abrir caminho para decisões que enfrentam um terrível propósito”, pensou Paul.

A tempestade ganhava força e se aproximava.

Quando a lei e o dever estão unidos, fundidos pela religião, você nunca se torna inteiramente consciente, completamente conhecedor de si mesmo. Você é sempre um pouco menos do que um indivíduo.

*— de Muad'Dib: As Noventa e Nove
Maravilhas
do Universo, escrito pela Princesa Irulan*

A fábrica de processamento de especiaria dos contrabandistas, com sua asa transportadora e um anel de ornitópteros, surgiu sobre uma elevação de dunas como um enxame de insetos

seguindo sua rainha. Adiante do enxame, encontrava-se uma das cristas de rocha, pouco elevadas, que se erguiam do deserto como pequenas imitações da Muralha Escudo. As praias secas da elevação estavam varridas, totalmente livres de areia por causa de uma tempestade recente.

Na bolha de controle da fábrica, Gurney Halleck inclinou-se para a frente, ajustando as lentes de óleo de seu binóculo para examinar a paisagem. Mais além dos penhascos ele podia ver uma mancha escura, que poderia ser um afloramento de especiaria. Deu um sinal para o ornitóptero acima, mandando-o investigar.

A aeronave abanou as asas para indicar que recebera o sinal, e destacou-se

do enxame, acelerando na direção da areia escura. Circundou a área, com seus detectores pendendo junto da superfície.

Quase imediatamente fez uma inclinação com as asas dobradas, e um círculo, que indicavam para a fábrica a descoberta de especiaria.

Gurney guardou o binóculo, sabendo que os outros haviam visto o sinal. Gostava desse ponto. Os penhascos ofereciam algum abrigo e proteção. Encontravam-se enfiados profundamente na vastidão do deserto, um lugar improvável para uma emboscada... mas ainda assim... Assinalou para a tripulação, indicando que voassem por sobre a montanha para sondá-la, enviando os reservas para assumirem posições em torno da área... Não muito alto para que

não fossem percebidos de longe pelos detectores dos Harkonnen.

Duvidava, entretanto, que alguma patrulha Harkonnen viesse tão ao sul. Este era território Fremen.

Gurney verificou suas armas, amaldiçoando o destino que fizera os escudos inúteis aqui. Qualquer coisa que atraísse um verme devia ser evitada a qualquer custo. Coçou a cicatriz de inkvine ao longo do queixo, e observou o cenário, decidindo ser mais seguro liderar uma equipe de terra através dos penhascos. Inspeção a pé ainda era o método mais confiável. Nunca se é cuidadoso em demasia quando Fremen e Harkonnen estão se atirando nas gargantas um do outro.

Eram os Fremen que o

preocupavam aqui. Eles não se importavam de comerciar, vendendo-lhe toda a especiaria que pudesse comprar; mas eram demônios na trilha da guerra se desse uma pisada em local que o proibissem de entrar. E estavam diabolicamente astutos, ultimamente!

A Gurney aborrecia a astúcia e a habilidade desses nativos em batalha. Eles exibiam uma sofisticação, na arte da guerra, tão elevada quanto qualquer coisa que ele já encontrara. E Gurney fora treinado pelos melhores combatentes do universo, ganhando experiência em batalhas onde apenas uns poucos, os melhores, haviam sobrevivido.

Novamente esquadrinhou a paisagem, querendo saber por que se sentia tão inquieto. Talvez fosse o verme

que haviam visto... mas este se encontrava do outro lado da montanha.

Uma cabeça brotou na bolha de controle, ao lado de Gurney. O comandante da fábrica, um velho pirata de um olho só, com uma barba cheia, o olho azul e os dentes leitosos da dieta de especiaria.

— Parece um trecho rico, senhor — disse. — Devemos pegá-la?

— Desça na extremidade daqueles penhascos — ordenou Gurney. — Deixe-me desembarcar com os meus homens. Pode recolher a especiaria daquele ponto. Daremos uma olhada naquela rocha.

— Certo.

— Em caso de encrenca, salve a fábrica. Subiremos nos “tópteros”.

O comandante da fábrica fez uma

saudação.

— Sim, senhor! — e mergulhou pela comporta.

Mais uma vez Gurney observou o horizonte. Tinha de respeitar a possibilidade de que houvesse Fremen por aqui, e que estava invadindo o território deles. Os Fremen o preocupavam, com sua dureza e imprevisibilidade. Muitas coisas a respeito desse negócio o preocupavam, mas as recompensas eram enormes. O fato de que não pudesse mandar os localizadores subirem bem alto e a necessidade de manter silêncio no rádio aumentavam seu desconforto.

A fábrica-trator fez uma volta e começou a descer. Suavemente, ela planou até a praia seca ao pé dos

penhascos, e as esteiras tocaram a areia.

Gurney abriu a cúpula da bolha, soltou os cintos de segurança. No instante em que a fábrica parou, ele estava do lado de fora, descendo sobre os suportes das esteiras, depois de fechar a bolha, e pulando para a areia, mais além das redes de emergência. Os cinco homens de sua guarda pessoal também já estavam saindo, emergindo da comporta do nariz. Outros soltavam a asa transportadora, que se destacou da fábrica e subiu para voar num círculo de espera, a baixa altura.

Imediatamente o grande trator-fábrica começou a avançar aos solavancos, virando-se para longe do penhasco, em direção à mancha escura da especiaria sobre a areia.

Um “tóptero” mergulhou nas

proximidades, deslizando até parar. Outro o seguiu, e depois mais outro. Desembarcaram os homens do pelotão de Gurney e se elevaram, pairando acima.

Gurney testou seus músculos, esticando-se dentro do traje-destilador. Deixou a máscara-filtro fora do rosto, perdendo umidade em benefício de uma necessidade maior: aumentar a força de sua voz, caso precisasse gritar ordens. Começou a galgar as rochas, verificando o terreno. Cascalho e areia grossa sob os pés, o cheiro de especiaria.

“Ótimo lugar para uma base de emergência”, pensou. “Poderia ser sensato enterrar alguns suprimentos aqui.”

Olhou para trás, observando seus homens se dispersarem enquanto o

seguiam. Bons homens. Até mesmo os novos, que ainda não tivera tempo de testar. Bons homens. Não era preciso ficar dizendo-lhes o tempo todo o que deviam fazer. Nem um brilho de escudo se mostrava em qualquer um deles. Não havia covardes nesse grupo, carregando escudos para o deserto, onde um verme poderia sentir o campo e aparecer para roubar-lhes a especiaria.

De sua pequena elevação nas rochas, Gurney podia ver a mancha de especiaria a meio quilômetro de distância, com o trator acabando de alcançar seus limites mais próximos. Olhou para sua cobertura aérea, notando a altitude... não estavam muito alto. Acenou com a cabeça para si mesmo, e recomeçou a escalada do penhasco.

Naquele mesmo instante a montanha entrou em erupção.

Doze riscas de fogo subiram rugindo, em direção aos “tópteros” e à asa transportadora. Ouviu-se um estrondo metálico na direção do trator-fábrica, e as rochas ao redor de Gurney fervilharam de homens encapuzados.

Ainda teve tempo para pensar: “Pelos chifres da Grande Mãe! Foguetes! Eles se atrevem a usar foguetes!”

Depois, estava face a face com uma figura encapuzada, que se agachava na sua frente, com uma faca cristalina na mão. Outros dois homens se encontravam à espera, nas rochas acima, à esquerda e à direita. Somente os olhos do lutador eram visíveis entre o gorro e o véu cor de areia do albornoz, mas a postura e a atitude

alerta revelavam tratar-se de um combatente treinado. Os olhos eram da cor azul-dentro-de-azul dos Fremen do deserto profundo.

Gurney moveu uma das mãos em direção a sua faca, mantendo os olhos fixos na arma do oponente. Se eles se atreviam a usar foguetes, isso significava que deviam ter outros tipos de armas lançadoras de projéteis. Esse instante exigia extrema cautela. Somente pelo som já podia perceber que pelo menos uma parte de sua cobertura aérea fora derrubada. Ouvia grunhidos também, os sons de vários homens lutando lá atrás.

Os olhos do combatente na frente de Gurney seguiram o movimento de sua mão em direção à faca, depois se ergueram para encará-lo.

— Deixe essa faca embainhada, Gurney Halleck — disse o homem.

Gurney hesitou. Aquela voz soava estranhamente familiar, mesmo através do filtro de um traje-destilador.

— Conhece meu nome?

— Não precisa usar uma faca em mim, Gurney — disse o homem. Levantou-se, guardando sua faca cristalina embaixo do manto. — Diga aos seus homens para cessarem com essa resistência inútil.

O homem lançou o capuz para trás, puxando o filtro para o lado.

O choque, ao ver a cara do homem, gelou os músculos de Gurney. A princípio, ele acreditou estar olhando para uma imagem fantasmagórica do Duque Leto Atreides. O reconhecimento

completo foi mais lento.

— Paul — murmurou ele. Então, mais alto: — Paul! É você mesmo?

— Não confia em seus olhos?

— Eles dizem que você está morto — disse Gurney, com a voz rouca. Deu um meio passo para a frente.

— Diga aos seus homens para se renderem — ordenou Paul, acenando para as partes mais baixas do penhasco.

Gurney voltou-se, relutante em tirar os olhos de Paul. Viu luta somente em alguns pontos. Homens do deserto, com suas cabeças cobertas, pareciam estar em toda parte. O trator-fábrica estava parado com Fremen em cima. Não havia mais aeronaves no céu.

— Parem a luta! — gritou Gurney. Respirou fundo e colocou as mãos em

concha sobre a boca, improvisando um megafone.

— Aqui é Gurney Halleck! Parem a luta!

Aos poucos a luta foi cessando, os combatentes separando-se, cuidadosamente. Os olhos voltaram-se para ele, questionando.

— Estes são amigos — gritou Gurney.

— Ótimos amigos! — alguém gritou de volta. — Metade de nossa gente foi assassinada.

— É um engano — disse Gurney. — Não aumente o erro.

Voltou-se para Paul, fitando os olhos azuis de Fremen que o rapaz agora possuía.

Um sorriso se abriu nos lábios de

Paul, mas havia uma dureza em sua expressão que fazia com que Gurney se recordasse do Velho Duque, o avô de Paul. Percebeu também uma aparência rude e musculosa no físico do rapaz, o que nunca notara antes num Atreides. Um aspecto coriáceo na pele, os olhos semicerrados, com um olhar avaliador que parecia medir tudo que houvesse ao redor.

— Eles disseram que você estava morto — repetiu Gurney.

— É a melhor proteção possível, eu creio, foi deixar que pensassem assim — respondeu Paul.

Gurney sentiu que ter acreditado na morte de seu jovem Duque não era uma boa desculpa para tê-lo abandonado à própria sorte.

Pensar que... seu amigo estava morto. E perguntou a si mesmo o que restaria ainda do menino que conhecera e treinara como um lutador.

Paul deu um passo em direção a Gurney, notando que seus olhos estavam ardendo.

— Gurney...

Aconteceu de repente: num instante eles estavam se abraçando, batendo um nas costas do outro, sentindo a segurança da carne sólida.

— Menino! Menino! — repetiu Gurney.

E Paul:

— Gurney, Gurney.

Depois se separaram, olhando um para o outro. Gurney respirou fundo.

— Então, é por sua causa que os

Fremen estão se tornando tão sábios em táticas de batalha. Eu devia saber. Eles fazem coisas que eu poderia ter planejado. Se ao menos eu soubesse... Sacudiu a cabeça. — Se ao menos houvesse me enviado uma notícia; nada iria me deter. Eu teria vindo correndo e...

O olhar de Paul fez com que parasse... um olhar duro, avaliador. Gurney suspirou.

— Certo... Haveria. aqueles que iriam se indagar por que Gurney Halleck saíra correndo, e alguns fariam mais do que se perguntar. Eles sairiam em busca das respostas.

Paul acenou, olhando para os Fremen à sua volta, o olhar curioso nos rostos dos Fedaykin. Ficou de costas para os comandos da morte, olhando

novamente para Gurney Halleck. Seu antigo mestre espadachim o enchia de alegria; podia vê-lo como um bom presságio, um sinal de que se encontrava num curso para o futuro, onde tudo correria bem.

“Com Gurney ao meu lado...”

Olhou para baixo, ao longo do penhasco, além dos Fedaykin, observando a equipe de contrabandistas que viera com Halleck.

— Que posição tornam seus homens, Gurney?

— Eles são contrabandistas, todos eles. Eles ficam onde estiver o lucro.

— Haverá muito pouco lucro em nosso empreendimento — disse Paul, notando o sinal sutil que Gurney lhe fizera com o dedo da mão direita. O

velho código manual de seu passado. Nessa quadrilha de contrabandistas havia homens que inspiravam temor e desconfiança.

Esticou o lábio para indicar que compreendera e olhou para os homens que montavam guarda acima deles, nas rochas. Viu Stilgar entre eles, e a lembrança do problema ainda não resolvido esfriou um pouco sua alegria.

— Stilgar, este é Gurney Halleck, sobre quem já lhe falei. O mestre de armas de meu pai e um dos espadachins que me instruíram. Trata-se de um velho amigo, a quem se pode confiar qualquer empreendimento.

— Eu ouvi — respondeu Stilgar.
— Você é o seu Duque.

Paul olhou para o rosto escuro

acima dele, cogitando que razões teriam levado Stilgar a dizer apenas isso. “Seu Duque.” Houvera uma entonação sutil e estranha na voz dele, como se desejasse dizer alguma outra coisa. E isso não era comum em Stilgar, que como líder dos Fremen era um homem que dizia o que pensava.

“Meu Duque!”, pensou Gurney. Olhou novamente para Paul. “Sim, com Leto morto, o título cai sobre os ombros de Paul.”

O padrão da guerra dos Fremen em Arrakis começava a tomar um novo aspecto na mente de Gurney. “Meu Duque!” Um lugar que estivera morto, dentro dele, começou a voltar à vida. Apenas uma parte de sua consciência concentrava-se em Paul, ordenando que a

tripulação de contrabandistas fosse desarmada para os interrogatórios.

Mas a mente de Gurney retornou para essa ordem, ao ouvir alguns de seus homens protestarem. Sacudiu a cabeça e virou-se.

— Homens, vocês estão surdos? Este é, por direito, o Duque de Arrakis. Façam como ele ordena.

Resmungando, os contrabandistas se submeteram.

Paul moveu-se para ficar ao lado de Gurney, e falou em voz baixa:

— Eu não esperava que caísse nesta armadilha, Gurney.

— Estou devidamente punido — disse ele. — Aposto como seu trecho de especiaria não tem mais do que um grão de espessura. Uma isca para nos atrair.

— Esta é uma aposta que você ganhou — disse Paul. Olhou para os homens sendo desarmados. — Existe mais algum homem de meu pai entre a sua equipe, Gurney?

— Nenhum. Nós nos dispersamos. Existem alguns entre os comerciantes livres. A maioria gastou seus lucros deixando este lugar.

— Mas você ficou.

— Eu fiquei.

— Por que Rabban está aqui?

— Achei que não tinha mais nada, a não ser a vingança.

Um estranho grito interrompido soou no topo do penhasco. Gurney olhou, vendo um Fremen acenar com o lenço.

— Um produtor se aproxima —

disse Paul. Andou até um ponto na rocha, com Gurney a segui-lo, e olhou para o sudoeste.

O sulco e o monte de um verme podiam ser vistos a meia distância, uma trilha coroada de poeira que cortava, diretamente através das dunas, num curso retilíneo para o penhasco.

— É grande o suficiente — comentou Paul.

Um som de metal batendo elevou-se do trator-fábrica abaixo deles. O veículo voltou-se sobre suas esteiras, como um gigantesco inseto, e partiu pesadamente em direção às rochas.

— É uma pena que não tenhamos podido salvar o transporta-tudo — lamentou Paul.

Gurney olhou para ele, depois para

a fumaça e os destroços sobre o deserto, onde os ornitópteros e o transporta-tudo haviam sido derrubados pelos foguetes dos Fremen. Sentiu uma dor súbita pelos homens perdidos ali, seus homens, e disse:

— Seu pai teria se preocupado mais com os homens que poderia ter salvo.

Paul olhou-o rapidamente e abaixou o olhar. Depois disse:

— Eles eram seus amigos, Gurney, eu compreendo. Para nós, entretanto, eles eram intrusos que poderiam ver coisas que não deveriam ver. Deve compreender isso.

— Eu entendo muito bem. E agora estou curioso para ver o que não devia.

Paul olhou para o velho e bem lembrado sorriso cruel no rosto de Halleck, o estremecer da cicatriz de inkvine ao longo do queixo do homem.

Gurney apontou para o deserto abaixo. Os Fremen continuavam realizando suas tarefas naquele panorama, e ocorreu-lhe que nenhum deles parecia preocupado com a aproximação do verme.

Uma batida soou das dunas, adiante do trecho com a isca de especiaria. Um tamborilar profundo, que parecia ressoar embaixo de seus pés. Gurney viu os Fremen se posicionarem na areia, ao longo da trilha do verme. E o verme surgiu como um grande peixe da areia, criando uma onda na superfície, seus anéis ondulando e torcendo. Num

instante, de seu ponto de vantagem acima do deserto, Gurney viu a tomada do verme: o salto atrevido do primeiro homem com os ganchos, a virada da criatura, o modo como um bando de homens escalou a curva escamosa e brilhante do dorso do verme.

— Eis uma das coisas que não devia ver — disse Paul.

— Tem havido histórias e rumores — comentou Gurney —, mas não é uma coisa fácil de acreditar, sem vê-la. — Sacudiu a cabeça. — A criatura que todos os homens temem em Arrakis, vocês o tratam como animal de montaria.

— Você ouviu meu pai falar em poder do deserto. Aí está. A superfície deste planeta é nossa. Nenhuma condição, tempestade ou criatura pode nos deter.

“Nós”, pensou Gurney. “Ele fala dos Fremmen. Ele fala de si mesmo como um deles.” Novamente olhou para o azul da especiaria nos olhos de Paul. Seus próprios olhos, bem o sabia, tinham um tom dessa cor, mas contrabandistas podem conseguir alimentos de fora desse mundo, e restava um matiz casto e sutil na cor dos olhos deles. Eles falavam na “pincelada de especiaria”, significando que um homem se tornara nativo. E havia sempre uma insinuação de desconfiança nessa idéia.

— Houve épocas em que nós não cavalgávamos um produtor à luz do dia, nessas latitudes — explicou Paul. — Mas Rabban ficou com muito pouco apoio aéreo para desperdiçá-la olhando alguns pontos na areia. — Olhou para Gurney:

— Suas aeronaves aqui foram um choque para nós.

“Para nós... para nós...”

Gurney sacudiu a cabeça para afastar tais pensamentos.

— Nós não fomos, para vocês, o choque que vocês foram para nós respondeu.

— Que se diz a respeito de Rabban, nas pias e nas vilas?

— Dizem que eles fortificaram os povoados nos desfiladeiros graben de tal forma que vocês não podem ameaçá-los. Eles dizem que só precisam sentar-se dentro de suas defesas, enquanto vocês se esgotam num ataque inútil.

— Em resumo: eles estão imobilizados.

— Enquanto vocês podem ir para

onde desejam — concordou Halleck.

— É uma tática que aprendi com você. Eles perderam a iniciativa, o que significa que perderam a guerra.

Gurney sorriu, com uma expressão de entendimento.

— Nosso inimigo se encontra exatamente onde queríamos — disse Paul, e olhou para Gurney. — Bem, Gurney, você se alista comigo para terminar esta campanha?

— Alistar? Meu senhor, eu nunca dei baixa do seu serviço. É o único que me restou... pensar que estava morto. E eu abandonado, fazendo o que podia, esperando o momento em que poderia dar minha vida pelo que ela vale... a morte de Rabban.

Um silêncio embaraçoso

estabeleceu-se sobre Paul.

Uma mulher subiu as rochas ao encontro deles, seus olhos visíveis entre o capuz do traje e a máscara, olhando alternadamente para Paul e seu companheiro. Parou diante dele, e Gurney notou o modo como ela ficava junto de Paul, seu ar possessivo.

— Chani — disse Paul —, este é Gurney Halleck. Já me ouviu falar nele.

Ela olhou para Halleck, depois de volta para Paul.

— Eu ouvi.

— Aonde foram os homens com o produtor? — indagou Paul.

— Eles o estão apenas desviando, para dar-nos tempo de salvar o equipamento.

— Ótimo, então... — Paul

interrompeu o que ia dizer, cheirou o ar.

— Há um vento se aproximando
— disse Chani.

Uma voz gritou no topo da
montanha:

— Ho! Lá... o vento!

Gurney viu a movimentação dos
Fremen acelerar-se agora... Um correr
para lá e para cá, um sentimento de
pressa. Uma coisa que o verme não
provocara, acontecia agora pelo temor ao
vento.

O trator-fábrica subiu,
vagarosamente, pela praia seca abaixo, e
uma entrada se abriu diante dele nas
rochas... rochas que se fecharam em
seguida, tão habilmente que a passagem
desapareceu ante seus olhos.

— Vocês têm muitos esconderijos

como este? — Gurney perguntou a Paul.

— Freqüentemente muitos — respondeu. Olhou para Chani. — Encontre Korba. Diga-lhe que Gurney me avisou que há homens entre os contrabandistas em quem não podemos confiar.

Chani olhou mais uma vez para Gurney, depois para Paul, acenou afirmativamente e partiu sobre as rochas, saltando com a agilidade de uma gazela.

— Ela é sua mulher? — perguntou Gurney.

— A mãe de meu primeiro filho. Existe outro Leto entre os Atreides.

Gurney aceitou o fato com um arregalar dos olhos.

Paul observou a ação ao redor, com um olho crítico. Uma cor escura e

barrenta dominava o céu ao sul, e as primeiras rajadas intermitentes começavam a lançar areia em torno de suas cabeças.

— Sele seu traje — disse, colocando a máscara e o capuz sobre a cabeça.

Gurney obedeceu, grato pelos filtros.

Paul perguntou, a voz abafada pela máscara:

— Quais os homens de sua equipe em quem não confia, Gurney?

— Há alguns recrutas novos. Gente de fora do planeta... — ele hesitou, pensando, subitamente, como o termo “gente de fora” viera tão facilmente à sua boca.

— Sim? — indagou Paul.

— Eles não são o tipo habitual de caçadores de fortuna que costumamos receber. Estes são duros.

— Espiões Harkonnen?

— Creio, meu senhor, que eles não fazem relatórios aos Harkonnen. Suspeito que sejam homens do serviço imperial. Há um toque de Salusa Secundus neles.

Paul olhou rapidamente para ele.

— Sardaukar?

Gurney encolheu os ombros.

— Podem ser, mas estão bem disfarçados.

Paul acenou, pensando na facilidade com que Gurney retornara aos modos de um servidor dos Atreides... mas com sutis reservas... diferenças. Arrakis o modificara também.

Dois Fremen encapuzados

surgiram atrás de uma fenda de rocha, abaixo, e começaram a subir. Um deles carregava um grande embrulho negro sobre um dos ombros.

— Onde está minha equipe, agora?
— indagou Gurney.

— Em segurança, nas rochas abaixo de nós. Temos uma caverna aqui — a Caverna dos Pássaros. Depois da tempestade decidiremos o que fazer com eles.

Uma voz chamou do alto:

— Muad'Dib!

Paul olhou para cima, viu um guarda Fremen indicando-lhes que entrassem na caverna. Paul assinalou que tinha ouvido.

Gurney o observava com uma nova expressão:

— Você é o Muad'Dib? Você é o “redemoinho de areia”?

— É o meu nome Fremen — respondeu Paul.

Gurney afastou-se, sentindo um pressentimento opressivo. Metade de sua equipe morta na areia, os outros prisioneiros. Ele não se importava com os novos recrutas, os tipos suspeitos, mas entre os outros havia bons homens, amigos, pessoas pelas quais se sentia responsável. “Depois da tempestade, decidiremos o que fazer com eles.” Fora isto que Paul dissera, o que o Muad'Dib dissera. E Gurney lembrou-se das histórias contadas a respeito do Muad'Dib, do Lisan al-Gaib: como ele arrancara a pele de um oficial Harkonnen para fazer couro de tambor; como ele

andava cercado pelos comandos da morte, os Fedaykin, que se lançavam à batalha com o canto da morte nos lábios.

“Ele.”

Galgando as rochas, os dois Fremen saltaram para uma saliência diante de Paul. O de rosto escuro disse:

— Tudo seguro, Muad'Dib. É melhor descermos agora.

— Certo.

Gurney notou o tom de voz do homem: meio ordem, meio pedido. Tratava-se do homem chamado Stilgar, outro personagem nas novas lendas dos Fremen.

Paul olhou para o embrulho que o outro homem carregava e perguntou:

— Korba, o que há nesse embrulho?

Stilgar respondeu:

— Estava no trator. Tinha a inicial de seu amigo aqui, e contém um baliset. Muitas vezes eu o ouvi falar do talento de Gurney Halleck com um baliset.

Gurney observou o homem, vendo a borda da barba negra acima da máscara do traje-destilador, o olhar de rapina, o nariz cinzelado.

— Tem um companheiro que pensa, meu senhor. Obrigado, Stilgar.

Stilgar fez sinal para que seu companheiro passasse o embrulho para Gurney, e disse:

— Agradeça ao seu senhor Duque. Sua tolerância é o que permite que seja aceito aqui.

Gurney aceitou o embrulho, intrigado pelo tom áspero da

conversação. Havia um ar de desafio no homem, e Gurney considerou se haveria um sentimento de ciúme no Fremen. Aqui estava alguém chamado Gurney Halleck, que conhecera Paul mesmo nos tempos anteriores a Arrakis, um homem que compartilhava uma camaradagem que Stilgar nunca poderia invadir.

— Vocês dois precisam ser amigos — disse Paul.

— Stilgar, o Fremen, é um nome de fama. Qualquer matador de Harkonnen me honrará se for meu amigo.

— Você dará a mão para meu amigo Gurney Halleck, Stilgar? — indagou Paul.

Lentamente, Stilgar estendeu a mão, segurando os grossos calos da mão de Gurney.

— Existem poucos que ainda não ouviram o nome de Gurney Halleck — disse, e soltou a mão. Voltou-se para Paul. — A tempestade se aproxima.

— Agora mesmo — respondeu Paul.

Stilgar voltou-se, liderando o caminho através das rochas; era uma trilha serpenteante, até uma fenda abrigada que os introduziu na entrada baixa da caverna. Alguns homens correram para fixar um selo de porta atrás deles. Globos luminosos revelavam um amplo espaço sob um teto abobadado, com uma saliência de rocha elevando-se de um dos lados, e uma passagem partindo dela.

Paul saltou para a saliência, com Gurney logo atrás, e entrou na passagem;

os outros tornaram outro caminho, oposto à entrada.

Guiou Gurney através de uma ante-sala, e daí para dentro de uma câmara com cortinas escuras, cor de vinho, pendendo sobre as paredes.

— Podemos desfrutar uma certa privacidade aqui, por algum tempo. Os outros irão respeitar minha...

Um sino de alarme soou na câmara externa, sendo seguido por gritos e ruído de armas se chocando. Paul girou nos calcanhares, correndo para atravessar a ante-sala e alcançar a saliência do átrio, acima da câmara externa. Gurney veio logo atrás, de arma na mão.

Abaixo deles, no piso da caverna, agitava-se uma confusão de figuras em luta. Paul ficou parado um instante,

avaliando a situação, separando os mantos e bourkas dos Fremen das roupas daqueles que os enfrentavam. Os sentidos que sua mãe havia treinado para perceber os indícios mais sutis captaram um fato significativo: os Fremen lutavam contra homens que usavam roupas de contrabandistas, mas estes encontravam-se agachados em trios, recuando em triângulos quando pressionados. Um modo de luta corpo-a-corpo que constituía uma marca dos Sardaukar imperiais.

Um Fedaykin, no meio da turba, viu Paul; imediatamente, seu grito de guerra elevou-se para ecoar dentro da câmara:

— Muad'Dib! Muad'Dib!
Muad'Dib!

Outro olhar também percebera Paul, e uma faca negra foi lançada contra ele. Paul esquivou-se, ouvindo a faca tilintar de encontro à pedra atrás de si. Olhou, para se certificar de que Gurney a recuperara.

Os grupos triangulares estavam, agora, sendo pressionados para recuar. Gurney ergueu a faca diante dos olhos de Paul, apontando para a cabeça do leão dourado, com olhos multifacetados no cabo, a serpentina amarela da cor imperial. Sardaukar, com certeza.

Paul saltou de cima da projeção rochosa. Apenas três Sardaukar permaneciam. Montes sangrentos e esfarrapados de corpos Fremen e Sardaukar espalhavam-se por todo o piso da câmara.

— Parem! — gritou Paul. — O Duque Paul Atreides ordena que parem! Os lutadores hesitaram.

— Vocês, Sardaukar! — gritou ele para o grupo remanescente.

— Por ordem de quem vocês ameaçam um Duque governante? — E, rapidamente, enquanto seus homens começavam a cercar os Sardaukar, acrescentou: — Parem! Eu ordeno!

Um membro do trio encurralado se levantou.

— Quem diz que nós somos Sardaukar? — protestou ele.

Paul apanhou a faca das mãos de Gurney, e ergueu-a para que todos vissem.

— Isto diz que vocês são Sardaukar!

— Então quem diz que é um Duque governante?

Paul acenou para os Fedaykin:

— Estes homens dizem que eu sou um Duque no governo. Seu próprio imperador entregou Arrakis para a casa dos Atreides. Eu sou a Casa dos Atreides.

Os Sardaukar ficaram em silêncio, remexendo-se.

Paul observou o homem: alto, feições comuns, com uma pálida cicatriz estendendo-se por metade da maçã esquerda do rosto. Confusão e ódio revelavam-se em seus modos, mas ainda assim permanecia um orgulho característico, sem o qual um Sardaukar pareceria despido, e com o qual ele pareceria bem trajado, ainda que totalmente nu.

Paul olhou para um dos tenentes dos Fedaykin e perguntou:

— Korba, por que eles ainda tinham armas?

— Eles guardaram facas em bolsos ocultos, dentro de seus trajes-destiladores.

Paul observou os mortos e os feridos dentro da caverna, depois voltou sua atenção para o tenente. Não havia necessidade de palavras, e o tenente abaixou a cabeça.

— Onde está Chani? — indagou ele, aguardando com a respiração suspensa pela resposta.

— Stilgar retirou-a por uma passagem lateral. — Korba olhou para a entrada na rocha, e depois para os mortos e feridos. Eu me considero responsável por esse erro, Muad'Dib.

— Quantos desses Sardaukar havia aqui, Gurney?

— Dez.

Paul atravessou o piso da câmara, até ficar a uma distância de golpe do porta-voz dos Sardaukar.

Os Fedaykin ficaram tensos. Não aprovavam que ele se expusesse assim ao perigo. Isso era algo que se comprometiam a evitar, porque os Fremen desejavam preservar a sabedoria do Muad'Dib.

Sem se voltar, Paul disse para o tenente:

— Quantas foram nossas baixas?

— Quatro feridos e dois mortos, Muad'Dib.

Percebeu um movimento além dos Sardaukar. Chani e Stilgar apareciam

agora na outra passagem. Voltou sua atenção para o Sardaukar, olhando para o branco estrangeiro dos olhos do portavoiz.

— Você! Como é o seu nome? — intimou ele.

O homem enrijeceu-se, olhou para a direita e para a esquerda.

— Não tente! É óbvio, para mim, que vocês têm ordem de buscar e destruir o Muad'Dib. Garanto que foram vocês que sugeriram buscar especiaria no deserto profundo.

Uma exclamação de espanto, partindo de Gurney, lá atrás, trouxe um leve sorriso aos lábios de Paul.

O rosto do Sardaukar ficou vermelho.

— O que vê à sua frente é mais do

que o Muad'Dib. Sete de vocês estão mortos, contra dois de nós. Três para um. Muito bom, contra Sardaukar, hein?

O homem ergueu-se na ponta dos pés; abaixou-se, quando os Fedaykin ameaçaram avançar.

— Eu lhe perguntei o seu nome — disse Paul, e recorreu às sutilezas da voz. — Diga-me o seu nome!

— Capitão Aramsham, Sardaukar Imperial! — respondeu o homem. Seu queixo caiu em seguida, e ele olhou para Paul em completa perplexidade. Sua atitude, indicando considerar essa caverna um refúgio de bárbaros, desaparecera.

— Bem, capitão Aramsham, os Harkonnen pagariam regimento para saber o que o senhor agora sabe. E o Imperador, o que ele não daria para

descobrir que um Atreides ainda vive, apesar de sua traição?

O capitão olhou novamente para os lados, fitando os dois homens que ainda lhe restavam. Paul quase podia ver os pensamentos percorrendo a cabeça do homem: “Os Sardaukar não se submetem, mas o imperador precisava saber dessa ameaça.”

Ainda usando a Voz, Paul ordenou:

— Renda-se, capitão.

O homem à esquerda do capitão saltou, sem aviso, em direção a Paul, recebendo no peito o impacto da faca de seu próprio superior. Caiu sobre uma pilha úmida, com a faca ainda no corpo.

O capitão voltou-se para o único companheiro que lhe restava.

— Eu decido o que serve melhor a Sua Majestade. Entendido?

O outro Sardaukar relaxou o corpo.

— Jogue sua arma no chão! — ordenou o capitão.

O Sardaukar obedeceu. O capitão voltou sua atenção para Paul.

— Eu matei um amigo por sua causa. Vamos nos lembrar disso sempre.

— Vocês são meus prisioneiros — respondeu Paul. — Vocês se submetem a mim; se vivem ou não, isso não importa. — Fez sinal à sua guarda para que levasse os dois Sardaukar, depois chamou o tenente que examinara os prisioneiros.

A guarda movimentou-se empurrando os Sardaukar para longe. Paul inclinou-se para seu tenente.

— Muad'Dib — disse o homem.

— Eu falhei ante...

— A falha foi minha, Korba; eu devia tê-los advertido quanto ao que buscar. No futuro, quando revistar Sardaukar, lembre-se disso. Lembre-se também de que cada um leva uma ou duas unhas falsas, nos dedos dos pés. Unhas que podem ser combinadas com outros objetos ocultos em seus corpos, para produzir um transmissor eficiente. Eles têm mais de um dente falso. E carregam fios de shigawire nos cabelos, tão finos que é quase impossível percebê-los; e, no entanto, são suficientemente resistentes para estrangular um homem cortando-lhe o pescoço. Com Sardaukar é preciso esquadrinhá-los — com raios duros e refletidos — e depilar todo o seu

corpo. E, quando houver terminado, certifique-se de ter encontrado tudo.

Olhou para Gurney, que se aproximara para ouvir.

— Então é melhor matá-los — sugeriu o tenente.

Paul sacudiu a cabeça, ainda olhando para Gurney.

— Não, eu quero que eles escapem.

Gurney olhou-o perplexo:

— Senhor!

— Sim?

— O homem aqui está certo. Mate estes prisioneiros de uma vez. Destrua toda a evidência a respeito deles. Acabou de envergonhar Sardaukar imperiais. Quando o Imperador souber, não vai descansar até assá-lo em fogo lento.

— Não é provável que o Imperador tenha tal poder sobre mim — respondeu Paul, falando de modo pausado e frio. Alguma coisa acontecera em seu interior enquanto enfrentava os Sardaukar. Uma soma de decisões que se acumulavam em sua consciência.

— Gurney, existem muitos homens da Corporação junto de Rabban? Gurney empertigou-se, semicerrando os olhos.

— Sua pergunta não faz...

— Existem? — Paul repetiu a pergunta em voz alta.

— Arrakis está fervilhando de agentes da Corporação. Eles andam comprando especiaria como se fosse a coisa mais preciosa no universo. Por que outro motivo acha que nos arriscaríamos

a penetrar tão profundamente no...

— É a coisa mais preciosa do Universo, para eles.

Olhou para Chani e Stilgar, que atravessavam a câmara agora, vindo em sua direção. — E nós a controlamos, Gurney.

— Os Harkonnen a controlam! — protestou Gurney.

— As pessoas que podem destruir uma coisa são as que verdadeiramente a controlam — disse Paul, acenando com a mão para evitar outros comentários de Gurney. Depois, fez sinal para Stilgar, que parara em sua frente com Chani ao lado.

Pegou a faca do Sardaukar com a mão esquerda e a entregou a Stilgar.

— Você vive para o bem da tribo.

Poderia tirar a minha vida com essa faca?

— Pelo bem da tribo —
resmungou Stilgar.

— Então use essa faca.

— Está me desafiando?

— Se o fizer, deverei colocar-me
desarmado na sua frente, e deixar que me
mate.

Stilgar surpreendeu-se. Chani
exclamou:

— Usul! — olhando para Gurney
e, depois, de volta para Paul.

Enquanto Stilgar ainda pesava suas
palavras, Paul disse:

— Você é Stilgar, um lutador.
Quando os Sardaukar começaram a lutar
aqui, você não estava na frente da luta.
Seu primeiro pensamento foi proteger
Chani.

— Ela é minha sobrinha —
protestou Stilgar. — Se houvesse alguma
dúvida quanto à capacidade dos seus
Fedaykin em lidar com aquela escória...

— Por que pensou primeiro em
Chani?

— Eu não pensei.

— Oh?

— Pensei primeiro em você —
admitiu Stilgar.

— Acha que pode erguer sua mão
contra mim? — indagou Paul.

Stilgar começou a tremer.

— É o costume — murmurou.

— É o costume matar estrangeiros
encontrados no deserto, para tomar sua
água como dádiva do Shai-hulud. E, no
entanto, você permitiu que dois desses
estrangeiros vivessem uma noite, eu e

minha mãe.

Enquanto Stilgar permanecia trêmulo, a fitá-lo, Paul acrescentou:

— Os costumes se modificam, Stilgar. Você mesmo já os modificou.

Stilgar olhou para o emblema amarelo na faca em sua mão.

— Quando eu for um Duque em Arrakeen, com Chani ao meu lado, você acha que vou ter tempo para me preocupar com todos os detalhes a respeito do governo do sietch Tabr? Você se preocupa com os problemas internos de cada família?

Stilgar continuava a olhar para a faca.

— Acha que desejo cortar meu braço direito? — indagou Paul.

Stilgar olhou para ele, erguendo a

cabeça, lentamente.

— Você! — exigiu Paul. —
Acredita que desejo privar a tribo, e a
mim mesmo, de sua sabedoria e de sua
força?

Em voz baixa, Stilgar finalmente
disse:

— O jovem de minha tribo cujo
nome eu conheço, esse jovem eu poderia
matar no campo do desafio, se Shai-hulud
assim o desejasse. Mas ao Lisan al-Gaib
que está nele, eu não posso ferir. Sabia
disso quando me deu esta faca.

— Eu sabia — concordou Paul.

Stilgar abriu a mão. A faca tilintou
no piso de rocha.

— Os costumes mudam —
concordou ele.

— Chani — disse Paul —, vá até

minha mãe. Peça-lhe que venha até aqui, para que seu conselho seja disponível quando...

— Mas você disse que nós iríamos para o Sul! — protestou ela.

— Eu estava errado. Os Harkonnen não estão lá. A guerra não é lá.

Chani suspirou, aceitando isso como uma mulher do deserto aceitava todas as necessidades no meio de uma vida entremeada com a morte.

— Você transmitirá a mensagem somente para minha mãe, sem que ninguém mais a ouça. Diga-lhe que Stilgar me reconhece como o Duque de Arrakis, mas que devemos encontrar uma forma de fazer com que os jovens aceitem isso sem combate.

Chani olhou para Stilgar.

— Faça como ele diz —
resmungou Stilgar. — Ambos sabemos
que ele poderia me Vencer... eu não
poderia erguer minha mão contra ele...
pelo bem da tribo.

— Deverei retornar com sua mãe?
— indagou Chani.

— Apenas mande que ela venha.
Os instintos de Stilgar estavam certos. Eu
sou mais forte quando você está em
segurança. Permanecerá no sietch.

Ela começou a protestar, mas
interrompeu-se.

— Sihaya — chamou Paul, usando
seu nome íntimo. Ela girou para a direita,
encontrando o olhar de Gurney.

A conversa entre Paul e o velho
Fremen passara como uma nuvem ao

redor de Gurney, desde que Paul se referira a sua mãe.

— Sua mãe? — indagou ele.

— Idaho nos salvou na noite do ataque — disse Paul, distraído pela partida de Chani. — Agora mesmo nós...

— O que aconteceu a Duncan Idaho, meu senhor?

— Ele morreu, conseguindo um pouco de tempo para que pudéssemos escapar.

“A bruxa está viva!”, pensou Gurney. “Aquela contra quem eu jurei vingança está viva! E é óbvio que o Duque Paul não sabe que tipo de criatura o trouxe ao mundo. A maldita! A traiçou seu pai com os Harkonnen!”

Paul passou por ele subindo para a projeção de rocha. Olhou para trás,

notando que os mortos e os feridos estavam sendo removidos, e pensou, amargamente, que ali se tecera outro capítulo da lenda do Paul Muad'Dib. “Eu nem sequer desembainhei minha faca, mas será dito que neste dia matei vinte Sardaukar com minhas próprias mãos.”

Gurney acompanhou Stilgar, caminhando sobre o solo que nem mesmo sentia. A caverna, com sua iluminação amarela dos globos luminosos, fora expulsa de seus pensamentos pelo ódio. “A bruxa está viva, enquanto aqueles a quem ela traiçou estão reduzidos a ossos em tumbas solitárias. Devo agir para que Paul saiba a verdade a respeito dela, antes que eu a mate.”

Quão freqüentemente um homem furioso

se nega a ouvir o que sua consciência lhe diz!

*— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan*

A multidão, na câmara de assembléia da caverna, irradiava aquele sentimento de conspiração que Jessica sentira no dia em que Paul matara Jamis. Havia um murmurar nervoso nas vozes.

Pequenos grupos se juntavam como nós no mar de mantos.

Jessica colocou o cilindro com a mensagem embaixo do manto, enquanto emergia da saliência rochosa que levava aos aposentos particulares de Paul. Sentia-se repousada após a longa viagem desde o Sul, mas ainda se ressentia de que Paul não houvesse permitido que usassem

os ornitópteros capturados.

— Nós ainda não temos o controle completo do ar — dissera.

— E não podemos nos tornar dependentes de combustível estrangeiro. Ambos, o combustível e as aeronaves, devem ser poupados para o dia do esforço máximo.

Paul encontrava-se agora junto com um grupo de jovens, próximo à saliência. A pálida luz dos globos luminosos emprestava à cena uma tintura de irrealidade. Era como uma representação, um quadro vivo, acrescido pela dimensão do cheiro dos alojamentos, os sussurros e os sons dos pés se arrastando.

Observou o filho, perguntando-se por que ele ainda não apresentara sua

surpresa: Gurney Halleck. O pensamento em Gurney perturbava-a com recordações de um passado mais tranqüilo, dias de amor e beleza com o pai de Paul.

Stilgar aguardava com um pequeno grupo dos seus homens na outra extremidade da plataforma natural. Havia uma aparência de dignidade resignada nele, no modo como esperava sem falar.

“Não podemos perder este homem”, pensou Jessica. “O plano de Paul precisa funcionar. Qualquer outra coisa seria uma grande tragédia.” Desceu da plataforma, passando por Stilgar sem fitá-lo, e chegou junto da multidão. Um caminho foi aberto para ela, enquanto se dirigia para Paul. O silêncio seguiu-a.

Sabia o significado daquele silêncio: as perguntas não formuladas do

povo, a admiração pela Reverenda Madre.

Os jovens afastaram-se de Paul quando se aproximou, e Jessica sentiu-se assombrada, momentaneamente, pela nova deferência que lhe demonstravam. “Todos os homens abaixo de sua posição cobiçam sua situação”, dizia um ditado Bene Gesserit. Mas ela não encontrava inveja ou cobiça nesses rostos. Eles eram mantidos a distância pela fermentação religiosa ao redor da liderança de Paul.

E ela se lembrou de outro ditado Bene Gesserit que dizia: “Os profetas têm o hábito de morrer pela violência.”

Paul olhou para ela.

— Está na hora — disse Jessica, passando-lhe o cilindro com a mensagem.

Um dos companheiros de Paul, mais ousado que os outros, olhou para

Stilgar, dizendo:

— Vai desafiá-lo, Muad'Dib?
Agora é o momento, com certeza. Eles pensarão que é um covarde se não...

— Quem se atreve a me chamar de covarde? — gritou Paul, levando a mão ao cabo da faca cristalina.

O silêncio caiu sobre o grupo, propagando-se pela multidão.

— Há trabalho a fazer — disse Paul, enquanto o homem recuava. Voltou-se, abrindo caminho com os ombros através da multidão, até chegar à saliência rochosa, subiu nela e enfrentou o povo.

— Faça-o! — gritou alguém.

Murmúrios e sussurros elevaram-se atrás do grito.

Paul esperou que fizessem silêncio.

Ele veio lentamente, em meio a tosses e ruídos de gente se remexendo. Quando estava completamente quieto dentro da caverna, Paul ergueu o queixo, falando em uma voz que chegava até às extremidades mais distantes.

— Vocês estão cansados de esperar — disse.

Novamente aguardou até que os gritos de resposta cessassem completamente.

— De fato, eles estão cansados de esperar. — Ergueu o cilindro com a mensagem pensando no que continha. Sua mãe lhe mostrara, explicando como fora retirado de um correio dos Harkonnen.

E a mensagem era explícita: Rabban estava sendo abandonado à sua

própria sorte aqui em Arrakis. Não podia pedir ajuda ou reforços.

Novamente Paul ergueu a voz:

— Vocês acham que é hora para que eu desafie Stilgar e mude a liderança das tropas! — Antes que pudessem responder, Paul lançou-lhes sua voz carregada de fúria:

— Vocês pensam que o Lisan al-Gaib é tão estúpido?

Houve um silêncio de perplexidade.

“Ele está aceitando o manto religioso”, pensou Jessica. “Ele não pode fazer isso!”

— É o costume! — gritou alguém.

Paul falou de um modo seco, sondando as correntes emocionais:

— Os costumes mudam!

Uma voz irritada elevou-se de um dos cantos da caverna.

— Nós decidiremos o que deve mudar!

Gritos dispersos de concordância soaram através da multidão.

— Como quiserem — disse.

E Jessica ouviu as entonações sutis que ele estava usando: os poderes da Voz que ela lhe ensinara.

— Como quiserem — concordou ele. — Mas primeiro vão ouvir o que tenho a dizer.

Stilgar moveu-se ao longo da saliência, seu rosto barbado impassível.

— Este é o costume também — disse. — A voz de qualquer Fremen pode ser ouvida em conselho. Paul Muad'Dib é um Fremen.

— O bem da tribo é a coisa mais importante, não? — indagou Paul.

Ainda com a voz carregada de dignidade, Stilgar respondeu:

— Assim nossos passos são guiados.

— Certo — concordou Paul. — Então, quem governa essa tropa de nossa tribo, e quem governa todas as tribos e tropas através dos instrutores de luta que treinamos no “modo sobrenatural”?

Esperou, olhando por sobre as cabeças da multidão. Não houve resposta. Daí a pouco, disse:

— Será que Stilgar governa tudo isso? Ele mesmo diz que não. Será que eu governo? Mesmo Stilgar obedece a minhas ordens, em certas ocasiões, e os sábios, mesmo os mais sábios, me ouvem

e me honram em conselho.

Algumas pessoas se remexiam, mas o silêncio permanecia na multidão.

— Bem — continuou Paul. — Será que minha mãe governa? — Apontou para Jessica, em seu manto negro característico, de pé entre eles. — Stilgar e todos os outros líderes de tropa buscam seus conselhos antes de qualquer decisão importante. Vocês sabem disso. Mas será que uma Reverenda Madre caminha na areia, ou lidera uma razia contra os Harkonnen?

Rugas surgiam nas testas daqueles que Paul podia ver, mas ainda havia murmúrios de protesto.

“Este é o modo mais arriscado de fazê-lo”, pensou Jessica, mas lembrou-se da mensagem no cilindro, e de tudo que

ela implicava, percebendo a intenção de Paul: ir direto até a origem das incertezas deles, livrar-se delas de modo que todos o seguissem.

— Nenhum homem reconhece liderança sem o desafio e o combate, não é mesmo?

— Esse é o costume! — gritou alguém.

— E qual é o nosso objetivo? Derrubar Rabban, a Besta, e reconstruir nosso mundo, transformando-o num lugar onde possamos criar nossas famílias em meio a abundância de água. Não é esse o nosso objetivo?

— Tarefas duras exigem costumes duros — gritou alguém.

— Você quebra sua faca antes da batalha? — indagou Paul. — Eu digo isso

como um fato, não como um desafio ou uma ostentação; não existe um homem aqui, Stilgar incluído, que possa me vencer em combate individual. Stilgar admitiu isso, ele sabe, assim como vocês o sabem.

Novamente os murmúrios de fúria ergueram-se da multidão.

— Muitos de vocês já me observaram na prática de solo. Vocês sabem que não estou me gabando tolamemente. Digo isso porque é um fato conhecido por todos, e seria tolice não percebê-la. Comecei a treinar nessa modalidade de luta muito mais cedo do que vocês, e meus instrutores eram mais duros do que qualquer um que já tenham visto. De que outro modo eu teria vencido Jamis em uma idade em que

vocês, garotos ainda, estavam lutando apenas combates simulados?

“Ele está usando muito bem a Voz”, pensou Jessica. “Mas isso não é o bastante com esta gente. Eles possuem bom isolamento contra o controle vocal. Ele deve apanhá-los também com lógica.”

— Então — disse Paul —, nós chegamos a isso. — Mostrou o cilindro-mensagem, removendo sua tira de teipe. — Isso foi tirado de um correio Harkonnen. Sua autenticidade encontra-se acima de qualquer suspeita. É dirigido a Rabban. Diz que sua requisição de novas tropas foi negada, que sua colheita de especiaria encontra-se abaixo da quota, e que ele deve extrair mais especiaria de Arrakis com o pessoal de que dispõe.

Stilgar colocou-se ao lado de Paul.

— Quantos, entre vocês, percebem o que isso significa? indagou Paul. — Stilgar viu imediatamente.

— Eles estão isolados! — gritou alguém.

Paul colocou a mensagem e seu cilindro no cinturão. Do pescoço, ele tirou um fio de shigawire trançado, e dele removeu um anel, exibindo-o para a multidão.

— Este é o sinal ducal de meu pai. Eu jurei que nunca o usaria até que estivesse pronto para liderar minhas tropas através de Arrakis e reclamar meu feudo por direito! — Colocou o anel no dedo e fechou a mão num punho.

Completa imobilidade se produziu dentro da caverna.

— Quem governa aqui? — gritou

Paul erguendo o punho. — Eu governo aqui! Governo cada polegada quadrada de Arrakis! Este é o meu feudo ducal, diga o Imperador sim ou não! Ele o deu a meu pai, e de meu pai ele vem a mim!

Ergueu-se na ponta dos pés, depois se apoiou novamente nos calcanhares. Observou a multidão, sentindo seu estado de espírito.

“Quase no ponto”, pensou.

— Existem homens aqui que receberão postos importantes em Arrakis, quando eu reclamar os direitos imperiais que são meus. Stilgar é um desses homens. Não porque eu deseje comprá-lo com isso! Nem por motivo de gratidão, embora eu seja um de muitos aqui que lhe devem a vida. Não! Mas porque ele é forte e sábio. Porque ele governa sua

tropa com sua inteligência, e não apenas com as regras. Vocês me julgam estúpido? Acham que eu cortaria o meu braço direito para deixá-lo ensangüentado no fundo desta caverna, apenas para lhes proporcionar um circo?

Percorreu a multidão com o olhar. — Quem entre vocês diz que eu não sou o verdadeiro governante de Arrakis? Será que tenho de provar isso deixando cada tribo Fremen no erg sem seu líder?

Ao seu lado Stilgar se remexeu, olhando para ele com ar indagador.

— Devo diminuir nossa força, quando mais precisamos dela? Sou o seu governante, e digo a vocês que é hora de pararmos de matar os nossos melhores homens, e começar a matar nossos verdadeiros inimigos: os Harkonnen!

Num movimento rápido, Stilgar puxou de sua faca e a apontou sobre as cabeças da multidão.

— Longa vida ao Duque Paul Muad'Dib! — gritou.

Um rugido ensurdecedor encheu a caverna, ecoando sucessivamente. Eles estavam aplaudindo e cantando:

— Ya hya chouhada! Muad'Dib! Muad'Dib! Muad'Dib! Ya hya chouhada!

Jessica traduziu para si mesma: “Longa vida aos lutadores de Muad'Dib!” A cena que ela, Paul e Stilgar haviam planejado em segredo funcionara como esperado.

O tumulto cedeu lentamente.

Quando o silêncio retornou, Paul encarou Stilgar e disse:

— Ajoelhe-se, Stilgar.

Stilgar caiu de joelhos sobre a plataforma natural.

— Dê-me sua faca cristalina.

Stilgar obedeceu.

“Isto não é como planejamos”, pensou Jessica.

— Repita comigo, Stilgar — disse Paul, lembrando as palavras da consagração, como as ouvira sendo usadas por seu pai.

— Eu, Stilgar, tomo esta faca das mãos de meu Duque.

— Eu, Stilgar, tomo esta faca das mãos de meu Duque — repetiu Stilgar, aceitando a lâmina leitosa oferecida por Paul.

— E onde meu Duque ordenar eu colocarei esta lâmina — disse Paul.

Stilgar repetiu as palavras, falando

de modo lento e solene.

Relembrando a fonte do ritual, Jessica piscou os olhos para conter as lágrimas, sacudiu a cabeça. “Conheço as razões para isto”, pensou ela. “Não devia me permitir tal emoção.”

— Dedico esta lâmina à causa de meu Duque e à morte de seus inimigos, pelo tempo que fluiu o nosso sangue! — disse Paul. Stilgar repetiu. — Beije a lâmina — ordenou Paul. Stilgar obedeceu; e então, na maneira Fremem, beijou o braço de Paul, o braço que empunhava a faca. A um aceno de Paul, ele embainhou a arma e levantou-se.

Um murmúrio de admiração percorreu a turba e Jessica ouviu as palavras:

— A profecia! Uma Bene Gesserit

mostrará o caminho, e uma Reverenda Madre o verá. — E de mais longe, na multidão:

— Ela nos mostra o caminho através de seu filho!

— Stilgar lidera esta tribo — disse Paul. Que nenhum homem duvide disso. Ele comanda com minha voz. O que ele disser a vocês será como se eu houvesse dito. “Sábio”, notou Jessica. “Um comandante tribal não deve perder sua dignidade diante daqueles que lhe obedecem.” Paul abaixou a voz e disse:

— Stilgar, quero que caminhantes da areia e cielagos sejam enviados, esta noite, para convocar uma Reunião do Conselho. Depois que os tiver enviado, traga Chatt, Korba e Otheym, e mais dois outros tenentes de sua própria escolha.

Traga-os para os meus alojamentos, para o planejamento de batalha. Devemos possuir uma vitória, para mostrar ao Conselho dos Líderes quando eles chegarem! Acenou para que sua mãe o acompanhasse, e liderou o caminho para fora da saliência, através de multidão, em direção à passagem central e às câmaras que haviam sido preparadas como aposentos. Enquanto Paul avançava através da multidão, mãos se estendiam para tocá-lo. Vozes chamavam.

— Minha faca irá aonde Stilgar ordenar, Paul Muad'Dib! Deixe-nos lutar logo, Paul Muad'Dib! Permita que molhemos o mundo com o sangue dos Harkonnen!

Sentindo a emoção de toda essa gente, Jessica percebia a vontade de lutar

elevada ao extremo. Eles não poderiam se encontrar mais preparados. “Nós os levamos à crista da onda”, pensou ela. Na câmara interna, Paul fez sinal para que sua mãe se sentasse e disse:

— Espere aqui. — Depois abaixou-se saindo por entre as cortinas. Estava muito quieto, no interior do aposento, depois que Paul se fora; tão quieto, por trás das cortinas, que nem mesmo o fraco murmurar das bombas que circulavam o ar por dentro do sietch podia ser ouvido.

“Ele vai trazer Gurney Halleck aqui”, pensou ela. E admirou-se com a estranha mistura de emoções que isso lhe trazia. Gurney e sua música haviam sido parte de tantas ocasiões agradáveis em Caladan, antes da mudança para Arrakis!

Sentia como se Caladan houvesse acontecido com alguma outra pessoa, parte de uma outra vida. De fato, nos quase três anos desde então, ela havia se tornado realmente outra pessoa. E tendo de enfrentar Gurney, era forçada a uma reavaliação das mudanças. O jogo de café de Paul, na adelgada liga de prata e jasmium, que ele herdara de Jamis, repousava em uma mesa baixa à sua direita. Ela olhou para aquilo, pensando em quantas mãos haviam tocado aquele metal. Chani servia Paul com esse jogo, há um mês.

“Que pode essa mulher do deserto fazer por um Duque, exceto servir-lhe café?”, perguntou a si mesma. “Ela não lhe traz nenhum poder, nenhuma família. Paul só tem uma chance: aliar-se com

uma Grande Casa poderosa, talvez mesmo com a família imperial. Existem princesas com as quais ele pode casar, até mesmo uma que foi treinada Bene Gesserit.”

E Jessica se imaginou deixando os rigores de Arrakis em troca de uma vida de poder e segurança, uma vida que ela poderia conquistar, como mãe de um consorte imperial. Olhou para as grossas cortinas que obscureciam a rocha, nessa cela de caverna, pensando em como chegara até ali. Cavalgando em meio a um bando de vermes, os palanquins e as plataformas cheias de utensílios empilhados para a campanha que se avizinhava. “Enquanto Chani viver, Paul não verá seu dever. Ela lhe deu um filho, e para ele isso é o bastante.”

Uma súbita saudade de seu neto a acometeu, a criança cuja semelhança com o avô era tão evidente. Jessica colocou as palmas das mãos sobre o rosto, e começou a respiração ritual que acalmava as emoções e clareava a mente. Então, inclinou-se para a frente, a partir da cintura, no exercício religioso que preparava o corpo para as exigências da mente.

A escolha de Paul quanto à Caverna dos Pássaros como seu posto de comando não podia ser questionada, ela bem o sabia. O lugar era ideal. Para o norte, encontrava-se a Passagem dos Ventos, abertura para uma vila protegida, e uma pia cercada de penhascos. Era um povoado-chave, lar de artesãos e técnicos, um centro de manutenção para todo um

setor defensivo dos Harkonnen.

Uma tosse soou do lado de fora das cortinas. Jessica ergueu-se, respirou fundo, exalando o ar lentamente.

— Entre — disse.

Cortinas foram lançadas para os lados, e Gurney Halleck saltou para dentro da câmara. Jessica só teve tempo para um vislumbre do rosto com uma estranha careta, e ele já se encontrava atrás dela, erguendo-a com um braço musculoso por baixo de seu queixo.

— Gurney, seu tolo, o que está fazendo? — indagou ela.

Sentiu a ponta da faca tocando suas costas, um frio espalhando-se daquela ponta. Sabia, naquele instante, que Gurney tencionava matá-la.

“Por quê?” Não podia pensar em

nenhuma razão para isso, já que ele não era do tipo que se tornava traidor. Mesmo assim, sentiu a certeza de sua intenção, e ao conhecê-la sua mente se agitou. Ali estava um homem que não seria dominado facilmente. Um assassino precavido contra a Voz, consciente de cada estratagema de combate, de cada truque de morte e violência. Ali estava um instrumento que ela própria ajudara a treinar, com indícios e sugestões sutis.

— Você pensou que havia escapado, hein, bruxa? rosnou Gurney.

Antes que ela pudesse pensar na pergunta, ou tentar respondê-la, as cortinas se abriram e Paul entrou.

— Aqui está ele, Mamãe... — Paul não terminou a frase, percebendo a tensão na cena.

— Vai ficar onde está, meu senhor — advertiu Gurney.

— O que... — Paul sacudiu a cabeça, atônito.

Jessica começou a falar, mas sentiu o braço apertar sua garganta.

— Vai falar somente quando eu permitir, bruxa. E quero somente uma coisa de você, para que seu filho ouça. Estou preparado para enterrar esta faca em seu coração num reflexo, ao primeiro sinal de uma ação contra mim. Sua voz deverá permanecer num único tom. Não vai mover ou retesar certos músculos. Agirá com extrema cautela, se quiser ganhar mais alguns segundos de vida. E isso, eu lhe asseguro, é tudo que tem.

Paul deu um passo à frente.

— Gurney, o que é isso, homem...

— Pare onde está! Mais um passo e ela está morta.

Paul levou a mão ao cabo de sua faca. Falou com uma calma mortífera.

— É melhor que se explique, Gurney.

— Eu fiz um juramento. Jurei que mataria o traidor de seu pai. Acha que eu me esqueceria do homem que me salvou de um fosso de escravos dos Harkonnen, deu-me liberdade, vida e honra... deu-me sua amizade, uma coisa que valorizo acima de tudo? E eu tenho quem o traiu sob minha faca. Ninguém pode evitar que eu...

— Você não poderia estar mais enganado, Gurney — disse Paul.

E Jessica pensou: “Então é isso! Que ironia!”

— Estou errado? — perguntou Gurney. — Então vamos ouvir isso da própria mulher. Mas deixe que ela se lembre de que eu subornei, espionei e trapaceei para confirmar essa suspeita. Até mesmo empurrei semuta num capitão da guarda Harkonnen para conseguir parte da história.

Jessica sentiu o braço em sua garganta aliviar o aperto ligeiramente, mas antes que ela pudesse falar ouviu a voz de Paul:

— O traidor era Yueh. Eu lhe digo isso uma vez, Gurney. A evidência é completa e não pode ser negada. Era Yueh! Não me importa como você chegou a essa suspeita, pois ela não pode ser mais do que isso... mas se ferir minha mãe...

Paul ergueu a faca cristalina e exibiu a lâmina...

— Eu terei o seu sangue.

— Yueh era um médico condicionado, adequado para uma casa real — retrucou Gurney. — Ele não podia se tornar um traidor!

— Conheço um modo de remover o condicionamento.

— Provas — insistiu Gurney.

— As provas não se encontram aqui. Estão no sietch Tabr, bem longe, no Sul, mas se...

— Isso é um truque — gritou Gurney, seu braço apertando a garganta de Jessica.

— Não é truque, Gurney — disse Paul, e sua voz carregava uma nota de tristeza tão terrível que seu som partiu o

coração de Jessica.

— Vi a mensagem capturada de um agente Harkonnen disse Gurney. — A nota indicava, diretamente, ...

— Eu a vi também — respondeu Paul — Meu pai mostrou-me, na noite em que explicou por que tinha de ser um truque dos Harkonnen destinado a fazê-lo suspeitar da mulher a quem amava.

— Ahh! — exclamou Gurney. — Você não...

— Fique quieto — ordenou Paul, e a calma monótona de sua voz carregava mais comando do que Jessica jamais ouvira em qualquer outra voz.

“Ele possui o Grande Controle”, pensou ela.

O braço de Gurney tremeu contra seu pescoço. A ponta da faca em suas

costas moveu-se incerta.

— O que você não fez — disse Paul — foi ouvir minha mãe soluçando por seu Duque perdido durante a noite. Não viu seus olhos flamejarem, quando ela fala em matar Harkonnen.

“Então ele tem ouvido”, pensou Jessica. Lágrimas turvaram-lhe os olhos.

— O que você não fez — continuou Paul —, foi se lembrar das lições que aprendeu no fosso de escravos dos Harkonnen. Você fala de orgulho na amizade com meu pai! Não aprendeu a diferença entre Harkonnen e Atreides, de modo a poder cheirar um truque dos Harkonnen só pelo fedor que exala? Não aprendeu que a lealdade dos Atreides é comprada com amor, enquanto a moeda dos Harkonnen é o ódio? Não podia ver

através da própria natureza dessa traição?

— Mas Yueh? — murmurou Gurney.

— A prova que temos é a própria mensagem de Yueh para nós, admitindo sua traição. Eu lhe asseguro isso pela amizade que tenho por você, uma amizade que ainda guardarei, mesmo depois de deixá-lo morto neste chão.

Ouvindo seu filho, Jessica maravilhava-se com a percepção dele, a visão penetrante de sua inteligência.

— Meu pai tinha um instinto para amigos. Ele transmitia o seu amor frugalmente, mas sem errar nunca. Sua fraqueza residia no mau entendimento do ódio. Ele achava que qualquer um que odiasse os Harkonnen não poderia traí-lo. — Paul olhou para sua mãe. Ela sabe

disso. Eu mesmo dei a ela a mensagem de meu pai, dizendo que nunca duvidara da lealdade dela.

Jessica sentiu que perdia o controle de suas emoções e mordeu o lábio inferior. Vendo a rígida formalidade em Paul, ela percebia o que essas palavras estavam lhe custando. Queria correr para ele, segurar sua cabeça de encontro ao seu peito como nunca fizera. Mas o braço ao redor de sua garganta cessara de tremer, a ponta da faca em suas costas ainda pressionava firme e afiada.

— Um dos momentos mais terríveis na vida de um garoto disse Paul — é quando ele descobre que seu pai e sua mãe são seres humanos que compartilham um amor que ele nunca poderá receber inteiramente. É uma

perda, um despertar para o fato de que o mundo é aqui e ali e nós estamos sozinhos nele. O momento carrega sua própria verdade, você não pode evitá-la. E eu ouvi meu pai, quando ele falou de minha mãe. Ela não é traidora, Gurney.

Jessica recuperou a voz e disse:

— Gurney, solte-me. — Não havia nenhum comando especial em sua voz, nenhum truque para atingir-lhe as fraquezas, mas a mão de Gurney cedeu. Ela caminhou para junto de Paul, ficando diante dele sem tocá-lo.

— Paul — disse —, existem outros tipos de revelação neste universo. Eu, de repente, vejo como usei você, como o modifiquei e manipulei para colocá-lo num caminho de minha escolha... um caminho que eu tinha de

escolher, se isso é uma justificativa, por causa de meu próprio treinamento. — Ela engoliu em seco para se livrar de um aperto na garganta e continuou, olhando nos olhos de seu filho. — Paul, quero que você faça uma coisa por mim: escolha o seu próprio caminho, busque sua felicidade. Case-se com sua mulher do deserto, se é isso que deseja. Desafie a tudo e a todos para obter isso. Mas escolha por si mesmo...

Ela parou de falar, ouvindo um murmúrio atrás de si.

“Gurney!”

Viu os olhos de Paul apontados para uma direção além dela, virou-se. Gurney continuava no mesmo ponto, mas tinha embainhado a faca e arrancado o manto de seu peito, para expor o cinza

lustroso de um traje-destilador, do tipo que os contrabandistas compravam nos sietches.

— Ponha sua faca bem aqui no meu peito — murmurou Gurney. — Peço-lhe que me mate e acabe com isso. Eu sujei meu nome. Traí meu próprio Duque! O melhor...

— Fique quieto! — ordenou Paul. Gurney olhou para ele, surpreso.

— Feche esse manto e pare de agir como tolo. Já tive tolices suficientes por um dia.

— Mate-me, eu lhe peço! — rugiu Gurney.

— Você me conhece melhor. Quantos tipos de idiota pensa que eu sou? Será que devo passar por isso com cada homem de quem preciso?

Gurney olhou para Jessica, falando num tom desolado e suplicante, tão pouco característico de sua natureza.

— Então faça-o, minha senhora, por favor... mate-me.

Jessica caminhou para junto dele, colocando a mão sobre seu ombro.

— Gurney, por que você insiste em que os Atreides devem matar aqueles a quem amam? — Delicadamente, ela retirou o tecido do manto de entre os dedos de Gurney e o fechou, prendendo-o sobre seu peito.

Gurney disse soluçando:

— Mas... eu...

— Você pensa que estava fazendo uma coisa por Leto — disse ela. — E por isso eu o respeito.

— Minha senhora — exclamou

Gurney. A cabeça tombou para a frente, o queixo quase tocando-lhe o peito, os olhos apertados tentando deter as lágrimas.

— Vamos pensar nisso como um mal-entendido entre velhos amigos — disse ela, e Paul percebeu tons tranqüilizadores em sua voz. — Está acabado, e nós podemos ser gratos porque nunca mais esse tipo de mal-entendido vai acontecer entre nós.

Gurney abriu os olhos brilhantes de umidade, olhando para ela.

— O Gurney Halleck que eu conhecia era um homem tão hábil com a lâmina quanto com o baliset. E era o homem do baliset que eu admirava mais. Será que esse Gurney Halleck não se lembra de como eu costumava ouvi-lo

satisfeita, durante horas, enquanto tocava para mim? Você ainda tem um baliset, Gurney?

— Eu tenho um novo — respondeu Gurney —, comprado de Chusuk, um ótimo instrumento. Toca como um genuíno Varota, embora não tenha a assinatura. Creio que foi feito por um aluno de Varota que... — Ele se interrompeu. — Que posso lhe dizer, minha senhora? Aqui estamos nós falando sobre...

— Não apenas falando, Gurney — disse Paul. E aproximou-se para se colocar ao lado de sua mãe, olhando nos olhos de Gurney.

— Não apenas falando, mas fazendo algo que traz a felicidade entre amigos. Eu receberia como uma gentileza

se tocasse para nós agora. O planejamento da batalha pode aguardar um pouco. Nós não vamos entrar em luta até o dia de amanhã, em todo caso.

— Eu... eu vou apanhar meu baliset. Está no corredor.

Ele passou por eles e se foi através das cortinas. Paul colocou a mão no braço de sua mãe, e descobriu que ela estava tremendo.

— Está acabado, mãe — disse.

Sem virar a cabeça Jessica olhou para ele do canto dos olhos.

— Acabado?

— É claro. Gurney...

— Gurney? Oh... sim. — Ela abaixou o olhar.

As cortinas sussurraram quando Gurney retornou com seu baliset. Ele

começou a afiná-lo, evitando encará-los. Os panos sobre as paredes abafavam os ecos, fazendo com que o instrumento soasse como algo pequeno e íntimo.

Paul levou sua mãe para uma das almofadas e sentou-se com ela de costas para as espessas cortinas das paredes. Subitamente percebeu como ela lhe parecia velha, com seu rosto começando a apresentar as rugas de linhas secas pelo deserto, o esticar da pele nos cantos de seus olhos velados de azul.

“Ela está cansada”, pensou. “Preciso encontrar um meio de aliviar sua carga.”

Gurney feriu uma corda.

Paul olhou para ele e disse:

— Há... algumas coisas que exigem a minha atenção. Espere por mim aqui.

Gurney acenou, sua mente parecendo muito distante, como se caminhasse nesse momento sob os céus amplos de Caladan, com a pluma das nuvens a prometer chuva lá do horizonte.

Paul forçou-se a voltar as costas para ele, e atravessou as pesadas cortinas saindo para a passagem lateral. Ouviu Gurney iniciar uma canção e parou por um momento, para ouvir o som abafado da música:

*“Pomares e vinhas,
E buris de seios generosos,
E um cálice transbordando diante de
mim.*

*Por que ainda falo de batalhas
E montanhas que se reduziram a pó?
Por que sinto estas lágrimas?*

*Os céus estão abertos,
Espalhando suas riquezas;
Basta-me estender a mão para recolher
seus bens.*

*Por que ainda penso em emboscadas
E venenos em cálices fundidos?
Por que sinto minhas lágrimas?
Os braços do amor me acenam
Com suas delícias despidas,
A prometerem um éden de êxtases.
Por que ainda me lembro das cicatrizes,
Sonhando com velhas agressões...
Por que ainda durmo com medo?"*

Um correio Fedaykin apareceu num canto da passagem, adiante de Paul. O homem tinha o capuz do manto caído para trás, e os fechos do traje-destilador soltos em torno do pescoço, uma prova

de que acabara de chegar do deserto.

Paul fez sinal para que ele parasse, afastou-se das cortinas da porta e moveu-se ao longo do corredor, aproximando-se do correio.

O homem curvou-se, as mãos unidas na frente do corpo da maneira como deveria saudar uma Reverenda Madre, ou Sayyadina dos ritos. Ele disse:

— Muad'Dib, os líderes estão começando a chegar para o Conselho.

— Tão cedo?

— Estes são aqueles que Stilgar mandou chamar mais cedo, quando pensou que... — O homem encolheu os ombros.

— Eu percebo — respondeu Paul, olhando uma vez para trás, em direção aos sons fracos do baliset, pensando na

velha canção que sua mãe preferia, uma curiosa mistura de música alegre e palavras tristes. Stilgar virá aqui logo, com os outros. Mostre-lhe onde minha mãe espera.

— Eu aguardarei aqui, Muad'Dib — disse o correio.

— Sim... sim, faça isso.

Paul passou pelo homem, em direção às profundezas da caverna, dirigindo-se para um lugar que todas as cavernas como aquela possuíam. Um lugar próximo da bacia de contenção de água. Haveria um pequeno Shai-hulud nesse lugar, uma criatura com não mais do que nove metros de comprimento, mantida presa e impedida de crescer pelos poços de água ao seu redor. O produtor, depois de emergir de seu pequeno vetar,

evitava a água pelo veneno que ela constituía para ele. E o afogamento de um produtor era o maior segredo dos Fremmen, por produzir a substância de sua união: a Água da Vida, o veneno que só poderia ser modificado por uma Reverenda Madre.

A decisão viera quando Paul enfrentava a tensão de sua mãe em perigo. Nenhuma linha de futuro que houvesse visto carregara esse momento de perigo, partindo de Gurney Halleck. O futuro, o futuro cinzento e enevoadado, com aquele sentimento de que o universo inteiro rolava em direção a um fervilhante núcleo, permanecia ao seu redor como um mundo fantasmagórico.

“Eu devo vê-la” — pensou ele.

Seu corpo adquirira lentamente

uma certa tolerância para com a especiaria, o que tornava suas visões prescientes cada vez mais escassas... cada vez mais fracas... A solução lhe parecia óbvia.

“Eu vou afogar o produtor. Veremos agora se eu sou o Kwisatz Haderach, aquele que pode sobreviver ao teste a que as Reverendas Madres têm sobrevivido...”

E assim aconteceu, no terceiro ano da Guerra do Deserto, que Paul Muad'Dib se

encontrasse sozinho na Caverna dos Pássaros, prostrado sob as cortinas kishva de sua cela interna. Ele jazia como morto, apanhado nas revelações da Água da Vida, seu ser transportado, para além das fronteiras do tempo, pelo veneno que produz a vida. Assim se tornou verdadeira a profecia de que o Lisan al-Gaib se encontraria, ao mesmo tempo, morto e vivo.

*— de Lendas Reunidas de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

Chani emergiu da bacia de Habbanya, na escuridão anterior à aurora, ouvindo o “tóptero” que a trouxera do sul partir zumbindo para seu esconderijo na vastidão. A sua volta, a escolta mantinha distância, dispersando-se nas rochas do penhasco em busca de perigos...

e dando à companheira do Muad'Dib, a mãe de seu primeiro filho, algo que ela pedira: um momento para caminhar sozinha.

“Por que ele me chamou?”, indagava ela de si para si. “Ele me disse antes que eu devia permanecer no Sul, com o pequeno Leto e Alia.”

Puxou o manto e saltou sobre uma pequena barreira de rochas, galgando a trilha que somente os indivíduos treinados para o deserto poderiam reconhecer na escuridão. O cascalho escorregava sob seus pés e ela pulava sobre eles sem pensar na agilidade que isso requeria.

A subida era agradável, diminuindo os temores que haviam fermentado em seu interior, devido ao

afastamento silencioso da escolta, e ao fato de que um precioso “tóptero” fora enviado para buscá-la. Sentia uma alegria interior ante a proximidade da reunião com seu Paul Muad’Dib, seu Usul. Seu nome poderia ser um grito de batalha sobre a terra: “Muad’Dib! Muad’Dib! Muad’Dib!” Mas ela conhecera um homem diferente, por um nome diferente: o pai de seu filho e o amante terno.

Um grande vulto elevou-se das rochas acima dela, acenando para que se apressasse. Ela apertou o passo. Os pássaros da alvorada começavam a cantar, elevando-se no céu. Uma fraca faixa de luz crescia sobre o horizonte oriental.

O vulto não era um membro de sua própria escolta. “Otheym?”, perguntou ela a si mesma, reconhecendo a

familiaridade dos modos e movimentos. Chegou junto dele, reconhecendo-o na luz que aumentava. As feições largas e lisas do tenente dos Fedaykin, seu capuz aberto e o filtro da boca preso no modo frouxo que ele usava algumas vezes, quando se aventurava no deserto por apenas um instante.

— Depressa — sussurrou ele, levando-a para uma fenda escondida que conduzia ao interior da caverna oculta. — Já vai clarear disse ele, enquanto segurava o selo da porta, aberto para que ela entrasse. — Os Harkonnen têm mandado patrulhas desesperadas sobre parte desta região. Não podemos nos arriscar a ser descobertos agora.

Emergiram em uma estreita entrada lateral para a Caverna dos

Pássaros. Globos luminosos acenderam-se. Otheym passou por ela, dizendo:

— Siga-me rápido, agora.

Correram pela passagem, penetrando por outra porta-válvula, percorrendo outra passagem e atravessando, finalmente, as cortinas do que fora o quarto de repouso da Sayyadina, nos dias em que essa caverna era um simples local de repouso durante o dia.

Tapetes e colchões cobriam agora o piso. Cortinas, bordadas com a figura do falcão vermelho, ocultavam as paredes rochosas. Uma mesa de campo, baixa, encontrava-se coberta de papéis num dos lados, papéis dos quais se elevava um aroma de especiaria, característico de sua origem.

A Reverenda Madre estava sentada sozinha, do outro lado da entrada. Ela olhou com aquele olhar interior que fazia os não iniciados tremerem. Otheym uniu as palmas das mãos, e disse:

— Eu trouxe Chani. — Curvou-se e depois recuou, saindo através das cortinas.

E Jessica pensou: “Como direi a Chani?”

— Como está meu neto? — indagou.

“Então teremos uma saudação ritual?”, pensou Chani, sentindo seus temores retornarem. “Onde está Muad’Dib? Por que ele não está aqui para me receber?”

— Ele se encontra saudável e feliz, minha mãe respondeu Chani. — Eu o

deixei com Alia aos cuidados de Harah.

“Minha mãe”, pensou Jessica. “Sim, ela tem o direito de me chamar desse modo, numa saudação formal. Ela me deu um neto.”

— Eu soube que um presente de tecidos foi enviado do sietch Coanua.

— São tecidos lindos — respondeu Chani.

— Alia envia alguma mensagem?

— Nenhuma mensagem. Mas o sietch funciona mais tranqüilamente agora que as pessoas começam a aceitar o milagre de sua condição.

“Por que ela está prolongando tanto isso”, pensou Chani. “Alguma coisa era tão urgente que eles enviaram um “tóptero” para me buscar. E agora nos arrastamos através dessas formalidades!”

— Devemos providenciar para que um pouco do novo tecido seja cortado em roupas para o pequeno Leto — disse Jessica.

— Como desejar, minha mãe — respondeu Chani, e abaixou o olhar. — Há alguma notícia das batalhas? — Procurou manter o rosto sem expressão, de modo que Jessica não percebesse ser essa uma pergunta a respeito do Muad'Dib.

— Novas vitórias — explicou Jessica. — Rabban tem enviado propostas cautelosas para uma trégua. Seus mensageiros têm sido enviados de volta, sem sua água. Rabban chegou mesmo a aliviar os encargos sobre as pessoas dos povoados, nas pias. Mas é muito tarde. As pessoas sabem que ele faz isso porque nos

teme.

— E assim tudo corre como disse o Muad'Dib — concluiu Chani. Olhou para Jessica, tentando manter seus temores para si mesma. “Eu mencionei o nome dele, mas ela não respondeu. Não se pode perceber emoção naquela pedra de vidro que ela chama de rosto... mas ela está muito fria. Por que estará tão quieta? O que terá acontecido ao meu Usul?”

— Eu queria que estivéssemos no Sul — recomeçou Jessica.

— Os oásis lá estavam tão belos quando partimos! Você não anseia pelo dia em que toda a terra possa brotar desse modo?

— A terra é verdadeiramente bela, mas há muita dor sobre ela.

— A dor é o preço da vitória —

respondeu Jessica.

“Estará ela me preparando para a dor?”, perguntou Chani consigo mesma. — Existem tantas mulheres separadas de seus homens. Elas ficarão com ciúmes quando souberem que eu fui chamada para o Norte.

— Eu a chamei — disse Jessica.

Chani sentiu seu coração acelerar-se. Queria levar as mãos aos ouvidos, temerosa do que eles pudessem ouvir. Ainda assim, manteve a voz calma.

— A mensagem estava assinada pelo Muad'Dib.

— Eu a assinei desse modo, na presença de seus tenentes explicou Jessica. — Tratava-se de um subterfúgio necessário. — E pensou: “A mulher de meu Paul é muito corajosa. Ela se

mantém fiel às delicadezas mesmo quando o medo está quase dominando-a. Sim. Ela pode ser aquela de quem necessitamos agora.”

Apenas um leve tom de resignação transpareceu na voz de Chani quando ela falou:

— Agora, deve dizer-me aquilo que precisa ser dito.

— Nós precisamos de você aqui para me ajudar a reanimar Paul — disse Jessica enquanto pensava: “Aí está! Falei do modo precisamente correto. Reanimá-lo, assim ela saberá que Paul está vivo, e saberá que corre perigo; tudo em uma única palavra.”

Chani só levou um momento para se acalmar: “O que devo fazer?” Queria saltar para Jessica, sacudi-la e gritar:

“Leve-me até ele!” Mas esperou, silenciosamente, por uma resposta.

— Suspeito que os Harkonnen conseguiram infiltrar um agente entre nós para envenenar Paul. É a única explicação que se encaixa. Um veneno bem fora do comum. Eu já examinei seu sangue dos modos mais sutis, sem que pudesse detectá-la.

Chani caiu de joelhos.

— Veneno? Ele está sofrendo dores? Posso...

— Ele está inconsciente — respondeu Jessica. — Seus processos vitais estão tão lentos que apenas podem ser detectados pelas mais refinadas técnicas. Estremeço só em pensar no que poderia ter acontecido, se não fosse eu a encontrá-lo. Ele parece estar morto, para

um olhar não-treinado.”

— Você tem outras razões, além da cortesia, para me chamar até aqui. Eu a conheço, Reverenda Madre. O que acredita que eu possa fazer que você não pode?

“Ela é valente, adorável e ... ahhh... tão perspicaz”, pensou Jessica. “Daria uma ótima Bene Gesserit.”

— Chani, você pode achar isso difícil de acreditar, mas eu não sei precisamente por que mandei buscá-la. Foi instintivo... uma intuição básica. O pensamento veio-me espontaneamente: “Mande buscar Chani.”

Pela primeira vez Chani percebeu a tristeza na expressão de Jessica, a dor não-dissimulada modificando-lhe o olhar interior.

— Fiz tudo que sabia — disse. — E esse tudo... é tão além do que normalmente se supõe que ele signifique, que você acharia difícil imaginá-la. E no entanto... eu falhei.

— O velho companheiro Halleck — perguntou Chani —, é possível que ele seja um traidor?

— Não! O Gurney não.

As duas palavras resumiam toda uma conversação, e Chani percebeu as buscas, os testes... as memórias de antigos fracassos que se resumiam nessa simples negação.

Chani levantou-se, alisou seu manto manchado pelo deserto e disse:

— Leve-me até ele.

Jessica ergueu-se e virou para a esquerda, passando pelas cortinas sobre a

parede.

Chani a seguiu, encontrando-se no que devia ter sido um depósito, suas paredes rochosas agora ocultas sob pesadas cortinas.

Paul encontrava-se sobre uma maca de campanha encostada a uma parede. A luz de um único globo luminoso iluminava-lhe o rosto. Um manto negro o cobria até o peito, deixando os braços de fora, estendidos ao longo do corpo. Ele parecia estar despido sob o manto. A pele exposta parecia cera, rígida. Não havia movimento visível.

Chani suprimiu o impulso de se lançar para a frente, atirando-se sobre ele. Descobriu que seus pensamentos voltavam-se para seu filho, Leto; e percebeu que também Jessica, uma vez,

havia enfrentado um momento como esse. Com o homem que amava ameaçado pela morte, forçando sua mente a se concentrar no que poderia ser feito para salvar seu jovem filho. Essa conscientização formou um elo súbito com a mulher mais velha, e Chani segurou-lhe a mão. O aperto, em resposta, foi doloroso em sua intensidade.

— Ele vive — disse Jessica. — Asseguro-lhe que ele vive. Mas o fio da vida se encontra tão tênue que pode escapar facilmente à detecção. Já existem alguns, entre os líderes, murmurando que é a mãe que fala e não a Reverenda Madre, que meu filho se encontra realmente morto, e eu me recuso a entregar sua água para a tribo.

— Há quanto tempo ele está

assim? — indagou Chani, soltando a mão de Jessica e movendo-se para dentro do aposento.

— Três semanas. Passei quase uma semana tentando reanimá-lo. Houve reuniões, discussões... investigações. Então eu mandei buscá-la. Os Fedaykin obedecem a minhas ordens, de outro modo eu não teria sido capaz de retardar a... — Umedeceu os lábios com a língua, observando Chani se aproximar de Paul.

Ela encontrava-se sobre ele agora, olhando para a barba fina de jovem que lhe emoldurava o rosto, traçando com os olhos a linha alta das sobrancelhas, o nariz forte, os olhos fechados. Feições tão calmas nesse rígido repouso.

— Como ele recebe sua nutrição? — indagou ela.

— As exigências de sua carne são tão pequenas que ele ainda não necessitou de comida — respondeu Jessica.

— Quantas pessoas sabem o que aconteceu?

— Somente seus assessores mais próximos, alguns líderes, os Fedaykin e, é claro, quem quer que tenha administrado o veneno.

— Não existe nenhum indício quanto ao envenenador?

— E não é por falta de desejo em investigar.

— O que dizem os Fedaykin?

— Eles acham que Paul se encontra num transe sagrado, reunindo seus santos poderes para a batalha final. Este é um pensamento que eu tenho cultivado.

Chani ajoelhou-se ao lado da maca, e inclinou-se para junto do rosto de Paul. Sentiu uma diferença imediata no ar ao redor de sua face... mas era apenas a especiaria, o onipresente odor que permeava tudo na vida de um Fremen. Ainda assim...

— Você não nasceu no meio da especiaria como eu disse Chani. — Já investigou a possibilidade de que seu corpo se tenha rebelado contra o excesso de especiaria em sua dieta?

— Os testes de reações alérgicas foram negativos — respondeu Jessica.

Fechou os olhos, tanto para apagar essa cena como por causa da súbita consciência de sua fadiga. “Há quanto tempo eu não durmo?”, perguntou ela de si para si. “Muito tempo.”

— Quando você muda a Água da Vida — explicou Chani —, você o faz dentro de si própria, pela consciência interna. Já usou essa consciência para testar-lhe o sangue?

— Sangue Fremen normal. Completamente adaptado à dieta e à vida aqui.

Chani sentou-se sobre os calcanhares, submergindo em si mesma enquanto estudava o rosto de Paul. Tratava-se de um truque que aprendera ao observar as Reverendas Madres. O tempo podia ser colocado para servir à mente. Bastava concentrar toda a atenção...

Daí a pouco ela disse:

— Há um produtor aqui?

— Existem vários — respondeu

Jessica, com um toque de cansaço. — Nós não ficamos sem eles nestes dias. Cada vitória requer uma bênção. Cada cerimônia, antes de um reide...

— Mas Paul Muad'Dib tem-se mantido afastado dessas cerimônias.

Jessica acenou afirmativamente, lembrando-se dos sentimentos ambivalentes que seu filho nutria em relação à droga da especiaria, e à consciência presciente que ela lhe trazia.

— Como sabe disso? — indagou ela.

— Tem sido comentado.

— Comentado demais — reconheceu Jessica amargamente.

— Traga-me a água bruta de um produtor — pediu Chani.

Jessica enrijeceu-se ante o tom de

comando na voz dela, observou a intensa concentração na fisionomia da jovem mulher e disse:

— Imediatamente. — Saiu através das cortinas para chamar um encarregado da água.

Chani continuou olhando para Paul. “Se ele tentou fazer isso”, pensava ela. “É o tipo de coisa que ele poderia tentar...”

Jessica ajoelhou-se ao lado dela segurando uma jarra de campanha. O cheiro forte do veneno penetrava nas narinas de Chani.

Ela mergulhou o dedo no fluido e levou-o para junto do nariz de Paul.

A pele, ao longo da ponta do nariz, enrugou-se levemente. Lentamente, as narinas se dilataram.

Jessica soltou uma exclamação de espanto.

Chani tocou com o dedo molhado o lábio superior de Paul. Ele inspirou profundamente.

— O que significa isso? — quis saber Jessica.

— Acalme-se. Deve converter uma pequena quantidade de água sagrada. Rápido!

Sem questionar, porque reconhecera o tom perceptivo da voz de Chani, Jessica levou a jarra até a boca, sorvendo um pequeno gole.

Os olhos de Paul se abriram. Ele olhou para cima em direção a Chani.

— Não é necessário que ela mude a Água — disse ele com a voz fraca mas nítida.

Jessica, com um gole de fluido sobre a língua, viu seu corpo entrar em ação, convertendo o veneno quase automaticamente.

Na leve aceleração que a cerimônia sempre produzia nos sentidos ela percebeu um brilho vital emanando de Paul; uma radiação que se imprimia em sua consciência. E naquele instante ela percebeu.

— Você bebeu da água sagrada!

— Apenas uma gota — respondeu Paul. — Tão pequena... uma gota...

— Como pôde fazer uma coisa tão tola?

— Ele é seu filho — comentou Chani.

Jessica olhou furiosa para ela.

Um raro sorriso, afetuoso e cheio

de compreensão, surgiu nos lábios de Paul.

— Ouça minha amada — disse. —
Escute o que ela diz, mãe. Ela sabe.

— Uma coisa que outros podem fazer ele deve fazer — observou Chani.

— Quando eu tive a gota em minha boca, quando a provei e senti, quando percebi o que ela estava fazendo comigo, então eu soube que poderia fazer aquilo que você fez. Suas inspetoras Bene Gesserit falam do Kwisatz Haderach, mas elas não podem imaginar os lugares em que estive nos poucos minutos em que eu... Parou, olhando para Chani com uma expressão intrigada. — Chani? O que está fazendo aqui? Você devia estar... Por que está aqui?

Ele tentou se erguer, apoiando-se

nos cotovelos. Chani o pressionou de volta, delicadamente.

— Por favor, meu Usul.

— Sinto-me tão fraco — disse ele, os olhos movendo-se para observar ao redor. — Há quanto tempo estou aqui?

— Esteve três semanas num estado de coma tão profundo que a centelha da vida parecia ter-lhe escapado — respondeu Jessica.

— Mas foi... apenas um momento atrás e...

— Um momento para você, três semanas de medo para mim.

— Foi apenas uma gota, mas eu a converti. Mudei a Água da Vida. — Antes que Jessica ou Chani pudessem impedi-lo, Paul mergulhou sua mão no frasco que elas haviam deixado no piso ao

seu lado, e levou a mão gotejante à boca, engolindo todo o líquido contido na palma.

— Paul! — gritou Jessica.

Ele segurou-lhe a mão, encarando-a com um sorriso de morte, e Jessica sentiu-lhe a consciência penetrando em sua mente.

A união não era afetuososa, nem tão completa e compartilhada como fora com Alia ou com a Velha Reverenda Madre na caverna... mas era uma união: um sentimento de identidade compartilhada em todo o ser. Aquilo a sacudiu e enfraqueceu, e ela se encolheu em sua mente, com medo dele. Falando alto, disse:

— Você fala de um lugar onde não pode entrar? Mostre-me onde fica o lugar

que as Reverendas Madres não podem ver. — Jessica sacudiu a cabeça, aterrorizada pelo pensamento.

— Mostre-o para mim! — ordenou ele.

— Não!

Mas sabia que não podia escapar. Empurrada pela força terrível que dele emanava, ela fechou os olhos e focalizou para dentro... na direção-que-era-escura.

A consciência de Paul fluiu através dela, e à sua volta, na escuridão. Jessica vislumbrou fracamente um lugar, antes que sua mente se apagasse de terror. Sem que soubesse por quê, todo o seu corpo tremia com o que tinha visto. Uma região onde um vento soprava e centelhas brilhavam, onde anéis luminosos se expandiam e se contraíam, onde filas de

formas brancas, tumescentes, fluíam por cima e por baixo das luzes, impulsionadas pela escuridão e por um vento que vinha de parte alguma.

Pouco depois ela abriu os olhos, vendo que Paul a observava.

Ele ainda segurava sua mão, mas a união terrível se fora. Ela dominou seus tremores, e Paul soltou-lhe a mão. Era como se alguma muleta tivesse sido removida. Jessica cambaleou, levantando-se e retrocedendo. Teria caído, se Chani não saltasse para ampará-la.

— Reverenda Madre! — disse Chani — o que está errado?

— Cansada — murmurou Jessica. — Tão... cansada.

— Aqui — mostrou Chani. — Sente-se aqui. — Ajudou Jessica a se

acomodar em uma almofada, junto da parede.

Seus braços jovens e fortes pareciam tão bons a Jessica. Ela se agarrou a Chani.

— Ele realmente compreendeu a Água da Vida? — indagou Chani, soltando-se das mãos de Jessica.

— Ele compreendeu — sussurrou, a mente ainda oscilando e ondulando com o contato. Era como saltar em terra firme depois de semanas em mar agitado. Sentia a Velha Reverenda Madre dentro dela... e todas as outras que a haviam precedido despertarem indagando:

— O que era aquilo? O que aconteceu? Onde era aquele lugar?

E através de tudo isso permeava a compreensão de que seu filho era o

Kwisatz Haderach, aquele que pode se encontrar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ele era o fato brotando do sonho Bene Gesserit, e essa realidade não lhe dava paz.

— Que aconteceu? — insistiu Chani.

Jessica sacudiu a cabeça. Paul explicou:

— Existe, dentro de cada um de nós, uma força ancestral que tira, e uma força ancestral que dá. Um homem encontra pouca dificuldade em encarar aquele lugar, dentro de si mesmo, onde habita a força que tira; mas é quase impossível para ele fitar a força que dá, sem se transformar em alguma coisa diferente de um homem. Para uma mulher, a situação é revertida.

Jessica olhou para cima, encontrando Chani a fitá-la enquanto ouvia Paul.

— Você me compreende, mãe? — indagou ele.

Ela só podia acenar que sim.

— Essas coisas são tão antigas dentro de nós — continuou ele —, que se encontram enraizadas dentro de cada célula individual de nossos corpos. Nós somos moldados por essas forças. Você pode dizer para si mesma: “Sim, percebo como tal coisa pode ser.” Mas quando olha para dentro, e confronta a força pura de sua própria vida exposta, você percebe seu perigo. Percebe que poderia ser dominada completamente por ela, esmagada. O maior perigo para aquele que Dá é a força que toma. O maior

perigo para o que Toma, é a força que dá. É tão fácil ser dominado pelo dar como pelo tomar.”

— E você, meu filho — indagou Jessica —, é aquele que dá ou aquele que toma?

— Eu sou o fulcro. Eu não posso dar sem tomar, e não posso tomar sem... — Paul se interrompeu, olhando para a parede à sua direita.

Chani sentiu uma brisa em seu rosto, voltou-se para ver as cortinas fechando.

— Era Otheym — disse Paul. — Ele estava escutando.

Aceitando as palavras, Chani sentiu-se tocada por uma parte da presciência que atormentava Paul, e conheceu uma coisa-que-ainda-ia-ser,

como se já houvesse ocorrido: Otheym iria falar o que vira e ouvira, outros iriam espalhar a história, até que ela se houvesse tornado um fogo sobre a terra. Paul Muad'Dib não era como os outros homens, eles iriam dizer. Não pode haver mais dúvida. Ele é um homem, e no entanto ele enxerga através da Água da Vida como uma Reverenda Madre. Ele é, de fato, o Lisan al-Gaib.

— Você viu o futuro, Paul — disse Jessica. — Vai dizer o que viu?

— Não o futuro — respondeu. — Eu vi o Agora. — Forçou-se para uma posição sentada, acenando para que Chani se afastasse, quando ela se moveu para ajudá-lo. — O Espaço acima de Arrakis está repleto de naves da Corporação.

Jessica estremeceu ante a certeza

em sua voz.

— O próprio Imperador Padishah se encontra aqui — disse Paul, olhando para o teto rochoso de sua cela —, com sua Reveladora da Verdade favorita, e cinco legiões de Sardaukar. O velho Barão se encontra aqui, com Thufir Hawat ao seu lado e sete naves abarrotadas com cada recruta que ele pôde conseguir. Cada uma das Grandes Casas tem seus guerreiros sobre nós... esperando.

Chani sacudiu a cabeça, incapaz de tirar os olhos de Paul. Sua estranheza, o tom monótono em sua voz, o modo como ele parecia olhar através dela a enchiam de espanto e admiração.

Jessica tentou engolir com a garganta seca.

— O que é que eles estão esperando?

Paul olhou para ela.

— A permissão da Corporação para que possam pousar. A Corporação abandonará, em Arrakis, qualquer força que pouse sem permissão.

— A Corporação está nos protegendo? — indagou Jessica.

— Nos protegendo! A própria Corporação causou isso, ao espalhar histórias sobre o que estamos fazendo aqui, e reduzindo as tarifas de transporte de tropas a um ponto em que até as Casas mais pobres estão lá em cima, agora, esperando para nos atacar.

Jessica notou a ausência de amargura em seu tom de voz e admirou-se. Não podia duvidar de suas palavras;

ela as ouvira, com a mesma intensidade, naquela noite em que lhe revelava a trilha do futuro que os tinha conduzido entre os Fremen.

Paul respirou fundo, depois disse:

— Mãe, você deve mudar uma quantidade da Água para nós. Nós precisamos do catalisador. Chani, mande uma força de batedores partir para... encontrar massa de pré-especiaria. Se nós plantarmos uma quantidade de Água da Vida em cima de uma massa de pré-especiaria, você sabe o que irá acontecer?

Jessica mediu suas palavras, e de repente viu o significado.

— Paul! — exclamou ela, ofegante.

— A Água da Morte — respondeu ele. — Será uma reação em cadeia. — Ele apontou para o solo. — Espalhando a

morte entre os pequenos produtores, matando o vetor do ciclo vital, que inclui a especiaria e os produtores. Arrakis se tornará uma verdadeira desolação... sem especiaria ou produtores.

Chani levou a mão aos lábios, chocada, num silêncio atordoado pela blasfêmia que se derramava dos lábios de Paul.

— Aquele que pode destruir uma coisa a controla. Nós podemos destruir a especiaria.

— O que segura a mão da Corporação? — sussurrou Jessica.

— Eles estão procurando por mim — respondeu Paul. — Pense nisso! Os melhores navegadores da Corporação, homens que podem sondar adiante através do tempo, encontrando o curso

mais seguro para os Heighliners mais velozes. Todos eles procurando por mim... e incapazes de me encontrar. Como eles tremem! Eles sabem que eu possuo o seu segredo aqui! — Paul ergueu a mão em concha. — Sem a especiaria, eles estão cegos!

Chani recuperou sua voz:

— Disse que vê o “agora”?

Paul recostou-se, observando a extensão do “presente”, seus limites que se estendiam para o futuro e o passado, mantendo sua visão com dificuldade, à medida que a iluminação produzida pela especiaria começava a diminuir.

— Faça como ordenei — disse ele. — O futuro está se tornando confuso para a Corporação, assim como para mim. As linhas de visão estão se estreitando.

Tudo se focaliza aqui, onde a especiaria se encontra... onde eles não se atreveram a interferir anteriormente... porque interferir significava perder o que possuíam.

Mas agora eles estão desesperados. Todos os caminhos conduzem à escuridão.

E o dia raiou quando Arrakis se encontrava no eixo do universo, com a roda pronta para girar.

— *de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

— Dê uma olhada naquela coisa!
— sussurrou Stilgar.

Paul encontrava-se ao lado dele, em uma fenda na rocha, sobre a borda da

Muralha Escudo, olhos fixos no coletor de um telescópio Fremen. A lente de óleo encontrava-se focalizada em uma pequena nave estelar, exposta sob a luz da aurora, na depressão abaixo deles. A elevada face leste da nave brilhava sob a luz do sol, mas o lado na sombra ainda exibia vigias brilhando amareladas, com a luz noturna dos globos luminosos. Além da nave, a cidade de Arrakeen estendia-se, fria e reluzente, na luz do sol do norte.

Não era a nave que produzia admiração em Stilgar, Paul bem o sabia, mas a construção da qual ela era apenas o poste central.

Uma única tenda de metal, com muitos andares de altura, estendendo-se num círculo de mil metros ao redor da base da nave ligeira.

Uma tenda formada por folhas de metal encaixadas. O alojamento temporário para cinco legiões de Sardaukar e sua majestade imperial, o Imperador Padishah Shaddam IV.

De sua posição, agachado à esquerda de Paul, Gurney Halleck disse:

— Eu conto nove andares. Deve haver um bocado de Sardaukar ali.

— Cinco legiões — disse Paul.

— Está ficando claro — sussurrou Stilgar. — Não gosto disto, Muad'Dib; está se expondo. Vamos voltar para as rochas, agora.

— Estou perfeitamente seguro aqui.

— Aquela nave possui armas lançadoras de projéteis — disse Gurney.

— Eles acreditam que estamos

protegidos por escudos respondeu Paul. — Não se arriscariam a desperdiçar um disparo num trio não identificado, mesmo se nos vissem.

Paul girou o telescópio para esquadriñar a muralha oposta da depressão, vendo os penhascos cheios de perfurações, com os desmoronamentos que marcavam as tumbas de tantos soldados de seu pai. Naquele momento, ele teve uma impressão da adequação daquele cenário. Como era justo que as sombras dos homens de seu pai assistissem a esse momento. Os fortes dos Harkonnen e suas cidades, através das terras abrigadas, encontravam-se em poder dos Fremen, ou então isolados de suas fontes, como ramos cortados de uma planta, deixados para murchar. Apenas

essa depressão e essa cidade ainda restavam nas mãos do inimigo.

— Eles podem tentar uma surtida com “tópteros” — disse Stilgar —, se nos virem aqui.

— Deixe que o façam. Teremos mais “tópteros” para queimar hoje... e sabemos que uma tempestade se aproxima.

Virou o telescópio para o lado oposto do campo de pouso de Arrakeen, visando as fragatas Harkonnen alinhadas lá. Uma bandeira da Companhia CHOAM ondulava suavemente em seu mastro, espetado no solo abaixo delas.

Paul pensou no desespero que forçara a Corporação a permitir que esses dois grupos pousassem, enquanto todos os outros eram mantidos na reserva. A

Corporação era como um homem testando a areia com o dedo do pé, para verificar sua temperatura antes de erguer uma tenda.

— Existe algo novo para se ver daqui? — indagou Gurney. — Nós devíamos estar nos abrigando. A tempestade se aproxima.

Paul voltou sua atenção para a tenda gigante.

— Eles trouxeram até mesmo suas mulheres. E servos e lacaios. Ahh, meu querido Imperador, como és confiante.

— Os homens estão voltando pelo caminho secreto avisou Stilgar. — Podem ser Otheym e Korba, retornando.

— Certo, Stil — concordou Paul. — Vamos voltar.

Ainda assim ele deu uma olhada

final através do telescópio, estudando a planície com suas altas naves, a brilhante tenda metálica, a cidade silenciosa e as fragatas dos mercenários Harkonnen. Então deslizou para trás, em torno de uma escarpa de rocha, seu posto no telescópio sendo ocupado por um vigia Fedaykin.

Paul saiu para uma depressão rasa na superfície da Muralha Escudo. Era um lugar com aproximadamente trinta metros de diâmetro e três metros de profundidade, uma escavação natural da rocha que os Fremen haviam escondido embaixo de uma cobertura de camuflagem translúcida. O equipamento de comunicações fora aglomerado em torno de um buraco, na parede à direita. Guardas Fedaykin espalhados através da

depressão esperavam pela ordem de ataque do Muad'Dib.

Dois homens emergiram do buraco junto ao equipamento de comunicações, e falaram com os guardas ali postados.

Paul olhou para Stilgar, e acenou na direção dos dois homens.

— Pegue o relatório deles, Stil.

Stilgar moveu-se para obedecer.

Paul agachou-se com as costas na rocha, esticou os músculos, depois se levantou. Viu Stilgar enviando os dois homens de volta através daquele orifício escuro na rocha, e pensou na longa descida através daquele túnel feito pelo homem, até o fundo da depressão.

Stilgar se aproximou.

— O que era tão importante, que

eles não podiam enviar um cielago com a mensagem? — indagou Paul.

— Eles estão poupando seus pássaros para a batalha — respondeu Stilgar, e imediatamente olhou para o equipamento de comunicações. — Mesmo com um feixe estreito, é errado usar essas coisas, Muad'Dib. Eles podem nos localizar determinando a posição do emissor.

— Eles logo estarão ocupados demais para me encontrar — respondeu Paul. — Que foi que os homens relataram?

— Nossos queridos Sardaukar desembarcaram perto da Velha Falha, abaixo, no anel de montanhas, e estão a caminho agora para se unirem a seu senhor. Os lançadores de foguetes e

outras armas de projéteis estão posicionados. As pessoas foram posicionadas como ordenou. Foi tudo rotina.

Paul olhou através da tigela rasa em que se encontravam, observando seus homens na luz filtrada admitida pela cobertura camuflada. Sentiu o tempo se arrastando, como um inseto a avançar sobre uma rocha exposta.

— Nossos Sardaukar vão levar algum tempo avançando a pé, antes que possam sinalizar para um transporte de tropas. Eles estão sendo vigiados?

— Eles estão sendo vigiados — repetiu Stilgar, em resposta.

Ao lado de Paul, Gurney Halleck pigarreou.

— Não seria melhor nos

colocarmos num lugar seguro?

— Não existe tal lugar — respondeu Paul. — O relatório do tempo ainda é favorável?

— A Avó de todas as tempestades se aproxima — disse Stilgar. — Não pode senti-la, Muad'Dib?

— O ar parece favorável, mas eu gosto de certeza na previsão do tempo.

— A tempestade estará aqui dentro de uma hora — explicou Stilgar; acenou para a fenda que se abria na direção dos alojamentos do imperador e das fragatas Harkonnen. — Eles também sabem disso. Não há um “tóptero” no céu. Tudo está trancado e amarrado. Eles tiveram um relatório meteorológico de seus amigos lá no espaço.

— Houve mais algum ataque de

sondagem?

— Nada, desde o pouso da noite passada — respondeu Stilgar.

— Eles sabem que estamos aqui, e aguardam para escolher sua hora.

— Nós escolheremos a hora.

Gurney olhou para o alto e grunhiu.

— Se eles nos permitirem...

— Aquela frota vai ficar no espaço — disse Paul.

Gurney sacudiu a cabeça.

— Eles não têm escolha — explicou Paul. — Nós podemos destruir a especiaria. A Corporação não se atreveria a arriscar isso.

— Gente desesperada é a mais perigosa — comentou Gurney.

— Não somos nós também

desesperados? — indagou Stilgar.

Gurney olhou carrancudo.

— Você não viveu o sonho dos Fremen — advertiu Paul. — Stil está pensando em toda a água que gastamos em subornos, nos anos de espera, antes que Arrakis possa florescer. Ele não...

— Arrrgh — resmungou Halleck.

— Por que é ele tão lúgubre? — perguntou Stilgar.

— Ele é sempre assim antes da batalha. É a única forma de bom humor que o Gurney se permite.

Lentamente, um sorriso cruel espalhou-se pelo rosto de Gurney, seus dentes aparecendo brancos, acima da máscara do traje-destilador.

— Fico lúgubre só de pensar em todas as pobres almas Harkonnen que

vamos despachar sem confissão.

Stilgar riu.

— Ele fala como um Fedaykin.

— Gurney já nasceu um comando da morte — disse Paul e pensou: “Sim, deixe que eles ocupem a mente com trivialidades antes que sejamos testados contra aquela força lá na planície.”

Olhou para a fenda na rocha, depois de volta para Gurney, descobrindo que o guerreiro-trovador voltara à sua carranca pensativa.

— A preocupação subtrai a força — murmurou Paul. — Disse-me isso uma vez, Gurney.

— Meu Duque — respondeu ele. — Minha principal preocupação é quanto aos atômicos. Se usá-los para abrir um buraco na Muralha Escudo...

— Aquelas pessoas lá em cima não usarão armas atômicas contra nós. Eles não se atreveriam... pela mesma razão por que não podem se arriscar a que venhamos a destruir sua fonte de especiaria.

— Mas a prescrição contra...

— A prescrição! — retrucou Paul.

— É o medo, não a prescrição, que impede as Casas de lançarem armas atômicas umas contra as outras. A linguagem da Grande Convenção é suficientemente clara: “Uso de armas atômicas contra humanos será causa para obliteração planetária.” Nós vamos explodir a Muralha Escudo, não seres humanos.

— É uma distinção muito sutil.

— Os especialistas em sutilezas, lá

em cima, aceitarão de bom grado qualquer justificativa. Não vamos mais falar nisso.

Paul virou-se, desejando poder se sentir tão confiante na verdade. Daí a pouco disse:

— E quanto às pessoas na cidade? Já tomaram posição?

— Sim — murmurou Stilgar.

Paul olhou diretamente para ele:

— O que o incomoda?

— Jamais conheci um homem de cidade em quem se pudesse confiar inteiramente.

— Eu já fui um homem de cidade.

Stilgar enrijeceu-se. Seu rosto cobriu-se de rubor.

— Muad'Dib sabe que eu não pretendia...

— Sei o que pretendia dizer, Stil. Mas o teste de um homem não é o que você acha que ele vai fazer. É o que ele realmente faz. Essa gente da cidade tem sangue Fremen. Apenas não aprendeu ainda a escapar de sua escravidão. Nós ensinaremos...

Stilgar acenou com a cabeça, falando num tom de arrependimento:

— São os hábitos de uma vida inteira, Muad'Dib. Na Planície Funerária aprendemos a desprezar os homens das comunidades.

Paul olhou para Gurney, notando que ele observava Stilgar.

— Diga-nos, Gurney, por que a gente da cidade, lá embaixo, foi retirada de suas casas pelos Sardaukar?

— Um velho truque, meu Duque.

Eles pensaram em nos sobrecarregar com refugiados.

— Faz tanto tempo, desde a época em que as guerrilhas eram eficientes, que eles podem ter se esquecido de como combatê-las — disse Paul. — Os Sardaukar nos ajudaram. Eles apanharam algumas mulheres da cidade para se divertirem com elas, decoraram seus estandartes de batalha com as cabeças dos homens que fizeram objeção a isso. Desse modo, criaram um ódio febril entre gente que, de outro modo, teria considerado a batalha que se aproxima como apenas um grande incômodo... a possibilidade de trocar um conjunto de padrões por outro... Os Sardaukar estão recrutando homens para nós, Stilgar.

— O povo da cidade parece ávido

para lutar — concordou Stilgar.

— Seu ódio é recente e claro — explicou Paul. — É por isso que vamos usá-los como tropa de choque.

— O massacre entre eles será terrível — comentou Gurney, e Stilgar assentiu, concordando.

— Eles foram esclarecidos quanto às chances — respondeu Paul. — Sabem que cada Sardaukar que matarem será um a menos para nós. Como vêem, cavalheiros, eles têm algo por que morrer. Descobriram que são um povo. Estão despertando.

Um murmúrio de espanto partiu do vigia no telescópio. Paul dirigiu-se para a fenda na rocha e indagou:

— Que foi que houve lá embaixo?

— Uma grande agitação,

Muad'Dib. Naquela monstruosa tenda de metal. Um carro de superfície chegou da Muralha Leste e foi como um falcão entrando num ninho de perdizes das rochas.

— Nossos prisioneiros Sardaukar chegaram, então — comentou Paul.

— Agora eles colocaram um escudo ao redor do campo inteiro disse o vigia. — Posso ver o ar tremulando até mesmo na extremidade dos armazéns onde eles guardam a especiaria.

— Agora eles sabem com quem estão lutando — comentou Gurney. — Deixe que as bestas Harkonnen tremam e se martirizem ante a constatação de que um Atreides ainda vive.

Paul deu instruções ao Fedaykin no telescópio.

— Observe o mastro da bandeira no topo da nave do Imperador. Se minha bandeira for erguida lá...

— Não vai ser — disse Gurney.

Paul percebeu a expressão intrigada no rosto de Stilgar e explicou:

— Se o Imperador aceitar minha reivindicação, seu sinal será restaurar a bandeira dos Atreides sobre Arrakis. Nesse caso, usaremos o segundo plano, atacando somente os Harkonnen. Os Sardaukar ficarão de lado e deixarão que resolvamos a questão entre nós.

— Eu não tenho experiência com essas coisas de fora do planeta — disse Stilgar. — Já ouvi falar nelas, mas me parece improvável que...

— Não é preciso experiência para saber o que eles vão fazer — comentou Gurney.

— Eles estão erguendo uma nova bandeira na nave alta — avisou o

observador. — A bandeira é amarela... com um círculo negro e vermelho no centro.

— Eis uma resposta sutil — disse Paul. — A bandeira da Companhia CHOAM.

— É a mesma bandeira das outras naves — acrescentou o guarda Fedaykin.

— Eu não compreendo — disse Stilgar.

— De fato, uma resposta sutil — explicou Gurney. — Se ele houvesse hasteado a bandeira dos Atreides, seria obrigado a agüentar as repercussões desse ato. Há observadores demais por aqui.

Ele poderia responder com uma bandeira Harkonnen. Isso seria uma declaração muito óbvia. Mas não... ele ergue a bandeira da CHOAM. Diz às

peessoas lá em cima — Gurney apontou para o espaço — onde está o lucro. Está dizendo que não se importa se há um Atreides aqui ou não.

— Quanto tempo vai levar até que a tempestade atinja a Muralha Escudo? — perguntou Paul.

Stilgar voltou-se para consultar um dos Fedaykin no interior da tigela. Logo depois retornou dizendo

— Bem pouco, Muad'Dib. Mais cedo do que esperávamos. E é a avó de todas as tempestades... talvez até mesmo maior do que desejaria.

— É a minha tempestade — disse Paul, e viu o espanto e a admiração nos rostos dos Fedaykin mais próximos. — Se sacudir o mundo inteiro, não será mais do que desejei. Irá atingir a Muralha Escudo

com força total?

— Passará suficientemente perto para causar o mesmo efeito — respondeu Stilgar.

Um correio saiu do buraco que levava até o fundo da depressão abaixo e relatou:

— Os Sardaukar e as patrulhas Harkonnen estão se recolhendo, Muad'Dib!

— Eles esperam que a tempestade derrame muita areia sobre a depressão para permitir boa visibilidade — comentou Stilgar.

— Pensam que vamos fazer o mesmo.

— Diga aos nossos artilheiros para ajustarem bem a pontaria antes que a visibilidade diminua — avisou Paul. —

Eles devem arrancar o nariz de cada uma daquelas naves assim que a tempestade tenha destruído os escudos.

Caminhou para a parede da tigela, puxando uma dobra da cobertura camuflada para observar o céu. Os redemoinhos em forma de rabo-de-cavalo já podiam ser vistos contorcendo-se contra o céu escuro. Paul restaurou a cobertura e ordenou:

— Comece a enviar nossos homens, Stil.

— Não vem conosco? — indagou Stilgar.

— Vou esperar aqui um pouco com os Fedaykin.

Stilgar fez um gesto de compreensão em direção a Gurney, caminhou para o orifício nas rochas e

desapareceu.

— O detonador que estoura a Muralha Escudo vai ficar em suas mãos, Gurney. Acha que pode fazê-la?

— Eu o farei.

Paul acenou para um tenente dos Fedaykin.

— Otheym, comece a mover as patrulhas de reconhecimento para fora da área da explosão. Elas devem ter saído de lá quando a tempestade nos atingir.

O homem se curvou e seguiu Stilgar.

Gurney inclinou-se sobre a fenda da rocha e falou com o homem ao telescópio

— Mantenha sua atenção sobre a muralha sul. Estará completamente sem defesas até que a estouremos.

— Envie um cielago com um sinal de tempo — ordenou Paul.

— Alguns carros de solo estão se movendo na direção da muralha sul — avisou o homem do telescópio. — Alguns deles estão usando armas de projéteis, testando-as. Nossa gente está usando escudos corporais, como ordenou. Os carros de solo pararam.

No abrupto silêncio, Paul ouviu os demônios de vento soprando acima — a frente da tempestade. A areia começou a escorrer para dentro da tigela através de brechas na cobertura. Uma rajada de vento apanhou a cobertura e a carregou.

Paul gesticulou para que os Fedaykin se abrigassem e correu em direção aos homens junto ao equipamento de comunicações ao lado do

túnel. Gurney ficou a seu lado enquanto Paul se curvava sobre o sinaleiro. Alguém disse:

— A avó de todas as tempestades, Muad'Dib.

Paul olhou para o céu que escurecia e ordenou:

— Gurney, recolha os observadores da muralha sul.

Teve de repetir a ordem gritando acima do rugido crescente da tormenta.

Gurney voltou-se para obedecer.

Paul prendeu a máscara filtradora e ajustou o capuz do traje-destilador.

Gurney voltou.

Paul tocou-lhe o ombro, apontando para o detonador colocado na boca do túnel, além do sinaleiro. Gurney foi para lá, parando com uma das mãos

sobre o disparador, os olhos voltados para Paul.

— Não estamos recebendo mensagens — avisou o sinaleiro ao lado de Paul. — Muita estática.

Paul assentiu, mantendo os olhos sobre o mostrador do tempo standard diante do homem. Depois olhou para Gurney, ergueu uma das mãos, voltando a atenção para o mostrador. O ponteiro arrastou-se em sua volta derradeira.

— Agora! — gritou Paul, abaixando a mão.

Gurney pressionou o detonador.

Pareceu que um segundo inteiro transcorreria antes que sentissem o chão ondular e sacudir embaixo deles. Um trovão ribombante adicionou-se ao rugido da tempestade.

O vigia Fedaykin apareceu ao lado de Paul, com o telescópio embaixo do braço.

— A Muralha Escudo está aberta, Muad'Dib! — gritou ele.

— A tempestade está em cima deles, e nossos artilheiros já estão disparando.

Paul pensou na tempestade varrendo o interior da depressão, a carga de eletricidade estática dentro da muralha de areia destruindo cada barreira-escudo no campo inimigo.

— A tempestade! — alguém gritou. — Devemos nos abrigar, Muad'Dib!

Paul compreendeu imediatamente, saindo de seu devaneio ao sentir as agulhas de areia picando a parte exposta

de seu rosto.

“Agora estamos comprometidos”, pensou. Colocou o braço sobre o ombro do sinaleiro.

— Abandone o equipamento, há mais no túnel.

Sentiu-se arrastado, com os Fedaykin pressionando à sua volta para protegê-lo. Comprimiram-se através da entrada do túnel, sentindo o silêncio relativo, e viraram numa curva para atravessar uma pequena câmara com globos luminosos no teto e outra abertura de túnel adiante.

Outro sinaleiro colocara-se lá com seu equipamento de comunicações.

— Muita estática — avisou o homem.

Um redemoinho de areia encheu o

ar ao redor.

— Selem o túnel! — gritou Paul. Uma súbita quietude revelou que a ordem fora obedecida. — O caminho para o interior da depressão está aberto? — indagou.

Um Fedaykin foi olhar e retornou, dizendo:

— A explosão causou alguns deslizamentos de rochas, mas os engenheiros dizem que está aberto. Eles estão limpando a passagem com raios laser.

— Diga-lhes para usarem as mãos! — gritou Paul. — Há escudos ativos lá embaixo?

— Eles estão sendo cuidadosos, Muad'Dib — disse o homem, mas voltou-se para obedecer.

O sinaleiro do lado externo passou por eles carregando seu equipamento.

— Eu disse àqueles homens que abandonassem o equipamento! — reclamou Paul.

— Os Fremen não gostam de abandonar equipamento, Muad'Dib — respondeu um dos Fedaykin.

— Homens são mais importantes do que equipamento neste instante. Logo teremos mais equipamento do que poderemos usar, ou não teremos mais necessidade de qualquer equipamento.

Gurney Halleck surgiu ao seu lado:

— Ouvi dizer que o caminho está aberto até lá embaixo. Aqui, estamos muito próximos da superfície se os Harkonnen resolverem contra-atacar do mesmo modo.

— Eles não se encontram em posição de contra-atacar respondeu Paul. — Agora mesmo estão descobrindo que não têm mais escudos e lhes é impossível abandonar Arrakis.

— Todavia, o novo posto de comando está preparado, meu senhor — Ainda não precisam de mim no posto de comando. O plano será levado adiante sem mim. Devemos esperar pelo...

— Estou recebendo uma mensagem, Muad'Dib — avisou o sinaleiro junto do posto de comunicações. O homem sacudiu a cabeça, pressionando o fone do receptor contra a orelha. Muita estática! — Começou a escrever num bloco a sua frente, sacudindo a cabeça, esperando, escrevendo... esperando.

Paul colocou-se ao seu lado. O

Fedaykin recuou, dando-lhe espaço, Paul olhou para o que o homem havia escrito e leu:

— Ataque... em sietch Tabr... prisioneiros... Alia (espaço em branco) famílias dos (espaço em branco) mortos são... eles (espaço em branco) o filho do Muad'Dib.

Novamente o sinaleiro sacudiu a cabeça.

Paul olhou para cima, vendo que Gurney o observava.

— A mensagem tem muitas lacunas — disse Gurney. — A estática. Você não sabe se...

— Meu filho está morto! — exclamou Paul, sabendo, enquanto falava, que isso era verdade. — Meu filho está morto e... Alia foi capturada... como

refém.

Sentiu-se vazio, uma casca sem emoções. A tudo que tocava trazia morte e dor. Era como uma doença que poderia espalhar-se pelo universo.

Sentia a sabedoria dos velhos, a acumulação de experiências de incontáveis vidas possíveis. Alguma coisa parecia rir e esfregar as mãos dentro de si.

E Paul pensou: “Quão pouco sabe o universo a respeito da natureza da verdadeira crueldade!”

E o Muad'Dib se colocou diante deles e disse: — Embora nós consideremos os prisioneiros como mortos, ainda assim ela vive. Pois sua semente é a minha semente e sua voz é a minha voz. E ela vê até os limites mais extremos das possibilidades. Dentro do vale do incompreensível, ela enxerga por minha causa.

*— de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

O Barão Vladimir Harkonnen

mantinha-se com os olhos baixos na câmara de audiência imperial, uma selamlík oval dentro da tenda do Imperador Padishah. Com olhares reservados, o Barão observara a sala de paredes metálicas e seus ocupantes: os noukkers, os pajens, os guardas, a tropa de Sardaukar da Casa alinhada diante das paredes, em posição de descansar, embaixo de bandeiras sangrentas e esfarrapadas, capturadas em batalha para constituírem a única decoração da sala.

Vozes soaram à direita da câmara, ecoando de uma passagem elevada:

— Abram caminho! Abram caminho para Sua Alteza Real!

O Imperador Padishah Shaddam IV entrou na câmara de audiência seguido por sua corte. Ficou esperando enquanto

lhe traziam o trono, ignorando o Barão e aparentemente a todos na sala.

O Barão percebeu-se incapaz de ignorar Sua Alteza Real, e observou o Imperador em busca de um sinal, de algum indício do propósito dessa audiência. O Imperador mantinha-se altivo, esperando. Uma figura magra e elegante, em uniforme cinza de Sardaukar, com ornamentos dourados e prateados. O rosto magro e os olhos frios lembravam o Duque Leto, há tanto tempo morto. Lá estava a mesma aparência de ave de rapina. Mas o cabelo do Imperador era ruivo, não escuro, e a maior parte dele encontrava-se oculta pelo capacete negro de Burseg, com a crista imperial dourada sobre o topo.

Pajens trouxeram o trono. Uma

cadeira maciça esculpida em uma única peça de quartzo Hagal — translúcida, azul-esverdeada, com fios de fogo amarelo. Eles a colocaram sobre uma plataforma. O Imperador subiu e sentou-se. Uma velha em manto negro, com um capuz cobrindo-lhe a testa, destacou-se da comitiva do Imperador e tomou posição ao lado do trono, uma de suas mãos esqueléticas repousando no recosto de quartzo. Seu rosto surgia de dentro do capuz como uma caricatura de bruxa — olhos e bochechas afundados, nariz muito comprido, pele manchada e veias salientes. O Barão procurou controlar seus temores ante a visão daquela criatura. A presença da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, a Reveladora da Verdade do Imperador, mostrava a

importância da audiência. O Barão afastou os olhos dela, observando o séquito em busca de um indício. Havia dois agentes da Corporação, um alto e gordo, o outro baixo e também gordo, ambos com olhos cinzentos. E entre os lacaios erguia-se uma das filhas do Imperador, a Princesa Irulan, mulher de quem diziam estar sendo treinada nos mais profundos conhecimentos Bene Gesserit com o fito de se tornar uma Reverenda Madre. Era alta e loura, com um rosto de pura beleza esculpida e olhos verdes que pareciam fitar através dele.

— Meu caro Barão. — O Imperador condescendera em notar-lhe a presença. A voz era de barítono, com elaborado controle. Conseguia menosprezá-la ao mesmo tempo em que

o saudava. O Barão curvou-se totalmente e avançou para a posição requerida, a dez passos da plataforma do trono.

— Eu vim ao seu chamado, Majestade.

— Chamado! — riu-se a velha bruxa.

— Reverenda Madre! — ralhou o Imperador, ao mesmo tempo em que sorria ante o embaraço do Barão. — Primeiro me dirá aonde enviou seu assecla Thufir Hawat. O Barão olhou de relance para a esquerda e para a direita, arrependendo-se de ter vindo a esse lugar sem seus próprios guardas. Não que eles fossem de muita ajuda contra os Sardaukar. Ainda assim...

— Bem? — insistiu o Imperador.

— Ele saiu há cinco dias,

Majestade. — Olhou rapidamente na direção dos agentes da Corporação, depois de volta para o Imperador. — Devia pousar em uma base de contrabandistas e tentar infiltrar-se no campo desse Fremen fanático, o tal Muad'Dib.

— Incrível! — exclamou o Imperador.

Uma das garras da bruxa bateu no ombro do Imperador. Ela inclinou-se para a frente, sussurrando em seu ouvido.

O Imperador acenou com a cabeça, concordando, e disse:

— Cinco dias, Barão. Diga-me então por que não está preocupado com sua ausência.

— Mas eu estou preocupado, Majestade!

O Imperador continuou a fitá-lo, esperando. A Reverenda Madre emitiu uma risada cacarejante.

— O que quero dizer, Majestade — continuou o Barão —, é que, de qualquer modo, Hawat estará morto dentro de mais algumas horas.

E falou ao Imperador sobre o veneno latente e a necessidade do antídoto.

— Que inteligente, Barão! E onde se encontram os seus sobrinhos, Rabban e Feyd-Rautha?

— A tempestade se aproxima, Majestade. Eu os mandei inspecionar o nosso perímetro para o caso de os Fremen atacarem sob a cobertura da areia.

— Perímetro — disse o

Imperador. A palavra saiu como se lhe enrugasse a boca. — A tempestade não nos afetará muito aqui na depressão e aquela escória Fremen não vai atacar enquanto eu estiver aqui, com cinco legiões de Sardaukar.

— Certamente que não, Majestade — concordou o Barão. — Mas um erro no lado da cautela não pode ser censurado.

— Ahhh! Censura. Então eu não devo falar sobre quanto tempo essa tolice de Arrakis tem me tomado? Nem nos lucros da Companhia CHOAM derramando-se neste buraco de rato? Ou das obrigações da corte, dos negócios de Estado que tive de retardar, até mesmo cancelar, por causa deste problema estúpido?

O Barão abaixou a cabeça, assustado pela raiva do Imperador.

A delicadeza de sua posição, sozinho e dependente da Convenção do dictum família das Grandes Casas, o inquietava. “Será que ele tenciona me matar?”, pensou. “Ele não pode! Não com as demais Grandes Casas aguardando lá em cima, esperando qualquer desculpa para lucrar com essa revolta em Arrakis.”

— Conseguiu algum refém? — indagou o Imperador.

— É inútil, Majestade — respondeu o Barão. — Esses loucos desses Fremen realizam uma cerimônia fúnebre para cada prisioneiro e agem como se ele já estivesse morto.

— Ah, sim?

O Barão aguardou, olhando para a direita e para a esquerda, na direção das paredes metálicas da selamlík, pensando na monstruosa tenda de fanmetal à sua volta. A riqueza ilimitada que ela representava deixava perplexo até mesmo o Barão. “Ele traz pajens”, pensou, “e inúteis lacaios da corte, suas mulheres e companheiros. Cabeleireiros, costureiros, projetistas, tudo... todos os parasitas da corte. Todos aqui, bajulando, tramando, pavoneando-se ante o Imperador... todos aqui para vê-lo pôr um fim no caso Arrakis, para escrever epigramas sobre as batalhas e idolatrar os feridos.”

— Talvez você nunca tenha procurado o tipo certo de reféns disse o Imperador.

“Ele sabe de alguma coisa”,

concluiu o Barão. O medo desceu como uma pedra em seu estômago, até que nem pudesse pensar em comer. E no entanto o sentimento era como a fome, e ele se ergueu várias vezes em seus suspensores como se fosse ordenar que lhe trouxessem comida. Mas não havia ninguém por perto para obedecer aos seus pedidos.

— Tem alguma idéia de quem pode ser esse Muad'Dib? indagou o Imperador.

— Um dos Umma, certamente — respondeu o Barão. Um Fremem fanático, um aventureiro religioso. Eles surgem regularmente nas fronteiras da civilização. Vossa Majestade bem o sabe.

O Imperador olhou para a Reveladora da Verdade, depois voltou o

rosto carrancudo para o Barão.

— E não possuí qualquer outra informação quanto a esse Muad'Dib?

— Trata-se de um louco, Majestade. Mas afinal todos os Fremen são um pouco loucos.

— Louco?

— Sua gente grita o seu nome ao lançar-se à luta. As mulheres jogam seus recém-nascidos contra nós e se atiram sobre nossas facas a fim de abrir caminho para seus homens. Eles não têm nenhuma... nenhuma... decência!

— Tão ruim assim? — murmurou o Imperador, o tom de desprezo não passando despercebido ao Barão. — Diga-me, caro Barão, já mandou investigar as regiões em torno do pólo sul de Arrakis?

O Barão olhou para o Imperador, chocado com a súbita mudança de assunto.

— Mas... bem, como sabe, Majestade, toda aquela região é inabitável, aberta aos ventos e aos vermes. Não há nem mesmo especiaria naquelas latitudes.

— Não recebeu relatórios das naves de transporte de especiaria, falando de pequenas extensões verdes aparecendo por lá?

— Sempre houve tais relatórios. Alguns deles foram averiguados há muito tempo. Certas plantas foram vistas. Muitos “tópteros” foram perdidos. Demasiado custoso, Majestade. Trata-se de um lugar onde os homens não podem sobreviver por muito tempo.

— Então... — disse o Imperador.

Estalou os dedos e uma porta se abriu à sua esquerda, por trás do trono. Por ela saíram dois Sardaukar conduzindo uma menina que parecia ter quatro anos de idade. Ela usava um manto aba negro, com o capuz jogado para trás revelando os cordões de um traje-destilador pendendo livres sobre sua garganta. Seus olhos tinham o azul dos Fremen, dominando um rosto redondo e macio.

Ela não demonstrava medo e em seu olhar havia algo que fazia com que o Barão se sentisse ainda menos à vontade, sem que pudesse explicar a razão.

Até mesmo a velha Reveladora da Verdade Bene Gesserit recuou ante a passagem da criança, fazendo um sinal de cautela em sua direção. A velha bruxa

fora obviamente abalada por aquela presença.

O Imperador pigarreou para falar, mas a menina falou primeiro.

Voz fraca, com traços de um balbuciar causado pelo palato ainda mole, mas não obstante muito clara.

— Então, aqui está ele — disse, avançando até a borda da plataforma do trono. — Não parece grande coisa, parece? Um velho gordo e assustado, fraco demais para agüentar a própria carne sem a ajuda de suspensores.

Uma declaração tão inesperada, partindo da boca de uma criança, fez o Barão olhar para ela, sem fala, a despeito de sua raiva.

“Será uma anã?”, indagou a si mesmo.

— Meu caro Barão — disse o Imperador —, conheça a irmã do Muad'Dib.

— A ir... — O Barão voltou sua atenção para o Imperador.

— Mas eu não compreendo.

— Eu também, algumas vezes, erro pelo lado da cautela. Têm-me relatado que suas regiões em torno do pólo sul, ditas inabitáveis, mostram evidências de atividade humana.

— Mas isso é impossível! — protestou o Barão. — Os vermes... a areia é aberta aos...

— Essa gente parece capaz de evitar os vermes — explicou o Imperador.

A criança sentou-se na borda da plataforma ao lado do trono, os pés

balançando. Havia uma aparência de total confiança no modo como ela observava ao redor.

O Barão olhou os pés chutando o ar, o modo como eles moviam o manto negro, o indício das sandálias ocultas sob o tecido.

— Infelizmente — continuou o Imperador —, enviei apenas cinco transportes de tropas com uma força de ataque ligeira a fim de recolher prisioneiros para interrogatório. Por pouco conseguimos escapar com três prisioneiros e um único transporte de tropas sobreviventes. Preste atenção, Barão, meus Sardaukar quase foram esmagados por uma força composta principalmente de mulheres, crianças e velhos. Esta criança aqui encontrava-se

no comando de um dos grupos atacantes.

— Está vendo, Majestade! — exclamou o Barão. — Está vendo como eles são!

— Eu me deixei capturar — falou a criança. — Não queria encarar meu irmão e ter de lhe dizer que seu filho fora morto.

— Somente um punhado dos nossos homens conseguiu escapar — disse o Imperador. — Escapar, ouviu bem?

— Nós os teríamos apanhado também — gabou-se a criança se não fossem as chamas.

— Meus Sardaukar usaram os jatos de altitude de seu transporte como lança-chamas. Um movimento desesperado e a única coisa que os tirou de lá com os três

prisioneiros. Marque bem o que estou lhe dizendo, meu caro Barão: Sardaukar forçados a fugir em confusão para escapar de mulheres, crianças e velhos.

— Devemos atacar com força total — falou o Barão de modo estridente. — Devemos destruir até o último vestígio...

— Cale-se! — rugiu o Imperador, erguendo-se do trono. — Não abuse mais de minha inteligência! Você permanece aí, com essa inocência tola e...

—Majestade! — advertiu a Reverenda Madre.

O Imperador acenou para que ela se calasse.

— Diz que não sabe a respeito da atividade que encontramos, nem sobre as qualidades combativas dessa gente soberba! Pelo que me toma, Barão?

O Barão deu dois passos para trás, pensando: “Foi Rabban, ele fez isso comigo, Rabban tem...”

— E essa falsa disputa com o Duque Leto — murmurou o Imperador, deixando-se cair no trono. — Que lindo modo de manobrar tudo.

— Majestade! — suplicou o Barão. — Que está...

— Silêncio!

A velha Bene Gesserit colocou a mão sobre o ombro do Imperador, curvando-se para falar em seu ouvido.

A criança sentada na plataforma parou de mexer com os pés e disse:

— Faça-o ter mais medo, Shaddam. Eu não devia apreciar isso, mas acho impossível suprimir esse prazer.

— Quieta, criança — ordenou o

Imperador. Inclinando-se para a frente, colocou a mão sobre a cabeça da menina e olhou diretamente para o Barão. — Será possível, Barão? Que seja tão ingênuo quanto sugere a minha Reveladora da Verdade? Não reconhece esta criança, filha de seu aliado, o Duque Leto?

— Meu pai nunca foi aliado dele — disse a criança. — Meu pai está morto e essa velha besta Harkonnen nunca me viu antes.

O Barão ficou reduzido a uma expressão estupefata. Quando reencontrou a voz, foi apenas para perguntar, rouco:

— Quem?

— Eu sou Alia, filha do Duque Leto e de Lady Jessica, e irmã do Duque

Paul Muad'Dib — falou a criança, saltando para o piso da câmara de audiência. — Meu irmão prometeu que colocará sua cabeça no topo de um estandarte de batalha, e eu acho que ele deve fazer isso.

— Fique quieta, criança — disse o Imperador, recostando-se no trono, a mão no queixo, observando o Barão.

— Eu não recebo ordens do Imperador — respondeu Alia.

Voltou-se, olhando para a velha Reverenda Madre.

— Ela bem o sabe.

O Imperador olhou para sua Reveladora da Verdade.

— O que ela quer dizer?

— Essa criança é abominável — respondeu a velha. — Sua mãe merece

uma punição maior do que qualquer coisa já registrada na história. A morte! Que não pode vir muito depressa para essa criança ou para aquela que a gerou! — A velha apontou um dedo para Alia. — Saia de minha mente!

— T-P? — sussurrou o Imperador, voltando a atenção para Alia.

— Pela Grande Mãe!

— Não compreende, Majestade — disse a velha. — Não é telepatia. Ela está em minha mente. Ela é como aquelas que me precederam, aquelas que me deram suas memórias. Ela fica em minha mente! Ela não pode estar lá, mas está!

— Que outras? — quis saber o Imperador. — Que tolice é essa?

A velha levantou-se, abaixando a mão.

— Eu já falei demais, mas permanece o fato de que essa criança que não é criança deve ser destruída. Há muito fomos avisadas contra ela e a respeito de como evitar tal nascimento, mas uma de nós nos traiu.

— Você está dizendo tolices, velha — retrucou Alia. — Você não sabe como foi, e no entanto matraca como uma idiota obtusa.

Alia fechou os olhos, respirou fundo e prendeu a respiração.

A Velha Reverenda Madre gemeu e cambaleou.

Alia abriu os olhos.

— Assim é que foi, um acidente cósmico... e você desempenhou um papel nele.

A Reverenda Madre estendeu

ambas as mãos, as palmas agitando-se no ar, tentando alcançar Alia.

— Que está acontecendo aqui? — indagou o Imperador. Criança, pode mesmo projetar seus pensamentos na mente de outra pessoa?

— Não é assim — respondeu Alia. — A não ser que eu tenha nascido como você, não posso pensar como você.

— Mate-a! — balbuciou a velha, agarrando-se ao recosto do trono como suporte. — Mate-a! — Os olhos fundos brilhavam para Alia.

— Silêncio! — ordenou o Imperador, observando Alia. — Criança, é capaz de se comunicar com seu irmão?

— Meu irmão sabe que estou aqui.

— Pode dizer-lhe que se renda para salvar sua vida?

Alia sorriu para o Imperador de modo inocente.

— Eu não faria isso.

O Barão cambaleou para a frente, até se colocar ao lado de Alia.

— Majestade — suplicou —, eu não sabia de nada...

— Interrompa-me mais uma vez, Barão — advertiu o Imperador —, e perderá a capacidade de interromper... para sempre.

Mantinha a atenção voltada para Alia, observando-a através de olhos semicerrados.

— Você não vai, hein? Pode ler em minha mente o que farei se me desobedecer?

— Já lhe disse que não posso ler mentes, mas ninguém precisa de telepatia

para perceber suas intenções.

O Imperador franziu a testa.

— Criança, sua causa está perdida. Só tenho de reunir forças e reduzir este planeta a...

— Não é tão simples assim — respondeu Alia. Olhou para os dois homens da Corporação. — Pergunte a eles.

— Não é inteligente ir de encontro aos meus desejos — disse o Imperador. — Não me deve negar o mínimo que seja.

— Meu irmão virá agora — avisou Alia. — Mesmo um Imperador pode tremer ante o Muad'Dib, pois ele tem a força dos justos e os céus lhe sorriem.

O Imperador levantou-se abruptamente.

— Esta brincadeira já foi

suficientemente longe. Eu pegarei o seu irmão e este planeta e vou pulverizá-los até...

A sala estremeceu e sacudiu ao redor deles. Uma súbita cascata de areia derramou-se atrás do trono, onde a tenda se acoplava à nave do Imperador. Uma abrupta tensão na pele revelou que um escudo de grande alcance estava sendo ativado.

— Eu o avisei — disse Alia. — Meu irmão vem aí.

O Imperador ficou de pé diante do trono, a mão direita pressionando o ouvido direito, com um servorreceptor ali colocado transmitindo seu relatório de situação. O Barão moveu-se dois passos para trás de Alia, enquanto os Sardaukar saltavam para posições junto às portas.

— Vamos retornar ao espaço e reagrupar-nos — disse o Imperador. — Minhas desculpas, Barão. Esses loucos estão atacando sob a cobertura da tempestade. Vamos mostrar-lhes a ira do Imperador. Apontou para Alia. — Entregue o corpo dela à tempestade.

Enquanto ele falava, Alia recuava, fingindo terror.

— Deixe que a tempestade tenha o que ela puder pegar! — gritou ela. E recuou, caindo nos braços do Barão.

— Eu a peguei, Majestade! — gritou ele. — Devo despachá-la agora, aaahhhh! — jogou Alia no chão, segurando o braço esquerdo.

— Sinto muito, vovô — disse Alia. — Você acaba de conhecer o gom jabbar dos Atreides. — Levantou-se,

deixando uma agulha negra cair de sua mão.

O Barão recuou, os olhos arregalados enquanto olhavam para um talho vermelho na palma da mão esquerda.

— Você... você...

Caiu de lado sobre os suspensores, uma massa pendente de carne segura a algumas polegadas do piso, a cabeça tombada e a boca aberta.

— Essa gente é insana — rosnou o Imperador. — Rápido! Para a nave. Nós purificaremos este planeta de cada...

Alguma coisa emitiu centelhas à sua esquerda. Um relâmpago esférico saltou da parede naquele ponto, estalando ao tocar o piso metálico, o cheiro de isolamento queimado espalhando-se

através da selamlík.

— O escudo! — gritou um dos oficiais Sardaukar. — O escudo externo está arriado! Eles...

Suas palavras foram apagadas num rugido metálico quando a parede da nave, atrás do Imperador, tremeu e balançou.

— Eles estouraram o nariz de nossa nave! — gritou alguém.

A poeira espalhava-se pela sala. Sob sua cobertura, Alia saltou, correndo para a porta externa.

O Imperador girou, movimentando seu pessoal na direção de uma porta de emergência que se abria na parede da nave, ao lado do trono. Fez um sinal com a mão para um oficial Sardaukar que saltara do meio da poeira:

— Faremos nossa linha de defesa

aqui! — ordenou.

Outra explosão sacudiu a tenda. As portas duplas abriram-se na extremidade oposta da câmara, admitindo areia carregada pelo vento e o som de gritos. Uma pequena figura em manto negro pôde ser vista momentaneamente contra a luz: Alia correndo para apanhar uma faca e, como convinha ao seu treinamento Fremen, matar os Harkonnen e os Sardaukar que estivessem feridos. Os Sardaukar da Casa avançaram através da névoa amarelo-esverdeada, na direção da abertura, armas prontas, formando um arco para proteger a retirada do Imperador.

— Salve-se, senhor! — gritou o oficial Sardaukar. — Entre na nave!

Mas o Imperador permanecia

sozinho agora, sobre a plataforma do trono que apontava para a porta. Uma seção de quarenta metros da tenda gigante explodira e as portas da selamlik abriam-se para a areia levada pelo vento. Uma nuvem de poeira estendia-se baixa sobre o mundo exterior, soprada de uma distância apenas esboçada em tons pastéis. Relâmpagos de eletricidade estática saltavam da nuvem, e os clarões e centelhas dos escudos entrando em curto-circuito devido à carga da tempestade podiam ser vistos através da poeira. A planície fervilhava de figuras em combate — Sardaukar e homens envoltos em mantos que giravam e pulavam parecendo sair da própria tempestade.

Tudo isso era como uma moldura para o alvo indicado pela mão do

Imperador.

Da neblina de areia apareceu uma massa ordeira de formas cintilantes — grandes curvas elevando-se, cheias de agulhas de cristal, e se convertendo em bocas de vermes da areia formando uma muralha maciça deles, cada qual com tropas Fremen cavalgando para o ataque. Aproximaram-se numa cunha sibilante, as roupas batendo ao vento enquanto cortavam seu caminho através da escaramuça na planície.

Eles avançaram para a frente, em direção à tenda do Imperador, enquanto os Sardaukar da Casa ficavam perplexos pela primeira vez em sua história, atordoados por um ataque que suas mentes não conseguiam aceitar.

Mas as figuras saltando do dorso

dos vermes eram homens, e as lâminas brilhando àquela sinistra luz amarela eram algo que os Sardaukar haviam sido treinados para enfrentar. Eles se lançaram em combate, e foi homem contra homem na planície de Arrakeen, enquanto uma guarda pessoal de Sardaukar escolhidos empurrava o Imperador para dentro da nave, selando a porta atrás dele e se preparando para morrer ali como parte do seu escudo.

No choque do relativo silêncio dentro da nave, o Imperador olhou para os rostos e os olhos arregalados de seu séquito, vendo a filha mais velha corada pelo esforço, a velha Reveladora da Verdade parecendo uma sombra negra com o capuz puxado sobre o rosto, e afinal encontrando as faces que

procurava: os dois homens da Corporação. Eles estavam vestidos na cor cinza característica, sem adornos, o que parecia adequado à calma que ambos mantinham, apesar da carga emocional ao seu redor.

O mais alto dos dois, entretanto, mantinha uma das mãos sobre o olho esquerdo. Enquanto o Imperador observava, alguém esbarrou no braço do homem, a mão se moveu e o olho foi revelado.

Ele havia perdido uma de suas lentes de contato dissimuladoras, e o olho mostrava agora um azul total, tão escuro a ponto de ser quase negro.

O mais baixo abriu caminho, parando a um passo do Imperador.

— Não sabemos o que vai

acontecer.

E o companheiro mais alto, a mão de volta sobre o olho, acrescentou com voz fria:

— Mas esse Muad'Dib também não pode saber.

As palavras sacudiram o Imperador para fora de seu estupor.

Ele dominou o desprezo em sua voz com visível esforço, já que não era necessário o foco simplório de um navegador da Corporação sobre a maior probabilidade para ver o futuro imediato que se seguiria à luta naquela planície. “Estarão esses dois tão dependentes de sua faculdade a ponto de terem perdido a capacidade de usar seus olhos e seu raciocínio?”, perguntou-se o Imperador.

— Reverenda Madre — disse ele

—, precisamos conceber um plano.

Ela ergueu o capuz do rosto, fitando o Imperador sem piscar.

O olhar que passou entre os dois revelava um completo entendimento. Ambos só tinham agora uma arma e sabiam qual era: traição.

— Chame o Conde Fenring em seus alojamentos — ordenou a Reverenda Madre.

O Imperador Padishah concordou com um aceno e gesticulou para que um dos auxiliares obedecesse ao comando.

Ele era um guerreiro e um místico, o grão e santo, a raposa e o inocente, cavalheiresco e implacável, menos que um deus, mais que um homem. Não há medida para as razões do

Muad'Dib pelos padrões normais. No momento de seu triunfo, ele viu a morte e no entanto aceitou a traição. Pode-se dizer que ele fez isso por um sentimento de justiça? Então, justiça de quem? Lembrem-se de que estamos falando do Muad'Dib, que ordenou tambores de batalha feitos com a pele de seus inimigos, o Muad'Dib que negou as convenções de seu passado ducau com um aceno de mão, dizendo meramente: — Eu sou o Kwisatz Haderach. Isso é razão suficiente.

*— de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan*

Foi para a mansão do governador de Arrakeen, a velha residência que os Atreides haviam ocupado ao chegarem à Duna, que eles escoltaram Paul Muad'Dib

na noite de sua vitória. O prédio erguia-se exatamente como Rabban o restaurara, virtualmente intocado pela luta, embora houvessem ocorrido saques por parte da gente da cidade. Parte da mobília do salão principal fora revirada e destroçada.

Paul caminhou através da entrada principal, com Gurney Halleck e Stilgar seguindo-o um passo atrás. Sua escolta espalhara-se pelo salão principal, consertando o lugar e limpando uma área para o Muad'Dib. Um esquadrão começou a investigar para ter certeza de que nenhuma armadilha oculta fora deixada ali.

— Eu me lembro do dia em que chegamos aqui com seu pai — comentou Gurney. Olhou para as vigas e para as janelas altas e estreitas. — Não gostei

deste lugar naquela ocasião e gosto menos agora. Uma de nossas cavernas seria mais segura.

— Falando como um verdadeiro Fremen — disse Stilgar, notando o sorriso frio que suas palavras traziam aos lábios do Muad'Dib. — Vai reconsiderar, Muad'Dib?

— Este lugar é um símbolo — respondeu Paul. — Rabban viveu aqui. Ao ocupar este local, eu selo minha vitória para que todos entendam. Envie homens para inspecionarem o prédio. Não toquem em nada. Apenas se certifiquem de que não restou gente dos Harkonnen ou um de seus brinquedos.

— As suas ordens — disse Stilgar, com nítida relutância em seu tom de voz enquanto se virava para obedecer.

Os homens das comunicações correram para dentro da sala com seu equipamento, começando a instalá-lo perto da grande lareira.

A guarda Fremen que se adicionara aos Fedaykin sobreviventes tomou posições ao redor do aposento. Havia murmúrios entre eles, e muitos olhares rápidos de suspeita. Por muito tempo esse fora um lugar do inimigo para que agora aceitassem casualmente a sua própria presença dentro dele.

— Gurney, mande uma escolta buscar minha mãe e Chani. Será que Chani já sabe a respeito de seu filho?

— A mensagem foi enviada, meu senhor.

— Os produtores já estão sendo retirados do interior da depressão?

— Sim, meu senhor, a tempestade já está quase no fim.

— Qual a extensão dos danos causados por ela?

— Em sua trilha direta, sobre o campo de pouso e os armazéns de estocagem na planície, os danos foram pesados respondeu Gurney. — Tanto os da tempestade quanto os da batalha.

— Nada que o dinheiro não possa consertar, presumo.

— Exceto pelas vidas, meu senhor — observou Gurney, um tom de censura em sua voz, como se dissesse: “Desde quando um Atreides se preocupa primeiro com as coisas quando há pessoas em jogo?”

Paul, todavia, só podia focalizar sua atenção na visão interna e nas fendas

visíveis na muralha do tempo que ainda se estendia sobre seu caminho. Através de cada abertura, o jihad avançava furioso pelos corredores do futuro.

Ele suspirou e atravessou o salão, vendo uma cadeira contra a parede. Ela já estivera na sala de jantar e poderia até ter sido a de seu pai. Naquele momento, entretanto, era apenas um objeto sobre o qual repousar seu cansaço, ocultando-o de seus homens.

Sentou-se, puxando os mantos de sobre as pernas e afrouxando o traje-destilador ao redor do pescoço.

— O Imperador permanece entocado nos restos de sua nave disse Gurney.

— Por enquanto, mantenham-no lá. Já encontraram os Harkonnen?

— Ainda estão examinando os mortos.

— Qual foi a resposta das naves lá em cima? — Paul ergueu o queixo para o teto.

— Nenhuma resposta ainda, meu senhor.

Paul suspirou novamente, recostando-se na cadeira. Daí a pouco disse:

— Tragam-me um prisioneiro Sardaukar. Devemos enviar uma mensagem ao Imperador. É hora de discutir os termos.

— Sim, meu senhor.

Gurney voltou-se, fazendo um sinal com a mão para um Fedaykin que assumira posição de guarda junto de Paul.

— Gurney — sussurrou Paul. —

Desde que nos reunimos ainda não o ouvi pronunciar a citação adequada ao evento.

Virou-se e viu Gurney engolir em seco, o súbito enrijecer dos músculos ao redor do queixo.

— Como quiser, meu senhor — respondeu Gurney. Pigarreou, falando com a voz rouca: — E a vitória naquele dia se transformou em tristeza para todo o povo: pois naquele dia as pessoas ouviram dizer que o rei perdera seu filho.

Paul fechou os olhos, forçando a mágoa para fora de sua mente, deixando-a esperar como ele uma vez esperara para lamentar pelo pai. Por ora, voltava os pensamentos para as descobertas acumuladas nesse dia: a união de futuros e a presença oculta de Alia em sua consciência.

De todos os usos da visão do tempo, esse era o mais estranho.

— Eu enfrentei o futuro para colocar minhas palavras onde apenas você pudesse ouvi-las — dissera Alia. — Nem mesmo você pode fazer isso, meu irmão. Eu acho um jogo interessante. E... ah sim, eu matei o nosso avô, o velho Barão demente. Ele quase não sentiu dor.

Silêncio. Seu sentido de tempo a vira retirar-se.

— Muad'Dib!

Paul abriu os olhos para ver, acima dele, o semblante escuro de Stilgar, as pupilas ainda brilhantes com o fogo da batalha.

— Vocês encontraram o corpo do velho Barão — disse Paul.

— Como poderia saber? —

sussurrou Stilgar, surpreso. Acabamos de encontrar o corpo naquela grande pilha de metal que o Imperador construiu.

Paul ignorou a pergunta, vendo que Gurney voltava, acompanhado por dois Fremen suportando um prisioneiro Sardaukar.

— Aqui está um deles, meu senhor — disse Gurney, fazendo sinal para que os guardas segurassem o prisioneiro cinco passos à frente de Paul.

Os olhos do Sardaukar, percebeu Paul, tinham a aparência vidrada de uma pessoa em choque. Uma contusão azulada estendia-se da ponta do nariz até o canto da boca. Ele era da casta loura e bem apessoada cuja aparência constituía sinônimo de posição entre os Sardaukar. E no entanto não havia insígnia no

uniforme rasgado, exceto pelos botões dourados com a crista imperial e as fitas esfarrapadas das calças.

— Creio que este é um oficial — disse Gurney.

Paul assentiu, dizendo:

— Sou o Duque Paul Atreides. Compreende isso, homem?

O Sardaukar olhou para ele, imóvel.

— Fale! — gritou Paul —, ou seu Imperador pode morrer.

O homem piscou, engolindo em seco.

— Quem sou eu? — perguntou Paul.

— O Duque Paul Atreides.

Ele parecia excessivamente submisso a Paul, mas nesse caso os

Sardaukar nunca teriam sido preparados para acontecimentos como os desse dia. Nunca haviam conhecido outra coisa senão a vitória, e isso, Paul compreendeu, podia ser uma fraqueza. Colocou de lado esse pensamento para consideração posterior visando seu próprio programa de treinamento.

— Tenho uma mensagem para que leve ao Imperador — disse Paul, moldando suas palavras de acordo com a antiga fórmula: — Eu, um Duque de uma Grande Casa, membro da família imperial, dou minha palavra de juramento sob a Grande Convenção. Se o Imperador e sua gente depuserem as armas e vierem a mim, eu protegerei suas vidas como a minha própria. — Ergueu a mão com o sinete ducal para que o Sardaukar o visse.

— Juro por isto!

O homem umedeceu os lábios com a língua e olhou para Gurney.

— Sim — acrescentou Paul. — Quem senão um Atreides receberia a lealdade de Gurney Halleck?

— Eu levarei a mensagem — concordou o Sardaukar.

— Levem-no para nosso posto de comando avançado e enviem-no — ordenou Paul.

— Sim, meu senhor — Gurney fez sinal para que os guardas obedecessem e levou-os para fora.

Paul voltou-se para Stilgar.

— Chani e sua mãe acabam de chegar — disse Stilgar. — Chani pediu um pouco de tempo para ficar só com sua dor. A Reverenda Madre pediu um

momento na sala estranha, não sei por quê.

— Minha mãe está doente, saudosa de um planeta que talvez nunca mais veja. Onde a água cai do céu e as plantas crescem tão juntas que não se pode caminhar entre elas.

— Água do céu — sussurrou Stilgar.

Naquele instante, Paul percebeu como Stilgar fora transformado de um Fremen naib em uma criatura do Lisan al-Gaib, receptáculo de obediência e admiração. Era uma redução do homem que fora e Paul sentiu os ventos fantasmagóricos do jihad naquela constatação.

“Acabo de ver um amigo transformar-se num adorador”, pensou.

Sentindo uma súbita solidão, olhou à volta notando como os guardas pareciam colocar-se em posição de revista na sua presença. Sentia uma competição sutil e orgulhosa desenvolvendo-se entre eles. Cada um esperando ser notado pelo Muad'Dib.

“O Muad'Dib, de quem fluem todas as bênçãos”, pensou Paul, como se esse fosse o pensamento mais amargo de toda a sua vida.

“Eles sentem que eu devo assumir o trono, mas não sabem que faço isso para evitar o jihad.”

Stilgar pigarreou e disse:

— Rabban também está morto.

Paul assentiu com a cabeça.

Os guardas à sua direita subitamente se colocaram em posição de

sentido, abrindo caminho para Jessica. Ela usava o manto negro e seu andar mostrava indícios da maneira de se caminhar sobre a areia, mas Paul não deixou de perceber como essa casa restaurava um pouco do que ela já fora — a concubina de um Duque governante. Sua presença ainda tinha algo da antiga arrogância.

Jessica parou diante de Paul e olhou para ele. Percebeu sua fadiga e o modo como ele a ocultava, mas não conseguiu sentir compaixão. Era como se houvesse ficado incapaz de sentir qualquer emoção pelo filho.

Havia penetrado no Grande Salão imaginando por que esse lugar se recusava a encaixar-se harmoniosamente em suas memórias. Permanecia uma sala

estranha, como se nunca houvesse caminhado por ela, nunca houvesse andado ali com seu amado Leto, nunca houvesse ali confrontado um Duncan Idaho bêbado... nunca, nunca, nunca...

“Devia haver uma palavra-tensão diretamente oposta a adab, a memória que se impõe. Devia existir uma palavra para as memórias que se anulam a si mesmas.”

— Onde está Alia? — indagou.

— Lá fora, fazendo o que qualquer boa criança Fremen deveria estar fazendo em tal ocasião — respondeu Paul. — Está matando inimigos feridos e marcando seus corpos para as equipes de recuperação de água.

— Paul!

— Deve compreender que ela faz

isso por misericórdia. Não é curioso como interpretamos mal a unidade oculta entre bondade e crueldade?

Jessica olhou furiosa para o filho, chocada pela profunda mudança que ocorrera nele. “Que representou a morte de seu filho em meio a tudo isso?”, ela se perguntou. Depois disse:

— Os homens contam histórias estranhas a seu respeito, Paul. Dizem que possui todos os poderes da lenda, que nada lhe pode ser oculto, que vê onde outros não podem ver.

— Uma Bene Gesserit me indagando a respeito de lendas?

— Tive uma participação no que você se tornou — ela admitiu mas não deve esperar que eu...

— Como se sentiria vivendo

bilhões de bilhões de vidas? indagou Paul. — Há um tecido de lendas para você! Pense em todas aquelas experiências, na sabedoria que trariam. Mas a sabedoria tempera o amor, não é? E dá novas formas ao ódio. Como pode me dizer o que é cruel, a não ser que já tenha mergulhado nas profundezas de ambos, nos extremos da bondade e da crueldade? Você devia me temer, mãe. Eu sou o Kwisatz Haderach.

Jessica tentou engolir com a garganta seca, depois disse:

— Uma vez você me negou que fosse o Kwisatz Haderach.

Paul sacudiu a cabeça.

— Não posso negar mais nada. — Olhou nos olhos dela. O Imperador e sua gente vêm aqui agora. Serão anunciados a

qualquer momento. Fique ao meu lado. Quero ter uma visão clara de todos eles. E minha futura noiva estará entre eles.

— Paul! Não cometa o erro de seu pai!

— Ela é uma princesa — insistiu Paul. — É a chave para o trono, e isso é tudo que ela vai ser. Erro? Pensa que por ser eu aquilo que fez de mim não sinto necessidade de vingança?

— Mesmo sobre uma inocente? — indagou Jessica, enquanto pensava: “Ele não deve cometer os erros que eu cometi.”

— Não há mais inocentes — respondeu Paul.

— Diga isso a Chani — disse Jessica, apontando para a passagem que conduzia aos fundos da residência.

Chani entrou no Grande Salão vinda de lá, caminhando entre os guardas Fremen como se não os visse. O capuz e o gorro do traje-destilador caindo para trás, a máscara facial presa ao lado. Caminhava com frágil incerteza, atravessando o salão para se colocar ao lado de Jessica.

Paul viu as marcas das lágrimas no rosto dela. “Ela dá água aos mortos.” Sentiu uma pontada de mágoa em seu interior, mas foi como se só pudesse ter esse sentimento na presença de Chani.

— Ele está morto, meu amado — disse ela. — Nosso filho está morto.

Mantendo-se sob rígido controle, Paul levantou-se e estendeu a mão para tocar o rosto de Chani, sentindo a umidade de suas lágrimas.

— Ele não pode ser substituído, mas haverá outros filhos — disse ele. — É Usul quem promete isso.

Colocou-a ao seu lado com delicadeza e acenou para Stilgar.

— Muad'Dib — apresentou-se Stilgar.

— Eles estão vindo da nave, o Imperador e sua gente disse Paul. — Eu ficarei aqui. Coloque os prisioneiros num espaço aberto no centro da sala. Eles serão mantidos a uma distância de dez metros de mim, a menos que eu ordene o contrário.

— Ao seu comando, Muad'Dib!

Enquanto Stilgar se virava para obedecer, Paul ouviu os murmúrios de admiração entre os guardas Fremen:

— Estão vindo? Ele sabia!

Ninguém lhe disse, mas ele sabia!

Agora, podia-se ouvir o séquito do Imperador se aproximando, seus Sardaukar cantarolando uma das marchas destinadas a manter o moral. Houve um murmúrio na entrada e Gurney Halleck passou entre os guardas, conferenciando com Stilgar e depois se movendo para ficar ao lado de Paul, uma aparência estranha nos olhos.

“Será que vou perder o Gurney também?”, pensou Paul. “Do mesmo modo como perdi Stilgar... perder um amigo para ganhar uma criatura?”

— Eles não trazem armas de arremesso — avisou Gurney. — Eu mesmo me certifiquei disso. — Olhou a sala vendo os preparativos de Paul. — Feyd-Rautha Harkonnen está com eles.

Devo separá-lo?

— Deixe-o.

— Há alguns homens da Corporação também, exigindo privilégios especiais e ameaçando um embargo contra Arrakis. Disse-lhes que lhe transmitiria a mensagem.

— Deixe que ameacem.

— Paul! — advertiu Jessica. — Ele está falando da Corporação!

— Vou arrancar-lhes as presas daqui a pouco — respondeu Paul.

E pensou então na Corporação, uma força que se especializara durante tanto tempo que se tornara um parasita, incapaz de existir independentemente da vida da qual se nutria. Nunca se haviam atrevido a empunhar a espada... e agora não podiam segurá-la.

Podiam ter-se apoderado de Arrakis quando compreenderam o erro que haviam cometido ao se especializarem no narcótico de ampliação de consciência para seus navegadores. Poderiam ter feito isso, vivendo seus dias gloriosos e morrendo. Em vez disso, preferiam existir de um momento para outro, esperando que os mares em que nadavam pudessem produzir um novo hospedeiro quando o antigo morresse.

Os navegadores da Corporação, dotados de um dom limitado de presciência, haviam tomado uma decisão fatal: escolher sempre o rumo mais claro e seguro que conduzia para baixo, em direção à estagnação.

“Deixe que olhem de perto para seu novo hospedeiro”, pensou Paul.

— Há também uma Reverenda Madre Bene Gesserit que afirma ser amiga de sua mãe — disse Gurney.

— Minha mãe não tem amigas Bene Gesserit.

Mais uma vez, Gurney olhou na direção do Grande Salão, e então se curvou junto ao ouvido de Paul.

— Thufir Hawat está com eles, meu senhor. Não tive chance de vê-lo em particular, mas ele usou nosso velho código de sinais manuais para dizer que esteve trabalhando com os Harkonnen e pensou que o senhor estivesse morto. Diz que deve ser deixado entre eles.

— Você deixou Thufir entre aqueles...

— Ele queria... e eu achei que era melhor. Se... acontecer algo errado, ele

estará onde podemos controlá-lo. Se não, teremos um ouvido do outro lado.

Paul pensou nos vislumbres prescientes que tivera quanto às possibilidades desse momento — e em uma linha de tempo na qual Thufir carregava uma agulha envenenada que o Imperador lhe ordenara que usasse contra “esse novo Duque”.

Os guardas da entrada colocaram-se de lado, formando um corredor curto com suas lanças. Ouviu-se o som de roupas sendo arrastadas, pés raspando a areia que se introduzira na Residência.

O Imperador Padishah Shaddam IV liderou seu séquito para dentro do salão. Seu capacete burseg fora perdido e o cabelo ruivo aparecia em desarranjo. A manga esquerda do uniforme estava

rasgada ao longo da costura interna. Ele estava sem cinto e sem armas, mas sua presença movia-se com ele, como uma bolha de escudo de força que mantinha uma área aberta ao seu redor.

Uma lança Fremen caiu subitamente, barrando-lhe o caminho onde Paul ordenara. Os outros atropelaram-se atrás, uma montagem de cores, de pés se arrastando e rostos olhando surpresos.

Paul percorreu o grupo com o olhar, vendo mulheres com sinais de choro dissimulados e lacaios que tinham vindo para apreciar de camarote uma vitória dos Sardaukar e que agora pareciam chocados pela derrota. Viu os olhos de pássaro brilhantes da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam cintilando

embaixo do capuz negro, e ao lado dela o furtivo Feyd-Rautha Harkonnen.

“Há um rosto ali que o tempo me negou”, pensou Paul.

Olhou além de Feyd-Rautha, atraído por um movimento e vendo um rosto magro de doninha que nunca encontrara antes... no tempo ou fora dele. Era um rosto que sentia dever conhecer, e o sentimento carregava a marca do medo.

“Por que devo temer esse homem?”, perguntou a si mesmo.

Inclinou-se para sua mãe, sussurrando:

— O homem à esquerda da Reverenda Madre, aquele de aparência maligna. Quem é ele?

Jessica olhou, reconhecendo o rosto a partir dos dossiês do Duque.

— Conde Fenring — ela disse. —

Aquele que esteve aqui bem antes de nós, um eunuco-genético... e um matador.

“O garoto de recados do Imperador”, pensou Paul. E o pensamento era um choque reverberando através de sua consciência, pois ele havia visto o Imperador em incontáveis associações espalhadas através dos futuros possíveis... mas nem uma única vez o Conde Fenring aparecera nessas visões prescientes.

Ocorreu a Paul ter visto seu próprio corpo sem vida, ao longo de incontáveis extensões da teia do tempo, sem que nunca houvesse presenciado o momento de sua morte.

“Será que me foi negado vislumbrar esse homem por ser ele quem

vai me matar?”

O pensamento produziu um pressentimento angustiante, e Paul forçou a atenção para longe de Fenring, olhando agora para os remanescentes dos Sardaukar, os soldados e os oficiais com a amargura e o desespero estampados nos rostos. Aqui e ali, entre eles, alguns rostos captaram-lhe a atenção brevemente. Oficiais Sardaukar notando a disposição da sala, tramando e planejando ainda, em busca de um meio para transformar a derrota em vitória.

Finalmente a atenção de Paul recaiu sobre uma mulher loura, alta, de olhos verdes e com um rosto de beleza aristocrática, clássica em sua altivez, intocada pelas lágrimas, completamente inconquistável. Sem que lhe dissessem, já

sabia quem era ela — Princesa Real, Bene Gesserit em treinamento, um rosto que sua visão de tempo lhe mostrara em muitos aspectos: Irulan.

“Lá está minha chave”, pensou.

Notou então um movimento entre as pessoas aglomeradas, um rosto e uma figura surgindo: Thufir Hawat, as velhas feições enrugadas, os lábios tingidos de escuro, os ombros caídos, a aparência frágil dos idosos.

— Lá está Thufir Hawat — disse Paul. — Deixe que ele saia, Gurney.

— Meu senhor.

— Deixe que ele se aproxime.

Gurney assentiu.

Hawat cambaleou para a frente assim que uma lança Fremen foi erguida e recolocada atrás dele. Os olhos injetados

olhavam para Paul, medindo, buscando.

Paul deu um passo à frente, sentindo os movimentos tensos e hesitantes do Imperador e sua gente.

O olhar de Hawat focalizou além de Paul, e o velho disse: Lady Jessica, só hoje compreendi como lhe fui injusto em meus pensamentos. Não precisa me perdoar.

Paul aguardou, mas sua mãe permaneceu em silêncio.

— Thufir, velho amigo — disse ele. — Como pode ver, minhas costas não se voltam para nenhuma porta.

— O universo é cheio de portas — respondeu Hawat.

— Sou como meu pai, Thufir?

— Mais como seu avô. Tem suas maneiras e o olhar dele nos olhos.

— E no entanto sou filho de Leto. Por isso lhe digo, Thufir: em pagamento pelos anos que serviu à minha família, você pode pedir o que quiser de mim agora. Qualquer coisa. Quer minha vida agora, Thufir? Ela é sua.

Paul deu outro passo à frente, as mãos pendendo ao lado do corpo, notando a compreensão crescer nos olhos de Hawat.

“Ele percebe que eu sei a respeito da traição”, pensou Paul.

Modulando a voz para que fosse levada num quase sussurro aos ouvidos de Hawat e a mais ninguém, Paul disse:

— Falo sério, Thufir. Se pretende me golpear, faça-o agora.

— Só queria estar em sua presença uma vez mais, meu Duque — respondeu

Hawat, e Paul notou pela primeira vez o esforço que o velho fazia para não cair. Estendeu a mão, segurando Hawat pelos ombros e sentindo os tremores musculares por baixo deles.

— Está sentindo dor, meu velho amigo?

— Existe dor, meu Duque — concordou Hawat —, mas o prazer é maior. — Ele revirou-se nos braços de Paul, estendendo a mão esquerda, com a palma voltada para cima, em direção ao Imperador, revelando a pequenina agulha presa entre os dedos.

— Está vendo, Majestade? Vê a agulha de seu traidor? Pensava que eu, que dediquei minha vida ao serviço dos Atreides, lhes concederia menos do que isso agora?

Paul cambaleou quando o velho tombou em seus braços, sentindo nele a morte, a total frouxidão. Suavemente, colocou Hawat no chão, levantou-se e fez sinal para que os guardas levassem o corpo.

O silêncio tomou conta da sala enquanto a ordem era obedecida.

Um olhar de espera mortal tornava agora o rosto do Imperador.

Olhos que nunca antes haviam admitido o medo aceitavam-no finalmente.

— Majestade — disse Paul, notando a contração de surpresa que sacudiu a esguia Princesa Real. A palavra fora pronunciada com o controle tonal Bene Gesserit, carregando cada matiz de desprezo e desdém que Paul pudera

reunir.

“Treinamento Bene Gesserit de fato”, pensou ela.

O Imperador pigarreou e disse:

— Talvez meu respeitado parente acredite ter todas as coisas sob seu controle agora. Nada poderia estar mais distante dos fatos. Você violou a Convenção, usou atômicos contra...

— Eu usei atômicos contra o relevo natural do deserto. Estava em meu caminho e eu tinha pressa em alcançá-lo, Majestade, para lhe pedir explicação a respeito de algumas de suas estranhas atividades.

— Existe uma enorme armada das Grandes Casas esperando no espaço acima de Arrakis agora mesmo — disse o Imperador. — Só preciso dizer uma

palavra e eles...

— Oh, sim — disse Paul —, quase me esquecia deles.

Procurou em meio ao séquito do Imperador até ver os rostos dos dois homens da Corporação. Falou com Gurney :

— São aqueles os dois agentes da Corporação, Gurney? Os dois gordos vestidos de cinza, ali?

— Sim, meu senhor.

— Vocês dois! — disse Paul, apontando. — Saiam daí imediatamente e enviem mensagens mandando aquela frota de volta para casa. Depois disso, pedirão minha permissão antes...

— A Corporação não aceita ordens suas! — retrucou o mais alto dos dois.

Ele e o companheiro abriram caminho através da barreira, de lanças, que foi erguida a um aceno de Paul. Os dois homens aproximaram-se e o mais alto apontou o braço para Paul e disse:

— Você pode muito bem considerar-se sob embargo por sua...

— Se ouvir mais alguma tolice como essa de um dos dois respondeu Paul —, darei uma ordem para que se destrua toda a produção de especiaria de Arrakis... para sempre.

— Está louco? — indagou o mais alto, recuando um passo.

— Então reconhece que tenho poder para fazer isso?

O homem da Corporação pareceu fitar o espaço por um momento, e então disse:

— Sim, pode fazer isso, mas não deve.

— Ahhh! — exclamou Paul, acenando com a cabeça. Navegadores da Corporação, vocês dois, não?

— Sim!

O mais baixo disse :

— Você ficaria também cego e condenaria todos nós a uma morte lenta. Tem alguma idéia do que significa ser privado do licor da especiaria, uma vez que se esteja viciado?

— O olho que vê adiante, na direção do curso seguro, fica fechado para sempre — disse Paul. — A Corporação estaria inutilizada. Os humanos tornar-se-iam pequenos aglomerados isolados em seus planetas. Vocês sabem que eu poderia fazer isso por puro rancor... ou

por puro tédio.

— Vamos discutir isso em particular — pediu o mais alto. — Estou certo de que poderemos chegar a um acordo que seja...

— Mande a mensagem sobre Arrakis para a sua gente. Estou ficando cansado desta discussão — advertiu Paul. Se aquela frota lá em cima não partir logo, não haverá mais motivo para conversa alguma. — Acenou em direção aos encarregados do equipamento de comunicações no lado da sala. — Podem usar nosso equipamento.

— Primeiro devemos conversar sobre isso — disse o mais alto. — Não podemos simplesmente...

— Faça-o! — gritou Paul. — O poder de destruir alguma coisa representa

o controle absoluto sobre ela. Já concordaram em que possuo esse poder. Não estamos aqui para discutir, negociar ou chegar a qualquer acordo! Vocês vão obedecer minhas ordens ou sofrer as conseqüências imediatas!

— Ele realmente pretende fazê-lo! exclamou o mais baixo, e Paul notou que o medo os dominava.

Lentamente, os dois aproximaram-se do equipamento Fremen de comunicações.

— Será que vão obedecer? — perguntou Gurney.

— Eles possuem uma visão do tempo muito estreita — respondeu Paul. Podem enxergar adiante até um muro branco que marca as conseqüências de sua desobediência. Cada navegador da

Corporação em cada nave acima de nós pode olhar adiante para a mesma barreira. Eles vão obedecer. Paul voltou os olhos para o Imperador e disse:

— Quando lhe permitiram que subisse ao trono de seu pai, foi apenas mediante a garantia de que mantivesse o fluxo da especiaria. Fracassou diante deles, Majestade. Sabe quais são as conseqüências?

— Ninguém me permitiu...

— Pare de bancar o tolo! — gritou Paul. — A Corporação é como uma vila diante de um rio. Eles precisam da água, mas só podem recolher o que necessitam. Não são capazes de represar o rio e controlá-lo, pois isso atrairia as atenções sobre sua dependência e acabaria acarretando sua destruição. O fluxo de

especiaria é o rio deles e eu construí uma represa. Mas minha represa não pode ser destruída sem que se destrua o rio inteiro.

O Imperador passou a mão pelo cabelo ruivo, olhando para as costas dos dois homens da Corporação.

— Até sua Reveladora da Verdade Bene Gesserit está tremendo — continuou Paul. — Há outros venenos que as Bene Gesserit podem usar em seus truques, mas uma vez que se tenham acostumado ao licor de especiaria os outros não funcionam mais.

A velha puxou os mantos negros e disformes em torno do corpo e avançou através do grupo, até se colocar diante da barreira de lanças.

— Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam — disse-lhe Paul —, faz um

bom tempo desde Caladan, não?

Ela olhou através dele em direção a Jessica.

— Bem, Jessica, vejo que seu filho é aquele que de fato aguardávamos. Por isso você poderá ser perdoada até mesmo pela abominação de sua filha.

Paul controlou uma raiva fria e penetrante, dizendo-lhe:

— Você nunca teve direito ou razão para perdoar minha mãe por coisa alguma!

Os olhos da velha encontraram os dele.

— Tente seus truques comigo, velha bruxa. Onde está seu gom jabbar? Tente olhar para aquele lugar que vocês não se atrevem a olhar! — disse Paul. — Vai me encontrar lá, olhando para você.

A velha abaixou a cabeça.

— Não tem nada a dizer?

— Eu lhe dei as boas-vindas às fileiras dos humanos ela murmurou. — Não suje isso...

Paul ergueu a voz:

— Observem-na, camaradas! Isso é uma Bene Gesserit, uma Reverenda Madre, criatura paciente dedicada a uma causa paciente. Ela pode esperar junto com suas irmãs — noventa gerações de espera pela combinação ideal de genes e ambiente que produziria a pessoa que seus planos exigiam. Observem-na! Ela sabe agora que as noventa gerações produziram essa pessoa. Aqui estou... mas... eu... nunca... lhe... obedecerei!

— Jessica! — gritou a velha. — Faça com que ele se cale!

— Cale-o você mesma —
respondeu Jessica.

Paul olhou furioso para a velha.

— Por sua participação em tudo isto, eu ficaria feliz em mandar que fosse estrangulada. Você não poderia evitá-lo! — gritou ele, enquanto ela se enrijecia de raiva. — Mas eu conheço uma punição melhor, que é deixá-la viver seus últimos anos, sem nunca poder me tocar ou me curvar para realizar qualquer de seus planos.

— Jessica, o que você fez? — quis saber a velha.

— Eu lhe darei somente uma coisa — disse Paul. — Vocês viram parte do que a raça necessita, mas sua visão foi muito pobre. Pensam em controlar a reprodução humana e unir alguns poucos

selecionados de acordo com o plano-mestre! Quão pouco vocês compreendem do que...

— Você não deve falar dessas coisas! — silvou a velha.

— Silêncio! — rugiu Paul.

A palavra pareceu adquirir substância enquanto ondulava pelo ar, sob o controle de Paul.

A velha cambaleou para trás e tombou nos braços daqueles que se encontravam às suas costas, o rosto destituído de expressão pelo choque, ante o poder com que ele lhe dominara a mente.

— Jessica — ainda conseguiu sussurrar. — Jessica.

— Eu me lembro de seu gom jabbar — continuou Paul. — Você se

lembrará do meu. Posso matá-la com uma única palavra.

Os Fremen através do salão se entreolharam. Afinal, a lenda não dizia: “E sua palavra levará a morte eterna àqueles que se colocarem contra a retidão”?

Paul voltou sua atenção para a esguia Princesa Real, ao lado de seu pai, o Imperador. Mantendo os olhos sobre ela, disse:

— Majestade, ambos conhecemos um caminho para sairmos de nossas dificuldades.

O Imperador olhou para a filha e de volta para Paul.

— Como se atreve? Você! Um aventureiro sem família, um ninguém saído de...

— Já admitiu quem eu sou. Um parente real, já o disse. Vamos parar com as tolices.

— Eu sou seu governante!

Paul lançou um olhar para os homens da Corporação, agora junto do equipamento de comunicações e olhando em sua direção. Um deles acenou afirmativamente.

— Eu poderia forçá-la.

— Não se atreveria — retrucou o Imperador. Paul limitou-se a encará-lo.

A Princesa Real colocou a mão sobre o braço do pai.

— Pai — disse ela, e sua voz era suave e tranqüilizadora.

— Não tente seus truques comigo — advertiu o Imperador. Depois olhou para a filha. — Você não precisa fazer

isso, filha. Há outros recursos que nós ainda...

— Mas aqui está um homem adequado para ser seu filho insistiu ela. A velha Reverenda Madre, parecendo recomposta, forçou caminho até ficar ao lado do Imperador, inclinou-se junto ao seu ouvido e sussurrou.

— Ela está pedindo a seu favor — disse Jessica.

Paul continuava a olhar para a Princesa de cabelos dourados. Indagou à mãe:

— Aquela é Irulan, a mais velha, não é?

Chani chegou junto dele pelo outro lado e perguntou:

— Deseja que eu saia, Muad'Dib?
Olhou para ela.

— Sair? Você nunca mais sairá de perto de mim.

— Nada mais há a nos prender — respondeu Chani.

Paul fitou-a durante um instante em silêncio, depois disse:

— Fale apenas a verdade comigo, Sihaya. — Quando ela tentou responder, ele a silenciou com um dedo sobre os lábios. — Aquilo que nos liga não pode ser afrouxado. Agora observe esta questão atentamente, pois desejo rever tudo isso mais tarde, através de sua sabedoria.

O Imperador e sua Reveladora da Verdade estavam tendo uma acalorada discussão em voz baixa.

Paul falou novamente com a mãe.

— Ela o está lembrando de que é

parte de seu acordo colocar uma Bene Gesserit no trono, e Irulan é aquela que elas treinaram para isso.

— Era esse o plano delas?

— Não é óbvio?

— Eu vejo os indícios! — retrucou Jessica. — Minha pergunta destinava-se a lembrá-lo de que não deve tentar ensinar-me as matérias em que o instruí.

Paul olhou para ela, percebendo o sorriso frio em seus lábios.

Gurney Halleck inclinou-se entre eles, dizendo:

— Quero lembrá-lo, meu senhor, de que ainda existe um Harkonnen naquele grupo. — Acenou em direção a Feyd-Rautha, seus cabelos negros nítidos contra a barreira de lanças à esquerda. —

Aquele que está olhando de soslaio, à esquerda. Uma face tão malévola como jamais vi. Prometeu-me uma vez que...

— Obrigado, Gurney — disse Paul.

— É o na-Barão... Barão agora que o velho está morto. Ele servirá para o que eu tinha em...

— Pode pegá-lo, Gurney?

— Meu senhor está brincando?

— Aquela discussão entre a Reverenda Madre e o Imperador já se alongou o suficiente, não acha, mãe?

— De fato — respondeu Jessica.

Paul elevou a voz, chamando o Imperador.

— Majestade, existe um Harkonnen entre o seu pessoal?

O desprezo real revelou-se no

modo como o Imperador se voltou para encarar Paul.

— Acredito que meus acompanhantes se encontram sob a proteção de sua palavra ducal.

— Minha pergunta é para informação apenas. Desejava saber se um Harkonnen é oficialmente parte de sua corte ou se ele está meramente se escondendo por trás de uma definição, por covardia.

O sorriso do Imperador foi calculado.

— Qualquer um aceito para acompanhante imperial é membro de minha corte.

— Tem a palavra do Duque — disse Paul. — Mas o Muad'Dib é outra questão. Ele pode não reconhecer sua

definição do que constitui uma corte. Meu amigo Gurney Halleck deseja matar um Harkonnen. Se ele...

— Kanly! — gritou Feyd-Rautha, pressionando contra a barreira de lanças. — Seu pai lançou esta vendetta, Atreides. Você me chama de covarde enquanto se esconde entre suas mulheres e propõe mandar um laçao contra mim!

A velha Reveladora da Verdade sussurrou alguma coisa com veemência no ouvido do Imperador, mas ele a empurrou para o lado, dizendo:

— Kanly, não é? Existem regras muito definidas para kanly.

— Paul, coloque um fim nisto — pediu Jessica.

— Meu senhor — disse Gurney. — Prometeu que eu teria um dia contra

os Harkonnen.

— Já teve seu dia contra eles, Gurney — respondeu Paul, sentindo uma sensação de abandono tomar conta de suas emoções.

Tirou o manto e o capuz de sobre os ombros e os entregou à mãe, junto com o cinturão e a faca cristalina. Começou a retirar o traje-destilador, sentindo agora como o universo parecia focalizar-se nesse momento.

— Não há necessidade disso — lembrou Jessica. — Há modos mais fáceis, Paul.

Paul acabou de despir o traje-destilador e tirou a faca cristalina de sua bainha, na mão de Jessica.

— Eu sei, venenos e assassinos, todos os velhos modos familiares.

— Prometeu-me um Harkonnen!
— sussurrou Gurney e Paul notou o ódio no rosto do homem, o modo como a cicatriz de inkvine aparecia escura e saliente. — Deve-me isso, meu senhor!

— Será que sofreu mais por causa deles do que eu? indagou Paul.

— Minha irmã — respondeu Gurney. — Meus anos no fosso dos escravos...

— Meu pai — disse Paul —, meus bons amigos e companheiros, Thufir Hawat e Duncan Idaho, meus anos como fugitivo, sem posição nem ajuda... e mais uma coisa: agora é um kanly e você conhece muito bem as regras que devem prevalecer.

Halleck encolheu os ombros.

— Meu senhor, se aquele suíno...

ele não é mais que uma besta que se chuta e depois se joga fora o sapato por estar contaminado. Chame um executor, se precisar, ou deixe-me fazer isso, mas não se ofereça a...

— Muad'Dib não precisa fazer isso — disse Chani.

Paul olhou para ela, vendo o medo em seus olhos.

— Mas o Duque Paul deve — respondeu.

— Aquele é um animal Harkonnen! — falou Gurney.

Paul hesitou, pensando em revelar sua própria ascendência Harkonnen, mas parou ante um olhar significativo de sua mãe e disse apenas:

— Mas este ser tem forma humana, Gurney, e merece uma

oportunidade.

Gurney recusava-se a aceitar.

— Se ele tem tanta...

— Por favor, fique de lado — pediu Paul, erguendo a faca cristalina e empurrando Gurney delicadamente para o lado.

— Gurney! — disse Jessica, tocando-lhe o braço. — Ele é como o avô em sua índole. Não o distraia. É tudo que pode fazer por ele agora. — E pensou: “Grande Mãe! Que ironia.”

O Imperador observava Feyd-Rautha, notando-lhe os ombros fortes, os músculos grossos. Voltou-se para olhar Paul: um jovem esguio e magricela, não tão desnutrido quanto os nativos de Arrakeen, mas com as costelas aparecendo para serem contadas. Tão

magro nos flancos que o movimento dos músculos poderia ser acompanhado sob a pele.

Jessica inclinou-se junto de Paul, ajustando a voz para que somente ele pudesse ouvi-la:

— Uma coisa, filho: algumas vezes uma pessoa perigosa é preparada pelas Bene Gesserit, com uma palavra implantada nos mais profundos recessos de sua consciência pelos velhos métodos dador e do prazer. A palavra-som mais freqüentemente usada é Uroshnor. Se esse aí estiver preparado, como eu suspeito muito que esteja, essa palavra pronunciada em seu ouvido deixará seus músculos flácidos e sem...

— Não quero nenhuma vantagem especial. Saia de meu caminho.

Gurney falou com ela:

— Por que ele está fazendo isso? Será que pretende deixar-se matar para se tornar um mártir? Essa conversa religiosa dos Fremen, é isso que lhe está confundindo a razão?

Jessica ocultou o rosto com as mãos, percebendo não saber inteiramente por que Paul tornara esse curso. Podia sentir a morte na sala e sabia que esse Paul modificado seria capaz de fazer o que Gurney sugeria. Cada talento que ela possuía focalizava-se na necessidade de proteger o filho, mas nada havia que pudesse fazer.

— É essa conversa religiosa, não é? — insistiu Gurney.

— Cale-se — sussurrou Jessica. — E reze.

O rosto do Imperador foi marcado por um sorriso inesperado.

— Se Feyd-Rautha Harkonnen... de meu séquito... assim o deseja... eu o libero de qualquer constrangimento e lhe concedo inteira liberdade para escolher seu curso de ação. — Acenou com a mão em direção aos guardas Fedaykin de Paul. — Um membro de sua escória está com o meu cinturão e a minha lâmina curta. Se Feyd-Rautha assim o desejar, poderá enfrentá-lo com a minha lâmina em suas mãos.

— Eu o desejo! — respondeu Feyd-Rautha, e Paul viu o orgulho no rosto do homem.

“Ele está super-confiante”, pensou. “Essa é uma vantagem natural que posso aceitar.”

— Tragam a lâmina do Imperador!
— ordenou Paul, observando enquanto seu comando era obedecido. — Coloquem-na ali no chão. — E indicou um lugar com o pé. — Ponham essa gentalha imperial de encontro à parede e deixem o Harkonnen desimpedido.

Um agitar de mantos, um arrastar de pés, ordens em voz baixa e protestos acompanharam a obediência à ordem de Paul. Os homens da Corporação permaneceram junto ao equipamento. Olhavam para ele preocupados, em evidente indecisão.

“Eles estão acostumados a ver o futuro”, pensou Paul, “mas neste lugar e momento eles estão cegos... tão cegos como eu próprio.” Tentou observar os ventos do tempo, sentindo a agitação, o

olho da tempestade agora focalizado nesse instante. Até mesmo as fendas se haviam fechado. Aqui estava o jihad ainda não nascido, ele bem o sabia. Aqui estava a consciência racial que uma vez conhecera como seu próprio e terrível propósito. Aqui havia razão suficiente para a existência de um Kwisatz Haderach ou um Lisan al-Gaib, ou até mesmo para as vacilantes tramas das Bene Gesserit. A raça humana sentira sua própria dormência, sentira-se a si mesma tornando-se decadente e agora só conhecia a necessidade de experimentar uma agitação, uma desordem em meio à qual os genes pudessem misturar-se e as novas combinações, mais fortes, sobreviver. Todos os seres humanos vivos eram como um único organismo

inconsciente nesse momento, experimentando uma espécie de estímulo sexual capaz de superar qualquer obstáculo.

E Paul percebia quão fúteis seriam quaisquer esforços para tentar mudar até mesmo a menor parte disso tudo. Pensara em se opor ao jihad dentro de si próprio, mas o jihad aconteceria. Suas legiões iriam partir em fúria de Arrakis, mesmo sem a sua presença. Só precisavam da lenda em que ele já se tornara. Já lhes mostrara o caminho, dera-lhes até mesmo o controle sobre a Corporação, que precisava de especiaria para sobreviver.

Um sentimento de fracasso o permeava, e através dele ele viu que Feyd-Rautha Harkonnen já despira o uniforme rasgado e permanecia apenas com uma

cinta de luta com núcleo de malha.

“Este é o clímax. Daqui, o futuro se abrirá, as nuvens se dissipando como num instante de glória. E se eu morrer agora eles dirão que me sacrifiquei para que meu espírito pudesse liderá-los.

Se eu viver, dirão que nada pode opor-se ao Muad’Dib.”

— Está pronto o Atreides? — perguntou Feyd-Rautha, usando as palavras do antigo ritual kanly.

Paul escolheu responder ao modo Fremen.

— Que a tua faca se lasque e parta! — Apontou para a lâmina do Imperador sobre o piso, indicando que Feyd-Rautha deveria avançar para pegá-la.

Mantendo a atenção sobre Paul, Feyd-Rautha apanhou a faca, balançando-

a na mão por um momento para sentir-lhe o peso. A excitação aumentava em seu interior. Essa era a luta com que sonhara, homem contra homem, perícia contra perícia, sem a intervenção de escudos. Podia ver um caminho para o poder se abrindo ali, já que o Imperador certamente recompensaria aquele que o livrasse desse incômodo Duque. A recompensa poderia ser até mesmo aquela filha arrogante e uma parte do trono. E esse Duque camponês, esse aventureiro de um mundo atrasado, não poderia ser páreo para um Harkonnen treinado em todo tipo de estratagemas e traição num milhar de combates de arena. Esse simplório não tinha meios de perceber que estava enfrentando mais armas do que uma simples faca.

“Vamos ver se você é à prova de veneno!”, pensou Feyd-Rautha. Saudou Paul com a lâmina do Imperador, dizendo:

— Encontre sua morte, tolo.

— Vamos lutar, primo? — indagou Paul, e avançou na ponta dos pés, olhos fixos na lâmina que o esperava, corpo agachado, com sua própria faca cristalina leitosa apontando como se fosse uma extensão de seu braço. Circularam um ao redor do outro, os pés fazendo ruído contra o solo, os olhos atentos à menor abertura.

— Como você dança bonito — zombou Feyd-Rautha.

“Ele é um falador”, pensou Paul. “Eis aí outra fraqueza. Sente-se incomodado pelo silêncio.”

— Já se confessou? — indagou Feyd-Rautha.

Paul continuou a circundá-lo em silêncio.

E a velha Reverenda Madre, observando a luta em meio ao aperto da corte do Imperador, sentiu o corpo tremer. O jovem Atreides chamara o Harkonnen de primo. Isso só podia significar que ele conhecia a ascendência que ambos compartilhavam, algo fácil de se compreender, já que ele era o Kwisatz Haderach. Mas essas palavras obrigavam-na a focalizar sua atenção na única coisa que realmente lhe importava ali.

Isso poderia representar uma grande catástrofe para os planos de reprodução controlada das Bene Gesserit.

Sentira algo do que Paul tinha

vislumbrado momentos antes.

Que Feyd-Rautha poderia matá-lo sem sair vitorioso. Outro pensamento, entretanto, quase a destruía: dois produtos finais do longo e custoso programa de seleção humana enfrentavam-se em uma luta de morte que poderia facilmente acabar com ambos. Se os dois morressem, isso deixaria apenas a filha bastarda de Feyd-Rautha, ainda um bebê, uma variável desconhecida, e Alia, a abominável.

— Talvez vocês só tenham ritos pagãos por aqui — falou Feyd-Rautha. — Gostaria que a Reveladora da Verdade do Imperador preparasse seu espírito para a jornada?

Paul sorriu circulando para a direita, alerta, os pensamentos lúgubres

suprimidos pelas necessidades do momento.

Feyd-Rautha saltou, fingindo golpear com a mão direita enquanto a faca já se encontrava na esquerda.

Paul esquivou-se facilmente, notando a hesitação condicionada pelo uso do escudo no golpe de Feyd-Rautha. Ainda assim, não era um condicionamento tão grande quanto Paul já vira, e percebeu que o adversário já lutara antes contra inimigos sem escudo.

— Será que um Atreides corre ou fica e luta? — perguntou Feyd-Rautha.

Paul recomeçou a circular lentamente. Palavras de Idaho surgiram em sua mente, palavras ouvidas num treinamento de prática de solo, muito tempo atrás, em Caladan: “Use os

primeiros momentos para estudar. Pode perder muitas oportunidades de uma vitória rápida, mas os instantes de observação constituem a garantia do sucesso. Aguarde a ocasião e se certifique.”

— Talvez ache que essa dança vai prolongar sua vida por alguns momentos — disse Feyd-Rautha. — Ótimo. — Parou de circular e se levantou.

Paul vira o bastante para uma primeira aproximação. Feyd-Rautha caminhava para o lado esquerdo, apresentando o lado direito do quadril como se a cinta de luta em malha pudesse proteger todo esse lado. Era a ação de um homem treinado no escudo e com uma faca em cada mão.

“Ou...” Paul hesitou... a cinta era

mais do que parecia.

O Harkonnen parecia demasiado confiante contra um homem que, nesse mesmo dia, liderara uma vitória contra legiões de Sardaukar. Feyd-Rautha notou a hesitação, dizendo:

— Por que prolongar o inevitável? Está me impedindo de reclamar os meus direitos sobre essa bola de lixo.

“Se é um dardo”, pensou Paul, “está bem escondido. A cinta não mostra qualquer indício de modificação.”

— Por que não fala?

Paul recomeçou a descrever o círculo de observação, permitindo-se um frio sorriso ante o tom de nervosismo na voz de Feyd-Rautha, evidência de que a pressão do silêncio estava aumentando.

— Você sorri, não é? — indagou

Feyd-Rautha, saltando no meio da frase.

Aguardando uma ligeira hesitação, Paul quase falhou no instante de se esquivar da lâmina que relampejou em sua trajetória descendente. Sentiu-a arranhar seu braço esquerdo e imediatamente controlou uma dor súbita naquele ponto, sua mente fluindo com a compreensão de que a hesitação anterior fora um truque — uma simulação. Ali estava mais que o simples oponente que esperara. Haveria truques dentro de truques, dentro de truques.

— Seu próprio Thufir Hawat me ensinou algumas de minhas habilidades — gabou-se Feyd-Rautha. — Ele me proporcionou o primeiro sangue que derramei. É uma pena que o velho tolo não tenha vivido para ver isto.

Paul lembrava-se do que Idaho lhe dissera uma vez: “Aguarde apenas o que acontece na luta. Desse modo, nunca será surpreendido.”

Novamente, ambos circularam agachados, um ao redor do outro, cautelosos.

Paul viu a confiança voltar ao oponente. Será que um arranhão significa tanto para o homem? A não ser que houvesse veneno na lâmina! Mas como poderia ser? Seus próprios homens haviam manuseado a faca, passando-a por um farejador antes de entregá-la. Eram muito bem treinados para deixar passar algo tão óbvio.

— Aquela mulher com quem estava falando — provocou Feyd-Rautha.
— Aquela pequenina. É alguma coisa de

especial para você? Um bichinho de estimação, talvez? Ela merecerá minha atenção especial.

Paul permaneceu calado, sondando seus sentidos internos, examinando o sangue do ferimento e encontrando um traço de soporífero da lâmina do Imperador. Realinou o próprio metabolismo para enfrentar essa ameaça e modificar as moléculas da droga, mas sentiu um estremecimento de dúvida. Eles haviam preparado uma lâmina com soporífero. Soporífero. Nada que pudesse alertar um farejador de veneno, mas suficientemente forte para adormecer os músculos onde tocasse. Os inimigos tinham seus próprios planos dentro de planos, seu próprio estoque de traições. Novamente Feyd-Rautha saltou,

golpeando.

Paul, o sorriso congelado no rosto, aparou o golpe com lentidão, como se estivesse sofrendo os efeitos da droga, mas no último instante se esquivou para atingir o braço que o golpeava com a ponta de sua faca cristalina.

Feyd-Rautha saltou de lado e saiu do caminho, a lâmina agora na mão esquerda e com apenas uma lividez no rosto para revelar a dor do ácido onde Paul o cortara.

“Deixe que ele tenha seu momento de dúvida”, pensou Paul.

“Deixe que ele suspeite de veneno.”

— Traição! — gritou Feyd-Rautha.
— Ele me envenenou! Sinto veneno em meu braço!

Paul baixou seu manto de silêncio para responder:

— Apenas um pouquinho de ácido para contrabalançar o soporífero da lâmina do Imperador.

Feyd-Rautha igualou o frio sorriso de Paul, ergueu a faca na mão esquerda para uma falsa saudação. Por trás da faca, seus olhos brilhavam de ódio.

Paul passou a faca cristalina para a mão esquerda, igualando seu oponente, e novamente eles circularam em observação.

Feyd-Rautha começou a reduzir o espaço entre eles, aproximando-se de lado, a faca em posição elevada, a raiva revelando-se nos olhos semi-cerrados e nos músculos do queixo. Ele atacou pela direita e por baixo, e então os dois

estavam unidos, um contra o outro, faca contra faca, pressionando.

Paul, cauteloso quanto ao lado direito dos quadris de Feyd-Rautha, onde suspeitava que houvesse um dardo envenenado, forçou-se a virar para a direita. Quase não viu a ponta da agulha surgir debaixo da linha do cinturão. Uma mudança de direção e uma aparente entrega aos movimentos do adversário o avisaram. A minúscula ponta errou a carne de Paul por um espaço insignificante.

“No lado esquerdo do quadril!”

“Traição dentro de traição, dentro de traição”, lembrou-se Paul.

Usando os músculos através do treinamento Bene Gesserit, Paul cedeu o suficiente para apanhar Feyd-Rautha num

reflexo. Todavia, a necessidade de evitar o minúsculo ponto projetando-se do oponente fez com que perdesse o apoio dos pés, caindo pesadamente ao chão, com Feyd-Rautha por cima.

— Está vendo aqui em meu quadril? — sussurrou Feyd-Rautha Sua morte, seu tolo. — Começou a se contorcer, forçando a agulha envenenada cada vez mais perto. — Isso imobilizará seus músculos e dará à minha faca a chance de acabar com você. Não ficará nenhum traço da droga para ser detectado!

Paul retesou-se ouvindo os gritos silenciosos em sua mente, seus antecessores impressos em suas células a exigirem que ele usasse a palavra secreta para retardar Feyd-Rautha e se salvar.

— Não direi isso! — exclamou.

Feyd-Rautha surpreendeu-se, apanhado em uma mínima hesitação. Foi o suficiente para que Paul encontrasse o ponto fraco em seu equilíbrio, situado num dos músculos das pernas. As posições inverteram-se. Feyd-Rautha encontrou-se por baixo, com o lado direito do quadril erguido e incapaz de se virar por causa da agulha presa contra o solo.

Paul torceu a mão esquerda até livrá-la e, ajudado pela lubrificação do sangue que saía de seu braço, impulsionou-a com força por baixo do queixo de Feyd-Rautha. A ponta da faca penetrou ali, afundando até atingir o cérebro. Feyd-Rautha sofreu um espasmo e ficou inerte, tombando de lado, ainda

preso pela agulha enterrada ao chão.

Respirando profundamente para recuperar a calma, Paul desprendeuse e se levantou, ficando de pé ao lado do corpo, a faca na mão, erguendo os olhos com deliberada lentidão para fitar através da sala, na direção do Imperador.

— Majestade — disse —, suas forças estão reduzidas uma vez mais. Agora vamos abandonar os fingimentos e as desculpas? Vamos discutir o que deve ser feito? Sua filha se casará comigo, abrindo caminho para que um Atreides se sente no trono.

O Imperador voltou-se, olhando para o Conde Fenring. O Conde respondeu ao seu olhar — olhos cinzentos contra olhos verdes.

O pensamento passou claro entre

eles, uma amizade tão antiga que o entendimento podia ser obtido com um único olhar.

“Mate esse idiota para mim”, dizia o Imperador. “O Atreides é jovem e cheio de recursos, sim... mas também está cansado pelo longo esforço e não será páreo para você, de qualquer modo. Desafie-o agora... sabe como fazê-lo... Mate-o.”

Lentamente, Fenring voltou a cabeça, num prolongado e lento movimento, até encarar Paul.

— Faça-o! — sussurrou o Imperador.

O Conde observou Paul, vendo-o com os olhos que sua Lady Margot haviam treinado nos modos Bene Gesserit, consciente do mistério e da

grandeza escondidos no jovem Atreides.

“Eu poderia matá-lo”, pensou Fenring, sabendo que isso era verdade.

Mas alguma coisa nas profundezas ocultas de seu ser o deteve, e o Conde vislumbrou brevemente, inadequadamente, a vantagem que tinha sobre Paul — um modo de se ocultar do jovem, uma furtividade de personalidade, e motivos que nenhum olho poderia penetrar.

Paul, consciente disso pelo modo como o nó do tempo fervilhava, entendeu finalmente por que não vira antes o Conde Fenring ao longo das teias de sua presciência. Fenring era um dos que poderiam ter sido, um quase Kwisatz Haderach, danificado por uma falha em seu padrão genético — um eunuco, seu

talento concentrado na furtividade e no isolamento interior. Um profundo sentimento de compaixão pelo Conde fluiu através de Paul, o primeiro sentido de irmandade que jamais experimentara.

Sentindo as emoções de Paul, Fenring disse:

— Majestade, devo recusar.

O ódio dominou Shaddam IV. Ele deu dois passos curtos através de seu séquito e mandou um soco violento no queixo de Fenring.

Um rubor escuro espalhou-se pela face do Conde. Ele olhou diretamente para o Imperador, falando com deliberada falta de ênfase:

— Nós temos sido amigos, Majestade. E o que faço agora é devido a essa amizade. Eu me esquecerei de que

me golpeou.

Paul pigarreou, dizendo:

— Estávamos falando do trono, Majestade.

O Imperador girou nos calcanhares, olhando furioso para Paul.

— Eu me sento no trono! — gritou.

— Vai ter um trono em Salusa Secundus — respondeu Paul.

— Eu depus minhas armas e vim até aqui mediante sua palavra de honra. Atreve-se a me ameaçar?

— Sua pessoa está segura em minha presença. Um Atreides prometeu isso. Muad'Dib, entretanto, o sentencia ao seu próprio planeta-prisão. Mas não tema, Majestade. Eu aliviarei a dureza do lugar com todos os poderes à minha disposição.

Ele deverá tornar-se um mundo-jardim, cheio de coisas adoráveis.

Enquanto o significado oculto nas palavras de Paul crescia na mente do Imperador, este olhou furioso, dizendo:

— Agora vemos seus verdadeiros motivos.

— De fato — respondeu Paul.

— E o que será de Arrakis? — perguntou o Imperador. — Outro planeta-jardim, cheio de coisas adoráveis?

— Os Fremen têm a palavra do Muad'Dib. Haverá água fluindo aqui, a céu aberto, e oásis verdes, cheios de coisas boas. Mas nós temos de pensar na especiaria também. Assim, sempre existirá deserto em Arrakis... e ventos violentos, e provas para endurecer um homem. Nós, Fremen, temos um ditado: “Deus criou

Arrakis para educar os fiéis.” Não se pode ir contra a vontade de Deus.

A velha Reveladora da Verdade, a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, tivera sua própria visão do significado oculto nas últimas palavras de Paul. Ela vislumbrara o jihad e disse.

— Não pode soltar essa gente no universo!

— Vai ter saudades dos modos gentis dos Sardaukar! — retrucou Paul.

— Você não pode fazer isso — ela sussurrou.

— Você é uma Reveladora da Verdade. Reconsidere suas palavras. — Olhou para a Princesa Real, depois novamente para o Imperador. — Melhor que seja feito logo, Majestade.

O Imperador lançou um olhar

aflito sobre a filha. Ela tocou-lhe o braço e falou de modo tranquilizador.

— Para isso eu fui treinada, pai.

Ele respirou fundo.

— Não pode impedir isso — murmurou a Reveladora da Verdade.

O Imperador empertigou-se, olhando com uma aparência de dignidade recuperada.

— Quem irá negociar por você, cavalheiro?

Paul voltou-se, vendo a mãe com os olhos semi-cerrados, a esperar juntamente com Chani e um esquadrão de guardas Fedaykin.

Ele aproximou-se delas e parou, olhando para Chani.

— Eu conheço suas razões, Usul — sussurrou Chani. — Se deve ser

assim...

Paul, percebendo a tristeza em sua voz, tocou-lhe o rosto.

— Não tema nada, minha Sihaya, não tema nunca. — Abaixou o braço olhando para Jessica.

— Irá negociar por mim, mãe, com Chani ao seu lado. Ela tem sabedoria e olhos atentos. É sábio dizer que ninguém barganha mais duramente que um Fremem. Ela estará olhando por mim através dos olhos de seu amor, e com a mente em seus filhos que ainda vão nascer. Escute o que ela disser.

Jessica sentiu o frio calculismo do filho e controlou um estremeamento.

— Quais são suas instruções? — indagou.

— Todas as ações da Companhia

CHOAM pertencentes ao Imperador como dote.

— Todas! — Jessica ficou chocada a ponto de quase perder a fala.

— Ele deve ser despido de tudo que tem. Quero o título de Conde e a diretoria da CHOAM para Gurney Halleck, além do feudo de Caladan. Haverá títulos e poder para cada homem dos Atreides que tenha sobrevivido, sem exceção do soldado mais inferior.

— E quanto aos Fremen? — indagou Jessica.

— Os Fremen são meus. O que receberem será dado pelo Muad'Dib. Começarei colocando Stilgar como governador de Arrakis, mas isso pode esperar.

— E quanto a mim?

— Há algo que deseje?

— Talvez Caladan — disse ela, olhando para Gurney. — Não estou certa. Me tornei demasiado Fremmen... e Reverenda Madre. Preciso de um tempo de paz e quietude para pensar.

— Isso você terá — disse Paul. — E tudo mais que Gurney e eu lhe pudermos dar.

Jessica assentiu, sentindo-se subitamente muito velha e cansada.

Olhou para Chani:

— E para a concubina real?

— Nenhum título para mim — sussurrou Chani. — Nada, eu lhe peço.

Paul olhou nos olhos dela, lembrando-se de como a vira uma vez, tendo nos braços o pequeno Leto, seu filho agora morto em meio a essa

violência.

— Eu lhe juro agora — ele falou baixinho — que não precisará de nenhum título. Aquela mulher será minha esposa e você concubina, porque essa é uma necessidade política, e precisamos solidificar uma paz neste momento, até reunir as Grandes Casas da Landsraad ao nosso lado. Devemos obedecer a formalidades. Todavia, aquela princesa não receberá de mim nada mais que um nome. Nenhuma criança, nenhum toque ou suavidade de olhar, nenhum instante de desejo.

— Assim você diz agora — respondeu Chani, enquanto olhava através da sala para a altiva princesa.

— Conhece muito pouco o meu filho — falou Jessica. Olhe aquela

princesa, tão altiva e confiante. Dizem que ela tem pretensões de natureza literária. Vamos esperar que encontre consolo em tais coisas, pois terá muito pouco além disso. — Um riso amargo escapou dos lábios de Jessica. — Pense nisto, Chani: aquela princesa terá um nome, e no entanto receberá menos que uma concubina, nunca conhecerá um momento de carinho do homem ao qual está ligada. Enquanto nós, Chani, nós que carregamos o título de concubina... a história nos chamará de esposas.

Apêndices

APÊNDICE I: A ECOLOGIA DE DUNA

Além de um ponto crítico dentro de um espaço finito, a liberdade diminui à medida que os números crescem. Isso é verdadeiro para os seres humanos no espaço finito de um ecossistema planetário, assim como o é com relação às moléculas de gás num frasco selado. A questão humana não é tanto quanto poderão sobreviver dentro do sistema, mas sim quanto de existência será possível para aqueles que sobreviverem.

— *Pardot Kynes, Primeiro Planetólogo
de Arrakis*

A impressão produzida por Arrakis na mente de um recém-chegado é a de uma terra excessivamente inóspita. O estrangeiro pode achar que nada poderia viver ou crescer em espaço aberto por aqui, que esta é uma verdadeira desolação que nunca foi fértil e nunca o será.

Para Pardot Kynes, o planeta era meramente uma expressão de energia, uma máquina impulsionada por seu sol. O que era preciso era apenas remoldá-la para se adequar às necessidades humanas. Sua mente voltou-se imediatamente para a população humana que se movia livremente: os Fremen. Que desafio! Que ferramenta eles podiam ser! Fremen: uma força ecológica e geológica de potencial quase ilimitado.

Pardot Kynes era, de muitas maneiras, um homem direto e simples. Como escapar às restrições dos Harkonnen? Casando-se com uma mulher Fremen. Quando ela lhe dá um filho Fremen, você começa com ele, com Liet-Kynes e outras crianças, ensinando-lhes conhecimentos ecológicos, criando uma nova linguagem com símbolos que capacitem a mente a manipular toda uma paisagem, seu clima, seus limites de acordo com as épocas do ano, até finalmente romper através de todas as idéias de força para chegar à deslumbrante consciência da ordem.

“Há uma beleza de movimentos e um equilíbrio internamente reconhecidos em qualquer planeta saudável para os seres humanos”, dizia Kynes. “Você pode

ver nessa beleza um dinâmico efeito estabilizador essencial a toda forma de vida. Seu objetivo é simples: manter e produzir padrões coordenados de diversidade cada vez maior. A vida aumenta a capacidade de sustentação de vida de um sistema fechado. A vida — todas as suas formas — está a serviço da vida. Os nutrientes necessários tornam-se disponíveis, através da vida, para servirem a outros tipos de vida de variedade cada vez maior, à medida que aumenta a diversidade dessa mesma vida. Toda a paisagem se torna viva, então, cheia de relacionamentos e relacionamentos dentro de relacionamentos.”

Assim era Pardot Kynes dando aulas para uma turma num sietch.

Antes das aulas, entretanto, ele

precisou convencer os Fremen. Para entender como isso aconteceu, é necessário primeiro compreender a enorme sinceridade e inocência com que ele abordava qualquer problema. Ele não era ingênuo, apenas não se permitia desvios em relação a seus objetivos.

Estava explorando a paisagem de Arrakis num carro de solo para um só homem, durante uma tarde quente, quando deu de cara com uma cena deploravelmente comum. Seis bravos Harkonnen, totalmente armados e protegidos com escudos, haviam encurralado três jovens Fremen num espaço aberto além da Muralha Escudo, próximo da vila de Windsack. Para Kynes, parecia uma luta de brincadeira, mais comédia que realidade, até perceber

que os Harkonnen realmente pretendiam matar os Fremen. A essa altura, um dos jovens já tombara com uma artéria seccionada. Dois dos bravos também estavam caídos, mas ainda restavam quatro homens, muito bem armados, contra dois adolescentes.

Kynes não era valente, apenas tinha cautela e sinceridade de propósitos. Os Harkonnen estavam matando os Fremen. Estavam destruindo as ferramentas com que pretendia reestruturar o planeta! Ligou seu próprio escudo, aproximou-se e matou dois dos Harkonnen com uma espada curta, antes que percebessem que havia alguém atrás deles. Esquivou-se de um golpe de espada de um dos restantes e cortou a garganta do homem com um hábil entrisseur,

deixando que o sobrevivente enfrentasse os dois jovens, enquanto se voltava para salvar o rapaz ferido. E de fato o salvou... enquanto o sexto Harkonnen era eliminado.

Ora, ali estava uma bela situação. Os Fremen não sabiam o que fazer com Kynes. Sabiam quem ele era, é claro. Nenhum homem chegava em Arrakis sem que um completo dossiê fosse parar nas fortalezas Fremen. Eles o conheciam: um servo imperial.

Mas ele matava Harkonnen!

Os adultos poderiam dar de ombros e, com um pouco de pesar, enviar essa alma para unir-se às dos seis homens mortos no chão. Esses Fremen, entretanto, eram jovens inexperientes e tudo que conseguiam perceber era que

tinham uma dívida de morte para com esse servo imperial.

Kynes terminou encontrando-se, dois dias depois, num sietch que se abria sobre a Passagem dos Ventos. Para ele, tudo era muito natural. Falou com os Fremen a respeito de água, de dunas ancoradas por capim, de palmeiras cheias de tâmaras e de qanats fluindo sobre o deserto. Falou, falou e falou.

Em torno dele, desenvolvia-se um debate que Kynes nem percebeu. Que fazer com esse louco? Ele conhecia a localização de um dos principais sietches. Que fazer? E quanto às suas palavras? Essa conversa de louco sobre um paraíso em Arrakis? Apenas conversa. Ele sabe demais. Mas ele matou Harkonnen! E quanto à dívida da água? Quando foi que

ficamos devendo alguma coisa ao Império? Ele matou Harkonnen? Qualquer um pode matar Harkonnen. Eu mesmo já fiz isso. Mas, e quanto a essa conversa de Arrakis florescendo? Muito simples. Onde está a água para isso? Ele diz que está aqui! E salvou três dos nossos. Salvou três tolos que se colocaram no caminho do punho dos Harkonnen! E ele viu as facas cristalinas!

A decisão necessária já era conhecida horas antes que fosse pronunciada. O tau do sietch diz a seus membros o que eles devem fazer; até mesmo a necessidade mais brutal torna-se conhecida. Foi enviado um lutador experiente com uma faca consagrada para fazer o trabalho. Dois encarregados de água o seguiram para obter a água do

corpo. Uma brutal necessidade.

É duvidoso que Kynes tenha chegado sequer a reparar em seu suposto executor. Estava falando para um grupo que o cercava a uma distância cautelosa. Falava enquanto caminhava num curto círculo, gesticulando. Água livre, dizia Kynes, caminhar ao ar livre sem trajestiladores. Água para recolher de um lago! Portyguls!

O homem com a faca o confrontou.

— Remova-se daqui — disse Kynes, e continuou falando a respeito de armadilhas secretas de vento. Esbarrou no homem e voltou-lhe as costas, abertas para o golpe cerimonial.

O que se passou na mente daquele executar ninguém pode saber.

Será que ele acabou ouvindo Kynes e acreditou? Quem sabe? Mas o que ele fez está registrado. Uliet era seu nome, o Velho Liet.

Uliet caminhou três passos e deliberadamente caiu sobre a própria faca, assim “removendo” a si mesmo. Suicídio? Alguns dizem que foi Shai-hulud quem o guiou.

Histórias de profecias!

A partir daquele instante, Kynes só precisava apontar, dizendo “vão para lá”. E tribos inteiras de Fremen iam. Homens morreram, mulheres morreram, crianças morreram. Mas eles prosseguiram.

Kynes retornou a seus serviços imperiais, dirigindo as Estações de Testes Biológicos. E agora os Fremen começavam a aparecer entre o pessoal de

tais estações. Os Fremem entreolhavam-se. Estavam infiltrando-se no “sistema”, possibilidade que nunca haviam considerado. Ferramentas das estações começaram a aparecer nos sietches, especialmente raios de corte, usados para escavar sob o solo criando bacias de coleta e armadilhas de vento ocultas.

A água começou a ser coletada nessas bacias.

Tornou-se então evidente para os Fremem que Kynes não era um homem totalmente louco, apenas o suficiente para ser um santo.

Ele era um dos umma, a irmandade dos profetas. A sombra de Uliet foi promovida ao sadus, o trono dos juizes celestiais.

Kynes — direto, totalmente

concentrado em sua missão sabia que a pesquisa altamente organizada tem a garantia de nunca produzir nada novo. Estabeleceu experiências com pequenas unidades e um intercâmbio regular de informações para produzir um rápido efeito Tansley, deixando cada grupo encontrar o seu próprio caminho. Eles deveriam acumular milhões de pequeninos fatos. Ele organizou somente testes isolados e toscos para colocar as dificuldades na perspectiva adequada.

Fizeram-se amostragens de núcleo rochoso. Delinearam-se mapas das longas alterações de tempo chamadas de clima. Ele descobriu que, no amplo cinturão contido pelas linhas de 70 graus ao Norte e ao Sul, durante milhares de anos as temperaturas não haviam escapado à faixa

dos 254-332 graus (absolutos), e que esse cinturão possuía longas estações de crescimento, quando as temperaturas variavam de 284 a 302 graus absolutos: um espaço para a vida de origem terrestre... uma vez que a questão da água fosse resolvida.

E quando será resolvida?, indagaram os Fremen. Quando veremos Arrakis tornar-se um paraíso?

Da maneira como um professor responderia a uma criança que lhe perguntasse a soma de dois mais dois, Kynes respondeu-lhes: Dentro de trezentos a quinhentos anos.

Outro povo menos resistente teria gritado de desapontamento.

Mas os Fremen haviam aprendido a ter paciência com homens que usavam

chicotes. Era um pouco mais do que esperavam, mas todos podiam ver que o dia abençoado iria chegar. Eles apertaram os cintos e voltaram ao trabalho. De algum modo, o desapontamento fez com que a perspectiva do paraíso parecesse mais real.

A preocupação em Arrakis não era com água, mas com umidade. Animais de estimação eram quase desconhecidos, animais de criação, raros. Alguns contrabandistas empregavam o asno do deserto domesticado, o kulon, mas o preço da água era elevado, mesmo quando as bestas eram dotadas de trajes-destiladores modificados.

Kynes pensou em instalar fábricas de redução para produzir água a partir do hidrogênio e do oxigênio encontrados nas

rochas nativas, mas o fator energia versus custo revelou-se proibitivo. As calotas polares (não obstante o falso sentimento de segurança quanto à água que elas traziam para os pyons) continham uma quantidade muito pequena para o projeto... e ele já começava a suspeitar onde a água devia ser encontrada. Havia um aumento constante da umidade do ar nas latitudes médias e em determinados ventos. Havia um indício primário na composição do ar: 23 por cento de oxigênio, 75,4 por cento de nitrogênio e 0,23 por cento de dióxido de carbono, com gases residuais completando o resto.

Existia uma rara planta nativa dotada de raízes que crescia acima do nível de 2.500 metros na zona temperada do Norte. Um tubérculo com dois metros

de comprimento produzia meio litro de água. E havia plantas terrestres do deserto: as mais resistentes mostravam sinais de crescimento se plantadas em depressões com precipitadores de orvalho enfileirados.

Então Kynes viu a panela salgada.

Seu “tóptero”, voando entre estações situadas bem no meio do bled, foi afastado do curso por uma tempestade. Quando a tempestade passou, lá estava a “panela”: uma gigantesca depressão oval com uns trezentos quilômetros ao longo do eixo maior — cintilante surpresa branca em pleno deserto. Kynes pousou e provou da superfície varrida pela tempestade. Sal.

Agora ele tinha certeza.

Existira água livre em Arrakis em

alguma ocasião. Ele começou a examinar as evidências dos poços secos onde fios de água haviam aparecido e desaparecido para nunca mais retornarem.

Kynes colocou os limnologistas Fremen, recentemente treinados, para trabalharem: seu principal indício eram pedaços de matéria coriácea encontrados algumas vezes após uma explosão da massa de especiaria. Isso fora atribuído à fictícia “truta da areia” do folclore Fremen. Quando os fatos se transformaram em evidências, uma criatura emergiu para explicar essas tiras coriáceas: um nadador da areia que bloqueava a água em bolsões férteis, dentro dos estratos porosos inferiores, abaixo da linha dos 280 graus absolutos.

Esses “ladrões de água” morriam

aos milhões a cada estouro da especiaria. Uma mudança de cinco graus na temperatura poderia matá-los. Os poucos sobreviventes entravam em estado semi-dormente de hibernação em cisto para emergirem seis anos depois na forma de pequenos (seis metros de comprimento) vermes da areia. Destes, somente uns poucos conseguiam evitar seus irmãos maiores e os bolsões de água pré-especiaria para chegarem à maturidade como gigantescos shai-huluds. (A água é venenosa para o shai-hulud, como os Fremen já sabiam há muito tempo, de afogarem o raro “verme raquítico” do Pequeno Erg para produzirem o narcótico de ampliação da consciência a que chamavam Água da Vida. O “verme raquítico” é uma forma primitiva de shai-

hulud que atinge o comprimento de apenas nove metros.) Agora eles possuíam a visão de todo o relacionamento circular: pequeno produtor para a massa de pré-especiaria; pequeno produtor para shai-hulud, shai-hulud para espalhar a especiaria, da qual se alimentam microscópicas criaturas chamadas de plâncton-da-areia; o plâncton-da-areia, alimento do shai-hulud, crescendo, enterrando-se e se transformando em pequenos produtores.

Kynes e sua gente deixaram de lado esses grandes relacionamentos e se concentraram na micro-ecologia. Primeiro o clima: a areia superficial freqüentemente atingia temperaturas de 344 a 350 graus absolutos. Um pé abaixo da superfície, a temperatura poderia ser

55 graus mais fria, um pé acima da superfície, 25 graus mais fria. Folhas ou sombras negras poderiam fornecer mais 18 graus de resfriamento. Em seguida, os nutrientes: em Arrakis, a areia é principalmente um produto da digestão dos vermes, o pó (problema que lá é verdadeiramente onipresente) é produzido pelo constante movimento superficial, o movimento “saltado” da areia. Os grãos mais grossos são encontrados nos lados das dunas que se opõem aos ventos predominantes. O lado voltado para o vento é compactado e duro. As dunas antigas são amarelas (oxidadas), as recentes são da cor da rocha geralmente cinza.

Os lados das velhas dunas opostos ao vento forneceram as primeiras áreas de

plântio. Os Fremen objetivaram primeiramente obter um ciclo do capim ralo, com pêlos semelhantes à turfa, para se entrelaçarem e se emaranharem, fixando as dunas ao privarem o vento de sua grande arma: os grãos móveis.

Zonas de adaptação foram estabelecidas no distante Sul, longe da observação dos Harkonnen. Capins mutantes foram plantados primeiro ao longo da face oposta ao vento (face escorregadia) de dunas escolhidas, que se colocavam na trilha dos ventos de Oeste predominantes. Com a face aposta ao vento ancorada, o lado voltado para o vento crescia cada vez mais alto e o capim avançava, acompanhando. Sifs gigantes (longas dunas com cristas sinuosas) de mais de 1.500 metros de altura foram

produzidas desse modo.

Quando as dunas de barreira atingiam altura suficiente, suas faces voltadas para o vento eram plantadas com o capim-espada, mais resistente. Cada estrutura, com base seis vezes mais espessa que a altura, era ancorada — fixada.

Agora começavam as plantações mais profundas — plantas efêmeras (quenopódios, carurus e amarantos, para começar), depois a vassoura-escocesa, o tremoceiro baixo, o eucalipto-trepadeira (tipo adaptado para as regiões do norte de Caladan), tamargueira-anã, pinhoda-praia — e depois as verdadeiras plantas de deserto: candelila, saguaro e bisnaga, o cacto-barril. Onde isso crescia, eles introduziram a salvade-camelo, o capim-

cebola, o capim-de-gobi, a alfafa selvagem, o arbusto-toca, a verbena-da-areia, a primula noturna, o arbusto-incenso, a árvore fumarenta, e o arbusto creosoto.

Voltaram então a atenção para a necessária vida animal, criaturas que se enterrassem no solo para arejá-la: pequena raposa, rato-canguru, lebre-do-deserto, tartaruga-da-areia... e os predadores, para manter a população sob controle: falcão-do-deserto, coruja-anã, águia e coruja-do-deserto; e insetos para preencherem os nichos que essas criaturas não pudessem alcançar: escorpião, centopéia, aranha-alçapão, vespa e mosca varejeira... mais o morcego-do-deserto, para manter os insetos sob controle.

Agora vinha o teste crucial:

tamareiras, algodão, melões, café, plantas medicinais, mais de duzentas variedades de plantas comestíveis para testar e adaptar.

“O que os analfabetos em ecologia não são capazes de perceber é que um ecossistema é um sistema”, dizia Kynes. “Um sistema mantido dentro de certa estabilidade fluida que pode ser destruída por uma falha em apenas um nicho. Um sistema tem ordem, flui de um ponto para outro. Se alguma coisa interrompe esse fluxo, a ordem desaparece. Aqueles que não foram treinados podem não perceber esse colapso até que seja tarde demais. Por isso é que a função mais elevada da ecologia é a compreensão das conseqüências.”

Teriam eles atingido um sistema?

Kynes e sua gente observaram e esperaram. Os Fremen agora compreendiam o que ele pretendia dizer com uma previsão aberta de quinhentos anos.

Um relatório veio da região das palmeiras.

Na borda das plantações de deserto, o plâncton-da-areia está sendo envenenado pela interação com as novas formas de vida. Razão: incompatibilidade protéica. Formava-se lá uma água envenenada que as formas de vida de Arrakis não tocavam. Uma zona de desolação cercou as plantações; nem mesmo o shai-hulud se atrevia a invadi-la.

Kynes foi até lá pessoalmente — uma viagem de vinte tumperes (num palanquim como um ferido ou uma

Reverenda Madre, já que ele nunca se tornou um cavaleiro da areia). Ele testou a zona desolada (ela fedia até o céu) e voltou com um bônus, um presente de Arrakis.

A adição de enxofre e fixação de nitrogênio convertiam a zona desolada num rico leito para vida terrestre. As plantações poderiam avançar à vontade.

— Isso muda o cronograma? — indagaram os Fremen.

Kynes voltou a suas fórmulas planetárias. Os números das armadilhas de vento estavam razoavelmente estabelecidos, então. Ele foi generoso com seus descontos, sabendo que seria impossível traçar linhas exatas em torno de problemas ecológicos. Certa quantidade de cobertura vegetal já fora

destinada à fixação de dunas, outra quantidade para alimento (humano e animal), outra para captar umidade em sistemas de raízes e fornecer água às áreas calcinadas ao redor. Dessa vez eles mapearam os pontos frios móveis no bled. Estes tinham de ser computados nas fórmulas. Até mesmo o shai-hulud tinha seu lugar nas cartas. Ele nunca deveria ser destruído, ou a riqueza de especiaria iria terminar. Sua fábrica digestiva interna, com sua enorme concentração de ácidos e aldeídos, constituía gigantesca fonte de oxigênio. Um verme médio (com duzentos metros de comprimento) liberava tanto oxigênio na atmosfera quanto dez quilômetros quadrados de área coberta de plantas verdes fotos sintéticas.

Havia a Corporação a considerar. Os subornos em especiaria para a Corporação, visando evitar satélites meteorológicos e outros tipos de observadores nos céus de Arrakis, já haviam atingido grandes proporções.

Os Fremen também não podiam ser ignorados. Especialmente eles, com suas armadilhas de vento e sua ocupação irregular da terra organizada ao redor do suprimento de água. Os Fremen com seu novo conhecimento de ecologia e seu sonho de transformar vastas áreas de Arrakis, passando por uma fase de pradaria, até chegar à cobertura florestal.

De seus mapas emergiu um número e Kynes o relatou. Três por cento. Se eles conseguissem envolver três por cento das plantas verdes de Arrakis

na formação de compostos de carbono, teriam seu ciclo auto-sustentável.

— Mas quanto tempo? — indagaram os Fremen.

— Oh, em torno de trezentos e cinquenta anos.

Ah, sim, era verdade o que esse umma dissera no princípio: a coisa não viria no tempo de existência de qualquer homem agora vivo, nem no de seus netos oito gerações além, mas um dia viria.

O trabalho continuou: construir, plantar, escavar, treinar as crianças.

Então Kynes-o-Umma morreu num desabamento na Bacia do Gesso.

A essa altura, seu filho Liet-Kynes tinha dezenove anos um perfeito Fremen e cavaleiro da areia que já matara mais de cem Harkonnen. A nomeação real, para a

qual o velho Kynes já indicara o nome do filho, chegou naturalmente. A rígida estrutura de classes dos faufreluches tivera seu propósito bem-ordenado aqui.

O filho fora treinado para seguir o caminho do pai.

O curso já fora estabelecido a essa altura; os Ecológicos Fremen tinham uma direção a seguir. Liet-Kynes só precisava observar e pressionar e espionar os Harkonnen... até o dia em que seu planeta foi atormentado por um herói...

APÊNDICE II: A RELIGIAO DE DUNA

Antes da vinda do Muad'Dib, os Fremen de Arrakis praticavam uma religião cujas raízes no Saari Maometano são evidentes a qualquer estudioso. Muitos já traçaram os grandes empréstimos tomados a outras religiões. O exemplo mais comum é o Cântico da Água, cópia direta do Manual Litúrgico Católico Laranja, chamando por nuvens de chuva que Arrakis nunca viu. Mas existem pontos de concordância mais profundos entre o Kitab al-Ibar dos Fremen e os ensinamentos da Bíblia, do

Ihn e do Fiqh.

Qualquer comparação entre as crenças religiosas dominantes no Império até a época do Muad'Dib deve começar com as grandes forças que as moldaram!

1. Os seguidores dos Quatorze Sábios, cujo livro era a Bíblia Católica Laranja e cujos pontos de vista encontram-se expressos nos Comentários e no restante da literatura produzida pela Comissão de Tradutores Ecumênicos (C.T.E.).

2. As Bene Gesserit, que particularmente negavam constituir uma ordem religiosa, mas que operavam sob um escudo quase impenetrável de rituais místicos, com métodos de treinamento, simbolismo, organização e ensino quase inteiramente religiosos.

3. A classe governante agnóstica (incluindo-se aí a Corporação), para a qual a religião era uma espécie de espetáculo de marionetes destinado a divertir o povo e mantê-la dócil, e que acreditava essencialmente que todos os fenômenos — mesmo os religiosos podiam ser reduzidos a explicações mecânicas.

4. Os chamados Ensinamentos Ancestrais — incluindo-se os preservados pelos Peregrinos Zensunni do primeiro, do segundo e do terceiro Movimentos Islâmicos; o Navacristianismo de Chusuk; as Variantes Budislâmicas dos tipos predominantes em Lankiveil e Sikun; os Livros da União do Mahayana Lankavatara; o Zen Hekiganshu de Delta Pavonis III; o Tawrah e o Zabur

Talmúdico que sobreviviam em Salusa Secundus; o disperso ritual Obeah; o Muadh Quran, com seu Ilm e seu Figh puros, preservados entre os fazendeiros de arroz pundi de Caladan; os afloramentos hindus encontrados por todo o universo em pequenos bolsões de pyons isolados; e finalmente o Jihad Butleriano.

Há uma quinta força que moldou a crença religiosa, mas seu efeito é tão universal e profundo que merece ser examinado separadamente.

Evidentemente, trata-se da viagem espacial, que em qualquer discussão sobre religião merece ser escrita assim:

VIAGEM ESPACIAL!

Os movimentos da humanidade através do espaço profundo exerceram um efeito singular sobre a religião durante os cento e dez séculos que precederam o Jihad Butleriano. De início, a viagem espacial, embora generalizada, era lenta, incerta e muito pouco controlada — e, antes do monopólio da Corporação, realizada através de uma barafunda de métodos. As primeiras experiências espaciais, muito mal divulgadas e sujeitas a extrema distorção, induziram a uma desenfreada especulação mística.

Imediatamente, o espaço deu sentido e sabor diferentes às idéias sobre

a Criação. Essa diferença pode ser notada nos maiores feitos religiosos desse período. Em todas as religiões, o sentimento do sagrado era atingido pela anarquia da escuridão exterior.

Era como se Júpiter e todas as suas formas descendentes se retraíssem à escuridão maternal para serem substituídos por uma imanência feminina cheia de ambigüidades e com a face repleta de terrores.

As antigas fórmulas se entrelaçavam e se entremeavam ao serem adequadas às necessidades das novas conquistas e dos novos símbolos heráldicos. Era um tempo de luta entre as bestas-demônios, de um lado, e as velhas preces e invocações, do outro.

Nunca houve um desfecho claro.

Durante esse período, dizia-se que o Gênesis fora reinterpretado, permitindo que Deus dissesse: “Crescei e multiplicaivos, e enchei o universo, e o subjugai, governando sobre todo o tipo de bestas estranhas e criaturas vivas nos infinitos ares e infinitas terras e abaixo delas.”

Era um tempo de feiticeiras cujos poderes eram reais. A medida disso é encontrada no fato de que nunca revelaram como acenderam a tocha da discórdia.

E então veio o Jihad Butleriano — duas gerações de caos. O deus da lógica-máquina foi derrubado entre as massas para que um novo conceito se erguesse: “O Homem não pode ser substituído.”

Essas duas gerações de violência

foram uma pausa talâmica para toda a humanidade. Os homens olharam para seus deuses e rituais e perceberam que eles estavam recheados com a mais terrível de todas as equações: medo sobre ambição.

Hesitantemente, os líderes de religiões cujos adeptos haviam derramado o sangue de bilhões começaram a se reunir para trocar pontos de vista. Tratava-se de um movimento encorajado pela Corporação Espacial, que então principiava a construir seu monopólio sobre todas as viagens interestelares, e pelas Bene Gesserit, que reuniam as feiticeiras.

Desses primeiros encontros ecumênicos, surgiram dois grandes resultados

1. A compreensão de que todas as religiões possuíam ao menos um ponto em comum, traduzido no mandamento: “Não deverás deturpar a alma.”

2. A Comissão de Tradutores Ecumênicos.

A CTE reuniu-se na ilha neutra da Velha Terra, local de nascimento das religiões maternas. Eles se encontraram “na crença comum de que existe uma Essência Divina no universo”. Cada fé com mais de um milhão de seguidores foi representada, e todos chegaram a um acordo surpreendentemente rápido quanto à declaração de seu objetivo comum : “Nós estamos aqui para remover uma arma básica das mãos das religiões em disputa. Essa arma é a pretensão de possuir a única e derradeira

revelação.”

O júbilo ante esse “sinal de profundo acordo” revelou-se prematuro. Durante mais de um ano standard, essa declaração constituiu o único anúncio feito pela CTE. Os homens falavam amargamente do atraso. Trovadores compunham canções satíricas a respeito dos cento e vinte e um “Velhos Maníacos”, como os delegados da CTE passaram a ser chamados. (O nome surgiu de uma piada obscena que brincava com as iniciais [em inglês, C.E.T.] e chamava os delegados de “Crank-Effing-Turners”.) Uma das canções, o “Repouso de Brown”, tem sido relembrada periodicamente e ainda hoje é popular.

“Considerem O repouso de Brown e A tragédia Em todos aqueles Maníacos!

Todos aqueles Maníacos Tão preguiçosos,
tão preguiçosos Por todos estes dias.

Que o tempo tem cobrado ao meu
Lorde Sandwich!”

Rumores ocasionais escapavam das reuniões da CTE. Diziam que eles estavam comparando textos e, irresponsavelmente, os textos eram citados. Tais rumores provocaram inevitavelmente distúrbios antiecumênicos e, é claro, inspiraram novos ditos espirituosos.

Dois anos se passaram... três anos.

Dos membros da Comissão, nove haviam morrido, tendo sido substituídos. Os restantes fizeram uma pausa para observar as formalidades de posse dos substitutos e anunciaram estar trabalhando para produzir um livro,

unindo “todos os sintomas patológicos” das religiões passadas.

— Estamos produzindo um instrumento do Amor para ser tocado de todos os modos — disseram.

Muitos consideram singular que essa declaração tenha provocado os piores surtos de violência contra o ecumenismo. Vinte delegados foram chamados de volta por suas congregações. Um deles cometeu suicídio, roubando uma fragata espacial e mergulhando no sol.

Historiadores estimam que a revolta custou oito milhões de vidas. Isso representa quase seis mil vidas para cada um dos mundos que então compunham a Liga da Landsraad. Considerando a agitação da época, essa estimativa pode não ser exagerada, embora qualquer

pretensão de precisão não seja mais que isso: uma pretensão. A comunicação entre os mundos achava-se então num de seus mais baixos recessos.

Os trovadores, naturalmente, tiveram bons momentos. Uma comédia musical muito popular naquele período colocava um dos delegados da CTE sentado embaixo de uma palmeira, em uma praia de areia branca, cantando:

“Por Deus, pela mulher e pelo esplendor do amor Nós vadiamos aqui sem medo ou preocupação Trovador! Trovador, cante outra melodia Por Deus, pela mulher e pelo esplendor do amor!”

Revoltas e comédias eram apenas sintomas daquela época, profundamente reveladores. Denunciavam o clima psicológico, as profundas incertezas... o

empenho em conseguir algo melhor, mais o medo de que nada pudesse resultar de tudo aquilo.

As maiores forças contra a anarquia, nessa época, eram a embrionária Corporação, as Bene Gesserit e a Landsraad, que continuava seu registro de dois mil anos de reuniões, a despeito dos mais severos obstáculos. A participação da Corporação aparece claramente: ela fornecia livre transporte para todos os assuntos da Landsraad e da CTE. O papel das Bene Gesserit é mais obscuro.

Certamente, essa foi a época em que elas consolidaram seu domínio sobre as feiticeiras, exploraram os narcóticos sutis, desenvolveram o treinamento prana-bindu e conceberam a Missionária Protetora, o braço negro da superstição.

Mas esse também foi o período que assistiu à composição da Ladainha contra o Medo e à montagem do livro de Azhar, essa maravilha bibliográfica que preserva os grandes segredos da maioria das antigas fés.

O comentário de Ingsley talvez seja o único possível: “Aqueles foram tempos de profundo paradoxo.”

Por quase sete anos, o CTE trabalhara. E enquanto seu sétimo aniversário se aproximava, seus membros prepararam o universo dos seres humanos para um anúncio significativo. Naquele sétimo aniversário, eles revelaram a Bíblia Católica Laranja.

— Eis um trabalho com significado e dignidade — disseram eles. — Aqui está o modo pelo qual a

humanidade se tornará consciente de si mesma como criação completa de Deus.

Os homens da CTE estavam ligados a arqueólogos de idéias, inspirados por Deus na grandeza da redescoberta. Foi dito que eles haviam trazido de volta à luz “a vitalidade dos grandes ideais cobertos pelo sedimento dos séculos”, que haviam “aguçado os imperativos morais que surgem de toda consciência religiosa.”

Junto com a Bíblia C.L., a CTE apresentou o Manual Litúrgico e os Comentários — em muitos aspectos, um trabalho mais extraordinário, não apenas pelo aspecto de síntese (menos de metade do tamanho da Bíblia C.L.), mas também pela sinceridade e pela mistura de autopiedade e farisaísmo.

A abertura constituía um apelo a todos os governantes agnósticos. “Os homens, não encontrando respostas ao sunnan [as dez mil questões religiosas do Shari-ah], agora aplicam seu próprio raciocínio. Todos os homens buscam o esclarecimento. A religião é apenas o modo mais antigo e honroso pelo qual os homens procuram obter um sentido para o universo de Deus. Os cientistas buscam a legitimidade dos eventos. E tarefa da religião encaixar o homem nessa legitimidade.”

Em sua conclusão, todavia, os Comentários estabeleciam um tom duro que muito provavelmente predizia seu destino.

“Muito daquilo que tem sido chamado de religião carrega uma atitude

inconsciente de hostilidade com relação à vida. A verdadeira religião deve ensinar que a vida é cheia de prazeres agradáveis ao olhar de Deus, que o conhecimento sem ação é vazio. Todos os homens devem perceber que o ensinamento de uma religião através de regras, mecanicamente, é uma farsa. O ensinamento adequado é facilmente reconhecido. Podemos reconhecê-lo sem dúvida quando ele nos desperta a sensação de termos ouvido algo que sempre soubemos.”

Houve um estranho sentimento de calma quando as prensas e os impressores de shigawire rodaram e a Bíblia C.L. se espalhou através dos mundos. Alguns interpretaram isso como um sinal divino, uma profecia de unidade.

No entanto, até os delegados da CTE mostraram como essa calma era fictícia, ao retornarem às respectivas congregações. Dezoito deles foram linchados no período de dois meses. Cinquenta e três retrataram-se dentro de um ano.

A Bíblia C.L. foi denunciada como um trabalho produzido pelos “adoradores da razão”. Disseram que suas páginas estavam carregadas de um sedutor interesse pela lógica. Revisões que alimentavam o fanatismo e a intolerância popular começaram a aparecer.

Essas revisões inclinavam-se a aceitar simbolismos (a cruz, o crescente, o chocalho emplumado, os doze santos, o Buda magro, etc), e logo se tornou

evidente que as antigas superstições e crenças não haviam sido absorvidas pelo novo ecumenismo.

O rótulo de Halloway para o esforço de sete anos da CTE “Determinismo Galactofásico” — foi aceito por bilhões de pessoas, que interpretaram as iniciais D.G. como “Demônio Gigante”.

O presidente da CTE, Toure Bomoko, um Ulemá dos Zensunnis e um dos quatorze delegados que nunca se retrataram (“Os Quatorze Sábios” da tradição popular), apareceu para admitir finalmente que a CTE errara.

— Não devíamos ter tentado criar novos símbolos — disse ele.

— Tínhamos de ter percebido que não era nossa missão introduzir dúvidas

nas crenças aceitas, que não devíamos produzir curiosidade a respeito de Deus. Somos confrontados diariamente com a aterradora instabilidade de todas as coisas humanas, e no entanto permitimos que nossas religiões se tornem mais rígidas e controladas, mais conformistas e opressoras. Que sombra é essa sobre a estrada do Divino Comando? E um aviso de que as instituições persistem, de que os símbolos permanecem, mesmo quando seu significado foi perdido, de que não existe soma de todo o conhecimento obtido.

A amarga ambigüidade dessa “confissão” não escapou aos críticos de Bomoko, e logo depois ele foi forçado a fugir para o exílio, sua vida dependendo da garantia de sigilo da Corporação.

Conta-se que morreu em Tupile, honrado e estimado, sendo suas últimas palavras : — A religião deve permanecer como uma saída para pessoas que dizem a si mesmas : “Eu não sou o tipo de pessoa que desejaria ser.” Jamais deve reduzir-se a um encontro dos que se acham satisfeitos consigo mesmos.

É agradável pensar que Bomoko entendeu a profecia em suas palavras : “As instituições persistem.” Noventa gerações depois, a Bíblia C.L. e os Comentários permeavam o universo religioso.

Quando Paul Muad’Dib elevou a mão direita sobre o santuário de pedra que envolvia o crânio de seu pai (a mão direita dos abençoados, não a esquerda dos condenados), citou palavra por

palavra o “Legado de Bomoko” : “Vocês que nos derrotaram comentam entre si que Babilônia caiu e que sua obra foi destruída. E eu lhes digo que o homem permanece sob julgamento, cada homem em seu próprio banco dos réus. Cada homem é uma pequena guerra.”

Os Fremen diziam do Muad'Dib que ele era como Abu Zide, cuja fragata desafiou a Corporação e que um dia viajou até “lá” e voltou. Lá, usado desse modo, traduz-se diretamente da mitologia Fremen como a terra do espírito-ruh, o alam al-mithal onde todas as limitações desaparecem.

O paralelo entre isso e o Kwisatz Haderach pode ser visto facilmente. O Kwisatz Haderach, que a Irmandade buscara através de seu programa de

procriação controlada, era interpretado como o “Encurtamento do caminho” ou “Aquele que pode estar em dois lugares ao mesmo tempo”.

Mas ambas as interpretações, como se pode demonstrar, derivam diretamente dos Comentários: “Quando a tarefa da lei e a da religião são uma só, você raramente abarca o universo.”

De si mesmo, o Muad’Dib disse: “Eu sou uma rede no mar do tempo, livre para varrer o futuro e o passado. Eu sou uma membrana móvel da qual nenhuma possibilidade pode escapar.”

Esses pensamentos são um só e se relacionam com o Kalima 22 da Bíblia C.L., que diz: “Seja um pensamento enunciado em palavras ou não, ele constitui uma coisa real e tem poder

sobre a realidade.”

E quando voltamos aos próprios comentários do Muad’Dib em “Os Pilares do Universo”, como interpretado por seu sagrado seguidor, o Qizara Tafwid, que vemos seu verdadeiro débito para com a CTE e os Fremen-Zensunni.

Muad’Dib: “A lei e a obrigação são uma só, e assim devem ser. Mas lembrem-se dessas limitações — assim, vocês nunca são inteiramente auto-conscientes. Assim, vocês permanecem imersos no tau comunitário. Assim, vocês são sempre menos que um indivíduo.”

Bíblia C.L.: Idêntico palavreado (61 Revelações).

Muad’Dib: “A religião freqüentemente compartilha o mito do progresso, que nos protege dos terrores

de um futuro incerto. “

CTE, Comentário: Idêntico palavreado. (O Livro de Azhar atribui essa declaração a Neshou, autor religioso do primeiro século; através de uma paráfrase.)

Muad'Dib: “Se uma criança, uma pessoa não treinada, uma pessoa ignorante ou uma pessoa insana incita à desordem, a falha é da autoridade por não ter previsto ou evitado essa desordem.”

Bíblia C.L.: “Qualquer pecado pode ser atribuído, ao menos em parte, a uma tendência má, natural, que constitui circunstância atenuante aceitável por Deus.” (O Livro de Azhar atribui isso à antiga Tawra Semítica.)

Muad'Dib: “Estenda sua mão e se alimente do que Deus lhe deu; e quando

estiver satisfeito, louve a Deus. “

Bíblia C.L.: uma paráfrase com idêntico significado. (O Livro de Azhar traça a origem disso, em forma ligeiramente diferente, no Primeiro Islã.)

Muad'Dib: “A bondade é o princípio da crueldade.”

Fremen Kitab al-Ibar: “O peso de um Deus bondoso é algo temível. Não nos deu Deus o sol flamejante (AI-lat)? Não nos deu Deus as Mães da Umidade (Reverendas Madres)? Não nos deu Deus Shaitan (Iblis, Satã?) E de Shaitan não recebemos a perniciosidade da pressa?”

(Essa é a fonte do ditado Fremen: “A velocidade vem de Shaitan.” Considere-se que, para cada cem calorias de calor geradas por exercícios [velocidade], o corpo evapora cerca de

seis onças de transpiração. A palavra Fremen para transpiração é bakka ou lágrimas e, em uma pronúncia, se traduz como: “A essência vital que Shaitan espreme de sua alma.”)

A chegada do Muad'Dib é chamada por Koneywell de “religiosidade oportuna”, mas o oportunismo tem pouco a ver com ela. Como disse o próprio Muad'Dib: “Eu estou aqui; portanto...”

É vital, contudo, para se compreender o impacto religioso do Muad'Dib, que nunca se perca de vista o seguinte fato: os Fremen eram um povo do deserto cuja ascendência fora acostumada a ambientes hostis. O misticismo não é difícil quando você sobrevive cada segundo enfrentando uma

hostilidade aberta. “Você está lá — portanto...”

Com tal tradição, o sofrimento é aceito — talvez como punição inconsciente, mas aceito. E é bom lembrar que os rituais Fremen oferecem uma liberdade quase total em relação aos sentimentos de culpa. Isso não deriva necessariamente do fato de sua lei e sua religião serem coisas idênticas, fazendo da desobediência um pecado. É mais certo dizer que eles se livravam mais facilmente da culpa porque sua existência diária exigia decisões brutais (freqüentemente mortais) que, em ambiente mais ameno, fariam pesar sobre os homens uma culpa insuportável.

Isso constitui provavelmente uma das raízes da ênfase que os Fremen

colocavam sobre a superstição (desconsiderando-se o sacerdócio da Missionária Protetora). Que importa que areias assoviando sejam um presságio? Que importa se você faz o sinal do punho quando vê a Primeira Lua? A carne de um homem é dele mesmo e sua água pertence à tribo — e o mistério da vida não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivenciada. As profecias ajudam a lembrar isso. E porque você está aqui, porque você tem a religião, a vitória não lhe pode escapar no final.

Como as Bene Gesserit ensinaram durante séculos, muito antes de arranjam complicações com os Fremen:

“Quando religião e política avançam no mesmo carro, quando esse carro é dirigido por um homem santo

vivo (baraka), nada pode ficar em seu caminho.”

APÊNDICE III: RELATÓRIO SOBRE OS MOTIVOS E PROPÓSITOS DAS BENE GESSERIT

Aqui segue um resumo do Summa preparado pelos próprios agentes a pedido de Lady Jessica, imediatamente após o Caso Arrakis. A sinceridade deste relatório eleva seu valor bem além do trivial.

Pelo fato de as Bene Gesserit terem trabalhado durante séculos por trás do biombo de uma escola semi-mística, enquanto realizavam seu programa de

procriação selecionada entre os seres humanos, temos uma tendência a atribuir-lhes maior importância do que realmente merecem. A análise de seu “juízo dos fatos” durante o Caso Arrakis revela a profunda ignorância da escola quanto ao seu próprio papel.

Pode-se argumentar que as Bene Gesserit só podiam examinar os fatos que lhes eram disponíveis, e que não tinham acesso direto à pessoa do Profeta Muad'Dib. Mas a escola já superara obstáculos maiores e seu erro, desse modo, torna-se mais profundo.

O objetivo do programa das Bene Gesserit era provocar o nascimento de uma pessoa que elas rotulavam como o “Kwisatz Haderach”, termo que significa “aquele que pode estar em muitos lugares

ao mesmo tempo”. Em termos mais simples, o que procuravam era um ser humano com poderes mentais que lhe permitissem compreender e usar dimensões de ordem mais elevada.

Elas estavam tentando obter um super-Mentat, um computador humano com algumas das habilidades prescientes encontradas nos navegadores da Corporação. Ora, prestem muita atenção a estes fatos: Muad'Dib, nascido Paul Atreides, era filho do Duque Leto, homem cuja linha de sangue fora acompanhada cuidadosamente por mais de mil anos. A mãe do Profeta, Lady Jessica, era filha natural do Barão Vladimir Harkonnen e portava produtores de genes cuja importância suprema para o programa de procriação

fora conhecida durante quase dois mil anos. Ela era uma Bene Gesserit por criação e treinamento, e deveria ter-se constituído em ferramenta ao projeto.

À Lady Jessica foi ordenado que produzisse uma filha para os Atreides. O plano era unir essa filha com Feyd-Rautha Harkonnen, com elevada probabilidade de que desse casamento resultasse um Kwisatz Haderach. Em vez disso, por motivos que ela mesma confessa nunca lhe terem sido totalmente claras, a concubina Lady Jessica desafiou as ordens e gerou um filho.

Só isso já devia ter alertado as Bene Gesserit quanto à possibilidade de uma variável descontrolada ter-se introduzido em seu esquema. Mas havia outras indicações mais importantes que

foram praticamente ignoradas

1. Quando jovem, Paul Atreides demonstrou habilidade para prever o futuro. Era conhecido como tendo visões prescientes consideradas precisas, penetrantes e que desafiavam uma explicação quadridimensional.

2. A Reverenda Madre Gaius Helen Mohian, uma Inspetora Bene Gesserit que testou a humanidade de Paul quando ele tinha quinze anos, afirmou em seu depoimento que ele havia suportado mais agonia no teste do que qualquer outro ser humano já registrado. E no entanto ela deixou de chamar a atenção para isso em seu relatório.

3. Quando a família Atreides se mudou para o planeta Arrakis, a população Fremen saudou o jovem Paul

como um profeta, “a voz do mundo exterior”. As Bene Gesserit estavam bem conscientes dos rigores de um planeta como Arrakis, com paisagem totalmente desértica, absoluta ausência de água livre e ênfase nas mais primitivas necessidades de sobrevivência, o que inevitavelmente produz elevada proporção de sensitivos. Todavia, essa reação dos Fremen, além do óbvio elemento que era a dieta alimentar de Arrakis, com grande quantidade de especiaria, foi subestimada pelas observadoras Bene Gesserit.

4. Quando os Harkonnen e os soldados-fanáticos do Imperador Padishah reocuparam Arrakis, matando o pai de Paul e a maioria dos soldados dos Atreides, Paul e sua mãe desapareceram. Mas quase imediatamente surgiram

relatórios a respeito de um novo líder religioso entre os Fremen, um homem chamado Muad'Dib, novamente saudado como “a voz do mundo exterior”. Os relatórios afirmavam claramente ser ele acompanhado por uma nova Reverenda Madre do Rito Sayyadina, “que é a mulher que o gerou”. Registros disponíveis às Bene Gesserit declaravam em termos bem claros que as lendas Fremen a respeito do profeta continham as seguintes palavras: “Ele deverá nascer de uma bruxa Bene Gesserit.”

(Pode-se argumentar que as Bene Gesserit tinham enviado para Arrakis sua Missionária Protetora, séculos antes, com o fito de implantar algo da tipo dessa lenda como uma segurança caso alguma integrante da escola se encontrasse

extraviada no planeta, necessitando de um santuário. Assim, a lenda da “voz do mundo exterior” devia ser ignorada, já que parecia parte de um estratagema-padrão das Bene Gesserit. Mas isso só seria verdadeiro caso se considerasse que as Bene Gesserit acertaram ao ignorarem os outros indícios a respeito de Paul Muad'Dib.)

5. Quando o Caso Arrakis começou a ferver, a Corporação Espacial deu indicações às Bene Gesserit. Afirmou que seus navegadores, que usavam a droga da especiaria de Arrakis para obter a limitada presciência necessária para que pudessem guiar espaço-naves através do vazio, estavam “incomodados quanto ao futuro” ou “viam problemas no horizonte”. Isso só poderia indicar que

eles viam um nó, um ponto de encontro de inúmeras decisões delicadas, além do qual o caminho se achava oculto ao olhar presciente. Isso constituía uma indicação clara de que alguma agência estava interferindo com dimensões de ordem elevada!

(Algumas Bene Gesserit há muito tempo já possuíam o conhecimento de que a Corporação não poderia interferir diretamente na fonte vital de especiaria, pois seus navegadores já estavam lidando, ao seu modo inepto, com dimensões de ordem elevada, pelo menos a ponto de reconhecerem que o mais leve passo em falso que dessem em Arrakis poderia ser catastrófico. Era fato conhecido que os navegadores da Corporação não conseguiam prever um modo de assumir

o controle da especiaria sem gerar esse nó. A conclusão óbvia era que uma pessoa com poderes de ordem mais elevada estava assumindo o controle da fonte de especiaria, mas ainda assim as Bene Gesserit deixaram de levar em conta esse indício!) Em face desses fatos, chega-se à conclusão inevitável de que o ineficiente comportamento das Bene Gesserit neste caso foi produto de um plano mais elevado, do qual elas se achavam completamente inconscientes!

APÊNDICE IV: O

ALMANAQUE EN-ASHRAF

(Trechos Seleccionados das Casas Nobres)

SHADDAMIV (10.134-10.202) O imperador Padishah, 81º. de sua linhagem (Casa Corrino) a ocupar o trono do Leão Dourado, reinou de 10.156 (data em que seu pai, Elrood IX, morreu sob os efeitos do chaumurky) até ser substituído pela Regência, em 10.196, estabelecida em nome de sua filha mais velha, Irulan. O principal acontecimento de seu reinado é a revolta em Arrakis, que muitos historiadores atribuem à preocupação de Shaddam IV com a pompa e as funções

da corte. As fileiras do Burseg foram dobradas nos primeiros dezesseis anos de seu reinado. As verbas para o treinamento de Sardaukar declinaram continuamente nos últimos trinta anos anteriores à Revolta de Arrakis. Ele teve cinco filhas (Irulan, Chalice, Wensicia, Josifa e Rugi) e nenhum filho legítimo. Quatro das filhas o acompanharam no exílio. Sua esposa, Anirul, uma Bene Gesserit de Posto Desconhecido, morreu em 10.176.

LETO ATREIDES (10. 140-10. 191) Primo do lado feminino da Casa Corrino, ele é freqüentemente chamado de Duque Vermelho. A Casa de Atreides governou Caladan como um feudo-siridar durante vinte gerações, até ser pressionada a se transferir para Arrakis.

Ele é conhecido principalmente como o pai do Duque Paul Muad'Dib, o Regente Umma. Os restos do Duque Leto ocupam a "Tumba da Caveira" em Arrakis. Sua morte é atribuída à traição de um médico Suk, num ato planejado pelo Barão-Siridar, Vladimir Harkonnen.

LADY Jessica (Hon. Atreider) (10.154-10.256 Filha natural (referência Bene Gesserit) do Barão-Siridar Vladimir Harkonnen. Mãe do Duque Paul Muad'Dib. Ela graduou-se na escola B. G. de Wallach IX.

LADY ALIA ATREIDES (10.19/Filha legítima do Duque Leto Atreides e sua formal concubina Lady Jessica. Lady Alia nasceu em Arrakis aproximadamente oito meses após a

morte do Duque Leto. A exposição pré-natal a um narcótico de ampliação de espectro consciente é a razão dada para as referências Bene Gesserit que a chamam de “A Amaldiçoada”. É conhecida na história popular como Santa Alia ou Santa Alia da Faca. (Para uma história detalhada, ver Santa Alia, Caçadora de um Bilhão de Mundos, de Pander Oulson.)

ULADIMIR HARKONNEN (10. 1 10-10. 193) Comumente conhecido como Barão Harkonnen, seu título oficial é Barão-Siridar (governador planetário). Vladimir Harkonnen é descendente masculino em linha direta do Bashar Abulurd Harkonnen, banido por covardia após a Batalha de Corrin. O retorno da

Casa Harkonnen ao poder é geralmente atribuído a uma astuta manipulação do mercado de pele de baleia, posteriormente consolidada com a abundância de melange em Arrakis. O Barão-Siridar morreu em Arrakis durante a revolta. O título passou brevemente para o na-Barão Feyd-Rautha Harkonnen.

CONDE HASIMIR FENRING
(10. 133-10.225) Primo pelo lado feminino da Casa Corrino, foi amigo de infância de Shaddam IV. (A freqüentemente desacreditada História Pirata de Comino apresenta o curioso relato que Fenring teria sido responsável pelo chaumurky que eliminou Elrood IX.) Todos os registros concordam em que Fenring era o amigo mais chegado de

Shaddam IV. Entre as tarefas imperiais realizadas pelo Conde Fenring constam as de Agente Imperial em Arrakis durante o regime Harkonnen e depois Siridar-Absentia de Caladan. Ele se reuniu a Shaddam IV em seu exílio em Salusa Secundus.

CONDE GLOSSU RABBAN (10. 132-10. 193) Glossu Rabban, Conde de Lankiveil, era o sobrinho mais velho de Vladimir Harkonnen. Glossu Rabban e Feyd-Rautha Rabban (que tomou o nome Harkonnen quando escolhido para pertencer à casa do Barão-Siridar) eram filhos legítimos do mais jovem meio-irmão do Barão-Siridar, Abulurd. Este renunciou ao nome Harkonnen e a todos os direitos do título ao receber o governo

do subdistrito de Rabban-Lankiveil.
Rabban era um nome feminino.

TERMINOLOGIA DO IMPÉRIO

Ao se estudar o Império, Arrakis e toda a cultura que produziu o Muad'Dib, ocorreram muitos termos não-familiares. Aumentar a compreensão é um objetivo louvável; portanto, definições e explicações são fornecidas abaixo.

A

ABA: manto frouxo usado pelas mulheres Fremen; geralmente preto.

ACH: vire à esquerda; comando de um condutor de vermes.

ADAB: memória insistente que

surge por si mesma.

AKARSO: planta nativa de Sikun (de 70 Ofiuco A) caracterizada por folhas quase oblongas. Suas faixas verdes e brancas indicam a constante condição múltipla das regiões paralelas de clorofila ativa e dormente.

ALAM AL-MITHAL: o mundo místico das semelhanças, onde todas as limitações físicas são eliminadas.

AL-LAT: o sol original da humanidade; com o uso, qualquer primário de um planeta.

AMPOLIROS: o lendário “Holandês Voador” do espaço.

AMTAL ou REGRA AMTAL: regra comum em planetas primitivos sob a qual alguma coisa é testada para determinar seus limites ou defeitos.

Comumente: teste de destruição.

AQL: o teste da razão. Originalmente, “Sete Questões Místicas” começando com: “Quem é este que pensa?”

ARRAKEEN: primeiro povoado de Arrakis, há muito tempo sede do governo planetário.

ARRAKIS: o planeta conhecido como Duna; terceiro planeta de Canopus.

ASSASSINOS, MANUAL DOS: compilação, datada do século III, dos venenos comumente usados em uma Guerra dos Assassinos. Posteriormente ampliado para incluir os dispositivos mortíferos permitidos sob a Paz da Corporação e a Grande Convenção.

AULIYA : na religião dos Peregrinos Zensunni, a mulher à mão

esquerda de Deus: donzela na mão de Deus.

AUMAS : veneno administrado na comida. (Especificamente veneno em comida sólida.) Em alguns dialetos: Chaumas.

AYAT: os sinais de vida. (Ver Burhan.)

B

BAKKA: na lenda Fremen, aquele que chora por toda a humanidade.

BAKLAWA: massa folheada feita com xarope de tâmaras.

BALISSET: instrumento musical de nove cordas, descendente linear da cítara, afinado de acordo com a escala musical Chusuk. Instrumento favorito dos trovadores imperiais.

BARADYE, PISTOLA: revólver de poeira com carga estática desenvolvido em Arrakis com a finalidade de lançar uma grande marca de tinta sobre a areia.

BARAKA : homem santo vivo, dotado de poderes mágicos.

BASHAR (freqüentemente Coronel Bashar) : oficial dos Sardaukar, uma fração acima do posto de Coronel na classificação militar padrão. Patente criada para o governador militar de um subdistrito planetário. (Bashar do Corpo é título reservado exclusivamente para uso militar.)

BATALHA, LINGUAGEM DE qualquer linguagem especial de etimologia restrita desenvolvida para comunicação vocal durante a guerra.

BEDWINE: ver Ichwan Bedwine.

BELA TEGEUSE: quinto planeta de Kuentsing: terceira parada na migração forçada dos Zensunni (Fremen).

BENS GESSERIT: antiga escola de treinamento físico e mental estabelecida basicamente para estudantes do sexo feminino, depois que o jihad Buferiano destruiu os robôs e as chamadas “máquinas pensantes”.

B.G.: expressão idiomática que significa Bene Gesserit, exceto quando acompanhada de uma data. Com a data significa Before Guild (Antes da Corporação) e identifica o sistema cronológico imperial baseado na gênese do monopólio da Corporação Espacial (Spacing Guild).

BHOTANI JIB: ver Chakobsa.

BI-LAL KAIFA: Amém.

(Literalmente: “Nada mais precisa ser explicado.”)

BINDU: relativo ao sistema nervoso humano, especialmente ao treinamento neural. Frequentemente expresso como nervura-Bindu. (Ver Prana.)

BINDU, SUSPENSÃO: forma especial de catalepsia auto-induzida.

BLAD : deserto plano e aberto.

BOURKA: manto isolado usado pelos Fremen no deserto aberto.

BURHAN: as provas de vida. (Comumente, o ayat e o burhan da vida.

Ver Ayat.) **BURSEG:** general comandante dos Sardaukar.

BUTLERIANO, JIHAD: ver jihad Butleriano (também Grande Revolta).

C

CAÇADOR-RASTREADOR:

voraz estilha de metal com flutuação de suspensores, guiada como arma por um console controlador situado nas imediações. Dispositivo comum para assassinatos.

CAID: patente de oficial Sardaukar atribuída a um funcionário militar cujas tarefas exigem o trato com civis. Posto de governo militar exercido sobre todo um distrito planetário; acima do posto de Bashar, mas não equivalente ao de Burseg.

CAIXAS DE LANÇAMENTO:

termo geralmente aplicado a qual-quer recipiente de carga, de forma irregular, equipado com superfícies de ablação e sistema suspensor de amortecimento. São

usadas para, do espaço, lançar material sobre a superfície de um planeta.

CALADAN: terceiro planeta de Delta Pavonis, local de nascimento de Paul Muad'Dib.

CAMINHANTE DA AREIA: qualquer Fremen treinado para sobreviver no deserto aberto.

CANTO E RESPONDO: ritual invocatório, parte da panóplia propbeticus de uma Missionária Protetora.

CASA: clã governante de um planeta ou sistema planetário.

CASA MAIOR: governantes de um feudo planetário; negociantes interplanetários. (Ver Casa, acima.)

CASA MENOR: classe de negociantes e empresários restritos à superfície de um planeta.

CATCHPOCKET (BOLSA DE RECOLHIMENTO) : bolsa de um traje destilador onde a água filtrada é recolhida e armazenada.

CAVALEIRO DA AREIA: denominação Fremen para uma pessoa capaz de capturar e cavalgar um verme da areia.

CHAKOBSA : a chamada “linguagem magnética”, derivada em parte do antigo Bhotani (Bhotani Jib-jib significando dialeto). Reunião de antigos dialetos modificados pelas necessidades de sigilo, mas principalmente a linguagem de caça dos Bhotani, assassinos de aluguel da Primeira Guerra dos Assassinos.

CHAUMAS (Rumas em alguns dialetos) : veneno em comida só-lida, em oposição ao veneno administrado de

outro .modo.

CHAUMURKY (Musky ou Murky em alguns dialetos) : veneno administrado na bebida.

CHEREM: irmandade do ódio (geralmente para vingança).

CHOAM: iniciais de Combine Honnete Ober Advancer Mercanti-les — a companhia de desenvolvimento universal controlada pelo Imperador e pelas Grandes Casas, tendo como sócios comanditários a Corporação e as Bene Gesserit.

CHUSUK: quarto planeta de Teta Shalish; o chamado “Planeta da Música”, famoso pela qualidade de seus instrumentos musicais. (Ver Varota.)

CIELAGO: qualquer Cbiroptera modificado de Arrakis, adaptado ao

transporte de mensagens distrans.

COMERCIANTES LIVRES:
expressão idiomática que significa
contrabandistas.

CONDICIONAMENTO

IMPERIAL: invenção da Escola Médica Suk, constitui a mais elevada forma de condicionamento canina a ação de tirar uma vida humana. Os iniciados são marcados na testa com a tatuagem do diamante e recebem permissão para usar o cabelo longo e preso a um anel de prata Suk.

CONE DE SILÊNCIO: campo de um distorcedor que limita o poder de alcance da voz ou de qualquer vibrador, abafando as vibrações com vibração idêntica, porém defasada de 180 graus.

CONSCIÊNCIA PIRÉTICA: a

chamada “consciência do fogo”; nível inibitório tocado pelo condicionamento imperial. (Ver Condicionamento Imperial.)

CONTROLE LOCALIZADOR: ornitóptero leve de um grupo de caça à especiaria, encarregado de controlar a vigília e a proteção ao grupo.

CORIOLIS, TEMPESTADE DE: qualquer grande tempestade de areia em Arrakis, onde, sobre as terras planas, os ventos são intensificados pelo próprio movimento giratório do planeta, atingindo velocidades superiores a 700 quilômetros horários.

CORPORAÇÃO ESPACIAL: uma das pernas do tripé político que mantém a Grande Convenção. A Corporação foi a segunda escola de

treinamento físico e mental ver Bene Gesserit), estabelecida após o Jihad Buferiano. O estabelecimento do monopólio da Corporação sobre o transporte e as viagens espaciais, bem como sobre as operações bancárias, é tomado como marco inicial do Calendário imperial.

CORRIN, BATALHA DE : batalha espacial da qual tirou o nome a Casa Imperial de Corrino. A batalha teve lugar próximo a Sigma Draconis, no ano 88 B.G., e estabeleceu a ascensão da Casa governante de Salusa Secundus.

D

DAR AL-HIKMAN: escola de tradução ou interpretação religiosa.

DERCH: virar à direita; comando

de um condutor de vermes.

DICTUM FAMÍLIA: lei da Grande Convenção que proíbe que se mate uma pessoa real ou um membro de uma Grande Casa através de uma traição não-formalizada. A lei estabelece os meios formais e os limites nos modos de assassinato.

DISCIPLINA DA ÁGUA: o duro treinamento que prepara os habitantes de Arrakis para lá sobreviverem sem desperdício de umidade.

DISTRANS: engenho destinado a produzir uma impressão neural temporária no sistema nervoso de pássaros ou cbiroptera. O grito normal da criatura transporta então a mensagem impressa, que pode ser separada de sua onda portadora por outro distrans.

DROGA ELACA : narcótico produzido pela queima da madeira elaca de Ecas. Seu efeito é eliminar a maior parte da vontade de autopreservação de uma pessoa. A pele do dragado mostra uma característica cor de cenoura. Comumente usada no preparo dos escravos-gladiadores para a arena.

E

ECAZ: quarto planeta de Alfa Centauri B; o paraíso dos escultores, assim chamado por ser o lar da plantafog, vegetal capaz de ser moldado no local unicamente com a força do pensamento humano.

EL-SAYAL: “Chuva de areia”. Queda de poeira transportada a uma altitude média (em torno de 2 mil metros)

por uma tempestade coriolis. El-sayals freqüentemente trazem umidade ao nível do solo.

ERG : extensa região de dunas, mar de areia.

ESCUDO DEFENSIVO: campo protetor produzido por um gerador Holtzman. Esse campo deriva da Fase Um do efeito anuladorsuspensor. O escudo permitirá apenas a passagem de objetos movendose a baixas velocidades (dependendo da regulagem, essa velocidade varia entre seis e nove centímetros por segundo). Somente um imenso campo elétrico poderá provocar-lhe um curto-circuito. (Ver laser, armas.)

ESMAGADORES : nave espacial militar composta de muitas naves menores, encaixadas e projetadas para

caírem sobre uma posição inimiga, esmagando-a.

ESTOJO DE REPAROS: peças essenciais para reparos e substituição de trajes-destiladores.

F

FABRICA COLHEDORA (ou **COLHEDORA**) : grande máquina para mineração de especiarias (geralmente com 120 metros de comprimento por 40 de largura), comumente empregada sobre áreas de derramamento de melange rica e não-contaminada (freqüentemente chamada de “trator” por causa do corpo em forma de besouro, sobre esteiras independentes).

FACA CRISTALINA: a faca sagrada do Fremen de Arrakis. É

manufaturada em duas formas, a partir de dentes de vermes da areia mortos. Essas formas são “fixa” e “não-fixa” (ou “estabilizada” e “nãoestabilizada”). Uma faca não-fixa requer a proximidade do campo elétrico de um corpo humano para evitar sua desintegração. As facas fixas são tratadas para armazenamento. Todas possuem aproximadamente vinte centímetros de comprimento.

FAI: o tributo da água, principal forma de imposto em Arrakis.

FANMETAL: metal formado pelo crescimento de cristais de jasmium em duralumínio; famoso pela enorme resistência à tração, em relação ao peso. O nome deriva de seu uso em estruturas desmontáveis que são abertas por desdobramento em forma de leque.

FAREJADOR DE VENENO: analisador de radiação dentro do espectro olfativo, regulado para detectar substâncias venenosas.

FAUFRELUCHES: a rígida lei de distinção de classes mantida pelo Império: “Um lugar para cada homem e cada homem em seu lugar.”

FEDAYKIN: comandos da morte dos Fremen; historicamente, um grupo que se forma prestando o juramento de dar a vida para corrigir uma injustiça.

FIBRA KRIMSKEL ou **CORDA KRIMSKEL:** a “fibra-garra”, tecida com fios das trepadeiras hufuf de Ecaz. Os nós atados com a fibra krimskel apertam-se cada vez mais, até os limites predeterminados, quando se puxam suas linhas. (Para um estudo mais detalhado,

ver As Trpadeira.r E.rtranguladoras de Eca~, de Holjance Vohnbrook.)

FICHAS DE ÁGUA: anéis de metal de diferentes tamanhos, cada um designando uma quantidade específica de água pagável das reservas Fremem. As fichas de água possuem significado profundo (muito além da idéia de dinheiro), principalmente nos rituais de nascimento, morte e corte.

FIQH: conhecimento, lei religiosa; uma das origens semilendárias da religião dos peregrinos Zensunni.

FILME MINiMICO: shigawire de um micron de diâmetro, freqüentemente usado para a transmissão de dados de espionagem e contra-espionagem.

FOGO, PILAR DE : simples foguete pirotécnico destinado a enviar

sinais através do deserto.

FRAGATA: maior espaçonave capaz de pousar inteira na superfície de um planeta e decolar.

FREMEN: as tribos livres de Arrakis, habitantes do deserto, remanescentes dos Peregrinos Zensunni. (“Piratas da Areia”, de acordo com o Dicionário Imperial.) **FREMEN, ESTOJO:** estojo com equipamento para sobrevivência no deserto, manufaturado pelos Fremen.

G

GALACH: idioma oficial do Império. Híbrido anglo-eslávico, com fortes traços de termos de especialização cultural adotados durante a longa cadeia de migrações humanas.

GAMONT: terceiro planeta de Niushe, famoso pela cultura hedonista e por exóticas práticas sexuais.

GARE : .monte isolado e íngreme.

GEYRAT: direto à frente; comando de um condutor de vermes.

GHAFLA: entregar-se a distrações. Pessoa volúvel, na qual não se deve confiar.

GHANIMA : algo adquirido em batalha ou combate individual. Comumente, recordação de batalha guardada unicamente para despertar a lembrança.

GIEDI PRIME: planeta de Ofiuco B (36), lar da Casa Harkonnen. É um planeta de viabilidade mediana, com espectro fotossintético de baixa atividade.

GINAZ, CASA DE : em certa

época, aliada do Duque Leto Atreides. Seus membros foram derrotados na Guerra dos Assassinos contra Grumman.

GIUDICHAR: verdade sagrada.

(Termo comumente usado na expressão “Giudichar afirma”: uma verdade original que se mantém.) **GLOBO LUMINOSO:** equipamento para iluminação com flutuação de sensores, dotado de energia interna independente (geralmente, baterias orgânicas).

GOM JABBAR: o inimigo manual; agulha especificamente envenenada com metacianeto e usada pelas Inspetoras Bene Gesserit no teste de alternativa mortal, para verificar a percepção humana.

GRABEN : longo fosso geológico formado quando o solo cede em razão do

movimento das camadas inferiores da crosta.

GRANDE CONVENÇÃO: trégua universal imposta sob o equilíbrio de poder mantido pela Corporação, pelas Grandes Casas e pelo Império. Sua principal regra é a proibição do uso de armas atômicas contra alvos humanos. Cada regra da Grande Convenção começa dizendo: “As formalidades devem ser obedecidas.”

GRANDE MAE : a deusa com chifres, princípio feminino do espaço (comumente, Mãe Espacial), face feminina da trindade machofêmea-neutro aceita como Ser Supremo por muitas religiões dentro do Império.

GRANDE REVOLTA: termo popular para o Jihad Butleriano. (Ver

jihad Butleriano.)

GRUMMAN . segundo planeta de Niusche, famoso principalmente pelo conflito de sua Casa governante (Moritani) com a Casa Ginaz.

GUERRA DOS ASSASSINOS: forma limitada de guerra permitida sob a Grande Convenção e a Paz da Corporação. O objetivo é reduzir o envolvimento de espectadores inocentes. Regras indicam as formas de declaração e restringem as armas permitidas.

H

HAGAL: o “Planeta jóia “ (II Thet’a Shaowei), minerado na época de Shaddam I.

HAIH-YOH: ordem de ação; comando de um condutor de vermes.

HAJJ: jornada sagrada.

HAJR: migração através do deserto.

HAJRA: jornada de busca.

HALL YAWM: “Agora! Finalmente!”, exclamação Fremen.

HARMONTHOP: Ingsley afirma ser esse o nome do planeta que serviu de sexto ponto de parada na migração Zensunni. Supõe-se que tenha sido um satélite de Delta Pavonis não mais existente.

HEIGHLINER: grande transporte de carga operando no sistema de transportes da Corporação Espacial.

HIEREG: acampamento temporário dos Fremen no deserto, sobre areia.

HOLTZMAN, EFEITO : efeito

de repulsão negativa produzido por um gerador de escudo.

HOMEM DA ÁGUA: Fremen consagrado e investido nas tarefas rituais de circundar a água e a Água da Vida.

HOMEM DOS GANCHOS : Fremen com ganchos de produtor preparado para capturar um verme da areia.

HOMENS DAS DUNAS : em Arrakis, trabalhadores do deserto, caçadores de especiarias, etc. Trabalhadores da areia. Trabalhadores das Especiarias.

I

IBAD, OLHOS DO: efeito característico de uma dieta carregada de melange, quando o branco e a pupila dos

olhos ficam de cor azul profunda. (Indica profunda dependência de melange.)

IBN QIRTAIBA : “Assim dizem as palavras sagradas... “ Início formal de uma encantação religiosa dos Fremen (derivado da panoplia propbeticus).

ICHWAN BEDWINE: a irmandade de todos os Fremen de Arrakis.

IJAZ: profecia que, por sua própria natureza, não pode ser negada; profecia imutável.

I I HUT-EIGH: grito dos vendedores de água de Arrakis (etimologia incerta). Ver Soo-Soo Sook!

ILM: teologia, ciência da tradição religiosa, uma das origens semi-lendárias da fé dos Peregrinos Zensunni.

INKVINE: planta trepadeira

nativa de Giedi Prime e freqüentemente usada como chicote nos fossos de escravos. As vítimas ficam marcadas com tatuagens cor de beterraba que provocam uma dor residual durante muitos anos.

INSPETORA SUPERIORA :
uma Reverenda Madre Bene Gesse-rit que é também diretora regional da escola B.G. (Comumente, uma Bene Gesserit dotada da Visão.)

ISTISLAH: lei da guerra em geral; usualmente, o prefácio para uma necessidade brutal.

IX: ver Richese.

J

JIHAD: cruzada religiosa; cruzada fanática.

JIHAD BUTLERIANO: (ver

também Grande Revolta) a cruzada contra os computadores, as máquinas pensantes e os robôs conscientes iniciada em 201 A.G. e concluída em 108 A.G. Seu principal mandamento permanece na Bíblia C.L. como “Não farás a máquina à semelhança da mente humana.”

JUBBA, MANTO: capa para todas as ocasiões (pode ser regulada para refletir ou admitir calor radiante, convertendo-se assim em cobertor ou abrigo). Comumente usada em Arrakis por cima de um trai e-destilador.

JUIZ DA MUDANÇA: funcionário indicado pelo Alto Conselho da Landsraad e pelo Imperador para fiscalizar mudanças de feudo, negociações de kanly ou batalhas formais durante uma Guerra de Assassinos. A autoridade do

juiz como árbitro só pode ser desafiada perante o Alto Conselho e com a presença do Imperador.

K

KANLY : Disputa formal ou vendetta sob as regras da Grande Convenção e realizada de acordo com suas limitações específicas. (Ver juiz da Mudança.) Originalmente, as regras foram estabelecidas para proteger espectadores inocentes.

KARAMA: milagre; ação iniciada pelo mundo espiritual.

KHALA: invocação tradicional para acalmar os espíritos furiosos de um lugar cujo nome se tenha mencionado.

KINDJAL: espada curta (ou faca longa) de lâmina dupla com comprimento

aproximado de vinte centímetros e lâmina levemente curva.

KISWA: qualquer desenho ou figura da mitologia Fremen.

KITAB AL-IBAR: combinação de manual de sobrevivência e livro religioso redigido pelos Fremen de Arrakis.

KULL WAHAD! : “Estou profundamente impressionado!” Sincera exclamação de surpresa, comum no Império. A interpretação depende do contexto. (Dizem que o Muad'Dib, observando certa vez um filhote de falcão do deserto emergindo de seu ovo, sussurrou: “Kull wahad!”)

KULON: asno selvagem das estepes asiáticas da Terra adaptado para a vida em Arrakis,

KWISATZ

HADERACH:

“Encurtamento do Caminho”. Esse é o rótulo dado pelas Bene Gesserit ao “desconhecido” pára o qual elas buscavam uma solução genética: um Bene Gesserit macho cujos poderes mentais orgânicos iriam estender-se sobre o tempo e o espaço.

L

LA, LA, LA: grito de pesar dos Fremen. (Lã traduz-se como a negativa final, um “não” para o qual não pode haver apelo.)

LANDSRAAD,

ALTO

CONSELHO DA: o círculo fechado da Landsraad, autorizado a atuar como supremo tribunal nas disputas entre Casas.

LARANJA, BÍBLIA CATÓLICA: o “Livro Acumulador”, texto religioso produzido pela Comissão de Tradutores Ecumênicos. Contém elementos da maioria das religiões antigas, incluindo o Saari Maometano, o Cristianismo Mahayana, o Catolicismo Zensunni e as tradições Budislâmicas. Seu supremo mandamento é considerado como sendo: “Não deturparás a alma.”

LASER, REVOLVER, ARMA: projetor laser de onda contínua. Seu uso como arma é limitado em uma cultura que emprega escudos de gerador de campo devido à explosiva pirotécnica (tecnicamente, fusão subatômica) produzida quando seu feixe atravessa um campo.

LEGIAO IMPERIAL: dez

brigadas (cerca de 30 mil homens).

LENTE DE OLEO: óleo hufuf mantido sob tensão estática por um campo de força envolvente, dentro de um tubo de observação, como parte de um sistema de ampliação ou manipulação da luz. Pelo fato de cada lente poder ser ajustada individualmente, na proporção de um micron de cada vez, a lente de óleo é considerada a precisão máxima em sistemas de manipulação da luz visível.

LIBAN: o liban Fremen é produzido com água de especiaria misturada com farinha de yucca. Originalmente, bebida feita com leite azedo.

LISAN AL-GAIB: “A Voz do Mundo Exterior”. Nas lendas messiânicas dos Fremen, profeta vindo de

outro planeta. Algumas vezes traduzido como “Fornecedor da Água”. (Ver Mahdi.)

LITROJON: recipiente de um litro usado para o transporte de água em Arrakis; feito com plástico à prova de choque, de alta densidade e dotado de selo positivo.

LIVROFILME: texto em shigawire usado para treinamento e carregando um pulso mnemônico.

M

MAHDI: na lenda messiânica Fremen, “Aquele que nos Levará ao Paraíso”.

MANTENE: sabedoria subjacente, argumento sustentador, primeiro princípio. (Ver Giudichar.)

MAPA DE PIAS: mapa da superfície de Arrakis desenhado com referência às rotas (traçadas com parabússola) mais confiáveis para se atingir locais de refúgio. (Ver Parabússola.)

MASTRO NA AREIA : arte de colocar mastros de fibra e plástico nas vastidões do deserto de Arrakis e ler os padrões das marcas deixadas nesses mastros pelas tempestades de areia como indício para previsão meteorológica.

MAULA : escravo.

MELANGE : “especiaria das especiarias”, cultura da qual Arrakis constitui a única fonte. A especiaria, conhecida principalmente por suas qualidades geriátricas, produz moderada dependência quando ingerida em

pequenas quantidades. Uma dependência severa surge do consumo de quantidades acima de dois gramas diários por cada setenta quilos de peso corporal. (Ver Ibad, Água da Vida e Massa Préespeciaria.) Muad'Dib afirmou que essa especiaria era a chave de seus poderes proféticos. Navegadores da Corporação fazem afirmações semelhantes. Seu preço no mercado imperial chegou a 620 mil solaris por decagrama.

MENTAT: classe dos cidadãos do Império treinados para supremas conquistas em lógica. “Computadores humanos”.

MESTRE DE AREIA: superintendente geral de opções com especiarias.

METAVIDRO: vidro produzido

por infusão de gás a altas temperaturas através de folhas de quartzo jasmium. Famoso pela extrema resistência à tração (cerca de 450 mil quilos por centímetro quadrado em dois centímetros de espessura) e pela capacidade de agir como filtro seletivo de radiação.

MIHNA : estação para o teste de jovens Fremen que desejam ser considerados adultos.

MISH-MISH : damasco.

MISR: termo histórico que os Zensunni (Fremen) atribuem a si mesmos: “O Povo”.

MISSIONÁRIA PROTETORA: ramo da ordem Bene Gesserit encarregado de semear superstições contagiantes em mundos primitivos, abrindo caminho, assim, para a

exploração dessas regiões pelas Bene Gesserit.

MODO BENS GESSERIT: uso da observação de minúcias.

MONITOR: espaçonave de guerra com dez seções dotada de pesada armadura e proteção de escudos. Projetada para ser separada em suas seções componentes durante decolagem após uma queda planetária.

MOTORISTA DE ESPECIARIAS: qualquer homem das dunas que controle ou dirija maquinaria móvel sobre a superfície desértica de Arrakis.

MUAD'DIB: rato-canguru adaptado para a vida em Arrakis, criatura associada na mitologia Fremen com o desenho visível na segunda lua do planeta.

Essa criatura é admirada pelos Fremen por sua habilidade para sobreviver no deserto.

MUDIR NAHYA: nome Fremen para Rabban, a Besta (Conde Rabban de Lankiveil), o primo Harkonnen que foi governador-siridar em Arrakis durante muitos anos. Frequentemente traduzido por “Demônio Governante”.

MURALHA ESCUDO: acidente geográfico montanhoso, situado na região Norte de Arrakis, que protege uma pequena área da força total das tempestades coriolis que assolam o planeta.

MUSHTAMAL: pequeno jardim anexo ou quintal.

MUSKY: veneno na bebida. (Ver Chaumurky.)

MU ZEIN WALLAH! : Mu zein significa “nada bom” e wallah é uma exclamação final reflexiva. Na abertura tradicional de uma maldição Fremen contra um inimigo, Wallah transforma-se em ênfase sobre as palavras Mu zein, significando “Nada bom, nunca bom, bom para nada”.

N

Na-: prefixo que significa “nomeado” ou “próximo na linha de sucessão”. Desse modo, na-Barão significava herdeiro aparente do baronato.

NAIB: pessoa que jurou nunca ser apanhada viva pelo inimigo; juramento tradicional de um líder Fremen.

NEZHONI, LENÇO: almofada-lenço usada na testa, por baixo do capuz

do traje-destilador, por uma mulher Fremen casada ou “associada”, após o nascimento de um filho.

NOUKKERS: oficiais do corpo de guarda-costas imperiais que se encontram ligados ao Imperador por laços de sangue. Posto tradicional para filhos de concubinas reais.

O

OPAFIRE : uma das raras jóias opalinas de Hagal.

ORNITÓPTERO (comumente, “tóptero”) : qualquer aeronave capaz de voar batendo as asas à maneira dos pássaros.

OUT-FREYN ou **FORAFREYN:** termo Galach para “estranho às imediações”, isto é, não-pertencente à

comunidade imediata, não pertencente aos selecionados.

P

PALMA, FECHO DE: qualquer tranca ou fecho capaz de ser aberto pelo contato com a palma da mão humana à qual foi ajustado.

PANELA : em Arrakis, qualquer região baixa ou depressão criada pelo rebaixamento do solo. (Em planetas com água suficiente, esse tipo de acidente geográfico indica região outrora coberta de água.) Acredita-se que Arrakis tenha pelo menos uma região dessas, embora isso ainda seja tema de discussão.

PANOPLIA PROPHE'TICUS: termo que abrange as superstições contagiantes usadas pelas Bene Gesserit

para explorar regiões primitivas. (Ver Missionária Protetora.)

PARABÚSSOLA: qualquer bússola que determine a direção através das anomalias magnéticas locais; usada onde se dispõe de mapas e onde o campo magnético total de um planeta é instável ou sujeito a encobrimento por severas tempestades magnéticas.

PENTAESCUDO: gerador de campo de cinco camadas adequado para áreas pequenas, tais como portas e passagens. (Os grandes campos reforçados tornam-se cada vez mais instáveis com cada camada que se acrescenta.) Virtualmente impenetrável para alguém que não esteja usando um desmontador sintonizado nos códigos de escudo. (Ver Porta Prudente.)

PEQUENO

PRODUTOR:

criatura meio planta, meio animal, que vive nas profundezas da areia e constitui o vetor do verme da areia de Arrakis. As excreções do pequeno produtor formam a massa de pré-especiaria.

PIA: região de terras baixas habitáveis de Arrakis, cercada por montanhas que a protegem das tempestades predominantes.

PISTOLA MAULA : arma de mola para lançamento de dardos envenenados; seu alcance é de quarenta metros.

PLANO GRIDEX :separador de cargas diferenciais usado para remover areia da massa de pré-especiaria; engenho usado no segundo estágio do refinamento de especiarias.

PLASTEEL: aço estabilizado com fibras de stravidium cultivadas dentro de sua estrutura cristalina.

PLENISCENTA: exótica flor verde de Ecaz, famosa pelo aroma suave.

PO, ABISMOS DE: qualquer fenda ou depressão profunda no deserto de Arrakis que tenha sido coberta pelo pó e não se destaque da superfície circundante. Armadilhas mortais para seres humanos ou animais, que neles afundarão sem deixar vestígios.

PORITRIN: terceiro planeta de Epsilon Alangue, considerado por muitos Peregrinos Zensunni como seu planeta de origem, embora sua linguagem e mitologia indiquem raízes planetárias muito mais antigas.

PORTA PRUDENTE ou

BARREIRA

PRUDENTE

(idiomaticamente: pruporta ou prubarreira) ; qualquer pentaescudo colocado para permitir a fuga de pessoas selecionadas sob condições de perseguição. (Ver pentaescudo.)

PORTYGULS: laranjas.

PRANA (musculatura prana): os músculos do corpo quando con-siderados como unidades para treinamento máximo. (Ver Bindu.)

PRE-ESPECIARIA, MASSA DE: estágio de violento crescimento fungosóide atingido quando a água penetra nas excreções dos pequenos produtores. Nesse estágio, a especiaria de Arrakis produz o característico “estouro”, trocando o material do subsolo profundo pela matéria da

superfície acima. Essa massa, após a exposição ao ar e ao sol, transforma-se em melange. (Ver também Melange e Água da Vida.)

PRIMEIRA LUA: o maior satélite natural de Arrakis, primeiro a se elevar durante a noite; é conhecido pelo nítido contorno de um punho humano em sua superfície.

PRIMS: laços de sangue para além de primos.

PROCÉS VERBAL: relatório semiformalizado alegando crime contra o Império. Legalmente: ação situada entre uma simples alegação verbal e uma acusação formal de crime.

PRODUTOR: ver Shai-Hulud.

PRODUTOR, GANCHOS DE: ganchos usados para capturar, montar e

dirigir um verme da areia de Arrakis.

PUNDI, ARROZ: arroz mutante cujos grãos, com elevado conteúdo de açúcar natural, atingem comprimentos acima de quatro centímetros. Principal produto de exportação de Caladan.

PYONS: camponeses ou trabalhadores ligados à superfície de um planeta, uma das classes inferiores segundo a Faufréluches. Legalmente: guarnição de um planeta.

Q

QANAT: canal aberto para transportar água de irrigação, sob condições controladas, através do deserto.

QUEOPS: xadrez de pirâmides em nove níveis com o duplo objetivo de colocar a própria rainha no ápex e o rei

do adversário em xeque.

QIRTAIBA :ver Ibn Qirtaiba.

QUIZARA TAFWID: sacerdotes Fremen (após Muad'Dib).

R

RACHAG: estimulante do tipo cafeína extraído das uvas amarelas do akarso. (Ver Akarso.)

RAIO DE CORTE: versão de arma laser de curto alcance usada principalmente como ferramenta de corte e bisturi de cirurgia.

RAMADHAN: antigo período religioso marcado com jejuns e preces. Tradicionalmente, o nono mês de um calendário solar-lunar. Os Fremen marcam sua observância de acordo com o ciclo de passagem da primeira lua sobre o

nono meridiano.

RAZZIA: ataque de guerrilha semipirático.

RECATHS: tubos que ligam o sistema de eliminação de dejetos de um corpo humano ao sistema de filtros de reciclagem de um trajedestilador.

RESIDUAL, VENENO: inovação atribuída ao Mentat Piter de Vries, pela qual o corpo é impregnado de uma substância para a qual se devem administrar contínuas doses de antídoto. A retirada do antídoto em qualquer ocasião provoca a morte.

REUNIÃO: distinta de uma Reunião de Conselho. Trata-se de uma convocação formal de líderes Fremen para testemunharem uma luta que decide a liderança tribal. (Uma Reunião de

Conselho é uma assembléia destinada a obter decisões que envolvam todas as tribos.)

REVERENDA

MADRE:

originalmente, uma inspetora Bene Gesserit, alguém capaz de transformar o “veneno iluminador” dentro de seu corpo, elevando-se, assim, até um estágio superior de consciência. Título adotado pelos Fremen para suas próprias líderes religiosas que realizam uma “iluminação” semelhante. (Ver também Bene Gesserit e Água da Vida.)

RICHESE: quarto planeta de Eridani A, classificado, juntamente com Ix, como suprema cultura mecânica. Conhecido por sua miniaturização. (Para um estudo detalhado de como Richese e Ix escaparam aos efeitos mais severos do

Jihad Butleriano, ver O último Jibad, de Sumer e Kautman.)

RUH-ESPIRITO: na crença Fremen, a parte de um indivíduo que se encontra sempre enraizada no mundo metafísico e que é capaz de senti-lo. (Ver Alam al-Mithal.)

S

SADUS: juízes. Esse título Fremen refere-se aos sagrados juízes, equivalentes aos santos.

SALUSA SECUNDUS: terceiro planeta de Gama Waiping; designado como Planeta Prisão Imperial após a remoção da Corte Real para Kaitain. Salusa Secundus é o mundo de origem da Casa Corrino, e o segundo ponto de

parada na migração dos Peregrinos Zensunni. A tradição Fremen afirma que eles teriam sido escravos em S. S. durante nove gerações.

SAPHO: líquido rico em energia e extraído das raízes do Ecaz. Comumente usado pelos Mentats, os quais afirmam que ele amplia os poderes mentais. Os usuários desenvolvem escuras manchas cor de rubi na boca e nos lábios.

SARDAUKAR: soldados-fanáticos do Imperador Padishah. Eram homens criados em ambiente tão hostil que provocava a morte de seis em cada treze pessoas antes da idade de onze anos. Seu treinamento militar enfatizava a crueldade e uma desconsideração quase suicida pela própria segurança pessoal. Eram ensinados desde a infância a usar a

crueldade como arma-padrão, enfraquecendo seus oponentes com o terror. No ápice de sua influência sobre o universo, costumavase dizer que a habilidade deles com a espada equivaleria ao nível de dez Ginaz, e sua astúcia na luta se aproximaria à de uma adepta da Bene Gesserit. Qualquer um deles era considerado equivalente a dez soldados comuns da Landsraad. Na época de Shaddam IV, embora ainda fossem formidáveis, sua força fora minada pelo excesso de confiança, e a mística sustentadora de sua religião guerreira encontrava-se enfraquecida pelo cinismo.

SARFA :ato de voltar as costas a Deus.

SAYYADINA: acólita feminina na hierarquia religiosa dos Fremen.

SCHLAG: animal nativo de Tupile que já foi caçado até quase a extinção por seu couro fino e resistente.

SEGUNDA LUA: o menor dos dois satélites de Arrakis, notável pela figura do rato-canguru delineada em sua superfície.

SELAMLIK: câmara de audiência imperial.

SELO DE PORTA: selo hermético de plástico, portátil, usado para manter a umidade nas cavernas ocupadas pelos Fremen durante o dia.

SEMELHANÇA DE EGO: retrato reproduzido através de um projetor de shigawire, capaz de reproduzir movimentos sutis que dizem transmitir a essência do ego.

SEMI-IRMAOS: filhos de

concubinas da mesma casa e registrados como tendo o mesmo pai.

SEMUTA: o segundo narcótico derivado (por extração cristalina) do resíduo da madeira elaca queimada. O efeito (descrito como um êxtase mantido fora da noção do tempo) é provocado por certas vibrações atonais conhecidas como música de semuta.

SERVOK: mecanismo de relojoaria destinado a realizar tarefas simples; um dos engenhos “automáticos” limitados permitidos após o Jihad Buferiano.

SHADOUT: balde de poço, título honorário dos Fremen.

SHAH-NAMA : o semilendário primeiro livro dos Peregrinos Zensunni.

SHAI-HULUD : verme da areia de

Arrakis, o “Velho do Deserto”, “Velho Pai da Eternidade” e “AVO do Deserto”. Significativamente, seu nome, quando dito em certo tom ou escrito em letras maiúsculas, designa a divindade terrena segundo as superstições Fremen. Os vermes da areia crescem até atingir enorme tamanho (espécimes com mais de 400 metros têm sido vistos no interior do deserto) e vivem até idade muito avançada, a não ser que sejam mortos por seus semelhantes ou afogados na água, que é venenosa para eles. A maior parte da areia existente em Arrakis é atribuída à ação dos vermes. (Ver Pequeno Produtor.)

SHAITAN: Satã.

SHARI-A: a parte da panoplia propheticus que estabelece o ritual

supersticioso. (Ver Missionária Protetora.) SHIGAWIRE: extrusão metálica de uma vinha de solo (1Varvi narvium) cultivada somente em Salusa Secundus e III Delta Kaising. Famosa pela extrema resistência à tração.

SIETCH: em Fremen, “local de reunião em ocasião de perigo”. Pelo fato de os Fremen terem vivido por tanto tempo em perigo, o termo passou a ser usado geralmente para designar qualquer caverna habitada por uma de suas comunidades tribais.

SIHAYA: em Fremen, a época da primavera no deserto, com conotações religiosas implicando o tempo da fertilidade e o “paraíso que virá”.

SIRAT: a passagem da Bíblia C.L. que descreve a vida humana como uma

jornada através de uma ponte estreita (o Sirat), com “o paraíso à minha direita, o inferno à minha esquerda e o Anjo da Morte por trás”.

SNORK DE AREIA: equipamento respirador destinado a bombear o ar da superfície para uma tenda destiladora coberta por areia.

SOBRENATURAL: idiomático: aquilo que compartilha do místico ou da magia (bruxaria).

SOLARI: unidade monetária oficial do Império, com poder de compra estabelecido em negociações quatricentenárias entre a Corporação, a Landsraad e o Imperador.

SÓLIDO: imagem tridimensional de um projetor sólido usando sinais de referência de 360 graus impressos num

rolo de shigawire. Os projetores sólidos Ixian são comumente considerados os melhores.

SONDAGI: tulipa-samambaia de Tupali.

SOO-SOO SOOK! : Grito dos vendedores de água de Arrakis. Sook é o local de um mercado. (Ver lkhut-eigh!)

STUNNER ou ATORDOADOR: arma de projétil lento que lança um dardo pontiagudo contendo droga ou veneno. A eficácia é limitada por variações na regulação dos escudos e pelo movimento relativo entre alvo e projétil.

SUBAKH UL KUHAR: “Você está bem?”, saudação Fremen.

SUBAKH UN NAR : “Eu estou bem, e você?”, resposta tradicional.

SUSPENSOR : fase secundária

(baixo dreno de força) de um campo Holtzman. Anula a gravidade dentro de certos limites prescritos pela massa relativa e pelo consumo de energia.

T

TAHADDI, DESAFIO: desafio dos Fremen para combate mortal, normalmente com a finalidade de testar alguma questão fundamental.

TAHADDI AL-BURHAN: o teste final, do qual não pode haver apelação (geralmente porque ele traz a morte ou a destruição).

TAMBOR-AREIA: areia compactada de tal modo que qualquer golpe súbito sobre sua superfície produz um distinto som de tambor.

TAMPAO-FILTRO: filtro para

nariz usado com trajedestilador com a finalidade de captar a umidade exalada na respiração.

TAQWA: literalmente, “o preço da liberdade”. Alguma coisa de grande valor. Aquilo que uma divindade exige de um mortal (e o temor provocado pela exigência).

TAU, O: na terminologia Fremen, a unicidade de uma comunidade de sietch, reforçada pela dieta de especiaria, e especialmente na orgia do tau produzida pela ingestão da Água da Vida.

TENDA DESTILADORA: pequeno abrigo fechado, de tecido microssanduíche, projetado para recuperar água potável a partir da umidade ambiente eliminada em seu interior pela respiração de seus ocupantes.

TESTE-MASHAD : qualquer teste no qual a honra (definida como uma posição espiritual) se encontre em jogo.

TLEILAX: único planeta de Thalim, conhecido como um centro renegado de treinamento para Mentats. Fonte dos Mentats “pervertidos”.

T.P.: telepatia.

TRAJE-DESTILADOR: roupa que envolve todo o corpo, inventada em Arrakis. Seu tecido é um micro ssanduíche que realiza as funções de dissipação de calor e de filtragem dos resíduos corporais. A umidade recuperada torna-se disponível para consumo a partir dos bolsões de recolhimento.

TRANSE DA VERDADE: transe semi-hipnótico, induzido por um dos

vários narcóticos de “ampliação do espectro da consciência”, no qual pequenos indícios de falsidade deliberada tornam-se evidentes ao observador. (Nota: os narcóticos de “ampliação da consciência” são freqüentemente fatais, exceto para indivíduos dessensibilizados, capazes de transformar a configuração venenosa dentro de seus próprios corpos.)

TRANSPORTA-TUDO: asa elevadora (comumente, “asa”), “pé-de-boi” aéreo de Arrakis, usado no transporte de grandes equipamentos de mineração, recolhimento e processamento de especiaria.

TRANSPORTE DE TROPA: qualquer nave da Corporação projetada especificamente para o transporte de

tropas entre planetas.

TRATOR DA AREIA: termo genérico usado para designar maquinaria projetada com a finalidade de operar na superfície de Arrakis com vistas à caça e coleta da melange.

TREINAMENTO: quando aplicado às Bene Gesserit, esse termo, comum em outras situações, assume significado especial, referindo-se ao condicionamento de nervos e músculos (ver Bindu e Prana) levado às últimas possibilidades permitidas pelas funções naturais.

TRIPÉ DA MORTE : originalmente, o tripé sob o qual os executores do deserto enforcavam suas vítimas. Pelo uso: os três membros de um Cherem que juraram a mesma vingança.

TUBO DE ÁGUA: qualquer tubo dentro de um traje-destilador ou tenda destiladora que transporte a água recuperada para o bolsão de recolhimento ou deste para o usuário.

TUPILE: o chamado “planeta santuário” (provavelmente, vários planetas) das Casas derrotadas do Império. Localização (ões) conhecida(s) somente pela Corporação e mantida(s) como segredo inviolável sob a Paz da Corporação.

U

ULEMA: doutor Zensunni em teologia.

UMMA: membro da irmandade dos profetas. (Termo pejorativo no Império, significando uma pessoa louca,

dada a previsões fanáticas.)

UROSHNOR: um dos vários sons destituídos de significado e que as Bene Gesserit implantam na mente de vítimas selecionadas para fins de controle. A pessoa sensibilizada, ao ouvir esse som, fica temporariamente imobilizada.

USUL: em Fremen, “a base do pilar”.

V

VAROTA: famoso fabricante de balisets; nativo de Chusuk.

VERITE: um dos narcóticos eliminadores da vontade produzidos em Ecaz. Torna a pessoa incapaz de mentir.

VERME DA AREIA: Ver Shai-Hulud.

VIDA, ÁGUA DA: veneno

“iluminador” (ler Reverenda Madre). Especificamente, o líquido exalado por um verme da areia ver Shai-Hulud) no momento de sua morte por afogamento e que, no corpo de uma Reverenda Madre, é transformado no narcótico usado nas orgias tau do sietch. Narcótico de “ampliação do espectro da consciência”.

VOZ: treinamento combinado, criado pelas Bene Gesserit, que permite que uma adepta controle outras pessoas meramente pelo uso de modulações da VOZ.

W

WALI: jovem Fremen ainda não testado.

WALLACH IX: nono planeta de Laoujin, onde se localiza a Escola

Principal das Bene Gesserit.

WIND'TRAP ou ARMADILHA DE VENTO: engenho colocado no caminho de um vento predominante e capaz de precipitar dentro da armadilha a umidade contida no ar por ele apanhado, geralmente através de brusca mudança de temperatura.

Y

YA HYA CHOUHADADA!: “Longa vida aos lutadores!” Grito de guerra dos Fedaykin. O termo ya (agora), nesse grito, é reforçado pela forma hya (agora prolongado). O termo chouhada (lutadores) tem aqui o significado adicional de lutadores contra a injustiça. Há uma distinção nessa palavra que especifica que os lutadores não estão

combatendo por alguma coisa, mas contra algo específico — e só isso.

YALI: alojamentos pessoais de um Fremen dentro de um sietch.

YA! YA! YAWM! : canto cadenciado dos Fremen, usado em ocasiões de profunda significação ritualística. Ya tem uma raiz linguística que significa “Agora prestem atenção!” A forma Yawm é um termo modificado que pede urgente aproximação. O canto traduz-se normalmente como “Agora, ouçam isto!”

Z

ZENSUNNI: seguidores da seita cismática que derivou dos ensinamentos de Maomé (o chamado “Terceiro Mohamede”) por volta de 1381 A.G. A

religião dos Zensunni é famosa principalmente pela ênfase no misticismo e pela reversão aos “modos dos nossos pais”. A maioria dos estudiosos aponta Ali Ben Ohashi como líder do cisma original, mas há alguma evidência de que Ohashi era meramente o porta-voz masculino de sua segunda esposa, Nisai.

NOTAS CARTOGRÁFICAS

Bacia Polar.— 500 metros abaixo do nível do Bled.

Base para a latitude: meridiano que atravessa a Montanha do Observatório.

Cartbag: aproximadamente 200km a nordeste de Arrakeen. Caverna dos Pássaros: cordilheira Habbanya.

Grande Bled.— deserto plano e aberto, oposto à área de dunas do Erg. O deserto estende-se de 60 graus Norte até 70 graus Sul. É constituído principalmente de areia e rochas, com ocasionais afloramentos do complexo do subsolo.

Grande Planície: depressão aberta

e rochosa que se derrama no Erg. Está a 100 metros acima do nível do Bled. Em algum lugar da depressão encontra-se a “panela salgada” que Pardot Kynes (pai de Liet-Kynes) descobriu. Há afloramentos de rocha elevando-se a alturas de 200 metros, desde o sul do Sietch Tabr até as comunidades sietch indicadas.

Har

Harg, Passo de: o Santuário do Crânio de Leto fica acima desse passo.

Linha-base para a determinação de altitudes: o Grande Bled.

Oeste da Muralha da Borda: alta escarpa (4.600 metros) que se eleva a partir da Muralha Escudo de Arrakeen.

Palmeiras do Sul: não aparecem neste mapa. Encontram-se em torno de

40 graus de latitude Sul.

Planície Funerária: Erg Aberto.

Velha Fenda: fenda na Muralha Escudo de Arrakeen que desce a 2.240 metros; destruída por Paul Muad'Dib.

Ventos, Passo dos: envolto em penhascos e abrindo-se para os povoados das pias.

Vermelho, Abismo: 1.582 metros abaixo do nível do Bled.

Vermes, Linha dos: indica os pontos mais ao Norte onde os vermes têm sido observados (a umidade, não o frio, é o fator determinante).